

# A Dama de Monsoreau

# I

## AS BODAS DE SAINT-LUC

No domingo de Carnaval do ano de 1578, ao terminar a festa popular, quando já ia diminuindo gradualmente nas ruas a alegre vozearia própria daquele dia, principiava uma função esplêndida no magnífico palácio que acabava de mandar construir do outro lado do Sena, e quase em frente do Louvre, a nobre família de Montmorency, que, pelo seu parentesco com a casa real, ombreava com as dos príncipes. Aquela função particular, que assim sucedia à festa pública, era destinada a celebrar as bodas de Francisco d'pinay de Saint-Luc, íntimo amigo do rei Henrique III, e seu valido mais querido, com Joana de Cossé-Brissac, filha do marechal de França do mesmo nome.

O banquete de núpcias havia tido lugar no Louvre, e o rei, que a muito custo consentira no casamento, tinha aparecido no festim com semblante severo, pouco adequado às circunstâncias. O seu traje também estava em harmonia com o seu parecer taciturno; vestia aquele fato cor de castanha com que Clouet o representou presidindo às bodas de Joyeuse; e aquela espécie de espectro real, majestosamente sério, tinha gelado de susto a todos, especialmente a noiva, para quem olhava de revés sempre que dirigia a vista para o lado dela.

Contudo, aquela sombria atitude do rei, no meio da alegria da festa, parecia não causar admiração a ninguém; porque a motivava um daqueles segredos do paço em que todos evitam cuidadosamente tocar por se parecerem com os recifes à flor da água, em que se despedaça infalivelmente o navio que for dar sobre eles.

Logo que findou o jantar, o rei levantou-se arrebatadamente, e os convidados não tiveram remédio senão seguirem-Lhe o exemplo, apesar do desejo que muitos deles tinham de ficar ainda por mais tempo à mesa. Saint-Luc é que, depois de ter fitado com amor a mulher como que para cobrar ânimo nos seus olhos, chegou-se ao rei e disselhe:

— Real Senhor, Vossa Majestade far-me-á a honra de aceitar o sarau que desejo dar-lhe esta noite no Palácio de Montmorency?

Henrique III voltou-se com gesto enfadado e pesaroso ao mesmo tempo; mas como Saint-Luc, curvado ante ele, continuava a suplicar com voz meiga e modo insinuante:

— Bem — respondeu o rei -, lá iremos, se bem que não nos merece por certo tamanha prova de amizade.

Então a Menina de Brissac, agora Sr. de Saint-Luc, agradeceu respeitosamente ao rei. Porém Henrique III virou as costas sem responder a esses agradecimentos.

— Que motivo teve el-rei para estar tão enfadado com o senhor? — perguntou a noiva ao marido.

— Minha querida amiga — respondeu Saint-Luc -, contar-lhe-ei tudo daqui a dias, quando tiver passado a el-rei este grande enfado.

— E julga que Lhe passará? — perguntou Joana.

— Não terá outro remédio — respondeu o mancebo.

A Menina de Brissac ainda não era suficientemente Sr. de Saint-Luc para poder insistir; e por isso não teve remédio senão esperar melhor ocasião para satisfazer a curiosidade; mas logo foi formando tenção de escolher, para impor as suas condições, o momento em que Saint-Luc não tivesse remédio senão aceitá-las.

Estavam pois à espera de Henrique III no Palácio de Montmorency, na ocasião que principia a história que vamos contar aos nossos leitores. Já tinham dado onze horas e o rei ainda não chegara.

Saint-Luc tinha convidado para o baile todos os amigos do rei e os

seus; os convites compreendiam os príncipes e os amigos dos príncipes, especialmente os do duque de Alençon, que tomara o título de duque de Anju pela elevação de Henrique III ao trono; porém o duque de Anju não tinha assistido ao banquete do Louvre, e parecia que também não iria à festa do Palácio de Montmorency.

Quanto ao rei e à rainha de Navarra, esses tinham-se retirado para o Béarn, e de lá faziam oposição aberta, à frente dos huguenotes.

O duque de Anju, conforme o seu costume, também estava na oposição; mas era uma oposição surda e tenebrosa, tendo sempre o cuidado de se conservar por detrás da cortina, ao passo que empurrava para a frente aqueles dos seus amigos que o exemplo do que sucedera com La Mole e Cocunás, que tiveram uma morte horrível, ainda não havia curado.

É escusado dizer que os fidalgos seus partidários não viviam em boa harmonia com os do rei, resultando daí haver, duas ou três vezes por mês, rixas nas quais muito raramente não ficava algum dos combatentes ou morto ou gravemente ferido.

A rainha Catarina chegara ao cúmulo dos seus desejos. O filho que muito amava havia conseguido sentar-se naquele trono que ela tanto cobiçava para ele, ou, para melhor dizer, para si. E ia reinando em nome dele, fingindo sempre que estava deixada deste mundo e que só curava da salvação da sua alma.

Saint-Luc, a quem já ia dando cuidado não ver chegar nenhuma das pessoas reais, procurava contudo tranquilizar o ânimo do sogro, já sobremodo apreensivo com tão ameaçadora ausência. Este, convencido, como todos, da muita amizade que o rei Henrique tinha por Saint-Luc, entendera conveniente aparentar-se com esse homem de grande valimento, e via agora que o noivo da filha estava pelo contrário caído no desagrado.

Saint-Luc buscava por mil modos inspirar-lhe uma confiança que ele próprio não tinha; e os seus amigos Maugiron, Schomberg e Quélus, ricamente vestidos, empertigados dentro dos seus esplêndidos gibões e adornados de enormes cabeções de canudos, que pareciam

pratos sustentando cabeças, como no festim de Herodes, ainda Lhe aumentavam as angústias com as suas lamentações irónicas.

— Ah, meu Deus, meu pobre amigo! — dizia Quélus — Parece-me realmente que desta feita estás perdido. El-rei está enfadado contigo por não teres feito caso dos seus conselhos, e o Sr. de Anju zangou-se por Lhe teres escarnecido do nariz.

— Nada! — respondeu Saint-Luc — O rei não chegou ainda porque foi naturalmente fazer a sua romaria ao convento dos frades Mínimos do bosque de Vincenas, e o duque de Anju não aparece porque anda namorado de alguma mulher que eu deixei de convidar.

— Deixa-te de histórias! — disse Maugiron — não viste a cara com que estava el-rei ao jantar? Achaste-lhe porventura a fisionomia paternal dum homem disposto a empunhar o bordão para empreender uma romaria? E pelo que respeita ao duque de Anju, julgas que a sua ausência pessoal, motivada pela causa que disseste, poderia obstar a que os seus aderentes aqui se apresentassem? E diz-me se vês um único deles. Olha bem: é eclipse total; nem sequer o escalda-favais do Bussy.

— Sabem que mais meus Senhores? — dizia o duque de Brissac abanando a cabeça com desesperação — Parece-me que caímos completamente no desagrado. Meu Deus!

Qual seria a ofensa que Fez a Sua Majestade a nossa casa, que sempre foi tão affecta à monarquia?.

E dizendo estas palavras o velho cortesão erguia pesaroso os braços para o Céu. Maugiron e os seus companheiros olhavam para Saint-Luc dando grandes gargalhadas, as quais, longe de animarem o marechal, ainda mais o desesperavam.

A noiva, pensativa e triste, a si própria perguntava, como o pai, o que teria feito Saint-Luc para cair no desagrado do rei.

Quanto a Saint-Luc, esse bem sabia a causa do enfado do rei, e por isso mesmo era de todos o que estava mais receoso.

Mas, de repente, por uma das portas que davam entrada para a

sala, anunciaram a chegada do rei.

— Ah! — exclamou o marechal radiante de alegria — Agora já não receio coisa alguma; e para que a minha satisfação seja completa, só me falta ouvir anunciar a entrada do duque de Anju.

— E eu — murmurou Saint-Luc — ainda temo mais a presença do que a ausência de el-rei, porque ele não vem cá senão para me pregar alguma má peça; assim como o duque de Anju não aparece porque também me quer fazer alguma partida.

Mas apesar de tão tristes reflexões, não deixou de correr ao encontro do rei, o qual tinha largado finalmente o sombrio traje cor de castanha e se apresentava agora resplandecente de cetim, plumas e pedras preciosas.

No mesmo instante, porém, que a uma das portas assomava o rei Henrique III, um outro rei Henrique III, exactamente semelhante ao primeiro, vestido, calçado, penteado e enfeitado da mesma maneira, aparecia pela porta fronteira.

De forma que os cortesãos, que a princípio se tinham dirigido ao encontro do primeiro, pararam como a água à roda dos pilares duma ponte, e refluíram num redemoinho do primeiro para o segundo rei.

Henrique III reparou no movimento, e, não vendo adiante de si senão bocas abertas, olhos espantados e corpos que faziam meia volta à direita, exclamou:

— Então que é isso, Senhores, que foi que sucedeu?

A resposta foi uma imensa gargalhada.

O rei, que não era de génio mui paciente, e que naquele momento especialmente estava pouco disposto para ter paciência, já começava a encrespar as sobrancelhas, quando Saint-Luc, aproximando-se dele, Lhe disse:

— Real Senhor, é Chicot, o seu bobo, que se vestiu exactamente como Vossa Majestade, e está dando a mão a beijar às senhoras.

Henrique III desatou a rir. Chicot tinha na corte do último rei dos

Valois uma liberdade igual à que tinha tido Triboulet, trinta anos antes, na corte de Francisco I, e à que estava destinado a ter, dali a quarenta anos, Langely na corte de Luís XIII.

Porque Chicot não era um truão ordinário. Antes de se chamar Chicot simplesmente, chamava-se de Cicot. Era um fidalgo bretão, que, tendo sido málftratado pelo Sr. de Maiena, se refugiara junto de Henrique III, e que pagava com verdades às vezes bem cruéis a protecção que lhe concedera o sucessor de Carlos IX.

— Eh lá, mestre Chicot — disse Henrique — dois reis aqui são de mais.

— Pois, nesse caso, deixa-me representar o meu papel de rei à minha vontade, e tu representa o papel do duque de Anju como melhor te aprouver; pode ser que te tomem por ele, e que te digam coisas que te dêem a conhecer, não o que ele pensa, mas o que ele faz.

— Com efeito — disse o rei olhando com enfado em redor de si -, meu irmão de Anju não veio.

— Mais uma razão para tu fazeres as suas vezes. Está dito: eu sou Henrique, tu és Francisco. Eu vou ocupar o trono, e tu vais dançar; eu farei em teu lugar todas as momices duma testa coroada, e tu, pobre rei, durante esse tempo, procurarás divertir-te um pouco.

Os olhos do rei fitaram-se em Saint-Luc.

— Tens razão, Chicot, vou dançar.

Decididamente, pensou Brissac, enganei-me julgando o rei indisposto connosco.

Vê-se, pelo contrário, que está de muito bom humor. “

E começou a correr para a direita e para a esquerda, dando os parabéns a todos, e a si especialmente, por ter casado a filha com um homem que gozava de tamanho valimento junto do rei.

Saint-Luc, entretanto, tinha voltado para o pé da esposa. A Menina de Brissac não era nenhuma formosura, porém tinha lindos olhos pretos, dentes muito brancos, e alvíssima cute; e a reunião destes dotes

formava um todo muito agradável.

— Senhor — disse ela para o marido, mostrando-se sempre preocupada com o mesmo pensamento -, por que motivo me diziam que eu tinha desagradado a el-rei? Ainda não deixou de se sorrir para mim desde que aqui entrou.

— Não foi isso o que me disse quando voltámos do jantar, querida Joana; vinha com tanto receio do modo por que ele tinha olhado para si!.

— Sua Majestade estaria de mau humor — respondeu a noiva -; mas agora.

— Agora ainda o caso é mais sério — disse Saint-Luc -; el-rei está rindo com os beiços cerrados. Antes queria que ele me mostrasse os dentes. Minha querida Joaninha, el-rei está-nos preparando alguma traição. Oh, peço-te que não me olhes com tanta ternura, vira as costas para mim! Ainda bem que Maugiron se aproxima; não o deixes afastar, toma-lhe o braço, mostra-te amável para com ele.

— Sempre Lhe digo — respondeu Joana rindo-se — que acho essa recomendação muito curiosa e se a seguisse à risca, poder-se-ia o público persuadir.

— Ah! — exclamou Saint-Luc suspirando — quem me dera que assim sucedesse! E deixando a mulher, que ficara espantada com o que acabava de ouvir, foi cumprimentar Chicot, o qual continuava a desempenhar o papel de rei com a mais cómica gravidade.

Henrique, entretanto, aproveitando a liberdade que Lhe deixava a sua abdicação momentânea, estava dançando, mas sem perder Saint-Luc de vista.

Umás vezes chamava-o para Lhe fazer alguma observação, que, ou fosse engraçada ou não, logo provocava uma estrepitosa gargalhada de Saint-Luc. Outras vezes era para lhe oferecer amêndoas e confeitos da sua própria caixa, e que Saint-Luc achava deliciosos. Finalmente, se por acaso Saint-Luc desaparecia um instante da sala onde estava o rei, para ir cumprimentar os convidados que estavam nas outras salas, logo o mandava chamar por algum dos seus pajens ou dos seus



oficiais, e Saint-Luc não tinha remédio senão voltar com semblante risonho para o lado do amo, que só parecia satisfeito quando o via.

De repente, um alarido tamanho que sobressaía ao tumulto da Função, chegou aos ouvidos de Henrique.

— Ah, ah! — disse ele — Parece-me aquela a voz de Chicot. Ouves, Saint-Luc?

El-rei está a ralhar.

— Sim, meu Senhor — respondeu Saint-Luc — parece-me que está repreendendo alguém.

— Vai ver o que sucedeu — disse o rei -, e volta a dizer-mo. Saint-Luc afastou-se.

Ouvia-se com efeito Chicot gritando com voz fanhosa como fazia o rei em certas ocasiões:

— E contudo, tenho promulgado leis sumptuárias. Porém, se as que existem não são ainda suficientes, hei-de decretar mais: hei-de promulgar tantas até que alguma há-de surtir seu efeito; se não forem boas, hão-de ser numerosas pelo menos. Pelos chifres de Belzebu (meu primo)! seis pajens, Sr. de Bussy, é muito!

E Chicot, enchendo as bochechas, todo empertigado e de mão na ilharga, imitava o rei com a maior exactidão.

— Que está ele dizendo a respeito de Bussy? — perguntou o rei franzindo a testa.

Saint-Luc, que a este tempo voltava, ia para responder ao rei, quando a multidão, abrindo para os lados, deixou ver seis pajens vestidos de brocado de oiro, com colares ao pescoço, dos quais lhes pendiam sobre o peito as armas do seu senhor em escudos enfeitados de pedrarias. Atrás deles vinha um rapaz, galante e altivo, caminhando de cabeça erguida, com o olhar insolente e gesto desdenhoso, e cujo simples fato de veludo preto formava notável contraste com o rico vestuário dos pajens.

— É Bussy! — diziam todos — Bussy de Amboise!

E todos corriam a admirar o mancebo que dava lugar àquele rebuliço, e abriam-lhe caminho para passar.

Maugiron, Schomberg e Quélus tinham ido colocar-se ao lado do rei como para o defenderem.

— É célebre! — disse o primeiro dos três, aludindo à presença inesperada de Bussy e à ausência do duque de Alençon, a cujo serviço estava Bussy — É célebre!

Vem o criado e não aparece o amo!

— Isso não quer dizer nada — respondeu Quélus -; como adiante do criado vinham os criados do criado, talvez que o amo venha atrás do amo dos primeiros criados.

— Ora diz-me, Saint-Luc — perguntou Schomberg, que era o mais novo dos favoritos do rei Henrique, e também o mais valente -, não te parece que o Sr. de Bussy mostra pouca consideração por ti? Olha para aquele gibão preto; será traje próprio para vir a uma boda?

— Não — replicou Quélus -, é fato de enterro.

— Que pena não ser do enterro dele — murmurou Henrique -, e o luto pela sua própria morte!

— Pelo que vou vendo, Saint-Luc — disse Maugiron -, o Senhor Duque de Anju não acompanha Bussy. Dar-se-á o caso que também estejas no desagrado desse senhor?

O também feriu Saint-Luc no coração.

— Por que motivo havia ele de acompanhar Bussy? — replicou Quélus. — Não se recordam já que quando Sua Majestade fez a honra de Lhe mandar perguntar se queria entrar para o serviço da sua casa, o Sr. de Bussy respondeu que, sendo descendente dos príncipes de Clermont, não Lhe convinha entrar para o serviço de pessoa alguma, e que se contentava com pertencer a si mesmo, certo como estava de que não havia príncipe no mundo que o pudesse igualar?.

O rei franziu a testa e mordeu o bigode.

— Contudo, apesar disso que estás dizendo, Quélus — tornou

Maugiron -, ele está ao serviço do Senhor Duque de Anju.

— Nesse caso — respondeu fleumaticamente Quélus — devemos supor que o Senhor Duque de Anju é muito mais poderoso que o nosso rei.

Esta observação era a mais pungente que se podia fazer na presença de Henrique, o qual sempre detestara fraternalmente o duque de Anju.

E por isso, se bem que não respondesse, mudou de cor.

— Bem, bem, meus Senhores — disse Saint-Luc com hesitação -, tenham mais alguma caridade para com os meus convidados; lembrem-se que é a noite da minha boda.

Estas palavras de Saint-Luc encaminharam provavelmente o pensamento de Henrique para outras ideias.

— Sim — disse ele -, lembremo-nos que é a noite da boda de Saint-Luc, meus Senhores. E proferiu estas palavras retorcendo o bigode, com certo ar de astúcia que não escapou ao pobre noivo.

— Digam-me cá — exclamou Schomberg -: Bussy está porventura aparentado com os Brissac?

— Porque fazes essa pergunta? — disse Maugiron.

— Porque vejo Saint-Luc tomar partido por ele. E não sendo fácil tarefa defender-se cada um a si, neste tempo em que vivemos, quem quererá expor-se a defender os mais, a não ser algum parente ou amigo?

— Meus Senhores — disse Saint-Luc -, o Sr. de Bussy não é meu parente, nem meu amigo, mas está em minha casa.

O rei dirigiu um olhar furioso para Saint-Luc.

— E demais — acudiu logo este, aterrado pelo olhar do rei -, eu não me encarrego de o defender.

Bussy tinha-se aproximado solenemente, sempre precedido pelos seus pajens, e ia para cumprimentar o rei, quando Chicot, ofendido por ver que lhe faltavam ao respeito, exclamou:

— Eh Eh lá. Buss Bus de Amboise, Luís de Clermont, conde de Buss! é preciso dizer todos os teus nomes para que vejas que é contigo que eu estou falando?.

não vês aqui o verdadeiro Henrique? Não diferencias o rei do bobo? Esse para quem te diriges é Chicot, é o meu bobo, o meu truão, encarregado de me divertir com as suas asneiras.

Bussy foi andando sem fazer caso, e, chegando ao pé de Henrique, ia para se inclinar ante ele, quando o rei Lhe disse:

— Não ouviu, Sr. de Bussy? Estão-no chamando.

E no meio das gargalhadas dos seus favoritos, o rei deu as costas ao jovem coronel. Bussy corou de raiva; mas, logo reprimido o seu primeiro movimento, fingiu que obedecia seriamente à observação do rei, e sem dar a conhecer que tinha ouvido as gargalhadas de Quélus, de Schomberg e de Maugiron, ou notado os seus gestos insolentes, voltou-se para Chicot.

— Ah, meu Senhor, perdoe-me — disse ele -; há reis que por tal modo se assemelham aos bobos, que espero me desculpará de ter tomado o seu bobo por el-rei.

— Hem! — murmurou Henrique, virando-se de repente. — Que diz ele!

— Nada, meu Senhor — acudiu Saint-Luc, o qual parecia ter recebido do Céu, para aquela noite, a missão de pacificador -; nada que mereça atenção.

— A sua desculpa é inadmissível, Bussy — disse Chicot, pondo-se nos bicos dos pés como fazia o rei quando procurava assumir um ar mais majestoso.

— Peço-Lhe novamente perdão, meu Senhor — replicou Bussy -; estava com a imaginação preocupada.

— Com os seus pajens, Senhor? — atalhou Chicot encolerizado. — Está fazendo demasiada despesa com pajens, e, cos demónios, vai invadindo as nossas prerrogativas!

— Como assim! — disse Bussy, que logo percebeu que, prestando-se a altercar com o bobo, quem ficava com o ridículo era o rei. — Suplico a Vossa Majestade que se explique, e se efectivamente fiz mal, prometo confessá-lo com toda a humildade.

— Pois se vi aqueles tratantes de brocado de oiro. — disse Chicot apontando para os pajens -, ao passo que o senhor, um fidalgo, um coronel, um Clermont, quase um príncipe, enfim, está simplesmente vestido de veludo preto!

— Meu Senhor — respondeu Bussy, virando-se para os favoritos do rei -, é que quando se vive numa época em que os tratantes andam vestidos como príncipes, parece acertado que os príncipes, para se diferenciarem deles, se vistam com os trajes que deveriam usar os tratantes.

E ao dizer estas palavras, pagou na mesma moeda aos galantes mancebos, resplandecentes de enfeites, o insolente sorriso com que eles o tinham mimoseado havia um instante.

Henrique olhou para os validos, a quem o furor fizera empalidecer, e que pareciam esperar unicamente uma palavra do seu senhor para se atirarem a Bussy.

Quélus, de todos o mais irritado contra aquele fidalgo, com quem já teria brigado se não fora expressamente proibido pelo rei, tinha a mão sobre os copos da espada.

— Isso que diz entende-se comigo ou com os meus? — exclamou Chicot, o qual, tendo ocupado o lugar do rei, respondia o que Henrique deveria ter respondido.

E o bobo tomou, ao proferir esta pergunta, uma atitude de ferrabrás tão exagerada, que metade da assembleia desatou a rir. A outra metade não se riu, por uma razão muito simples: a metade que se ria, ria-se da outra metade.

Entretanto, três dos amigos de Bussy receando que houvesse algum conflito, tinham vindo colocar-se-lhe ao lado. Eram Carlos Balzac de Entragues, a quem geralmente chamavam Antraguët, Francisco de Audie, visconde de Ribeirac, e Livarot.

Saint-Luc, logo que viu estes preliminares de hostilidades, conheceu que Bussy tinha vindo de ordem do irmão do rei para provocar alguma cena escandalosa, ou desafiar alguém. Uma tal certeza ainda mais Lhe aumentou o receio com que estava, porque se sentia exposto às consequências do ódio inveterado de dois inimigos poderosos que escolhiam a sua casa para campo de batalha.

Correu para Quélus, que parecia o mais enfurecido de todos, e pondo-Lhe a mão sobre os copos da espada:

— Em nome do Céu, meu amigo! — disselhe ele. — Reprime o teu furor, e esperemos.

— Isso é bom de dizer! Reprime tu também o teu Furor! — exclamou Quélus. - A insolência que aquele malcriado proferiu é um insulto tanto para ti como para mim: quem ofende um de nós, ofende a todos nós, e fere a el-rei.

— Quélus, Quélus! — replicou Saint-Luc. — Lembra-te do duque de Anju, que está por detrás de Bussy, e que nós devemos recear por isso mesmo que está invisível.

Não te persuades, por certo, que me mete medo o criado; quem eu temo é o amo.

— E que receio devem ter os que servem el-rei de França? — exclamou Quélus.

— El-rei há-de defender-nos, se expusermos a vida por ele.

— Ah, tu não; mas eu!. — disse Saint-Luc com tristeza.

— Isso é verdade! — replicou Quélus. — Mas também para que demónio te lembraste tu de casar, sabendo o ciúme que el-rei tem dos seus favoritos!

Ora — disse Saint-Luc consigo — cada qual trata de si; há coisas que não devemos esquecer; eu desejo viver sossegado, ao menos durante os primeiros quinze dias do meu casamento, portanto convém-me captar a amizade do Sr. de Anju. “

E fazendo estas reflexões, deixou Quélus e foi ao encontro de

Bussy.

Bussy, depois da insolente resposta que dera a Chicot, tinha erguido a cabeça e corria a vista por toda a sala, à espera de ouvir algum atrevimento em troca do que ele havia proferido. Porém todos os olhos se tinham desviado dele, todas as bocas se conservaram caladas. Uns porque tinham receio de aprovar na presença do rei, outros porque não queriam desaprovar diante de Bussy.

Este último, vendo chegar Saint-Luc, pensou ter encontrado finalmente o que procurava.

— Senhor — perguntou Bussy -, é porventura às palavras que acabo de proferir que devo atribuir a honra que julgo me quer fazer de conversar em particular comigo?

— Às palavras que acaba de proferir? — perguntou Saint-Luc com ar risonho.

— Que disse pois? Eu nada ouvi. Venho simplesmente cumprimentá-lo, e agradecer-lhe ao mesmo tempo a honra que me faz vindo a minha casa.

Bussy era um homem superior em tudo; valente até à temeridade, mas ao mesmo tempo instruído, espirituoso e com as maneiras da boa sociedade. Sabia que Saint-Luc era brioso, e logo compreendeu que o dever de dono da casa era nele superior, naquele momento, a qualquer outra consideração. A outro que não fosse Saint-Luc teria Bussy repetido a sua frase provocadora; assim, limitou-se a cumprimentá-lo, dirigindo-lhe algumas palavras agradáveis em resposta às que ele lhe dissera.

— Oh! oh! — disse Henri quando viu Saint-Luc falando com Bussy.  
— Parece-me que o meu galo foi dizer ao papão que não tem medo dele. Fez bem, mas não quero que me matem. Vá ter com ele, Quélus. Não! Quélus não, que é demasiado irascível. Vá, Maugiron.

Maugiron abalou de corrida; mas Saint-Luc, que o percebeu, não o deixou chegar ao pé de Bussy, e, voltando para junto do rei, trouxe consigo Maugiron.

— O que foste tu dizer àquele presumido de Bussy? — perguntou o rei.

— Eu, meu Senhor?

— Sim, tu.

— Fui dar-lhe as boas-noites — respondeu Saint-Luc.

— Ah sim! E mais nada? — disse o rei com ar agastado.

Saint-Luc percebeu que tinha feito asneira.

— Dei-lhe as boas-noites — prosseguiu ele -, e disselhe ao mesmo tempo que tencionava ter a honra de Lhe dar os bons-dias amanhã pela manhã.

— Oh! oh! — disse Henrique — lá me queria parecer. Cabeça quente!

— Porém, rogo a Vossa Majestade que se sirva guardar segredo.

— Oh, deixa estar — tornou Henrique -, não me oponho ao teu desejo. E até digo mais: se me pudesses livrar dele.

Os favoritos lançaram de relance uns para os outros um olhar, que Henrique III fingiu não ter percebido.

— Porque, na realidade — continuou o rei -, o patife é sempre duma tal insolência.

— Isso é verdade — disse Saint-Luc. — Mas pode Vossa Majestade ter a certeza que mais dia menos dia há-de encontrar quem o ensine.

— Não sei! — disse o rei abanando a cabeça. — Ele joga bem a espada. Que pena não encontrar um cão danado que o morda! Era a melhor maneira por que nos poderíamos ver livres dele.

E dizendo isto olhou de revés para Bussy, o qual, acompanhado dos seus três amigos, passeava pela sala, dando encontrões e escarnecendo de todas aquelas pessoas que sabia serem inimigas do duque de Anju, e por consequência amigos do rei.

— Cos demónios! — exclamou Chicot — não trate com tão pouca consideração os meus donzéis, Sr. de Bussy; olhe que eu, apesar de ser



rei, sou tão capaz de puxar pela espada como se fosse apenas um bobo.

— Ah, que velhaco! — murmurou Henrique.

— Meu Senhor — disse Maugiron -, se Chicot não se deixar de semelhantes gracejos, hei-de castigá-lo.

— Não te roces muito por ele, Maugiren; Chicot é fidalgo, e não brinca quando se trata de pontos de honra, Além de que, não é ele quem merece castigo neste caso, porque não foi ele quem mostrou mais insolência.

O remoque desta vez era bem claro. Quélus fez sinal a d'Épernon, que, distraído, não tinha tomado parte em nada do que se acabava de passar.

— Meus Senhores — disse Quélus, levando-os consigo -, vamos a conselho; tu, Saint-Luc, vai conversar com el-rei, e acaba de fazer as pazes com ele; parece-me que já tens meio caminho andado.

Saint-Luc aproveitou o conselho, e aproximou-se de el-rei, que estava altercando com Chicot.

Quélus, entretanto, foi levando os seus amigos para o vão duma janela.

— Vamos lá — perguntou d'Épernon -, que tens a dizer? Eu estava-me divertindo a namorar a mulher de Joyeuse, e desde já te declaro que se a tua história não for muito interessante, não te perdoou a interrupção.

— Quero preveni-los, meus Senhores — respondeu Quélus -, que logo que finde o baile tenciono partir imediatamente para a caça.

— Bom — disse d'O -, de que natureza é a caçada?

— É uma caçada ao porco-montês.

— Que mania é essa de te ires expor, com o frio que faz, a ficares com as tripas ao ar em alguma mata?

— Não importa, hei-de ir.

— Sozinho?

— Nada, vou com Maugiren e Schomberg. Vamos caçar por conta de el-rei.

— Ah, sim, já percebo — disseram a um tempo Schomberg e Maugiron.

— El-rei deseja que lhe apresentem amanhã à mesa uma cabeça de javali.

— Enfeitada com um colarinho voltado para baixo, à italiana — disse Maugiren, aludindo ao simples colarinho virado que Bussy trazia, para fazer contraste com os cabeções de canudos dos favoritos.

— Muito bem! — acudiu d'Épernon — Nesse caso também eu os acompanho.

— De que se trata? — perguntou d'O; — eu ainda não percebi nada.

— Pois bem, procura em redor de ti, meu menino.

— Pois sim, já olhei.

— Não viste ninguém que já fizesse escárnio de ti na tua cara?

— Foi Bussy, se não me engano.

— Ora diz-me: não te parece que el-rei havia de gostar da cabeça daquele javali?

— Pensas que el-rei. — disse d'O.

— Foi ele quem pediu — respondeu Quélus.

— Pois então faça-se-lhe a vontade! Vamos para a caça; mas. a caçada há-de ser de montaria, ou de espera?

— De espera, que é mais seguro.

Bussy reparou na conferência; e julgando logo que o caso era com ele, aproximou-se Fazendo chacota com os seus amigos.

— Olha, Antraguët, olha, Ribeirac — disse ele -, que lindo grupo estão formando!

Que quadro tão encantador! Parecem Curíalo e Niso, Dámon e Pítio, Castor e.

Mas onde estará Pólux?

— Pólux casou-se — disse Anraguet -, de forma que temos Castor desemparelhado.

— Que estarão fazendo ali? — perguntou Bussy olhando para eles com insolência.

— Aposto — disse Ribeirac — que é alguma conspiração para inventarem nova goma para camisas.

— Não, meus Senhores — disse Quélus sorrindo-se -, estamos tratando duma caçada.

— Deveras, Sr. Cupido? — disse Bussy. — Pois anima-se a ir à caça com o frio que está? Olhe que pode fazer-lhe frieiras.

— Não há dúvida! — respondeu Maugiron, com igual polidez. — Temos luvas muito bem forradas e gibões estofados.

— Ah, então já o caso muda de figura — disse Bussy -; e está para breve a caçada?

— Pode ser que tenha lugar esta noite mesmo — replicou Schomberg.

— Não há aqui nenhum pode ser; há-de ser com certeza esta noite — acudiu Maugiron.

— Vou já avisar el-rei — disse Bussy -; o que diria Sua Majestade se amanhã pela manhã se Lhe apresentassem os seus íntimos amigos encatarroados?

— Não é preciso que tenha o incómodo de avisar Sua Majestade — disse Quélus

— el-rei já sabe que vamos à caça.

— Das cotovias? — perguntou Bussy com ar sobremaneira insolente.

— Não senhor — respondeu Quélus — vamos a uma caçada ao

porco-montês. Precisamos alcançar a todo o custo uma cabeça de javali.

— E a fera?. — perguntou Antraguët.

— Está desencovada — disse Schomberg.

— Mas ainda assim é necessário conhecer-lhe o rasto — observou Livarot.

— Havemos de tratar de nos orientar — disse d'O. — Quer acompanhar-nos, Sr. de Bussy?

— Não posso — respondeu este continuando a conversa no mesmo tom: Creiam que me não é possível. Tenho de comparecer amanhã no palácio do Senhor Duque de Anju para assistir à recepção de Sr. de Monsoreau, a quem Sua Alteza, como sabem, concedeu o lugar de monteiro-mor.

— E esta noite? — perguntou Quélus.

— Esta noite também não posso; tenho um prazo dado com uma dama numa casa misteriosa de arrabalde de Santo António.

— Ah! ah! — exclamou d'Épernon. — Dar-se-ia o caso que a rainha Margarida viesse a Paris incógnita, Sr. de Bussy? Porque já sabemos que ficou com a herança de La Mole.

— É verdade, mas há já algum tempo que renunciei à herança, e agora é de outra pessoa que se trata.

— E essa pessoa espera-o na rua do arrabalde de Santo António? — perguntou d'O.

— Exactamente; e quero aproveitar a ocasião para pedir um conselho ao Sr. de Quélus.

— Diga. Se bem que não seja letrado, tenho a presunção de dar sempre bons conselhos aos meus amigos.

— Dizem-me que as ruas de Paris estão bastante perigosas; o arrabalde de Santo António é um bairro muito só. Qual é o caminho que na sua opinião deverei seguir?

— Eu sei lá. — replicou Quélus -, porém, como o barqueiro do Louvre há-de provavelmente estar de pé toda a noite para nós, eu, no seu caso, tomaria o barco de passagem do Prado dos Estudantes, desembarcava junto da torre que fica na esquina, seguia pelo cais até ao Grande-Châtelet, e pela Rua da Tixeranderie seguia para o arrabalde de Santo António. Quando tiver chegado ao fim da Rua de Santo António, se passar o Palácio das Tournelles sem que Lhe suceda mal algum, é provável que chegue são e salvo à casa misteriosa de que há pouco falou.

— Muito obrigado pelo itinerário que me deu, Sr. de Quélus — disse Bussy. - Disse, se bem me recordo: o barco de passagem do Prado dos Estudantes, a torre da esquina, o cais até ao Grande-Châtelet, a Rua de Tixeranderie, e a Rua de Santo António. Fique certo que por acaso algum me desviarei dele.

E cortejando os cinco amigos, retirou-se, dizendo em voz alta para Balzac d'Entraguet:

— Está visto, Anraguet, que não consigo fazer sair esta gente à espera; vamo-nos embora.

Livarot e Ribeirac desataram a rir e acompanharam Bussy e d'Entraguet, que se afastaram; mas não sem olhar para trás umas poucas de vezes.

Os favoritos conservaram-se impassíveis; pareciam resolvidos a não entenderem coisa alguma.

Quando Bussy ia já saindo da última sala, onde estava a Sr. de Saint-Luc, que não tirava os olhos do marido, este fez-lhe sinal, indicando-Lhe o valido do duque de Anju, que se retirava. Joana, com aquela perspicácia que parece ser privilégio das mulheres, logo entendeu o que ele pretendia, e dirigindo-se para o fidalgo, tolheu-lhe o passo.

— Oh, Sr. de Bussy! — disse ela. — Todos me têm gabado imenso um soneto que o senhor fez.

— Contra el-rei, minha Senhora? — perguntou Bussy.

— Não; é um elogio à rainha. Peço-Lhe que mo recite.

— Com todo o gosto, minha Senhora — disse Bussy oferecendo o braço à Sr. de Saint-Luc. E começou a recitar-lhe o soneto.

Entretanto, Saint-Luc chegou-se disfarçadamente para o grupo, e ouviu dizer a Quélus:

— Com semelhantes dados não nos há-de custar a seguir o rasto do animal; ora pois, há-de ser à esquina do Palácio das Tournelles, junto às Portas de Santo António, em frente do Palácio de Saint-Pol.

— E cada um de nós acompanhado dum laçai? — perguntou d'Épernon.

— Não, Nogaret, não — disse Quélus -; é melhor irmos sós, guardando para nós o nosso segredo: tratemos nós mesmos de levar a empresa a cabo. Eu tenho-Lhe ódio; mas havia de me pesar que nele pusesse mãos um laçai; é um cavalheiro às direitas.

— E devemos sair daqui os seis juntos? — perguntou Maugiron.

— Os cinco, e não os seis — disse Saint-Luc.

— Ah, é verdade, esquecia-me que estás casado. Ainda te considerávamos rapaz solteiro! — disse Schomberg.

— E com efeito — replicou d'O -, não é muito que o pobre Saint-Luc fique com a mu lhér na primeira noite de casado.

— Estão enganados, meus amigos — disse Saint-Luc -, não é por causa da minha mulher que deixo de ir (apesar que ela merecia por certo que eu fizesse esse sacrifício): é por causa de el-rei.

— Como? Por causa de el-rei?

— Sim; Sua Majestade quer que eu o acompanhe ao Louvre.

Os mancebos olharam para ele com um sorriso cuja significação Saint-Luc procurou debalde interpretar.

— Então que queres? — disse Quélus. — El-rei tem-te tanta amizade que não pode passar sem ti.

— E demais, nós não carecemos do auxílio de Saint-Luc — disse

Schomberg. - Deixemo-lo ao rei e à sua dama.

— Não sei! A fera é brava — observou d'Éprnon.

— Histórias! — disse Quélus. — Ponham-me cara a cara com ela, dêem-me um chuço, que o mais fica por minha conta.

Nisto ouviu-se a voz de Henrique, que chamava por Saint-Luc.

— Meus caros Senhores — disse ele -, bem ouvem que el-rei me está a chamar; adeus; muito estimarei que a vossa caçada desta noite tenha bom êxito.

E deixou-os imediatamente. Mas, em vez de ir ter com o rei, foi-se cosendo com a parede, encobrendo-se com os espectadores e com os que ainda dançavam, até chegar à porta que Bussy já ia para transpor, apesar dos esforços que a noiva fazia para o deter.

— Muito boa noite, Sr. de Saint-Luc — disse o jovem cavalheiro. — Parece-me que está sobressaltado! Dar-se-á o caso que também o convidassem para a grande caçada que está para ter lugar?. Se a ela for, dará uma prova de valentia, mas não por certo de amor por sua esposa.

— Não senhor — respondeu Saint-Luc -; estava sobressaltado porque andava em sua procura.

— Ah! deveras?

É porque receava que já tivesse saído. Minha querida Joana — continuou ele -, diga a seu pai que procure demorar el-rei; preciso dizer duas palavras em particular ao Sr. de Bussy.

Joana afastou-se prontamente; não percebia nada do que se estava passando, mas conhecia que era negócio sério.

— Que pretende dizer-me, Sr. de Saint-Luc? — perguntou Bussy.

— Queria dizer-Lhe, Sr. de Bussy — respondeu Saint-Luc -, que se tencionasse ir tratar de algum negócio esta noite, seria conveniente deixá-lo para amanhã, por isso que as ruas de Paris são perigosas; e que, se porventura o negócio que tem a tratar é na proximidade da Bastilha, seria bom que evitasse passar pela frente do Palácio das

Tournelles, porque há ali um recanto onde podem esconder-se uns poucos de homens. É quanto tinha a dizer-Lhe, Sr. de Bussy.

Deus me livre de pensar que um homem como o senhor possa ter medo. Contudo, reflecta no que acabo de lhe dizer.

Ouviu-se a este tempo a voz de Chicot bradando:

— Saint-Luc, meu queridinho Saint-Luc, não te escondas de mim! Bem vêes que estou À tua espera para regressar ao Louvre.

— Eis-me aqui, meu Senhor — respondeu Saint-Luc correndo na direcção da voz de Chicot. Ao lado do bobo estava Henrique III, a quem um pajem apresentava uma pesada capa forrada de arminhos, enquanto outro lhe entregava umas imensas luvas que chegavam até ao cotovelo, e um terceiro lhe oferecia uma máscara de veludo forrada de cetim.

— Meus Senhores — disse Saint-Luc, dirigindo-se ao mesmo tempo aos dois Henriques

— , conceder-me-ão a honra de os alumiar até às vossas liteiras?

— Nada — disse Henrique -; Chicot vai para o seu destino, e eu para o meu.

Os meus amigos são um rancho de vadios que me deixam voltar só para o Louvre, para irem provavelmente jogar ao Entrudo. Tinha contado com eles, e agora abandonaram-me; ora bem vêes que não podes deixar-me ir sozinho. Tu és um homem sério e casado; deves ir levar-me à rainha. Vem pois, meu amigo, vem. Olá!

Tragam um cavalo para o Sr. de Saint-Luc. — Não, é escusado — prosseguiu ele desdizendo-se -, a minha liteira é bastante larga; cabem muito bem duas pessoas.

Joana de Brissac, a quem não tinha escapado uma palavra desta conversa, queria falar, dizer alguma coisa ao marido e avisar o pai de que o rei Lhe roubava Saint-Luc; porém este, levando o dedo à boca, fez-lhe sinal que se calasse e tivesse prudência.

Cautela! — disse ele consigo. — Não escandalizemos Henrique de



Valois, agora que entrei na intimidade de Francisco de Anju. ” — Meu Senhor — continuou ele em voz alta — , eis-me aqui pronto. É tal a minha dedicação à pessoa de Vossa Majestade, que sou capaz de segui-lo até ao fim do mundo, se mo determinar.

Seguiu-se um grande rebuliço, acompanhado de grandes genuflexões, e depois um silêncio profundo para ouvir a despedida de el-rei à Sr. de Brissac e a seu pai, que foi repleta de expressões encantadoras.

Acabada a despedida, sentiu-se o tropear dos cavalos no pátio e viu-se o clarão dos archotes, que reflectiam nos vidros a sua luz avermelhada. Até que, finalmente, todos os aduladores da realeza e todos os convidados da boda, rindo e tiritando com frio, desapareceram envolvidos na escuridão e neblina da noite.

Joana, tendo ficado só com as aias, recolheu-se aos seus aposentos, e foi ajoelhar diante da imagem duma santa a que tinha grande devoção. Depois mandou que a deixassem só, e que tivessem a ceia pronta para quando o marido voltasse.

O Sr. de Brissac fez mais: ordenou a seis guardas que fossem esperar pelo genro à porta do Louvre, para lhe servirem de escolta na volta. Mas, ao cabo de estarem duas horas à espera, os guardas mandaram um dos companheiros prevenir o marechal de que todas as portas do Louvre estavam fechadas, e que o capitão da guarda, antes de mandar fechar a última, tinha dito:

— Escusam de estar aqui à espera; mais ninguém sai do Louvre esta noite. Sua Majestade já se recolheu, e todos estão deitados.

O marechal tinha ido levar esta notícia à Filha, a qual lhe declarou que estava com demasiado cuidado no marido para poder dormir e que tencionava ficar de pé até ele vir.

## II

**EM QUE SE MOSTRA QUE NEM SEMPRE QUEM  
ABRE A PORTA ENTRA POR ELA**

A Porta de Santo António era uma espécie de arco de cantaria quase semelhante às portas actuais de S. Dinis e S. Martinho. A única diferença consistia em que o lado esquerdo do arco pegava com os edifícios adjacentes da Bastilha, de maneira que a porta formava parte daquela fortaleza.

O espaço que havia do lado direito, entre a porta e o Palácio da Bretanha, era grande, sombrio e lamacento; era porém um lugar pouco transitado de dia, e tornava-se inteiramente solitário logo que anoitecia, porque os transeuntes nocturnos procuravam um caminho mais próximo à fortaleza, a fim de se collocarem de alguma forma, naquele tempo em que as ruas eram infestadas de salteadores e as rondas nocturnas quase desconhecidas, debaixo da protecção da sentinela da torre, a qual, se bem que não pudesse acudir-lhes, podia contudo, gritando, chamar auxílio, ou afugentar os malfeitores.

As noites de Inverno, como bem fácil é de supor, ainda tornavam os caminhantes mais acautelados do que as noites de Verão.

A noite em que tinham lugar os acontecimentos que acabámos de narrar, e os que adiante seguem, estava tão fria, tão escura e tão anuviada, que ninguém teria podido avistar, por detrás das ameias da fortaleza real, a sentinela protectora, a qual por certo também não poderia distinguir os vultos que atravessavam o largo.

Adiante da Porta de Santo António, para a parte interior da cidade, não havia casas; havia apenas uns muros muito altos. Estes muros eram, à direita, os da Igreja de S. Paulo; à esquerda, os do Palácio de Tournelles. Era na extremidade deste palácio, do lado da Rua de Santa Catarina, que havia o recanto em que Saint-Luc tinha falado a Bussy.

Seguia-se um quarteirão de casas que ficava entre a Rua de Jouy e a Rua Larga de Santo António, à qual ficavam fronteiras, naquela época, a Rua das Billettes e a Igreja de Santa Catarina.

Nesta porção do antigo Paris que acabámos de descrever não havia sequer um único candeeiro. Nas noites em que a Lua se encarregava

da iluminação da cidade, via-se a sombra majestosa e imóvel da agigantada Bastilha, que destacava em escuro sobre o azul do céu estrelado. Nas noites escuras, porém, só se via no lugar que ela ocupava uma escuridão mais densa, no meio da qual fulgurava de espaço a espaço a luz de alguma janela.

Durante aquela noite, que tinha começado com uma fortíssima geada e estava destinada a acabar por uma copiosa chuva de neve, nem viva alma pisava o chão gelado daquela espécie de estrada, que atravessava da rua para o arrabalde, e que, segundo já dissemos, servia ao trânsito dos indivíduos cautelosos que por ali passavam fora de horas. Mas quem fosse dotado de boa vista teria observado que no tal recanto do Palácio das Tournelles estava um grupo de sombras pretas, as quais, pelos seus movimentos, bem mostravam pertencer a entes humanos que muito se esforçavam por conservar o calor natural de que os ia privando, de minuto a minuto, a imobilidade a que pareciam ter-se sujeitado voluntariamente na expectativa de algum acontecimento.

A sentinela da torre, que, por causa da escuridão, nada podia ver para o largo, também por certo não podia ouvir a conversa das tais sombras, tão baixo elas falavam. Todavia o assunto da conversação não era destituído de interesse.

— Aquele danado Bussy tinha razão — dizia uma das sombras —; está uma noite tal qual como as de Varsóvia, quando o rei Henrique era rei da Polónia; se isto assim continuar, ficamos com frieiras, como ele nos vaticinou.

— Ora vamos, Maugiron! Pareces uma mulher com as tuas lamentações! — respondeu outra sombra. — Verdade é que não está calor; mas puxa o capote para a cara e mete as mãos nos bolsos, que já não sentes frio.

— Isso é bom de dizer, Schomberg; bem se vê que és alemão — disse uma terceira sombra. — Eu declaro que tenho os beiços em sangue e as guias do bigode transformadas em pedaços de gelo.

— Eu não sinto as mãos — disse uma quarta voz. — Palavra que

estava capaz de apostar que já as não tenho.

— Por que não trouxeste o regalo da tua mamã, meu pobre Quélus? — respondeu Schomberg. — Estou certo de que a boa senhora to emprestaria com todo o gosto, especialmente se lhe contasses que era para a livrares do seu querido Bussy, de quem ele gosta quase tanto como se pode gostar da peste.

— Tenham paciência, meus Senhores — disse uma quinta voz. — Não tarda que se queixem de muito calor.

— Deus te oiça, d'Épernon! — exclamou Maugirom batendo com os pés no chão para os aquecer.

— Não fui eu que falei — replicou d'Épernon -, foi d'O. Eu estou calado com receio de que se me gelem as palavras.

— Que dizias tu? — perguntou Quélus a Maugiron.

— Dizia d'O — respondeu Maugirom — que não tarda que nos queixemos de muito calor, e eu respondi-lhe: Deus te oiça!

— Pois bem! Parece-me que ouviu, porque estou divisando além um vulto que vem caminhando para a Rua de S. Paulo.

— É engano. Não pode ser ele.

— E porquê?

— Porque nos indicou um outro itinerário.

— Sim, e seria muito para admirar que ele, desconfiado de alguma coisa, mudasse de caminho!.

— Vocês não conhecem Bussy; quando ele disser que tenciona passar por um sítio, há-de passar, ainda que tenha a certeza que Lhe sai o Diabo ao encontro.

— Contudo — respondeu Quélus -, não há dúvida de que se vêm aproximando dois homens.

— É verdade, com efeito — repetiram duas ou três vezes, conhecendo que era exacta a asserção.

— Nesse caso, vamos a eles! — disse Schomberg.

— Esperem — disse d'Épernon — não vamos nós matar dois pacíficos burgueses, ou duas honradas parteiras. Olhem, lá param.

E efectivamente as duas pessoas que atraíam a atenção dos cinco companheiros da emboscada tinham parado, como perplexas, indecisas, ao chegarem à extremidade da Rua de S. Paulo que dá para a Rua de Santo António.

— Oh, oh! — disse Quélus — acaso nos veriam eles?

— Não pode ser! A muito custo nos vemos nós uns aos outros.

— Tens razão — replicou Quélus. — Olha! Lá voltam para a esquerda! Param em frente duma casa; procuram uma porta.

— É verdade.

— Parece que querem entrar — disse Schomberg. — Então? O que dizem? Deixamo-los escapar?.

— Mas não é ele, porque ele vai para o arrabalde de Santo António, e os dois indivíduos que desembocaram da Rua de S. Paulo vieram pela rua abaixo - respondeu Maugiron.

— E que certeza tens de que a raposa não trocasse a indicação do caminho, ou fosse por acaso e sem querer, ou por maldade e de caso pensado?

— Podia muito bem ser que assim acontecesse — disse Quélus.

Esta reflexão fez pular o grupo dos cinco fidalgos como se fora uma matilha de cães esfaimados. Saíram do esconderijo e correram de espadas desembainhadas para os dois indivíduos que estavam parados defronte da porta.

Um dos dois homens acabava justamente de introduzir uma chave na fechadura; a porta tinha cedido e começava a abrir-se, quando a bulha dos passos dos agressores fez erguer a cabeça aos dois transeuntes misteriosos.

— O que é aquilo? — perguntou o mais baixo, voltando-se para o companheiro.

— O caso será connosco, porventura, d'Aurilly?

— Ah, meu Senhor! — respondeu o que acabava de abrir a porta — parece que é, efectivamente. Quer dar-se a conhecer, ou conservar-se incógnito?

— São homens armados, é uma espera!

— Isto é obra de ciúmes. Bem tinha eu dito a Vossa Alteza que a senhora era tão formosa que por força havia de ter amantes.

— Entremos depressa, d’Aurilly! É mais fácil sustentar um cerco estando dentro do que fora da porta.

— Sim, meu Senhor, mas é quando dentro da praça não há inimigos. E quem nos diz. Não teve tempo de acabar: os cinco amigos tinham atravessado aquela distância de cem passos com a rapidez dum raio.

Quélus e Maugiron, que tinham vindo encostados à parede, colocaram-se entre a porta e os sujeitos que pretendiam entrar, para lhes cortar a retirada, enquanto que Schomberg, d’O e d’Epernon se dispunham a atacá-los de frente.

— Morra! morra! — bradou Quélus, que era sempre o mais enfurecido dos cinco.

De repente, o indivíduo a quem o companheiro tinha tratado por Alteza quando lhe perguntou se queria conservar-se incógnito, voltou-se para Quélus, deu um passo, e cruzando os braços com arrogância:

— Parece-me que disse Morra! dirigindo-se a um príncipe francês, Sr. de Quélus!. — disse ele com voz surda e olhar sinistro.

Quélus recuou, com os olhos espantados, as pernas a tremerem-lhe e as mãos pendentes.

— Sua Alteza o Senhor Duque de Anju! — exclamou ele.

— O Senhor Duque de Anju! — repetiram os outros.

— Então! — replicou o príncipe com gesto terrível. — Porque não continuam a gritar Morra! morra! meus Fidalgos?.

— Meu Senhor — balbuciou d’Épernon -, era uma brincadeira; perdoe-nos.

— Meu Senhor — acrescentou d'O -, não podíamos adivinhar que havíamos de encontrar Vossa Alteza neste bairro tão solitário.

— Uma brincadeira? — replicou o príncipe, sem se dignar responder a d'O. - São muito célebres as vossas brincadeiras, Sr. d'Épernom! Ora digam-me: visto que o caso não era comigo, quem é a pessoa que ameaçavam com essa vossa brincadeira?

— Meu Senhor-respondeu Schomberg respeitosamente -, vimos sair Saint-Luc do Palácio de Montmorency e encaminhar-se para este sítio e Moveu-nos a curiosidade de indagar qual era o motivo que assim obrigava um marido a abandonar a mulher na noite do casamento.

A desculpa era muito plausível, porque, segundo todas as probabilidades, o duque de Anju havia de saber no dia seguinte que Saint-Luc não tinha passado a noite no Palácio de Mont morency, e assim ficava confirmada a asserção de Schomberg.

— O Sr. de Saint-Luc? Confunde-me com o Sr. de Saint-Luc?

— Sim, meu Senhor — responderam ao mesmo tempo os cinco companheiros.

— E desde quando é que assim nos parecemos um com o outro? — disse o duque de Anju; — o Sr. de Saint Luc é mais alto do que eu meio palmo!

— É verdade, meu Senhor — disse Quélus porém é exactamente da altura do Sr. d'Aurilly, que tem a honra de acompanhar Vossa Alteza.

— E demais, a noite está escura, meu Senhor. — replicou Maugiron.

— E como vimos um homem a meter uma chave numa porta, pensávamos que era dos dois o de mais consideração — murmurou d'O.

— Finalmente — disse Quélus -, Vossa Alteza não pode supor, decerto, que tivéssemos nem por sonhos a ideia de o hostilizar, nem mesmo de estorvar os seus passatempos.

O príncipe, durante toda a conversação, e enquanto ia ouvindo as respostas mais ou menos lógicas que a surpresa e o medo sugeriam aos cinco amigos, tinha-se afastado do limiar da porta por uma hábil manobra estratégica, sempre seguido passo a passo por d'Aurilly, seu tocador de alaúde e companheiro usual das suas excursões nocturnas, e já se achava a uma tal distância da porta, que, assim confundida com as mais, não era possível conhecê-la.

— Meus passatempos? — disse ele asperamente — e com que fundamento imaginam que eu venho aqui em procura de algum passatempo?

— Ah, meu Senhor! Em todo o caso, e seja qual for o motivo por que aqui veio — respondeu Quélus -, perdoe-nos! vamos retirar-nos.

— Está bem. Adeus, meus Senhores.

— Senhor Duque — acrescentou d'Épernon -; Vossa Alteza pode confiar na nossa bem conhecida discrição.

O duque de Anju, que já tinha dado um passo para se retirar, parou, e carregando as sobancelhas, disse:

— Discrição, Sr. de Nogaret? E quem é que Lhe pede que seja discreto!

— Meu Senhor, pensámos que Vossa Alteza, só, a esta hora, e acompanhado do seu confidente.

— Pois estão enganados. Eu Lhes digo o que devem pensar e o que eu quero que pensem. Os cinco fidalgos prestaram a sua respeitosa atenção.

— Eu ia — continuou o duque de Anju, falando devagar como para imprimir bem todas as suas palavras na memória dos ouvintes — consultar o judeu Manassés, que sabe ler o futuro no vidro e no pó do café. O tal judeu mora, como sabem, na Rua da Tournelle. Aurilly avistou-os, e julgou que era alguma ronda da justiça. E por isso — prosseguiu o príncipe com uma espécie de jovialidade temível para quem Lhe conhecesse bem o génio -, com o receio próprio de gente que vai consultar um feiticeiro, íamo-nos cosendo com as paredes e



escondendo-nos nos vãos das portas, para nos ocultarmos, se possível fosse, às vossas visitas investigadoras.

O príncipe tinha chegado insensivelmente à boca da Rua de S. Paulo, e estava já em distância de poder ser ouvido pelas sentinelas da Bastilha, no caso de algum ataque, que ele com toda a razão receava, apesar das desculpas e demonstrações de respeito dos favoritos de Henrique III, por isso que muito bem sabia quanto este o odiava.

— E agora, que já sabem o que devem pensar, e especialmente o que devem dizer — replicou o príncipe -, adeus, meus Senhores, boa noite. É inútil preveni-los de que não quero ser seguido.

Todos eles se inclinaram e despediram do príncipe, que se voltou umas poucas de vezes para os seguir com a vista, ao passo que ia caminhando para o lado oposto.

— Meu Senhor — disse d’Aurilly -, afirmo a Vossa Alteza que aquela gente não estava ali para boa coisa. É quase meia-noite; estamos, como eles disseram, num bairro solitário; voltemos depressa ao palácio, meu Senhor, voltemos.

— Nada — disse o príncipe detendo-o -; aproveitemos, pelo contrário, a partida deles.

— Vossa Alteza está enganado — disse d’Aurilly. — Eles não se foram embora; voltaram, como Vossa Alteza pode ver, para o esconderijo onde estavam metidos; não os vê daqui, meu Senhor, naquele recanto, à esquina do Palácio das Tournelles?.

O príncipe olhou; d’Aurilly tinha dito a verdade.

Os cinco fidalgos haviam regressado para a mesma posição, e era bem evidente que projectavam alguma empresa, que a chegada do príncipe tinha interrompido; também podia muito bem ser que se tivessem escondido naquele sítio para espreitarem o príncipe e o seu companheiro, e afirmarem-se se eles iam efectivamente a casa do judeu Manassés.

— Então, meu Senhor? — perguntou d’Aurilly — que fazemos? Estou por tudo quanto Vossa Alteza me ordenar, mas parece-me que

não será prudente conservarmo-nos aqui.

— Contudo — disse o príncipe -, contraria-me bastante ter de deixar o negócio em meio.

— É verdade, meu Senhor; mas não nos faltará tempo para o concluir. Já tive a honra de dizer a Vossa Alteza que tinha procurado obter informações. A casa está alugada por um ano. Sabemos que a senhora mora no primeiro andar; temos a aia do nosso partido, e possuímos uma chave que serve na porta. Com todas estas circunstâncias a nosso favor, podemos esperar.

— Estás certo de ter aberto a porta?

— Certíssimo; abri-a com a terceira chave que meti na fechadura.

— E. diz-me: tornaste a fechá-la?

— O quê? A porta?

— Sim.

— Tornei, sim, meu Senhor.

Apesar da afoiteza com que d'Aurilly proferiu esta asserção, é-nos forçoso dizer que ele não estava tão certo de ter fechado a porta como de a ter aberto.

Contudo, a impavidez com que respondeu não consentiu ao príncipe que duvidasse, nem de uma nem de outra coisa.

— Mas — disse o duque — é que não se me dava de verificar eu mesmo.

— O que eles estarão ali fazendo, meu Senhor? Posso eu dizê-lo a Vossa Alteza sem receio de me enganar; estão reunidos para alguma cilada: Afastemo-nos daqui. Vossa Alteza tem inimigos; quem sabe a que poderiam atrever-se?.

— Pois bem! Vamo-nos embora; havemos porém de voltar.

— Mas não há-de ser esta noite. Peço a Vossa Alteza que atenda às minhas ponderações: talvez eu exagere o perigo; mas parece-me que não se me deve levar a mal tanto susto, estando na companhia do

primeiro príncipe de sangue. do herdeiro da coroa que tanta gente tem empenho em que não herde.

Estas últimas palavras fizeram tal impressão no duque, que logo se resolveu à retirada; mas não foi sem rogar pragas aos cinco fidalgos que se Lhe tinham vindo atravessar na frente, e a quem lá consigo prometeu que lhe haviam de pagar com usura, em tempo competente, o transtorno que acabavam de Lhe causar.

— Vamos! — disse ele. — Voltemos ao palácio; lá encontraremos Bussy, que já deve ter vindo daquela maldita boda; lá terá arranjado algum desafio, e terá morto, ou matará amanhã, algum daqueles meninos de alcova; e isso servir-me-á de consolação.

— Tem razão, meu Senhor — disse d'Aurilly. — Ponhamos a nossa esperança em Bussy. É também o meu desejo; e a esse respeito, tenho nele, como Vossa Alteza, a maior confiança.

E foram-se.

Ainda não tinham voltado a esquina da Rua de Jouy, quando os cinco companheiros da emboscada viram apontar, na altura da Rua do Tizon, um cavaleiro embuçado num comprido capote.

As patas do cavalo ressoavam ao longe sobre o chão quase petrificado, e um pálido raio de Lua, lutando com a cerração da noite, e tentando um último esforço para romper pelo véu anuviado e por aquela atmosfera carregada de neve, prateava com seu reflexo a pluma branca que lhe adornava o gorro. Caminhava com cautela, e vinha sopeando o cavalo, que assim constrangido a andar a passo, espumava apesar do frio.

— Desta feita — disse Quélus — é ele.

— É impossível! — disse Maugiron.

— Porquê?

— Porque vem só, e nós deixámo-lo com Livarot, d'Entraguet e Ribeirac, os quais decerto não consentiriam que ele se aventurasse assim sozinho.

— E contudo é ele, não há duvida — disse d'Épernon. — Olha! Não ouviste a sua maneira de escarrar, e não vês a sua atitude insolente? É ele, e vem só.

— Então — disse d'O — é um laço que nos armou.

— Em todo o caso, seja laço ou não — disse Schomberg -, é ele; e como é ele: Mãos às espadas! às espadas!

Era efectivamente Bussy que vinha caminhando sossegadamente pela Rua de Santo António, e seguindo com pontualidade o itinerário que lhe havia marcado Quélus; tinha sido avisado, como vimos, por Saint-Luc, e apesar do abalo muito natural que aquelas palavras lhe haviam causado, tinha resistido aos rogos dos seus três amigos, despedindo-se deles à porta do Palácio de Montmorency.

Esta era uma das bravatas de que muito gostava o valente Bussy, o qual dizia de si mesmo: Eu não sou senão um simples cavaleiro; mas tenho dentro do peito um coração de imperador, e quando leio nas Vidas de Plutarco as proezas dos Romanos antigos, sinto que sou capaz de imitar todas as acções praticadas pelos heróis da Antiguidade.

E demais, Bussy tinha pensado que o aviso de Saint-Luc, que ele não tinha em conta de seu amigo, e que na realidade só lhe havia mostrado tanto interesse em consequência da situação crítica em que se achava colocado, era com o único fim de o obrigar a acautelar-se de modo que se tornasse ridículo aos olhos dos seus inimigos, dado o caso de ter inimigos que estivessem efectivamente à sua espera.

Ora Bussy receava muito mais expor-se a fazer um papel ridículo, do que afrontar um perigo qualquer. Era tal a reputação de valentia de que gozava, mesmo para com os seus inimigos, que, para a sustentar devidamente, nunca recuava diante das mais temerárias empresas.

Para seguir pois à risca os seus modelos de Plutarco, tinha despedido os três companheiros, privando-se assim duma escolta capaz de infundir respeito a um esquadrão inteiro.

Vinha portanto sozinho, embuçado no capote, sem outras armas além da espada e do punhal, e dirigia-se para uma casa onde o

esperava, não uma namorada, como todos julgariam mas sim uma carta, que Lhe mandava todos os meses, em dia certo, a rainha de Navarra, como recordação das relações que entre ambos tinham existido, e que o valoroso cavaleiro, para não comprometer pessoa alguma, ia buscar ele mesmo a casa do portador, cumprindo assim a promessa que fizera à sua bela rainha Margarida, e a que ainda não havia faltado uma única vez.

Já tinha percorrido impunemente o espaço que medeia entre a Rua dos Agostinhos e a Rua de Santo António, quando, ao chegar à altura da Rua de Santa Catarina, a sua vista activa e penetrante lobrigou no meio da escuridão, e encostados ao muro, vultos de homens, que o duque de Anju, que não estava prevenido, não tinha avistado. Além de que, o coração do homem que deveras é valente, sente, quando se vai aproximando de qualquer perigo que prevê uma exaltação tal, que faz chegar à maior perfeição a agudeza dos sentidos e do pensamento.

Bussy contou as sombras que destacavam no escuro sobre a parede pardacenta.

Três, quatro, cinco, disse ele consigo, sem contar os lacaios, que estão provavelmente escondidos em algum outro recanto, e que hão-de acudir ao primeiro chamamento dos amos. Pelo que vejo, dão-me bastante consideração.

Cos demónios! sempre é árdua tarefa para um homem só. Bem! O honrado Saint-Luc não me enganou, e ainda que ele seja o primeiro que eu enfie na refrega, sempre lhe hei-de dizer: — Obrigado pelo aviso, meu amigo! “

Apesar destas reflexões, ia caminhando para diante; apenas desembarçou o braço direito, mas sem o desenvolver do capote que desacolchetou sem fazer movimento aparente.

Foi então que Schomberg bradou Mãos às espadas! e os quatro companheiros, repetindo o grito, saltaram ao encontro de Bussy.

— O que é isso, Senhores? — disse Bussy com todo o sossego — então querem matar o pobre Bussy? Visto isso, tratam-no como uma fera, e é ele o famoso javali que tencionavam caçar! Pois bem meus

Senhores, guardem-se dele, que o javali há-de descoser a pele de alguns, sou eu quem Lho juro, e bem sabem que não costumo faltar à minha palavra.

— Veremos! — respondeu Shomberg. — Entretanto, sempre direi que és muito malcriado, Sr. Bussy d'Amboise, por nos estares falando assim a cavalo quando todos nós estamos de pé.

E ao proferir estas palavras, o braço do mancebo, revestido de cetim branco, saiu fora do capote e fulgurou como um relâmpago ao clarão prateado da Lua, sem que Bussy pudesse atinar com a causa daquele gesto, que ele tomou por um simples movimento de ameaça.

Bussy dispôs-se logo a responder-Lhe na forma do seu costume, mas quando ia para cravar as esporas na barriga do cavalo, sentiu que o animal fraquejava e ia-se abaixo.

Schomberg, com a destreza que lhe era própria, e de que já por vezes tinha dado sobejas provas nas numerosas rixas em que tinha tomado parte apesar da sua juventude, havia arremessado uma espécie de navalha cuja Folha era mais pesada do que o cabo, e o ferro, cravando-se numa das pernas do cavalo, ficara entalado na ferida como uma machadinha num ramo de árvore.

O animal deu um rugido surdo, e caiu de joelhos a tremer.

Bussy, sempre pronto para o que desse e viesse, pôs-se logo a pé e com a espada na mão.

Ah malvado — exclamou ele. — Era o meu cavalo favorito, há-de pagar-me o que...

Entretanto Schomberg aproximou-se, impelido pelo furor, e calculando mal o alcance da espada que Bussy segurava com o braço unido ao corpo, como se calcula erradamente a distância a que podem chegar os dentes duma cobra enroscada: o braço e a espada estenderam-se, e rasgaram-lhe a coxa.

Shomberg deu um grito.

— Então! — disse Bussy — não lhes parece que tenho palavra?. Aí está já um com a pele descosida. Deves ver, Schomberg, que andaste

mal no que fizeste; era melhor que tivesses ferido o braço de Bussy do que a perna do cavalo!

E num abrir e fechar de olhos, enquanto Schomberg apertava a coxa com o lenço, Bussy apresentou a ponta da comprida espada ao rosto e ao peito dos outros quatro agressores, e isto sempre calado, porque Bussy julgava que gritar para que lhe acudissem era o mesmo que confessar que precisava de auxílio, coisa que ele nunca faria; limitou-se pois a tirar o capote dos ombros, enrolando-o no braço esquerdo para Lhe servir de escudo, e recuou, não para fugir, mas para se encostar à parede, a fim de não ser acometido pela retaguarda, porém dando sempre dez estocadas por minuto, e sentindo de vez enquanto aquela resistência mole que dá a conhecer que o ferro entrou pela carne. Numa das vezes escorregou, e olhou maquinalmente para o chão. Foi quanto bastou para Quélus lhe atirar uma estocada que o feriu num lado.

— Ferido! — gritou Quélus.

— Sim, mas foi no gibão — respondeu Bussy, que não queria confessar a ferida -; a estocada foi dada a medo.

E arremetendo para Quélus, enlaçou-lhe tão destramente a espada, que a fez saltar à distância de dez passos. Porém não pôde concluir o seu triunfo, porque ao mesmo tempo O, d'Épernon e Maugiron atacaram-no com furor.

Schomberg já tinha ligado a ferida, Quélus tinha apanhado a espada, portanto Bussy logo viu que ia ser cercado, que apenas lhe restava um minuto para se encostar novamente à parede, e que, se o não tratasse de conseguir quanto antes, estava perdido.

Bussy deu pois um pulo para trás, Ficando assim à distância de três passos dos agressores; as quatro espadas procuraram alcançá-lo, mas já era tarde, porque Bussy, com outro salto que dera, tinha conseguido encostar-se à parede.

Ali parou, e, forte como um Aquiles ou um Rolando, riu-se da tempestade de estocadas e cutiladas que lhe choviam sobre a cabeça e Lhe retiniam de roda do corpo.

De repente sentiu a testa húmida de suor e a vista turvar-se-Lhe.

Tinha esquecido que estava ferido, e aqueles sintomas de desmaio vinham-lho recordar.

— Ah! já fraquejas!. — exclamou Quélus, amiudando os golpes.

— Olha! — disse Bussy — Vê como te enganas.

E bateu-lhe na cabeça com os copos da espada. Quélus caiu redondamente no chão com o choque daquele soco de ferro.

E logo Bussy, exaltando-se, enfurecido como o javali que, depois de corrido pelos cães, se virara contra eles, deu um grito terrível, e avançou; d'O e d'Épernon recuaram.

Maugiron tinha ajudado Quélus a levantar-se e estava-o amparando.

Bussy partiu com os pés a espada deste último e acutilou Épernon num braço.

Durante um instante esteve a vitória a favor de Bussy; mas Quélus tornou a si; Schomberg, apesar de ferido, entrou novamente em cena; e as quatro espadas brilharam outra vez.

Bussy júlgou-se segunda vez perdido. Reuniu toda a sua força para efectuar a retirada, e foi recuando passo a passo para chegar à parede.

O suor frio que sentia na testa, o zunido dos ouvidos, a nuvem que tinha diante dos olhos, tudo Lhe dava a conhecer que estava exaurido de forças.

A espada já não seguia a direcção que Lhe dava o pensamento perturbado.

Bussy procurou a parede com a mão esquerda, achou-a, mas com grande admiração sua, a parede recuou. Era uma porta mal fechada.

Bussy então tomou novo alento e concentrou todas as suas forças para aquele derradeiro momento. Durante um segundo manejou a espada com tanta rapidez e deu botes tão violentos, que as espadas dos seus agressores ou se abaixaram ou se afastaram dele. Aproveitou então a ocasião para se meter dentro da porta, e, voltando-se logo que



entrou, empurrou-a com um forte encontro.

A lingueta da fechadura ressaltou na chapa-testa.

Estava tudo acabado; Bussy achava-se livre de perigo, e estava vencedor, visto ter escapado a salvo.

Então, não cabendo em si de contentamento, esteve examinando pelas grades do postigo os rostos pálidos dos seus inimigos. Ouviu as cutiladas que eles atiravam debalde à porta, e depois gritos de raiva e vozeria furiosa. Até que, por fim, lhe pareceu, de repente, que lhe faltava o chão debaixo dos pés e que a parede oscilava; deu três passos para a frente e achou-se num pátio, girou sobre si mesmo e foi cair sobre os degraus duma escada.

Depois nada mais sentiu; julgou ter caído no silêncio e escuridão do sepulcro.

### III

#### QUANTO CUSTA DIFERENCIAR, ÀS VEZES, UM SONHO DA REALIDADE

Bussy antes de cair, tinha tido tempo de entalar o lenço por baixo da camisa e de lhe apertar por cima o cinturão da espada, formando assim uma espécie de ligadura à ferida, de onde o sangue Lhe corria com abundância e a escaldar; mas quando conseguiu vedá-lo por esta forma, já tinha perdido bastante para Lhe causar o desmaio, a que não pôde resistir.

Porém, ou fosse porque naquele cérebro, excitado pela cólera e pelo sofrimento, ainda persistisse a vida debaixo da aparência dum desmaio, ou porque o desmaio tivesse cessado para dar lugar a uma febre, a que depois sucedesse um segundo desmaio, eis o que Bussy viu, ou julgou ver, durante aquele instante de crepúsculo, assim colocado entre as sombras de duas noites.

Estava num quarto guarnecido com móveis de madeira esculpida, as paredes cobertas de panos de Arrás com figuras, e o tecto pintado.

As Figuras das paredes, postas em todas as atitudes possíveis, umas com flores nas mãos, outras com lanças, pareciam mover-se todas e irem subindo para o tecto por caminhos misteriosos. Entre as duas janelas estava colocado um retrato de mulher, resplandecente de luz; porém a Bussy figurava-se que a moldura do retrato não era outra coisa senão as ombreiras duma porta.

Bussy, imóvel, pregado à cama, como se ali o houvera fixado um poder superior privado de todos os movimentos e tendo perdido todas as faculdades, excepto a de ver, olhava para todas aquelas figuras com a vista embaciada, admirando o riso desenxabido das que levavam ramalhetes, e a raiva grotesca das que brandiam, espadas. Teria ele visto já aquelas personagens, ou seria a primeira vez que as via? Era uma dúvida que a perturbação em que tinha a cabeça Lhe não deixava resolver.

De repente, a mulher do retrato saiu da moldura, e uma criatura encantadora trajando um vestido comprido de lã branca, como os que usam os anjos, com o cabelo caído sobre os ombros, olhos pretos como azeviche, e uma pele tão mimosa que lhe parecia ver circular por entre ela o sangue que a tingia de cor-de-rosa, caminhou para ele.

A mulher era tão admiravelmente formosa, e os seus braços estendidos para ele tinham tal poder de atracção, que Bussy fez um esforço violento para ir deitar-se-Lhe aos pés. Mas parecia estar preso à cama, como o cadáver está ao túmulo, enquanto que a alma imaterial, desprezando a terra, vai subindo ao céu.

Examinou então o leito em que estava deitado, e pareceu-Lhe que era um daqueles leitos magníficos lavrados no reinado de Francisco I, e do qual pendiam cortinas de damasco branco tecido com oiro.

Bussy, logo que avistou a mulher que descrevemos, deixou de prestar atenção às Figuras da parede e do tecto.

A mulher do retrato era tudo para ele, e procurava ver tal era o vácuo que ela havia deixado na moldura. Porém uma nuvem que os

seus olhos não conseguiam penetrar pairava diante do quadro e encobria-lho à vista; volveu então os olhos para aquela figura misteriosa, e com centrando o olhar em tão maravilhosa aparição, começou a dirigir-Lhe um daqueles cumprimentos em verso que ele fazia com facilidade.

Mas a mulher desapareceu subitamente: entre ela e Bussy tinha-se interposto um corpo opaco; o corpo tinha o andar pesado, e apalpava o ar com as mãos como faz a vítima no jogo da cabra-cega.

Bussy sentiu-se tomado de tal furor contra tão importuna visita, que, se se tivesse podido mover, decerto tê-la-ia espancado; devemos mesmo fazer-lhe justiça de dizer que o tentou, mas não Lhe foi possível.

Enquanto ele procurava debalde erguer-se da cama, a que parecia ligado, o recém-chegado falou.

— Então? — perguntou — ainda não chegámos?

— Sim, mestre — respondeu uma voz tão suave que fez estremecer todas as fibras do coração de Bussy -; e agora pode tirar a venda.

Bussy procurou verificar se a mulher de voz suave era a mesma do retrato, mas foi inútil a sua tentativa. Só viu diante de si um rosto de homem moço e agradável, que acabava de destapar os olhos conforme a licença que lhe fora dada, e corria a vista com espanto pelo quarto.

O diabo leve este homem! ” pensou Bussy.

E quis dar uma forma a este pensamento por meio de gestos ou palavras, mas não conseguiu nem uma nem outra coisa.

— Ah! já percebo agora — disse o mancebo, chegando-se à cama.  
— Está ferido, não é verdade, meu caro Senhor? Vejamos, vamos tratar de si, pensar a ferida.

Bussy quis responder; mas conheceu que lhe era inteiramente impossível. Sentiu um peso

sobre os olhos e umas picadas nas extremidades dos dedos, como se neles lhe tivessem cravado milhares de alfinetes.

— A ferida será mortal? — perguntou com um tal acento de dolorosa compaixão, que fez arrasar de lágrimas os olhos de Bussy, a mesma voz tão suave que já tinha falado, e que o ferido conheceu ser a senhora da retrato.

— Ainda não sei; mas já lho digo — replicou o mancebo. — Entretanto, o que é certo é estar ele muitíssimo fraco.

Foi tudo quanto Bussy pôde perceber; pareceu-lhe também que ouvia o roçar dum vestido que se afastava. Depois, julgou sentir que alguma coisa semelhante a um ferro em brasa lhe atravessava a ilharga, e acabou por perder os sentidos.

Posteriormente nunca Bussy pôde calcular qual tinha sido o tempo que havia durado aquele desmaio.

Quando acordou desse sono sentiu que um vento frio lhe açoitava o rosto e vozes roufenhas lhe feriam os ouvidos; abriu os olhos para ver se eram as figuras do pano de Arrás que estavam à bulha com as da tecto, e esperando achar ainda diante de si o retrato de que tanto gostara. Mas não viu nem panos de Arrás nem tecto. E quanto ao retrato, esse tinha desaparecido completamente. Viu um homem vestido de cinzento com um avental branco arregaçado até à cintura e manchado de sangue; ao lado direito, um frade agostinho da Rua do Templo, que lhe amparava a cabeça; e ajoelhada, na sua frente, uma velha resmungando uma reza.

A vista incerta de Bussy em breve se fitou num muro que tinha diante de si, e foi correndo os olhos até ao seu ponto mais elevado para lhe medir a altura; reconheceu então o Templo, que era naquela época um castelo flanqueado de muralhas e de torres, e por cima do Templo viu o céu branco e frio, já levemente dourado pelo nascer do Sol.

Bussy achava-se pura e simplesmente na rua, ou, para melhor dizer, à borda dum fosso, e o fosso era o do Templo.

— O!h! obrigado, boa gente — disse ele -, pelo incómodo que tiveram em me trazer para aqui. Precisava respirar o ar livre. Mas bastava que tivessem aberto as janelas, e eu estaria muito mais comodamente naquele leito guarnecido de damasco branco e oiro, do

que sobre a terra húmida. Não importa; aqui acharão no meu bolso, se é que não se pagaram já por vossas mãos, como é provável, e teria sido prudente, uns vinte escudos de oiro; tirem-nos, meus amigos, e guardem-nos, que eu lhos dou.

— Porém, meu fidalgo — respondeu o carnicheiro -, nós não tivemos o incómodo de o trazer para aqui; já aqui estava muito bem estendido. Demos consigo quando passámos esta manhã ao romper do dia.

Ah! deveras? — disse Bussy — e o médico também aqui estava?

Os circunstantes olharam uns para os outros.

— É ainda um resto de delírio — disse o frade agostinho, abanando a cabeça.

E logo, voltando-se para Bussy: — Meu filho — disselhe ele -, parece-me que não faria mal se se confessasse.

Bussy olhou para o monge com espanto.

— Não estava consigo médico algum, meu pobre rapaz — disse a velha. — O senhor estava aqui sozinho, abandonado e frio como um cadáver. Olhe: caiu alguma neve esta noite, e no lugar onde estava estendido vê-se o escuro da terra.

Bussy olhou, mas foi para a ilharga, onde sentia uma dor; recordou-se então de ter levado uma estocada, meteu a mão por dentro do gibão, e achou o lenço no mesmo sítio, apertado sobre a ferida pelo cinturão da espada.

— É coisa célebre! — disse ele.

Os três assistentes, aproveitando-se da licença que ele lhes dera, já estavam tratando de repartir entre si o conteúdo da bolsa, acompanhando este acto com imensas lamentações a respeito do desastre que lhe sucedera.

— Ora bem — disse ele, quando viu que estavam feitas as partilhas -; agora, meus amigos, levem-me para o meu palácio.

— Ah! Decerto, decerto, pobre rapaz — disse a velha -, o cortador tem bastante força, e além disso tem um cavalo em que o senhor

poderá montar.

— É verdade? — perguntou Bussy.

— É verdade sem tirar nem pôr — disse o carnicheiro e tanto eu como o meu cavalo estamos à sua disposição meu fidalgo.

— Contudo, meu filho — disse o frade -, enquanto o cortador vai buscar o cavalo, sempre seria bom que se confessasse.

— Por minha vida! — replicou Bussy, erguendo-se até ao ponto de ficar sentado — tenho toda a esperança de que ainda não é chegada a ocasião. E portanto, meu reverendo, vamos ao que mais urge. Estou com muito frio, e desejo voltar quanto antes para o meu palácio a fim de me aquecer.

— E como se chama o seu palácio?

— É o Palácio de Bussy.

— Como! — exclamaram os circunstantes. — Vai para o Palácio de Bussy?

— Sim; que admiração é essa?

— Então está ao serviço do Sr. de Bussy?

— Sou eu mesmo o Sr. de Bussy.

— Bussy? — exclamaram todos — o Sr. de Bussy, o valente Bussy, o flagelo dos favoritos do rei?. Viva Bussy!

E o jovem cavaleiro foi levado às costas dos seus auditores, que o conduziram em triunfo para o palácio, enquanto o monge se retirava dali contando o quinhão que lhe coubera dos vinte escudos de ouro, abanando a cabeça e rosnando: Se é na realidade o espadachim de Bussy, já não me admira que não se quisesse confessar. ” Bussy, logo que chegou ao palácio, mandou chamar o médico que costumava tratá-lo, e este achou que a ferida não era grave.

— Diga-me — perguntou Bussy -, esta ferida já foi curada?

— Eu sei lá! — respondeu o doutor. — Não quero afirmá-lo, se bem que parece muito fresca.

— E — disse Bussy — parece-Lhe que, apesar de não ter gravidade, me poderia ter feito delirar?

— Decerto.

Cos demónios! pensou Bussy; então aqueles panos de Arrás com as figuras que seguravam ramalhetes, as lanças, o tecto ornado de pinturas, o leito esculpido e armado de damasco branco e oiro, o retrato entre as duas janelas, aquela encantadora mulher loura com os olhos pretos, o médico que jogava a cabra-cega. Tudo aquilo seria efeito de delírio?. e só o meu conflito com os favoritos é que seria verdadeiro? Onde foi que eu briguei com eles? Ah! Agora me lembra.

Foi ao pé do Largo da Bastilha, para o lado da Rua de S. Paulo. Encostei-me a uma parede, a parede era uma porta, a porta abriu-se. felizmente. Fechei-a a muito custo, e achei-me num corredor. Depois não me recordo do que se passou até que tornei a mim. Mas eu tornei a mim, ou sonhei tudo aquilo? Essa é agora a minha dúvida. Ah! E o meu cavalo. é verdade, o meu cavalo foi provavelmente encontrado morto no largo.

— Doutor, peço-lhe que chame alguém.

O doutor chamou um criado.

Bussy indagou, e soube que o animal, apesar de aleijado e de ter perdido muito sangue, se arrastara até à porta do palácio, e que ali tinham dado com ele a relinchar quando amanhecera. Foi quanto bastou para encher de consternação todos em casa; os criados de Bussy que morriam pelo amo, tinham saído logo à sua procura, e a maior parte deles ainda não tinha voltado.

Visto isso, disse Bussy, não há senão o retrato, que ainda Fica sendo um sonho para mim, e não pode haver dúvida que foi sonho. Como é possível que um retrato saia da sua moldura para vir conversar com um médico que está com os olhos vendados? Sou eu que estou louco. E contudo. quando me lembra quanto aquele retrato era encantador!. Tinha.

Bussy começou a recordar-se circunstanciadamente do retrato, e à medida que todas as perfeições dele se lhe apresentavam à memória,

um tremor voluptuoso, semelhante ao estremecimento do amor que aquece e faz palpitar o coração, correu-lhe como um veludo pelo peito escandecido.

Dar-se-ia o caso que eu sonhasse tudo aquilo? exclamou Bussy, enquanto o doutor lhe punha os apósitos sobre a ferida. Por minha fé! É impossível; não pode haver sonhos assim. Ora vamos cá recapitular.

E Bussy tornou a repetir pela centésima vez:

Eu estava no baile; Saint-Luc avisou-me que me queriam fazer uma espera para os lados da Bastilha. Anraguet, Ribeirac e Livarat estavam comigo. Mandei-os embora. Meti-me a caminho pelo cais, Grande-Châtelet, *etc. etc.* Quando cheguei ao Palácio das Tournelles avistei os indivíduos que me esperavam. Atiraram-se a mim e estropiaram-me o cavalo. Batemo-nos encarniçadamente. Entrei num corredor; desmaiei, e depois. Ah! cá está: é este depois que me mata; houve uma febre, um delírio, um sonho, em seguimento ao tal depois. E finalmente, continuou ele com um suspiro, achei-me sobre a escarpa dos fossos do Templo, onde um frade agostinho me queria confessar.

Não descanso enquanto não examinar este negócio bem a fundo, tornou Bussy depois dum instante de silêncio, durante o qual procurou interrogar a memória.

Diga-me, doutor: ser-me-á necessário estar também em casa outros quinze dias por causa desta arranhadela, como aconteceu quando tive a última?

— É conforme. Vejamos: custa-lhe a andar? — perguntou o cirurgião.

— A mim? Pelo contrário — respondeu Bussy -, está-me parecendo que tenho azougue nas pernas.

— Dê uma volta pelo quarto.

Bussy saltou da cama a baixo, e mostrou que era verídica a sua asserção, dando prontamente uma volta pelo quarto.

— Está bom — disse o médico pode sair, contanto que não monte a cavalo e que não ande dez léguas a pé no primeiro dia.



— Ora ainda bem — exclamou Bussy — é um médico como eu gosto! E contudo, ainda estou certo de que fui curado por outro esta noite. Não há dúvida que o vi; tenho as feições dele gravadas na lembrança, e se um dia o tornar a encontrar, juro-lhe que o hei-de conhecer.

— Meu caro Senhor — disse o médico -, dou-Lhe de conselho que não intente semelhante averiguação: seria tempo baldado; sempre depois duma ferida de espada se é acometido de febre; bem devia saber isto que Lhe estou dizendo, visto ser esta a duodécima estocada que já levou.

— Oh, meu Deus! — gritou de repente Bussy, a quem uma ideia nova ocorrera, pois só pensava nos mistérios da noite — acaso começaria o meu sonho da parte de fora da porta, em lugar de começar da parte de dentro?. Não existiria porventura o corredor e a escada assim como não existiria o leito armado de damasco branco e ouro? E o retrato?. Acaso os malvados que me agrediram, julgando terem-me morto, me meteriam simplesmente até aos fossos do templo, para furtar as voltas a algum espectador da cena? Se assim foi, então sonhei certamente o que se seguiu. Pelo Santo Nome de Deus! Se é verdade esta suposição, se foram eles a causa deste sonho que me inquieta, devora e mata, juro que hei-de dar cabo de todos eles!

— Meu caro Senhor — disse o médico -, se deseja sarar quanto antes, será bom que não se agite tanto.

— Excepto, contudo, o bom Saint-Luc — prosseguiu Bussy, sem dar atenção ao que o médico dizia. — Esse está noutra caso! Portou-se como amigo. E também há-de ser a ele a minha primeira visita.

— Porém não saia antes das cinco horas da tarde — disse o médico.

— Obedecerei — disse Bussy -; se bem que possa certificar-Lhe que é mais fácil eu piorar estando aqui muito quieto e sozinho, do que saindo à rua para visitar os meus amigos.

— Isso também pode ser — respondeu o médico -; o senhor é, em todo o sentido, um doente muito extraordinário; faça portanto o que Lhe aprouver. Só lhe farei uma única recomendação: evite levar outra

estocada enquanto essa não tiver sarado.

Bussy prometeu ao médico que havia de tratar de seguir à risca a sua recomendação, e, depois de se ter vestido, mandou aprontar a liteira e ordenou que o conduzissem ao Palácio de Montmorency.

## IV

### **DE QUE FORMA A MENINA DE BRISSAC, OU POR OUTRA, A SRA. DE SAINT-LUC, TINHA PASSADO A NOITE DA SUA BODA**

Luís de Clermont, mais geralmente conhecido pelo nome de Bussy de Amboise, e que foi classificado por Brancôme, seu primo, como um dos mais distintos cabos-de-guerra do século xv, apesar de ter falecido na idade de trinta anos apenas, era um guapo cavaleiro e um fidalgo às direitas.

Nunca homem algum tinha tido conquistas mais gloriosas.

Reis e príncipes tinham procurado a sua amizade. Rainhas e princesas tinham-lhe dirigido os mais ternos sorrisos.

Bussy tinha sido o sucessor de La Mole no coração de Margarida de Navarra; e a apaixonada rainha, carecendo provavelmente de quem a consolasse, depois da morte do favorito cuja história noutra lugar escrevemos, tinha praticado tanta loucura por amor do galante e valente Bussy de Amboise, que chegou a irritar Henrique, seu marido, o qual em geral não fazia caso de tais bagatelas; e o duque Francisco nunca ceria perdoado ao amante de sua irmã se o amor que ela tinha por Bussy não houvera atraído este ao seu partido. Ainda desta vez o duque sacrificava o amor à ambição surda e falta de resolução que durante todo o curso da sua existência lhe acarretou tanto desgosto com tão pouco resultado.

Contudo, apesar de ser tão bem sucedido na guerra, na ambição e no galanteio, Bussy tinha sempre conservado uma alma inacessível a qualquer fraqueza humana; e assim como nunca tinha conhecido o que era medo, também tinha chegado à época em que o apresentamos

aos nossos leitores sem saber o que era o amor. Aquele coração de imperador que Lhe palpitava no peito, como ele costumava dizer, estava virgem e puro, semelhante ao diamante em que ainda não tocou a mão do lapidário, e que está tal qual saiu da mina onde o geraram os raios do Sol.

E por isso também não tinha lugar no coração para os pensamentos que teriam feito dele um verdadeiro imperador. Julgava-se merecedor duma coroa, e valia mais do que a coroa que lhe servia de ponto de comparação.

Henrique III tinha-lhe mandado oferecer a sua amizade, e Bussy tinha-a rejeitado, alegando que os reis tratam os amigos como criados, e às vezes pior ainda; que por consequência não lhe convinha aceitar semelhante oferecimento.

Henrique III tinha fechado os olhos a um tal insulto, que Bussy ainda agravara escolhendo o duque Francisco para seu senhor. Devemos porém observar que o duque Francisco era senhor de Bussy da mesma forma que o domador de feras é senhor do leão, a quem acaricia e sustenta com receio que o leão o devore.

Bussy era o instrumento que Francisco empregava para sustentar as suas contendas particulares.

Ele conhecia perfeitamente a sua posição, mas o papel que o obrigavam a representar convinha-lhe.

A sua teoria era pelo gosto da divisa dos Rohans, que diziam: Rei não sou, príncipe não quero ser! Sou Rohan.

Bussy dizia consigo: Não posso ser rei de França, mas o Senhor Duque de Anju pode e quer sê-lo, e eu hei-de ser o rei do Senhor Duque de Anju.

E de facto assim era.

Os criados de Saint-Luc, logo que viram aparecer à porta o temível Bussy, correram a avisar o Sr. de Brissac.

— O Sr. de Saint-Luc está em casa? — perguntou Bussy, deitando a cabeça fora das cortinas da liteira.

— Não senhor — respondeu o guarda-portão.

— Onde o poderei encontrar?

— Não sei, meu Senhor — respondeu o criado. — Estão todos em casa com muito cuidado; o Sr. de Saint-Luc desde ontem que não aparece.

— Deveras? — disse Bussy com admiração.

— Tal qual como tenho a honra de lho dizer.

— E a Sr. a de Saint-Luc?

— Oh! a Sr. de Saint-Luc, essa sim.

— Está em casa?

— Está.

— Mande pois dizer à Sr. de Saint-Luc que eu muito estimaria que ela me concedesse licença para Lhe fazer os meus cumprimentos.

Daí a cinco minutos voltou o criado a dizer que a Sr. de Saint-Luc recebia com todo o gosto a visita do Sr. de Bussy.

Bussy apeou-se, e subiu a escada. Joana tinha vindo ao encontro do mancebo até ao meio da sala do dossel. Estava muito pálida, e o seu cabelo preto como a asa dum corvo dava-lhe à palidez do rosto a cor do marfim amarelado; tinha os olhos vermelhos em consequência da dolorosa insónia que havia sofrido, e nas suas faces ainda se divisavam os sulcos prateados de lágrimas recentes.

Bussy sorriu quando notou quanto ela estava desmaiada, e já ia preparando o cumprimento do estilo motivado pelas olheiras que apresentava; mas logo que percebeu aqueles sintomas de verdadeiro sofrimento, parou no princípio do seu improviso.

— Bem-vindo seja, Sr. de Bussy — disse a Sr. a de Saint-Luc -, apesar do susto que me causa a sua presença aqui.

— Que pretende dizer, minha Senhora? — perguntou Bussy. — E como pode a minha presença ser precursora duma desgraça para si?

— Ah! Confesse-me a verdade: encontrou-se esta noite com o Sr. de

Saint-Luc?

— Eu, com o Sr. de Saint-Luc? — repetiu Bussy admirado.

— Sim. Ele afastou-me de si para lhe poder falar. O senhor é servidor do duque de Anju, e ele de el-rei. Tiveram alguma desavença? Não me oculte coisa alguma, Sr. de Bussy, rogo-Lhe! Facilmente pode avaliar o desassossego em que tenho o espírito. Bem sei que ele saiu daqui com el-rei; mas podia ir ter consigo, confesse a verdade. O que sucedeu ao Sr. de Saint-Luc?

— Minha Senhora — disse Bussy -, estou espantado com o que acabo de ouvir.

Esperava que me perguntasse notícias da minha ferida, e parece que pretende acusar-me!.

— O Sr. de Saint-Luc feriu-o? Bateu-se com o senhor? — exclamou Joana. — Ah, bem vê.

— Não, minha Senhora, não se bateu, comigo pelo menos, o meu caro Saint-Luc; e graças a Deus, não foi a mão dele que me feriu! Até direi mais: fez quanto estava ao seu alcance para que não me sucedesse mal. E demais, ele não Lhe contou já que somos agora tão amigos como Dámon e Pítio?.

— Ele? Como poderia ele dizer-mo, se não o tornei a ver?

— Não o tornou a ver? Então sempre é verdade o que me disse o seu guarda-portão?

— Que Lhe disse ele?

— Que o Sr. de Saint-Luc não tinha voltado a casa desde ontem à noite às onze horas. Nunca mais viu seu marido desde ontem à noite às onze horas?

— Infelizmente, não!

— Mas onde estará ele?

— Isso pergunto eu!

— Oh! Conte-me toda essa história, minha Senhora — disse Bussy,

que já ia desconfiando do que tinha sucedido -; há-de ser muito divertida.

A pobre senhora olhou para Bussy com pasmo.

— Não é isso que eu queria dizer. — acudiu Bussy — há-de ser muito triste.

Não faça caso, perdi muito sangue, de forma que não estou bem senhor de todas as minhas faculdades. Conte-me essa deplorável história, minha Senhora, conte! fale.

Joana, em seguida, narrou-lhe quanto sabia; isto é, a ordem que Henrique III tinha dado a Saint-Luc de o acompanhar, e a resposta dos guardas por ocasião de fecharem as portas do Louvre, donde, com efeito, ninguém mais tinha saído.

— Ah! muito bem — disse Bussy -; já percebo.

— Como? Já percebe? — perguntou Joana.

— Sim: Sua Majestade levou consigo Saint-Luc para o Louvre, e, depois de lá entrar, Saint-Luc não pôde tornar a sair.

— E por que motivo não pode Saint-Luc tornar a sair?

— Ah, isso agora. — respondeu Bussy com hesitação — é um segredo de Estado que eu não lhe posso dizer.

— Contudo — disse a noiva -, eu já fui ao Louvre, e meu pai também.

— E depois?

— Os guardas responderam-nos que não sabiam o que nós queríamos dizer, e que o Sr. de Saint-Luc já devia ter voltado para casa.

— É mais uma razão para supor que o Sr. de Saint-Luc está no Louvre — disse Bussy.

— Julga que está?

— Tenho toda a certeza, e se deseja afirmar-se também.

— Como?

— Indo lá em pessoa.

— E poderá ser?

— Decerto.

— Mas assim que eu me apresentar à porta do palácio, hão-de despedir-me, como já fizeram, e com as mesmas palavras que já me disseram; e, a dizer a verdade, se ele lá estivesse, porque haviam de proibir-me que lhe falasse?

— Torno a dizer-Lhe: quer entrar no Louvre?

— Para quê?

— Para ver Saint-Luc.

— E se ele lá não está?.

— E eu digo-Lhe que está.

— É coisa célebre!

— Não, são coisas de el-rei.

— Mas, consentir-Lhe-ão que entre no Louvre?

— Sem dúvida que sim. Eu não sou a esposa de Saint-Luc.

— Confunde-me as ideias.

— Deixe lá, venha daí.

— Como se entende este convite? Acaba de me dizer que a esposa de Saint-Luc não pode entrar no Louvre, e quer lá levar-me consigo?

— Nada disso, minha Senhora; não é a esposa de Saint-Luc que eu lá quero levar.

Uma mulher! Era o que faltava!.

— Então está zombando de mim. e acho esse divertimento muito cruel, pois bem vê como estou triste.

— Por forma alguma, minha querida Senhora! Ouça-me: tem vinte anos, é alta, tem olhos pretos e corpo esbelto: é muito parecida com o mais novo dos meus pajens, aquele rapazito bonito que todos acharam

galante ontem à noite, vestido de brocado de ouro. Já percebe?.

— Ah! Isso seria uma loucura, Sr. de Bussy! — exclamou Joana corando.

— Reflecta. Não sei de outro meio, a não ser este que lhe proponho. É, dizer sim ou não. Quer ver o seu Saint-Luc? Diga-me.

— Oh, era capaz de dar quanto possuo para o ver!

— Pois bem! Prometo-lhe que o há-de ver sem dar coisa alguma.

— Sim, mas.

— Oh, já Lhe disse como havia de ser.

— Muito bem, Sr. de Bussy! estou por tudo quanto determinar; far-me-á o favor de prevenir o rapazito que me há-de emprestar o fato, e lá mandarei uma das minhas criadas buscá-lo.

— Não é preciso; volto a casa para escolher um dos fatos novos que mandei fazer àqueles velhaquetes para o próximo baile da rainha-mãe. Mandar-Lhe-ei o que me parecer mais apropriado à sua estatura; depois irá ter ao sítio que ajustarmos, esta noite (na Rua de Santo Honorato, à esquina da Rua das Prouvelles, por exemplo), e de lá.

— E de lá...

— Então, de lá seguiremos para o Louvre juntos.

Joana desatou a rir e estendeu a mão a Bussy.

— Perdoe-me as minhas desconfianças — disse ela.

— Com todo o gosto. Proporciona-me a ocasião de pregar a uma pessoa minha conhecida uma peça que há-de fazer rir a Europa toda. Sou eu quem ainda lhe fica em agradecimento.

E despedindo-se da noiva, voltou a casa, a fim de aprontar tudo quanto era necessário para a aparatosa mascarada.

Logo que anoiteceu e deu a hora aprazada, Bussy encontrou-se com a Sr. de Saint-Luc junto à Barreira dos Sargentos. Se a noiva não viesse vestida com a farda do seu pajem, Bussy decerto não a teria conhecido. Estava linda assim disfarçada. Ambos, depois de trocarem



algumas palavras, tomaram o caminho do Louvre.

Quando chegaram à extremidade da Rua dos Fossos de Saint-Germain— d'Auxerrois, encontraram uma grande comitiva de gente que tomava toda a largura da rua e lhes tolhia o passo.

Joana assustou-se. Bussy conheceu, à luz dos archotes e pelo brilhar dos arcabuzes, que era o duque de Anju, o qual, independentemente destas circunstâncias, era bem fácil de conhecer ao longe pelo cavalo malhado em que montava, e pelo capote de veludo branco que sempre usava.

— Ah! — disse Bussy voltando-se para Joana. — Estava sem saber, meu lindo pajem, como havia de entrar no Louvre? Pois bem, sossegue agora, que vai ter uma entrada triunfal. Eh! meu Senhor! — bradou Bussy ao duque de Anju, com toda a força da sua voz.

O grito atravessou o espaço, e, apesar do tropear dos cavalos e do sussurro das vozes, chegou aos ouvidos do príncipe.

O príncipe virou a cabeça.

— És tu, Bussy? — exclamou ele com alegria; — julgava-te mortalmente ferido, e dirigia-me à tua casa da Rua de Grenelle.

— Pois, meu Senhor — disse Bussy, sem agradecer ao príncipe aquela prova de atenção — , se não morri não foi por falta de bons desejos de muita gente. Na verdade, Vossa Alteza sempre me mete em boas embrechadas, e abandona-me em bonitas posições! Ontem aquele baile de Saint-Luc era um verdadeiro covil de salteadores. Era eu o único dos seus partidários que lá estava, e por minha fé Lhe digo que por pouco não me tiraram quanto sangue tinha nas veias!

— Por Deus, Bussy! Há-de custar-lhes caro o teu sangue, hão-de pagar-mo gota por gota!

— Sim, Vossa Alteza diz isso agora — replicou Bussy com a sua costumada liberdade -, e daqui a pouco, se encontrar algum deles, mostrar-Lhe-á cara de riso. Ainda se Vossa Alteza, quando se ri, deixasse ver os dentes. mas não abre nunca os beiços!

— Pois bem! — respondeu o príncipe. — Vem comigo ao Louvre, e

verás.

— O que hei-de eu ver, meu Senhor?

— Hás-de ver o que eu vou dizer a meu irmão.

— Olhe, meu Senhor, eu não quero ir ao Louvre se é para sofrer alguma desfeita.

Isso é bom para príncipes de sangue e para os favoritos de el-rei.

— Deixa estar, que eu tomei o caso a sério.

— E promete-me que a satisfação há-de ser como eu desejo?

— Prometo-te que há-de Ficar contente. Parece-me que ainda hesitas.

— É porque conheço muito bem o génio de Vossa Alteza.

— Vem, que to digo eu. É negócio que há-de dar que falar.

— Eis aí o seu negócio arranjado — disse Bussy ao ouvido da condessa. — Vai ter lugar uma estralada temível entre os dois ternos irmãos, que morrem um pelo outro, e nesse comenos aproveitará a ocasião para ir ter com o seu Saint-Luc.

— Então que dizes? — perguntou o duque. — Estás resolvido, ou será preciso que eu empenhe a minha palavra de príncipe?

— Oh, não! — disse Bussy — Poder-me-ia acarretar alguma desgraça. Vamos lá; dê por onde der, sigo Vossa Alteza; e se alguém me insultar, saber-me-ei defender.

E dizendo isto, Bussy foi colocar-se no lugar que lhe pertencia ao lado do príncipe, enquanto que o novo pajem foi seguindo logo atrás do amo.

— Não, não — disse o príncipe, respondendo à ameaça de Bussy -, não quero que tenhas esse incómodo, meu valente cavaleiro. A vingança fica por minha conta.

Ouve — acrescentou ele devagarinho -: já sei quem foram os indivíduos que te quiseram assassinar.

— Sim! — exclamou Bussy — Pois Vossa Alteza fez favor de se

informar?

— Vi-os até.

— Como? — perguntou Bussy admirado.

— Num sítio onde eu também tinha que fazer, ao pé da Porta de Santo António; saíram-me ao encontro, e por pouco não me mataram em teu lugar. Ah! Mal pensava eu que era de ti que os malvados estavam à espera, porque se eu soubesse!

— Então? Se soubesse.

— Levavas contigo este pajem novo? — perguntou o príncipe, deixando a ameaça em meio.

— Não, meu Senhor — disse Bussy — ia só; e Vossa Alteza?

— Eu ia com Aurilly. Mas por que ias tu só?

— Porque desejo conservar a alcunha de Valente Bussy, que eles me puseram.

— E feriram-te? — perguntou o príncipe com rapidez, para fingir que não tinha percebido o remoque.

— Não quero dar-Lhes a satisfação de o confessar — respondeu Bussy -; mas dir-lhe-ei em segredo que levei uma estocada mestra numa ilharga.

— Ah! que malvados! — exclamou o príncipe; — bem me dizia Aurilly que eles estavam ali com más intenções.

— Pois então — perguntou Bussy — Vossa Alteza viu a espera? Vossa Alteza estava com Aurilly, que maneja a espada quase tão bem como o alaúde; ele disse a Vossa Alteza que aqueles homens estavam ali com más intenções, e, sendo dois, quando eles eram cinco, não ficaram à espreita para dar auxílio à pessoa que eles agredissem?

— Então que queres tu? Eu não sabia para quem era a espera.

— Com mil diabos! Logo que Vossa Alteza viu que os da espera eram amigos de el-rei Henrique III, devia concluir que a vítima havia de ser algum amigo seu.

Ora, como eu sou, a bem dizer, o único homem que tem o arrojo de se confessar seu amigo, claro estava que o caso era comigo.

— Sim, pode ser que tenhas razão, meu caro Bussy — disse Francisco -; porém nada disso me acorreu.

— Enfim!. — suspirou Bussy, como quem não achava outra palavra para exprimir o que pensava a respeito do seu senhor.

Chegaram ao Louvre.

O capitão da guarda e os porteiros vieram receber o duque de Anju.

Havia ordens severas para não deixar entrar pessoa alguma. Mas tais ordens não eram extensivas, como bem se pode supor, à primeira pessoa do reino depois de el-rei.

O príncipe internou-se portanto com toda a sua comitiva por baixo da arcada da ponte levadiça.

— Meu Senhor — disse Bussy ao entrar no pátio principal -, vá fazer o seu espalhafato, e lembre-se que me prometeu que havia de ser solene. Eu deixo-o para ir falar com uma pessoa da minha amizade.

— Tu abandonas-me, Bussy? — disse com alguma inquietação o príncipe, que tinha contado com a sua presença.

— Assim é preciso; mas não Lhe dê cuidado: quando a questão tiver chegado ao seu auge, ver-me-á aparecer. Grite, meu Senhor, grite muito, para que eu o possa ouvir. Porque desde já o previno que se não ouvir gritar não acudo.

E logo, aproveitando a ocasião em que o duque entrava para a sala, tomou furtivamente, acompanhado de Joana, a direcção dos quartos.

Bussy conhecia o interior do Louvre como o do seu próprio palácio. Tomou por uma escada particular, meteu-se por dois ou três corredores solitários, e chegou a uma espécie de antessala.

— Espere aqui por mim — disse ele para Joana.

— Oh, meu Deus! Deixa-me aqui sozinha? — disse a noiva.

— É indispensável; vou explorar o caminho, para lhe proteger a entrada.

## V

### DE QUE MANEIRA A MENINA DE BRISSAC, OU POR OUTRA, A SRA. DE SAINT-LUC, PASSOU A SEGUNDA NOITE DO SEU NOIVADO

Bussy foi direito à sala das armas, de que tanto gostava o rei Carlos IX, e que, por uma nova distribuição, tinha sido transformada em quarto de cama de Henrique III, que a tinha mandado arranjar para seu uso.

Carlos IX, rei caçador, ferreiro e poeta, tinha reunido naquele quarto trompas de caça, arcabuzes, manuscritos, livros e estojos de instrumentos.

Henrique III tinha mandado armar dois leitos guarnecidos de veludo e cetim, e os ornatos do aposento constavam de pinturas muito licenciosas, de relíquias, de escapulários benzidos pelo papa, de almofadinhas de cheiro vindas do Oriente, e duma colecção das mais lindas espadas de esgrima.

Bussy sabia que Henrique não estava decerto no quarto, visto o irmão ter-lhe mandado pedir uma audiência no seu gabinete; mas também sabia que próximo ao quarto de el-rei ficava o da ama de Carlos IX, que tinha sido destinado por Henrique para os seus favoritos. E como Henrique III era um príncipe muito volúvel nas suas amizades, o aposento tinha sido ocupado sucessivamente por Maugiron, d'O, d'Épernon, Kélus e Schomberg; e naquela ocasião, segundo desconfiava Bussy, devia necessariamente ali estar Saint-Luc, por quem o rei, como já vimos, tinha sentido de repente um tal ataque de ternura, que o roubara à esposa.

É que Henrique III, cuja organização singular o tornava ao mesmo

tempo inútil e profundo, medroso e valente, sempre aborrecido, sempre inquieto, sempre meditabundo, carecia de contínua distracção: de dia queria bulha, jogos, exercícios, peloticas, mascaradas e intrigas; à noite, luz, tagarelices, rezas ou devassidões. Pode-se dizer que Henrique III é quase a única personagem deste género que se encontra na história do mundo moderno.

Henrique III, em tudo semelhante aos hermafroditas da Antiguidade, estava decerto destinado a ver a luz do dia em alguma cidade do Oriente, e a viver no meio de escravos, de eunucos, de filósofos e de sofistas; e o seu reinado devia assinalar uma era particular de moleza, de depravação e extravagâncias, entre os reinados de Nero e de Heliogábalo.

Ora Bussy, desconfiado de que Saint-Luc estava no quarto da ama, foi bater à porta da antessala que dava serventia para os dois aposentos.

O capitão da guarda real veio abrir.

— O Sr. de Bussy? — exclamou o oficial com espanto.

— Sim, eu mesmo, meu caro Sr. de Nancey — respondeu Bussy. — El-rei deseja falar ao Sr. de Saint-Luc.

— Muito bem — respondeu o capitão. — Vão avisar o Sr. de Saint-Luc que el-rei Lhe quer falar.

Bussy piscou o olho para o pajem pela greta da porta.

E depois, voltando-se para o Sr. de Nancey:

— Então em que se ocupa o pobre Saint-Luc? — perguntou Bussy.

— Está jogando com Chicot, à espera de el-rei, que foi agora mesmo dar audiência ao Senhor Duque de Anju.

— Dá-me licença que eu diga ao meu pajem que espere aqui por mim? — disse Bussy para o capitão da guarda real.

— Com todo o gosto — respondeu este.

— Entra, João — disse Bussy para a noiva.

E designou-Lhe com o dedo o vão duma janela, onde ela se foi refugiar. Apenas ela se encafuara, entrou Saint-Luc. O Sr. de Nancey, por delicadeza, afastou-se para não ouvir a conversa.

— Que mais quer el-rei? — perguntou Saint-Luc, com voz desabrida e parecer carrancudo.

— Ah! é o Sr. de Bussy.

— Em pessoa, meu querido Saint-Luc. E primeiro que tudo.

Falou mais baixo.

— Primeiro que tudo, agradeço-Lhe o favor que me fez.

— Ah! — disse Saint-Luc — não havia coisa mais natural; repugnava-me ver que queriam assassinar um valente cavaleiro. Pensei que o tivessem morto.

— Não, mas pouco faltou; e pouco, num caso destes, sempre é uma coisa enorme.

— Como assim?

— É porque Sempre levei uma bonita estocada, que paguei com usura, segundo creio, a Schomberg e a d'Epernon. Quanto a Quélus, esse que agradeça aos casos do seu crânio. É o mais rijo que encontrei na minha vida.

— Ah, conte-me toda essa aventura; servirá para me distrair — disse Saint-Luc com um descomedido abrimento de boca.

— Não tenho tempo para isso agora, meu caro Saint-Luc. Vim aqui para outro fim. Pelo que vejo está muito aborrecido.

— Como um rei não pode estar mais.

— Pois bem! Venho aqui para o distrair. Um serviço paga-se com outro.

— Tem razão, e o obséquio que me faz não é inferior ao que de mim recebeu.

Também se morre de aborrecimento como se morre duma estocada; leva mais tempo, mas é morte mais certa.



— Pobre conde! — disse Bussy. — Bem me parecia a mim que estava aqui preso.

— Preso, e muito preso. El-rei afirma que a minha conversação lhe é indispensável para se distrair. El-rei tem imensa bondade, porque desde ontem Lhe tenho feito mais caretas do que o seu saguim, e tenho-lhe dito mais brutalidades do que o seu bobo.

— Pois então vejamos. Não será possível que eu lhe preste algum serviço, como há pouco lhe oferecia?

— É possível, sim — disse Saint-Luc -; desejava que fosse a minha casa, ou, para melhor dizer, a casa do marechal de Brissac, para tranquilizar a minha pobre mulher, que há-de estar com muito cuidado, e que decerto há-de ter estranhado muito o meu procedimento.

— Que lhe hei-de eu dizer?

— Conte-lhe o que viu; isto é, que estou preso; e que há ordem nas portas para não me deixarem sair; el-rei, desde ontem, não faz senão falar-me em amizade, como Cícero, que tanto escreveu sobre o assunto, e em virtude, como Sócrates, que também a praticou.

— E que respostas lhe dá? — perguntou Bussy, rindo-se.

— Respondo-lhe que, a respeito de amizade, sou um ingrato, e a respeito da virtude, um perverso; mas não obstante isso vai teimando, e repete-me a suspirar: Ah, Saint-Luc! A amizade não passa duma quimera! Ah, Saint-Luc! A virtude não é senão uma palavra vã! ” E depois de mo dizer em francês, diz-mo em latim e repete-mo em grego.

O pajem, em que Saint-Luc ainda não tinha reparado, deu uma gargalhada a estas palavras.

— Então que quer, meu caro amigo? Pensa que assim o enternece. é isso unicamente quanto posso fazer em seu serviço?

— É infelizmente; eu pelo menos assim o creio.

— Bom, nesse caso já cumpri o seu desejo.

— Como?

— Logo desconfiei de tudo isso que lhe sucedeu, e tudo contei a sua esposa.

— E ela o que disse?

— Não quis acreditar-me a princípio. Mas — prosseguiu Bussy, olhando a furto para o vão da janela — estou persuadido de que há-de estar convencida. Peça-me pois outra coisa, alguma empresa muito difícil, ou mesmo impossível, para eu ter o gosto de a levar a cabo.

— Pois então, meu querido Bussy, trate de pedir emprestado por alguns instantes o hipogrifo do gentil cavaleiro Astolfo, e aproxime-se a cavalo nele duma das janelas do meu quarto; eu montarei à garupa, e levar-me-á a minha mulher. Ficará depois habilitado, se quiser, a ir viajar até à Lua.

— Meu caro amigo — respondeu Bussy -, ainda há outro meio mais simples: é levar o hipogrifo a sua esposa, e vir ela visitá-lo.

— Aqui?

— Sim, aqui.

— Ao Louvre?

— Ao Louvre mesmo. Diga-me: não Lhe parece que havia de ter mais graça?

— Oh, decerto! Isso não padece dúvida.

— E logo lhe passava o aborrecimento?

— Juro-lhe que sim.

— Porque, segundo me disse, está muito enfastiado.

— Pergunte-o a Chicot. Tomei-Lhe tal ódio desde esta manhã, que já Lhe ofereci três estocadas. O desavergonhado zangou-se tanto, que qualquer outro teria desatado às gargalhadas. Pois eu, nem pestanejei. Mas parece-me que, se isto continuar, passo a matá-lo para me distrair, ou obrigo-o a matar-me.

— Tome sentido, não brinque com ele; sabe muito bem que Chicot

é bom jogador de espada. Lembre-se de que um esquite ainda é menos divertido que uma prisão.

— Não sei qual dos dois seja preferível.

— Ora vamos! — disse Bussy, rindo; — quer que lhe deixe o meu pajem?

— A mim?

— Sim; é um rapaz de muita habilidade.

— Obrigado — respondeu Saint-Luc -, detesto os pajens. El-rei deu-me licença para mandar vir para aqui o que mais me agradasse dos meus, e eu não aceitei.

Ofereça-o a el-rei, que está organizando o pessoal da sua casa. Eu protesto que logo que sair daqui hei-de pôr em prática aquilo que se fez em Chenonceaux, na ocasião do banquete: não hei-de ter para me servir senão mulheres.

— Histórias! — disse Bussy, teimando. — Experimente sempre.

— Bussy — replicou Saint-Luc com enfado -, não parece bem estar zombando assim comigo.

— Aceite o que lhe ofereço.

— Não aceito.

— Se eu Lhe estou dizendo que há-de gostar dele!.

— Não, não! cem vezes não!

— Eh, pajem, vem aqui.

— Esta só pelo demónio!. — exclamou Saint-Luc. O pajem deixou a janela e aproximou-se ruborizado.

— Oh!. oh! — murmurou Saint-Luc, pasmado de ver Joana com a libré de Bussy.

— Então? — perguntou Bussy. — Ainda instará para que o mande embora?.

— Não, por Deus, não! — exclamou Saint-Luc. — Ah, Bussy! Fico-

Lhe devedor duma amizade eterna!

— Cuidado, Saint-Luc; não nos ouvem, mas estão olhando para nós.

— É verdade — respondeu este.

E depois de ter dado dois passos ao encontro da mulher, recuou três.

Com efeito, o Sr. de Nancey, a quem havia causado admiração a pantomina demasiado expressiva de Saint-Luc, já ia começando a escutar a conversa, quando um grande motim, que soou na sala do conselho, o tirou da sua preocupação.

— Ah! meu Deus! — exclamou o Sr. de Nancey — Parece-me que lá está el-rei altercando com alguém.

— É verdade que assim parece — replicou Bussy, fingindo assustar-se -; será porventura com o duque de Anju, em cuja companhia eu vim?

O capitão da guarda real pôs a espada à cinta e abalou na direcção da galeria, onde, efectivamente, a bulha de uma acalorada discussão atroava as abóbadas e as paredes.

— Então não Lhe parece que arranjei muito bem as coisas? — disse Bussy voltando-se para Saint-Luc.

— O que sucedeu então? — perguntou este.

— Sucedeu que o Senhor Duque de Anju e el-rei estão neste instante à unhada um ao outro; e como a cena deve ser lindíssima, vou para lá sem demora, para que não me escape o menor incidente. E o senhor aproveite a ocasião do barulho, não para fugir, porque el-rei mandá-lo-ia logo procurar, mas para esconder em lugar seguro este galante pajem que aqui lhe deixo; será possível?

— É, sim! E ainda que não fosse, algum jeito se lhe havia de dar; mas, felizmente, finjo-me doente, e não saio do quarto.

— Nesse caso. adeus, Saint-Luc; minha Senhora, peço-lhe que se lembre de mim nas suas orações.

E Bussy, contentíssimo por ter pregado aquela peça a Henrique III, saiu da antessala, e foi para a galeria, onde o rei, vermelho de raiva, afirmava ao duque de Anju, pálido de furor, que na cena da noite precedente o provocador tinha sido Bussy.

— Eu assevero-lhe, Senhor — gritava o duque de Anju -, que d'Épernon, Schomberg, d'O, Maugiron e Quélus o esperavam junto do Palácio das Tournelles.

— Quem Lho disse?

— Vi-os eu mesmo, Senhor, com os meus olhos.

— Conheceu quem eles eram apesar da escuridão, não é verdade? Porque a noite estava escura como uma...

— Também lhe direi que não foi pelos rostos que os conheci.

— Então por onde foi? Pelos ombros?.

— Não senhor; pelas vozes.

— Falaram-lhe, foi?

— Fizeram ainda mais: pensaram que era Bussy, e atacaram-me.

— Ao senhor?

— Sim, a mim.

— E que negócio o levava à Porta de Santo António?

— Não é da sua conta!

— Quero sabê-lo. Estou hoje muito curioso.

— Ia a casa de Manassés.

— A casa de Manassés? Dum judeu?

— E o senhor não vai às vezes a casa de Rugieri, que é um nigromante?...

— Eu vou onde me apraz, sou rei.

— Isso não é resposta.

— E demais, como já disse, o provocador foi Bussy.

— Bussy?

— Sim.

— Onde?

— No baile de Saint-Luc.

— Pois Bussy desafiou cinco homens? Essa não engulo eu! Bussy é valente, mas ainda não endoideceu.

— E se eu lhe disser que presenciei o desafio?... E tanto se prova que ele era capaz de desafiar cinco homens, apesar de tudo quanto diz, que brigou efectivamente com eles, ferindo Schomberg numa coxa, d'Épernon num braço, e amolgando a cabeça de Quélus.

— Sim! deveras?... — disse o duque. — Isso não me tinha ele contado. Hei-de dar-Lhe os parabéns.

— E eu — disse o rei — não hei-de dar os parabéns a pessoa alguma, mas hei-de infligir um castigo exemplar ao tal mata-mouros.

— Pois eu — respondeu o duque -, a quem os seus amigos insultam, atacando não somente Bussy, mas a mim também, quero saber se sou ou não seu irmão, e se existe em França à excepção de Vossa Majestade, um homem que se atreva a olhar para mim cara a cara, sem que o respeito ou o temor o obrigue a baixar os olhos.

Nesta ocasião, Bussy, atraído pela gritaria dos dois irmãos, apareceu à porta, elegantemente vestido com um fato de cetim verde-salsa, enfeitado de laços cor-de-rosa.

— Meu Senhor — disse ele, indo inclinar-se diante de Henrique III — permita que Lhe apresente os meus muito humildes respeitos.

— Ainda bem! Ei-lo aqui — disse Henrique.

— Vossa Majestade, segundo vejo, fazia-me a honra de se ocupar de mim... - disse Bussy.

— Sim — respondeu o rei -; e estimo muito vê-lo, porque, apesar do que me disseram o seu parecer está inculcando perfeita saúde...

— Meu Senhor, as sangrias refrescam o parecer — disse Bussy -, e

eis o motivo por que devo necessariamente ter hoje o parecer muito fresco.

— Pois bem: se o atacaram e feriram, queixe-se, Sr. de Bussy, que eu farei justiça.

— Dê-me licença que Lhe diga, meu Senhor — replicou Bussy -, que nem me atacaram nem me feriram, e que eu não me queixo de pessoa alguma.

Henrique ficou atónito e olhou para o duque de Anju.

— Então que história foi a que me contou? — perguntou ele.

— Eu disse que Bussy levou uma estocada que Lhe atravessou a ilharga.

— É verdade, Bussy? — perguntou o rei.

— Visto que o irmão de Vossa Majestade assim o afirma — disse Bussy — deve ser verdade; um príncipe de sangue nunca pode mentir.

— E então não se queixa, tendo levado uma estocada na ilharga? — disse o rei.

— Eu só me queixaria, meu Senhor, se, para obstar a que me vingasse por minhas mãos me cortassem a mão direita; e ainda assim — prosseguiu o indómito duelista -, havia de fazer a diligência por me vingar com a esquerda.

— Insolente! — murmurou Henrique.

— Senhor — disse o duque de Anju -, falou há pouco em justiça. Pois bem, faça justiça; é isso mesmo que pretendemos. Mande tirar uma devassa, nomeie os juízes, e determine-lhes que tratem de averiguar quem eram os autores da cilada e quem tinha ordenado o assassínio.

Henrique corou.

— Não — respondeu ele -; prefiro ficar ignorando ainda desta vez quem são os culpados, e compreender todos num perdão geral. Antes quero que estes inimigos tão encarniçados façam as pazes; e tenho pena que Schomberg e d'Épernon não possam sair de casa por causa

das Feridas. Ora diga-me, Senhor Duque de Anju, qual era, na sua opinião, o mais enfurecido de todos os meus amigos? Há-de ser-Lhe fácil indicar-mo, visto que os encontrou.

— Senhor — replicou o duque de Anju -, era Quélus.

— Não há dúvida que assim era — disse Quélus -, não o nego, e Sua Alteza observou muito bem.

— Pois nesse caso — disse Henrique -, o Sr. de Bussy e o Sr. de Quélus hão-de Fazer as pazes em nome de todos.

— Oh! oh! — exclamou Quélus. — O que quer isso dizer, Senhor?

— Quer dizer que se hão-de abraçar, neste mesmo instante, aqui, na minha presença. Quélus franziu a testa.

— Então, signor? — disse Bussy voltando-se para onde estava Quélus e imitando os gestos italianos dos arlequins — não quer conceder-me esse favor?.

A Facécia foi tão inesperada, e Bussy fez uma cara tão cómica, que o próprio rei desatou a rir.

Em seguida, chegando-se a Quélus:

— Andantepresto cavalier-disse ele -, el-rei assim o determinou.

E deitou-Lhe os dois braços ao pescoço.

— Este abraço não nos obriga a ficarmos amigos um do outro, não é assim? - disse Quélus baixinho para Bussy.

— Fique descansado — respondeu Bussy no mesmo tom de voz. — Havemos de nos tornar a encontrar mais dia menos dia.

Quélus, com a cara muito vermelha e o cabelo desgadelhado, recuou cheio de cólera.

Henrique ficou de parecer carregado, e Bussy, continuando a fazer de arlequim, deu uma pirueta e saiu da sala do conselho.

Acabava de adquirir um inimigo mortal; por causa daquele abraço grotesco.



## VI

### QUAIS ERAM AS CERIMÔNIAS QUE TINHAM LUGAR QUANDO SE RECOLHIA O REI HENRI III

Depois da cena que descrevemos, começada em tragédia e acabada em comédia, e de que logo se espalhou a notícia fora do Louvre, o rei, ainda sobremaneira agastado, seguiu para os seus aposentos, acompanhado de Chicot.

— Não tenho vontade de comer — disse o rei ao entrar da porta.

— Pode ser que assim seja — disse Chicot -, porém eu estou com fome, e não se me dava de ocupar os queixos.

O rei fez que não tinha ouvido.

Desacolchetou o manto e pô-lo em cima da cama, tirou o gorro, que trazia pregado ao cabelo com alfinetes pretos compridos, e atirou-se para cima duma cadeira; feito isto, encaminhou-se para o corredor que ia ter ao quarto de Saint-Luc, o qual era separado de seu por um tabique unicamente:

— Espera aqui por mim, bobo — disse ele -, que eu já volto.

— Oh! Não tenhas pressa, meu filho — disse Chicot -, não tenhas pressa; até desejo mesmo — prosseguiu ele, escutando o som das passadas de Henrique afastando-se — que me dê tempo a preparar-te uma surpresa.

E logo que deixou de ouvir o rumor das passadas:

— Eh! Chegue cá! — gritou ele, abrindo a porta da antessala.

Apresentou-se um criado.

— El-rei mudou de parecer — disse ele -, quer cear; traga uma ceia muito delicada para Sua Majestade e Saint-Luc. Sua Majestade recomenda especialmente que haja todo o cuidado na escolha do

vinho. Vá depressa.

O criado virou costas e foi de corrida executar as ordens de Chicot, que ele julgou serem dadas pelo rei.

Quanto a Henrique, tinha ido, como já dissemos, para o quarto de Saint-Luc, o qual, avisado da visita de Sua Majestade, se metera na cama e estava ouvindo as rezas que lia junto dele um criado velho, que, tendo-o acompanhado na sua vinda para o Louvre, ali ficara preso juntamente com ele.

O pajem que lhe trouxera Bussy dormia a sono solto, com a cabeça encostada às mãos, numa cadeira de braços dourada colocada a um canto.

O rei avistou todos estes pormenores logo ao primeiro relance.

— Que rapaz é aquele? — perguntou ele a Saint-Luc.

— Vossa Majestade, quando exigiu que eu ficasse, não me deu licença para mandar vir um pajem?

— Não há dúvida — respondeu Henrique III.

— Pois bem, aproveitei-me da licença!

— Ah!.

— Vossa Majestade estará arrependido de me ter concedido esta distração? - perguntou Saint-Luc.

— Não, meu Filho, não; distrai-te! Pelo contrário Então, estás melhor?

— Meu Senhor — disse Saint-Luc -, estou com muita febre.

— Com efeito — disse o rei -, tens a cara muito afogueada, meu Filho. Dá cá o pulso! bem sabes que eu também entendo de medicina.

Saint-Luc estendeu-lhe a mão com um gesto de enfado muito visível.

— Olé! — disse o rei. — Está intermitente e agitado.

— Oh, meu Senhor, — replicou Saint-Luc -, é que na realidade estou muito doente.

— Deixa estar — disse Henrique -, hás-de ser tratado pelo meu próprio médico.

— Muito obrigado, meu Senhor.

— E eu mesmo ficarei de guarda a ti.

— Isso, meu Senhor, nunca hei-de consentir...

— Vou mandar fazer uma cama para mim, aqui no teu quarto, Saint-Luc. Havemos de levar toda a noite a conversar. Tenho imensas coisas a dizer-te.

— Ah! — exclamou Saint-Luc com desesperação. — Diz que é médico, que é meu amigo e não me quer deixar dormir!... Sempre lhe digo, doutor, que é muito célebre o método que usa para curar os seus doentes! Cos demónios, meu Senhor! é na verdade extraordinária a maneira por que mostra estimar os seus amigos!

— Pois diz-me: queres ficar sozinho, assim doente?.

— Fica comigo o meu pajem João.

— Mas está a dormir...

— Assim é que eu gosto da gente que fica tomando sentido em mim; ao menos enquanto dormem não obstam a que eu durma também.

— Consente ao menos que eu te fique fazendo companhia juntamente com ele.

Prometo que não hei-de falar senão quando acordares.

— Meu Senhor, eu, quando acordo, sou insuportável, e só quem está muito acostumado a viver comigo é que pode desculpar todos os disparates que digo e faço enquanto não desperto de todo.

— Visto isso, não teimo; mas vem tu ao menos acompanhar-me enquanto me deito.

— E depois consentirá que eu venha deitar-me?

— Consinto sim.

— Então lá vou. Mas desde já advirto Vossa Majestade que há-de

ter em mim um bem triste coctesão. Estou mesmo a cair com sono.

— Dou-te licença para bocejares quantas vezes tiveres vontade.

— Não pode haver igual tirania! — disse Saint-Luc; — de que Lhe servem os outros seus amigos?

— Ah, sim!... estão frescos, na verdade! Não sabes que Bussy os deixou feridos? Schomberg tem uma coxa aberta, d'Épernon tem o pulso golpeado como uma manga espanhola. Quélus ainda tem a cabeça atordoada da pancada que levou ontem com os copos da espada, e do abraço que hoje recebeu. Restam-me unicamente d'O, que me causa um tédio mortal, e Mauron, que está amuado comigo. Vamos lá, acorda aquele patife do teu pajem, e manda que te traga um roupão.

— Senhor, se Vossa Majestade quisesse ter a bondade de me deixar só...

— Para quê?

— O respeito.

— Eu não reparo.

— Senhor, daqui a cinco minutos estarei na câmara de Vossa Majestade.

— Bem. seja daqui a cinco minutos; mas toma sentido que não te dou mais que cinco minutos; e durante esse tempo, Saint-Luc, vê se te ocorre alguma história divertida para rirmos ambos um pouco.

E proferidas estas palavras, o rei, que só tinha conseguido metade do que queria, saiu imediatamente, satisfeito.

Ainda bem ele não tinha fechado a porta, acordou de sobressalto o pajem e foi num pulo escutar ao reposteiro.

— Ah, Saint-Luc — disse o pajem logo que deixou de ouvir a bulha dos passos -, vais deixar-me outra vez! Meu Deus, que suplício este! Eu morro de susto aqui. Se por acaso descobrissem!.

— Minha querida Joana — disse Saint-Luc, designando o criado velho. — Gaspar fica aqui para te proteger.

— Parece-me que seria melhor que me fosse embora — disse ela corando.

— Se assim o exiges positivamente, Joana — disse Saint-Luc com tristeza -, mandar-te— ei acompanhar até ao Palácio de Montmorency, porque a proibição de sair daqui entende-se só comigo. Porém, se quisesses ser tão boa quanto és formosa, se tivesses no coração algum amor pelo pobre Saint-Luc, esperarías por ele aqui um instante. Eu vou disposto a ter tantas dores de cabeça e de entranhas, e tantos ataques de nervos, que el-rei não há-de querer por certo junto de si uma companhia tão sensaborona, e mandar-me-á logo deitar.

Joana baixou os olhos.

— Vai pois — disse ela -, aqui esperarei; mas agora digo eu como el-rei: não te demores muito.

— Joana, minha querida Joana, és um anjo! — disse Saint-Luc. — Confia em mim, que hei-de voltar quanto antes para a tua companhia. Demais a mais, ocorreu-me agora uma ideia; vou discutila no pensamento, e quando voltar dir-te-ei o resultado.

— Uma ideia de que. poderá resultar a tua liberdade?.

— Assim o espero.

— Então vai.

— Gaspar — disse Saint-Luc -, não deixes entrar pessoa alguma. Daqui a um quarto de hora, fecha a porta à chave, e leva-ma a chave aos aposentos de el-rei.

Depois irás dizer a casa que não estejam com cuidado na Senhora Condessa, e só amanhã voltarás.

A noiva corou quando ouviu dar estas ordens, que Gaspar, sorrindo-se, prometeu executar.

Saint-Luc pegou na mão da mulher, beijou-a com ternura, e partiu, correndo, para o quarto de Henrique, que já ia perdendo a paciência.

Joana, tendo ficado sozinha e a tremer embrulhou-se nas dobras das amplíssimas cortinas do leito, e começou a meditar, procurando

também ver se lhe ocorria alguma ideia para sair triunfante da posição tão singular em que se achava colocada.

Quando Saint-Luc entrou no aposento do rei logo Lhe atacou o olfacto o cheiro activo e voluptuoso de que estava impregnada a atmosfera. Os pés do rei descansavam efectivamente sobre uma multidão de flores espalhadas pelo chão e às quais tinham arrancado as hastes com receio de que magoassem a pele delicada de Sua Majestade; as rosas, jasmims, violetas e cravos, ali reunidos apesar do rigor da estação, formavam uma odorífera e macia alcatifa aos pés de Henrique III.

A mobília do quarto, cujo tecto havia sido rebaixado e adornado de primorosas pinturas constava, como já dissemos, de dois leitos, um deles tamanho gigante que, apesar de ter a cabeceira encostada à parede, tomava quase uma terça parte do quarto.

O leito maior tinha uma armação de seda tecida com ouro, a qual representava as figuras da história mitológica de Cénio ou Cénis, que ora era homem ora, era mulher, metamorfose esta que não se efectuava, como bem se pode presumir, senão a poder dos mais extravagantes esforços da imaginação do desenhador.

O guarda-pó do leito era dum tecido de prata ornado de palhetas de ouro e de figuras de seda; e umas armas reais, ricamente bordadas, estavam pregadas na frente do dossel.

Os cortinados das janelas eram de fazenda igual à da armação do leito, bem como as cadeiras e os sofás. Do centro do tecto pendia, segura a uma corrente de ouro, uma lâmpada de prata dourada, na qual ardia um azeite que exalava um perfume delicioso.

Ao lado direito da cama, uma estátua de ouro, figurando um sátiro, servia de base a um candelabro, no qual ardiam quatro velas de cera cor-de-rosa, e também perfumadas.

As velas, da grossura de tochas, davam uma porção tal de luz, que, juntamente com a da lâmpada, era quanto bastava para alumiar perfeitamente o quarto.

O rei, com os pés descalços postos sobre as flores de que se achava

alastrado o sobrado, estava sentado numa cadeira de espaldar de ébano cem incrustações de ouro; tinha no colo sete ou oito cães guedelhudos, muito novinhos, que lhe titilavam agradavelmente as mãos lambendo-as.

Dois criados estavam junto dele, ocupados em Lhe apertar o encrespado cabelo, que ele usava levantado como as mulheres, e em Lhe pentear o retorcido bigode e a mal semeada barba.

Um terceiro estendia pelo rosto do príncipe uma camada duma pomada cor-de-rosa que deitava um cheiro particular e muito agradável.

Henrique estava com os olhos fechados e sofria todas aquelas operações tão sério e com tanta gravidade como se fora a divindade dum pagode da Índia.

— Saint-Luc! — dizia ele — onde está Saint-Luc?

Saint-Luc entrou.

Chicot pegou-Lhe pela mão e trouxe-o à presença do rei.

— Aqui está — disse ele para Henrique -, eis o teu amigo Saint-Luc; vê se lhe ordenas que se besunte também com a tua pomada, porque se não tomares essa medida indispensável, há-de suceder de duas uma: ou ele há-de achar que tu cheiras demasiadamente bem, ou tu hás-de julgar que ele fede muito. Vamos lá!

Venham também para mim a pomada e os pentes!

— exclamou ele, estirando-se numa poltrona defronte do rei; — eu também sou gente.

— Chicot, Chicot! — gritou Henrique — a tua pele está muito ressequida, havia de absorver muita pomada; esta apenas chega para mim; e o teu cabelo é tão rijo, que me daria logo cabo de todos os pentes.

— A minha pele ressequiu-se com o sol que apanhei nas campanhas que fiz por tua causa, príncipe ingrato; e se tenho o cabelo tão rijo, é porque os desgostos que me dás me conservam

continuamente eriçado, Mas visto que me negas uma pouca da tua pomada para as minhas faces, a fim de amaciar o exterior da minha pessoa, deixa estar, meu filho, que eu te direi.

Henrique encolheu os ombros, como quem estava pouco disposto a achar graça às baboseiras do bobo.

— Cala-te! — disse ele. — Basta de disparates.

E depois, voltando-se para Saint-Luc:

— Então, meu filho — disse ele -, como vai a cabeça?

Saint-Luc levou a mão à testa e deu um gemido.

— Saberás — prosseguiu Henrique — que falei a Bussy d'Amboise. Ai!. toma sentido — disse ele para o cabeleireiro -, estás a queimar-me!

O cabeleireiro pôs-se de joelhos.

— Falou a Bussy d'Amboise, meu Senhor? — perguntou Saint-Luc estremecendo.

— É verdade — respondeu o rei -; e hás-de acreditar que aqueles toleirões o atacaram sendo eles cinco contra um, e que não o aviaram?. Hei-de mandá-los rodar vivos. Olha se tu lá estivesses, Saint-Luc, que te parece?.

— Meu Senhor — respondeu o mancebo -, é muito provável que não fosse mais bem sucedido de que os meus companheiros.

— Pois não! O que estás tu dizendo? Aposto dez mil escudos em como tu tocas dez vezes com o florete em Bussy por cada seis que ele te tocar. Tu ainda jogas bem a espada, meu filho?

— Parece-me que sim, meu Senhor.

— E exercitas-te com frequência?

— Quase todos os dias, quando estou de saúde. Mas quando estou assim doente não presto para nada.

— Quantas vezes me tocavas tu em mim?

— Parece-me, meu Senhor, que éramos quase de força igual.



— Sim, porém eu jogo melhor do que Bussy. Com todos os demónios! — disse Henrique para o barbeiro. — Estás a arrancar-me o bigode!

O barbeiro ajoelhou.

— Meu Senhor — disse Saint-Luc -, peço-lhe que me ensine algum remédio para curar o desfalecimento que sinto.

— É preciso comeres — disse o rei.

— Oh! Parece-me que está enganado, meu Senhor.

— Não estou, por certo.

— Tens razão, Valois — disse Chicot e eu, como me sinto muito desfalecido, ou muito esfomeado (não sei com exactidão qual das duas coisas é), adopto o teu receituário.

E em seguida ouviu-se um rumor singular, semelhante ao que resulta de movimento muito apressado dos queixos dum macaco.

O rei voltou-se, e viu que era Chicot, o qual, depois de ter engolido sozinho a ceia para duas pessoas que pedira em nome do rei, fazia toda aquela bulha com as mandíbulas para; melhor saborear o conteúdo de uma chávena de porcelana do Japão.

— Então que é isso! — disse Henrique. — Que diabo estás aí a fazer, Chicot?

— Estou refrescando o meu interior com esta nata — respondeu Chicot -, já que me proibes que amacie o meu exterior com a tua bela pomada.

— Ah, maroto! — exclamou o rei, virando a cabeça tão repentinamente que lhe entrou pela boca o dedo do criado, cheio de pomada.

— Come, meu filho — disse Chicot muito sério. — Eu não sou tão tirânico como tu; dou-te licença que uses de pomadas por dentro ou por fora, como mais te agradar.

— Olha que me engasgas! — disse Henrique para o criado que lhe estava aplicando a pomada.

O criado ajoelhou, como tinha ajoelhado o cabeleireiro.

— Vão já chamar o capitão da guarda real! — exclamou Henrique.  
— Vão já sem demora!

— Para que mandas tu buscar o capitão da guarda real? — perguntou Chicot, limpando o dedo no interior da chávena de porcelana e correndo-o depois pelos beiços.

— Para que enfie a espada pelo corpo de Chicot, e para que o mande assar, apesar de estar tão magro, para servir de ceia aos meus cães.

Chicot ergueu-se, e pondo o chapéu à banda:

— Era o que me faltava ver! — exclamou ele. — Dares carne de Chicot aos teus cães! Pois bem! Que venha para cá o capitão da tua guarda real, e então veremos.

Chicot, dizendo isto, puxou da comprida espada, e começou a esgrimi-la tão burlescamente contra o cabeleireiro, o barbeiro e o criado, que o rei não pôde conter o riso.

— Mas estou com fome — disse o rei com voz queixosa -, e este malvado engoliu a ceia toda.

— Tu não sabes o que queres, Henrique — disse Chicot: Convidei-te a vires cear, e não aceitaste. Em todo o caso, ainda aí tens um pouco de caldo. Eu já não tenho fome, e vou-me deitar.

Durante este tempo o velho Gaspar tinha vindo trazer a chave ao amo.

— Eu também vou — disse Saint-Luc -; porque se me conservar aqui por mais tempo, serei obrigado a faltar ao respeito devido ao meu rei, caindo na sua presença com algum ataque de nervos. Estou com calafrios.

— Toma lá, Saint-Luc — disse o rei, apresentando ao mancebo as mãos cheias de cãezinhos -; leva-os, leva-os.

— Para quê? — perguntou Saint-Luc.

— Para os deitares na cama contigo; pegar-se-lhes-á a tua moléstia,

e ficarás livre dela.

— Muito obrigado, meu Senhor — disse Saint-Luc, tornando a deitar os cães no cesto em que estavam -, não tenho fé na sua receita.

— Hei-de ir visitar-te esta noite, Saint-Luc — disse o rei.

— Oh! Peço-lhe que não faça tal, Senhor — disse Saint-Luc -, poder-me-ia causar algum sobressalto, e fazer-me ter um ataque epiléptico.

Dizendo isto, cortejou o rei, e saiu do quarto, perseguido pelos gestos de amizade que Lhe prodigalizou Henrique enquanto o pôde avistar.

Chicot já tinha desaparecido.

As duas ou três pessoas mais que também estavam presentes ao recolher do rei, saíram igualmente.

Só ficaram com o rei os criados, os quais Lhe cobriram o rosto com uma máscara de pano de linho Fino untada com uma espécie de banha de cheiro.

A máscara tinha buracos para a boca, para os olhos e para o nariz, e era segura à testa e às orelhas por um barrete de seda preta.

Depois enfiaram os braços do rei num jaleco de cetim cor-de-rosa, forrado de seda e estofado com todo o esmero; e apresentaram-Lhe um par de luvas de pelica tão macia que pareciam feitas de malha.

As luvas chegavam-Lhe ao cotovelo, e eram untadas pela parte de dentro com um óleo de cheiro, que Lhes dava aquela elasticidade cuja causa se teria procurado debalde pela parte exterior.

Findos que foram estes mistérios de real toucador, deram a beber ao rei um caldo de sustância numa taça de ouro; porém, antes de o levar à boca, vazou metade para outra taça, igual à que tinha na mão, e mandou que a levassem a Saint-Luc, e que Lhe dessem as boas-noites em seu nome.

Chegou então a vez de Deus, de quem o rei naquela noite fez pouco caso, provavelmente por causa da preocupação em que tinha o

espírito.

Henrique recitou apenas uma única oração, sem tocar no seu rosário bento; depois mandou abrir a cama, que tinha sido aquecida com fumo de coentro, de benjoim e de canela.

Henrique deitou-se, ordenando que levassem dali as flores, cujo aroma já ia corrompendo a atmosfera do quarto.

Abriam-se as janelas durante alguns segundos para renovar o ar um tanto viciado do quarto.

Depois acenderam no fogão de mármore uma grande porção de vides, que arderam com a rapidez dum meteoro, mas que duraram o tempo bastante para aquecer agradavelmente o aposento.

Concluído isto, fechou o criado tudo, cortinas e reposteiros, e abriu a porta ao cão favorito do rei, chamado Narciso.

O animal deu um pulo para cima da cama do rei, espojou-se, deu umas poucas de voltas, e depois foi-se-lhe deitar atravessado sobre os pés.

Finalmente, apagaram as velas cor-de-rosa que ainda ardiam nas mãos do sátiro de ouro, diminuíram a luz da lamparina, e depois de mudarem a torcida por outra menos grossa, o criado encarregado destes últimos arranjos saiu também nos bicos dos pés.

O rei de França, mais descansado, mais indolente e mais esquecido do que os monges que povoavam as ricas abadias do seu reino, nem sequer já se lembrava que a França existia.

Estava dormindo.

Dali a meia hora, os homens que estavam de guarda nas galerias, e que dos seus diferentes postos avistavam as janelas do quarto de Henrique, perceberam, apesar das cortinas, que se tinha apagado de todo a lâmpada do aposento real, ficando a sua luz avermelhada substituída nos vidros pelos raios prateados de luar. Pensaram por consequência que Sua Majestade estava completamente entregue ao sono.

Naquele momento tinham cessado todos os rumores tanto dentro como fora do palácio, e o gatinho mais pequeno não teria conseguido atravessar os sombrios corredores do Louvre sem ser presentido.

## VII

### DE QUE MANEIRA O REI HENRI III APARECEU CONVERTIDO DE UM DIA PARA O OUTRO, SEM QUE NINGUÉM SOUBESSE A CAUSA DE SEMELHANTE CONVERSÃO

Assim decorreram duas horas.

De repente ouviu-se um grito terrível.

O grito saíra do quarto do rei.

Entretanto a lamparina conservava-se apagada, o silêncio era o mesmo, e nenhum ruído se sentia, salvo aquele grito extraordinário do rei.

Porque era com efeito o rei que tinha chamado.

Dali a pouco percebeu-se a bulha de trastes caindo no chão, de louça que se fazia em pedaços, de passadas como de um homem doido correndo pelo quarto; e depois os mesmos gritos, outra vez acompanhados dos latidos dum cão.

Imediatamente brilharam luzes e fulguraram espadas nas galerias, e o andar pesado dos guardas, ainda mal despertos, fez tremer os pilares maciços.

— Às armas! — gritaram todos. — Às armas, el-rei chamou, acudamos a el-rei!

E no mesmo instante, rivalizando de zelo, o capitão da guarda real,

o coronel dos suíços, os familiares do palácio e os arcabuzeiros de serviço, entraram de tropel no quarto do rei, que logo ficou inundado de luz; mais de vinte archotes alumiam a cena.

Henrique, que o vestuário nocturno que usava tornava grotesco e medonho ao mesmo tempo, estava pálido, com o cabelo eriçado e os olhos espantados, junto a uma poltrona caída e cercado de chávenas partidas; defronte dele via-se a cama desmanchada, cujos lençóis estavam caídos no chão.

Tinha a mão direita estendida, e tremendo como uma folha agitada pelo vento.

A esquerda agarrava com força o punho da espada, de que havia lançado mão maquinalmente. O cão, como que partilhando da agitação em que via o dono, olhava para ele em atitude de arremeter, e uivava.

O rei parecia ter perdido a fala com a força do susto, e as pessoas presentes, não se atrevendo a dirigir-lhe a palavra, olhavam umas para as outras, esperando, com terrível ansiedade, que ele rompesse o silêncio.

Apareceu então meio vestida, mas embrulhada num comprido capote, a jovem rainha Luísa de Lorena, loira e meiga criatura que levou na Terra a vida duma santa, e que despertou aos gritos do marido.

— Senhor — perguntou ela, ainda mais trémula do que todas as pessoas presentes que foi que Lhe sucedeu, meu Deus! Ouvei os seus gritos e logo acudi.

— Não... não... não foi nada... — disse o rei sem mover os olhos, com os quais parecia

procurar no ar uma forma indefinida e invisível para todos menos para ele.

— Porém Vossa Majestade chamou... — replicou a rainha; — Vossa Majestade estará incomodado?

O terror que tão visivelmente denotavam as feições de Henrique ia-

se comunicando gradualmente a todas as pessoas presentes. Recuavam, aproximavam-se, examinavam com a vista a pessoa do rei, para indagarem se estava ferido, se tinha sido assombrado por algum raio ou mordido por algum bicho venenoso.

— Oh! Senhor! — exclamou a rainha — Senhor, em nome do Céu! Tire-nos da aflição em que estamos. Quer que mande chamar um médico?

— Um médico? — repetiu Henrique com o mesmo tom sinistro. — Não, o meu padecimento não é do corpo... é na alma, no espírito. Não... não, nada de médico... um confessor!

O lharam todos uns para os outros, examinaram as portas, as cortinas, o sobrado, o tecto.

Em parte alguma tinham ficado vestígios do objecto invisível que tanto assustara o rei.

A curiosidade dos circunstantes ia aumentando por verem que o mistério se complicava; o rei pedia agora um confessor.

A ordem do rei teve imediatamente execução: um correio montou logo a cavalo, e saiu cuspidando fogo do pátio do Louvre.

Dali a cinco minutos, o superior do Convento dos Jesuítas, que tinha sido acordado, e arrebatado, por assim dizer, da cama, apresentou-se no quarto do rei.

E Com a chegada do confessor, cessou o tumulto e restabeleceu-se o silêncio; interrogavam-se todos, formavam conjecturas, procuravam adivinhar; mas todos estavam com medo...

O rei retirara-se para se confessar.

— No dia seguinte, logo de madrugada, o rei, que se tinha levantado quando todos ainda dormiam, ordenou que continuassem a conservar fechada a porta do Louvre, a qual apenas se tinha aberto para dar entrada ao confessor.

Depois mandou chamar o tesoureiro, o cirieiro e o mestre-de-cerimónias.

Pegou num livro de missa com encadernação preta, e começou a rezar, interrompendo-se de vez em quando para recortar imagens de santos; e de repente ordenou que fossem chamar todos os seus amigos.

Apenas ele deu esta ordem foram logo ao quarto de Saint-Luc, mas Saint-Luc tinha piorado consideravelmente.

Estava desfalecido e parecia cansado de sofrer. A sua doença tinha-se tornado prostração; e era tal o sono letárgico que dele se havia apoderado, que de todos os habitantes do palácio fora o único que nada ouvira da cena da noite, apesar de que estava só separado do rei por uma simples parede muito delgada.

Pediu, por consequência, que o deixassem ficar na cama, e prometeu recitar todas as orações que o rei determinasse.

Henrique, quando Lhe deram esta notícia tão lastimosa, benzeu-se, e mandou buscar o boticário.

E em seguida, recomendando que trouxessem para o Louvre todas as disciplinas dos Agostinhos, passou, vestido de preto, pela frente de Schomberg, ainda coxo, de Épernon, com o braço ao peito, de Quélus, ainda atordoado, e de Maugiron e d'O, que vinha a tremer. Distribuiu-lhes as disciplinas ao passar por eles, e ordenou-Lhes que começassem logo a açoitar-se com quanta força tivessem.

D'Épernon observou-lhe que, tendo o braço direito ao peito, devia ser exceptuado de tomar parte na cerimónia, visto não poder bater nos que Lhe batessem, e que este impedimento iria desafnar a escala da flagelação.

Henrique III respondeu-lhe que não importava, e que a sua penitência ainda se tornaria dessa maneira mais meritória aos olhos de Deus.

O próprio rei começou por dar o exemplo. Tirou o gibão, a véstia e a camisa, e açoitou-se como um mártir.

Chicot quis rir e caçar na forma do seu costume, porém o olhar terrível do rei deu-lhe a conhecer que a ocasião não era própria; pegou então numas disciplinas, mas, em lugar de bater em si, entrou a dar



nos indivíduos que Lhe ficavam ao alcance do braço; e quando não encontrava um corpo em que pudesse bater, dava cabo da pintura das colunas e dos alizares.

Este burburinho todo foi serenando pouco a pouco o semblante do rei, conquanto o espírito se Lhe conservasse fortemente preocupado.

De repente saiu do quarto, determinando que esperassem por ele. Logo que voltou costas cessaram as penitências como por encanto.

Somente Chicot continuou a bater em d'O, que ele não podia ver. D'O ia-lhe pagando na mesma moeda. Era um duelo à chicotada.

Henrique foi ao quarto da rainha. Deu-Lhe de presente um colar de pérolas do valor de vinte e cinco mil escudos, beijou-a nas duas faces, coisa que não fazia havia mais dum ano, e rogou-lhe que pusesse de parte os seus adornos reais e se vestisse com um saco de penitente. Luísa de Lorena, sempre meiga e obediente, consentiu logo em fazer o que lhe pedia o marido; não pôde, contudo, deixar de lhe perguntar por que motivo exigia, na ocasião em que lhe dava um colar de pérolas, que ela se vestisse de penitente.

— É pelos meus pecados — respondeu Henrique.

Esta resposta satisfez a rainha, porque ela sabia, melhor do que ninguém, qual era a soma enorme de pecados pelos quais o marido precisava de fazer penitência.

Passou portanto a vestir-se conforme o desejo de Henrique, e este voltou para o seu aposento a esperar por ela. Logo que o rei entrou, tornou a começar a flagelação.

D'O e Chicot, que não tinham cessado um instante de bater um no outro, já estavam com as costas em sangue.

O rei deu-lhes os parabéns, e disselhes que eram eles os seus verdadeiros e únicos amigos. Ao cabo de dez minutos chegou a rainha, vestida de penitente.

Distribuíram-se imediatamente tochas a toda a corte, e, apesar do tempo horroroso que estava, por causa da geada e da neve que tinha caído, os guapos cortesãos, as formosas senhoras e a boa gente de

Paris, devotos da Nossa Senhora, foram caminhando descalços para Montmartre, tremendo com frio a princípio, mas em breve aquecidos pelos açoites que Chicot distribuía com furor a todos aqueles que tinham a desdita de ficar ao alcance das suas disciplinas.

D'O tinha-se dado por vencido, indo tomar lugar no fim da procissão, à distância de cinquenta passos de Chicot.

Às quatro horas da tarde estava concluído o lúgubre passeio; os conventos tinham recebido riquíssimas esmolas, a gente da corte tinha toda os pés inchados e as costas feridas, a rainha tinha-se mostrado ao público vestida com uma camisola enorme de fazenda grosseira, e com um rosário de caveiras.

Tinha havido lágrimas, gritos, preces, incenso e cânticos.

Já se vê que o dia havia sido bem empregado.

E, com efeito, todos tinham arrostado o frio e os açoites para agradar ao rei; mas ninguém ainda tinha podido adivinhar por que motivo aquele mesmo príncipe que dançara com tanto gosto na antevéspera se macerava daquele modo no dia imediato.

Os huguenotes, os partidários da Liga e os devassos tinham escarnecido da procissão de flagelantes, dizendo com a malvadez própria dessa gente, que a última procissão fora mais brilhante e mais fervorosa. Mas não era verdade.

Henrique voltou em jejum, com os ombros cheios de nódoas azuis e vermelhas; não se tinha tirado de ao pé da rainha durante todo o dia, e tinha aproveitado todos os instantes de descanso, e as estações nas capelas, para lhe prometer novos donativos, e formar planos de romarias com ela.

Quanto a Chicot, esse, já cansado de dar chicotadas, e esfaimado em consequência daquele exercício, para ele tão desusado, a que o rei o condenara, tinha saído da procissão sorratamente logo adiante da porta de Montmartre, e, acompanhado de mais alguns ateus como ele, entrara para a horta duma taberna de grande fama, onde foi comer um

pato bravo, morto nas lagoas da Grange-Batelière, e beber uma boa garrafa de vinho.

E depois, na volta da procissão, tornou para o seu lugar, e veio até ao Louvre açoitando com dobrada energia os penitentes e as penitentes, e distribuindo, como ele próprio dizia, as suas indulgências plenárias.

Quando anoiteceu já o rei estava cansado de ter jejuado, de ter andado descalço, e de se ter açoitado com tanto furor.

Pediu ceia de peixe, mandou que lhe banhassem os ombros, que acendessem o fogão do quarto, e foi visitar Saint-Luc, a quem achou satisfeito e risonho.

O rei estava mudado desde a véspera; tinha concentrado todas as suas ideias na fragilidade das coisas humanas, na penitência e na morte.

— Ah! — disse ele com a expressão dum homem já aborrecido da vida. — Muito bem faz Deus em nos tornar a existência tão amarga.

— Porquê, meu Senhor? — perguntou Saint-Luc.

— Porque o homem cansado do mundo, em vez de recear a morte, deseja-a.

Peço perdão, Senhor — disse Saint-Luc — fale por sua conta unicamente, eu declaro que não desejo morrer.

— Ouve, Saint-Luc — disse o rei abanando a cabeça -: o que tu devias fazer era seguir os meus conselhos, ou, para melhor dizer, o meu exemplo.

— Com todo o gosto, meu Senhor, se o exemplo me agradar.

— Queres que abandonemos, eu a minha coroa, tu a tua mulher, e que nos retiremos para um convento? Eu tenho dispensas do Santo Padre; podemos professar amanhã mesmo.

Chamar-me-ei Frei Henrique...

— Perdoe, meu Senhor, perdoe: Vossa Majestade dá pouco valor à sua coroa porque já apossui há muito tempo; porém eu tenho muito

apego à minha mulher, que ainda não conheço bem. Em vista do que, rejeito a proposta.

— Oh! oh! — disse Henrique. — Parece-me que estás muito melhor.

— Muitíssimo melhor, meu Senhor; sinto o espírito sossegado e o coração alegre.

Tenho a alma disposta duma maneira incrível para a felicidade e para o prazer.

Pobre Saint-Luc! — disse o rei juntando as mãos.

— Devia ter-me feito essa proposta ontem à noite, meu Senhor. Oh! Ontem estava eu rabugento, insípido e doente. Facilmente teria anuído a deitar-me a um poço ou a entrar para um convento. Porém hoje já o caso muda de figura; passei uma noite muito boa e um dia ainda melhor. Cos demónios! Viva a alegria! Viva o prazer!

— Praguejaste, Saint-Luc!... — disse o rei.

— Praguejei, meu Senhor? Pode ser, mas parece-me que também Vossa Majestade praguejava às vezes.

— Praguejava, sim, Saint-Luc, porém nunca mais hei-de praguejar.

— Eu não me atrevo a dizer outro tanto. Prometo fazê-lo as menos vezes que puder; não quero comprometer-me mais. Além de que, Deus é bom e tem misericórdia dos nossos pecados, quando os nossos pecados têm origem na fraqueza humana.

— Julgas pois que Deus me perdoará?

— Oh! Eu não me refiro a Vossa Majestade; trato deste seu criado. Vossa Majestade tem pecado... como rei... enquanto que eu tenho pecado como simples particular; tenho toda a esperança, pois, que quando chegar o dia do juízo, o onnipotente há-de ter dois pesos e duas balanças.

O rei suspirou, resmungou um Confiteor, e bateu no peito quando chegou ao mea culpa.

— Saint-Luc — disse ele quando acabou -, queres passar a noite no

meu quarto?

— Conforme — respondeu Saint-Luc -; que havemos nós de fazer no quarto de Vossa Majestade?

— Acenderemos todas as luzes, eu deitar-me-ei, e tu ler-me-ás as ladainhas.

— Muito obrigado, meu Senhor.

— Não queres?

— Deus me livre!

— Abandonas-me, Saint-Luc, abandonas-me?

— Não, pelo contrário, prometo não o deixar.

— Sim, deveras?

— Se quiser.

— Quero, por certo.

— Mas há-de ser com uma condição sine qua non.

— Qual é?

— É que Vossa Majestade há-de mandar pôr as mesas para a ceia, e ordenar que venham músicos e mulheres para acabarmos a Função a dançar.

— Saint-Luc! Saint-Luc!... — exclamou o rei, possuído do maior terror.

— Então que quer que eu diga?... — respondeu Saint-Luc. — Estou muito folgazão.

Consente, meu Senhor?

Henrique não respondeu. O seu espírito, às vezes tão vivo e tão jovial, ia-se tornando cada vez mais sombrio, e parecia lutar com um pensamento oculto, que Lhe pesava como poderia pesar um pedaço de chumbo preso ao pé dum pássaro, que debalde procuraria abrir as asas para voar.

— Saint-Luc — perguntou Finalmente o rei com voz fúnebre -, já

sonhaste alguma vez?

— Muitas vezes, meu Senhor.

— E acreditas em sonhos?

— Assim deve ser.

— Por que motivo?

— Porque os sonhos consolam da Falta da realidade. Ainda esta noite tive um sonho encantador.

— Que foi?

— Sonhei que minha mulher...

— Ainda pensas em tua mulher, Saint-Luc?

— Mais do que nunca.

— Ah! — exclamou o rei, suspirando e levantando os olhos para o Céu.

— Sonhei — prosseguiu Saint-Luc — que minha mulher, conservando sempre o seu rosto encantador (porque minha mulher é muito bonita)...

— Infelizmente assim é — disse o rei. — Também Eva era bonita, desgraçado, e foi ela quem nos perdeu a todos!

— Ah, disso é que procede o rancor que Vossa Majestade tem às mulheres?...

Mas tornemos ao meu sonho, Senhor.

— Eu também tive um sonho... — disse o rei.

— A minha mulher, pois, conservando sempre o seu engraçado rosto, tinha tomado as asas e o corpo dum pássaro, e logo, desafiando grades e ferrolhos, tinha voado por cima dos muros do Louvre, para vir bater nos vidros da minha janela, tem um gritozinho muito lindo, que eu percebi, e que dizia assim: Abre, Saint-Luc, abre, meu maridinho.

— E tu abriste? — perguntou o rei quase desesperado.

— Pudera não! — exclamou Saint-Luc. — Abri imediatamente a janela.

— Mundano!...

— Serei mundano talvez, meu Senhor.

— E acordaste então?

— Não, meu Senhor, não quis acordar; o sonho era demasiadamente agradável.

— E continuaste a sonhar?

— Enquanto pude, meu Senhor.

— E esperas tornar a sonhar esta noite?...

— Espero, com licença de Vossa Majestade; e eis o motivo por que não aceitu o honroso convite que acaba de me fazer para lhe ir ler as ladainhas. Se tenho de ficar acordado, quero ter ao menos algum divertimento equivalente ao meu sonho. Portanto, se Vossa Majestade quiser, conforme lhe pedi, mandar aprontar uma ceia, e dizer que vão buscar músicos...

— Basta, Saint-Luc, basta! — disse o rei levantando-se. — Perdeste a ti, e és capaz de me perder a mim também, se aqui me demorar por mais tempo. Adeus Saint-Luc; espero em Deus que te há-de enviar, em lugar do teu sonho tentador, algum sonho salutífero, que te induza a partilhares amanhã das minhas penitências, para nos salvarmos conjuntamente.

— Duvido, meu Senhor; e estou mesmo tão certo de que tal não há-de suceder, que se pudesse dar um conselho a Vossa Majestade, dir-lhe-ia que mandasse pôr fora do Louvre esta noite mesmo o dissoluto Saint-Luc, que está inteiramente resolvido a morrer impenitente.

— Não — replicou Henrique -, não; ainda espero que daqui até amanhã ele há-de ser tocado da divina graça, como eu próprio fui. Boa noite, Saint-Luc; vou orar a Deus por ti.

— Boa noite, meu Senhor; vou sonhar por Vossa Majestade.

E Saint-Luc entoou a primeira copla duma cantiga bastante fresca,

que Henrique III costumava cantar quando estava de bom humor, apressando assim a retirada do rei, que fechou a porta e voltou para a sua câmara, resmungando: Senhor Deus! A Vossa ira é justa e legítima, porque o mundo vai de mal para pior!

## VIII

### COMO FOI QUE O REI TEVE MEDO DE TER TIDO MEDO E CHICOT TEVE MEDO DE TER MEDO

O rei quando saiu do quarto de Saint-Luc, encontrou toda a corte, conforme havia determinado, reunida na galeria principal.

Distribuiu então algumas mercês aos seus amigos, mandou para a província d'O, d'Épernon e Schomberg, ameaçou Maugiren e Quélus de os mandar processar se tornassem a brigar com Bussy, deu a este a mão a beijar, e conservou seu irmão Francisco por algum tempo abraçado contra o peito.

Quanto à rainha, prodigalizou-lhe tantas demonstrações de amizade e fez-lhe tais elogios, que os circunstantes ficaram agourando favoravelmente da probabilidade de haver sucessão à coroa de França.

Entretanto, a hora a que o rei costumava recolher-se ia-se aproximando, e facilmente se conhecia que procurava demorar o mais possível aquele momento; finalmente, deram as dez horas no relógio do Louvre, e Henrique começou a lançar os olhos em roda de si; parecia que procurava escolher qual dos seus amigos havia de ser incumbido de exercer as funções de leitor, que Saint-Luc recusara.

Chicot não tirava os olhos do rei.

— É célebre! — disse ele com o costumado atrevimento. — Parece que estás olhando para mim com ternura esta noite, Henrique. Dar-se-á o caso que queiras dispor de alguma abadia de dez mil libras de



renda?. Safa! Que famoso prior que eu havia de ser! Dá cá, filho, dá cá.

— Vem comigo, Chicot — disse o rei. — Boa noite, meus Senhores, vou-me deitar.

Chicot voltou-se para os cortesãos, retorceu o bigode, e, com gesto travesso e gracioso, repetiu, volvendo os olhos com ternura e imitando a voz de Henrique:

— Boa noite, meus Senhores, boa noite; vamo-nos deitar.

Os cortesãos morderam os beiços e o rei corou.

— Olá, meu barbeiro — bradou Chicot -, meu cabeleireiro, meu criado de quarto venham, e não esqueçam a banha.

— Não — disse o rei -, nada disso é preciso esta noite; vai começar a Quaresma, e estou fazendo penitência.

— Pois eu tenho saudades da banha — disse Chicot.

O rei e o bobo entraram para o quarto que nós já conhecemos.

— Ora diz-me, Henrique — perguntou Chicot -: então sou eu agora o favorito?

Sou o indispensável? Achas-me pois muito galante, mais galante do que o cupido de Quélus?

— Cala-te, bobo — disse o rei. — E os senhores do toucador, saiam.

Os criados obedeceram, e a porta fechou-se. Henrique e Chicot ficaram sós.

Chicot olhava

para Henrique como espantado.

— Para que os mandas embora? — perguntou o bobo. — Ainda não nos aplicaram a banha. Tencionas porventura untar-me com a tua mão real? Sim, seria uma penitência como outra qualquer.

Henrique não respondeu.

Toda a gente tinha saído da câmara, e os dois reis, o bobo e o que o não era, estavam olhando um para o outro.

— Oremos — disse Henrique.

— Muito obrigado — exclamou Chicot -; não gosto do divertimento. Se foi para isso que me ordenaste que viesse para aqui, antes quero voltar para a péssima companhia em que estava. Adeus, meu Filho; boa noite.

— Fica — disse o rei.

— Oh! oh! — disse Chicot, endireitando-se. — Isto vai degenerando em tirania.

És um déspota, um fálaris, um dionísio. Já estou enfastiado de estar aqui; obrigaste-me a andar todo o dia às chicotadas aos meus amigos, e, pelo jeito que vou vendo, parece-me que não tarda que tornemos a começar. Dou-te de conselho que não tornemos, Henrique. Nós aqui dentro somos só dois, e quando a brincadeira é entre dois, poucas chicotadas ficam pelo ar.

— Cala-te, miserável tagarela — disse o rei -, e trata de arrependerte.

Bom! lá começamos... Arrepende-me, eu? E de que queres tu que eu me arrependa?... de ter sido bobo dum frade?... Arrependo-me; mea culpa. Foi minha a culpa, pequei muito!

— Basta de sacrilégio, desgraçado! Basta de sacrilégio! — disse o rei.

— Ora esta — disse Chicot -, antes queria que me fechassem numa jaula de leões ou de macacos, do que na câmara dum rei maníaco. Adeus, vou-me embora!

O rei tirou a chave da porta.

— Henrique — disse Chicot -, olha que estás com cara sinistra, e desde já te previno de que se não me deixas sair, chamo, grito, arrombo a porta, ou parto os vidros da janela. Que tal está! Que tal está!...

— Chicote — disse o rei em tom melancólico. — Chicot, meu amigo! Abusas da minha tristeza...

— Ah! já percebo... — disse Chicot — tens medo de ficar só. Os tiranos são todos assim.

Pois manda construir doze câmaras, como tinha Dionísio, ou doze palácios, como Tibério.

Entretanto, pega lá a minha espada, e deixa-me ir levar a bainha para o meu quarto, sim?

À palavra medo, os olhos de Henrique relampejaram; e em seguida ergueu-se com extraordinária agitação e começou a passear pelo quarto.

Henrique estava de tal maneira fora de si, e com o semblante tão pálido, que Chicot principiou a rezear não estivesse o rei seriamente doente; e depois de ter olhado para ele com susto, enquanto dava três ou quatro voltas pelo quarto, disse-lhe:

— Vamos lá, meu filho, que tens tu? Conta os teus desgostos ao teu amigo Chicot.

O rei parou diante do bobo e, olhando para ele, disselhe:

— Sim, tu és meu amigo, o meu único amigo.

— Está vaga a Abadia de Valencey — disse Chicote.

— Ouve, Chicot — disse Henrique -: prometes guardar segredo?

— Também está vaga a de Pithiviers, onde se fazem muito boas empadinhas de tordos.

— Apesar das tuas chocarrices — prosseguiu o rei -, tu és homem de brio.

— Pois então não me dê uma abadia, dá-me um regimento.

— És mesmo homem de bom conselho.

— Nesse caso, não me dê o regimento, Faz-me conselheiro. Ah, não; reflectindo melhor, antes quero um regimento ou uma abadia. Não quero ser conselheiro; ver-me-ia obrigado a conformar-me sempre com o parecer do rei.

— Cala-te, cala-te, Chicot; vai-se aproximando a hora terrível!

— Ah! Torna outra vez a mesma mania: — disse Chicot.

— Não tarda que vejas, não tarda que ouças.

— Ver o quê? Ouvir o quê?

— Espera, e então saberás; espera.

— Não, não estou resolvido a esperar; não me dirás qual foi o cão danado que mordeu o teu pai e a tua mãe, na noite em que tiveram a fatal lembrança de te gerarem?

— Chicot, tu és valente?

— Prezo-me de o ser; mas nunca exponho a minha valentia a semelhantes provas!

Quando o rei de França e da Polónia grita de noite por forma tal que amotina todo o Louvre, eu, ente mesquinho, de que posso servir no teu quarto? Adeus, Henrique; chama o capitão da guarda real, os suíços, os porteiros, e deixa-me pôr ao fresco: não quero arrostar um perigo invisível e que não conheço!

— Ordeno-te que fiques! — disse o rei com tom de autoridade.

— Ora aqui está, por minha fé! Um amo bem engraçado, que quer ter poder sobre o medo; pois eu estou com medo. Digo-te que tenho medo. Acudam! Ah, foge!

E Chicot, provavelmente para ficar sobranceiro ao perigo, trepou para cima duma mesa.

— Sai daí, maroto — disse o rei -; vou contar-te tudo, já que assim é preciso para estares calado.

— Ah! ah! — disse Chicot, esfregando as mãos, descendo com cautela de cima da mesa, e puxando pela enorme espada; — agora, que estou prevenido, não há-de haver novidade; conta, conta, meu filho. Segundo creio, foi algum crocodilo, hem? Deixa estar, que a folha é boa; sirvo-me dela todas as semanas para cortar as unhas, e as minhas unhas são bem duras, Dizias, pois, Henrique, que era um crocodilo.

E Chicot enterrou-se numa grande poltrona, colocando a espada

desembainhada entre os joelhos e enlaçando a folha com as pernas, como as serpentes, símbolos de paz, enlaçam o caduceu de Mercúrio.

— A noite passada — disse Henrique -, estava eu dormindo.

— E eu também. — disse Chicot.

— De repente, correu-me um sopro pelo rosto.

— Era o bicho que estava com fome — disse Chicot -, e vinha lambendo a banha que tinhas no rosto.

— Acordei, e senti que se me eriçava a barba com o susto, apesar de comprimida pela máscara.

— Ah! Que arrepios tão deliciosos que me estás causando — disse Chicot, enroscando-se na poltrona e encostando o queixo aos copos da espada.

— Então. — prosseguiu o rei, com uma voz tão débil e tão trémula que o som das palavras mal chegou aos ouvidos de Chicot — então ressoou uma voz pelo quarto, com uma vibração tão dolorosa que me abalou o cérebro.

— Era a voz do crocodilo, bem sei. Li nas viagens de Marco Polo que o crocodilo tem uma voz terrível, imitando os gritos das crianças. Mas descansa, meu filho: se ele vier esta noite matá-lo-emos.

— Ouve o que te digo.

— Ouço, sim, meu Senhor — respondeu Chicot, estendendo-se como uma mola partida. — ; estou imóvel como um cepo, e mudo como um peixe, para melhor te ouvir.

Henrique continuou, com voz ainda mais sombria e lúgubre:

— Miserável pecador! disse a voz...

— Que tal — interrompeu Chicot — pois a voz falava? Então não é um crocodilo...

— Miserável pecador! disse a voz, eu sou a voz de Deus, teu senhor.

Chicot deu um pulo e ficou encruzado sobre a poltrona.

— A voz de Deus? — repetiu ele.

— Ah, Chicot! — respondeu Henrique. — uma voz medonha!

— E que tal é o metal dela? — perguntou Chicot. — Parece-se, como diz a Sagrada Escritura, com o som duma trombeta?

— Estás aí? ouves-me? continuou a voz; ouves-me, pecador endurecido? Estás resolvido a perseverar nas tuas iniquidades?

— Ah! sim, — disse Chicot — está-me parecendo que a voz de Deus se assemelha muito à do teu povo.

— Depois — replicou o rei — seguiram-se mil outras arguições, que, juro-te, Chicot sobremaneira me penalizaram.

— Mas vai dizendo — tornou Chicote -, continua, meu filho; conta-me, conta-me o que dizia a voz, para que eu saiba se Deus estava bem informado.

— Ímpio! — exclamou o rei — se duvidas do que te digo, mando-te castigar.

— Eu — respondeu Chicot — não duvido de tal; somente me admiro de ter Deus esperado até agora para te repreender. Tornou-Se, pelo que vejo, muito paciente, do dilúvio para cá. De sorte que, meu filho — prosseguiu Chicot -, tiveste um medo imenso...

— Não tenhas dúvida — respondeu Henrique.

— E o caso não era para menos.

— Corria-me o suor pela testa, e sentia a medula dos ossos gelada.

— Como sucedeu a Jeremias; é muito natural; dou-te porém a minha palavra de cavalheiro que no teu lugar não sei o que teria feito. E foi então que chamaste.

— Foi.

— E acudiram-te logo?

— Logo.

— E procuraram por toda a parte?

- Por toda a parte.
- Nada de Deus...
- Tinha desaparecido tudo.
- É caso realmente medonho.
- Tão medonho, que mandei chamar o meu confessor.
- Ah, bem; ele veio sem demora?
- No mesmo instante.
- Vamos lá. Sê franco, meu filho; fala verdade, ao menos uma vez sem exemplo.

Que ideia formou o teu confessor de tal revelação?

- Tremeu ao ouvir-me.

Não duvido.

— Benzeu-se; e aconselhou-me que me arrependesse, conforme Deus me ordenava.

— Muito bem; sempre é bom a gente arrepender-se. Mas o que disse ele da visão, ou antes, da audição?

— Que era um milagre da Providência, e que seria bom tratar da salvação do Estado.

E por isso, logo esta manhã...

- O que fizeste tu esta manhã, meu filho?

— Dei aos jesuítas seis mil libras.

— Muito bem.

— E retalhei com as disciplinas a minha pele e a dos meus favoritos, e mais fidalgos da minha corte.

- Perfeitamente! E depois?

— Depois quê? Qual é o teu parecer a respeito de tudo isto, Chicot? Deixa-te de zombarias, fala sério e como amigo.

- Ah, meu Senhor! — respondeu Chicot com seriedade. — Estou

persuadido de que foi pesadelo que Vossa Majestade teve; não pense mais nele.

— Sonho? — disse Henrique, abanando a cabeça. — Não, isso não; afirmo-te, Chicot, que eu estava bem acordado.

— Estavas a dormir, Henrique.

— Tanto não dormia que estava com os olhos muito abertos.

— Eu é assim que costumo dormir.

— Sim, porém eu via com os olhos; e quando na realidade se dorme, não se vê.

— E o que vias tu?

— Via o luar que penetrava pelos vidros da janela e fazia brilhar com o seu reflexo baço a ametista do punho da minha espada, que estava encostada a essa poltrona onde agora te sentaste, Chicot.

— E que era feito da lâmpada?

— Tinha-se apagado.

— Foi sonho, meu querido filho, foi sonho.

— Porque não há-de tu acreditar, Chicot? Não é sabido que Deus fala aos reis quando quer efectuar alguma grande mudança sobre a Terra?

— Fala, sim, é verdade — disse Chicote -; mas é tão baixo que eles nunca o ouvem.

— Mas qual é a razão por que te mostras tão incrédulo?

— É porque não me capacito que ouvisses o que dizes.

— Mas agora já percebes o motivo por que te ordenei que ficasses?  
— disse o rei.

— Pudera! — respondeu Chicot.

— É para que tu mesmo ouças o que a voz disser.

— E para que as pessoas a quem eu disser o que ouvir julguem que é alguma chocarrice; Chicot é um ente tão nulo, tão abjecto e tão louco,



que ninguém há-de acreditar no que ele for contar. Não tiveste má ideia, meu Filho.

— Porque não hás-de persuadir-te, antes, meu amigo — disse o rei -, que é um segredo que eu confio à tua reconhecida fidelidade?

— Ah! Não faltes à verdade, Henrique, porque, se a voz vier logo, repreender-te-á por ter mentido, e bem te bastam já as tuas iniquidades. Mas, não importa, aceito o encargo. Não se me dá de ouvir a voz de Deus, pode ser que também tenha alguma coisa para me dizer.

— Pois bem! Que havemos de fazer?

— Começa por te deitar meu filho.

— Mas se, pelo contrário.

— Nada de reflexões.

— Contudo.

— Acaso pensas tu que a voz de Deus deixará de Falar por estares de pé? A diferença que há de um rei aos demais homens está só na altura da coroa; e quando não a tem na cabeça, no que te digo, Henrique, o rei é da mesma estatura que eles, e às vezes mais pequeno ainda.

— Está bem — disse o rei -; e tu ficas?

— Fico.

— Muito bem! Vou-me deitar.

— Bom!

— E tu, não te deitas?

— Nessa não caio eu.

— O que farei — disse o rei — é tirar unicamente o gibão.

— Faz o que entenderes.

— E fico com os calções.

— Acho a lembrança muito acertada.

— E tu?

— Eu fico onde estou.

— Mas não hás-de pegar no sono.

— Ah! Lá isso é que não posso prometer; o sono, meu Filho, é como o medo: uma coisa independente da vontade de cada um.

— Ao menos hás-de fazer a diligência por te conservares acordado.

— Deixa estar; hei-de dar beliscões em mim de vez em quando; e demais, a voz há-de despertar-me.

— Não cações com a voz — disse Henrique, que já tinha uma perna dentro da cama e a tirou para fora.

— Ora vamos lá! — disse Chicot. — Será preciso que eu te vá deitar? O rei suspirou, depois de ter perscrutado com a vista todos os cantos e recantos do quarto, e enfiou-se na cama a tremer.

— Agora eu! — disse Chicot.

E estendendo-se na poltrona, e entalando de roda de si almofadinhas e travesseiros, disse:

— Que tal se acha Vossa Majestade, meu Senhor?

— Sofrivelmente — respondeu o rei -; e tu?

— MUITÍSSIMO bem; boa noite, Henrique.

— Boa noite, Chicot; mas vê lá, não durmas.

— Deus me livre de tal! — disse Chicot, com um abrimento de boca capaz de lhe desmanchar o queixo.

E ambos fecharam os olhos, o rei para fingir que dormia, e Chicot para na realidade dormir.

## IX

COMO SUCEDEU ENGANAR-SE A VOZ DO SENHOR, FALANDO COM CHICOT PENSANDO QUE

## FALAVA COM O REI

O rei e Chicot conservaram-se imóveis e calados durante o espaço de dez minutos, pouco mais ou menos. De repente o rei ergueu-se sobressaltado, e sentou-se na cama.

O movimento que fez despertou Chicot, que já estava entregue à doce sonolência precursora do sono.

Ambos olharam espantados um para o outro.

— Que é? — perguntou Chicot em voz baixa.

— O sopro — respondeu o rei ainda mais baixo -, é o sopro!

No mesmo instante apagou-se uma das velas do candelabro que o sátiro de ouro segurava; i depois uma segunda, ainda uma terceira, e finalmente a última.

— Oh! oh! — disse Chicot — que valente sopro! Chicot ainda não tinha proferido a última sílaba destas palavras, quando a lâmpada também se apagou, ficando a câmara apenas alumada com o clarão do lume que estava quase a expirar no fogão.

— Cuidado, não partas a cabeça! — disse Chicote, pondo-se de pé.

— A voz vai falar — disse o rei, ajoelhando na cama -; a voz vai falar.

— Pois então escuta o que ela vai dizer — replicou Chicote.

E com efeito ouviu-se uma voz rouca, e por intervalos sibilante, que soava entre a parede e a cama, e dizia:

— Pecador endurecido, estás aí?

— Sim, sim, meu Deus — respondeu Henrique a bater o queixo.

— Oh, oh! — disse Chicot. — Que voz tão encantadora para ser do Céu! Mas não im porta, sempre é medonha.

— Ouves-me? — perguntou a voz.

— Sim, meu Deus — balbuciou Henrique -, e estou escutando, curvado diante da vossa ira.

— Pensas porventura que me obedeceste — prosseguiu a voz -, com as momices aparentes que hoje fizeste, sem que no íntimo do teu coração sentisses compungimento algum?.

— Muito bem dito! — exclamou Chicot — Oh, agora deu no vinte! O rei estava a tremer e de mãos postas; Chicot chegou-se a ele.

— Então! — murmurou Henrique. — Então! Acreditas agora?.

— Espera — disse Chicot.

— Que queres tu?

— Caluda! Ouve: sai devagarinho para fora da cama, e deixa-me lá meter em teu lugar.

— Para quê?

— A fim de que a vingança do Senhor recaia primeiro sobre mim.

— Pensas que Ele assim me poupará?

— Façamos sempre a experiência.

E, insistindo afectuosamente, empurrou com brandura o rei para fora da cama, e encaixou-se no seu lugar.

— Agora, Henrique — disse ele -, vai sentar-te na poltrona onde eu estava, e deixa o caso por minha conta.

— Tu não me respondes — tornou a voz -, é uma prova de que os teus pecados te endurecem o coração.

— Oh! perdoai-me, perdoai-me, Senhor! — disse Chicot, falando fanhoso como o rei.

E em seguida, debruçando-se para Henrique:

— É coisa célebre — disse ele; — o que te arece, meu filho, Deus não conhece Chicot...

— É verdade! — exclamou Henrique. — Que quer isto dizer?

— Espera, espera, que se te admiras, ainda verás mais!

— Desgraçado! — disse a voz.

— Sim, meu Deus, sim — respondeu Chicot -, sou um pecador endurecido, um grande pecador.

— Então confessa os teus crimes, e arrepende-te.

— Confesso — disse Chicot — que me portei como um grande traidor para com meu primo de Condé, de quem seduzi a esposa; mas estou arrependido.

— Que estás tu aí a dizer? — murmurou o rei. — Cala-te já! É uma coisa em que ninguém fala há muito tempo.

— Ah! deveras? — disse Chicot; — trataremos de outro assunto.

— Fala! — disse a voz.

— Confesso — prosseguiu o fingido Henrique — que me portei como um grande ladrão para com os Polacos, que me tinham eleito para seu rei, e a quem abandonei uma noite trazendo comigo todos os diamantes da coroa; mas estou também arrependido.

— Ah, biltre — disse Henrique -, para que Lhe estás recordando isso? Já estava esquecido.

— É preciso que eu continue a enganá-lo — replicou Chicot. — Deixa-o comigo.

— Fala! — disse a voz.

— Confesso — disse Chicot — que tirei o trono de França a meu irmão de Alençon a quem por direito pertencia, visto tê-lo eu renunciado formalmente quando aceitei o trono da Polónia; mas estou igualmente arrependido.

— Maroto! — exclamou o rei.

Isso ainda não é tudo — replicou a voz.

— Confesso que combinei com a minha terna mãe Catarina de Médicis para expulsar de França o meu cunhado rei de Navarra, depois de ter dado cabo de todos os seus amigos e minha irmã, a

rainha Margarida, depois de ter aniquilado todos os seus amantes; de tudo arrependo sinceramente.

— Ah, grande patife! — murmurou o rei, apertando os dentes de raiva.

— Meu Senhor, é preciso não ofendermos a Deus, procurando ocultar-Lhe o que ele sabe tão bem como nós.

— Não se trata agora de política — prosseguiu a voz.

— Ah, já entendo! — replicou Chicot em tom lastimoso. -Trata-se dos meus costumes! é assim?

— Ora ainda bem! — disse a voz.

— É verdade, meu Deus! — continuou Chicot, falando como se fora o rei. — Sou muito efeminado, muito mandrião, muito dado à moleza, muito vicioso e muito hipócrita.

— É verdade — respondeu a voz com som cavernoso.

— Tenho desprezado as mulheres, e a minha especialmente, que é digna de todo o respeito.

— O homem deve amar a sua mulher como a si próprio, e preferi-la a tudo — disse a voz enfurecida.

— Ah! — exclamou Chicot, fingindo-se desesperado. — Muito tenho então pecado.

— E tens feito pecar os mais com o exemplo que dás.

— Isso é verdade, é muito verdade.

— Por pouco não causaste a condenação eterna do pobre Saint-Luc.

— Deveras? — disse Chicot. — E estais bem certo, meu Deus, que realmente não lhe causei já a eterna condenação?

— Não; mas pode muito bem suceder-Lhe essa desgraça, e a ti também, se amanhã pela manhã, o mais tardar, não o restituíres à sua família.

— Ah! ah! — disse Chicot para o rei. — A voz, pelo que vejo, é amiga da família de Cossé.

— E se não o fizeres duque e à mulher duquesa — continuou a voz — para a indemnizares da sua viuvez antecipada.

— E se eu não obedecer? — respondeu Chicot, mostrando na inflexão da voz que estava inclinado a resistir.

— Se não obedeceres — replicou a voz, engrossando duma maneira terrível -, hás-de ser Fervido durante toda a eternidade na imensa caldeira onde fervem à tua espera Sardanapalo, Nabucodonosor, e o marechal de Retz.

Henrique III soltou um ai!. O medo com que estava tornou-se mais pungente ainda ao ouvir semelhante ameaça.

— Esse pouco! — disse Chicot. — Não observas, Henrique, quanto o Céu se interessa pelo Sr. de Saint-Luc? Dir-se-ia, ou os diabos me levem, que Deus é seu amigo íntimo!

Porém Henrique não ouvia as chocarrices de Chicote, ou, se as ouvia, não podiam elas tranquilizá-lo.

— Estou perdido! — dizia ele como desvairado. — Estou perdido! Esta voz lá de cima há-de ser a causa da minha morte.

— Voz lá de cima? — replicou Chicot. — Oh, desta vez estás enganado. O muito que será é voz daqui do lado.

— Como? Voz daqui do lado? — perguntou Henrique.

— Decerto! Então não ouves, meu filho, que a voz sai desta parede? Henrique, olha que Deus está morando no Louvre. Provavelmente passa por França para descer ao Inferno, a exemplo do imperador Carlos V!

— Ateu! Blasfemador!

— É uma honra muito grande que Ele te fez, Henrique. E portanto dou-te os parabéns. Contudo, confessar-te-ei que acho que recibes com bastante frieza tamanho obséquio. Pois Deus está no Louvre, um simples tabique O separa de ti, e tu não vais fazer-Lhe uma visita? Ora vamos, Valois, estou a desconhecer-te! Pareces-me pouco cortês.

Naquele momento um resto de acha que ainda existia no fogão

levantou uma labareda e, projectando o clarão no quarto, alumiou o rosto de Chicot.

A fisionomia do bobo apresentava uma tal expressão de alegria e de mofa, que o rei Ficou admirado.

— Pois quê, — disse ele — ainda tens ânimo de zombar? Atreves-te.

— Atrevo, sim senhor — replicou Chicot -; e não tarda que tu não te atrevas também, ou os diabos me levem! Peço-te que discorras, meu filho, e que faças o que te digo.

— Queres que vá examinar.

— Se Deus está efectivamente no quarto que fica ao lado deste?

— Mas se a voz torna a falar?.

— Então não fico eu aqui para Lhe responder? Até convém que eu continue a falar em teu nome, para que a voz, que me toma por ti, se capacite que ainda aqui estás; porque a tal voz divina sempre é muito crédula, e parece que não conhece as pessoas com quem trata. Há um bom quarto de hora que aqui estou zurrando, e ainda não me conheceu! Olha que sempre é uma vergonha para uma inteligência superior.

Henrique franziu a testa. Chicot tanta coisa Lhe tinha dito, que afinal conseguira abalar-lhe a incrível credulidade.

— Parece-me que tens razão, Chicot; e não se me dava.

— Pois vai, anda! — disse Chicot, empurrando-o.

Henrique abriu devagarinho a porta do corredor que dava comunicação para o quarto vizinho, que era, como já dissemos, o antigo aposento da ama de Carlos IX, e onde dormia actualmente Saint-Luc. Mas, ainda bem não tinha dado quatro passos no corredor, ouviu a voz renovando as suas exprobrações. Chicot respondia-Lhe com os mais sentidos lamentos.

— Sim — dizia a voz -, és inconstante como uma mulher, mole como um sibarita, corrupto como um pagão.



— Ai! — choramingava Chicot. — Ai, ai! É porventura culpa minha, oh, meu Deus, se Vós me fizestes a cute tão mimosa, as mãos tão brancas, o nariz tão bonito, e o espírito tão volúvel? Mas acabou-se, meu Deus! De hoje em diante nunca mais hei-de vestir senão camisas de burel. Hei-de enterrar-me em estrume como Job, e hei-de comer bosta de vaca da Ezequiel.

Entretanto Henrique continuava a caminhar pelo corredor, observando com admiração do que à medida que diminuía a voz de Chicot, aumentava o som da voz do seu interlocutor a qual parecia sair efectivamente do quarto de Saint-Luc.

Mas Henrique ia para bater à porta, quando reparou num raio de luz que saía pela chapa cinzelada da fechadura.

Abaixou a cara ao nível do buraco, e espreitou.

De repente, Henrique, que estava muito pálido, tornou-se vermelho de cólera e esfregou os olhos para melhor ver uma cena que ainda lhe parecia impossível.

Santo nome de Deus! murmurou ele, pois é possível que tivessem o atrevimento de zombar de mim por uma tal forma? “

E com efeito, eis o que ele estava vendo pelo buraco da fechadura. A um canto do quarto, no, Saint-Luc, vestido apenas com umas ceroulas de seda e um roupão, assoprava por um porta-voz as palavras ameaçadoras que o rei tomara por palavras divinas, e junto dele, encostando-se-lhe ao ombro, estava uma rapariga em saias brancas e diáfanas, que lhe tirava de vez em quando o porta-voz das mãos, e, fazendo a voz grossa, assoprava por ele todas as extravagâncias. Pois que lhe nasciam nos olhos maliciosos, e deles Lhe passavam sem demora nos lábios escarnecedores. Cada vez que largavam o porta-voz desatavam em gargalhadas sem fim, por isso que Chicot se lamentava e chorava, imitando com tanta perfeição a voz fanhosa do rei, que a este parecia que se estava ouvindo lamentar e chorar a si próprio no corredor. Joana de Cossé no quarto de Saint-Luc! Um buraco na parede! Fazerem-me semelhante mangação!. disse entre dentes Henrique com furor. Oh! que miseráveis! há-de-lhes custar cara

a graça!

E ao ouvir uma frase ainda mais insultante do que as outras, que a Sr. a de Saint-Luc soprou pelo porta-voz, Henrique recuou alguns passos, e com um pontapé muito varonil para um homem efeminado, arrombou a porta, cujos gonzos e fechadura saltaram fora.

Joana, meia despida, deu um grito agudo e correu a esconder-se com as cortinas da cama, nas quais se embrulhou tapando o rosto.

Saint-Luc, ainda com o porta-voz na mão e pálido de susto, lançou-se de joelhos aos pés do rei, que estava fulo de raiva.

— Ah! — bradava Chicot de dentro da câmara real. — misericórdia! Valha-me a Virgem Maria e todos os santos... Desfaleço, morro!

Porém no quarto próximo ainda nenhum dos actores da cena burlesca que acabámos de narrar tinha tido ânimo para falar, tão repentina havia sido a mudança da situação de jocosa para dramática.

Henrique rompeu o silêncio com uma palavra, e a imobilidade com um gesto.

— Sai daqui! — disse ele, estendendo o braço.

E, cedendo a um movimento de raiva impróprio dum rei, arrancou o porta-voz das mãos de Saint-Luc e levantou-o como para lhe bater com ele.

Porém Saint-Luc pôs-se logo de pé, como se houvesse sido impelido por uma mola de aço.

— Senhor — disse ele -, não tem direito a bater-me senão na cabeça, lembre-se que sou fidalgo.

Henrique atirou o porta-voz ao chão com violência. Apanhou-o Chicot, o qual, tendo ouvido arrombar a porta e julgando que não seria fora de propósito a presença dum medianeiro, tinha acudido imediatamente.

Deixou Henrique e Saint-Luc a contas um com o outro, e correndo em direitura às cortinas, onde percebeu que estava um vulto, tirou

para fora a pobre rapariga toda trémula.

— Então não querem ver! — disse ele. — Aqui temos Adão e Eva depois do pecado!

E tu queres expulsá-los, Henrique?. — perguntou ele, interrogando o rei com os olhos.

— Quero, sim — respondeu Henrique.

— Pois espera lá, que eu vou fazer de anjo exterminador.

E colocando-se entre o rei e Saint-Luc, estendeu o porta-voz, à maneira de espada chamejante, sobre as cabeças dos dois criminosos, e disselhes:

— Este lugar é o meu paraíso, que perdestes pela vossa desobediência.

Proíbo-vos que nele torneis a entrar.

Em seguida, chegando a boca ao ouvido de Saint-Luc, que tinha lançado o braço à roda da cintura da esposa para a proteger, se fosse preciso, contra o ressentimento do rei:

— Se acaso possuis um bom cavalo — disse ele -, rebenta-o; mas trata de andar vinte léguas de hoje até amanhã.

## X

### COMO BUSSY SE PÔS A PROCURA DO SEU SONHO, CADA VEZ MAIS CONVENCIDO DE QUE TINHA SIDO UMA REALIDADE

Bussy tinha saído do Louvre com o duque de Anju; ambos iam pensativos: o duque porque temia as consequências do acto de resolução que Bussy de alguma forma o obrigara a praticar; e Bussy, porque tinha o espírito fortemente preocupado pelos acontecimentos da noite precedente.

Enfim, dizia ele consigo ao voltar para casa depois de ter dado os parabéns ao duque de Anju pela energia que havia mostrado, não há dúvida nenhuma de que fui atacado, que me bati, que fui ferido, pois bem sinto aqui no lado direito a dor que ainda me está causando a ferida. Ora, enquanto eu estava brigando com eles, via, como acolá estou vendo a cruz dos Petits-Champs, via, digo, o muro do Palácio das Tournelles e as ameias das torres da Bastilha. e Foi no Largo da Bastilha, um pouco adiante do Palácio das Tournelles, entre a Rua de Santa Catarina e a Rua de S. Paulo, que me atacaram, indo para o arrabalde de Santo António bustele a carta da rainha de Navarra. Foi ali pois que me atacaram, ao pé duma porta que tinha um postigo, pelo qual, depois de ter fechado a porta, estive olhando para Quélus, que estava com as faces desmaiadas e os olhos muito ardentes. Estava num corredor; no fim do corredor havia uma escada. Senti o primeiro degrau da escada quando nele tropecei. Em seguida desmaiei. Então começou o meu sonho. Depois achei-me exposto a um ar muito frio, e deitado na borda do fosso do Templo, entre um Frade agostinho, um carniceiro e uma velha... Porque será que os outros meus sonhos se

me apagam tão depressa e tão completamente da memória, enquanto este se me vai imprimindo cada vez mais na lembrança?

Ah! disse Bussy, eis o mistério que não posso compreender.

E, dizendo isto, parou à porta do palácio, onde tinha chegado naquele momento, e, encostando-se à parede, fechou os olhos.

HApre! disse ele, não é possível que um sonho deixe semelhante impressão no espírito! Parece-me que ainda estou vendo o quarto com a tapeçaria de figuras, o tecto estucado com leito de madeira de carvalho esculpida, com as cortinas de damasco branco e franjas de ouro. Ainda estou vendo o retrato e a mulher loura; do que não estou certo é se a mulher e o retrato são ou não duas coisas distintas. Finalmente, ainda tenho presente a Fisionomia agradável e jovial do médico que trouxeram com os olhos vendados até ao pé do leito onde eu estava. Parece-me que estes indícios todos são de sobejo.

Recapitulemos: a tapeçaria, o tecto o leito esculpido, as cortinas de damasco branco e franjas de ouro; um retrato e uma mulher. Vamos lá! preciso que eu procure onde vi tudo isto, e se não for o maior dos estúpidos, hei-de atinar. Mas primeiro, prosseguiu Bussy, para encetar o negócio convenientemente, vamos tomar um veículo próprio para andar correndo as ruas de noite, e depois para a Bastilha!

Em consequência desta resolução, bem pouco própria dum homem que, tendo escapado por um triz de ser assassinado na véspera, ia no dia imediato, e quase à mesma hora, explorar o mesmo sítio, Bussy subiu aos seus aposentos, mandou apertar a ligadura na ferida por um criado que entendia de cirurgia e que ele conservava ao seu serviço para o que desse e viesse, calçou umas botas que lhe chegavam até ao joelho, tomou a sua melhor espada embrulhou-se no capote, meteu-se na liteira, mandou parar no 6 da Rua do Rei da Sicília, apeou-se, disse aos criados que esperassem por ele, e, metendo-se pela Rua Direita de Santo António, encaminhou-se para o Largo da Bastilha.

Eram nove horas da noite, pouco mais ou menos. Os sinos já tinham dado o sinal de recolher. Paris estava deserta.

Durante o dia o Sol tinha aparecido por alguns instantes, e o calor

da atmosfera, derretendo o gelo, tornara o Largo da Bastilha num terreno semeado de tantos lagos e precipícios, quantos eram os charcos de água gelada e lameiros que nele havia, e que circundavam como um cais no caminho trilhado que já descrevemos.

Bussy tratou de se orientar; procurou o sitio onde o cavalo se Lhe fora abaixo, e pareceu-lhe que o tinha achado; fez os mesmos movimentos de retirada e de ataque que se lembrava de ter feito na véspera; recuou até à parede e examinou as portas uma a uma para ver se dava com o recanto a que se encostara e com o postigo por onde estivera olhando para Quélus.

Mas todas as portas tinham um vão, e quase todas um postigo; todas as entradas, com pequenas excepções, eram por corredores com porta fechada fatalidade esta que não causará admiração, quando se reflectir que nas casas dos burgueses daquela época não havia guarda-portões.

Por Deus! disse consigo Bussy, profundamente despeitado, ainda que me seja necessário bater a cada uma destas portas e interrogar todos os inquilinos; ainda que tenha de gastar mil cruzados para obrigar a falar os criados e as velhas, hei-de saber o que pretendo. As casas serão umas cinquenta; a dez por noite, venho a perder cinco noites; mas hei-de esperar que melhore o tempo.

Bussy acabava este monólogo, quando avistou uma luzinha, trémula e baça, que se aproximava reflectida pela água das poças, como a lanterna dum barco que navega.

A luz encaminhava-se para ele devagar e com andamento desigual, parando de quando em quando, obliquando umas vezes à esquerda outras à direita, e outras vezes tropeçando de repente, e dançando como um fogo-fátuo; depois tornava a andar com sossego, e passados instantes divagava novamente.

Está visto, disse Bussy, que o Largo da Bastilha é um sitio muito célebre; mas não importa: esperemos.

E Bussy, para esperar mais comodamente, embuçou-se no capote e ocultou-se no vão duma porta. A noite estava tão escura que não era

possível ver à distância de três passos.

A lanterna continuava a aproximar-se, fazendo as mais extravagantes evoluções.

Porém, como Bussy não era supersticioso, logo se convenceu de que a luz que via não era nenhum meteoro daqueles que tanto susto causavam aos viajantes na Idade Média, mas simplesmente uma luz, que uma mão pertencente a um corpo qualquer segurava.

Efectivamente, depois de alguns segundos de espera, viu que era justa a sua conjectura. Bussy avistou, à distância de trinta passos pouco mais ou menos, um vulto negro, comprido e delgado como um poste, o qual foi tomando gradualmente os contornos dum ente vivo, segurando a lanterna com a mão esquerda, que ora estendia para a frente, ora para o lado, e de vez em quando deixava-a pender junto ao corpo.

O tal ente vivo figurava pertencer, naquela ocasião, à honrosa confraria dos bêbados, porque só à embriaguez se poderiam atribuir os extraordinários rodeios que fazia, e a espécie de filosofia com que tropeçava nos buracos lamacentos e patinhava nas poças de água.

Duma das vezes até lhe sucedeu escorregar numa camada de gelo mal derretido, e uma bulha surda, acompanhada dum movimento involuntário da lanterna, que parecia precipitar-se de alto a baixo, deu a conhecer a Bussy que o passeante nocturno, pouco firme sobre os dois pés, tinha procurado um centro de gravidade mais sólido.

Bussy sentiu-se desde logo possuído daquela espécie de respeito com que todo o homem de coração bem formado olha para um bêbado que se demorou na rua até fora de horas, e já se adiantava para prestar auxílio ao tal sectário de Baco, quando viu que a lanterna se tornava a erguer com uma rapidez que inculcava que a pessoa que tão mau uso fazia dela ainda conservava uma firmeza muito maior do que aquela que na aparência mostrava.

Está bom, murmurou Bussy, temos mais outra aventura, segundo creio! ” E como a lanterna tornava a andar e parecia caminhar directamente para onde ele estava, procurou ocultar-se o mais que

pôde para dentro do vão da porta.

A lanterna deu ainda uns dez passos, e então Bussy à luz que ela projectava, observou uma coisa extraordinária: é que o homem que trazia a lanterna vinha com os olhos vendados.

Cos demónios! disse ele, que ideia singular, jogar a cabra-cega com uma lanterna na mão, com o tempo que está e num terreno como este! Estarei eu outra vez a sonhar. “

Bussy continuou a observar o caso, e o homem dos olhos vendados deu mais uns cinco ou seis passos.

Deus me perdoe, disse Bussy, mas parece-me que o sujeito vem a falar só. Nesse caso não é nem bêbado nem doido; é algum matemático que procura a solução dum problema.

Esta última reflexão fora seguida ao observador por algumas palavras que o homem da lanterna pronunciara, e que Bussy tinha ouvido.

— Quatrocentos e oitenta e oito, quatrocentos e oitenta e nove. — murmurava o homem da lanterna -, deve ser muito perto daqui.

E dizendo isto, a misteriosa personagem levantou a venda com a mão direita, e achando-se em frente duma casa, aproximou-se da porta. Chegado ao pé dela, examinou-a com atenção.

— Não — disse ele -, não é aqui.

Depois tornou a abaixar a venda, e pôs-se outra vez a andar, prosseguindo no seu cálculo.

— Quatrocentos e noventa e um, quatrocentos e noventa e dois, quatrocentos e noventa e três, quatrocentos e noventa e quatro. deve estar a ferver — disse ele.

Tornou a levantar a venda; e, aproximando-se da porta contígua àquela em que Bussy estava oculto, examinou-a com a mesma atenção com que tinha examinado a primeira.

— Bem podia ser esta — disse ele -, mas não me cheira; o diabo das portas são todas parecidas!



Aquela mesma reflexão já eu fiz, disse Bussy lá consigo; parece-me que o matemático merece alguma consideração.

O matemático tornou a baixar a venda e continuou no seu caminho — Quatrocentos e noventa e cinco, quatrocentos e noventa e seis, quatrocentos e noventa e sete, quatrocentos e noventa e oito, quatrocentos e noventa e nove. Se houver alguma porta na minha frente — disse o pesquisador -, deve ser essa.

Com efeito, havia ali mesmo uma porta, e essa porta era aquela em que Bussy se tinha ocultado; resultou daí que quando o presumido matemático levantou a venda, ele e Bussy viram-se em face um do outro.

— Que é isso? — disse Bussy.

— Oh! — exclamou o homem da lanterna, recuando um passo.

— Então? — disse Bussy.

— Não é possível! — exclamou o desconhecido.

— Sim, realmente é extraordinário. O senhor não é o médico...

— E o senhor não é o fidalgo.

— Exactamente.

— Meu Deus! Que felicidade!

— Sim, o médico — continuou Bussy — que ontem à noite pensou um cavaleiro que recebeu uma cutilada no lado.

— Direito.

— Isso mesmo; reconheci-o imediatamente; é então o senhor que tem uma mão muito macia e muito leve, e também muito hábil?

— Oh! Não esperava encontrá-lo aqui.

— Que andava o senhor procurando?

— A casa.

— Ah! — exclamou Bussy. — Com que então procurava a casa?.

— Sim senhor.

— Pois não a conhece?

— Como quer que eu a conheça — respondeu o médico -, se me trouxeram com os olhos vendados.

— Ah! Trouxeram-no com os olhos vendados.

— Exactamente.

— Mas então sempre veio realmente a esta casa?.

— A esta, ou a alguma das que ficam próximas; não posso dizer qual, porque ainda a estou procurando.

— Bem — disse Bussy -, então não foi sonho!

— Como, não foi sonho?

— Eu lhe digo, meu caro amigo: é que eu julgava que toda essa aventura, excepto a cutilada, já se sabe, tinha sido um sonho.

— Pois olhe, meu caro Senhor — disse o médico -, isso é que me não causa admiração nenhuma.

— Por que motivo?

— É que eu desconfiava que havia algum mistério.

— Há, sim, meu amigo, e é um mistério que eu quero penetrar; há-de ajudar-me, não é verdade?

— Com todo o gosto.

— Bem; mas primeiro que tudo, duas palavras.

— Diga.

— Como se chama?

— Senhor — respondeu o médico, que era um rapaz ainda muito novo -, não me quero ver rogado. Bem sei que segundo o estilo hoje em moda, para responder a uma semelhante pergunta, deveria tomar uma atitude bélica, e dizer-lhe com a mão na ilharga: E o senhor, que a nome tem? Porém vejo que traz uma espada muito comprida, e eu apenas trago a minha lancetta. O senhor tem a aparência dum honrado cavaleiro, e eu devo-lhe parecer um qualquer-coisa, assim molhado

como estou e salpicado de lama até à cabeça. Em vista do que, estou resolvido a responder francamente à sua pergunta: chamo-me Rémy le Haudouin.

— Muito bem, e mil vezes obrigado. Eu sou o conde Luís de Clermont, senhor de Bussy.

— Bussy de Amboise? Bussy, o herói? — exclamou o doutor com visível alegria.

— Pois quê? O senhor é o famoso Bussy, o coronel que. a quem. Oh!

— Sou eu mesmo, Senhor Doutor — respondeu o fidalgo com modéstia. — E agora, que ambos sabemos com quem estamos falando, satisfaça-me por favor a curiosidade, apesar de estar tão molhado e tão salpicado de lama.

— O caso é que — disse o mancebo olhando para os calções manchados de lama -, a exemplo de Epaminondas, o Tebano, há-de-me ser preciso estar em casa três dias, pois não tenho senão um par de calções e um único gibão. Mas perdão; parece-me que me estava fazendo a honra de me interrogar.

— Sim senhor, queria perguntar-Lhe como foi que veio a esta casa.

— É uma história muito simples e muito complicada ao mesmo tempo; vai ajuizar — disse o mancebo.

— Vejamos.

— Perdão, Senhor Conde, estou tão impressionado, que me esquecia tratá-lo pelo seu título.

— Isso não vem ao caso, continue.

— Senhor Conde, eis o que me sucedeu: Eu moro na Rua de Beautreillis, à distância de quinhentos e dois passos daqui. Sou um simples aprendiz de cirurgia, mas posso assegurar-lhe que tenho alguma destreza.

— Eu que o diga — respondeu Bussy.

— E tenho estudado muito — prosseguiu o mancebo -; mas não

tenho clientes.

Chamo-me, como já lhe disse, Rémy le Haudouin, porque nasci em Nanteuil-le-Haudouin. Aconteceu, haverá sete ou oito dias, darem uma facada num homem, por detrás do Arsenal; fui eu quem o tratou: cosi-lhe a pele da barriga, tendo previamente recolhido com toda a delicadeza para dentro da pele os intestinos, que já iam saindo. Esta cura granjeou-me na vizinhança uma certa reputação, e a ela atribuo a felicidade que tive de ser acordado ontem de noite por uma voz meiga.

— Era voz de mulher? — exclamou Bussy.

— Sim; porém note, cavalheiro, que apesar de eu ser muito rústico, estou certo de que era voz de criada. Tenho voto na matéria, porque tenho ouvido mais vozes de criadas do que de amas.

— E depois que fez?

— Levantei-me e fui abrir a porta; mas apenas cheguei ao patamar, duas mãozinhas que não eram muito macias, mas que também não me pareceram muito ásperas, ataram-me um lenço sobre os olhos.

— Sem dizer coisa alguma? — perguntou Bussy.

— Dizendo-me: Venha; não procure ver por onde vai; seja discreto; eis aqui a sua recompensa.

— E a recompensa era?.

— Uma bolsa contendo peças de ouro de dez libras, que ela me meteu na mão.

— Ah, ah! E o senhor que respondeu?

— Que estava pronto a acompanhar a minha formosa condutora. Eu não sabia se ela era formosa ou não, mas pensei que o epíteto, ainda que fosse algum tanto exagerado, não fazia mal ao caso.

— E acompanhou-a sem fazer observação alguma, sem exigir garantias?

— Tenho lido muitas vezes nos meus livros histórias semelhantes a esta, e tenho observado que o resultado é sempre agradável para o médico. Acompanhei-a, pois, como tenho a honra de lhe dizer;

conduziu-me por um caminho áspero; o chão estava como que gelado; e fui contando quatrocentos, quatrocentos e cinquenta, quinhentos, e finalmente, quinhentos e dois passos.

— Muito bem — disse Bussy -; era medida de prudência; então esta é que deve ser a porta?

— Se não for esta, não pode ser muito longe dela, pelo menos; porque desta vez contei até quatrocentos e noventa e nove, se a ladina da rapariga que me acompanhava não me fez dar algum rodeio, como suspeito.

— Bem; mas supondo que Lhe ocorresse essa lembrança — disse Bussy -, é impossível que não Lhe escapasse algum indício, que não proferisse algum nome.

— Nada.

— Mas o senhor não fez nenhuma observação?

— Observei tudo quanto se pode observar com dedos acostumados a substituírem às vezes os olhos; era uma porta com pregos de cabeça grande, passada a porta um corredor; no fim do corredor, uma escada.

— Da parte esquerda?

— Isso mesmo. Até contei os degraus.

— Quantos eram?

— Doze.

— E logo à entrada para a casa?

— Sim senhor; e pareceu-me que havia outro corredor, porque abriram três portas.

— Muito bem.

— Depois ouvi uma voz. Ah! Essa sim, era voz de ama, suave e delicada.

— Sim, sim, era a dela.

— Bom, seria a dela.

— Estou certo que era.

— Essa certeza já adianta alguma coisa. Depois conduziram-me ao quarto onde o senhor estava deitado, e disseram-me que destapassem os olhos.

— Isso mesmo.

— Então foi que o vi.

— Onde estava eu?

— Deitado num leito.

— Era um leito guarnecido de damasco com flores de ouro?

— Exactamente.

— Num quarto ornado de tapeçarias?

— Sem tirar nem pôr.

— Com figuras pintadas no tecto?

— Sim senhor; e além disso, entre as duas janelas.

— Um retrato?

— Admirável.

— Figurando uma mulher de dezoito a vinte anos?

— Sim senhor.

— Loira?

— Exactamente.

— Linda como um anjo?

— Ainda mais linda.

— Bravíssimo! E depois que fez?

— Curei-lhe a ferida.

— E creia que muito bem.

— Foi o melhor que pude.

— Perfeitamente, meu caro Senhor, perfeitamente; porque esta

manhã já a chaga estava quase sarada e apresentando uma cor muito rosada.

— É devido à virtude dum bálsamo que eu compus, e que julgo muito eficaz; porque já muitas vezes, não tendo em quem fazer experiências, tenho-me ferido em diferentes lugares da minha própria pele, e dentro de dois ou três dias logo as feridas saram com o meu remédio.

— Meu querido Sr. Rémy — exclamou Bussy -, estou simpatizando imenso consigo.

Mas depois? Vamos, diga.

— Depois, o senhor tornou a desmaiar. A voz pediu-me que Lhe desse a minha opinião a respeito do seu estado.

— De onde Lhe falava ela?

— Do quarto imediato.

— De forma que não viu essa senhora?

— Não a pude lobrigar.

— Respondeu-Lhe.

— Que a ferida não era perigosa, e que dentro de vinte e quatro horas estaria pronto.

— Ela Ficou contente?

— Contentíssima, porque logo exclamou: Que felicidade, meu Deus!

— Pois ela disse que felicidade"? Meu caro Sr. Rémy, encarrego-me da sua fortuna. Mas depois?

— Depois, tudo estava acabado; visto o senhor estar curado, eu não tinha mais nada que fazer ali; a voz então disse-me: Sr. Rémy.

— Ela sabia o seu nome?

— Sabia, provavelmente em consequência do caso da facada que já lhe contei.

— É verdade; ela disselhe pois: Sr. Rémy. porte-se como homem honrado até ao fim; não comprometa uma pobre mulher que procedeu por um excesso de humanidade; torne a pôr a venda nos olhos, sem fraude, e consinta que o conduzam até sua casa.

— Prometeu-Lhe?

— Dei a minha palavra.

— E cumpriu?

— Bem vê que sim — respondeu ingenuamente o mancebo -; por isso ando agora procurando a porta.

— Está bom — disse Bussy -, portou-se como homem de bem; e apesar da desesperação que isso me causa, não posso deixar de Lhe dizer: toque, Sr. Rémy!

E Bussy, cheio de entusiasmo, estendeu a mão ao doutor.

— Senhor. — disse Rémy, hesitando.

— Dê-me a sua mão, dê-me a sua mão, que o seu comportamento foi o de um cavalheiro.

— Senhor — disse Rémy -, será para mim uma glória eterna ter apertado a mão do valente Bussy de Amboise; entretanto, conservo um escrúpulo.

— Qual é?

— Havia dentro da bolsa dez peças de ouro.

— E então?

— Era muito para um homem que apenas exige cinco soldos pelas suas visitas, quando não as faz de graça; e eu procurava a casa.

— Para restituir a bolsa?

— Justamente.

— Meu caro Sr. Rémy, isso é levar muito longe a delicadeza e o escrúpulo; ganhou esse dinheiro honradamente, e sem questão pertence-lhe.



— Julga isso? — perguntou Rémy, muito satisfeito interiormente.

— Assim Lhe afianço; porém, sempre Lhe direi que não era essa senhora quem devia pagar-Lhe, porque eu não a conheço, nem ela me conhece a mim.

— Bem vê que isso é mais uma razão.

— Quero dizer, unicamente, que eu também contraí uma dívida para com o senhor.

— O senhor, uma dívida para comigo?.

— Sim senhor, e hei-de solvê-la. Que faz em Paris? Vejamos. diga-me. Faça-me seu confidante, meu querido Sr. Rémy.

— O que faço em Paris? Nada, Senhor Conde; mas poderia fazer alguma coisa se tivesse clientes. — Pois bem! Isto vai às mil maravilhas; vou dar-Lhe já um cliente. Quer-me a mim? Olhe que sou um ótimo freguês. Não se passa, a bem dizer, um único dia que eu não deteriore mais, ou que alguém não destrua em mim, a obra mais perfeita do Criador, Vamos lá. Quer incumbir-se do conserto dos rasgões que Fizerem na minha pele e dos buracos que eu fizer na pele dos outros?

— Ah! Senhor Conde — disse Rémy -, não tenho suficiente merecimento.

— Bem pelo contrário, o senhor é exactamente o homem de que eu preciso, ou os diabos me levem! Tem a mão leve como se fora mão de mulher, e, além disso, o célebre bálsamo de Ferragus.

— Senhor Conde.

— Virá morar para minha casa; terá um quarto e criados para o servirem; aceite, senão, creia-me, terei grande pesar. E demais a mais, ainda não concluiu a sua obra; há-de ser preciso aplicar-me segundo apósito à ferida, meu caro Sr, Rémy.

— Senhor Conde — respondeu o jovem doutor -, é tal o meu contentamento, que não sei como Lhe hei-de mostrar a alegria que sinto, Poderei agora trabalhar, hei-de ter muitos clientes! — Isso não;

se eu Lhe estou dizendo que o quero só para mim. e para os meus amigos bem entendido. E agora, diga-me: não se lembra de mais alguma coisa?

— Não senhor.

— Pois bem! Ajude-me então a memória, se Lhe é possível.

— Como?

Vejamos. o senhor, que é um homem a quem nada escapa, que teve a pachorra de contar os passos que deu, que apalpa as paredes e observa as diferenças das vozes, não me dirá como Foi que, depois da minha ferida curada, me transportaram desta casa para a borda do posso do Templo?

— Ao senhor?

— Sim. a mim. também ajudou a levar-me?

— Não senhor! Bem pelo contrário, ter-me-ia oposto se me tivessem consultado.

O frio da noite podia ser-lhe muito nocivo.

— Nesse caso, já não sei que deva pensar — disse Bussy. — Não quer ajudar-me um pouco nas minhas pesquisas?

— Senhor Conde, estou por tudo que quiser; mas receio muito que seja trabalho baldado; todas estas casas se parecem umas com as outras.

— Pois então — disse Bussy -, havemos de examinar isto de dia.

— Pois sim, mas de dia seremos vistos.

— Então é preciso procurarmos informações.

— Havemos de nos informar, Senhor Conde.

— E havemos de conseguir o nosso fim. Acredite no que Lhe digo, Rémy; somos dois agora com o mesmo desejo, e temos uma realidade, o que já é muito.

## XI

### QUE QUALIDADE DE HOMEM ERA O SR. BRYAN DE MONSOREAU

Bussy não cabia em si de contentamento, desde que adquirira a certeza de que a mulher que vira em sonhos era uma realidade, e que lhe tinha ministrado efectivamente a generosa hospitalidade de que ele conservava no fundo do coração uma vaga lembrança.

E por isso não quis separar-se do doutor que acabava de tomar para seu médico particular. Rémy subiu com ele para a liteira. Bussy receava, perdendo-o de vista um único instante, que lhe desaparecesse como uma visão; tencionava pois trazê-lo para o seu palácio, fechá-lo à chave durante aquela noite, e no dia seguinte deliberar se devia dar-lhe a liberdade.

Durante o trajecto continuou com as suas indagações; porém as respostas não saíam do círculo bastante limitado que há pouco indicámos. Rémy le Haudouin pouco adiantava ao que Bussy já sabia; a única diferença era que, não tendo ele desmaiado, tinha a certeza de não ter sonhado.

Porém, para um homem que vai começando a apaixonar-se por uma mulher, e era esse o caso de Bussy, é uma grande fortuna ter alguém com quem possa falar da pessoa a quem se ama. Rémy não tinha visto a tal senhora; mas essa circunstância ainda lhe dava mais valor aos olhos de Bussy, porque lhe permitia poder descrever-lhe quanto era superior em tudo ao retrato.

Bussy estava muito disposto a levar a noite toda a conversar a respeito da dama incógnita; porém Rémy começou a exercer as suas funções de doutor, exigindo que o ferido dormisse, ou pelo menos se

deitasse; o cansaço e a dor também aconselhavam o mesmo ao galante mancebo e estes três poderes juntos conseguiram resolvê-lo a ir para o leito.

Contudo, Bussy não quis recolher-se sem ter previamente dado posse ao novo hóspede de três quartos que tinham sido outrora a sua habitação de rapaz, e formavam parte do terceiro andar do Palácio de Bussy; e logo que teve a certeza de que o médico que se mostrava satisfeito com a sua nova residência e com a fortuna que a Providência lhe, deparara, não procuraria fugir clandestinamente do palácio, voltou para o esplêndido quarto que ocupava no primeiro andar.

No dia seguinte, quando acordou, deu com Rémy em pé junto do leito. O mancebo tinha passado a noite sem poder acreditar em tanta felicidade que lhe caíra do Céu e estava esperando que Bussy acordasse para ter a certeza de que também não tinha sonhado.

— Bons dias! — disse Rémy — como se sente?

— Perfeitamente, meu caro Esculápio; e o senhor, está satisfeito?

— Tão satisfeito, meu excelente protector, que não trocaria por certo a minha sorte pela de el-rei Henrique III, apesar de ele estar em tão bom caminho de ir para o Céu depois do que ontem praticou. Mas não se trata agora disso, vamos ver a ferida.

— Veja lá.

E Bussy voltou-se de lado, para que o médico Lhe pudesse levantar os apósitos.

Não havia novidade; os bordos da ferida estavam cor-de-rosa e iam unindo.

Bussy, sentindo-se feliz, dormira bem, e tendo o sono e a felicidade ajudado à cura pouco restava que fazer ao médico. — Então? — perguntou Bussy — que me diz a isto, Senhor Professor?

— Digo que não me atrevo a confessar-Lhe que está quase bom, com receio de que me não torne a mandar para a minha Rua Beautreillis, a quinhentos e dois passos da célebre casa.

— Com a qual havemos de dar, não é assim, Rémy?

— Que dúvida!

— Mas ias tu dizendo, meu Filho?... — disse Bussy.

— Perdão, meu Senhor! — exclamou Rémy com os olhos arrasados de lágrimas - mas

parece-me que me tratou por tu...

— Rémy, eu costumo tratar por tu as pessoas de quem sou amigo. Não gostas que te trate por tu?

— Pelo contrário — exclamou o mancebo, agarrando na mão de Bussy e procurando beijá-la -, pelo contrário! receava não ter ouvido bem. Oh! O senhor quer que eu endoideça de alegria?...

— Não, meu amigo; quero unicamente que também me tenhas alguma amizade, que te consideres aqui como em tua casa, e que me dês licença para ir assistir hoje, enquanto tratas da tua mudança, ao acto de posse do monteiro-mor da corte.

— Ah! — disse Rémy — Quer já começar a fazer extravagâncias.

— Não tenhas receio, prometo-te que hei-de ter muito juízo.

— Mas sempre Lhe há-de ser preciso montar a cavalo.

— Isso é indispensável.

— E tem acaso algum cavalo muito manso e de boa andadura?

— Tenho quatro à escolha.

— Pois bem! Mande aparelhar hoje para si aquele que escolheria para emprestar à senhora

do retrato; sabe a quem me refiro, não sabe?

— Ah! Ainda me perguntas se sei! Olha, Rémy, acabaste agora de assenhorear-te do meu coração para sempre; estava receando imenso que me proibisses de ir à tal caçada, ou, para melhor dizer, ao tal simulacro de caçada, porque hão-de concorrer a ela as senhoras da corte e grande número de mulheres da capital. Ora, meu caro Rémy já se vê que a senhora do retrato ou há-de pertencer à corte, ou há-de

estar no número dos espectadores da cidade. Não pode ser uma simples burguesa; aquelas tapeçarias, aqueles esmaltes tão finos, o tecto estucado, o leito de damasco e ouro, e, finalmente, todos aqueles objectos de luxo e de tão bom gosto dão a conhecer que é senhora de distinção, ou pelo, menos muito rica; se eu a encontrasse na caçada!... Como era feliz!

— Tudo é possível — respondeu filosoficamente Haudouin.

— Menos o tornarmos a dar com a casa — disse Bussy com um profundo suspiro.

— E entrarmos dentro, quando tivermos acertado com ela — acrescentou Rémy.

Oh! Essa dificuldade nunca me ocorre senão quando já estou da parte de dentro — disse Bussy -; e além disso, quando chegarmos a esse ponto — prosseguiu ele -, tenho um meio infalível.

— Qual é?

— É procurar que me dêem outra estocada.

— Bem — disse Rémy -, em vista dessa lembrança, devo esperar que me conservará por muito tempo na sua companhia.

— Fica descansado — disse Bussy -, parece-me que já te conheço há vinte anos; e, pela minha fé de cavalheiro já não posso passar sem ti!

No rosto agradável, do jovem praticante brilhou a expressão duma indizível alegria.

— Vamos lá -, replicou ele -, é negócio tratado; vai à caçada em procura da senhora, e eu volto à Rua Beautreillis em procura da casa.

— Tinha que ver — disse Bussy -, se cada um de nós voltasse com a sua descoberta.

E ditas estas palavras, Bussy e Haudouin separaram-se, mais como dois amigos do que como amo e criado.

Tinha-se determinado, com efeito, uma grande caçada no bosque de Vincenas para solenizar o acto de posse do Sr. de Bryan de Monsoreau, que tinha sido nomeado para o cargo de monteiro-mor

havia algumas semanas.

A procissão da véspera e a austera penitência do rei, para quem a Quaresma tinha começado na Terça-Feira Gorda, fizeram com que muitas pessoas julgassem que ele não assistiria em pessoa à caçada; porque quando o rei se entregava aos seus acessos de devoção passava às vezes semanas inteiras sem sair do Louvre, quando não levava o rigorismo a ponto de entrar em algum convento; porém, pelas nove horas da manhã, soube-se, com grande admiração de toda a corte, que o rei tinha ido para o Castelo de Vincenas com tenção de acompanhar o irmão, o Senhor Duque de Anju, e toda a corte, à caça dos gamos.

O ponto de reunião era na Encruzilhada do Rei S. Luís. Era assim que chamavam naquela época a um largo onde existia, segundo diz a tradição, o célebre carvalho debaixo do qual se sentava o rei-mártir para administrar a justiça.

Estavam pois todos reunidos às nove horas, quando o novo oficial da casa real, assunto de curiosidade de todos, por isso que poucas pessoas o conheciam na corte, apareceu, montado num magnífico cavalo preto.

Todas as vistas se dirigiram para ele.

Era um homem de trinta e cinco anos, pouco mais ou menos, e de elevada estatura.

O seu rosto bexigoso, ao qual assomavam, de vez em quando, malhas fugitivas de cor avermelhada, conforme as impressões que sentia, desagradava à primeira vista, e obrigava os olhos a contemplá-lo com mais atenção, circunstância esta que poucas vezes redundava em favor do indivíduo que passa pelo exame.

E, na verdade, as simpatias nascem geralmente do primeiro aspecto; um olhar franco e sorriso leal dispõem logo à benevolência.

O Sr. de Monsoreau, com o seu sobretudo de pano verde agalado de prata, boldrié de prata com as armas reais bordadas num escudo, gorro ornado duma comprida pluma, brandindo na mão esquerda uma lança curta, e na direita o bastão destinado ao rei, podia parecer talvez um fidalgo temível, mas não era por certo um galante cavaleiro.

— Apre! Que feia carantonha nos trouxe do seu ducado, meu Senhor — disse Bussy para o duque de Anju -; fidalgos destes é que Vossa Alteza manda buscar à província para serem seus validos? Diabos me levem se alguém fosse capaz de encontrar outro semelhante em Paris, apesar de ser a cidade tão extensa e não haver por cá falta de gente disforme. Disseram-me, mas devo confessar a Vossa Alteza que não quis acreditar, que foi o Senhor Duque o empenho para que el-rei o nomeasse monteiro-mor.

— O Sr: de Monsoreau tem-me servido bem — respondeu o duque de Anju laconicamente -; por isso o recompensei.

— Muito bem, meu Senhor; a gratidão é uma virtude que muito honra os príncipes, por isso mesmo que é neles bem rara; mas essa não é agora a questão; parece-me que também eu o tenho servido fielmente, e peço-lhe que acredite que o uniforme de monteiro-mor me havia de ficar muito melhor do que àquele fantasma agigantado. E tem a barba ruiva, demais a mais! Ainda não tinha reparado em mais essa formosura!

— Nunca ouvi dizer — respondeu o duque de Anju — que fosse necessário ser um modelo de Apoio, para exercer os empregos da casa real.

— Nunca tal ouviu dizer, meu Senhor? — replicou Bussy com o maior sangue-frio — pois admira-me.

— Eu avalio o coração e não o rosto — respondeu o príncipe -; os serviços prestados e não os prometidos.

— Vossa Alteza há-de dizer que eu sou muito curioso — tornou Bussy -, porém confesso que, por mais que escogite, não posso atinar com a natureza do serviço que este Monsoreau Lhe pôde prestar.

— Ah! Bussy — respondeu o duque com enfado -, disseste bem; és muito curioso, demasiadamente curioso.

— Assim é que são todos os príncipes! — exclamou Bussy com a liberdade do costume.

— Estão continuamente a perguntar, e é preciso responder-lhes a



tudo; mas se por acaso se lhes dirige uma única pergunta, não respondem.

— É verdade — disse o duque de Anju -; mas sabes o que hás-de fazer se desejas informar-te melhor?

— Não sei.

— Vai perguntar ao próprio Sr. de Monsoreau.

— É verdade — disse Bussy -, Vossa Alteza tem razão; com ele, ao menos, como é meu igual, sempre me ficará um recurso, se não me responder.

— Qual é?

— Dizer-Lhe que é muito insolente.

E voltando as costas ao príncipe sem mais reflexões, depois desta resposta, encaminhou-se, na presença dos seus amigos, e de chapéu na mão, para o Sr. de Monsoreau, o qual, parado a cavalo no meio do círculo, e tornado alvo de todos os olhos que sobre ele convergiam, esperava com admirável sangue-frio que o rei viesse livrá-lo do peso de todas aquelas vistas. Quando viu aproximar-se Bussy de cara risonha e chapéu na mão, amenizou um pouco — o semblante.

— Peço-lhe perdão, Sr. de Monsoreau — disse Bussy -, mas vejo-o aqui muito só. Dar-se-á o caso que o valimento de que presentemente goza lhe criasse já tantos inimigos quantos eram talvez os amigos que tinha antes de ser nomeado monteiro-mor?

— Por minha fé, Senhor Conde — respondeu o senhor de Monsoreau -, não iria afirmá-lo, mas aposto que assim é. Porém, ser-me-á lícito saber a que motivo devo a honra que me Faz vindo assim perturbar a minha solidão?

— Não há outro — respondeu denodadamente Bussy — senão a grande admiração que o duque de Anju me soube inspirar pelo senhor.

— Como assim?

Contando-me as suas façanhas, e especialmente a última, em

remuneração da qual foi nomeado monteiro-mor.

O Sr. de Monsoreau enfiou de tal maneira, que as pintas das bexigas que lhe matizavam o rosto tornaram-se-Lhe outros tantos pontos negros sobre a pele amarelada; e ao mesmo tempo encarou Bussy com um modo que parecia pressagiar uma tempestade violenta. Bussy conheceu que tinha errado o caminho; mas não era ele homem que recuasse; bem pelo contrário, era daqueles que costumam remediar uma indiscrição com uma insolência. — Diz, Senhor Conde — respondeu o monteiro-mor -, que Sua Alteza lhe contou a minha última façanha?

— Sim senhor — disse Bussy -, com todos os pormenores; e confesso que me despertou o desejo de ouvir essa narração da sua própria boca.

O Sr. de Monsoreau apertou convulsivamente a haste da lança, como quem desejava virar essa arma contra Bussy.

— Digo-Lhe, na verdade, Senhor — respondeu ele -, que estava disposto a retribuir o seu obséquio anuindo ao pedido que me faz; mas infelizmente chega el-rei, e não tenho tempo para o fazer; porém, se quiser, Ficaré para mais tarde.

E com efeito o rei, montado no seu cavalo favorito, que era um bonito ginete espanhol de cor baia, vinha galopando com rapidez do castelo para a encruzilhada.

Bussy, descrevendo um meio círculo com a vista, deu com os olhos nos do duque de Anju; o príncipe sorria de modo bem pouco satisfatório.

Amo e criado, pensou Bussy, ambos fazem uma careta muito feia quando riem; que será então quando choram...

O rei gostava de fisionomias bonitas e agradáveis; não ficou portanto muito satisfeito com a do Sr. Monsoreau, que já tinha visto uma vez, e com quem não engraçou mais da segunda do que tinha engraçado da primeira. Contudo, aceitou com agrado o bastão que este Lhe apresentou, ajoelhando segundo o estilo.

Logo que o rei recebeu o bastão, os moços da coutada anunciaram que o gamo estava desencovado, e começou a caçada.

Bussy foi colocar-se no flanco do cortejo, de maneira que via desfilar todos pela sua frente; não passava senhora alguma que ele não examinasse se seria o original do retrato, mas foi debalde; estavam presentes mulheres muito bonitas, muito belas e muito sedutoras, naquela caçada em que se estreava o Monteiro-mor; porém não estava entre elas a encantadora criatura que ele procurava.

Viu-se, pois, reduzido a gozar da conversação e da companhia dos seus amigos do costume. Anraguet, sempre alegre e falador, foi quem o distraiu do aborrecimento em que estava.

— Temos um Monteiro-mor que mete medo — disse ele a Bussy -; não achas?

— Acho-o horrendo; e que família de bichos que há-de ser, se as pessoas que têm a honra de Lhe pertencerem, se parecem com ele! Mostra-me lá a mulher!

— O Monteiro-mor ainda está para casar, meu caro amigo — respondeu Anraguet.

— E como sabes tu isso?

— Dissemos a Sr. de Veudron, que o acha muito galante, e não se Lhe dava de fazer dele o seu quarto marido, como Lucrecia Bórgia com o conde de Este. Olha como ela vai metendo o cavalo baio a galope atrás do cavalo preto do Sr. Monsoreau.

— E que terras possui? — perguntou Bussy.

— Uma infinidade de terras.

— Situadas.

— No ducado de Anju.

— É por consequência muito rico?

— Assim dizem, mas não sei com certeza; tenho ouvido que a sua fidalguia é muito moderna.

— E quem é amante do fidalgote?

— Não tem amante: o estimável cavaleiro timbra em ser singular em tudo. Mas agora reparo que o Senhor Duque de Anju te está chamando por acenos; vamos depressa.

— Deixa-o chamar! O Senhor Duque de Anju que espere se quiser. Aquele homem despertou a minha curiosidade. Acho-o singular. Não sei por que me está parecendo que hei-de vir a ter alguma pendência com ele; é destas ideias que ocorrem às vezes, como sabes, quando sucede ver-se um individuo pela primeira vez. E daí. aquele nome, Monsoreau.

— Monte de rato — replicou Anraguet -, é esta a etimologia; foi o padre-mestre lá de casa que ma ensinou esta manhã: Mons Soricis.

— Já não quero saber mais nada — replicou Bussy

— Ah! Mas espera lá. — exclamou de repente Anraguet.

— Que é?

— Livarot conhece isso muito bem.

— Isso quê?

— O Mons Soricis. As terras dum confinam com as do outro.

— Pois vamos já saber isso sem demora. Olá! Livarot!

Livarot aproximou-se.

— Anda depressa, Livarot; vem cá.

— Que me querem? — perguntou o mancebo.

— Queremos informações a respeito de Monsoreau.

— Com todo o gosto.

— Levará muito tempo?

— Não, serei breve. Direi em três palavras o que sei e o que penso a seu respeito.

Tenho medo dele!

— Bom! E agora, que já nos disseste o que pensas, diz-nos o que sabes dele.

— Ouve!. Voltava eu uma noite.

— A história começa duma maneira medonha — disse Antraguët.

— Não queres que conclua?

— Vamos lá.

— Voltava eu uma noite de casa do meu tio d'Entragues, e ia atravessando o bosque de Méridor, há-de haver seis meses pouco mais ou menos, quando de repente ouvi um grito espantoso, e vi passar entre as sarças um cavalo branco que ia fugindo sem cavaleiro; deitei a correr, e na extremidade duma comprida alameda, que as primeiras sombras da noite tornavam ainda mais escura, avistei um homem montado num cavalo preto; não corria, voava. Ouvi então novamente o mesmo grito, e divisei sobre o arção da sela uma mulher, cuja boca ele tapava com a mão. Eu tinha comigo o meu arcabuz de caça; sabes que não tenho má pontaria.

Pu-lo à cara, e por minha fé que o teria morto, se no momento em que dava ao gatilho não se tivesse apagado o morrão.

— Muito bem! — interrompeu Bussy — e depois?

— Depois, perguntei a um homem que estava cortando lenha quem era aquele senhor do cavalo preto que assim roubava mulheres; respondeu-me que era o Sr. de Monsoreau.

— Então que dizes, Bussy?. — atalhou Antraguët. — Parece-me que roubar mulheres não é coisa que fique mal a ninguém!

— É verdade — replicou Bussy -; mas ao menos deixa-se-Lhes a faculdade de gritarem.

— E quem era a mulher? — perguntou Antraguët.

— Aí é que está o mistério, nunca se soube.

— Está bem! — disse Bussy — Vejo que é um homem notável, e vou simpatizando com ele.

— Tão notável — disse Livarot — que tem péssima reputação.

— E além desse facto que referiste, consta mais alguma coisa a seu respeito?

— Nada; nem se sabe que ele Fizesse nunca mal a pessoa alguma; até dizem que trata bem agente dos seus domínios; mas isso não obsta a que no distrito que até hoje tem tido a ventura de o possuir, tenham medo dele como se fora o Diabo.

Além de tudo isto, é um caçador, não perante Deus, talvez, mas perante Satanás, e nunca el-rei teve um monteiro-mor tão bom. Há-de desempenhar o emprego muito melhor do que Saint-Luc, para quem estava destinado, e que ficou sem ele por influência do Senhor Duque de Anju.

— Não sei se sabes que o duque de Anju ainda continua a fazer-te acenos. - disse Antraguët.

— Bom, não faças caso; sabes tu o que por aí se diz a respeito de Saint-Luc?

— Não; o rei ainda o conservará engaiolado? — perguntou Livarot, rindo-se.

— Decerto, visto que não está aqui — respondeu Antraguët.

— Não há tal, meu caro; partiu esta noite, à uma hora, para ir fazer uma digressão pelas terras que a mulher Lhe trouxe em dote.

— Foi desterrado?

— Assim parece.

— Saint-Luc desterrado? É impossível!

— É certíssimo, meu caro amigo.

— Como soubeste tu isso?

— Foi o marechal de Brissac mesmo quem mo contou esta manhã.

— Ah! Essa é muito nova e muito célebre; sabes que esse acontecimento há-de fazer mal ao Monsoreau.

— Bem sei! — exclamou Bussy.

- Mas que sabes tu?
- Já adivinhei o que foi.
- O que foi então que adivinhaste?
- Qual foi o serviço que ele prestou ao Senhor Duque de Anju.
- Quem? Saint-Luc?
- Não, o Monsoreau.
- Deveras?
- Sim, os diabos me levem se não foi o que penso! Vê-lo-ás já; vem comigo.

E Bussy, acompanhado de Livarot e de Antraguët, meteu o cavalo a galope para alcançar o duque de Anju, o qual, já cansado de lhe acenar, ia caminhando para a frente a alguma distância.

— Ah! meu Senhor — exclamou Bussy, quando chegou ao pé do príncipe -, que homem impagável que é aquele Sr. de Monsoreau!

- Ah! Deveras?
- incrível!
- Então conversaste muito com ele? — perguntou o príncipe a rir.
- Decerto, e achei-o demais a mais muito instruído.
- E perguntaste-lhe que tinha ele feito por mim?
- Sem dúvida, foi unicamente para esse fim que me dirigi a ele.
- E ele respondeu-te? — perguntou o duque, mostrando-se ainda mais alegre.

— No mesmo instante, e com tal urbanidade que muito me penhorou.

— E que te disse? Vamos, conta-me lá isso, meu valente escaldafavais - acrescentou o príncipe.

— Confessou-me ingenuamente, meu Senhor, que era fornecedor de Vossa Alteza.

— Fornecedor de caça?

— Nada; de mulheres.

— Que história é essa? — disse o duque carregando logo o semblante; — que significa essa brincadeira, Bussy?

— Quer dizer, meu Senhor, que ele rouba mulheres para Vossa Alteza, e foge com elas levando-as sobre o arção da sela daquele imenso cavalo preto; e como elas, coitadas, gritam por não saberem provavelmente a honra a que estão destinadas, tapa-lhes a boca com a mão para se calarem.

O duque encrespou as sobrancelhas, crispou os punhos com raiva, tornando-se furo ao mesmo tempo, e meteu o cavalo a tal galope, que Bussy e os seus companheiros ficaram para trás.

— Ah! Ah! — disse Antraguët. — Parece-me que o gracejo teve seu chiste.

— Tanto chiste — respondeu Livarot — que segundo me parece nem toda a gente o tomou como gracejo.

— Cos demónios! — disse Bussy — está-me parecendo que atirei a matar ao pobre duque! Dali a um instante, ouviu-se a voz do duque de Anju, gritando:

— Olá! Bussy, onde estás tu? Anda para aqui!

— Aqui estou, meu Senhor — respondeu Bussy adiantando-se.

Deu com o príncipe rindo às gargalhadas.

— Ora esta — disse ele -, parece-me que Vossa Alteza está achando graça ao que eu lhe disse!

— Não, Bussy não é do que tu me disseste que me estou a rir.

— Pois sinto muito; antes queria que assim fosse, para ter tido a glória de fazer rir um príncipe que nunca ri.

— Estou a rir, meu pobre Bussy, por ver como vieste dizer-me uma mentira para apanhares uma verdade.

— Não! Os diabos me levem, meu Senhor, se lhe não disse a



verdade.

— Muito bem. Então enquanto ninguém nos ouve, conta-me a tua história; onde foste tu buscar aquilo que me disseste?

— Aos bosques de Méridor, meu Senhor.

O duque tornou a enfiar, mas não respondeu coisa alguma.

Não há dúvida nenhuma, disse Bussy consigo, que o duque não é estranho à história do rapto da dona do cavalinho branco.

— Diga-me Vossa Alteza — prosseguiu Bussy em voz alta e rindo por ver que o duque já não ria — de que natureza são os serviços que mais lhe agradam, e tenha a certeza que lhos prestarei, ainda que seja necessário entrar em concorrência com o Sr. de Monsoreau.

— Pois sim, Bussy podes prestar-me um serviço — disse o duque -, e eu te explico qual é.

O duque puxou Bussy de parte.

— Ouve — disse ele -: encontrei por acaso na igreja uma mulher encantadora; como algumas feições do seu rosto, que levava tapado com um véu, me trouxeram à lembrança uma Outra mulher de quem muito gostei, segui-a quando saiu, e fiquei sabendo onde ela mora.

Já seduzi a criada e tenho uma chave da casa.

— Muito bem! Até aí, meu Senhor, parece-me que é negócio muito corrente.

— Espera lá. Dizem-me que é honesta, apesar de ser solteira, moça e bonita.

— Ah, meu Senhor, passamos agora para a parte Fantástica!

— Ouve-me: tu és valente e és meu amigo, segundo dizes?

— Conforme os dias.

— Para seres valente?

— Não, para ser seu amigo.

— Bem. E hoje é dia de seres meu amigo?

— Para servir a Vossa Alteza, farei com que seja. Vamos adiante.

— Pois bem! Trata-se de fazer, para me servir, aquilo que ninguém faz senão em próprio favor.

— Ah! ah! — exclamou Bussy. — Vossa Alteza quererá porventura que eu vá namorar sua amante, para saber se ela é na realidade tão honesta como formosa? Estou pronto.

— Não é isso. Trata-se de indagar se ela tem alguém.

— Ah, explique-se, meu Senhor, porque já não percebo!

— Queria que te escondesses nas proximidades da casa e me soubesses quem é o homem que para lá entra.

— Então vai lá um homem?

— Desconfio que sim.

— Amante, ou marido?

— Alguém que me causa grande ciúme.

— Melhor para o caso.

— Melhor porquê?

— Essa circunstância aumenta as probabilidades em seu favor.

— Muito obrigado! Entretanto, eu desejava muito saber quem é o tal homem.

— E quer que eu tome sobre mim essa incumbência?

— Sim; e se anuires a prestar-me esse serviço...

— Far-me-á nomear monteiro-mor também, quando o lugar estiver vago?

— Confesso-te, Bussy, que não hesitaria em te dar essa promessa, visto que nunca te fiz mercê alguma.

— Só agora é que Vossa Alteza reparou em tal?.

— Já há muito tempo que o digo a mim mesmo.

— Sim, mas muito baixinho, como os príncipes costumam dizer

coisas dessa natureza.

— Mas então?

— O quê, meu Senhor?

— Concordas?

— A ir espreitar o que faz a tal senhora?

— Sim.

— Confessar-lhe-ei, meu Senhor, que a missão não é muito lisonjeira, e antes quisera que me empregasse em alguma outra coisa.

— Ofereceste-te para me prestares um serviço, Bussy e já estás arrependido?

— Pudera não! Vossa Alteza convida-me para fazer de espião.

— Não há tal! É para fazeres de amigo; e demais, não penses que te convido para um serviço insignificante; pode ser que te vejas obrigado a puxar da espada.

Bussy abanou a cabeça.

— Meu Senhor — disse ele -, há coisas que ninguém pode fazer bem em lugar de outro; e que devem ser feitas pelo próprio interessado, ainda mesmo que seja príncipe.

— Visto isso, negas-me o que te peço?

— É verdade, meu Senhor.

O duque franziu a testa.

— Seguirei o teu conselho — disse ele -; irei eu próprio; e se tiver algum encontro em que fique ferido, ou venha a morrer direi que tinha pedido ao meu amigo Bussy que se incumbisse de dar ou de levar a estocada que me estava destinada, e que pela primeira vez na sua vida se lembrou de ter prudência.

— Meu Senhor — respondeu Bussy -, dissestes-me outro dia à noite: Bussy, eu odeio todos aqueles meninos da câmara de el-rei, que não deixam escapar ocasião alguma de nos escarnecerem e de nos insultarem; não seria mau que fosses às bodas de Saint-Luc para teres

alguma pendência, e dar cabo deles! Vossa Alteza sabe que fui; eles eram cinco; eu estava só; desafiei-os; eles fizeram-me uma espera, atacaram-me todos juntos, mataram-me o cavalo, e contudo eu feri dois, e deixei o terceiro atordoado. Hoje convida-me para que faça mal a uma mulher.

Peço a Vossa Alteza que me desculpe, mas serviços desta natureza não pode um príncipe exigí-los de nenhum homem de brio, e por isso mesmo recuso.

Ainda Bem — disse o duque -, irei fazer a minha sentinela sozinho ou com Aurilly como já da outra vez.

— Peço perdão — atalhou Bussy, sentindo um véu que Lhe obscurecia o espírito.

— Que é?

— Vossa Alteza estava fazendo a sua sentinela outro dia quando viu os favoritos de el-rei à minha espera?

— Estava, sim.

— A sua linda incógnita — perguntou Bussy — assiste por consequência ao pé da Bastilha?

— Mora defronte da Rua de Santa Catarina.

— Deveras?

— É um bairro onde se pode ser assassinado sem que pessoa alguma acuda, tu bem o sabes por experiência própria.

— Vossa Alteza tornou a ir observar depois daquela noite?

— Fui ontem.

— E Vossa Alteza viu.

— Um homem que andou dando busca aos cantos todos do largo, provavelmente para ver se alguém o espreitava, e que, tendo-me lóbrigado naturalmente, teimou em se conservar arrumado à porta da tal casa.

— E o homem estava completamente só, meu Senhor? —

perguntou Bussy.

— Estava, e assim se conservou durante meia hora, pouco mais ou menos.

— E passada essa meia hora?

— Veio ter com ele outro homem, que trazia uma lanterna na mão.

— Ah!. Ah! — exclamou Bussy.

— Então, o homem de capote. — prosseguiu o príncipe.

— O primeiro tinha capote? — interrompeu Bussy.

— Sim. Então, o homem do capote e o homem da lanterna começaram a conversar um com o outro, e como pareciam resolvidos a ficarem ali toda a noite, retirei-me.

— Aborrecido já deste segundo transtorno?

— Confesso-te que sim. De forma que antes de me introduzir na casa em questão, que pode muito bem ser algum matadouro.

— Não se lhe dava que lá matassem primeiro algum amigo seu.

— Não há tal. era porque o meu amigo, não sendo príncipe, não tendo os inimigos que eu tenho, e estando afeito a aventuras desta natureza, poderia conhecer se haveria na realidade algum perigo, e avisar-me.

— Eu, no seu caso, meu Senhor — disse Bussy -, abandonaria a tal mulher.

— Nunca! -Porquê?

— Porque é muito formosa.

— Disseme contudo que não pôde vê-la bem.

— Apesar disso, sempre pude observar que tem um lindo cabelo louro.

— Ah!

— E olhos magníficos.

— A!

— Uma cor de pele muito mimosa, e figura admirável.

— Bem vêes que não é fácil encontrar uma mulher tão perfeita.

— Sim, meu Senhor, percebo muito bem; e até me vou sentindo disposto a servi-lo.

O duque olhou de revés para Bussy.

— Palavra de honra — disse este.

— Zombas?.

— Não; e para o provar, direi a Vossa Alteza que se quiser dar-me as suas instruções e ensinar-me onde fica a casa, irei pôr-me de vigia esta noite mesmo.

— Mudaste pois de modo de pensar?

— Meu Senhor, o nosso Santo Padre Gregório XIII é a única pessoa que tem o privilégio da infalibilidade; mas diga-me o que hei-de fazer?

— Hás-de esconder-te a distância da porta que eu te ensinar, e se vires entrar algum homem, hás-de ir atrás dele, para saber quem é.

— Sim; mas se ele, depois de entrar, torna a fechar a porta.

— Eu já te disse que tenho uma chave.

— Ah! É verdade; agora só me resta um receio, e é de ir atrás de algum outro homem, caso a chave sirva em outra porta.

— Não poderás enganar-te; a porta dá para um corredor; no fim do corredor, à esquerda, há uma escada; sobes doze degraus, e achas-te noutro corredor.

— Como sabe Vossa Alteza tudo isso, se nunca entrou na tal casa?

— Não te disse já que a aia estava comprada por mim? Foi ela quem me explicou tudo.

— Quanto é agradável ser príncipe! Acha-se sempre a comida feita. A mim ter-me-ia sido preciso ir em pessoa reconhecer a casa, explorar o corredor, contar os degraus, e apalpar as portas. Era empresa que me

havia de tomar por força tempo inFinito, e assim mesmo, quem sabe se conseguiria levá-la a cabo.

— Visto o que disseste, consentes?

— Como poderia eu negar-me a fazer o que Vossa Alteza pede? Só exijo que venha comigo para me ensinar qual é a porta.

— É escusado; quando recolhermos da caçada, daremos a volta pela porta de Santo António, e então mostrar-ta-ei.

— Muito bem, meu Senhor; e que hei-de eu fazer ao homem, se ele aparecer?

— Nada, basta que o sigas até saberes quem ele é.

— É caso muito delicado; e se, por exemplo, o homem levar a discrição a ponto de parar no meio do caminho, atalhando assim as minhas investigações?

— Deixo à tua escolha a maneira de prosseguires na aventura.

— Então autoriza-me Vossa Alteza a proceder como se o negócio fosse meu?

— Em tudo.

— Assim farei, meu Senhor.

— Não digas palavra a este respeito aos fidalgos da minha casa.

— Prometo calar-me, à fé de cavalheiro!

— Não leves pessoa alguma contigo para esta exploração.

— Hei-de ir só, eu Lho juro.

— Muito bem! está tudo convencionado; voltamos pela Bastilha... ensino-te a porta... vens a minha casa. dou-te a chave. e esta noite.

— Vou fazer as vezes de Vossa Alteza, está dito.

Depois desta conferência, o príncipe e Bussy tornaram a juntar-se aos caçadores, que o Sr. de Monsoreau ia dirigindo com toda a perícia.

O rei Ficoú encantado do modo por que ele tinha calculado as distâncias para o descanso e estabelecido as mudas. O veado, depois

de ter sido corrido durante duas horas, depois de ter girado num círculo de vinte e tantos quilómetros, de ter sido avistado mais de vinte vezes, veio afinal morrer no sítio onde fora desencovado.

O Sr. de Monsoreau recebeu parabéns do rei e do duque de Anju.

— Meu Senhor — disse ele para o duque -, dou-me por muito feliz de ter merecido a aprovação de Vossa Alteza, a quem devo a nomeação para este cargo.

— E saberá, Senhor — respondeu o duque -, que para continuar a merecê-la é necessário que parta esta noite para Fontainebleau; el-rei quer lá ir caçar depois de amanhã e nos dias seguintes; e um dia não é muito para poder tomar conhecimento da tapada.

— Bem sei, meu Senhor — replicou Monsoreau -, e o meu trem já está pronto.

Hei-de partir esta noite.

— Ora aí tem, Sr. de Monsoreau! — disse Bussy — de hoje em diante nunca mais terá descanso. Quis ser monteiro-mor, e conseguiu um dos precalços do lugar que exerce, que é ter menos cinquenta noites para dormir na sua cama do que têm os demais homens; e ainda felizmente não é casado, meu caro amigo.

Bussy ria ao proferir estas palavras; o duque lançou ao monteiro-mor um olhar penetrante; e depois, voltando-se para o outro lado, foi cumprimentar o rei pelas melhoras que parecia experimentar em sua saúde desde o dia antecedente.

Quanto a Monsoreau, esse, ao ouvir o gracejo de Bussy, tornou-se outra vez daquela cor fula que tão sinistro aspecto lhe dava à fisionomia.

## XII

DE QUE MANEIRA BUSSY ENCONTROU AO MESMO TEMPO O RETRATO E O ORIGINAL



A caçada acabou perto das quatro horas da tarde e às cinco horas, como se o rei tivesse adivinhado os desejos do duque de Anju, a corte toda voltava para Paris pelo arrabalde de Santo António.

O Sr. de Monsoreau, pretextando ter de partir imediatamente, tinha-se despedido, dos príncipes, e dirigia-se com o seu trem para a banda de Fontainebleau.

Ao passar em frente da Bastilha, o rei chamou a atenção dos seus amigos para a arrogante e sombria aparência da fortaleza: era um meio indirecto de Lhes recordar a sorte que os esperava se, depois de terem sido seus amigos, se tornassem por acaso seus inimigos.

Muitos deles deram fé do remoque e as suas atenções para com o rei aumentaram logo na proporção do medo.

Ao mesmo tempo, o duque de Anju dizia a meia voz para Bussy, o qual ia cavalgando a seu lado:

— Olha bem, Bussy: repara à direita, naquela casa de madeira que tem na frente um nicho com uma imagem de Nossa Senhora; segue com a vista aquela mesma linha, e conta mais quatro casas, além da que tem o nicho.

— Muito bem — disse Bussy.

— É a quinta — disse o duque -, a que fica mesmo em frente da Rua de Santa Catarina.

— Bem vejo, meu Senhor; olhe como ao som das nossas trombetas que anunciam a chegada de el-rei, se vão todas as janelas enchendo de espectadores.

— À excepção contudo das da casa que eu te indiquei — disse o duque -, porque essas conservam-se fechadas.

— Porém lá ergueram uma ponta da cortina — disse Bussy, custando-lhe a comprimir o arfar do peito.

— Mas não é possível divisar coisa alguma. Oh! A tal senhora está

bem guardada, ou guarda-se muito bem. Seja como for, esta é a casa; lá no palácio te darei a chave.

Bussy procurou Fazer penetrar a vista pela abertura da cortina; mas se bem que não tirou de lá os olhos enquanto passou, nada pôde ver.

Quando chegaram ao Palácio de Anju, o duque deu efectivamente a Bussy a chave da casa indicada, recomendando-lhe novamente que vigiasse com toda a atenção.

Bussy prometeu tudo quanto o duque quis, e voltou para sua casa.

— Então que novidades temos? — disse ele para Rémy.

— Essa pergunta estava eu para dirigir-Lhe, meu Senhor.

— Não descobriste nada?

— A casa é tão inacessível de dia como de noite. Ainda hesito entre cinco ou seis casas que pegam umas com as outras.

— Pois se assim é — disse Bussy -, parece-me que fui mais feliz do que tu, meu caro Haudouin.

— Como pode isso ser, meu Senhor? também andou procurando?

— Não. Passei unicamente pela rua.

— E conheceu a porta?

— A Providência, meu querido amigo, conduz-nos às vezes aos nossos Fins por caminhos ocultos e por meio de combinações misteriosas.

— Está, pois, certo?

— Não direi que estou certo, mas tenho alguma esperança.

— E quando saberei eu se teve a ventura de encontrar o que buscava?

— Amanhã.

— Entretanto não precisa de mim?

— Para nada, meu caro Rémy.

— Não quer que o acompanhe?

— É impossível.

— Tenha prudência, meu Senhor.

— Ah — disse Bussy rindo -, essa recomendação é escusada; todos sabem quanto eu sou prudente.

Bussy jantou com o apetite próprio dum homem que não sabe onde nem por que forma há-de cear; e quando deram oito horas escolheu a sua melhor espada, meteu no cinto um par de pistolas, apesar do decreto que o rei acabava de promulgar proibindo-as, e fez-se conduzir, na liteira, até à extremidade da Rua de S. Paulo.

Chegado que foi ali, procurou a casa que tinha o nicho com a Virgem, contou as quatro casas imediatas, certificou-se bem que a quinta era com efeito a que lhe fora designada, e embuçando-se no seu capote, que era de cor escura, foi coser-se com a esquina da Rua de Santa Catarina, firmemente resolvido a esperar por espaço de duas horas, e se ninguém aparecesse, trabalhar por sua própria conta. Estavam dando as nove horas em S. Paulo ao tempo que Bussy tomava a sua posição.

Teriam apenas decorrido dez minutos, quando, apesar da escuridão, viu que se iam aproximando dois cavaleiros pela Porta da Bastilha. Chegados à altura do Palácio das Tournelles, pararam. Um deles apeou-se, entregou a rédea ao segundo, que era provavelmente algum criado, e depois de o ter visto tomar o mesmo caminho por onde tinham vindo, e de ter perdido de vista o criado e os dois cavalos, no meio da escuridão, dirigiu-se para a casa que Bussy estava encarregado de vigiar.

O desconhecido, quando chegou a distância de alguns passos da casa, descreveu um grande círculo, como para examinar os arredores com a vista; e, julgando naturalmente que ninguém o observava, aproximou-se da porta e desapareceu.

Bussy ouviu a bulha que fez a porta fechando-se depois de ele entrar. Esperou um instante, com receio de que tivesse ficado o misterioso personagem de atalaia por dentro do postigo.

Mas depois de deixar passar alguns segundos, saiu do seu canto, atravessou a rua, abriu a porta e fechou-a sem bulha. Voltou-se então, e viu que o postigo lhe ficava à altura da cara, e que, segundo todas as probabilidades, era aquele o mesmo por onde tinha estado a olhar para Quélus.

Mas isto não era tudo, e Bussy não tinha vindo ali para ficar na loja. Foi andando em frente devagarinho apalpando a parede dos dois lados do corredor, e no fim deste, à esquerda, achou o primeiro degrau duma escada.

Ali parou, por dois motivos: primeiro, porque lhe iam fraquejando as pernas, em consequência da comoção que sentia; e em segundo lugar, porque ouviu uma voz que dizia:

— Gertrudes, vá prevenir sua ama que sou eu e quero imperterivelmente falar-lhe. Esta ordem era dada em tom demasiado imperioso para admitir réplica; passado um instante, Bussy ouviu a voz duma aia que respondia:

— Queira entrar para a sala, que a senhora não se demorará a vir recebê-lo.

Depois ouviu outra vez o ruído duma porta que se fechava.

Bussy recordou-se então dos doze degraus que Rémy contara; contou também doze degraus, e achou-se no patamar.

Lembrou-se do corredor e das três portas, e deu alguns passos, reprimindo a respiração e apalpando com as mãos para a frente. Encontrou uma primeira porta, era aquela por onde o desconhecido tinha entrado; passou adiante, achou uma segunda porta; procurou, sentiu uma chave, e, arrepiando-se desde os pés até à cabeça, deu-lhe uma volta e empurrou a porta.

O quarto para onde Bussy entrou estava completamente às escuras, excepto um canto, que recebia por uma porta lateral um reflexo das luzes da sala.

O reflexo dava sobre uma janela, ornada de duas cortinas de tapeçaria que fizeram estremecer novamente de alegria o coração do

mancebo.

Os seus olhos dirigiram-se para a parte do tecto que a mesma claridade alumiaava, e logo conheceu o tecto com Figuras mitológicas que tanto Lhe tinha dado que cismar; estendeu as mãos, e encontrou também o leito esculpido.

Já não havia que duvidar; estava naquele mesmo quarto onde tinha acordado na noite em que levara a estocada que Lhe valera a hospitalidade.

Não foi sem tornar a estremecer que Bussy apalpou o leito e respirou aquele aroma delicioso que sempre dimanava da cama duma mulher moça e formosa.

Bussy embrulhou-se nas cortinas do leito e escutou.

Ouvia-se no quarto imediato o som das passadas do desconhecido; de vez em quando parava, resmungando por entre os dentes:

— Ela virá ou não?

Em seguida a uma destas interpelações, abriu-se na sala uma porta que parecia paralela à que já estava meia aberta. Conheceu-se o contacto dum pé delicado sobre a alcatifa, o ranger dum vestido de seda chegou aos ouvidos de Bussy, e o mancebo ouviu uma voz de mulher, assustada e desdenhosa ao mesmo tempo, que dizia:

— Aqui estou, Senhor; que mais pretende de mim?

Oh! oh! pensou Bussy, escondendo-se com a cortina, se o homem que está presente é o amante, dou os parabéns ao marido. “

— Minha Senhora — disse o homem que tão friamente era recebido -, tenho a honra de preveni-la que, sendo obrigado a partir amanhã pela manhã para Fontainebleau, quis passar esta noite consigo.

— Traz-me notícias de meu pai? — perguntou a mesma voz feminina.

— Ouça-me, minha Senhora.

— Sabe muito bem, Senhor, o que ontem se convencionou quando eu consenti em ser sua esposa, e é que, primeiro que tudo, ou meu pai

há-de vir a Paris, ou hei-de eu ir ter com ele.

— Minha Senhora dou-lhe a minha palavra de honra que, logo que eu regressar de Fontainebleau, havemos de partir; mas, entretanto.

— Oh! Senhor, não tenha o incómodo de fechar essa porta, é inútil; estou resolvida a não passar uma única noite consigo debaixo do mesmo tecto, enquanto não tiver notícias de meu pai.

Em seguida, a mulher que acabava de falar com tanta firmeza, tocou um apito de prata que produziu um som agudo e prolongado.

Era a maneira por que se chamavam os criados naquela época, em que as campainhas ainda não tinham sido inventadas.

No mesmo instante tornou a abrir-se a porta por onde tinha entrado Bussy, e por ela apareceu a aia da dama; era uma rapariga do ducado de Anju, alta e reforçada, que parecia ter estado à escuta e acudiu logo ao primeiro chamamento da ama.

Abriu a porta para trás, e entrou na sala.

A luz deu então em cheio no quarto onde estava Bussy, e este pôde ver entre as duas janelas o retrato seu conhecido.

— Gertrudes — disse a dama -, não se deite, e conserve-se sempre em sítio onde ouça a minha voz.

A aia voltou, sem responder palavra, pelo mesmo caminho por onde tinha vindo deixando a porta da sala aberta de par em par, e por consequência o célebre retrato completamente alumiado.

Bussy já não podia duvidar: o retrato era o mesmo que ele tinha visto.

Aproximou-se pé ante pé para espreitar pelo intervalo que deixavam os gonzos entre a porta e a parede; mas apesar de toda a sua cautela, o sobrado deu um estalo na ocasião em que ele applicava os olhos à greta da porta.

Ao ouvir o ruido, a dama voltou-se; era o original do retrato, a fada do sonho de Bussy. O homem, se bem que nada tivesse ouvido, voltou também o rosto por ver que ela se voltava.

Era o Sr. de Monsoreau.

Ah! disse Bussy consigo, o cavalinho branco. a mulher roubada. Vou ouvir provavelmente alguma história terrível.

E limpou o rosto, que espontaneamente se Lhe humedecera de suor.

Bussy, como já dissemos, do lugar onde estava, via-os a ambos; ela de pé, pálida e desdenhosa; ele sentado, não pálido, mas lívido, agitando o pé com impaciência e mordendo a mão.

— Minha Senhora — disse afinal o Sr. de Monsoreau -, deixe-se de continuar a representar por mais tempo para comigo esse papel de mulher perseguida e vítima dum tirano; está em Paris, na minha casa; demais a mais é agora condessa de Monsoreau, isto é, minha mulher.

— Se sou sua mulher, por que motivo recusa levar-me a ver meu pai? Por que razão continua a esconder-me aos olhos do mundo?

— Já lhe não lembra o duque de Anju, minha Senhora?

— Afirmou-me que, logo que eu fosse sua esposa, nada tinha a recear dele.

— Isto é.

— O senhor assim mo afirmou.

— Mas ainda assim, minha Senhora, é preciso que eu tome algumas medidas para se acautelar.

— Pois bem! Senhor, tome essas medidas, e volte a visitar-me depois delas tomadas.

— Diana — disse o conde, que visivelmente se ia encolerizando -, Diana! Não trate de brincadeira o laço sagrado do matrimónio. É um conselho que lhe dou.

— Faça, Senhor, com que eu não desconfie do marido, e então respeitarei o matrimónio.

— Parecia-me contudo ter jus a toda a sua confiança pela maneira por que me tenho portado para consigo.

— Penso, Senhor, que em todo este negócio não foi o meu interesse só quem o guiou, ou, se assim foi, o acaso também Lhe serviu muito bem.

— Oh! Isto não se pode sofrer! — exclamou o conde. — Estou em minha casa, é minha mulher, e ainda que o Inferno venha em seu auxílio, há-de pertencer-me esta noite mesmo.

Bussy levou a mão ao punho da espada, e deu um passo para a frente; porém Diana não lhe deixou o tempo preciso para aparecer.

— Olhe — disse ela puxando dum punhal que tinha à cinta -, assim é que eu lhe respondo.

E dando um pulo para o quarto onde estava Bussy, empurrou a porta, correu os dois ferrolhos, e enquanto Monsoreau vociferava, ameaçando-a e batendo socos nas tábuas:

— Tome sentido, que se tirar uma lasca que seja à madeira desta porta — disse Diana

— , bem me conhece o génio, Senhor, encontrar-me-á morta à entrada.

— E fique certa, minha Senhora — disse Bussy deitando os braços à roda da cintura de Diana -, que haveria quem a vingasse.

Diana esteve quase dando um grito; mas logo compreendeu que o único perigo que a ameaçava era o que provinha do marido. Conservou-se pois na defensiva, mas calada, trémula e imóvel.

O Sr. de Monsoreau bateu o pé no chão com violência; e depois, convencido provavelmente de que Diana poria em execução a sua ameaça, saiu da sala atirando com a porta. Logo depois ouviu-se o som das passadas pelo corredor fora e pela escada abaixo.

— Mas, Senhor — disse então Diana soltando-se dos braços de Bussy e dando um passo para trás -, não me dirá quem é, e como veio aqui ter?

— Minha Senhora — disse Bussy abrindo a porta e ajoelhando diante de Diana



-, sou o homem a quem salvou a vida. Como poderia persuadir-se que eu tivesse entrado em sua casa com más intenções, ou que pretendesse atentar contra a sua honra?

Diana conheceu o mancebo, graças à claridade da luz que lhe dava no rosto.

— Oh! O senhor aqui? — exclamou ela unindo as mãos. — Estava aqui, ouviu tudo!

— Não há dúvida, minha Senhora.

— Porém, quem é o senhor? O seu nome, Senhor?

— Minha Senhora, eu chamo-me Luís de Clermont, conde de Bussy.

— Bussy, é o valente Bussy? — exclamou ingenuamente Diana, a qual mal pensava na alegria que aquela exclamação difundia no coração do mancebo. — Ah! Gertrudes — prosseguiu ela dirigindo-se para a aia, que neste comenos entrara espavorida por ouvir que a ama estava falando com alguém -, Gertrudes! já não receio coisa alguma, porque deste momento em diante entrego a minha honra à salvaguarda do cavaleiro mais nobre e mais leal de toda a França.

E logo, estendendo a mão a Bussy:

— Levante-se, Senhor — disse ela -; já sei quem é; preciso agora dizer-lhe quem sou.

## XIII

### QUEM ERA DIANA DE MÉRIDOR

Bussy ergueu-se, parecendo-lhe ainda impossível tanta ventura, e foi com Diana para a sala de onde acabava de sair o Sr. de Monsoreau.

Contemplava Diana com surpresa e admiração; nunca se persuadira que a mulher que procurava pudesse comparar-se com a que tinha sonhado, e via que a realidade ia muito além daquilo que ele havia tomado por uma fantasia da sua imaginação.

Diana tinha dezoito ou dezanove anos, isto é, tinha todo aquele viço da mocidade e da formosura que tinge as flores do mais puro colorido e dá às frutas o mais lindo aveludado; a expressão do olhar de Bussy bem dava a conhecer a impressão que nele produzia a vista de tanta beleza. Diana percebia que ele a estava contemplando e não tinha força para o obrigar a sair daquele êxtase.

Até que por fim julgou conveniente quebrar um silêncio demasiado significativo.

— Senhor — disse ela -, respondeu à primeira das minhas perguntas, mas não à segunda; perguntei-lhe quem era, e disseram; porém também Lhe perguntei como veio aqui dar, e a essa pergunta nada respondeu.

— Minha Senhora — replicou Bussy -, pelas palavras que ouvi da sua conversação com o Sr. de Monsoreau, entendi que o motivo por que aqui me acho cem naturalmente alguma ligação com a narração que fez favor de me prometer. Não me disse ainda há pouco que era preciso que eu soubesse quem era?

— Oh! sim, conde, vou contar-Lhe tudo — respondeu Diana -, o seu nome foi quanto bastou para me inspirar ilimitada confiança, porque sempre o tenho ouvido repetir como o dum homem de valor, de cuja lealdade e honradez tudo se pode confiar.

Bussy inclinou-se.

— Pelas poucas palavras que ouviu — disse Diana -, pôde talvez perceber que sou filha do barão de Méridor, isto é, a única herdeira duma das casas mais nobres e mais antigas de Anju.

— Houve — disse Bussy — um barão de Méridor que, tendo escapado da batalha de Pavia, foi entregar a sua espada aos Espanhóis quando lhe constou que o rei tinha sido feito prisioneiro, e que, tendo pedido como único favor que o deixassem acompanhar Francisco I até

Madrid, se conservou junto dele durante o seu cativeiro, e só o deixou para vir a França tratar do seu resgate.

— É esse meu pai, Senhor; e se alguma vez entrar na sala de dossel do Castelo de Méridor, lá verá o retrato do rei Francisco I, pintado por Leonardo da Vinci, que lhe foi dado como lembrança de tanta dedicação.

— Ah! — disse Bussy — naquele tempo os príncipes sabiam galardoar as pessoas que os serviam.

— Meu pai casou-se quando regressou de Espanha. Os dois primeiros Filhos que teve foram varões, e ambos morreram. O barão de Méridor, que assim perdia a esperança de ver perpetuar o seu nome, teve um grande desgosto com a morte dos filhos. Dali a pouco tempo morreu o rei também, e o pesar que sentiu o barão tocou a meta do desespero; abandonou a corte passados alguns anos e foi encerrar-se com a esposa no Castelo de Méridor. Foi lá que eu nasci, como por milagre, dez anos depois da morte de meus irmãos queridos.

Todo o amor do barão se concentrou então na filha da sua velhice; a sua afeição por mim era mais do que ternura, era idolatria. Três anos depois de eu nascer, morreu minha mãe; foi este acontecimento um novo motivo de dor para o barão.

Porém eu, muito criança ainda para poder avaliar a perda que sofria, não deixava de me sorrir para ele, e os meus sorrisos consolaram-no da morte de minha mãe.

Fui crescendo e desenvolvendo-me debaixo das suas vistas. Assim como eu era tudo para ele, também ele, pobre pai, era tudo para mim. Cheguei aos dezasseis anos sem outros cuidados senão os que me davam as minhas ovelhas, os meus pavões, os meus cisnes e as minhas rolas, sem me lembrar que a vida que levava havia de ter um termo, e sem desejar que esse termo chegasse.

O Castelo de Méridor está cercado de frondosas matas pertencentes ao Senhor Duque de Anju, povoadas de gamos, cabritos-monteses e veados, que naquele tempo ninguém perseguia e se tinham tornado familiares em consequência do descanso em que os deixavam;

todos estes animais eram, mais ou menos, meus conhecidos; alguns deles estavam tão acostumados ao som da minha voz, que vinham ao meu chamamento; uma corça, entre outros, que era minha protegida e favorita, Dafne — pobre Dafne! -, vinha até comer na minha mão.

Uma Primavera, estive um mês sem a ver; pensei tê-la perdido para sempre e já tinha chorado a sua morte como se fora a duma amiga, quando de repente me tornou a aparecer, acompanhada de duas crias; os filhos tiveram a princípio medo de mim, mas quando viram que a mãe me fazia festas, perceberam que nada tinham que recear e vieram fazer-me festas também.

Por aquele tempo espalhou-se a notícia de que o Senhor Duque de Anju tinha nomeado um vice-governador para a capital da província. Poucos dias depois soube-se que o vice-governador tinha chegado e que se chamava conde de Monsoreau.

Porque seria que este nome me fez estremecer o coração quando o ouvi proferir?

Não acho outra explicação à sensação dolorosa que então experimentei senão que era um pressentimento.

Passaram-se oito dias. Falava-se muito e por diversos modos em todo o distrito a respeito do Sr. de Monsoreau.

Uma manhã ressoou pelos bosques o som das trompas de caça e os latidos dos cães; corri a cancela de grades que deitava para a tapada e cheguei exactamente na ocasião em que passava, com a rapidez dum relâmpago, Dafne perseguida por uma grande matilha; ia acompanhada dos dois corços.

Um instante depois, passou. semelhante a uma visão, um homem montado num cavalo preto que parecia ter asas; era o Sr. de Monsoreau.

Soltei um grito, pedi misericórdia para a minha pobre favorita, mas ele ou não ouviu a minha voz ou não lhe prestou a devida atenção, por ir Com o sentido na caça.

Então, sem me lembrar do susto que havia de ter meu pai se desse

pela minha falta, abalei na direcção que tinham tomado os caçadores; esperava encontrar o conde ou alguém da caça na comitiva, e rogar-Lhes que não continuassem perseguindo a pobre corça, o que me dilacerava o coração.

Andei meia légua, sempre correndo, sem saber onde ia; já tinha perdido de vista havia muito tempo a corça, a matilha e os caçadores.

Em breve deixei de ouvir os latidos; caí ao pé de uma árvore e comecei a chorar.

Haveria um quarto de hora, pouco mais ou menos, que ali estava, quando me pareceu que ouvia ao longe a bulha da caçada. Não me enganava; o alarido ia-se aproximando de momento para momento; um instante mesmo soou a tão pequena distância que imediatamente calculei que os caçadores haviam de passar ao alcance da minha vista. Levantei-me logo e corri para a banda de onde vinham os sons.

Com efeito, vi passar numa clareira a pobre Dafne a arquejar; já não a acompanhava senão um corço; o outro tinha sucumbido ao cansaço, e provavelmente tinha sido feito em pedaços pelos cães.

Ela mesma já ia visivelmente cansada; a distância que levava da matilha era menor do que da primeira vez; a sua corrida tinha-se tornado em pulos amiudados, e quando passou por diante de mim bramiu com tristeza.

Debalde tentei, como da primeira vez, fazer-me ouvir. O Sr. de Monsoreau só via o animal que ia perseguindo; passou com maior rapidez ainda do que quando primeiramente o avistara; ia embocando a trompa e tocando com furor.

Logo atrás dele, três ou quatro moços da coutada iam animando os cães com as trompas e com a voz. Aquele redemoinho de latidos, de clangor de trompas e de gritos, passou como uma tempestade, desapareceu na densidade da mata e morreu na distância.

Eu fiquei desesperada; lembrava-me que se estivesse apenas uns cinquenta passos mais adiante, à borda da clareira que ele atravessara, ter-me-ia visto, e, atendendo aos meus rogos, pouparia o pobre animal.

Esta lembrança reanimou-se; podia ser que os caçadores passassem outra vez à minha vista. Fui seguindo um caminho guarnecido de arvoredos copados que ia dar ao Castelo de Beaugé. Este castelo, pertencente ao Senhor Duque de Anjou, fica à distância de três léguas, pouco mais ou menos, do castelo de meu pai.

Avistei-o ao cabo dum instante, e foi então unicamente que me ocorreu que tinha andado três léguas a pé, e que estava só e muito longe do Castelo de Méridor.

Confesso que se apoderou de mim um terror vago, e que só então reflecti na imprudência do passo desassisado que dera. Segui a margem da lagoa, porque tencionava pedir ao jardineiro, honrado homem que por vezes me tinha oferecido magníficos ramalhetes em ocasiões de eu ali ir com meu pai; tencionava, digo, pedir ao jardineiro que me acompanhasse a casa, quando de repente ouvi novamente o alarido da montaria. Fiquei imóvel e apliquei o ouvido. A bulha ia aumentando. Esqueci tudo. Quase no mesmo instante, do lado oposto da lagoa, apareceu a corça saindo do bosque; porém os cães vinham-na perseguindo com tanto afinco, que já estavam quase a agarrá-la. Vinha só, o segundo filho também já havia sucumbido; a vista da água pareceu dar-lhe novas forças; dilatou as ventas para aspirar a frescura e atirou-se à lagoa, como querendo vir ter comigo.

Nadou a princípio com rapidez, e parecia ter recobrado toda a sua energia.

Eu olhava para ela, com os olhos arrasados de lágrimas, os braços estendidos e arquejando quase tanto como ela; porém as forças foram-lhe diminuindo insensivelmente, enquanto os cães, pelo contrário, pareciam ter cobrado novo alento. Não tardou em ser alcançada pelos cães que vinham na dianteira dos mais, e logo deixou de avançar, pois tinha sido filada por eles. Naquele momento apareceu o Sr. de Monsoreau à entrada do bosque; correu à margem da lagoa e saltou abaixo do cavalo. Reuni então toda a minha força para gritar: Misericórdia! " de mãos postas. Pareceu-me que ele me tinha visto, e tornei a gritar com mais força ainda do que da primeira vez. Ele ouviu-me, porque levantou a cabeça, e vi que se dirigia para um bote, que

desamarrou, e no qual remou com velocidade na direcção do animal, que ainda lutava no meio de toda a matilha, que já o havia cercado. Persuadia-me que o Sr. de Monsoreau, comovido pela minha voz e pelos meus gestos suplicantes, acudia com tanta pressa para livrar a corça; mas de repente, quando já estava ao pé de Dafne, vi que desembainhava a faca de mato; um raio de Sol que nela reflectiu fulgurou como um relâmpago; mas logo desapareceu. Dei um grito; a folha tinha penetrado no pescoço do pobre animal. Saiu da ferida um jorro de sangue, que tingiu de vermelho a água da lagoa. A corça deu um bramido mortal e lamentável, bateu com os pés na água, ergueu-se quase a pino, e tornou a cair já morta. Soltei um grito quase tão sentido como o dela e caí desmaiada à beira da lagoa. Quando tornei a mim, estava deitada num quarto do Castelo de Beaugé, e meu pai, a quem tinham mandado chamar, chorava à cabeceira da cama.

Como o meu incómodo não passava duma crise nervosa, causada provavelmente pela excitação da corrida, logo no dia imediato pude voltar para Méridor. Contudo não saí do quarto durante três ou quatro dias.

Ao quarto dia, disseme meu pai que durante todo o tempo em que eu tinha estado doente, o Sr. de Monsoreau, que me vira na ocasião em que me levavam em braços desmaiada, viera saber notícias minhas; tinha sentido grande pesar quando soube que havia sido ele a causa involuntária do que me sucedera, e pedira licença para me apresentar as suas desculpas, dizendo que só Ficaria sossegado quando ouvisse da minha própria boca que lhe perdoava.

Fora ridículo recusar-me a receber-lhe a visita; cedi, pois. apesar da minha repugnância. No dia seguinte apresentou-se em nossa casa; eu já tinha avaliado quanto era ridícula a minha posição; a caça é um divertimento a que muitas vezes concorrem mulheres também; fui eu, pois, que de alguma maneira procurei desculpar-me de haver mostrado tamanha aflição por uma coisa tão insignificante, e atribui o meu sentimento à afeição que tinha pela pobre Dafne.

O conde então mostrou-se desesperado pelo que havia sucedido, e jurou-me mais de vinte vezes pela sua honra que se houvesse podido

adivinhar que eu me interessava pela sua vítima, teria tido o maior prazer em a poupar; contudo, apesar de todos os seus protestos, não me convenceu, e saiu sem ter podido destruir no meu coração a impressão dolorosa que nele produzira.

Quando ia para sair, pediu o conde a meu pai licença para voltar a nossa casa.

Ele tinha nascido em Espanha e fora educado em Madrid; e o barão estimava ter com quem conversar acerca dum país onde vivera tanto tempo.

Demais a mais, o conde era de boa família, e, segundo se dizia, pertencia ao Senhor Duque de Anju; meu pai não tinha motivo algum para lhe negar o que pedia, e por consequência anuiu.

Daquele momento em diante acabou-se para mim, não direi a felicidade, mas o sossego de espírito. Não tardou que eu percebesse a impressão que produzira no conde. Vinha ver-nos, a princípio uma vez por semana, depois passou a vir duas vezes, e Finalmente, todos os dias. O conde tinha agradado a meu pai, a quem tratava com a maior atenção. Eu via quanto o barão estimava conversar com ele, pois na realidade era muito instruído. Não me atrevia aqueixar-me. e de que havia de queixar-me? O conde tratava-me com tanto affecto como se eu fora sua namorada, e com tanto respeito como se fora sua irmã.

Uma manhã, entrou meu pai no meu quarto com um modo mais sério do que tinha por costume, e contudo a sua seriedade era misturada de alegria.

— Minha filha — disse ele -, tens-me por vezes asseverado que a tua maior ventura seria nunca te separares de mim, não é verdade?

— Oh! meu pai — exclamei eu -, muito bem sabe que é esse o meu desejo.

— Pois bem! minha Diana — prosseguiu ele, abaixando-se para me beijar na testa -, de ti unicamente é que depende ver realizado esse teu desejo.

Logo desconfiei do que meu pai me ia dizer, e enfiei por tal forma



que ele deteve-se antes de ter chegado os lábios à minha testa.

— Diana! Minha filha! — exclamou ele. — Oh! meu Deus, que tens tu! — É o Sr. de Monsoreau, não é verdade? — balbuciei eu.

— E então?. — perguntou ele muito admirado.

— Oh! Nunca, meu pai; se tem alguma compaixão de sua filha, nunca! — Diana, meu amor — disse ele -, bem sabes que a amizade que te tenho chega a ser idolatria; dou-te oito dias para reflectires; e se ao cabo de oito dias.

— Oh! não, não! — exclamei eu — é escusado; nem oito dias, nem vinte e quatro horas, nem um minuto. Não, não, oh, não!

E desatei a chorar.

Meu pai adorava-me; nunca me tinha visto chorar; agarrou-me em seus braços e procurou tranquilizar-me; deu-me a sua palavra de cavalheiro que nunca mais me Falaria em semelhante casamento.

Passou-se efectivamente um mês sem que eu tornasse a ver o Sr. de Monsoreau nem ouvisse falar dele. Um dia pela manhã recebemos, meu pai e eu, um convite para assistirmos a uma grande função que o Sr. de Monsoreau tencionava dar ao irmão de el-rei, por ocasião de ele vir visitar a província de que tinha o título.

A função devia ter lugar nos Paços do Concelho da cidade de Angers. Juntamente com a carta vinha um convite pessoal do príncipe, o qual mandava dizer a meu pai que se recordava de o ter encontrado em outro tempo na corte de el-rei Henrique, e que estimaria muito torná-lo a ver.

A minha primeira lembrança Foi pedir a meu pai que não aceitasse e decerto teria teimado neste sentido, se o convite fosse unicamente em nome do Sr. de Monsoreau; mas o convite era Feito de meias com o príncipe, e meu pai receou muito ofender Sua Alteza com uma recusa.

Fomos pois à tal função. O Sr. de Monsoreau recebeu-nos como se nada tivesse havido entre nós; não mostrou para comigo nem indiferença, nem affectação. tratou-me como a todas as demais senhoras, e tive a felicidade de não lhe merecer nenhuma distinção,

nem para bem nem para mal.

Já não sucedeu o mesmo com o duque de Anju. Assim que me viu, fitou os olhos em mim e nunca mais me perdeu de vista.

Incomodava-me o peso daquele olhar, e, sem dizer a meu pai qual era o motivo por que desejava retirar-me do baile, insisti com ele por tal forma que fomos nós dos primeiros a sair.

Passados três dias, veio o Sr. de Monsoreau a Méridor; avistei-o de longe na alameda do castelo, e retirei-me para o meu quarto.

Receava que meu pai me mandasse chamar; mas não se lembrou de tal. Dali a meia hora, vi sair o Sr. de Monsoreau, sem que pessoa alguma me tivesse vindo prevenir da sua visita. Até houve mais: nem meu pai me falou em semelhante coisa; porém, quis-me parecer que se havia tornado mais taciturno do que o costume depois daquela visita do vice-governador.

Decorreram mais alguns dias. Uma manhã, voltava eu de passeio, quando me vieram dizer que o Sr. de Monsoreau estava com meu pai.

O barão tinha perguntado por mim duas ou três vezes, mostrando-se inquieto pela minha demora e indagando onde eu teria ido. Tinha dado ordem que o avisassem logo que eu chegasse.

Com efeito, apenas tinha entrado no meu quarto, apareceu logo meu pai. — Minha filha — disse-me ele -, um motivo de que não precisas saber a causa obriga-me a separar-me de ti durante alguns dias; não me perguntes coisa alguma; lembra-te unicamente que deve ser muito urgente o motivo que pôde resolver-me a estar uma semana, quinze dias, ou um mês, talvez, sem te ver.

Arrepiei-me toda, se bem que não podia adivinhar qual seria o perigo a que estava exposta. Porém não agourava nada de bom daquelas duas visitas do Sr. de Monsoreau.

— E para onde hei-de ir, meu querido pai? — perguntei eu.

— Para o Castelo de Lude, para casa de minha irmã, onde te conservarás oculta às vistas de todos. Estão tomadas as providências necessárias para lá chegares de noite.

— Não me acompanha?

— Não; preciso ficar aqui para não causar desconfianças; nem mesmo os criados da casa sabem para onde tu vais.

— Mas então quem me há-de conduzir?

— Dois homens da minha confiança.

— Oh, meu Deus! Meu pai!

O barão abraçou-me.

— Minha Filha — disse ele -, assim é preciso.

Eu conhecia tão bem quanto meu pai me estimava, que não me atrevi a insistir com ele para ficar, nem Lhe pedi mais explicações: somente convencionámos que uma rapariga chamada Gertrudes, filha da minha ama, me acompanharia.

Meu pai retirou-se, dizendo que tratasse de me aprontar.

Às oito horas da noite voltou para me levar; era no Inverno, as noites eram compridas e escuras e fazia frio.

Eu estava pronta, conforme ele me havia recomendado; descemos a escada sem fazer bulha, atravessámos o jardim; abriu ele mesmo uma portinha que dava para a mata, e ali achámos uma liteira aparelhada e dois homens. Meu pai esteve falando com eles por algum tempo, para lhes recomendar, segundo me pareceu, que tivessem muito cuidado em mim; em seguida subi para a liteira, e Gertrudes sentou-se a meu lado. O barão abraçou-me por despedida, e pusemo-nos a caminho.

Eu não podia imaginar qual seria o perigo de que estava ameaçada, e que assim me obrigava a deixar o Castelo de Méridor.

Perguntei a Gertrudes, porém ela sabia tanto como eu. Não me atrevia a indagar dos meus guias, porque não os conhecia.

Íamos pois caminhando em silêncio por atalhos desviados da estrada, quando, depois de duas horas de jornada, pouco mais ou menos, na ocasião em que, apesar dos meus receios, ia adormecendo com o movimento igual e monótono da liteira, acordei com uma sacudidela que me deu Gertrudes, agarrando-me o braço, e conheci

que a liteira parava.

— Oh! Menina — disse a pobre rapariga -, o que será que nos sucedeu?. Deitei a cabeça fora do postigo: estávamos cercadas por seis homens a cavalo e com máscaras na cara; os nossos condutores, que tinham querido defender-se, estavam desarmados e agarrados.

Eu estava de tal modo assustada que nem força tinha para bradar por auxílio; e demais, quem teria acudido aos nossos gritos?

Um homem, que figurava de chefe dos mascarados, chegou-se à portinhola. - Sossegue, Menina — disse ele -, que ninguém Lhe há-de fazer mal; mas é preciso que nos acompanhe.

— Para onde? — perguntei eu.

— Para um sítio onde, bem longe de ter que recear, há-de ser tratada como uma rainha. Esta promessa assustou-me ainda mais do que se fora uma ameaça.

— Oh! meu pai! meu pai! — murmurei eu.

— Ouça-me, Menina — disseme Gertrudes em voz baixa -, eu conheço estas cercanias, sou-lhe muito afeiçoada, e tenho bastante robustez; será muita infelicidade nossa se não conseguirmos fugir-lhes.

Esta consolação que me dava a pobre criada estava bem longe de me tranquilizar.

Contudo, é tão agradável em tais lances sentir que se pode contar com algum sincero apoio, que me reanimei um pouco.

— Façam de nós o que quiserem, Senhores — respondi eu -; somos duas pobres mulheres e não podemos defender-nos.

Um dos homens apeou-se, tomou o lugar do nosso condutor e mudou a direcção da liteira.

Bussy, como bem se pode imaginar, prestava a maior atenção à narração de Diana; existe sempre nas primeiras impressões duma grande paixão um sentimento quase religioso pela pessoa a quem se começa a amar; a mulher que o coração acaba de escolher acha-se

elevada, por essa mesma escolha, acima das outras mulheres, engrandece-se, purifica-se, diviniza-se; cada um de seus gestos é um favor que ela concede, cada uma de suas palavras uma mercê que ela faz; se encara com o amante alegre-o; se lhe sorri, fá-lo extasiar.

O mancebo, portanto, tinha deixado contar à bela narradora toda a história da sua vida sem se atrever a fazer reflexão alguma e sem a menor ideia de a interromper; todos os pormenores daquela vida, que ele considerava colocada debaixo da sua protecção, tinham para ele imenso valor, e por isso escutava as palavras de Diana calado e arquejante, como se a sua existência dependesse de cada uma dessas palavras.

E como a dama, não podendo resistir provavelmente à comoção que lhe causava a reunião das recordações do passado e do presente, tinha parado um instante, Bussy, receando ver interrompida uma confidência em que tomava tanto interesse, exclamou de mãos postas:

— Oh! Continue, minha Senhora, continue.

Diana não podia equivocar-se a respeito da simpatia que ele lhe inspirava; a voz, o gesto e a expressão da fisionomia do mancebo estavam em harmonia com a súplica que se continha nas suas palavras. Diana sorriu com tristeza e prosseguiu assim:

— Caminhámos durante três horas, pouco mais ou menos: depois a liteira parou.

Ouvi ranger os fechos duma porta; trocaram-se algumas palavras; a liteira continuou a andar, e senti que rodava sobre um terreno sonoro, que se me figurou ser uma ponte levadiça.

Não me enganava; deitei a cabeça fora do postigo, e vi que estávamos no pátio dum castelo.

Que castelo seria? Nem Gertrudes nem eu podíamos coligir. Por umas poucas de vezes, durante a jornada, tínhamos visto uma mata que parecia não ter fim.

Verdade seja que nos ocorreu a ambas que os nossos condutores, para melhor nos iludirem acerca do lugar onde nos achávamos, nos

tinham feito dar, de propósito, rodeios inúteis por dentro da mata.

Abriu-se a portinhola da liteira, e o mesmo homem que já nos tinha falado convidou-nos a apear-nos.

Obedecemos sem dizer palavra. Dois homens que pareciam criados do castelo tinham vindo receber-nos à porta com castiçais. Conforme a terrível promessa que me fora feita, o nosso cativo era acompanhado das maiores atenções.

Seguimos os homens que levavam os castiçais; encaminharam-nos para um quarto de cama ricamente mobilado, e cujos ornatos pareciam datar da época mais brilhante em elegância e estilo, que foi o reinado de Francisco I.

Numa mesa, posta com sumptuosidade, esperava-nos uma refeição. — Está em sua casa, minha Senhora — disse-me o homem que já por duas vezes nos dirigira a palavra -; e como há-de carecer provavelmente do serviço duma aia, a sua não a deixará; o quarto dela é contíguo ao seu.

Gertrudes e eu olhámos com alegria uma para a outra.

— Todas as vezes que quiser chamar — continuou o homem mascarado -, bastará dar uma pancada com a aldraba desta porta, e um criado, que há-de estar constantemente na sala de espera, virá logo receber as suas ordens.

Tanta atenção aparente indicava que estávamos com sentinela à vista.

O homem mascarado cortejou e saiu; ouvimos que dava duas voltas à chave. Ficámos pois sós, Gertrudes e eu.

Permanecemos por um instante imóveis, olhando uma para a outra à claridade dos dois candelabros que alumiam a mesa onde estava posta a ceia. Gertrudes ia para abrir a boca; fiz-lhe sinal com o dedo que se calasse; podia ser que nos estivessem espreitando. A porta do quarto que nos tinham dito ser destinado para Gertrudes estava aberta; ocorreu-nos a ambas ao mesmo tempo a ideia de o examinar; ela pegou num dos candelabros, e para lá nos encaminhámos ambas

nos bicos dos pés.

Era um gabinete grande, que tinha sido quarto de toucador e fazia parte do quarto de cama. Tinha uma porta paralela à porta do outro quarto por onde tínhamos entrado; esta segunda porta tinha, assim como a outra, uma aldraba pequena de latão lavrado, que descansava num prego do mesmo metal.

O lavor das aldrabas e dos pregos era tão primoroso, que pareciam cinzelados por Benvenuto Cellini.

Era evidente que as duas portas davam para a mesma antessala. Gertrudes chegou a luz à fechadura: tinha duas voltas de chave.

Estávamos presas.

Parece incrível que quando duas pessoas, ainda mesmo de condição diferente, se acham colocadas na mesma situação e expostas ao mesmo perigo, parece incrível, digo, como lhes ocorrem a ambas pensamentos análogos, e a facilidade com que dispensam qualquer esclarecimento intermediário e palavras inúteis.

Gertrudes aproximou-se de mim.

— A menina reparou — disse ela baixinho — que apenas subimos cinco degraus para virmos do pátio para aqui?

— É verdade — respondi eu.

— Estamos pois no andar térreo?

— Não há dúvida.

— De forma que. — prosseguiu ela ainda mais baixo e indicando-me com os olhos as portas das janelas — de forma que.

— Se estas janelas não tivessem grades. — interrompi eu.

— Sim, e se a menina tivesse ânimo.

— Ânimo! — exclamei eu — Oh, deixa estar que não me há-de faltar, minha filha.

Desta vez foi Gertrudes quem levou o dedo à boca em sinal de silêncio.

— Sim, sim, bem percebo — disse-lhe.

Gertrudes fez-me sinal que ficasse onde estava, e foi tornar a pôr o candelabro sobre a mesa do quarto de cama.

HEu já tinha percebido a sua tenção, e cheguei-me à janela, procurando os fechos às apalpadelas. Achei-os, ou para melhor dizer, achou-os Gertrudes, que tinha voltado imediatamente para ao pé de mim. Abrimos a janela.

Soltei logo uma exclamação de alegria; não tinha grades.

Porém Gertrudes já tinha descoberto a causa de tamanho descuido dos nossos guardas: as janelas deitavam para um grande lago que chegava até ao pé das paredes do castelo; aqueles dez pés de água guardavam-nos muito melhor por certo do que nos teriam guardado as grades das janelas.

Mas quando, depois de examinar o lago, corri a vista pelas margens, logo conheci uma paisagem com a qual os meus olhos estavam familiarizados; estávamos presas no Castelo de Beaugé, onde, como já Lhe disse, tinha vindo algumas vezes com meu pai, e onde me tinham recolhido, havia um mês, no dia em que morrera a minha pobre Dafne.

O Castelo de Beaugé pertencia ao Senhor Duque de Anju.

Foi então que o meu espírito, iluminado como pelo clarão dum raio, compreendeu todo o horror da minha situação.

Tornámos a fechar a janela. Deitei-me vestida para cima da cama; Gertrudes sentou-se numa cadeira de braços, e dormiu aos meus pés.

Por mais de vinte vezes durante a noite acordei sobressaltada e a tremer de susto; porém, a não ser a situação em que me achava, nada havia que pudesse justificar semelhante terror; não apareciam indícios de intenções hostis contra mim; todos dormiam, pelo contrário, ou pareciam dormir, no castelo, e nenhuma bulha interrompia o silêncio da noite, a não ser os gritos das aves aquáticas.

Amanheceu enfim; a luz do dia, ao passo que me apresentava a paisagem sem a aparência medonha que lhe dava a escuridão,



confirmou-me os meus receios da véspera: era impossível fugirmos sem auxílio exterior; e como poderíamos nós alcançar semelhante auxílio?

Pela volta das nove horas, bateram-nos à porta; passei para o quarto de Gertrudes, dizendo-Lhe que mandasse entrar.

Os indivíduos que entraram, e que eu via pela greta da porta do gabinete, eram os mesmos criados da véspera; vinham tirar a ceia, em que não tínhamos tocado, e trazer-nos o almoço.

Gertrudes fez-Lhes algumas perguntas, mas eles saíram sem Lhe responderem.

Voltei então para o meu quarto; a minha vinda para o Castelo de Beaugé e o respeito fingido com que nos tratavam, logo me deu a conhecer quem era o autor do meu rapto. O Senhor Duque de Anju tinha-me visto na função que Lhe dera o Sr. de Monsereau, e enamorara-se de mim; meu pai, que fora avisado, pretendeu subtrair-me às perseguições a que ia achar-me exposta, e tinha-me mandado sair de Méridor; mas, ou porque fosse atraído por algum criado infiel, ou porque ocorresse alguma fatalidade inexplicável, toda a sua cautela havia sido baldada, e eu achava-me em poder do homem de quem ele procurava livrar-me.

Persisti nesta ideia, que era a única verosímil, e na realidade a única verdadeira. A pedido de Gertrudes, bebi uma chávena de leite e comi um bocado de pão. Passámos a manhã a formar planos para fugirmos, mas todos eles impossíveis. E contudo, a cem passos de nós, amarrado ao pé dum canavial, víamos um bote guarnecido de remos! Se o bote estivesse em sítio onde Lhe pudéssemos chegar, decerto que as minhas forças, aumentadas pelo terror, e juntas às de Gertrudes, teriam sido suficientes para nos livrarmos daquele cativo.

Durante toda a manhã ninguém nos incomodou. Vieram-nos trazer o jantar da mesma maneira que nos tinham trazido o almoço; eu estava caindo com fraqueza.

Sentei-me à mesa, e foi Gertrudes quem me serviu; porque os nossos guardas, assim que punham a comida na mesa, retiravam-se.

Mas de repente, quando parti o pão, descobri um bilheteinho.

Abri-o apressadamente; apenas continha estas palavras: Um amigo vela por si. Amanhã terá notícias dele e de seu pai.

Facilmente avaliará qual foi a minha alegria: palpitava-me o coração que parecia que me saltava fora do peito. Moscrei e bilhete a Gertrudes. Passámos o resto do dia animadas pela esperança.

A segunda noite passou-se tão sossegadamente como a primeira; pela manhã trouxeram o almoço, que eu esperava com impaciência, porque estava convencida que havia de encontrar no pão outro bilhete. Não me enganei; o bilhete era assim concebido:

A pessoa que a roubou há-de chegar ao Castelo de Beaugé esta noite às dez horas; porém o amigo que vela por si há-de estar por baixo das suas janelas às nove, com uma carta de seu pai, ordenando-lhe que tenha nele a confiança que sem isso talvez não lhe concedesse.

Queime este bilhete.

Li primeira e segunda vez o bilhete, depois lancei-o ao fogo conforme me recomendavam. A letra era-me inteiramente desconhecida, e confesso que não podia imaginar quem mo dirigia.

Gertrudes e eu perdemo-nos em conjecturas; pusemo-nos à janela um sem-número de vezes durante a manhã para ver se avistávamos alguém pelas margens do lago ou no interior da mata; estava tudo solitário.

Uma hora depois do jantar, bateram à porta; era a primeira vez que sucedia quererem entrar no nosso quarto fora das horas da comida; como não tínhamos meio algum de nos fecharmos por dentro, não houve remédio senão mandar entrar.

Era o mesmo homem que nos tinha falado à portinhola da liteira e no pátio do castelo. Não pude conhecê-lo pelo rosto, porque tinha uma máscara quando nos falou. Mas apenas abriu a boca, conheci-o logo pela voz.

Apresentou-me uma carta.

— Quem é que a manda, Senhor? — perguntei eu.

— Queira a menina ter o incômodo de ler — respondeu ele -, e logo verá. — Eu não quero ler essa carta sem saber primeiro quem ma dirige.

— A menina pode fazer o que lhe aprouver. Determinaram-me que lhe entregasse esta carta; aqui a deposito a seus pés; se mudar de tenção, dignar-se-á apanhá-la.

E, com efeito, o tal criado, que era uma espécie de escudeiro, pôs a carta sobre o banquinho em que eu descansava os pés, e saiu.

— Que hei-de fazer? — perguntei eu a Gertrudes.

— Se me atrevesse a dar um conselho à menina, dir-Lhe-ia que lesse a carta.

Pode ser que nos traga a notícia de algum perigo, do qual possamos livrar-nos depois de avisados por ela.

Este conselho pareceu-me tão razoável, que mudei logo de opinião e abri a carta.

Diana, quando chegou a este ponto, interrompeu a sua narração, levantou-se, abriu uma papeleira, e tirou um bilhete de dentro duma carteira de seda.

Bussy lançou rapidamente os olhos para o sobrescrito, que dizia: Para aformosa Diana de Méridor

E depois, olhando para a dama:

— Este envelope — disse ele — é do próprio punho do duque de Anju.

— Ah! — respondeu ela suspirando. — Então não me enganou ele. E como Bussy hesitasse em abrir a carta:

— Leia — disse ela -; o acaso fê-lo sabedor de tanta particularidade da minha vida, que não tenho que guardar segredos para com o senhor.

Bussy obedeceu, e leu:

Um infeliz príncipe, ferido no coração por sua divina beleza, há-de vir esta noite às dez horas pedir-lhe desculpa do seu comportamento para com a senhora, a que deu lugar unicamente o amor que lhe inspirou.

Francisco.

— Visto isso, esta carta é escrita na realidade pelo duque de Anju?  
— perguntou Diana.

— Infelizmente, assim é! — respondeu Bussy. — É a sua letra e a sua assinatura.

Diana suspirou.

— Dar-se-á o caso de que ele seja menos criminoso do que eu supunha? — murmurou ela.

— Quem, o príncipe? — perguntou Bussy.

— Não, ele, o conde de Monsoreau.

Foi então Bussy quem suspirou também.

— Continue, minha Senhora — disse ele -, e então julgaremos o príncipe e o conde.

— Essa carta, de cuja autenticidade não tinha naquela ocasião motivo para desconfiar, por isso que vinha confirmar o meu receio, indicava-me, como Gertrudes tinha vaticinado, qual era o perigo a que estava exposta, e tornava muito mais valiosa a intervenção do amigo incógnito que se oferecia para me socorrer em nome de meu pai. Pus, por consequência, toda a minha esperança naquele homem.

Recomeçaram as nossas investigações; Gertrudes e eu voltámos para a janela, e não tirámos os olhos do lago e da porção da mata que ficava fronteira aos nossos quartos. Porém, em toda a extensão que podíamos alcançar com a vista, não divisámos nada capaz de alimentar as nossas esperanças.

Anoiteceu por fim; mas como estávamos então no mês de Janeiro, ainda era cedo; ainda tinham que decorrer quatro ou cinco horas primeiro que chegasse o momento decisivo; esperámos ansiosamente.

Era uma daquelas lindas noites de geada que há no Inverno, durante as quais, se não fosse o frio, parece que se está no fim da Primavera ou no princípio do Outono: brilhava o céu matizado de mil estrelas, e num canto do firmamento, a Lua, semelhante a um crescente, alumia a paisagem com seus raios prateados; abrimos a janela do quarto de Gertrudes, a qual, em todo o caso, devia estar vigiada com menos rigor do que as do meu.

Pelas sete horas da noite, uma névoa muito subtil começou a cobrir a superfície do lago, mas, como se fora um véu de cassa transparente, não nos tirava a vista, eu, para melhor dizer, os nossos olhos, acostumando-se gradualmente à escuridão, conseguiram ver através da névoa.

Como não tínhamos meio algum de medir o tempo, ter-nos-ia sido impossível dizer que horas eram, quando nos pareceu, apesar da escuridão, que víamos mexer umas sombras à entrada da mata. Eram uns vultos que pareciam aproximar-se com cautela, encobrendo-se com as árvores para não serem vistos. Pode ser que acabássemos por nos persuadir que as sombras que víamos não passavam duma ilusão dos nossos olhos já cansados, se não nos viesse ferir os ouvidos o relinchar dum cavalo.

— São os nossos amigos — murmurou Gertrudes.

— Ou o príncipe — respondi eu.

— Nada! O príncipe não pode ser — disse ela -; se fosse o príncipe não se escondia. Esta reflexão tão simples desvaneceu as minhas suspeitas e tranquilizou-me. Continuámos a prestar a maior atenção.

Adiantou-se um homem sozinho; pareceu-me que de um grupo de mais homens, que tinha ficado escondido debaixo das árvores.

O homem em questão foi direito ao bote, soltou-o da estaca a que estava amarrado, meteu-se nele; e logo o bote, deslizando sobre a água, avançou em silêncio para onde estávamos.

À medida que ele se aproximava, redobrava eu de esforços para penetrar com a vista as trevas que me cercavam.

Pareceu-me diferenciar a princípio a elevada estatura, as feições sombrias e fortemente caracterizadas do conde de Monsoreau; Finalmente, quando chegou a distância de dez passos de nós, já eu não tinha dúvida alguma que era ele.

Fiquei logo receando quase tanto o auxílio como o perigo.

Conservei-me calada e imóvel, encostada ao canto da janela, de modo que ele não me podia ver. Quando chegou junto do muro, prendeu o bote a uma argola e vi-Lhe aparecer a cabeça na altura do parapeito da janela.

Não pude reprimir um grito.

— Ah, perdão — disse o conde de Monsoreau -, julgava que estava à minha espera!

— Esperava alguém, é verdade — respondi eu -; mas não sabia que era o senhor.

O conde sorriu-se com tristeza.

— Quem havia de proteger a honra de Diana de Méridor, a não ser eu e seu pai?.

— Disse, Senhor, na carta que me escreveu, que vinha em nome de meu pai. -

Sim, minha Senhora; e como logo antevi que desconfiaria da missão de que me encarreguei, trago-lhe um bilhete do barão.

E o conde, dizendo isto, ofereceu-me um papel.

Não tínhamos acendido a luz de propósito para que a escuridão favorecesse qualquer passo que tivéssemos a dar. Fui ao meu quarto, ajoelhei ao pé do fogão, e à claridade do lume pude ler:

Minha querida Diana, o Senhor Conde de Monsoreau é a única pessoa que pode livrar-te do perigo a que estás exposta, e esse perigo é imenso. Deposita pois inteira confiança nele, e olha-o como o melhor amigo que o Céu nos podia deparar nesta ocasião.

Ele mesmo te dirá mais tarde o que eu desejava de todo o coração que tu fizesses para pagar a dívida que vamos contrair para com ele.

Teu pai, que te roga que o acredites e que tenhas dó dele e de ti:  
Barão de Méridor

Eu não tinha motivo nenhum para odiar o senhor de Monsoreau; a aversão que ele me inspirava era causada mais pelo instinto do que pela razão. A única culpa de que podia argui-lo era a morte da minha corça, e esse era um crime bem insignificante num caçador.

Tornei pois para a janela.

Então, que me diz? — perguntou ele.

— Li a carta de meu pai; ele manda-me dizer que o senhor está pronto a levar-me daqui para fora; mas não me diz para onde tenciona levar-me.

— Levo-a para um sítio onde o barão está à sua espera, minha Senhora.

— Onde é que ele me espera?

— No Castelo de Méridor.

— Nesse caso, vou tornar a ver meu pai?

— Daqui a duas horas.

Oh! Senhor, se isso que diz for verdade...

Detive-me aqui; o conde esperava visivelmente o fim da minha frase.

— Pode contar com toda a minha gratidão — prossegui com voz trémula e sumida, porque bem imaginava o que ele esperava da gratidão que eu não tinha ânimo para lhe exprimir.

— Visto isso, minha Senhora — disse o conde -, está pronta a acompanhar-me?

Olhei para Gertrudes com alguma inquietação; bem se lhe conhecia nos olhos que aquele rosto sombrio do conde não lhe inspirava mais confiança a ela do que a mim.

— Reflicta que cada minuto que vai fugindo é para a senhora uma perda muito mais séria do que pode imaginar — disse ele. — Eu vim

meia hora mais tarde do que tinha dito; daqui a um instante vão dar as dez. e não teve aviso que o príncipe havia de chegar ao Castelo de Beau é às dez horas?

— Verdade, infelizmente! — respondi eu.

— Pois logo que o príncipe aqui esteja, já não posso fazer mais nada em seu favor, senão arriscar inutilmente a minha vida, que neste momento estou arriscando com a certeza de poder salvá-la.

— Mas porque não veio meu pai?

— Julga acaso que seu pai não está sendo vigiado? Julga que ele possa dar um único passo sem que se saiba onde vai?

— Porém o senhor. — perguntei eu.

— Comigo muda o caso de figura; eu sou amigo e confidente do príncipe. — Porém, Senhor — exclamei eu -, se é amigo e confidente do príncipe, então. — Então, estou-o atraindo por sua causa; sim, é isso mesmo. E por isso Lhe dizia ainda há pouco que estou arriscando a minha vida para proteger a sua honra.

Havia um tal acento de convicção na resposta do conde, e estava tão visivelmente em harmonia com a verdade, que, se bem que eu ainda sentisse alguma repugnância em me entregar a ele, não encontrava palavras para Lhe exprimir as minhas dúvidas.

— Estou esperando — disse o conde.

Olhei para Gertrudes, que estava tão indecisa como eu.

— Se ainda duvida — disse o Sr. de Monsoreau -, olhe para a parte de além.

E, dizendo isto, apontou para um grupo de gente a cavalo que vinha caminhando na direcção do castelo, pela margem do lago oposta àquela por onde ele mesmo tinha vindo.

— Que homens são aqueles? — perguntei eu.

— É o duque de Anju e a sua comitiva — respondeu o conde.

— Menina, Menina! — disse Gertrudes. — Não percamos tempo.



— Já temos perdido demasiado — disse o conde -; em nome do Céu, peço-Lhe que se resolva.

Caí sobre uma cadeira, faltavam-me as forças.

— Oh! meu Deus! Meu Deus! Que hei-de fazer! — murmurei eu.

— Escute — disse o conde -, não ouviu bater à porta?.

Ouviam-se efectivamente argoladas à porta, a que estavam batendo dois homens que tínhamos visto apartarem-se do grupo para Lhe tomarem a dianteira.

— Daqui a cinco minutos — disse o conde — já será tarde.

Quis levantar-me, tremiam-me as pernas.

— Acode-me, Gertrudes! — balbuciei eu. — Acode-me!

— Menina — disse a pobre rapariga -, não ouve abrir a porta! Não ouve as patadas dos cavalos no pátio!

— Sim! sim! — respondi eu fazendo um esforço. — Mas faltam-me as forças. -

Oh — disse ela -, não seja essa a dúvida!

E agarrou em mim ao colo, levantou-me como se fora uma criança, e entregou-me nos braços do conde.

Quando senti o contacto daquele homem, estremeci involuntariamente por tal forma, que por pouco não lhe escapei das mãos e não fui cair à água.

Porém ele apertou-me de encontro ao peito e sentou-me no bote. Gertrudes tinha saltado da janela sem que fosse preciso ajudá-la.

Reparei então no meu véu, que se havia despregado e caíra no lago.

Pareceu-me que era um indício que ficava do caminho que tínhamos tomado. - O meu véu! O meu véu! — disse eu para o conde. — Trate de apanhar o meu véu!

O conde lançou a vista para o objecto que eu mostrava com o dedo. — Não — disse ele -, é melhor deixá-lo ficar.

E agarrando nos remos, deu um impulso tão violento ao bote, que dentro em pouco chegámos à margem oposta do lago.

Naquele mesmo instante vimos brilhar as janelas do meu quarto: eram os criados que entravam com luzes.

— Então, enganei-a?. — disse o Sr. de Monsoreau. — E não Lhe parece que já era tempo de fugir?.

— Oh! sim, sim, Senhor — repliquei eu -; é na realidade o meu salvador.

Entretanto as luzes corriam duma parte para a outra; ora apareciam no meu quarto, ora no de Gertrudes. Ouvimos proferir gritos; entrou um homem a quem todos abriram caminho. O recém-chegado debruçou-se da janela que tinha ficado aberta, avistou o véu, que ainda estava ao de cima da água, e deu um grito.

— Vê agora que foi acertada a lembrança que tive de deixar ficar o véu? — disse o conde; — o príncipe há-de julgar que se afogou no lago para lhe escapar; e enquanto ele manda proceder às buscas, fugiremos nós.

Foi então que tremi deveras, com medo das tenebrosas combinações daquele espírito, que de antemão tinha contado com a eficácia de semelhante meio para iludir as pesquisas.

Naquele momento tocava o bote em terra.

## XIV

### CONTINUAÇÃO DA HISTÓRIA DE DIANA DE MÉRIDOR — O CONVÊNIO

Houve outro instante de silêncio.

Diana, a quem a recordação do perigo de que escapara causava quase tanta impressão como lhe tinha causado o mesmo perigo, sentia que Lhe faltava a voz.

Bussy estava-a ouvindo com todas as faculdades da sua alma, e no coração jurava ódio eterno aos seus inimigos, quaisquer que eles fossem.

Finalmente, depois de ter cheirado um frasco que tirou da algibeira, Diana prosseguiu assim:

— Apenas saltámos em terra, vieram ter connosco sete ou oito homens. Eram os criados do conde, entre os quais julguei conhecer os dois indivíduos que me acompanhavam na liteira quando foi atacada pelos mascarados que me conduziram para o Castelo de Beaugé. Um estribeiro tinha dois cavalos seguros pelas rédeas: um deles era o cavalo preto do conde; o outro era um cavalinho branco destinado para mim. O conde ajudou-me a montar, e logo que cavalguei, montou ele no seu cavalo. Puseram Gertrudes à garupa no cavalo dum dos criados do conde.

Apenas concluídas estas disposições, partimos a galope.

Eu tinha notado que o conde levava o meu cavalinho pela rédea, e observei-lhe que sabia segurar-me e era escusada semelhante cautela; mas ele respondeu-me que o meu cavalo era medroso, podia espantar-se e fugir de junto dele.

Haveria dez minutos que galopávamos, quando ouvi a voz de Gertrudes chamando por mim. Voltei-me, e vi que o nosso rancho se havia desdobrado: quatro dos homens tinham tomado por um caminho diverso e levavam Gertrudes consigo na direcção da mata, enquanto que o conde de Monsoreau e os outros quatro me acompanhavam a mim.

— Senhor! — exclamei eu. — Por que razão não vem Gertrudes connosco? — É indispensável que nos separemos — respondeu o conde -, para deixarmos dois rastos se formos perseguidos; é preciso que haja notícias por dois sítios diversos duma mulher roubada por um bando de homens a cavalo. Assim teremos alguma probabilidade

de iludir o Senhor Duque de Anju e fazer com que ele persiga a sua aia em vez de a perseguir a si.

Esta resposta, apesar de especiosa, não me satisfez; mas que podia eu dizer?

Que Lhe havia de Fazer? Suspirei, e Fui esperando.

Entretanto, a estrada que o conde seguia era na verdade a que ia dar ao Castelo de Méridor. Vista da velocidade com que caminhávamos, não podíamos levar mais dum quarto de hora para chegar ao castelo; mas, de repente, quando entrámos numa encruzilhada que eu muito bem conhecia, o conde, em lugar de continuar a seguir o caminho da casa de meu pai, inclinou à esquerda e tomou por uma estrada que dela me afastava visivelmente.

Gritei logo, e, apesar da rapidez do galope do meu cavalo, já tinha a mão sobre o arção do selim para saltar a terra, quando o conde, que vigiava naturalmente os meus movimentos, debruçou-se para mim, lançou-me o braço à cintura, e, tirando-me de cima do cavalo, colocou-me sobre o arção do seu. O cavalinho branco, assim que se viu solto, fugiu a relinchar para o interior da mata.

Esta acção do conde foi executada com tanta rapidez que apenas tive tempo para soltar um grito.

O Sr. de Monsoreau tapou-me logo a boca com a mão.

— Minha Senhora — disseme ele -, juro-Lhe pela minha honra que tudo quanto faço é por ordem expressa de seu pai, e mostrar-lhe-ei uma prova do que digo no primeiro sítio onde pararmos para descansar; se a prova que Lhe apresentar não for suficiente, ou se ainda tiver alguma dúvida, prometo-lhe, também pela minha honra, que a deixarei em liberdade. — Porém, Senhor, disseme que me levava para casa de meu pai!. — exclamei eu, repelindo-Lhe a mão e deitando a cabeça para trás.

— É verdade, assim Lho afirmei, porque vi que hesitava em me acompanhar, e se durasse mais um instante uma tal hesitação estávamos perdidos, ele, a menina e eu, como muito bem viu. Ora vamos lá, diga-me — continuou o conde, parando o cavalo -: quer ser

causa da morte do barão?. Quer ficar perdida sem remédio? Se assim é, profira uma única palavra, e levá-la— ei imediatamente para o Castelo de Méridor.

— Disse-me que me havia de provar em como tudo isto era por ordem de meu pai.

— Eis a prova que lhe prometi — disse o conde -; tome esta carta, e leia-a na primeira casa em que nos apear-mos. Se, depois de a ler, ainda quiser regressar para o castelo, repito-lhe, pela minha honra, que ficará em liberdade para assim o fazer. Porém, se tem ainda algum respeito às ordens do barão, estou bem certo que não voltará.

— Está bem, Senhor, vamos para diante, procuremos chegar quanto antes ao sítio onde havemos de apear-nos, porque estou com pressa de saber se fala verdade.

— Lembre-se que me acompanha por sua livre vontade.

— Sim, se acaso se pode considerar em plena liberdade uma pobre rapariga colocada numa situação em que vê, por um lado, a morte de seu pai e a própria desonra, e, pelo outro, necessidade de se fiar na palavra dum homem que apenas conhece muito de relance; mas não importa, Senhor: sigo-o por minha livre vontade; e para que se certifique que assim é, peço-lhe que me mande dar um cavalo.

O conde acenou a um dos criados para que se apeasse. Eu saltei abaixo do cavalo dele, e dali a um instante estava outra vez a cavalo a seu lado.

O cavalinho não pode ter ido para longe — disse ele para o homem que tinha ficado a pé procura-o pela mata e chama-o; ele acode logo como se fora um cão, ao nome ou ao apito. Virás ter connosco ao lugar da Châtre.

Arrepiei-me sem querer. A aldeia da Châtre ficava já a dez léguas do Castelo de Méridor, estrada de Paris.

Senhor — disse-lhe eu -, acompanhá-lo-ei; mas quando chegarmos a Châtre, trataremos das condições.

— Ou por outra, dar-me-à as suas ordens, minha Senhora —

respondeu o conde.

Tanta obediência aparente não me tranquilizava muito; contudo, como eu não tinha escolha dos meios, e aquele que então se me apresentava para fugir ao duque de Anju era o único de que podia lançar mão, continuei a acompanhar o conde em silêncio. Ao romper da manhã, chegámos a Châtre. Mas em vez de entrar na aldeia, quando já estávamos a seis passos dos primeiros jardins, tomámos para o interior das terras, e encaminhámo-nos para uma casa isolada.

Parei o cavalo.

— Onde vamos nós? — perguntei eu.

— Ouça-me, minha Senhora — disse o conde -, já tenho notado a extrema clareza do seu espírito, e é a ele que me dirijo. Como é que, procurando nós ocultar-nos às pesquisas da pessoa mais poderosa de França depois do rei, como é, digo, que havíamos de apear-nos numa hospedaria aberta a todos, e no centro duma aldeia onde qualquer dos aldeões que nos visse nos iria denunciar? Pode-se comprar um homem, mas não é possível comprar uma aldeia inteira!

Havia nas respostas do conde uma tal lógica, ou pelo menos uma especiosidade, que me aterrava.

— Está bem — disse eu. — Vamos lá.

E prosseguimos no caminho.

Já estavam à nossa espera; a gente da casa tinha sido avisada por um homem da nossa escolta que para esse fim nos havia tomado a dianteira, sem que eu em tal tivesse reparado. Tinham acendido o fogão dum quarto bastante decente, e estava pronta uma cama.

— Eis o seu quarto, minha Senhora — disse-me o conde -; eu fico esperando as suas ordens.

Cortejou e saiu, deixando-me só.

O meu primeiro cuidado foi chegar-me ao candeeiro, e tirar do seio a carta de meu pai... Ela aqui está, Sr. de Bussy: seja meu juiz, leia.

Bussy pegou na carta e leu:

Minha Diana muito querida. Se, como eu espero, anuiste ao meu pedido e acompanhaste o conde de Monsoreau, já ele te disse provavelmente que tiveste a desgraça de agradar ao duque de Anju, e que foi este príncipe quem te mandou roubar e conduzir para o Castelo de Beaujé. Por tal acto de violência podes tu ajuizar do que será capaz o duque, e qual é a desgraça que te espera. Pois bem! Para escapares à desonra, que decerto me mataria a mim de desgosto, tens um meio à tua disposição: casa com o nosso honrado amigo; logo que fores condessa de Monsoreau, poderá o conde proteger-te como sua mulher e jurou-me que te havia de defender por todos os meios ao seu alcance. É portanto o meu desejo, querida filha, que se realize quanto antes o teu casamento, e como espero que tu cumprirás esta minha vontade, desde já te deito a minha bênção paternal, rogando a Deus que Se digne conceder-te todos os tesouros de felicidade que costuma reservar para corações semelhantes ao teu.

Teu pai, que não manda, mas sim pede: Barão de Méridor.

— Infelizmente — disse Bussy -, se esta carta foi escrita por seu pai, minha Senhora, a ordem era terminante.

— É escrita por meu pai, não há dúvida alguma; contudo, li-a por três vezes antes de tomar uma resolução. Finalmente, chamei o conde.

Entrou logo; o que me deu a conhecer que estava esperando à porta. Eu tinha a carta na mão.

— Então — disse ele -, já leu? Sim senhor — respondi eu.

— Ainda duvidará do meu afecto e do meu respeito pela senhora?  
— Se ainda duvidasse — respondi eu -, bastava esta carta para me obrigar a ter fé no Senhor Conde. Agora vejamos, Senhor: supondo que eu esteja na disposição de seguir os conselhos de meu pai, o que tenciona fazer?

— Tenciono levá-la para Paris, minha Senhora, por ser lá que mais facilmente poderei ocultá-la.

— E meu pai?

— Em qualquer parte em que a senhora estiver, logo que não haja

receio de comprometimento algum, o barão virá ter connosco.

— Muito bem, Senhor Conde, estou pronta a aceitar a sua protecção com as condições que me impõe.

— Não imponho coisa alguma, minha Senhora — respondeu o conde -; ofereço-lhe um meio para se salvar, e nada mais.

— Pois bem! Emendarei o meu dito, e servindo-me das suas expressões, direi: estou pronta a aceitar o meio que me oferece para escapar à perseguição de que sou vítima, mas com três condições.

— Fale, minha Senhora.

— A primeira é que Gertrudes me há-de ser restituída.

— Está ali fora — disse o conde.

— A segunda é que havemos de fazer a jornada daqui até Paris separados um do outro. — Tencionava propor-Lhe isso mesmo para tranquilizar a sua susceptibilidade. — E a terceira é que o nosso casamento, salvo algum caso urgente, e que eu reconheça como tal, não há-de ter lugar senão em presença de meu pai.

— É esse o meu desejo mais ardente, porque quero que a bênção dele chame sobre as nossas cabeças a bênção do Céu.

Fiquei espantada. Esperava encontrar no conde alguma opposição a esta tríplice expressão da minha vontade, e via que, pelo contrário, ele abundava no meu sentido.

— Agora minha Senhora — disse o Sr. de Monsoreau -, quer permitir-me que lhe dê alguns conselhos?

— Estou ouvindo, Senhor.

— O primeiro é que não ande de noite.

— Tenho essa tenção.

— O segundo é que deixe a meu cargo a escolha das casas em que há-de descansar, e da estrada que há-de seguir; todas as minhas disposições serão tendentes ao único fim que tenho em vista, que é livrá-la do duque de Anju.



— Se na verdade me estima como diz, Senhor, temos nisso igual interesse; e por consequência não tenho objecção alguma a fazer a essa proposta.

— O terceiro, finalmente, é que aceite, quando chegar a Paris, a habitação que eu lhe tiver mandado aprontar, ainda que a casa Lhe pareça muito simples e o bairro muito solitário.

— O meu desejo, Senhor, é viver recolhida; e quanto mais simples for a casa e mais solitário for o bairro, melhor me poderei ocultar.

— Visto isso, estamos perfeitamente concordes, minha Senhora, e só me resta, para me conformar em tudo com o plano que delineou, apresentar-lhe os meus respeitosos cumprimentos, mandar para aqui a sua aia, e ir explorar a estrada que tem a seguir.

— Só tenho a dizer-lhe, Senhor Conde — respondi eu -, que sou cumpridora da minha palavra, como espero que o senhor seja da sua; cumpra pois todas as suas promessas, que eu cumprirei as minhas.

— Nada mais exijo — disse o conde -; e essa afirmação dá-me a certeza de que em breve hei-de ser o mais feliz dos homens.

Dizendo estas palavras, fez um cumprimento e retirou-se.

Dali a cinco minutos entrou Gertrudes.

A pobre rapariga ficou contentíssima por me tornar a ver, pois persuadira-se que nos tinham separado para sempre. Contei-Lhe tudo quanto acabava de ter lugar, pois carecia de alguém que estivesse ao facto dos meus projectos, para executar os meus menores desejos: entender-me quando eu lhe dissesse meia palavra, e, quando fosse preciso, obedecer-me a um sinal ou a um gesto. Admirava-me a facilidade que tinha encontrado no Sr. de Monsoreau e receava, portanto, que houvesse alguma infracção ao nosso convénio.

Acabava eu de falar, quando ouvimos a bulha dum cavalo que se afastava. Corri à janela e vi que o conde voltava a galope pela estrada por onde tínhamos vindo.

Porque seguiria ele aquele caminho em lugar de andar para a frente? Era o que eu não podia entender.

Entretanto, tinha cumprido o primeiro artigo do convénio, restituindo-me Gertrudes; cumpria o segundo, separando-se de mim; não havia razão de queixa.

E demais, qualquer que fosse o sítio para onde ele se dirigia, aquela partida do conde tranquilizava-me.

Passámos todo o dia naquela casa, cuja dona nos serviu de criada; mas logo que anoiteceu, o indivíduo que figurava de chefe da nossa escolta entrou no meu quarto a pedir as minhas ordens. Como o perigo me parecia tanto maior quanto mais perto estivesse do Castelo de

Beaugé, respondi-lhe que estava pronta; dali a cinco minutos voltou a dizer-me que só esperava por mim. Achei à porta o meu cavalinho branco; tinha vindo ter com o criado logo que o chamou, conforme Lhe dissera o conde de Monsoreau.

Andámos toda a noite, e parámos, como na véspera, ao romper do dia. Calculei que devíamos ter caminhado umas quinze léguas, pouco mais ou menos; o Sr. de Monsoreau tinha dado todas as providências necessárias para que eu não sofresse nem cansaço nem frio.

O cavalinho que ele escolhera para mim tinha uma andadura muito cómoda, e ao sair de casa tinham-me deitado sobre os ombros um belo capote todo forrado de peles.

A segunda paragem foi exactamente como a primeira, e todas as minhas marchas nocturnas iguais a esta última: sempre as mesmas atenções e o mesmo respeito, por toda a parte os mesmos cuidados; era evidente que adiante de nós ia alguém incumbido de mandar aprontar

as pousadas. Seria acaso o conde? Nunca o pude saber, porque ele, cumprindo aquela condição do nosso convénio com a mesma pontualidade com que executava as mais, nem uma única vez apareceu à minha vista durante a jornada.

— Pela volta da tarde do sétimo dia, avistei, do alto dum outeiro, um grande montão de casas. Era Paris.

Demorámo-nos à espera da noite, e, logo que escureceu, pusemo-nos novamente a caminho; dali a pouco entrámos por uma porta além da qual o primeiro objecto que me deu na vista foi um edifício imenso, que, pela elevação dos muros, me pareceu ser um convento; depois atravessámos duas vezes o rio. Tomámos à direita, e, tendo andado mais dez minutos encontrámo-nos no Largo da Bastilha. Então um homem que parecia estar à nossa espera saiu duma porta, e chegando-se ao chefe da escolta, disse:

— É aqui.

O chefe da escolta virou-se para mim.

Ouviu, minha Senhora? Chegámos ao nosso destino.

saltando abaixo do cavalo, ofereceu-me a mão para eu me apeiar, como sempre tinha praticado pelo caminho, todas as vezes que parávamos.

HA porta estava aberta, e um candeeiro, posto sobre os degraus alumia a escada.

— Minha Senhora — disse o chefe da escolta -, está aqui em sua casa; no limiar desta

porta acaba a missão que se nos deu de a acompanharmos; poder-me-ei lisonjear de termos cumprido o nosso dever, eu e a minha gente, conforme os seus desejos, e com o respeito que tanto se nos recomendou?

— Sim senhor — disse eu -, e só me resta agradecer-Lhe. Agradeça também em meu nome a essa boa gente que me acompanhou. Eu bem quisera poder-lhes dar alguma remuneração mais eficaz; porém nada possuo.

— Não lhe dê isso cuidado, minha Senhora — respondeu o homem a quem eu dava esta desculpa -; já todos foram pagos com generosidade.

E tornando a montar a cavalo, depois de me ter cortejado:

— Venham comigo vocês — disse ele para os mais -, e tratem de se

esquecer desta porta por forma tal que nenhum se lembre amanhã que ela existe.

Ditas estas palavras, o rancho abalou a todo o galope e internou-se pela Rua de Santo António.

O primeiro cuidado de Gertrudes foi fechar a porta, e pelo postigo é que os vimos afastar i Depois encaminhámo-nos para a escada onde estava o candeeiro; Gertrudes pegou nele e foi andando adiante de mim.

Subimos os degraus e achámo-nos num corredor; deitavam para ele três portas, que estavam abertas.

Entrámos pela do centro, e viemos dar a esta sala onde agora estamos. Estava guarnecida de luzes tal qual como neste momento se acha.

Abri aquela porta e vi que era um gabinete de toucador; depois aqueloutra, que era a do meu quarto de cama, e, com grande admiração minha, avistei o meu retrato logo que entrei.

Conheci que era o mesmo que estava no quarto de meu pai em Méridor; o conde tinha-o pedido provavelmente ao barão e conseguido dele que Lho desse.

Estremeci quando vi mais esta prova de que meu pai me considerava já como legítima mulher do Sr. de Monsoreau.

Passámos revista à habitação toda: estava solitária, mas não faltava coisa alguma; havia lume aceso em todos os fogões, e, na casa de jantar, estava à minha espera a mesa já posta.

Fui logo examinar a mesa; não havia senão um talher; fiquei mais descansada.

— Então, Menina? — disse Gertrudes — bem vê que o conde cumpre o que prometeu.

— Desgraçadamente assim é! — respondi eu com um suspiro. — Antes quisera que ele tivesse faltado a alguma das suas promessas, para assim me desligar da palavra que lhe dei.

Ceei; quando acabei, tornámos a passar revista a toda a casa, e não encontrámos fôlego vivo; não havia dúvida que era nossa unicamente.

Gertrudes dormiu no meu quarto.

No dia seguinte saiu para se orientar. Foi então unicamente que soube por ela que estávamos no fim da Rua de Santo António, defronte do Palácio das Tournelles, e que a fortaleza que avistava ao meu lado direito era a Bastilha.

Devo confessar-Lhe que estas informações não me adiantavam muito. Eu nada sabia de Paris, onde nunca tinha vindo.

Passou-se o dia sem novidade; à noite, quando acabava de me sentar à mesa para cear, bateram à nossa porta.

Gertrudes e eu olhámos uma para a outra.

Bateram segunda vez.

— Vai ver quem é — disse-lhe eu.

— E se for o conde? — perguntou ela, vendo que eu estava enfiada.  
— Se for o conde — respondi fazendo um esforço violento -, abre-lhe a porta, Gertrudes; ele cumpriu fielmente o que prometeu; há-de ver que eu, assim como ele, só tenho uma palavra.

Passado um instante, tornou Gertrudes a aparecer. — É o Senhor Conde, minha Senhora — disse ela.

— Diz-lhe que entre — respondi eu.

— Gertrudes abriu caminho ao conde, que logo me apareceu à entrada da porta.

— Então, minha Senhora — perguntou ele -, parece-lhe que executei fielmente o nosso convénio?

— Sim senhor — respondi eu -, e agradeço-lhe.

— Visto isso, está disposta a receber-me em sua casa? — acrescentou ele, com um sorriso de que não pôde dissimular a ironia.

— Entre, Senhor.

O conde aproximou-se e ficou de pé. Fiz-lhe sinal que se sentasse.

- Traz-me alguma notícia, Senhor Conde? — perguntei eu.
- De onde, e de quem, minha Senhora?
- De meu pai e de Méridor, primeiro que tudo.
- Não voltei ao Castelo de Méridor, nem tornei a ver o barão.
- Então de Beaugé e do duque de Anju.
- Isso agora é outra coisa; fui a Beaugé e falei com o duque...
- Em que disposição o achou?
- Querendo ainda duvidar.
- De quê?
- Da sua morte.
- Mas afirmou-lhe que era verdade.
- Fiz quanto pude para o convencer.
- E onde pára o duque? — Regressou a Paris ontem à noite.
- Por que motivo voltou ele tão apressadamente?
- Provavelmente porque não gostou de ficar por mais tempo num sítio onde a consciência o acusava de ter feito uma morte.
- Já estive com ele depois que chegou a Paris?
- Deixei-o há pouco.
- Falou-Lhe em mim?
- Não lhe dei lugar a isso.
- Qual foi o assunto da conversação?
- Tratou-se duma promessa que ele me fez e que eu lhe pedi que cumprisse.
- O que é?
- Comprometeu-se a fazer-me nomear para o cargo de monteiromor, em paga dos serviços que lhe tenho prestado. — é verdade — disse eu sorrindo com tristeza, porque me lembrou a morte da minha

pobre Dafne -; é um caçador temível, e, como tal, tem direito ao lugar que pretende.

— Não é por ser bom caçador que ele me é dado, minha Senhora, é por ser criado do príncipe; não hei-de consegui-lo por ter direito a ele, mas sim porque o Senhor Duque de Anju não se há-de atrever a mostrar-se ingrato para comigo.

Havia em todas estas respostas, apesar do modo respeitoso com que eram proferidas alguma coisa que me assustava; era a expressão duma vontade implacável.

Fiquei um instante calada.

— Ser-me-á permitido escrever a meu pai? — perguntei eu.

Decerto; mas lembre-se que as suas cartas podem ser interceptadas.

— É-me proibido sair?

— Nada lhe é proibido, minha Senhora; contudo observar-lhe-ei que pode alguém segui-la na rua.

— Mas não poderei ao menos ir ouvir missa aos domingos?...

— Acho que seria muito mais acertado, para sua segurança, que não a ouvisse; mas se

deseja muito ir à missa, limite-se ao menos a ouvi-la na Igreja de Santa Catarina... olhe que isto não passa dum conselho que lhe dou.

— E onde fica essa igreja?

— Em frente da sua casa, do outro lado da rua.

— Obrigada, Senhor Conde.

Houve aqui novo silêncio.

— Quando tornarei a vê-lo, Senhor Conde?

— Não sei ainda se me concederá licença para aqui voltar...

— Carece porventura de licença minha?

— Por certo. Sou por enquanto uma pessoa estranha para a Senhora.

— Não tem uma chave desta casa?

— A seu marido, unicamente, é que pode competir semelhante privilégio...

— Senhor — respondi eu, ainda mais assustada por aquelas respostas tão extraordinárias, do que se ele me tivesse falado em tom imperioso. — pode voltar aqui quando quiser, ou quando tiver a comunicar-me alguma coisa que Lhe pareça urgente.

— Muito obrigado, minha Senhora; usarei da licença, mas não abusarei... E para prova do que digo, peço-lhe que aceite os meus cumprimentos.

O conde, a estas palavras, levantou-se.

— Deixa-me já? — perguntei eu, cada vez mais admirada por ver um procedimento que estava bem longe de esperar.

— Minha Senhora — respondeu o conde -, sei que não gosta de mim, e não quero abusar da situação em que se acha, e que de alguma forma a obriga a utilizar-se da minha protecção. Não quero tornar-me importuno demorando-me por muito tempo ao seu lado, pois espero que, pouco a pouco se irá habituando à minha presença, a fim de que o sacrifício lhe não pareça tão penoso quando chegar o momento de ser minha mulher.

— Senhor — disse eu, levantando-me também -, conheço toda a delicadeza do seu proceder. e apesar de serem algum tanto desabridas as suas palavras, sei apreciar as suas intenções. Tem razão, e quero falar-Lhe com a mesma franqueza de que usou. Tinha contra o Senhor algumas prevenções, que o tempo há-de ir desvanecendo, segundo espero.

— Permita-me, minha Senhora, que conserve essa esperança e que possa viver na expectativa de momento tão feliz.

E depois de me ter cortejado com tanto respeito como se fora o mais humilde dos meus criados, fez sinal a Gertrudes, diante de quem tinha tido lugar toda esta conversa, que o devia alumiar, e saiu.



## XV

### CONTINUAÇÃO DA HISTÓRIA DE DIANA DE MÉRIDOR

— Realmente, vejo que o conde é um homem bem célebre — disse Bussy.

— Oh, sim, muito célebre, na verdade! Porque o seu amor para comigo mostrava-se com toda a aparência do ódio. Gertrudes, ao voltar, veio achar-me mais triste e mais assustada do que nunca.

Procurou tranquilizar-me, porém bem se conhecia que a pobre rapariga estava com tanto medo como eu. Aquele respeito glacial, aquela obediência irónica, aquela paixão reprimida, e que vibrava como uma nota estridente em cada uma das suas palavras, eram muito mais para temer do que teria sido uma ordem claramente formulada, e que eu pudesse combater.

O dia imediato era um domingo: desde que me entendia, nunca tinha deixado de ir assistir aos ofícios divinos. Ouvi os sinos da Igreja de Santa Catarina que pareciam chamar por mim. Vi que toda a gente se encaminhava para a casa de Deus, deitei um véu muito espesso pela cabeça, e, acompanhada por Gertrudes, uni-me à multidão dos fiéis que concorria ao chamamento dos sinos.

Procurei o canto mais escuro, e Fui ajoelhar ao pé da parede. Gertrudes colocou-se, como uma sentinela, entre os circunstantes e eu. Daquela vez foi inútil semelhante cautela; não me pareceu que pessoa alguma reparasse em nós.

Dois dias depois apareceu o conde, e disse-me que tinha sido

nomeado monteiro-mor. Em virtude da influência do Senhor Duque de Anju, tinha ele alcançado aquele cargo, que já estava quase prometido a um dos validos de el-rei, chamado Saint-Luc. Era um triunfo que ele nem se atrevia a esperar. “

— Não há dúvida — disse Bussy -, e a todos causou admiração.

— Vinha dar-me esta notícia, esperando que a sua nova dignidade influiria em mim para consentir no casamento; contudo, nada pedia, nem instava; tinha toda a esperança na minha promessa e na força dos acontecimentos.

Eu, pelo que me dizia respeito, ia começando a esperar, visto o duque de Anju estar persuadido da minha morte, que deixava de existir o perigo de que fora ameaçada, e ficava desobrigada para com o conde.

Passaram-se mais sete dias, sem outra novidade além de duas visitas do conde.

As suas maneiras, nestas visitas, foram como nas precedentes, frias e respeitadas; mas já lhe expliquei o medo que eu tinha de tanta frieza e respeito.

No domingo seguinte, fui à igreja, como da primeira vez, e tomei o mesmo lugar em que estivera havia oito dias. Quem julga nada ter que recear, torna-se às vezes imprudente: no meio das minhas rezas, caiu-me o véu para o ombro... Eu estava na casa de Deus, só pensava em Deus.

Rezava com fervor por meu pai, quando de repente senti que Gertrudes me tocava no cotovelo; foi-Lhe necessário segundo toque para me fazer sair da espécie de êxtase religioso a que estava entregue.

Ergui a cabeça, olhei maquinalmente em volta de mim, e vi, com o maior terror, o duque de Anju encostado a uma coluna e devorando-me com a vista.

Um homem, que mais parecia um confidente do que um criado, estava ao lado dele.

— Era Aurilly, seu tocador de alaúde — disse Bussy.

— Com efeito — respondeu Diana -, parece-me que foi esse o nome que Gertrudes me disse dali a dias.

— Continue, minha Senhora — disse Bussy -, continue por favor, já vou começando a perceber tudo.

— Puxei rapidamente o véu para a cara, mas já era tarde; tinha-me visto; e se bem que não me conhecesse, contudo a minha semelhança com aquela outra mulher de quem ele gostava e que julgava morta, causara-lhe uma impressão profunda.

Não podendo sofrer o peso daquele olhar que me incomodava, levantei-me para sair da igreja; mas quando cheguei à porta tornei a dar com ele; tinha molhado os dedos na pia da água benta e apresentava-mos respeitosamente.

Fingi não ter reparado, e passei sem aceitar a água que ele me oferecia.

Porém mesmo sem voltar o rosto, percebi que nos seguiam; se eu conhecesse as ruas de Paris, teria diligenciado enganar o duque acerca da minha morada; mas eu nunca tinha andado na capital senão a distância que mediava entre a casa em que habitava e a igreja; não conhecia pessoa alguma a quem pudesse pedir agasalho durante um quarto de hora que fosse; não tinha uma única amiga, apenas me restava um defensor que eu temia mais do que um inimigo. “

— Oh! meu Deus! — murmurou Bussy — porque não quis o Céu, a Providência ou o acaso que eu a encontrasse mais cedo?

Diana agradeceu ao mancebo com os olhos.

— Mas perdoe-me — replicou Bussy -; interrompo-a continuamente, apesar da muita curiosidade com que a estou escutando. Prossiga, eu rogo-lhe.

— Naquela mesma noite, veio ver-me o Sr. de Monsoreau. Eu não sabia se devia falarno que me tinha sucedido, mas foi ele quem pôs termo à minha hesitação.

— Perguntou-me — disse ele — se Lhe era proibido ir à missa, e eu respondi-Lhe que era inteiramente senhora das suas acções, mas que o

melhor seria não sair.

Não quis dar-me crédito, e saiu esta manhã para ir assistir aos ofícios divinos na igreja de Santa Catarina. O príncipe também lá estava, por acaso, ou, para melhor dizer, por fatalidade, e viu-a.

— verdade, Senhor, e eu ainda hesitava em comunicar-Lhe essa circunstância, porque não sabia se o príncipe me havia conhecido por quem realmente sou, ou se apenas tinha notado a minha semelhança com outra pessoa.

— Deu-lhe logo na vista; a sua semelhança com a mulher de quem ele ainda consagra tanta saudade pareceu-lhe extraordinária: seguiu-a e tirou informações; porém nada adiantou, porque ninguém sabe coisa alguma a seu respeito.

— Meu Deus — exclamei eu -, o que julga que fará agora, Senhor?

— O duque tem um génio taciturno e perseverante — disse o Sr. de Monsoreau.

— Oh! Ainda espero que ele há-de esquecer-se de mim.

— Não penso assim; quem uma vez a viu, não pode esquecer-se da senhora. Também fiz quanto pude para me esquecer, e nunca o consegui.

Foi naquele momento que vi brilhar pela primeira vez nos olhos do Sr. de Monsoreau o fogo da paixão.

Causou-me maior terror a chama que acabava de abrasar aquele coração, que eu julgava morto, do que me havia causado pela manhã a vista do príncipe.

Fiquei calada.

— Que tenciona fazer? — perguntou-me o conde.

— Diga-me, Senhor, eu não poderia mudar de casa, de bairro, de rua? Ir residir para a outra extremidade de Paris? Ou, melhor ainda, voltar para o Anju?

— Tudo isso seria inútil — disse o Sr. de Monsoreau abanando a cabeça -; o Senhor Duque de Anju tem um faro muito fino, já deu com

o seu rasto. Agora, qualquer que seja o lugar para onde for, há-de segui-la até a descobrir.

— Oh, meu Deus, assusta-me, na realidade!

— Não pretendo assustá-la; digo-Lhe a verdade e nada mais.

— Nesse caso toca-me a mim dirigir-lhe a mesma pergunta que há pouco me fez.

O que tenciona fazer, Senhor?

— Eu, infelizmente, tenho poucos recursos de imaginação — disse o conde de Monsoreau com ironia. — Tinha descoberto um meio; não lhe agradou; não insto para que o adopte, mas não me ordene que procure outro.

— Porém — repliquei eu — o perigo não é talvez tão iminente como pensa.

— Com o tempo verá, minha Senhora — disse o conde levantando-se. — Em todo o caso ainda lhe repito que a esposa do conde de Monsoreau nada terá que recear do príncipe, visto que pelo cargo para que foi nomeado só depende de el-rei, o qual, decerto, me há-de proteger a mim e a minha mulher.

A minha resposta foi um suspiro. O que o conde acabava de dizer não admitia contestação. O Sr. de Monsoreau esperou um instante, como para me dar tempo a responder-lhe; mas não tive ânimo. Estava de pé, pronto a sair.

Sorriu-se amargamente, cortejou-me e saiu.

Quis-me parecer que Lhe ouvira alguma imprecação ao descer a escada.

Chamei Gertrudes.

Gertrudes tinha por costume ficar no gabinete ou no quarto de cama quando o conde vinha visitar-me: apareceu logo.

Eu estava à janela, embrulhada nas cortinas de maneira tal, que, sem ser vista, podia ver o que se passava na rua.

O conde saiu e afastou-se.

Conservámo-nos por espaço de uma hora, pouco mais ou menos, a examinar o que ia pela rua. Mas ninguém apareceu.

Passou-se a noite sem que houvesse novidade alguma.

No dia seguinte, Gertrudes, quando saiu, encontrou um mancebo que ela reconheceu logo ser o mesmo que na véspera estava com o príncipe; dirigiu-se a ela para lhe falar, porém foi debalde que procurou interrogá-la, porque a nenhuma das perguntas que ele fez ela respondeu.

Até que por fim desistiu, e deixou-a.

Este encontro assustou-me sobremaneira; era o começo duma investigação que decerto teria de ir mais longe. Receei que o Sr. de Monsoreau não viesse de tarde e que se fizesse alguma tentativa contra mim durante a noite; mandei-Lhe recado, e veio logo visitar-me. Eu contei-Lhe tudo, e dei-lhe os sinais do mancebo conforme Gertrudes mos tinha dado.

— Era Aurilly — disse ele -; que Lhe respondeu Gertrudes?

— Gertrudes não Lhe respondeu coisa alguma.

O Sr. de Monsoreau reflectiu um instante.

— Pois fez mal — disse ele.

— Como assim?

— Sim, é preciso ganharmos tempo.

— Ganharmos tempo?

— É verdade, porque hoje ainda eu dependo do duque de Anju; porém, daqui a quinze

dias, ou oito, talvez, é o duque de Anju que há-de depender de mim. É necessário portanto enganá-lo, para que ele espere.

— Valha-me Deus!

— Não há dúvida, qualquer esperança que se lhe dê fará com que ele tenha paciência; enquanto que uma recusa positiva o obrigará a

tomar alguma resolução desesperada.

— Senhor, escreva a meu pai — exclamei eu -; meu pai virá a Paris e irá lançar-se aos pés de el-rei, que há-de ter dó dum velho pobre.

— Isso será conforme a disposição de espírito em que estiver el-rei, e conforme lhe fizer conta, para a sua política, mostrar-se amigo ou inimigo do Senhor Duque de Anju na ocasião em que seu pai lhe falar. Demais, são precisos seis dias para que a carta chegue às mãos de seu pai, e a ele ser-Lhe-ão precisos outros seis para fazer a jornada. No espaço desses doze dias já o Senhor Duque de Anju terá ido às do cabo, se não contrariarmos os seus desígnios.

— Mas por que forma, não me dirá?

O Sr. de Monsoreau não respondeu. Percebi o seu pensamento e baixei os olhos.

— Senhor — disse eu depois dum instante de silêncio -, dê as suas ordens a Gertrudes; ela seguirá em tudo as suas instruções.

Um imperceptível sorriso assomou aos lábios do Sr. de Monsoreau, quando me ouviu reclamar pela primeira vez a sua protecção.

Falou alguns instantes com Gertrudes.

— Minha Senhora — disse ele -, poderia acontecer que alguém me visse sair de sua casa; daqui até anoitecer de todo apenas faltam duas horas; dá-me licença que eu passe esse tempo na sua sala?

O Sr. de Monsoreau quase que tinha direito a exigir aquilo que se limitava a pedir; fiz-lhe sinal que se sentasse.

Foi então que pude avaliar o poder que o conde tinha sobre si mesmo; superou logo o constrangimento que necessariamente resultava da nossa situação recíproca, e a sua conversação tornou-se variada e interessante, apesar daquela espécie de aspereza que já indiquei. O conde tinha viajado muito, tinha visto muita coisa, tinha pensado muito, e ao cabo de duas horas já não me admirava que um homem tão singular tivesse podido captar a amizade de meu pai.

Bussy suspirou.

Logo que anoiteceu, o conde, sem insistir, sem exigir coisa alguma, e mostrando-se satisfeito com o que havia alcançado, levantou-se e saiu.

Depois de ele nos deixar, voltámos, Gertrudes e eu, para o nosso observatório.

Desta vez vimos distintamente dois homens que andavam examinando a casa.

Aproximaram-se da porta umas poucas de vezes: as luzes interiores estavam apagadas, não podiam desta maneira ver-nos.

Por volta das onze horas foram-se embora.

No dia imediato, Gertrudes, quando saiu, tornou a encontrar o mesmo mancebo no mesmo sítio; veio ter com ela outra vez e interrogou-a como tinha feito na véspera. Gertrudes então mostrou-se menos ríspida e respondeu-lhe algumas palavras.

No dia seguinte, Gertrudes deu-Lhe mais conversa; disselhe que eu era viúva dum conselheiro, e que, tendo Ficado com poucos meios, vivia muito recolhida; ele quis insistir para saber mais alguns pormenores, mas não teve remédio senão contentar-se, por então, com aquelas informações.

No dia que a este se seguiu, Aurilly mostrou alguma dúvida acerca da veracidade da história da véspera: falou em Anju, Beaugé, e até chegou a proferir o nome de Méridor. E Gertrudes respondeu-lhe que todos esses nomes lhe eram completamente desconhecidos.

Confessou-lhe então o mancebo que era criado do duque de Anju; que o duque me tinha visto e estava enamorado de mim; e depois, em seguida a esta confissão, fez-Lhe oferecimentos magníficos, para ela e para mim; para ela, se anuisse a falar-me em favor do príncipe; para mim, se consentisse em recebê-lo.

O Sr. de Monsoreau vinha todas as noites, e eu sempre lhe contava os termos em que se achava o negócio. Fazia-me companhia das oito horas até à meia-noite, e era bem evidente que andava com o espírito muito desassossegado.



No sábado à noite apareceu-me mais pálido e inquieto que do costume.

— Ouça-me — disse ele -, é preciso prometer tudo o que quiserem.

— E porquê? — exclamei eu.

— Porque o Senhor Duque de Anju está resolvido a pôr todos os meios em prática para aqui entrar, e como, presentemente, anda de bem com el-rei, não podemos recorrer à protecção deste.

— Porém, daqui até quarta-feira, deve porventura ter lugar algum acontecimento em vosso favor?

— Pode ser. Estou esperando de dia para dia que se dê a circunstância em que lhe falei e que deve colocar o príncipe na minha dependência. Ando trabalhando com toda a eficácia para que se apresente a conjuntura que desejo. Amanhã não poderei vê-la, tenho de ir a Monsoreau.

— É-Lhe indispensável ir? — respondi eu com susto e alegria ao mesmo tempo.

— Sim; é preciso que ali vá para apressar a circunstância em questão.

— E se na terça-feira ainda estivermos na mesma situação, que havemos então de fazer?

— Que quer que eu faça contra um príncipe, minha Senhora, não tendo direito algum para protegê-la... Terei de me resignar à minha infeliz sorte.

Oh, meu pai! Meu pai! — exclamei eu.

O conde olhou para mim atentamente.

— Sempre me tem muita aversão, não é verdade? — disse ele.

— Oh! Senhor!.

— Quais são os defeitos que me acha?

— Oh! Afirmando-Lhe que nenhuns.

— Não me tenho mostrado porventura fiel como um amigo e

respeitoso como um irmão?

Tem-se realmente comportado em tudo como um homem de bem.

— Está lembrada do que me prometeu?

— Estou.

— E eu já Lhe falei em semelhante coisa?

— Não senhor.

— E, contudo, hoje, que está chegada a ponto tal que forçosamente há-de escolher uma

posição honrosa ou uma posição vergonhosa, parece-Lhe preferível ser amante do duque de

Anju a ser mulher do conde de Monsoreau?...

— Eu não disse isso, Senhor.

— Pois então decida-se quanto antes.

— Estou decidida.

— A ser condessa de Monsoreau?

— Antes do que amante do duque de Anju.

— Antes do que amante do duque de Anju: a alternativa não deixa de ser lisonjeira para mim.

Calei-me.

— Não importa — disse o conde -, ouviu? Gertrudes que vá ganhando tempo até terça-feira, então veremos o que se há-de fazer.

No dia seguinte, Gertrudes saiu conforme tinha por costume, mas não viu Aurilly. Deu-nos mais cuidado a sua desapareição do que nos teria dado a sua presença. Gertrudes tornou a sair sem necessidade alguma, só para ver se o encontrava, mas não o viu. Saiu ainda terceira vez, mas sempre com o mesmo resultado.

Mandei Gertrudes a casa do Sr. de Monsoreau: tinha saído, e não sabiam onde poderia ser encontrado.

Estávamos sós e abandonadas; sentimos a falta que nos fazia um protector; reflecti então pela primeira vez na minha injustiça para com o conde.

— Oh, minha Senhora — exclamou Bussy -, não se apresse tanto em condoer-se daquele homem: há o que quer que seja no comportamento dele para com a senhora, que nós ainda não sabemos, mas que havemos de descobrir.

— Veio a noite, acompanhada de novos sustos; eu estava resolvida a tudo, menos a cair nas mãos do duque de Anju. Tinha-me armado com este punhal, e fazia tenção de o cravar em mim à vista do príncipe, logo que ele ou a sua gente procurassem agarrar-me.

Trancámos por dentro as portas dos quartos.

A porta da rua, por um desleixo incrível, não tinha ferrolhos por dentro.

Escondemos o candeeiro e fomos para o nosso observatório.

Esteve tudo sossegado até às onze horas da noite; então desembocaram cinco homens da Rua de Santo António, estiveram deliberando um instante, e depois foram-se emboscar no canto do Palácio das Tournelles.

Começámos logo a tremer; era para nós provavelmente que aqueles homens ali estavam. Entretanto não se mexiam do esconderijo; e assim decorreu um quarto de hora, no fim do qual vimos apontar outros dois vultos à esquina da Rua de S. Paulo.

A Lua, que naquela ocasião apareceu por entre as nuvens, deu lugar a Gertrudes poder conhecer que um dos dois homens era Aurilly.

— Ai de nós! Menina, são eles — murmurou a pobre rapariga.

— Não há dúvida — respondi eu, arrepiando-me com medo -, e os outros cinco estão acolá escondidos para os coadjuvar.

— Contudo, hão-de ter que arrombar a porta primeiro — disse Gertrudes -, e é natural que os vizinhos acudam quando ouvirem

bulha.

— Como queres tu que os vizinhos acudam? Não nos conhecem; e pensas que estarão dispostos a arriscar as vidas para nos defender? Ah! Minha Gertrudes, não temos na realidade outro defensor senão o conde.

— Pois se assim é, por que motivo persiste em não querer ser condessa? Dei um suspiro. E Durante este tempo, os dois homens que tinham aparecido à esquina da Rua de S. Paulo não tinham caminhado cosidos com a parede, e estavam debaixo das nossas janelas.

Abrimos a vidraça devagarinho.

— Estás certo de que é aqui? — perguntou uma voz.

— Sim, meu Senhor, certíssimo. E a quinta casa contando da Rua de S. Paulo.

— E pensas que a chave servirá?

— Tomei o molde da fechadura.

Agarrei no braço de Gertrudes e apertei-o com quanta força tinha.

— E quando estivermos dentro?

— Logo que tivermos entrado, o mais fica por minha conta. A criada há-de abrir-nos a porta. Vossa Alteza tem consigo uma chave de ouro muito mais eficaz do que esta.

— Pois então abre lá.

Ouvimos ranger a chave na fechadura. Mas de repente, os homens que estavam escondidos no canto do palácio saltaram para o meio da rua, e correram para o príncipe e para AurÉly, gritando: Morra! Morra!

Eu estava espantada do que via; contudo parecia não haver dúvida alguma que era em nosso auxílio que vinha aquela gente tão inesperadamente. Pus-me de joelhos e dei graças a Deus.

Porém, apenas o príncipe se descobriu, apenas disse o nome, todas as vozes se calaram. as espadas voltaram para as bainhas, e cada um dos agressores deu um passo à retaguarda. “

— Sim, sim — disse Bussy -; a espera não era para o príncipe, era para mim.

— Em todo o caso — prosseguiu Diana -, aquele ataque afugentou o príncipe.

Vimo-lo voltar para a Rua de Jouy, enquanto que os cinco homens da emboscada voltavam para o lugar onde estavam, ao canto do Palácio das Tournelles.

Era evidente que naquela noite, pelo menos, já não tínhamos que recear perigo algum; não era por minha causa que ali estavam escondidos os cinco indivíduos.

Mas nós estávamos tão sobressaltadas e com tamanho susto, que nos conservámos a pé.

Deixámo-nos estar encostadas à janela, à espera do acontecimento que o nosso instinto dizia estar próximo a ter lugar.

— Não esperámos muito tempo. Apareceu um homem a cavalo, que vinha seguindo pelo outro lado da Rua de Santo António.

Era provavelmente a pessoa de quem estavam à espera os cinco homens emboscados porque, logo que o avistaram, gritaram: Mãos às espadas! e correram todos para ele.

Escusado é dizer-lhe o que teve lugar com o tal cavalheiro — disse Diana -, visto que era o senhor. “

— Pelo contrário, minha Senhora — disse Bussy, o qual esperava que a história da dama lhe divulgaria o segredo do seu coração -, pelo contrário: eu nada sei além da briga, porque depois de ter lutado com eles todos desmaiei.

— Facilmente avaliará — prosseguiu Diana, corando levemente — o interesse que tomámos numa luta tão desigual, e sustentada, apesar disso, com tanto valor.

Cada episódio da contenda arrancava-nos um grito, um estremecimento ou uma oração a Deus.

Vimos fraquejar o seu cavalo e ir-se abaixo. Julgámos que estava

perdido; mas enganámo-nos, o valente Bussy mostrou merecer a reputação que tem. Ficou de pé e continuou sem interrupção a acutillar os seus inimigos; até que, por fim, cercado e ameaçado por todos os lados, retirou-se como o leão, com o rosto sempre voltado para os inimigos, e veio encostar-se à nossa porta; foi então que nos ocorreu a mesma ideia, a Gertrudes e a mim, que era descermos a abrir-Lhe a porta; ela olhou para mim: Sim”, disseLhe eu; e ambas corremos à escada.

Porém, como já Lhe disse, tínhamo-nos trancado por dentro, de sorte que levámos algum tempo primeiro que conseguíssemos arredar os trastes que obstruíam a passagem; e no momento em que chegámos ao patamar, ouvimos que se fechava a porta da rua.

Ficámos imóveis ambas. Quem seria que tinha entrado e como conseguira entrar?

Encostei-me a Gertrudes, e conservámo-nos caladas e à espera.

Em breve ouvimos passadas no corredor; era alguém que vinha andando para a escada.

apareceu um homem a cambalear, estendeu os braços, e caiu sobre os primeiros degraus com um gemido.

Era evidente que aquele homem se tinha livrado dos seus inimigos fechando entre si e eles a porta que o duque de Anju em tão boa hora deixara aberta, e que tinha caído no princípio da escada por se achar talvez mortalmente ferido.

Fosse como fosse, nada havia que recluir, e era ele, pelo contrário, que muito carecia dos nossos socorros.

— Dá cá a luz! — disse eu para Gertrudes, que partiu a correr e voltou com o candeeiro.

Não nos tínhamos enganado: estava desmaiado. Logo conhecemos que era o valente cavalheiro que tão denodadamente se tinha defendido dos cinco agressores, e, sem hesitar, resolvemos socorrê-lo.

Num abrir e fechar de olhos, trouxemo-lo para o meu quarto e deitámo-lo em cima da minha cama.

Continuava a estar desmaiado; era de toda a urgência chamar um cirurgião.

Gertrudes lembrou-se de ter ouvido contar um caso duma cura milagrosa feita havia alguns dias por um jovem doutor da Rua... da Rua Beautreillis. Sabia onde ele morava; ofereceu-se para o ir buscar.

— Porém — observei eu — o rapaz poderá atraíçoar-nos...

— Fique descansada — disse ela -, que eu tudo acautelarei.

Gertrudes é uma rapariga forte e prudente ao mesmo tempo — prosseguiu Diana — Fiei-me pois inteiramente nela. Levou consigo dinheiro, a chave do trinco. E eu fiquei sozinha ao seu lado... e orando a Deus pelo senhor.

— Infelizmente, minha Senhora — disse Bussy -, eu não me achava em estado de apreciar tamanha felicidade.

— Dali a um quarto de hora, voltou Gertrudes; trazia consigo o doutor, um rapaz ainda muito novo, que tendo consentido em tudo quanto ela exigira, vinha com os olhos vendados.

Conservei-me na sala enquanto ela o levava para o quarto. Logo que passou a porta demos-lhe licença para que se desvendasse. — Sim — disse Bussy -, foi nesse momento que tornei a mim, e que os meus olhos fitando-se no seu retrato, fizeram com que eu julgasse que a via entrar.

— Entrei, efectivamente; pôde mais em mim o cuidado com que estava do que a prudência; fiz algumas perguntas ao doutor; ele examinou-Lhe a ferida, asseverou-me que não era perigosa, e então fiquei mais descansada.

— Tudo isto tinha ficado presente no meu espírito — disse Bussy -, mas pela maneira por que se conserva a lembrança dum sonho; e contudo, sentia, aqui — prosseguiu o mancebo levando a mão ao coração — alguma coisa que me dizia que eu não tinha sonhado.

— O cirurgião, quando acabou de curar-Lhe a ferida, tirou da algibeira um frasquinho cheio dum licor avermelhado, de que lhe deitou umas gotas sobre os lábios. Era, segundo me disse um elixir

próprio para o fazer adormecer e para debelar a febre.

E com efeito, passado um instante, depois de ter engolido o tal líquido, tornou a fechar Os olhos e caiu novamente no estado de insensibilidade de que tinha saído havia um momento.

Assustei-me, mas o doutor tranquilizou-me. Era bom sinal, disseme ele, e convinha deixá-lo dormir.

Gertrudes tornou a tapar-Lhe os olhos com um lenço, e foi acompanhá-lo até à porta de casa na Rua Beautreillis.

Julgou, contudo, perceber que ele ia contando os passos.

— verdade, minha Senhora — disse Bussy -; contou-os efectivamente.

— Esta suposição assustou-nos. Aquele homem podia atraiçoar-nos. Resolvemos fazer desaparecer todos os vestígios da hospitalidade que Lhe tínhamos dado; porém, o mais essencial era fazê-lo desaparecer, ao senhor.

Revesti-me de todo o meu ânimo; eram duas horas da madrugada. estavam as ruas solitárias. Gertrudes comprometeu-se a levantá-lo de onde estava, e conseguiu-o; eu ajudei-a e fomos levá-lo até a escarpa dos fossos do Templo.

Lá o deixámos. e voltámos. ainda espantadas do atrevimento com que nós, fracas mulheres, tínhamos atravessado as ruas sozinhas a uma hora em que os homens mesmo sempre saíam acompanhados.

Protegia-nos Deus, pois não encontrámos viva alma e chegámos a casa sem sermos vistas.

Quando entrei em casa sucumbi ao peso da comoção que havia sofrido, e desmaiei.”

— Oh, minha Senhora! Minha Senhora — disse Bussy unindo as mãos -, como poderei testemunhar-Lhe a minha gratidão pelo que fez em meu favor?

Houve um instante de silêncio durante o qual Bussy não tirou os olhos de Diana.



Esta estava com o cotovelo encostado a uma mesa, e reclinou o rosto na mão.

No meio deste silêncio, deram horas na torre da Igreja de Santa Catarina.

— Duas horas! — disse Diana estremecendo. — Duas horas, e ainda aqui está!

— Oh, minha Senhora — disse Bussy com voz suplicante -, não me mande embora antes de me ter dito tudo. Não exija que eu me retire sem que saiba primeiro por que forma poderei servi-la. Suponha que Deus lhe concedeu um irmão, e diga a esse irmão o que dele espera sua irmã.

— Infelizmente! — respondeu ela — em nada já me pode servir, é muito tarde.

— O que Lhe sucedeu no dia imediato? — perguntou Bussy. — O que fez durante todo aquele dia que eu levei a pensar em si, sem ter contudo a certeza de que não era um sonho do delírio, uma visão da minha febre?

— Durante esse dia — replicou Diana -, Gertrudes saiu e encontrou Aurilly, que insistiu mais do que nunca; não lhe disse palavra a respeito dos acontecimentos da véspera, mas ele pediu uma entrevista em nome de seu amo.

Gertrudes mostrou-se disposta a consentir, porém exigiu que esperassem até quarta-feira seguinte, isto é, até hoje, para lhe dar tempo a resolver-me.

Aurilly prometeu que seu amo esperaria até então, ainda que muito lhe havia de custar. Tínhamos, por consequência, três dias por nossos.

O Sr. de Monsoreau apareceu à noite.

Contámos-lhe tudo, menos o que Lhe dizia respeito. Dissemos-Lhe que o duque, na véspera, tinha aberto a porta com uma chave falsa; mas que na ocasião em que ia para entrar tinha sido acometido por cinco homens, entre os quais vinham os Srs. d'Épernon e de Quélus.

Eu tinha ouvido proferir estes dois nomes, e por isso lhos repeti também. — Sim, sim — disse o conde -, já ouvi contar isso; então ele possui uma chave falsa? Eu já desconfiava que assim era.

— Não seria possível mudar a fechadura? — perguntei eu.

— E ele manda também fazer outra chave que sirva — disse o conde. — E se lhe mandássemos pôr ferrolhos?

— Traz dez homens consigo. e manda logo arrombar a porta.

— Mas, e aquele acontecimento que devia dar-lhe, segundo me disse, tamanho poder sobre o duque?.

— Está diferido, indefinidamente talvez.

Fiquei, sem poder dar palavra e com a testa húmida de suor; não via outro meio para escapar ao duque de Anju senão casar com o conde.

— Senhor — disselhe eu -, o duque comprometeu-se, por intervenção do seu confi dente, a esperar até quarta-feira à noite; e eu peço-lhe que espere até terça-feira.

— Muito bem, minha Senhora — disse o conde -; na terça-feira à noite, a esta mesma hora. aqui estarei.

E sem dizer mais palavra, levantou-se e saiu.

Fui à janela para o seguir com a vista; mas em vez de se ir embora. foi esconder-se no recanto escuro do Palácio das Tournaïles, resolvido, parecia a vigiar-me a casa toda a noite.

Cada uma das provas de afecto que me dava aquele homem era uma nova punhalada que me varava o coração.

Os dois dias passaram-se com a rapidez dum instante; ninguém veio perturbar-me a solidão. Nunca poderei descrever-Lhe quanto sofri durante aqueles dois dias, que tão breve decorreram.

Quando chegou a noite do segundo dia, estava positivamente aterrada; parecia-me que ia perdendo gradualmente todo o sentimento da existência.

Estava fria, muda e insensível na aparência como uma estátua; só o coração ainda palpitava. O resto do corpo parecia-me ter deixado de viver.

Gertrudes estava à janela. Eu conservava-me sentada aqui onde agora estou, e corria de vez em quando o lenço pela testa para limpar o suor que a humedecia.

De repente, Gertrudes estendeu a mão para mim; porém aquele gesto que noutra qualquer ocasião me teria feito pular do meu lugar, não pôde despertar-me da minha impassibilidade.

— Minha Senhora! — disse ela.

— Que é? — perguntei eu.

— São quatro homens. vejo quatro homens. Vêm andando para este lado. abrem a porta. entram!

— Pois deixa-os entrar — respondi eu sem me mover.

— Mas aqueles quatro homens são provavelmente o duque de Anju, Aurilly e dois criados.

A minha resposta foi puxar pelo punhal e pô-lo sobre a mesa ao pé de mim. — Oh! espere que eu vá ver quem são, pelo menos! — exclamou Gertrudes correndo para a porta.

— Pois vai — respondi eu.

Ao cabo dum instante Gertrudes voltou.

— Menina — disse ela -, é o Senhor Conde.

Escondi o punhal no seio sem proferir uma única palavra, e voltei-me para receber o conde.

Assustou-se provavelmente vendo a minha palidez.

— Será verdade o que me disse Gertrudes — exclamou ele -, que julgou que eu era o duque, e que, se fora o duque, ter-se-ia morto?.

Era a primeira vez que eu o via assim comovido; seria de veras, ou era Fingimento? — Gertrudes fez mal em lhe contar semelhante coisa, Senhor — respondi eu -; como não é o duque, estou satisfeita.

Seguiu-se um instante de silêncio.

— Sabe que não vim só? — disse o conde.

— Gertrudes viu quatro vultos. — E presume quem eles sejam?

— Penso que um deles há-de ser o padre, e os outros dois os padrinhos.

— Visto isso, está pronta a ser minha mulher?

— Não foi esse o nosso ajuste? Contudo, eu recordo-me bem das condições do nosso convénio: concordámos que, salvo algum caso urgente, por mim reconhecido como tal, só me receberia na presença de meu pai.

— Também me lembro perfeitamente dessa condição, minha Senhora; e julga, não é assim, que se dá actualmente esse tal caso urgente?

— Não há dúvida, assim o julgo.

— E então?

— Então, estou resolvida a casar com o Senhor Conde. Porém, tome sentido no que vou dizer-Lhe, Senhor: olhe que não hei-de pertencer-lhe verdadeiramente como sua mulher enquanto não tornar a ver meu pai.

O conde franziu a testa e mordeu os lábios.

— Minha Senhora — disse ele -, eu não quero violentá-la por maneira alguma; deu-me a sua palavra, mas eu restituo-Lha; pode considerar-se desobrigada para comigo; contudo.

Chegou à janela, e esteve a espreitar para a rua.

— Contudo — disse ele -, venha ver.

HLevantei-me de onde estava, movida por certa atracção poderosa que nos induz a afirmar-nos de alguma desgraça iminente, e avistei, por baixo da janela, um homem embuçado num capote, que parecia procurar meio de se introduzir na minha casa.

— Oh, meu Deus — gritou Bussy -, e diz que isso foi ontem?

— Sim, conde, ontem, por volta das nove horas da noite.

— Continue — disse Bussy.

— Passado um instante veio outro homem ter com o primeiro; este segundo trazia uma lanterna na mão.

— Quem pensa que sejam aqueles dois homens? — perguntou-me o Sr. de Monsoreau.

— Creio que há-de ser o duque com o seu confidente — respondi eu. Bussy deu um suspiro.

— Pois agora — prosseguiu o conde — dê-me as suas ordens: quer que me retire?

Hesitei um instante; sim, apesar da carta de meu pai, apesar da minha palavra dada, apesar do perigo bem patente, palpável e ameaçador, sim, ainda hesitei; e se aqueles dois homens ali não estivessem.

— Oh, que desgraçado que eu sou! — exclamou Bussy. — O homem embuçado era eu, e o que trazia a lanterna era Rémy le Haudouin, o doutor que tinha mandado chamar para mim.

— Era o senhor? — exclamou Diana estupefacta. — Oh, quem adivinhasse!.

— Sim, era eu; porque cada vez mais convencido que o meu sonho tinha sido uma realidade, andava em procura da casa onde me tinha recolhido, do quarto para que tinha sido levado, e da mulher, ou, para melhor dizer, do anjo que me aparecera. Oh, bem disse eu há pouco que era um desgraçado!

E Bussy ficou como esmagado pelo peso daquela fatalidade, que se tinha servido dele para obrigar Diana a desposar o conde.

— Com que então — replicou ele ao cabo dum instante — é sua mulher?

— Desde ontem — respondeu Diana.

E houve em seguida novo silêncio, apenas interrompido pela respiração arquejante dos dois interessantes interlocutores.

— Porém — perguntou Diana repentinamente -, como foi que entrou nesta casa?

Não me dirá, Senhor, como chegou até aqui?

Bussy mostrou-lhe a chave sem dizer uma palavra.

— Uma chave? — gritou Diana; — como está essa chave em seu poder! Quem lha deu!

— Já se não lembra que Gertrudes prometeu ao príncipe que o havia de introduzir aqui esta noite? O príncipe tinha-nos visto, a mim e ao Sr. de Monsoreau, por estas imediações, assim como eu e o Sr. de Monsoreau o tínhamos visto a ele; teve medo de alguma cilada, e mandou-me em seu lugar.

— E aceitou semelhante missão? — disse Diana em tom repreensivo.

— Era o único meio de que podia lançar mão para a ver. Será porventura tão injusta que me queira mal por ter vindo aqui buscar a maior felicidade e o maior pesar da minha vida?

— Sim, quero-lhe mal por isso — disse Diana -, porque melhor fora que não tivesse tornado a ver-me, e que, não me vendo, se esquecesse de mim.

— Não, minha Senhora — replicou Bussy -, está enganada. Foi Deus, pelo contrário, quem me conduziu junto da senhora, para conseguir deslindar esta trama de que está sendo vítima. Ouça-me: desde o primeiro instante em que a vi, dediquei-lhe a minha vida. A missão de que voluntariamente me incumbi vai principiar desde já. Pediu notícias de seu querido pai.

— Oh, sim — exclamou Diana -, porque. na realidade, não sei o que é feito dele.

— Pois bem — disse Bussy -: encarrego-me eu de lhas trazer; só lhe peço que pense algumas vezes em quem, de hoje em diante, passa a viver só pela senhora e para a senhora.

— Porém. essa chave? — disse Diana com muitíssimo receio.

— A chave — disse Bussy -, aqui lha restituo, porque só a queria sendo-me dada pela senhora; contudo. Juro-Lhe pela minha honra de cavalheiro, que nunca irmã alguma confi a chave do seu quarto a irmão mais extremoso e mais respeitoso do que eu hei-de ser.

— Confio na palavra do valente Bussy — disse Diana -; aqui a tem, Senhor. E restituiu a chave ao mancebo.

— Minha Senhora — disse Bussy -, dentro de quinze dias havemos de saber com certeza quem é o Sr. de Monsoreau.

E dizendo isto, Bussy cumprimentou Diana com respeito, mas com amor e tristeza ao mesmo tempo, e retirou-se imediatamente.

Diana virou a cabeça para a porta a fim de ouvir o som das passadas do mancebo afastando-se, e muito depois de haver já cessado aquele som ainda ela escutava, com o coração a palpitar-Lhe e os olhos arrasados de lágrimas.

## XVI

### DE QUE MANEIRA COSTUMAVA VIAJAR O REI HENRI III E QUANTO TEMPO GASTAVA PARA IR DE PARIS A FONTAINEBLEAU

O dia que despertou quatro ou cinco horas depois dos acontecimentos que acabámos de narrar, presenciou, ao pálido clarão do Sol que prateava as extremidades duma nuvem avermelhada, a partida do rei Henrique III para Fontainebleau, onde, como já dissemos, se tinha projectado uma grande montaria daí a dois dias.

Aquela partida, assim como todos os actos da vida desse príncipe tão singular, cujo reinado nos incumbimos de esboçar, tomava as proporções dum acontecimento notável pela bulha e rebuliço que ocasionava.

Pelas oito horas da manhã começou a sair pela porta principal do Louvre, situada entre a Torre da Esquina e a Rua de L'Ascruce, e a desfilar pelo cais, uma multidão de oficiais da corte real, montados em bons cavalos e embuçados em capotes guarnecidos de peles; após estes, um número infinito de pajens; depois, uma chusma de criados; e, por fim, uma companhia da guarda dos suíços, precedendo imediatamente a liteira do rei.

Esta liteira, puxada por oito mulas ricamente ajaezadas, merece particular menção.

Era uma máquina formando um quadrilátero e posta sobre quatro rodas; por dentro era estofada e guarnecida de almofadas, e por fora era ornada de cortinas de brocado; teria de comprimento quinze pés e oito de largura.

Nos sítios onde o caminho era ruim, ou nas subidas muito escabrosas, substituíam as mulas um número infinito de bois, cujo passo pachorrento não aumentava, é verdade, a rapidez da locomoção, mas dava a certeza de que a máquina havia de chegar ao seu destino três horas mais tarde.

Esta caixa encerrava o rei Henrique III e toda a sua comitiva, à exceção da rainha de Vaudemont, a qual, forçoso é dizê-lo, tomava tão raras vezes parte na corte de seu marido, a não ser nas romarias e procissões, que não merece a pena falar dela. Ponhamos pois de parte a pobre rainha, e vejamos de quem se compunha a corte do rei Henrique.

Constava do rei Henrique III, em primeiro lugar, do seu médico, Marcos Miron, do capelão, de quem a história não conservou o nome, do seu bobo Chicot, que já é nosso conhecido, dos cinco mancebos favoritos, que naquela ocasião eram Quélus, Schomberg, d'Épernon, d'O, e Maugiron, dum par de galgos, que olhavam com enormes abrimentos de olhos para toda aquela gente, sentada, deitada, de pé, ajoelhada e encostada, e, Finalmente, um cestinho cheio de cãezinhos ingleses, que o rei levava ora sobre os joelhos, ora suspensos ao pescoço por uma corrente ou por uma fita.



De tempos a tempos sacavam duma espécie de nicho, construído expressamente, uma cadela que dava de mamar aos cãezinhos do cesto, para quem olhavam em ar de protecção, e encostando os focinhos agudos ao rosário de caveiras que pendia do lado esquerdo do rei, os dois galgos de que já falámos, os quais, certos da estima particular em que eram tidos, não se incomodavam em ter ciúmes dos pequenos.

Do tecto da liteira pendia uma gaiola de arame dourado, contendo alguns casais de lindas rolas brancas de neve com coleiras pretas.

Quando por acaso alguma mulher formava parte do régio acompanhamento, a colecção de bichos era então aumentada com dois ou três macacos da espécie dos saguins, por isso que os macaquinhos eram os animais favoritos das elegantes da corte do último dos Valois.

Uma Nossa Senhora de Chartres, que tinha sido esculpida em mármore por João Goujon para o rei Henrique II, estava colocada de pé no fundo da liteira, dentro dum nicho dourado, e parecia olhar para o Menino que tinha nos braços como admirada do que via.

Todos os folhetos que naquela época se publicavam, e não eram poucos, e todos os poetas satíricos, de que também havia bom número, tomavam frequentemente à sua conta a liteira que acabámos de descrever, e chamavam-lhe a Arca de Noé.

O rei ia sentado no fundo da liteira, mesmo por baixo do nicho da Nossa Senhora; a seus pés estavam Quélus e Maugiron, ocupavam-se a entrançar fitas, que era um dos divertimentos mais sérios dos rapazes daquele tempo, tendo alguns conseguido formar, por meio duma combinação até então desconhecida e que nunca se tornou a descobrir, tranças de doze pés; Schomberg, sentado a um canto, trabalhava num bordado representando as armas da sua casa; no canto oposto conversavam o capelão e o doutor; d'O e d'Épernon entretinham-se a olhar pelos postigos, e como iam com sono, por terem sido acordados muito cedo, bocejavam como os galgos; finalmente, Chicot, sentado a uma das portinholas com as pernas pendentes para fora da liteira, a fim de se conservar sempre pronto a apear-se ou a subir para ela, conforme Lhe pedia a fantasia, ia entoando cânticos, recitando

quadras, ou fazendo anagramas, segundo a moda do tempo, e achava sempre, no nome de cada um dos cortesãos, ou fosse em francês, ou em latim, alguma personalidade muito desagradável para o indivíduo de quem assim estropiava o nome.

Quando iam chegando à Praça de Châtelet Chicot começou a entoar um cântico.

O capelão, que estava conversando com o médico Miron, como já dissemos, voltou o rosto e encrespou as sobrancelhas — Chicot, meu amigo — disse Sua Majestade -, vê lá o que fazes; corta na pele dos meus favoritos, diz mal da minha majestade, diz mesmo o que quiseses de Deus, porque Deus é misericordioso, mas não te malquistes com a Igreja.

— Agradeço-te a advertência, meu filho — disse Chicot -; eu não tinha reparado no nosso benemérito capelão, que está acolá ao canto a falar ao doutor a respeito do último defunto que este Lhe mandou para enterrar, e queixando-se que era o terceiro no mesmo dia, e sempre às horas da comida, o que muito o incomoda. Nada de cânticos, dizes bem; é coisa já cediça. Vou cantar-te uma cantiga novinha em folha.

— Sobre que ária? — perguntou o rei.

— É sempre a mesma — disse Chicot, e começou a cantar esganiçando-se com toda a força:

El-rei nosso senhor deve cem milhões.

— Devo muito mais do que isso — interrompeu Henrique -; o teu cancionero está mal informado, Chicot.

Chicot não fez caso, e continuou a berrar a primeira copla duma cantiga em que o autor censurava as prodigalidades do rei, as vexações que sofriam os povos para pagar as dívidas e sustentar o luxo dos favoritos do rei.

— Muito bem — disse Quélus continuando a entrançar as suas fitas -, tens uma linda voz, Chicot; anda, meu amigo, canta-nos a segunda copla.

— Olha cá, Valois — disse Chicot sem responder a Quélus -, proíbe aos teus amigos que me chamem seu amigo; é uma humilhação que não estou para sofrer.

— Fala em verso, Chicot — respondeu o rei -; a tua prosa não presta para nada.

— Aí vai — disse Chicote.

E entoou a segunda copla, em que se descrevia a indecência do vestuário dos favoritos, os quais, dizia a cantiga, tinham levado a peralvilhice a tal ponto que já Lhes não servia para as camisas a goma que todos usavam, e tinham enfeitado a goma de arroz.

— Bravo — disse o rei -, não foste tu, d'O, que inventaste a goma de arroz?

— Não, meu Senhor — disse Chicot -, foi o Sr. de Saint-Mégrin, que morreu o ano passado às mãos do Sr. de Maiena; não tire essa glória ao pobre defunto; a invenção da goma e a peça que ele pregou ao Sr. de Guisa, são os dois únicos actos da sua vida que poderão Fazê-lo conhecido da posteridade; se Lhe tirar a goma, ficará a meio caminho.

E sem reparar na impressão de tristeza que esta lembrança havia causado ao rei, Chicot, prosseguiu:

Usem o pêlo tosqueado a compasso.

— Já se sabe que é dos favoritos que se trata — interrompeu Chicot.

— Sim, sim; vamos adiante — disse Schomberg.

e Chicot continuou descrevendo a maneira por que usavam o cabelo, que era, dizia a cantiga, comprido das orelhas para diante, e curto por detrás.

— A tua cantiga é já velha — disse d'Épernon.

— Velha? Ainda ontem apareceu!

— Sim? Pois de ontem para hoje mudou a moda; olha.

E d'Épernon tirou o barretinho, para mostrar a Chicot o cabelo de

diante quase tão curto como o detrás.

— Oh! que feia cabeça! — disse Chicote.

E concluiu a copla, que rematava numa censura aos barretinhos que traziam e ao modo por que os punham na cabeça.

— Suprimo o resto da cantiga — disse Chicot -, porque é demasiado imoral.

— Bravo! — disse Henrique — e se meu irmão aqui estivesse, havia de Ficar-te muito agradecido, Chicote.

— A quem chamas tu teu irmão, meu filho? — disse Chicote. — É porventura a José Fouisa Ion, abade de Santa Genoveva, em cujo convento dizem por aí que tencionas professar?

Não é isso — respondeu Henrique, que costumava prestar-se a todos os gracejos de Chicot.

— Falo de meu irmão Francisco.

— Ah, sim, tens razão; mas esse não é teu irmão por Deus, é teu irmão pelo Diabo. Bem sei! Bem sei! Queres falar de Francisco, príncipe de França pela graça de Deus, duque de Brabante, de Lauthier, de Luxemburgo, de Gueldre, de Alençon, de Anju, de Touraine, de Berry de Evreus, e de Châceau-Thierry; conde de Flandres, de Holanda, de Zelândia, de Zutphen de Maine, de Perche, de Nantes, Meulan, e Beaufort; marquês do Santo Império; senhor de Malines; defensor da liberdade belga, a quem a natureza mimoseou com um nariz de que as bexigas fizeram dois, não é assim?

Os favoritos desataram a rir, porque o duque de Anju era seu inimigo pessoal, e a caçoada ao nariz do príncipe fez-lhes esquecer momentaneamente as coplas com que Chicot acabava de os obsequiar.

Quanto ao rei, esse, como até ali apenas Lhe tinham chegado alguns salpicos daquele dilúvio de epigramas, ria mais do que todos, não poupando ninguém, dando açúcar e pastéis aos galgos, e arranchando a dizer mal do irmão e dos validos.

De repente Chicot exclamou:

— Oh, isso não é político, Henrique; direi mais, Henrique: isso é audácia e imprudência.

— O quê? — perguntou o rei.

— Não, à fé de Chicot, são coisas que não deverias confessar!

— Quais coisas? — disse Henrique espantado.

— O que tu dizes de ti próprio, quando assinas o teu nome; ah, Henriquinho, ah, meu filho!.

— Guarde-se dele, meu Senhor — disse Quélus, que desconfiava de alguma maldade, vendo o ar hipócrita de Chicot.

— Que diabo queres tu dizer, bobo? — perguntou o rei com enfado.

— Ora diz-me: como assinas tu o teu nome?

— Que tal está a pergunta!. Assino. Henrique de Valois.

— Bom, reparem, Senhores — disse Chicot -, que não fui eu que o obriguei a dizer isto; ora vejam lá agora as palavras que vou achar nestas letras.

E Chicot, deslocando as letras do nome do rei, fez das palavras Henrique de Valois (Henri de Valois), um anagrama que dizia — Torpe Herodes (Vilain Herodes).

— Torpe Herodes! — exclamou o rei.

— Exactamente — disse Chicot -; eis aí o que tu assinas todos os dias, meu filho. E Chicot escondeu o rosto dando mostras de pudibundo horror.

— Chicot — disse o rei -, estás fazendo jus a uma carga de pau.

— Diz-me cá, meu filho, onde é que se cortam os paus que servem para bater em cavalheiros? Será acaso na Polónia?

— Parece-me, contudo — disse Quélus -, que o Sr. de Maiena não fez muita cerimónia contigo no dia em que se lembrou de te mandar sacudir as costas, meu pobre Chicot, por te ter encontrado com a sua amante.

— É uma conta que ainda está por liquidar. Fique descansado, Sr Cupido, que a dívida está aqui em aberto. E Chicot, ao dizer estas palavras, levou a mão à testa; prova evidente de que já naquele tempo era tida a cabeça como sede da memória.

— Entretanto, Sr. Chicot, excedeu os limites para comigo — disse Henrique.

— Eu — replicou Chicot — disse o que realmente é, nada mais; mas assim é que são os reis: se os avisam, logo se enfadam.

— Não é feia a genealogia! — disse Henrique.

— Não a rejeites, meu filho — respondeu Chicot -; é muito boa para um rei que precisa dos judeus duas ou três vezes por mês. — Está dito que este maroto nunca há-de ficar sem resposta. Calem-se, Senhores, é o único meio de pôr termo a tanta baboseira.

Reinou logo profundo silêncio. Chicot, atento ao caminho que a liteira seguia, não parecia disposto a quebrar o silêncio, que já durava havia alguns minutos, mas, ao chegar à esq e na da Rua das Nogueiras, para lá da Praça Maubert, saltou de repente abaixo da liteira; rompeu por entre os guardas e foi ajoelhar em frente duma casa de aparência decente, com varanda de madeira entalhada sustentada por travezinhas pintadas.

— Olá, idólatra — bradou o rei -, se queres ajoelhar, ajoelha ao menos em frente do cruzeiro que está no meio da Rua de Santa Genoveva, e não na frente dessa casa; encerra porventura alguma igreja? Ou parece-te que é algum altar de estação do Sacramento?

Porém Chicot não respondia; tinha-se posto de joelhos sobre a calçada, e dizia em voz alta a seguinte reza, que o rei ouvia distintamente: Deus de bondade! Deus justo! Eis aqui, que muito bem a conheço, e toda a vida me há-de lembrar, eis aqui a casa onde Chicot sofreu martírio; é verdade que não foi por Vós, meu Deus, mas sim por uma das Vossas criaturas. Chicot nunca Vos pediu que sucedesse mal algum ao Sr. de Maiena, autor da tortura que sofreu, nem a mestre Nicolau David, instrumento do seu suplício. Não, Senhor: Chicot tem esperado, porque tem muita paciência, apesar de não ser eterno, e já lá

vão seis anos, dos quais um bissexto, durante os quais Chicot tem acumulado os juros da continha que está em aberto entre ele e os Srs. de Maiena e Nicolau David; ora, a dez por cento, que é o juro da lei, visto ser o que paga el-rei pelos seus empréstimos, no espaço de sete anos os juros acumulados duplicam o capital. Fazei pois, Deus grande! Deus justo! Que a paciência de Chicot dure mais um ano ainda, a Fim de que os cinquenta açoites que Chicot levou nesta casa, por ordem daquele assassino príncipe Ireno, e por mão daquele espadachim advogado normando, os quais sacaram do corpo de Chicot meio litro de sangue, fiquem valendo um litro de sangue e cem açoites para cada um deles; de forma tal, que o Sr. de Maiena, com toda a sua gordura, e Nicolau David, com todo o seu comprimento, não tenham sangue nem pele que chegue para pagarem a sua dívida a Chicot, e que se vejam na necessidade de lhe fazerem bancarrota de quinze por cento, expirando ao levarem a octogésima ou a octogésima quinta paulada.

Em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo. Amén! “

— Amén! — disse o rei.

Chicot beijou o chão, e com grande pasmo dos espectadores, que nada percebiam daquela cena, voltou para o seu lugar na liteira.

— Ora conta-me, mestre Chicot — disse o rei -, a que propósito te lembrou tão longa e singular ladainha? Para que bateste tantas vezes no peito? Qual é o fim de tanta momice em frente duma casa de tão profana aparência?

— Senhor — respondeu ele -, como Chicot se assemelha à raposa, Chicot vem farejar as pedras sobre que derramou o seu sangue, até que chegue um dia a ocasião de poder esmagar de encontro às mesmas pedras as cabeças dos que Lho fizeram derramar.

— Meu Senhor! — exclamou Quélus. — Chicot proferiu na sua reza, como Vossa Majestade bem ouviu, o nome do duque de Maiena; aposto pois que a reza tem sua relação com as pauladas de que há pouco falámos.

— Aposte, Sr. Diogo Lévis, conde de Quélus — disse Chicot aposte, que há-de ganhar.

— Aquilo é verdade?... — perguntou o rei.

— É, sim, meu Senhor — atalhou Chicot -; nesta casa morava a amante de Chicot.

Encantadora criatura... numa palavra, uma senhora. Uma noite que ele vinha visitá-la, certo príncipe que dela tinha ciúmes, mandou agarrar Chicot e desancá-lo por tal maneira, que Chicot, para escapar com mais brevidade, saiu pela janela e saltou daquela varandinha para a rua. Ora, como Chicot não morreu naquela ocasião por um milagre, cada vez que passa em frente da tal casa, ajoelha e reza; e reza agradecendo a Deus nas suas orações a mercê que lhe fez de o livrar daquele perigo.

— Ah, pobre Chicot! E Vossa Majestade a repreendê-lo!

Parece-me contudo que este seu procedimento é dum bom cristão.

— Levaste pois uma boa sova, meu pobre Chicot?

— Não foi má, meu Senhor; porém ainda foi pouco para o meu desejo.

— Como assim? — verdade, não se me dava de ter levado alguma estocada — Pelos teus pecados?

— Não, pelos do Sr. de Maiena.

— Ah! Já percebo; tencionas restituir a César.

— A César, não; não confundamos, meu Senhor. César é o general insigne, o valente guerreiro, é o irmão mais velho, o que pretende ser rei de França; não, esse está em conta corrente com Henrique de Valois; e como a conta dele é contigo, meu filho, paga tu as tuas dívidas, Henrique, que eu pagarei as minhas.

Henrique não gostava que lhe falassem no seu primo de Guisa; ficou pois muito sério quando ouviu a resposta de Chicot, e assim se conservou até ao pé da Bicêtre, onde chegaram sem que se tivesse renovado a conversação.

Tinham gasto três horas para andar o caminho do Louvre à Bicêtre. Os optimistas calculavam que no dia seguinte à noite teriam chegado a



Fontainebleau, enquanto os pessimistas queriam apostar que só chegariam no outro dia pela manhã.

Chicot asseverava que não haviam de chegar nunca.

A caravana, logo que saiu de Paris, começou a mover-se mais desembaraçadamente; a manhã estava agradável; o Sol tinha conseguido romper finalmente o véu de nuvens que o encobria, a amenidade da atmosfera era tal que parecia um lindo dia do mês de Outubro.

Eram três horas da tarde quando o acompanhamento chegou ao princípio da tapada de Juvisy. Daquele lugar já se avistava a ponte construída sobre o rio Orge e a grande hospedaria, de onde saíam, impelidos pelo vento fresco da tarde, os aromas dos guisados e os clamores alegres da sala pública.

Chicot aspirou sofregamente as emanações culinárias. Debruçou-se fora da liteira, e viu de longe, à porta da hospedaria, um grupo de homens embuçados nos capotes.

No centro do grupo estava um individuo baixo e gordo, com um chapéu desabado que lhe escondia completamente o rosto.

Os tais homens recolheram-se apressadamente logo que avistaram a comitiva.

Porém o homem baixo e gordo já tinha dado na vista de Chicot. Por isso, no mesmo instante em que entrava para dentro de casa, o nosso gascão saltou abaixo da liteira real, e pedindo o seu cavalo a um pajem que o levava à mão, escondeu-se com a esquina da parede e deixou afastar a caravana, que foi continuando o seu caminho para Essonnes, onde o rei tencionava ficar aquela noite; Chicot conservou-se ali até ver desaparecer os últimos cavaleiros e quando já nem se ouvia o som do rodar da liteira, saiu do seu esconderijo, deu a volta por detrás do castelo, e apresentou-se à porta da hospedaria como se viesse de Fontainebleau.

Quando chegou em frente das janelas espreitou de relance pelos vidros, e viu com satis fação que os homens que se tinham avistado de longe ainda lá se conservavam, e juntamente com eles o individuo

baixo e gordo, para quem parecia olhar com particular atenção. Entretanto, como Chicote tinha provavelmente os seus motivos para desejar que o sujeito o não visse, em vez de entrar para a sala onde ele estava, pediu uma garrafa de vinho e foi sentar-se para o quarto fronteiro, colocando-se de maneira que ninguém podia sair sem ele ver.

Chicot escolheu com prudência um canto escuro, de onde podia ver parte do imenso fogão que havia no quarto imediato. Em frente do fogão, sentado num banco, estava o homem baixo e gordo, o qual, julgando provavelmente que não estava ali exposto a investigação alguma, consentia que lhe desse em cheio no rosto o clarão da fogueira de vides que ardia na lareira.

Vejo que não me enganei, disse Chicot consigo; dir-se-ia que me deu o faro do regresso deste homem, e que por isso fui fazer a minha oração esta manhã em frente da casa da Rua das Nogueiras. Mas para que volta ele assim às escondidas para a boa capital do nosso amigo Herodes? Porque se esconde quando ele passa? Ah! Pilatos! Pilatos! Dar-se-á o caso que Deus não me conceda o ano que Lhe pedi, e que me obrigue a pagar-te mais cedo do que eu queria?..."

Chicot ficou contentíssimo quando percebeu que do sitio onde se achava podia não somente ver, mas até, por um daqueles efeitos extraordinários de acústica que o acaso às vezes — depara ouvir. Logo que fez esta observação, começou a aplicar o ouvido com a mesma atenção — com que até ali tinha aplicado a vista.

— Senhores — disse o homem baixo e gordo para os companheiros -, penso que é tempo de nos pormos a caminho; já lá vão há muito os últimos criados do acompanhamento do rei, e creio que não há que recear perigo algum na estrada a esta hora.

— Nenhum, meu Senhor — respondeu uma voz que fez estremecer Chicot, e que saía dum corpo a que ele até ali não havia prestado atenção alguma, por isso que estava absorto na contemplação da principal personagem.

O sujeito que respondera daquele modo tinha tanto de comprido

quanto o indivíduo a quem ele dava o tratamento de meu Senhor tinha de curto; era tão pálido quanto o outro era vermelho, e tão servil quanto o companheiro era arrogante.

Ah! mestre Nicolau, disse Chicot rindo com os seus botões, Está bom. Será muita infelicidade se desta feita nos separarmos sem termos primeiro uma conferência. e Chicot, em seguida, acabou de despejar o copo e pagou ao estalajadeiro, a fim de estar pronto a partir quando Lhe parecesse conveniente.

A lembrança tinha sido acertada, porque as sete pessoas que lhe haviam atraído a atenção pagaram também, ou, para melhor dizer, o homem baixo e gordo pagou por si e pelos companheiros, e todos eles, montando nos cavalos que Lhes trouxeram os moços, tomaram pela estrada de Paris, e em breve desapareceram envolvidos nas primeiras sombras da noite. Bom, disse Chicot, ele vai para Paris; então também eu para lá volto. E Chicot, montando também a cavalo, foi-os seguindo de longe, sem perder um instante de vista os capotes cinzentos em que eles iam embuçados; e quando alguma vez os deixava de ver por prudência, conservava-se sempre à distância de poder ouvir as passadas dos cavalos. Quando A cavalgada deixou a estrada real em Fromenteau, cortou pelas terras até Choisy, e depois atravessando o Sena na Ponte de Charenton, entrou em Paris pela Porta de Santo António. a e foi perder-se, como um enxame de abelhas, para dentro do portão do Palácio de Guisa, — que parecia estar unicamente à espera deles para se fechar.

Bem, disse Chicot, indo pôr-se de atalaia à esquina da Rua dos Quatro Filhos, o negócio não é só com o Maiena, entra também o Guisa. Até aqui só era curioso, mas agora vai tornar-se interessante. Esperemos.

E Chicot esperou, com efeito por espaço de mais de uma hora, apesar da fome e do frio que já começavam a apoquentá-lo.

Finalmente tornou-se a abrir o portão; mas em lugar de cavaleiros embuçados em capotes, apareceram sete monges de Santa Genoveva, com os capuzes caídos para as caras e enormes contas nas mãos.

Oh! exclamou Chicot, que desfecho tão inesperado! Pois o Palácio de Guisa está tão repleto de santidade que os sacripantas que para lá entram transformam-se em ovelhas do Senhor só pelo simples facto de transporem o limiar da porta?

Isto vai sendo cada vez mais interessante! E Chicot foi seguindo os frades, como tinha seguido os cavaleiros, plenamente convencido de que os hábitos ocultavam os mesmos corpos que antes cobriam os capotes.

Os monges vieram passar o Sena na Ponte de Nossa Senhora, atravessaram a Cidade Velha, entraram pela Ponte Pequena, tomaram pela Praça Maubert, e subiram a Rua de Santa Genoveva.

Apre! disse Chicot, depois de ter tirado o chapéu quando passou pela casa da Rua das Nogueiras onde pela manhã tinha recitado a sua oração. Que é isto?

Tornamos, porventura, para Fontainebleau? Se assim é, não tomamos pelo caminho mais breve. Mas não: enganei-me, não havemos de ir tão longe. “

E, com efeito, os frades tinham-se encaminhado para a portaria do Convento de Santa Genoveva, e iam entrando para dentro do pórtico, em cujo interior se divisava um outro monge da mesma ordem, ocupado em examinar com a mais escrupulosa atenção as mãos dos indivíduos que iam entrando.

Que tal!. pensou Chicot; já se vê que só quem trazer as mãos bem limpas é que pode entrar na abadia esta noite. Decididamente, aqui há grande novidade.

Depois desta reflexão, Chicot, ainda a cismar no que havia de fazer para não perder de vista os indivíduos que tinha seguido, olhou em redor de si, e viu, com grande espanto, que por todas as ruas que convergiam à abadia vinham apontando capuzes de frades, uns sós, outros caminhando dois a dois, mas todos eles na direcção do convento.

Então que é isto? disse Chicot, haverá hoje aqui algum capitulo geral para que foi convocada toda a fradaria de França?. Pela minha fé

de cavalheiro é esta a primeira vez que sinto tentações de assistir a um capítulo; e confesso que estou fortemente tentado. “

Os frades continuavam a dirigir-se para o pórtico; mostravam as mãos, ou algum sinal que levavam nas mãos, e entravam.

Eu bem quisera entrar com eles, pensou Chicote; mas para entrar com eles, faltam-me duas coisas muito essenciais: em primeiro lugar, o hábito respeitável de que vão revestidos, pois ainda não avistei secular algum entre tão santos varões; e em segundo lugar, o objecto que eles mostram ao irmão porteiro; porque não há dúvida que mostram alguma coisa. Ah! Frei renflot, se eu aqui te apanhasse à mão, meu bom amigo!

Esta exclamação de Chicot era devida à lembrança dum dos monges mais veneráveis da Ordem de Santa Genoveva, companheiro usual das patuscadas de Chicot, quando este por acaso deixava de comer no Louvre; era o mesmo com que o nosso gascão, no dia da procissão de penitência, se tinha safado para uma bodega ao pé da Porta Moncmartre, onde foi comer um pato bravo e beber vinho fervido com especiarias.

Os frades, entretanto, continuavam a afluir em tamanho número, que parecia que metade da população de Paris tinha professado, e o irmão porteiro, sem descansar, ia-os examinando a todos com o mesmo escrúpulo.

Vamos lá, disse Chicot consigo, aqui há forçosamente alguma novidade esta noite. Levemos a curiosidade até ao fim, São sete horas e meia, já acabou o peditório para o convento. Hei-de encontrar Frei Gorenfrot na casa de pasto da Cornucópia, são horas de ele estar a cear.

Chicot deixou a legião de frades continuar com as suas constantes evoluções nas imediações da abadia e desaparecer para dentro do pórtico; e metendo o cavalo a galope, foi-se a caminho da Rua Direita de S. Tiago, onde, em frente do Claustro de S. Bento, existia, florescente e muito frequentada por estudantes e frades dados à boa vida, a casa de pasto da Cornucópia.

Chicot era conhecido na casa, não como freguês, mas como um hóspede misterioso que vinha de vez em quando deixar um escudo de ouro e parte do seu juízo no estabelecimento de mestre Cláudio Bonhomet, que assim se chamava o dispensador dos dons de Ceres e Baco, que espalhava sem cessar o famoso emblema mitológico da casa.

## XVII

### ONDE O LEITOR TERÁ O GOSTO DE TRAVAR CONHECIMENTO COM O FRADE DE QUEM JÁ SE FALOU DUAS VEZES NO DECURSO DESTA HISTÓRIA

Ao dia tão formoso que tinha estado, havia sucedido uma linda noite; porém fazia muito mais frio do que tinha feito durante o dia. Era uma daquelas bonitas geadas do princípio da Primavera que fazem com que se dê dobrado valor à cor avermelhada das vidraças duma casa de pasto.

Chicote entrou primeiro na sala geral, lançou a vista por todos os cantos e recantos, e, não vendo entre os hóspedes de mestre Cláudio o indivíduo que procurava, entrou familiarmente na cozinha.

O dono do estabelecimento estava ocupado em ler à família um livro de devoção, enquanto o azeite que se continha numa imensa frigideira posta ao lume ia adquirindo o grau de calor necessário para admitir a introdução duma quantidade de pescadinhas já enfarinhadas. Mestre Bonhomet ergueu a cabeça à entrada de Chicot.

— Ah, é o senhor — disse ele fechando o livro. — Boa noite, e bom apetite!

— Agradeço-lhe os dois desejos, se bem que um deles redundava tanto em seu como em meu proveito; não sei ainda que tal será a vontade.

— Como? Pois isso ainda entra em dúvida?

— É verdade; sabe muito bem que não gosto de comer sozinho.

— Se for preciso — disse Bonhomet tirando o boné -, cearei com o senhor.

— Muito obrigado, meu caro patrão, bem sei que é um excelente comensal; porém venho aqui à procura dum amigo.

— De Frei Gorenflot — perguntou Bonhomet.

— Exactamente — respondeu Chicot -; ele já começaria a cear?

— Ainda não, mas é preciso aviar-se quanto antes, se quer que ele lhe faça companhia.

— Aviar-me?

— Sim, porque daqui a cinco minutos já terá acabado.

— Frei Gorenflot ainda não começou a cear, e diz que acabará dentro de cinco minutos? E Chicot, dizendo isto, abanou a cabeça, gesto que em todos os países do mundo significa incredulidade.

— Note, Senhor — disse mestre Cláudio -, que hoje é quarta-feira e que estamos na Quaresma.

— Que é isso?. — perguntou Chicot, com um modo que não depunha muito a favor das ideias religiosas de Gorenflot.

— Pois é verdade! — replicou Cláudio, com um gesto que queria dizer: Estou como o senhor, também não entendo, mas é assim mesmo.

— Há forçosamente algum transtorno na máquina sublunar — replicou Chicot — cinco minutos somente para a ceia de Gorenflot!. É fado meu presenciar hoje coisas extraordinárias.

E Chicot, à semelhança dum viajante que pisa pela primeira vez uma terra desconhecida deu alguns passos com cautela na direcção duma espécie de gabinete reservado, que tinha uma porta de vidraça tapada com uma cortina de lã de xadrez encarnado e branco.

Chicot abriu a porta, e viu, sentado no fundo do gabinete e alumiado por uma vela não espevitada, o estimável monge ocupado

em mexer descuidosamente uma pequena dose de espinafres cozidos em água e sal que tinha no prato, e que procurava tornar mais gostosa misturando-Lhe algum queijo ralado.

Enquanto o respeitável frade procede a tal mistura com uma carranca que bem dá a conhecer o nenhum resultado que esperava tirar de tão triste combinação, vamos tratar de o apresentar aos nossos leitores debaixo dum aspecto que os há-de indemnizar de terem tardado tanto a conhecê-lo.

Frei GorenElot, que era aquele frade agostinho que encontrámos junto de Bussy à borda do fosso do Templo, na manhã seguinte à emboscada que lhe fizeram os favoritos do rei, teria de idade trinta e oito anos, e de altura umas cinquenta polegadas. A pouca elevação da estatura achava-se compensada, no dizer do frade, pela admirável harmonia das proporções; porque o que lhe faltava em altura sobejava-lhe em largura, sendo de três pés o diâmetro que tinha dum ombro ao outro, o que equivale, como todos sabem, a nove pés de circunferência.

Do centro das gigantescas omoplatas saía-lhe um pescoço avantajado, sulcado em todo o sentido por uns músculos da grossura de polegada e salientes como cordas.

Mas infelizmente

O pescoço também estava em proporção com o resto, ou por outra era curto e grosso, configuração esta que tornava iminente uma apoplexia logo que Frei Gorenflot sofresse alguma comoção um pouco forte.

Porém Frei Gorenflot, cômscio deste defeito e do perigo que dele Lhe poderia resultar, nunca se comovia por motivo algum; diremos mais, em abono da verdade, que era muito raro vê-lo tão melancólico como estava na ocasião em que Chicot entrou no gabinete.

— Olá, amigo, que está aí a fazer! — exclamou o nosso gascão, olhando alternadamente para as ervas, para Gorenflot, para o morrão da vela, e para certo pichel cheio até à borda de água apenas tingida com algumas gotas de vinho.

— Bem vê, meu irmão, que estou a cear — respondeu Gorenflot



fazendo vibrar uma voz tão sonora como o sino grande da sua abadia.

— E chama a isso ceia, Gorenflot? Ervas, está a brincar! — exclamou Chicote.

— Estamos hoje numa das primeiras quartas-feiras da Quaresma; tratemos da nossa salvação — respondeu Gorenflot falando fanhoso e levantando os olhos para o Céu.

Chicot ficou estupefacto. A sua admiração bem dava a conhecer que ele já por mais duma vez tinha visto Gorenflot glorificar duma maneira diferente o santo tempo da Quaresma em que estavam entrados.

— A nossa salvação? — repetiu ele. — E que diabo de relações têm a água e as ervas com a nossa salvação?

— Às quartas e sextas-feiras são os dias em que a Igreja proíbe que se coma carne — disse

Gorenflot.

— Visto isso, a que horas almoçou?

— Eu não almocei, meu irmão — respondeu o frade, falando ainda mais fanhoso.

— Ah, se começamos a falar fanhoso — disse Chicot -, eu sou capaz de desbancar todos os frades deste mundo. Pois então, se não almoçou — disse Chicot falando fanhoso dum modo despropositado -, o que fez esta manhã, meu irmão?

— Estive a compor um discurso — replicou Gorenflot, erguendo a cabeça com altivez.

— Ora essa!. Um discurso. e para quê?

— Para o recitar esta noite no convento.

— Toma — pensou Chicot -, um discurso para esta noite; é célebre!

— E é preciso que eu trate de voltar para o convento quanto antes — acrescentou Gorenflot, levando à boca a primeira garfada de espinafres com queijo -, porque o meu auditório há-de estar

impaciente.

Chicot recordou-se do número infinito de frades que tinha visto entrar para a abadia, e, pensando que o Sr. de Maiena, segundo todas as probabilidades, também lá havia de estar, ficou a cismar como era que Gorenflot, que até àquele dia somente se tinha tornado notável por qualidades que nenhuma relação tinham com a eloquência, havia sido escolhido pelo seu superior José Foulon, então abade de Santa Genoveva, para pregar perante o príncipe lorenense e uma assembleia tão numerosa.

— Está bom — disse ele -; e a que horas há-de pregar?

— Das nove às nove e meia, meu irmão.

— Bem. São nove menos um quarto. Há-de conceder-me pelo menos cinco minutos.

Cos demónios! há mais de oito dias que não se oferece ocasião de comermos juntos!.

— A culpa não é nossa — disse Gorenflot -, e por isso não havemos de deixar de ser amigos, meu caríssimo irmão; os deveres do seu cargo prendem-no ao lado do nosso grande Henrique III, a quem Deus guarde; os da minha condição obrigam-me a andar no peditório, e tenho de assistir às rezas; por consequência, não é para admirar que vivamos separados.

— Não há dúvida; mas, com a breca! — disse Chicot — é mais um motivo para nos alegrarmos quando nos encontramos, meu amigo.

— E acredite que me alegro imenso — disse Gorenflot com semblante muito lastimoso — ; mas apesar de tudo sou obrigado a deixá-lo.

— Acabe ao menos de comer essas ervas — disse Chicot, pondo-lhe a mão no ombro e obrigando-o a retomar o seu lugar.

Gorenflot olhou para os espinafres e suspirou; depois voltou os olhos para a água com vinho, e virou a cara para a banda.

Chicot percebeu que era chegada a ocasião de começar o ataque.

— Está lembrado — disse ele — daquele jantarinho em que há pouco Lhe falei, bem, ao pé da Porta de Montmartre, onde nos alapardámos enquanto o nosso grande rei Henrique II se açoitava e açoitava os mais, e comemos um pato bravo das lagoas da Grange-Batelière com molho de caranguejos, e bebemos dum certo vinho de Borgonha. como se chamava o vinho? Se não me engano foi o senhor que descobriu o vinho.

— Era um vinho da minha cerra — disse Gorenflot -, da Romanée.

— Sim, sim, agora me lembro; foi o leite que mamou quando veio a este mundo, digno filho de Noé.

Gorenflot sorriu com tristeza e lambeu os beiços.

— Que ideia forma daquele vinho tão bom? — perguntou Chicot.

— Não era mau — respondeu o frade -; porém ainda o há melhor. — tal qual o que outro dia me afirmava o nosso patrão, Cláudio Bonhomet, que se gaba de ter na adega cinquenta garrafas do mesmo vinho, mas de tão superior qualidade, que o da porta de Montmartre, comparado com este, não passa duma zurrapa.

— E falou-lhe a verdade — disse Gorenflot.

— Como? Pois é verdade o que ele me disse — replicou Chicot — e está aqui bebendo esta detestável água com vinho, quando tem à mão tão boa pinga? Fora com esta porcaria!

E Chicot, agarrando no pichel, entornou-o pela casa.

— Tudo se quer a seu tempo, meu irmão — disse Gorenflot. — O vinho é muito bom quando depois de o beber nada nos resta a fazer senão glorificarmos Deus que o criou. Mas para quem tem que recitar um discurso, é preferível a água; não direi para o paladar, mas para a ocasião: facunda est aqua.

— Histórias! — disse Chicot. — Magisfacundum est vinum. e se quer uma prova do que lhe digo, é que eu também tenho que recitar um discurso, e como tenho fé na minha receita, vou pedir uma garrafa do tal vinho da Romanée; e diga-me, Gorenflot, que lhe parece que mande vir para fazer boca?

— Não queira destas ervas — disse o frade -, não pode haver coisa pior.

— Com efeito — disse Chicot, pegando no prato de Gorenflot e levando-o ao nariz — , nojenta coisa!

E desta vez, abrindo uma janelinha, atirou à rua o prato e as ervas. Depois, voltando-se, gritou:

— Mestre Cláudio -, disse Chicot — traga-me duas garrafas daquele vinho da Romanée que tanto gaba.

— Duas garrafas? — disse Gorenflot. — Para quê? eu não bebo.

— Se bebesse, mandava vir quatro ou seis garrafas, e ainda seria pouco — disse Chicot.

— Mas quando bebo só, bebo pouco, e bastar-me— ão duas garrafas.

— Com efeito — disse Gorenflot -, duas garrafas não é muito; e se a comida for de magro, o seu confessor não poderá repreendê-lo.

— Decerto — exclamou Chicot -; pois eu havia de comer carne numa quarta-feira de Quaresma?. Era o que me faltava!

E indo ao armário onde estava guardada a comida, enquanto mestre Bonhomet ia buscar à adega as duas garrafas que lhe pedira, tirou para fora uma bela galinha cevada.

— Que está a fazer aí, meu irmão? — disse Gorenflot seguindo com involuntário interesse os movimentos do gascão. — Que está a fazer aí?

— Não vê? Estou a tomar posse desta carpa, com receio de que venha outro lançar-Lhe a mão. Nas quartas-feiras de Quaresma costuma haver grande concorrência para apanhar desta casta de comestíveis.

— Uma carpa? — disse Gorenflot com admiração.

— Sim, uma carpa — replicou Chicot, chegando-Lhe à cara a apetitosa ave.

— E desde quando é que as carpas têm bico? — perguntou o frade.

— Bico? — exclamou o gascão — onde está o bico?. Eu só vejo uma cabeça de peixe.

— E asas? — continuou o monge.

— São barbatanas.

— E penas?

— São escamas; está bêbado, meu rico Gorenflot.

— Bêbado? — gritou Gorenflot. — Bêbado? Que falso testemunho! Eu, que só comi espinafres e apenas bebi água com vinho!

— Pois então, são os espinafres que lhe estão pesando no estômago, e é a água que lhe subiu à cabeça.

— Ora ainda bem que aí vem o patrão — disse Gorenflot ele que decida.

— O quê?

— Se isso é uma carpa ou uma galinha.

— Pois sim. Mas deixe primeiro que ele abra as garrafas. Estou com empenho de verificar o vinho. Saque essas rolhas, mestre Cláudio.

Mestre Cláudio abriu uma das garrafas e vazou meio copo a Chicot. Chicot engoliu o vinho e deu um grande estalo com a língua.

— Ah! — disse ele. — Sou mau provador, e confesso que a minha língua tem péssima memória; não posso dizer se é pior ou melhor do que o da Porta de Montmartre.

Nem estou certo se é da mesma qualidade.

Os olhos de Gorenflot brilhavam ao contemplar a gota de vinho que tinha ficado no fundo do copo de Chicote.

— Aqui está, meu irmão — disse Chicot vazando no copo do frade um dedal de vinho -; a sua obrigação neste mundo é ser útil ao seu próximo; guie-me nesta prova. Gorenflot pegou no copo, levou-o aos beiços, e saboreou vagorosamente a gota de vinho que ele continha.

— É da mesma lavra, com toda a certeza — disse ele -, mas.

— Mas o quê?. — replicou Chicot.

— Mas era tão pouco — tornou o frade -, que não fiquei habilitado a dizer se é pior ou melhor.

— Desejo contudo que me dê a esse respeito a sua opinião — disse Chicot. — Não quero que me empurrem gato por lebre; e se não tivesse que recitar um discurso, meu irmão, pedir-Lhe-ia que tornasse a provar este vinho.

— Fá-lo-ei, para o obsequiar — disse o frade.

— Ainda bem! — disse Chicot.

E encheu o copo do monge até meio.

Gorenflot levou o copo à boca como da primeira vez, e saboreou o vinho com o mesmo escrúpulo.

— É melhor — disse ele -, é melhor, afirmo-lho eu. — Pois sim! Está mancomunado com o nosso patrão.

— Um bom bebedor — disse Gorenflot — deve conhecer ao primeiro trago a naturalidade do vinho, ao segundo a qualidade, e ao terceiro os anos que tem.

— Oh, quem me dera saber os anos que tem este vinho! — exclamou Chicot. — É coisa muito fácil — replicou Gorenflot, apresentando o copo -; vaze aqui uma pinga, que eu já lho digo.

Chicot encheu o copo até três quartas partes; o frade engoliu o vinho com todo o vagar, mas duma só vez.

— É do ano de 1561-disse ele pondo o copo sobre a mesa.

— Viva, que adivinhou — gritou Cláudio Bonhomet -; é de 1561, não há dúvida.

— Frei Gorenflot — disse o gascão tirando o chapéu -, tem sido beatificada em Roma gente que o não merecia tanto como o senhor.

— Tudo vai do costume, meu irmão — respondeu Gorenflot com modéstia.

— Também é preciso que haja alguma disposição — disse Chicot.  
— O costume só, não basta, e para prova aqui estou eu, que me posso gabar de ter bebido muito vinho, e não soube conhecer a idade deste. Então que é isso? Que está a fazer?

— Levanto-me, como vê.

— Para quê?

— Para ir para a reunião.

— Sem provar primeiro um bocado da minha carpa?

— Ah! é verdade — disse Gorenflot -; parece-me, meu estimável irmão, que ainda entende menos de comida que de bebida. Mestre Bonhomet, que bicho é este?

E Frei Gorenflot apontou para o objecto da discussão.

O estalajadeiro olhou com admiração.

— Sim — replicou Chicot -, está a perguntar-Lhe que casta de bicho é este.

— Ora essa! — disse Cláudio. — É uma galinha cevada.

— Uma galinha!. — exclamou Chicot com ar consternado.

— E bem gordinha que ela está — prosseguiu mestre Cláudio.

— E então?. — disse Gorenflot com modo triunfante.

— Está bom — disse Chicot -, vejo que me enganei. Porém, como estou com grande empenho de comer esta galinha, sem contudo querer pecar, peço-lhe, meu irmão, em nome dos nossos sentimentos recíprocos, que lance sobre ela algumas gotas de água e que a baptize carpa.

— Ah! ah! — disse Gorenflot.

— Sim — prosseguiu o gascão sem o que, arriscar-me-ia talvez a cometer um pecado mortal.

— Assim Farei! — replicou Gorenflot, o qual, sendo de seu natural excelence companheiro, já se ia animando em resultado das três provas de vinho. — Mas não vejo aqui água.

— Diz não sei que livro — respondeu Chicot -: Em caso de necessidade, servir-te-ás do que encontrares à mão. ” E num caso destes a intenção é tudo; baptize-a com vinho meu irmão; baptize-a com vinho; pode ser que o animal não fique muito católico, mas não há-de ficar pior do que está, por certo.

E Chicot encheu até à borda o copo do frade: estava despejada a primeira garrafa.

— Em nome de Baco, de Momo e de Como, trindade do grande S. Pantagruel — disse Gorenflot -, eu te baptizo, carpa.

E molhando as cabeças dos dedos no vinho, salpicou o animal.

— Agora — disse o gascão, tocando com o copo no do frade — bebamos à saúde da neófita; assim ela seja assada em termos, e possa a habilidade que mestre Cláudio Bonhomet vai desenvolver para aperfeiçoá-la, aumentar ainda os dotes que Lhe prodigalizou a natureza!

— Vá lá, à saúde da carpa — disse Gorenflot, interrompendo uma enorme gargalhada para engolir o copo de vinho de Borgonha que Chicot Lhe vazara. — Para que viva, cos demónios! Sempre é muito bom este vinho!

— Mestre Cláudio — disse Chicot -, vá já sem demora assar-me esta carpa no espeto; enquanto a estiver assando humedecê-la-á com um molho composto de manteiga fresca, toucinho, pimenta e cebolinhas; depois, quando ela começar a corar, deite duas torradas na pingadeira, e quando estiver pronta, traga-ma bem quentinha.

Gorenflot não dizia palavra, mas ia aprovando com os olhos e com uma leve oscilação de cabeça, que indicava completa adesão.

— Agora — disse Chicot, quando viu que tinham sido executadas as suas instruções -, sardinhas de conserva, mestre Bonhomet, e atum. Estamos na Quaresma, como disse há pouco o Rev. o Frei Gorenflot, e quero que o jantar seja todo de magro.

É verdade: traga também mais duas garrafas daquele excelente vinho da Ramanée, de 1561.



O aroma que exalava a galinha no espeto foi-se espalhando gradualmente pelo quarto e atacando insensivelmente o olfacto do frade. Cresceu-lhe a água na boca, brilharam-lhe os olhos; porém ainda se conteve, e até chegou a fazer um movimento como para se levantar.

— Visto isso — disse Chicot -, abandona-me na ocasião em que vai começar o combate?.

— Assim é preciso, meu irmão — disse Gorenflot, erguendo os olhos para o Céu, como para dar a conhecer a Deus a magnitude do sacrifício que fazia.

— Sempre lhe digo que é grande imprudência ir recitar um discurso estando em jejum.

— Porquê? — balbuciou o monge.

— Porque lhe faltará o alento, meu irmão. Galiano assim o disse: Pulmo hominis facile deficit. (O pulmão do homem é fraco e cansa facilmente).

— Infelizmente assim é — disse Gorenflot -, e eu sei isso por experiência; se eu tivesse melhores pulmões, teria sido um poço de eloquência.

— Já vê pois que não o quero enganar — disse Chicot.

— O que me vale — replicou Gorenflot, deixando-se cair para trás na cadeira — é que tenho muito zelo e vontade.

— Sim, mas o zelo só, não é suficiente; eu, no seu caso, provava destas sardinhas e bebia mais uma pinga deste néctar.

— Uma única sardinha — disse Gorenflot -, e só um copo.

Chicot pôs uma sardinha no prato do monge e chegou-lhe a segunda garrafa.

O frade comeu a sardinha e bebeu um copo de vinho.

— Então? — perguntou Chicot, que apesar de instigar o frade a comer e a beber, não o imitava. — Então?...

— Com efeito — respondeu Gorenflot -, já não me sinto tão Fraco.

— Cos diabos! — disse Chicot. — Quando se tem de proferir um discurso, não basta sentir-se a gente menos fraco, é preciso fortalecer o estômago; eu, se estivesse no seu lugar, continuou o gascão -, comia as barbatanas desta carpa; e mesmo porque, se não comer mais alguma coisa, vai a cheirar a vinho. Merum soório male olet.

— Oh, cos demónios! — disse Gorenflot. — Tem razão! Nem tal me lembrava. e como naquele momento acabavam de pôr a galinha na mesa, Chicot trinchou uma das pernas, que tinha baptizado de barbatanas, e apresentou-a ao frade, que a devorou até ao osso.

— Santo nome de Cristo! — exclamou Gorenflot. — Que peixe tão gostoso!

Chicot trinchou a outra barbatana e pô-la no prato do Frade, tirando a rolha à terceira garrafa.

O apetite de Gorenflot achava-se por tal forma despertado, que nem ele mesmo já podia ter mão em si; comeu a outra asa, tornou a galinha num esqueleto, e, chamando Bonhomet:

— Mestre Cláudio — disse ele -, estou com muita Fome; não me falou numa certa fritada de ovos com presunto?

— Não há dúvida — disse Chicot -, e até já se está aprontando. Não é assim, Bonhomet?

Sim senhor — replicou o estalajadeiro, que nunca desmentia os fregueses quando as

asserções destes eram tendentes a um aumento de consumo, e por consequência de despesa.

— Pois bem! Traga-nos a fritada, mestre — disse o monge -; traga-a quanto antes.

— Não há-de tardar cinco minutos — respondeu o estalajadeiro, indo à pressa aprontar o que Lhe pediam, em cumprimento dum sinal que Chicot Lhe fizera.

— Ah! — suspirou Gorenflot batendo na mesa com o punho

fechado. — Já estou melhor.

— Bem Lhe dizia eu — acrescentou Chicot.

— E se a fritada aqui estivesse, engolia-a duma vez... como bebo este vinho dum trago.

E o frade, com os olhos resplandecentes de gulodice, despejou uma quarta parte da terceira garrafa.

— Pelo que vou vendo — disse Chicot -, estava doente!

— Estava tolo, meu amigo — disse Gorenflot -; o maldito discurso tinha-me transtornado o juízo; há três dias que não penso noutra coisa.

— Devia ser coisa magnífica? — perguntou Chicot.

— Esplêndida! — replicou o frade.

— Recite-me algum trecho dele, enquanto não chega a Fritada.

— Pois sim! — disse Gorenflot. — Já viste pregar sermões à mesa, meu doido?

Só se for na corte de el-rei teu amo!

— Tenho ouvido recitar lindos discursos na corte de el-rei Henrique, que Deus guarde! — disse Chicot, levando a mão ao chapéu.

— De que tratam esses discursos? — perguntou Gorenflot.

— Da virtude — respondeu Chicot.

— Ah!. Que graça!. — exclamou o frade, encostando-se para trás na cadeira — o teu rei Henrique III sempre é um sujeito muito virtuoso!

— Não sei se é virtuoso ou não — replicou Chicot -, o que sei é que nunca presenciei na companhia dele coisa alguma que me fizesse corar.

— Isso creio eu sem dificuldade — disse o religioso -; já lá vai o tempo em que tu coravas, meu frascário!

— Oh — exclamou Chicot — frascário, eu, que sou a abstinência em pessoa, a continência em carne e osso? Eu, que acompanho todas

as procissões, e observo todos os jejuns?

— Sim, do teu Sardana, do teu Nabucodonosor, do teu Herodes, Procissões interesseiras, jejuns de cálculo. Felizmente que já todos vão conhecendo a peça que é o teu Henrique III, que o Diabo leve!

E Gorenflot, em lugar do discurso que o gascão lhe pedira, começou a cantar em altas vozes uns versos em que descompunha o rei.

— Bravo! — gritou Chicot. — Bravo! E logo acrescentou, falando consigo: Bem vai o negócio: ele que canta, não tarda também que fale.  
“

Naquele instante apareceu mestre Bonhomet, trazendo numa das mãos a famosa fritada e na outra mais duas garrafas.

— Alnda, anda depressa! — bradou o frade arregalando os olhos, e abrindo tanto a boca a rir que se lhe viram os seus trinta e dois dentes.

— Sempre será bom que o amigo se lembre — disse Chicote — que tem que recitar um discurso...

— O discurso está aqui — respondeu o frade batendo na testa, pela qual se ia espalhando a vermelhidão das faces.

— Às nove horas e meia — prosseguiu Chicot.

— Menti-Lhe a respeito da hora — disse o frade -; omnis homo mendax, confiteor.

— Então a que horas havia de ser, na realidade?

— Às dez.

— Às dez horas? Eu julgava que as portas do convento fechavam às nove.

— Deixá-las fechar — disse Gorenflot, examinando à luz da vela a cor de rubi do vinho que tinha no copo -, deixá-las fechar: cá tenho a chave.

— A chave do convento? — bradou Chicot. — Pois tem a chave do convento?

— Aqui, na minha algibeira — disse Gorenflot batendo no hábito -, aqui.

— É impossível! — replicou Chicot. — Eu estou ao facto das regras monásticas: já estive recluso por castigo em três conventos. Nunca se entregam as chaves a um simples Frade!

— Pois ela aqui está — disse Gorenflot, encostando-se para trás e mostrando com exaltação uma moeda ao seu amigo Chicot.

— O que é isso? Dinheiro?. — perguntou Chicot. — Ah! Já percebo. Unta as mãos ao irmão porteiro para o recolher à hora que lhe faz conta, desgraçado pecador!

Gorenflot escancarou a boca até às orelhas com o sorriso gracioso e satisfeito próprio dum homem que está embriagado.

— Sufcit — resmungou ele.

E dispunha-se a meter a moeda na algibeira.

— Espere, espere um instante! — disse Chicot. — Que dinheiro tão célebre!

— Com a efígie do herege — acrescentou Gorenflot. — E por isso tem este buraco no lugar do coração.

— É verdade — disse Chicote -; é com efeito uma moeda com o cunho do rei de Béarn, e tem na realidade um furozinho.

— Uma punhalada — disse Chicot -; quer dizer: morte ao herege. O indivíduo que matar o herege fica beatificado pur esse simples facto; e eu desde já Lhe cedo a parte que me possa caber na bem-aventurança.

Ah, ah! pensou Chicot, já vou descurtinar o mistério; mas este malvado ainda não está bêbado de todo.

E tornou a encher o copo do frade.

— Sim — disse o gascão -, morte ao herege e viva, viva a missa!

— Viva a missa! — gritou Gorenflot, sorvendo o vinho dum só trago. — Viva a missa! Chicot, quando viu a moeda no centro da

imensa palma da mão do seu companheiro, lembrou-se da revista que o irmão porteiro passava às mãos de todos os frades que ele vira afluir à abadia, e por isso, dirigindo-se ao religioso, disseLhe:

— Sim, já percebo tudo; mostra essa moeda ao irmão porteiro à entrada, e depois.

— E entro — disse Gorenflot.

— Sem dificuldade alguma?

— Da mesma forma que este copo de vinho entra no meu estômago. E o monge absorveu mais outra dose do precioso licor.

— Safa! — exclamou Chicot. — Se a comparação é exacta, há-de entrar por certo sem dificuldade.

— E demais a mais. — balbuciou Gorenflot caindo de bêbado. — E demais a mais, para Frei Gorenflot abrem-se de par em par as duas meias portas.

— E recita o seu discurso?

— E recito o meu discurso — disse o frade. — Eis como a coisa há-de ser: Chego. ouves, Chicot? Chego. ouves bem?.

— Boa dúvida! Ouço sim; todo eu sou ouvidos, podes falar.

— Chego, pois, como ia dizendo. A reunião é numerosa e escolhida. compõe-se de barões, de condes, de duques.

— E mesmo de príncipes.

— E mesmo de príncipes — repetiu o frade disseste muito bem! Até príncipes lá hão-de estar. Apresento-me com toda a humildade no grémio dos Fiéis da União.

— Os Fiéis da União?. — repetiu Chicot. — Que casta de fidelidade é essa?

— Apresento-me no grémio dos Fiéis da União. chamam por Frei Gorenflot, e eu adianto-me.

A estas palavras, o monge ergueu-se.

— É assim mesmo — disse Chicot -, adianta-se.

— E adianto-me — replicou Gorenflot, procurando acompanhar as palavras com a execução; porém, mal deu um passo, tropeçou no pé da mesa e caiu no chão.

— Bravo! — disse Chicot, ajudando-o a levantar e sentando-o na cadeira. — Chegue à frente, cumprimente o auditório, e diga.

— Nada! Eu não digo coisa alguma, os amigos é que hão-de dizer.

— E que hão-de os amigos dizer?

— Os amigos hão-de bradar: Frei Gorenflot! O discurso de Frei Gorenflot! “

Hem?. que lindo nome que eu tenho para figurar na lista dos partidários da Liga: Frei Gorenflot!

E o frade repetiu o seu próprio nome com toda a pausa para lhe admirar a harmonia.

— É lindo, com efeito — replicou Chicot. — Mas qual será a verdade que vai surgir da bebedeira desta paleta?

— Então começo eu.

E o monge ergueu-se, fechando os olhos, porque a luz o deslumbrava, e encostou-se à parede, porque estava ébrio de todo.

— Começa. — disse Chicot, segurando-o de encontro à parede da mesma forma que os palhaços costumam segurar os arlequins.

— Começo, dizendo: Meus irmãos, que dia tão glorioso este para a fé! Chicot percebeu que não era possível sacar mais coisa alguma do frade além deste exórdio; e por isso deixou de o amparar.

Frei Gorenflot, que só conservava o equilíbrio em virtude do apoio que lhe oferecia a mão de Chicot, logo que esse apoio lhe faltou, resvalou pela parede abaixo como uma tábua mal firmada, e foi bater com os pés de encontro à mesa, da qual caíram, em consequência do choque, algumas garrafas vazias.

— Amén! — disse Chicot.

Um ronco semelhante a um trovão fez vibrar quase imediatamente

os vidros da janela do gabinete.

— Bom — disse Chicot -, as pernas da galinha já vão produzindo o seu efeito.

O nosso amigo não acorda por certo estas doze horas mais chegadas; posso despi-lo sem inconveniente algum.

E logo, por julgar provavelmente que não tinha tempo a perder, Chicot desatou os cordões do hábito do frade, desenfiou-lhe os braços das mangas, e, voltando Gorenflot como se fora um saco de nozes, enrolou-o na toalha, atou-lhe um guardanapo na cabeça, e, escondendo o hábito debaixo do capote, entrou na cozinha.

— Mestre Bonhomet — disse ele, dando ao estalajadeiro uma peça de ouro -, aqui tem para pagar a nossa ceia; aqui está mais, para a ceia do meu cavalo, que muito Lhe recomendo, e mais isto, para que ninguém acorde o estimável Frei Gorenflot, que está dormindo como um bem-aventurado.

— Muito bem! — disse o estalajadeiro, convencido pelos argumentos sonantes que acom panhavam as três recomendações. — Muito bem! Vá descansado, Sr. Chicot.

Chicot, fiado na palavra do estalajadeiro, saiu imediatamente e em quatro pernadas chegou à esquina da Rua de Santo Estêvão; parou ali, fechou cuidadosamente na mão direita

a moeda com a efígie do rei de Béarn, vestiu o hábito do monge, e, às dez horas menos um quarto, foi, se bem que batendo-lhe um tanto o coração, apresentar-se também ao postigo da Abadia de Santa Genoveva.

## XVIII

**COMO SUCEDOU QUE CHICOT, DEPOIS DE TER ENTRADO PARA A ABADIA DE SANTA GENOVEVA,**



## VEIO A CONHECER QUE ERA MAIS FÁCIL A ENTRADA DO QUE A SAÍDA

Chicot, ao vestir o hábito do frade, tinha tido a cautela de aumentar o volume do corpo pela engenhosa disposição do capote e demais fato; tinha a mesma cor de barba que Gorenflot, e, se bem que este fosse oriundo das margens do Bona e ele das do Carona, tinha-se divertido tantas vezes a arremedar a voz do religioso, que a imitava a ponto de iludir quem o ouvisse.

Ora já se sabe que a barba e a voz são as únicas coisas que saem da profundidade dum capuz de monge.

A porta já estava para se fechar quando Chicot chegou, e o irmão porteiro só esperava que entrassem dois frades que se tinham apresentado adiante do gascão.

Este exibiu o Bearnês furado no sítio do coração, e foi logo admitido sem dificuldade. Foi seguindo os dois que o precediam, e penetrou com eles na capela do convento, que era sua conhecida, porque muitas vezes lá tinha acompanhado o rei, o qual sempre protegera muito particularmente a Abadia de Santa Genoveva.

A capela era de construção romana, isto é, datava do undécimo ou duodécimo século, e, como em todas as capelas daquela época, havia por baixo do coro uma igreja subterrânea.

O coro ficava por consequência sete ou oito pés mais elevado do que a nave da capela, e subia-se para ele por duas escadas laterais, enquanto que uma porta de grades colocada entre as duas escadas dava serventia da nave para o subterrâneo, para onde, depois de aberta a porta, se desciam tantos degraus quantos eram os das escadas do tal coro.

Naquele coro, que assim ficava sobranceiro a toda a igreja, e de cada lado do altar, que era adornado com um painel de Santa

Genoveva, que se dizia ser do mestre Russo, estavam as estátuas de Clodoveu e de Clotilde.

A capela era alumada apenas por três lâmpadas, uma suspensa no centro do coro, as outras duas dispostas em distâncias iguais na nave.

Esta escassez de luz dava maior solenidade à igreja, duplicando-lhe as proporções, por isso que a imaginação podia estender até ao infinito a parte que ficava perdida na sombra.

Chicot, para exercitar os olhos e acostumá-los à escuridão, divertiu-se a contar os frades.

Estavam cento e vinte na nave e doze no coro, ao todo cento e trinta e dois.

Os doze frades do coro estavam alinhados numa fileira em frente do altar, e figuravam um cordão de sentinelas destinadas a defender o tabernáculo.

Chicot viu com satisfação que não era ele o último que entrava para a assembleia dos indivíduos a quem Frei Gorenflot chamava os fiéis da União.

Atrás dele entraram mais três frades, cobertos de amplíssimos hábitos cinzentos, os quais foram colocar-se adiante daquela fileira que há pouco comparámos a um cordão de sentinelas.

Um fradinho em quem Chicot até ali não tinha reparado, e que era provavelmente algum menino de coro do convento, deu volta à capela para verificar se estavam todos nos seus lugares; e, depois de acabada a inspecção, foi falar com um dos três frades ultimamente chegados, e que se achavam no meio.

— Estamos aqui presentes cento e trinta e seis — disse o frade com voz sonora -; é a conta de Deus.

Os cento e vinte frades que estavam ajoelhados na nave ergueram-se imediatamente e tomaram assento nas cadeiras ou nos bancos que havia na igreja.

Logo em seguida um grande ruído de gonzos e de ferrolhos deu a

conhecer que se estavam fechando as portas maciças do convento.

Chicot, apesar de valente, não deixou de estremecer quando ouviu ranger as fechaduras. Para recuperar a necessária serenidade de ânimo, foi sentar-se à sombra do púlpito, de onde podia ver muito à sua vontade os três monges que pareciam os personagens principais da reunião.

Estavam sentados em cadeiras de braços, e pareciam três juízes.

Atrás deles conservavam-se de pé os doze frades do coro.

Assim que acabou a bulha ocasionada pelo fechar das portas e pela mudança de atitude dos membros da assembleia, ouviram-se três toques de campainha.

Era provavelmente o sinal de silêncio, porque à terceira badalada cessou todo o rumor.

— Irmão Monsoreau — disse o mesmo frade que já tinha falado -, que notícias traz à União relativamente à província de Anju?

Duas coisas despertaram a curiosidade de Chicot.

A primeira, era aquela voz tão imperiosa, que mais parecia destinada para sair da viseira dum capacete num campo de batalha, do que do capuz dum frade dentro duma igreja.

A segunda, era aquele nome de Monsoreau, conhecido havia apenas alguns dias na corte, onde, como dissemos, causara sensação.

Um frade de elevada estatura, e cujo hábito mal disfarçava as formas angulosas do corpo que encobria, atravessou parte da assembleia, e, com passo Firme e ousado, subiu ao púlpito. Chicot procurou ver-lhe o rosto.

Era inteiramente impossível.

Bom, disse ele, se eu não lhes posso ver a cara, também eles não poderão ver-me a mim.

— Meus irmãos — disse então uma voz que Chicot logo reconheceu ser a do monteiro-mor -, as notícias que recebi do Anju não são satisfatórias; não porque lá não tenhamos simpatias, mas porque falta

quem nos represente. A propagação da União naquela província tinha sido confiada ao barão de Méridor; porém este ancião, profundamente magoado pela recente morte da Filha, tem-se descuidado dos interesses da Santa Liga, e enquanto não se consolar da perda que sofreu, não podemos contar com ele. Pelo que me diz respeito, trouxe a adesão de mais três indivíduos à nossa associação, e, conforme o regulamento, depus os nomes dos candidatos na urna. O conselho julgará se os três irmãos que proponho, e por quem respondo como se fora eu mesmo, devem ou não ser admitidos a formar parte da Santa União.

Um murmúrio de aprovação correu pelas fileiras dos frades, e ainda durou depois de o irmão Monsoreau ter voltado para o seu lugar.

— Irmão La Hurière — replicou o mesmo frade, que parecia incumbido de fazer a chamada dos fiéis conforme lhe lembrava a fantasia -, diga-nos o que tem feito na cidade de Paris.

Outro homem de capuz caído para a cara apareceu no púlpito que o senhor de Monsoreau acabava de deixar vago.

— Meus irmãos — disse ele -, todos conhecem a minha devoção pela fé católica, de que dei sobejas provas durante o glorioso dia em que ela triunfou. Sim, meus irmãos, desde aquela época, com ufania o digo, sempre fui um dos Fiéis do nosso grande Henrique de Guisa, e foi da própria boca do Sr. de Besme — que Deus abençoe! — que recebi as ordens que ele se dignou dar-me, e que eu segui tanto à risca que até quis matar os meus próprios hóspedes. Ora pois, a minha dedicação a tão santa causa fez com que eu fosse escolhido para regedor do meu bairro, e atrevo-me a dizer que foi uma circunstância muito feliz para a Religião. Fiquei habilitado a conhecer todos os hereges do Bairro de Saint-Germain-l'Auxerrois, onde continuo a administrar, na Rua da Árvore Seca, a hospedaria Estrela Brilhante que está sempre às vossas ordens, meus irmãos; e, depois de os conhecer, pude designá-los aos nossos amigos. Confesso que já não estou sequioso do sangue dos huguenotes como outrora, mas não desconheço qual é o verdadeiro intuito da Santa União, que estamos

tratando de criar.

Ouçamos, disse Chicot consigo; este La Hurière, se bem me lembro, era um famoso matador de hereges, e deve saber muita coisa curiosa acerca da Liga, se acaso, entre esta gente, a confiança é na proporção do merecimento.

— Fale, fale — disseram várias vozes.

La Hurière, a quem se oferecia um ensejo para patentear os seus talentos oratórios, que raras vezes tinha ocasião de desenvolver, meditou um instante, tossiu, e começou assim:

— Se não me engano, meus irmãos, a extinção das heresias particulares não é o único fim que temos em vista. É preciso que os Franceses tenham a certeza de que nunca hão-de encontrar hereges entre os príncipes chamados pelo destino a regê-los. Ora bem, meus irmãos: qual é a conjuntura em que nos achamos?

Francisco II, que tanta garantia oferecia do seu zelo pela fé, morreu sem filhos; Carlos IX, que ostentava igual zelo, também morreu sem deixar filhos.

El-rei Henrique III, de quem não me compete a mim investigar as crenças nem qualificar as acções, também morrerá provavelmente sem deixar posteridade; fica pois o duque de Anju, o qual não somente também não tem filhos, como ainda me parece muito frouxo relativamente à Santa Liga.

Aqui foi o orador interrompido por muitas vozes, entre as quais se ouviu a do monteiro-mor.

— Porque é ele frouxo? — disse a voz. — E qual é o motivo por que faz essa acusação ao príncipe?

— Digo que é frouxo porque ainda não deu a sua adesão à Liga, se bem que o ilustre irmão que acaba de me interpelar a prometeu positivamente em nome dele.

— Quem lhe disse que ele ainda não aderiu? — respondeu a voz.  
— Não se Lhe declarou há pouco que mais alguns indivíduos aderiram à nossa causa?. Parece-me que não tem direito a acusar

pessoa alguma enquanto não se abrir a urna.

— É verdade — replicou La Hurière esperarei pois para então; porém, depois do duque de Anju, que é mortal como nós e não tem filhos — e notem que os membros desta família real morrem todos moços -, para quem reverte a coroa? Para o huguenote mais feroz de todo o mundo, um renegado, um relapso, um Nabucodonosor!

Neste ponto tornou a ser interrompido La Hurière, não por murmúrios, mas por aplausos frenéticos.

— Para Henrique de Béarn, Finalmente, contra o qual é especialmente criada esta associação; para Henrique de Béarn, que muitas vezes nos persuadimos que está em Pau ou em Tarbes tratando dos seus amores, e há quem o veja nas ruas de Paris.

— Em Paris? — exclamaram várias vozes. — Em Paris? É impossível!

— Pois aqui veio! — gritou La Hurière. — Estava cá na noite em que foi assassinada a Sr. a de Sauve; e talvez ainda esteja neste momento.

— Morra o Bearnês! — bradaram diversas vozes.

— Morra, sim! — exclamou La Hurière -; se por acaso vier hospedar-se na Estrela Brilhante fica por minha conta; mas não há-de vir. Não se colhe uma raposa duas vezes no mesmo laço. Há-de ir morar para casa de algum amigo; porque ele tem amigos, apesar de ser herege.

Pois é preciso diminuir o número desses amigos ou fazer pelo menos com que sejam conhecidos. A nossa União é santa, a nossa Liga é leal, consagrada, abençoada e promovida pelo Santo Padre Gregório III. Peço portanto que esta associação deixe o mistério, que se entreguem listas aos regedores dos bairros, a fim de que estes vão por todas as casas convidar os cidadãos a assinarem. Todos os que assinarem serão nossos amigos, os que não quiserem assinar Ficarão tidos como inimigos; e se acaso se oferecer uma oportunidade para um segundo S. Bartolomeu, o que a nós, verdadeiros fiéis, nos vai parecendo muito urgente, faremos outra vez O que já fizemos da

primeira: pouparemos a Deus o trabalho de estremar os bons dos maus.

Uma trovoadade aplausos cobriu esta peroração; e quando já iam acalmando as aclamações, ouviu-se novamente a voz do frade que tinha falado por várias vezes, e que disse:

— A proposta do irmão La Hurière, a quem a Santa União agradece o seu zelo, há-de ser tomada em consideração, e sobre ela deliberará o Supremo Conselho.

Redobraram os aplausos. La Hurière inclinou-se umas poucas de vezes para agradecer à assembleia, e descendo os degraus do púlpito, voltou para o seu lugar, curvado ao peso do triunfo.

Ah! ah! disse Chicot, já vou começando a entender o negócio. Há menos confiança no meu Filho Henrique, relativamente à fé católica, do que havia em seu irmão Carlos IX, e do que há actualmente nos Srs. de Guisa. É provável que assim seja, visto que o Maiena anda metido nesta intriga. Os Srs. de Guisa querem formar no Estado uma sociedadezinha à parte de que só eles sejam os cabeças; o grande Henrique, que é general, capitaneará o exército; O gordo Maiena ficará à testa dos burgueses; o ilustre Cardeal presidirá a Igreja; e um dia pela manhã, o meu filho Henrique conhecerá que só Lhe resta o rosário, com o qual Lhe pedirão que faça favor de se recolher a um mosteiro. A coisa está perfeitamente calculada! Ah! É verdade... mas ainda nos resta o duque de Anju. Que diabo farão eles do duque de Anju?

— Frei Gorenflot! — gritou a voz do frade que tinha chamado o monteiro-mor e La Hurière.

Ou fosse por estar preocupado com as reflexões que acabámos de transmitir aos nossos leitores, ou por não se ter acostumado ainda a dar pelo nome que tinha tomado com o hábito do irmão do peditório, Chicot não respondeu.

— Frei Gorenflot! — repetiu a voz do menino do coro com um som tão claro e agudo que Chicot estremeceu.

Oh! oh! murmurou ele, parece uma voz de mulher que está

chamando por frei Gorenflot!... Dar-se-á o caso que nesta honrada assembleia se achem confundidos não somente as categorias, mas os sexos também?

— Frei Gorenflot! — repetiu a mesma voz feminina. — Não está aqui presente?

Ah! já me ia esquecendo, disse Chicot consigo: Frei Gorenflot sou eu; vamos lá.

E logo em vóz alta:

— Estou, estou — disse ele, falando fanhoso como o frade -, eis-me aqui. Estava entregue a profunda meditação sobre o discurso do irmão La Hurière, e por isso não reparei quando me chamou.

Os murmúrios de aprovação que novamente ressoaram com referência ao discurso de la Hurière, cujas palavras ainda vibravam em todos os corações, deram tempo a Chicot para se preparar.

Chicot, dirão os nossos leitores, podia não responder quando chamaram pelo nome de Gorenflot, visto que ninguém erguia o capuz. Mas, se bem se lembrarem, as pessoas presentes à reunião tinham sido contadas e eram conhecidas; portanto, se passassem revista às caras, revista a que aliás teria dado lugar a ausência dum homem que julgavam presente, ter-se-ia descoberto a fraude, e tornava-se muito grave a posição de Chicot.

Chicot, por conseguinte, não hesitou um instante. Levantou-se curvando o corpo e imitando o andar pesado do frade, subiu os degraus do púlpito, e enquanto os ia subindo, puxou o capuz o mais que pôde para os olhos.

— Meus irmãos — disse ele, arremedando com a maior exactidão a voz do monge -, eu sou irmão do peditório neste convento, e, como sabem, este cargo dá-me direito a entrar — nas casas de toda a gente. Uso portanto de semelhante direito para maior glória do Senhor. Meus irmãos — prosseguiu ele, lembrando-se do exórdio de Gorenflot, tão inopinadamente interrompido pelo sono, que àquela hora, em consequência do liquido por ele absorvido, ainda estava senhor absoluto do verdadeiro Gorenflot -, é um dia glorioso para a Fé este



que aqui nos reúne! Falemos com franqueza, meus irmãos, já que estamos na casa do Senhor.

O que é o reino de França? Um corpo. Santo Agostinho disse assim: *Omnis civitas corpus i est.* — Toda a cidade é um corpo.

Qual é a condição necessária para a conservação dum corpo? Saúde perfeita.

Por que maneira se conserva a saúde dum corpo? Sangrando-o com prudência, quando nele há excesso de força. Ora, é evidente que os inimigos da religião católica são muito fortes, visto que tanto nos receamos deles; é indispensável, por consequência, sangrar segunda vez esse corpo a que chamamos sociedade; é isto o que todos os dias me estão repetindo os fiéis que me dão para o convento ovos, presuntos e dinheiro.

Esta primeira parte do discurso de Chicot causou grande impressão no auditório.

Chicot deixou passar o murmúrio de aprovação que as suas palavras tinham excitado, e depois continuou:

Alegar-me-ão talvez que a Igreja aborrece o derramamento de sangue: *Ecclesia aóborret r-a sanguine* — prosseguiu ele. — Atendam porém a uma coisa: o teólogo não nos diz qual é o sangue que tamanho horror causa à Igreja, e eu aposto um boi contra um ovo que não foi, em todo o caso, ao sangue dos hereges que ele quis aludir. E com efeito: *Fons malus corf ruptorum sanguis hereticorum autempessimus!* E ainda há outro argumento, meus irmãos: a Igreja, disse eu! Porém nós não somos a Igreja somente. Estou bem certo que o irmão Monsoreau, que há pouco falou com tanta eloquência, traz o seu terçado de monteiro-mor à cinta.

O irmão La Hurlêre sabe manejar o espeto com toda a destreza: *Ueru agrest, lethiferum tamen do instrumentum.* Eu mesmo, que aqui vos estou falando, meus irmãos, eu, Jacques Nepomuceno Gorenflot, já andei com o mosquete ao ombro na Champanha, e ajudei a queimar os huguenotes. Dava-me por satisfeito com tamanha honra, e julgava ter ganho um lugar no Paraíso. Mas de repente houve quem fizesse nascer

escrúpulos na minha consciência: as huguenotas, antes de serem queimadas, tinham sido um tanto estupradas. Esta circunstância tirava todo o merecimento à bela acção que tínhamos praticado; o meu confessor, pelo menos, assim o esperava. Por isso tratei logo de entrar para um convento, e para me lavar da nódoa adquirida no contacto com as hereges, fiz imediatamente voto de passar o resto dos meus dias em abstinência e de nunca mais ter relações senão com católicas puras. ” Esta segunda parte do discurso do orador não foi menos bem recebida do que tinha sido a primeira, e todos ficaram admirando os meios de que se tinha servido o Senhor para conseguir a conversão de Frei Gorenflot.

Ouviram-se alguns aplausos juntamente com um murmúrio de aprovação.

Chicot cumprimentou a assembleia com alguma modéstia.

Resta-nos — prosseguiu Chicot — falar dos chefes que elegemos. e a respeito dos quais me parece a mim, pobre frade indigno, que alguma coisa se deve dizer. É por certo muito bonito, e sobretudo muito prudente, entrar de noite num convento, a coberto duma samarra de frade, para ouvir pregar Frei Gorenflot; mas quer-me parecer que não é a isso que deve limitar-se o dever dos nossos mandatários. Tanta prudência causa riso aos malvados huguenotes, os quais, não se pode negar, são levados do demónio quando se trata de estocadas. Peço portanto que adoptemos um sistema mais próprio de gente briosa como nós somos, ou, mais claro, como queremos parecer. O que desejamos nós? A extinção da heresia. Pois bem!

Não sei porque se não há-de apregoar alto e bom som este nosso desejo. Porque não havemos de atravessar as ruas de Paris formados numa santa procissão, mostrando a todos o nosso garbo e o brilho das nossas partasanas, em vez de caminharmos como ratoneiros nocturnos espreitando pelas encruzilhadas se aparece a guarda? Mas, dirão, quem há-de ser o homem que há-de dar-nos o exemplo? Quem? Pois serei eu, Jacques Nepomuceno Gorenflot, eu frade indigno da Ordem de Santa Genoveva, humilde e pobre irmão do peditório deste convento; serei eu quem, de couraça sobre o peito, celada na cabeça e

mosquete ao ombro, me apresentarei para marchar, se for preciso, à frente dos verdadeiros católicos que quiserem seguir-me, e isto para fazer corar de pejo os chefes que se escondem, como se defender a Igreja fosse algum acto vergonhoso.”

A peroração de Chicot, que correspondia aos sentimentos de muitos dos membros da Liga, os quais não viam que houvesse necessidade alguma de seguirem, para alcançarem o seu fim, outra vereda que não fosse a que se tinha aberto, havia seis anos, no dia de S. Bartolomeu e estavam por consequência desesperados com as demoras dos chefes, acendeu o fogo sagrado no coração de todos, e, à excepção de três capuzes, que se conservaram calados, a assembleia entrou a gritar como um só homem:

— Disse muito bem o valente Frei Gorenflot! A procissão! A procissão!

O entusiasmo excitado pelo discurso do gascão tinha chegado ao seu auge por ser a primeira vez que o zelo do estimável monge se mostrava debaixo de semelhante aspecto.

Até ali os seus amigos mais íntimos tinham-no sempre considerado como zeloso partidário da causa, mas sem que o seu ardor o induzisse nunca a ultrapassar os limites da prudência.

Porém, agora, Frei Gorenflot saía de repente daquele estado duvidoso em que se tinha conservado, e aparecia armado de ponto em branco e pronto a entrar na lide; era uma grande reabilitação, e alguns, arrebatados de admiração por tão inesperado sucesso, chegavam a antepor Frei Gorenflot, pregador da primeira procissão, a Pedro o Eremita, pregador da primeira cruzada.

Infelizmente, ou felizmente para o autor de semelhante exaltação não entrava no plano dos chefes deixá-la ir por diante. Um dos três frades que tinham ficado calados falou ao ouvido do menino de coro, e a voz flauteada do rapazito ressoou logo pelas abóbadas, gritando por três vezes:

— Meus irmãos, são horas de nos retirarmos, está levantada a sessão.

Os frades ergueram-se com um sussurro geral, e depois de convencionarem uns com os outros que na próxima sessão haviam de pedir unanimemente que se efectuasse a procissão proposta pelo valente Gorenfloc, foram-se encaminhando vagarosamente para a porta.

Muitos deles tinham-se aproximado do púlpito para se congratularem com o irmão do peditório quando ele descesse daquela tribuna onde tanto havia brilhado. Mas Chicot, tendo reflectido que as pessoas que o ouvissem falar de perto poderiam conhecê-lo pela voz na qual sempre se percebia um tal ou qual acento da Gasconha que ele nunca tinha conseguido extirpar; e que, se o vissem de pé, poderia causar admiração a altura do seu corpo, que na linha vertical apresentava boas seis ou oito polegadas mais que a de Gorenflot, sendo certo que este, se bem que muito tivesse crescido no espírito do seu auditório, era somente no sentido moral e não no físico; Chicot, pois, pôs-se de joelhos, e parecia qual outro Samuel absorto numa conferência com o Todo-Poderoso.

Respeitaram portanto o seu êxtase, e todos se dirigiram para a porta com uma agitação que muito divertia Chicot, que os estava observando pelos buracos do capuz.

Contudo, o Fim para que Chicot ali viera tinha-Lhe falhado.

O motivo por que ele abandonara o rei Henrique III sem lhe pedir licença, era por ter visto o duque de Maiena. O motivo por que ele voltara para Paris, era por ter visto Nicolau David. Chicot, como já dissemos, tinha compreendido duas pessoas no seu voto de vingança; mas a sua posição social não era tal que o habilitasse a arrostar com um príncipe da casa de Lorena, ou, para o conseguir com impunidade, tinha de esperar muito tempo, e com muita paciência, que se apresentasse uma ocasião.

Porém, a respeito de Nicolau David, mudava o caso de figura; este era apenas um simples letrado normando, matreiro e astuto, que tinha sido soldado antes de ser letrado, e mestre de esgrima enquanto tinha sido soldado.

Mas Chicot, sem ser mestre de esgrima, tinha presunção de jogar bem a espada; a grande questão para ele era, pois, alcançar o seu inimigo, e logo que isto conseguisse, Chicot, como os cavalheiros da Antiguidade, entregava a vida à salvaguarda do seu direito e da sua espada.

Chicot, portanto, observava os frades todos à medida que iam saindo, para ver se lhe era possível conhecer por baixo daqueles hábitos e capuzes o corpo comprido e delgado de mestre Nicolau, quando percebeu de repente que os frades à saída, passavam por um exame igual ao que tinham sofrido à entrada, e que, puxando todos eles por uma senha que levavam nas algibeiras, só obtinham a autorização depois de o irmão porteiro a ter examinado. Chicot julgou primeiro que se tinha enganado e esteve um instante em dúvida; mas a sua dúvida em breve se converteu numa certeza que lhe alagou de suor frio as raízes dos cabelos.

Frei Gorenflot tinha-lhe dito qual era o sinal que servia para entrar, mas não se tinha lembrado de lhe dizer qual era a senha para sair.

# XIX

## COMO SUCEDEU QUE CHICOT, SENDO OBRIGADO A FICAR DENTRO DA IGREJA, VIU E OUVIU COISAS PERIGOSÍSSIMAS DE VER E OUVIR

Chicot desceu do púlpito a toda a pressa e tratou de se confundir com os últimos frades, a ver se lobrigava a senha que servia para a saída.

Alcançou, com efeito, um grupo que ia mais atrás, e, espreitando por cima dos ombros dos indivíduos de que ele se compunha, conseguiu ver que a senha para a saída era uma moeda talhada à feição duma estrela.

O nosso gascão trazia no bolso diferentes moedas, mas infelizmente nem uma única tinha aquele recortado particular, completamente desusado, por isso que a moeda assim inutilizada ficava excluída da circulação.

Chicot avaliou imediatamente todas as dificuldades da sua situação. Chegado que fosse à porta, e não podendo apresentar a sua moeda estrelada, estava imediatamente descoberta a fraude; e como provavelmente as investigações haviam de dar em resultado ser ele tratado como espião, visto que o cargo de bobo do rei que Chicot exercia lhe dava muitos privilégios no Louvre e nas demais residências reais, perdia muito do seu prestígio na Abadia de Santa Genoveva, e naquelas circunstâncias especialmente; tomou pois o gascão a deliberação de retroceder, e foi esconder-se à sombra duma coluna, encostada a um confessionário que estava junto à mesma coluna.

E depois, dizia Chicot consigo, se me descobrem, está perdida a

causa do toleirão do meu soberano, de quem não posso deixar de ser amigo, apesar das travessuras que Lhe faço e das insolências que Lhe digo. Não há dúvida alguma que o partido mais decoroso que eu podia tomar era voltar para a hospedaria da Cornucópia, a fim de restituir o hábito a Frei Gorenflot, que deixei despido; mas ninguém pode ser obrigado a Fazer coisas impossíveis.

E ao passo que ia dizendo isto a si próprio, isto é, ao interlocutor que mais dados tinha para avaliar o peso das suas reflexões, Chicot procurava ocultar-se entre o canto do confissãoário e as molduras do pilar.

Ouviu então um menino do coro, que gritava do adro:

— Já não está mais ninguém lá dentro? Vamos fechar as portas.

Ninguém respondeu. Chicot espreitou, e viu que efectivamente não havia pessoa alguma na capela, à excepção dos três frades, os quais se conservavam sentados em cadeiras que lhes tinham trazido para o meio do coro.

Bom, pensou Chicot, contanto que não fechem as janelas, o mais não me importa.

— Passemos revista à capela — disse o menino do coro para o irmão porteiro.

Cos demónios! disse Chicot, o tal fradinho sempre tem lembranças muito engraçadas! “

O irmão porteiro acendeu uma tocha, e, acompanhado do menino do coro, começou a revistar a igreja.

Não havia um instante a perder. O irmão porteiro havia necessariamente de passar a dis tância de quatro passos de Chicot, o qual não podia deixar de ser descoberto.

Chicot girou com destreza de roda do pilar, conservando-se na sombra à medida que a sombra também girava, e, abrindo o confissãoário, que estava fechado com uma tranqueta unicamente, encaixou-se para dentro, e puxou a porta para si depois de se ter sentado.

O irmão porteiro e o menino do coro passaram a quatro passos de onde ele estava, e através da grade esculpida Chicot viu reflectir-se no seu hábito a luz da tocha que levavam.

Ora bem! disse Chicot a si mesmo, o irmão porteiro, o menino do coro e os três Frades não hão-de ficar eternamente dentro da igreja; logo que eles saiam, passo a amontoar as cadeiras sobre os bancos e salto pela janela. Ah! sim.

pela janela, replicou Chicot respondendo a si próprio: porém, quando tiver saído pela janela, achar-me-ei no pátio, e o pátio não é a rua. Parece-me que o mais acertado será passar a noite no confessionário. O hábito de Gorenflot agasalha-me bem; sempre passarei aqui uma noite menos profana do que teria passado em qualquer outra parte, e ficar-me-á já isto por conta dos meus pecados para a minha salvação. “

— Apaga as lâmpadas — disse o menino de coro -, para que todos lá de fora vejam bem que está acabado o conciliábulo.

O porteiro, pegando num imenso apagador, afogou logo a luz das duas lâmpadas da nave, a qual ficou assim imersa numa escuridão que tinha o seu tanto de fúnebre.

Em seguida, apagou a lâmpada do coro.

A igreja Ficou sendo alumiada pelos pálidos raios do luar que a custo penetrava pelas vidraças de cores.

Depois de apagadas as luzes, cessou todo o ruído.

O relógio da torre deu meia-noite.

Safa! disse Chicot, Fechado numa igreja à meia-noite! Que medo não teria o meu filho Henriquinho se estivesse aqui no meu lugar. Ainda bem que eu não sou tímido. Vamos a isto, Chicot, meu amigo; estimarei que passes muito bem a noite!

Chicot, depois de ter dado as boas-noites a si próprio, encostou-se com a maior comodidade possível dentro do confessionário; correu o ferrolho que havia pela parte de dentro da porta, e fechou os olhos.



Havia dez minutos, pouco mais ou menos, que ele tinha cerrado as pálpebras e que os primeiros vapores do sono iam começando a invadir-lhe o espírito, quando o som duma lâmina de cobre ecoou pela igreja e foi-se perdendo gradualmente pelas suas profundidades.

Olé! disse Chicot abrindo os olhos e aplicando o ouvido, que quer isto dizer?

Ao mesmo tempo tornou-se a acender a lâmpada do coro porém com uma luz azulada, e o seu primeiro reflexo mostrou a Chicot os mesmos três frades, ainda sentados da mesma maneira, no mesmo sítio e sempre imóveis.

Chicot não deixou de sentir certo temor supersticioso: o gascão, apesar de muito valente, era homem da sua época, e a sua época era a das tradições fantásticas e das lendas terríveis.

Benzeu-se devagarinho, resmungando:

— Vade retro, Satanás!

Porém, como as luzes se não apagaram quando ele fez o sinal da redenção, o que não teria deixado de suceder se fossem clarões infernais, e como os três monges não desapareceram dos seus lugares apesar do vade retro, o gascão começou a acreditar que as luzes eram naturais e que os homens que ele via, se não eram frades na realidade, pelo menos era gente de carne e osso.

Chicot, entregue ainda àquela espécie de arrepio que sente o homem que acorda, combinado com o tremor que acomete o que tem medo, procurou então vencer de todo o sono.

Naquele momento, uma das lajes do coro levantou-se vagarosamente e ficou erguida sobre a estreita base. Apareceu um capuz cinzento saindo daquela abertura, e logo depois o corpo todo dum monge, que se firmou sobre o mármore, enquanto que a laje tornava a fechar-se devagarinho por detrás dele.

Chicot, quando isto viu, esqueceu-se da experiência que acabava de fazer e deixou de ter confiança no conjuro que ele julgava decisivo. Arrepiaram-se-lhe os cabelos e figurou-se-lhe que todos os Piores

abades e deões de Santa Genoveva, desde Oprat, falecido em 533, até Pedro Boudin, predecessor do superior actual, tinham ressuscitado dos seus túmulos, situados na capela subterrânea onde jaziam outrora as relíquias de Santa Genoveva, e se dispunham à imitação daquele frade, a levantarem as lajes do coro com os descarnados crânios.

Não esteve porém muito tempo nesta suposição.

— Irmão Monsoreau — disse um dos três frades do coro ao indivíduo que acabava de aparecer por um modo tão singular -, já chegou a pessoa que esperamos?

— Sim, meus Senhores — respondeu aquele a quem a pergunta era dirigida -, e está à espera.

— Vá abrir-lhe a porta, e diga-lhe que se aproxime.

Bem disse Chicot, a comédia, segundo me parece, tinha dois actos, e eu só tinha visto representar o primeiro. Dois actos! E má... distribuição.

E apesar de estar assim a gracejar consigo mesmo, nem por isso deixava Chicot de sentir ainda alguns arrepios, chegando-lhe até a parecer que no banco de pau em que estava sentado tinham nascido de repente milhares de bicos de alfinetes. Entretanto, o irmão Monsoreau, descendo por uma das escadas que davam serventia da nave para o coro, tinha vindo abrir a porta de bronze que deitava para a capela subterrânea colocada entre as duas escadas.

Ao mesmo tempo, o monge que estava no centro dos outros dois deitava o capuz para trás descobrindo assim a grande e honrosa cicatriz que lhe sulcava o rosto, e pela qual era conhecido dos Parisienses o homem que naquele tempo era o herói dos católicos, e que estava destinado a ser um dia seu mártir.

O grande Henrique de Guisa em pessoa! O mesmo que Sua Majestade muito toleirona julga entretido no cerco de La Charité, disse Chicot. Ah! Agora já vou percebendo. O que está à direita dele, e que deitou ainda agora a bênção aos circunstantes, é o cardeal de Lorena enquanto que o que está à esquerda, a falar com o fedelho do menino do coro, há-de ser o meu simpático amigo duque de Maiena; mas onde

está, no meio de tudo isto, mestre Nicolau David?

E, com efeito, os dois monges da direita e da esquerda, como para darem imediatamente a razão às suposições de Chicot, tinham deitado os capuzes para trás, deixando ver a cabeça inteligente, a testa elevada e o olhar penetrante do famoso cardeal, e a muito vulgar carantonha do duque de Maiena.

Ah! Bem te conheço, disse Chicot, trindade pouco santa, mas muito visível.

Vejamos agora o que fazem, todo eu sou olhos. Vejamos o que dizem, todo eu sou ouvidos. “

Naquele mesmo instante o Sr. de Monsoreau tinha chegado à porta da capela subterrânea e estava-a abrindo precipitadamente.

— Julgavas que ele viria? — perguntou o Acutilado' a seu irmão o cardeal.

— Não somente julgava, mas tinha até tanta certeza que ele havia de vir — respondeu ' Acutilado, alcunha do duque de Guisa. este -, que trago aqui debaixo do hábito os objectos necessários para substituir a Santa Âmbula.

E Chicot, cujo esconderijo ficava tão próximo à trindade, como ele Lhe chamava, que podia com facilidade ver e ouvir tudo, divisou ao reflexo baço da lâmpada do coro o brilho duma caixinha de prata dourada com labores em relevo.

Toma! disse Chicot, parece que vão sagrar alguém. E eu que sempre tive tanto desejo de ver uma sagração. eis chegado o momento de satisfazer a minha curiosidade!

Durante este tempo, uns vinte frades, com as cabeças envolvidas em imensos capuzes, iam saindo pela porta da capela subterrânea e tomando lugar na nave.

Um único, guiado pelo Sr. de Monsoreau, subiu a escada do coro e foi colocar-se à direita do Sr. de Guisa numa das cadeiras, ou, para melhor dizer, de pé sobre o degrau da cadeira.

O menino do coro, que também tornara a aparecer, foi com todo o respeito receber as ordens do frade da direita, e sumiu-se.

O duque de Guisa correu os olhos pela assembleia, muito menos numerosa que a primeira (de onde se podia inferir que era provavelmente uma reunião de pessoas escolhidas), e, tendo-se certificado de que toda aquela gente não só estava ouvindo, mas até estava esperando com impaciência que ele falasse:

— Amigos — disse ele -, o tempo é precioso, por isso me abstenho de preâmbulos.

Ouviram ainda há pouco — presumo que estavam presentes à primeira reunião -, ouviram ainda há pouco, digo, no relatório de alguns dos membros da Liga Católica, as queixas dos indivíduos pertencentes à associação, que acusam de frouxo, e mesmo de mal-intencionado, um dos principais de entre nós. — O príncipe que mais próximo se acha do trono. Chegou o momento de fazermos justiça a esse príncipe e de Lhe mostrarmos o nosso respeito. Vão ouvi-lo os senhores mesmos, e então julgarão, os senhores, que têm a peito preencher o fim principal da Santa Liga, se os vossos chefes merecem as acusações de frouxidão e de inércia que lhes fez um dos irmãos da Santa Liga, o monge Gorenflot, a quem não julgamos conveniente admitir em nossos segredos.

Chicot, quando ouviu no seu confessionário o nome de Gorenflot proferido pelo duque de Guisa com uma intonação que dava bem a conhecer a pouca conta em que tinha o belicoso frade, não pôde resistir a um acesso de hilaridade, a qual, se bem que muda, não deixava por isso de ser intempestiva em atenção à elevada categoria das pessoas que lhe davam assunto.

— Meus irmãos: o príncipe de quem nos tinham prometido o adjutório, o príncipe de quem nós apenas nos atrevíamos a esperar, não direi a presença, mas o simples consentimento esse príncipe, meus irmãos, aqui o têm.

Todos volveram os olhos com curiosidade para o frade colocado à direita dos príncipes lorenos, e que ainda se conservava de pé sobre o

degrau da cadeira.

— Meu Senhor — disse o duque de Guisa dirigindo-se ao indivíduo em quem naquela ocasião se concentrava a atenção de todos -, parece-me que está bem manifesta a vontade de Deus, pois se consente que Vossa Alteza se una a nós, é porque o que fazemos é bem feito. Agora, pedirei a Vossa Alteza que se sirva deitar para trás o seu capuz, a fim de que os seus fiéis partidários vejam por seus próprios olhos que Vossa Alteza cumpriu a promessa que Lhes fizemos em seu nome, e que lhes parecia tão lisonjeira que nem se atreviam a acreditar nela.

A misteriosa personagem a quem Henrique de Guisa acabava de se dirigir, levou a mão ao capuz e deitou-o para cima dos ombros; e Chicot, que estava à espera de achar debaixo daquele hábito algum outro príncipe loreno de quem ainda não tivesse ouvido falar, viu, com grande pasmo, aparecer a cabeça do duque de Anju, com um rosto tão pálido que à luz daquela lâmpada sepulcral parecia o duma estátua de mármore.

Oh! oh! disse Chicot, o nosso mano de Anju! Visto isso, ainda não está farto de fazer pontaria ao trono com as cabeças dos mais.

— Viva Sua Alteza o Senhor Duque de Anju! — gritaram todos os circunstantes.

O duque tornou-se ainda mais pálido do que estava.

— Não tenha receio, meu Senhor — disse Henrique de Guisa -, esta capela é surda, e as portas estão bem Fechadas.

Medida muito acertada, não há dúvida disse consigo Chicot.

— Meus irmãos — disse o conde de Monsoreau -, Sua Alteza pretende dirigir algumas palavras à assembleia.

— Sim, sim, que fale — exclamaram todos à uma -, estamos ouvindo! Os três príncipes lorenos voltaram-se para o duque de Anju, e inclinaram as cabeças.

O duque encostou-se aos braços da sua cadeira; parecia próximo a cair.

— Meus Senhores — disse ele com voz tão surda e tão trémula, que mal se ouviram as primeiras palavras que proferiu -, creio que Deus, que às vezes nos parece invisível e surdo às coisas deste mundo, conserva, pelo contrário, o Seu olhar penetrante constantemente fito em nós, e que, se na aparência ostenta mudez e indiferença, é para remediar um dia, por meio de algum acontecimento estrondoso, as desordens a que dão causa as loucas ambições dos homens.

Este princípio do discurso do duque era, como o seu carácter, sofrivelmente tenebroso; por isso todos ficaram esperando que algum raio de luz viesse esclarecer os pensamentos de Sua Alteza, para os desaprovarem ou aplaudirem.

O duque prosseguiu com voz um tanto mais Firme:

— Eu também lancei os olhos para o mundo, e, não podendo com o meu fraco olhar abranger toda a sua superfície, detive a minha vista sobre a França. Que vi eu então por todo o reino? A religião santa de Cristo abalada em seus augustos fundamentos, e os verdadeiros servos de Deus dispersos e proscritos. Então sondei a profundidade do abismo aberto há vinte anos a esta parte pelas heresias que minam nas crenças com o pretexto de se elevarem mais seguramente até Deus, e a minha alma, como a do profeta, ficou inundada de dor.

Um sussurro de aprovação correu por toda a assembleia.

O duque acabava de manifestar a sua simpatia pelos sofrimentos da Igreja; e isto era já quase uma declaração de guerra a todos os autores de semelhantes sofrimentos.

— Quando me achava entregue a esta aflição profunda — continuou o príncipe -, chegou-me aos ouvidos a notícia de que vários cavalheiros da nobreza, piedosos e aferrados aos usos dos nossos maiores, procuravam consolidar o altar abalado. Olhei em redor de mim, e pareceu-me que já estava presenciando o juízo derradeiro, e que Deus tinha separado em dois grupos os réprobos e os eleitos.

Para uma parte estavam aqueles, e deles fugi com horror; da outra estavam os eleitos, e vim logo lançar-me em seus braços. Meus irmãos, aqui me têm.

Amén! ” disse Chicot baixinho. Era escusada semelhante cautela.

Chicot podia ter falado em voz alta que ninguém o teria ouvido, por certo, no meio dos aplausos e bravos que retumbaram pelas abóbadas da capela.

Os três príncipes lorenos deram tempo a que se acalmassem aqueles transportes de admiração que eles mesmos tinham excitado, e logo o cardeal, que era o que ficava mais próximo do príncipe, dando um passo para ele, disse-Lhe:

— Entrou para o nosso grémio por sua livre vontade, príncipe?

— Por minha livre vontade, Senhor.

— Quem lhe deu conhecimento deste santo mistério?

— Um amigo meu, homem zeloso pela religião, o Senhor Conde de Monsoreau.

— Agora — disse o duque de Guisa tomando a palavra -, que Vossa Alteza pertence à nossa associação, pedimos-lhe que tenha a bondade de nos dizer o que tenciona fazer em prol da Santa Liga.

— Tenciono servir a religião católica, apostólica e romana em todas as suas exigências respondeu o neófito.

Declaro por minha alma, disse Chicot, que me parece uma asneira muito grande esconder-se a gente para dizer semelhante coisa. Porque não propõem eles isso abertamente a el-rei? É o único meio de fazer com que o nobre príncipe tenha fillhos. Estou com meus desejos de sair deste confessionário e de me apresentar também; pois o meu querido duque de Anju comoveu-me deveras!. Prossegue, anda, digno irmão de Sua Majestade, prossegue meu nobre tolo. “

E o duque de Anju, como para obedecer à incitação, prosseguiu, com efeito:

— Contudo — disse ele -, o interesse da Religião não é o único fim que devem ter em vista homens cavalheiros como nós. No meu entender, ainda há outro motivo mais poderoso que nos deve obrigar a sair a campo.

Deveras? disse Chicot, eu também sou cavalheiro, por consequência tenho tanto interesse em sabê-lo como os mais; fala, Anju, fala.

— Meu Senhor, estamos escutando Vossa Alteza com a maior atenção — disse o cardeal de Guisa.

— E a esperança faz palpitar nossos corações ao escutarmos Vossa Alteza — disse o Sr. de Maiena.

— Explicar-me-ei, pois — disse o duque de Anju, sondando com olhar inquieto as profundidades tenebrosas da capela, como para ter a certeza de que as suas palavras só chegariam a ouvidos dignos da sua confiança.

O Sr. de Monsoreau percebeu a hesitação do príncipe, e tranquilizou-o com um sorriso e um olhar muito significativo.

— Ora bem: todo o cavalheiro, depois de pensar no que deve a Deus — prosseguiu o duque de Anju, abaixando involuntariamente a voz -, pensa no que deve ao seu.

Que novidade!. Ao seu rei! pensou Chicot; isso é sabido.

país — continuou o duque de Anju -, e trata de examinar se o seu país goza na realidade de toda a honra e de todo o bem-estar que lhe estavam destinados por sorte; porque todo o bom cavalheiro deve a sua existência a Deus, em primeiro lugar, e depois ao país de que é filho.

A assembleia aplaudiu com furor.

Esta é nova. disse Chicot; e então o rei, onde Fica. Visto isso há ninguém se lembra do pobre monarca?. E eu que julgava que ainda se costumava dizer, conforme está escrito na pirâmide de Juvisy: Por Deus, pela honra, e pelas damas”

— Pergunto, pois — prosseguiu o duque de Anju com as maçãs do rosto animadas por uma espécie de vermelhidão febril -; pergunto, pois, se a minha pátria goza da paz e da ventura de que é merecedora esta terra tão agradável e tão bela chamada França, e vejo com mágoa que não se dá esse caso. E, com efeito, meus irmãos, o Estado acha-se



dilacerado por vontades e gostos difenrites, todos eles igualmente poderosos, graças à fraqueza duma vontade superior, a qual, esquecendo que deve dominar tudo para o bem dos seus súbditos, somente se lembra deste princípio régio quando lhe dá na fantasia, e sempre tão fora de propósito, que os seus actos de energia só têm lugar para fazer mal, e sem dúvida alguma só ao fatal destino da França, ou à cegueira do seu chefe, tal desgraça deve ser atribuída. Mas, se bem que ignoremos a verdadeira origem deste mal e que só possamos formar vagas conjecturas, a desgraça nem por isso tem menos realidade, e eu atribuo-a, ou aos crimes cometidos pela França contra a Religião, ou às infidelidades cometidas por certos amigos fingidos do rei ainda mais do que pelo próprio rei. Em qualquer destes casos, Senhores, cumpria-me, como servidor do altar e do trono, reunir-me aos que buscam por todos os meios a extinção da heresia e a ruína dos conselheiros pérfidos. Eis aqui, Senhores, o que tenciono fazer em prol da Liga, associando-me convosco.

Oh! oh! murmurou Chicot com os olhos espantados de admiração, lá deixou ver uma ponta da orelha, e não é uma orelha de burro, como julguei a princípio, mas sim de raposa.

Este exórdio do duque de Anju, que pareceu talvez algum tanto extenso aos nossos leitores, a quem três séculos separam da política daquela época, tinha causado tal impressão nos ouvintes, que a maior parte deles se havia aproximado do príncipe para não perder uma única sílaba daquele discurso proferido com uma voz que se ia tornando ininteligível à medida que o sentido das palavras se tornava mais claro.

O espectáculo estava sendo curioso. Os circunstantes, em número de vinte e cinco ou trinta tinham abaixado os capuzes, deixando ver rostos nobres, ousados e inteligentes; e, animados pela curiosidade, apinhavam-se por baixo da única lâmpada que então alumia a cena.

As sombras imensas que eles projectavam espalhavam-se por todo o resto do edifício, que parecia, por assim dizer, estranho ao drama que se estava representando naquele único ponto.

No centro do grupo divisava-se o pálido rosto do duque de Anju,

com os olhos encobertos pelos ossos frontais, e fazendo lembrar, quando abria a boca, o riso sinistro duma caveira.

— Meu Senhor — disse o duque de Guisa -, agradecendo a Vossa Alteza as palavras que acaba de proferir, cumpre-me advertir-lhe que está cercado de homens dedicados, não somente aos princípios que acaba de professar, como também à pessoa de Vossa Alteza Real e espero que, antes de finda a sessão, Vossa Alteza se convencerá da veracidade do que assevero.

O duque de Anju inclinou-se, e, quando tornou a erguer a cabeça, correu os olhos com desconfiança pela assembleia.

Oh! oh! murmurou Chicot, se me não engano, tudo isto que até agora tenho presenciado não passa dum preâmbulo, e esta gente está aqui para algum negócio mais importante do que todas estas frioleiras que tem dito e feito até agora.

— Meu Senhor — disse o cardeal, a quem não tinha escapado o olhar do príncipe -, se porventura Vossa Alteza ainda conserva algum receio, estou certo de que bastará dizer-lhe os nomes das pessoas que aqui estão presentes para que se tranquilize. Eis aqui o Senhor Governador de Aunis, o Sr. de Entragues Júnior, os Srs. de Ribeirac e de Livarot, jovens cavalheiros que Vossa Alteza conhece talvez e que têm tanto de valentes como de leais. Aqui está também o Senhor Vidama de Castillon, o Senhor Barão de Lusignan, os Srs. de Crucé e Leclerc; todos eles apreciam como devem a prudência e sabedoria de Vossa Alteza Real, e dar-se-ão por muito ditosos se puderem empreender debaixo de seus auspícios a emancipação do trono e da Santa Religião. Receberemos pois com gratidão as ordens que Vossa Alteza nos quiser dar.

O duque de Anju não pôde disfarçar um movimento de orgulho.

Os Guisas, tão soberbos e que a ninguém se dobravam, falavam em obedecer!

O duque de Maiena continuou:

— Vossa Alteza, pelo seu nascimento e pela sua sabedoria, é o chefe natural da Santa União a quem compete indicar-nos o

procedimento que devemos ter para com os amigos fingidos de el-rei, de quem há pouco se falou.

— O remédio para os males que lamentamos é muito simples — respondeu o príncipe com aquela espécie de exaltação febril que substitui o valor nos homens tímidos -; quando alguma planta parasítica e venenosa cresce no meio do campo fértil, é preciso arrancá-la imediatamente pelas raízes. El-rei está cercado não de amigos, mas de cortesãos que o estão perdendo e excitando um escândalo perpétuo na França e em toda a cristandade.

— É verdade — disse o duque de Guisa com voz sombria.

— E demais, esses cortesãos a que aludiu — replicou o cardeal — obstam a que nós, verdadeiros amigos de Sua Majestade, possamos aproximar-nos dele, como nos compete pelos nossos cargos e nascimento.

— Deixemos, pois — disse arrebatadamente o duque de Maiena -, aos partidários vulgares, aos homens da primeira Liga, o cuidado de servirem a Deus. Servindo a Deus, servem os que lhes falam em Deus. Nós, que aqui estamos, tratemos dos negócios. Há uns poucos de homens que nos incomodam; mofam de nós, insultam-nos, faltam continuamente ao respeito que é devido ao príncipe que mais veneramos e que é nosso chefe.

Aqui tornou-se escarlata a testa do duque de Anju.

— Aniquilemos, pois — prosseguiu o duque de Maiena -, essa raça maldita, que el-rei enriquece com os fragmentos das nossas fortunas; e basta para isso que se comprometa cada um de nós a tirar a vida a um deles. Estamos aqui trinta homens, contemo-los.

— Disse muito bem — respondeu o duque de Anjo -, e o Sr. de Maiena já fez o seu dever.

— O que já está feito não entra em linha de conta — respondeu o duque.

— Contudo, é preciso que nos deixe alguns para nós, meu Senhor — disse d'Entragues — ; eu encarrego-me de Quélus.

— Eu, de Maugiron — disse Livarot.

— E eu, de Schomberg — disse Ribeirac.

— Bem, bem — disse o duque -; e ainda nos resta Bussy, o meu valente Bussy que também há-de tomar conta de alguns.

— E nós! E nós! — bradaram os demais membros da Liga.

O Sr. de Monsoreau adiantou-se:

Ah!. ah! disse Chicot, o qual já não ria, depois que tinha visto o caminho que iam tomando as coisas.

Aí vem o monteiro-mor pedir um osso também. “

Chicot enganava-se.

— Senhores — disse ele levantando a mão -, peço um instante de silêncio. Todos quantos aqui estamos somos homens de resolução e, contudo, temos receio de falar com franqueza uns aos outros. Somos homens inteligentes, e detém-nos um vão escrúpulo. Vamos, Senhores um pouco de ânimo, um pouco de franqueza!

Não se trata aqui dos favoritos do rei Henrique, não se trata da dificuldade que encontramos quando queremos chegar à sua presença.

Vamos lá! disse Chicot, esbugalhando os olhos dentro do seu confessionário e aplicando o ouvido para não perder uma palavra do que se dizia, vamos lá!

Anda depressa, que estou à espera.

— A nossa questão, agora, meus Senhores — replicou o conde -, é vencermos a dificuldade que nos faz recuar. Esta realeza que temos não pode ser aceite pela nobreza de França: é uma reunião de ladainhas, de despotismos e de orgias; muita prodigalidade para funções que fazem rir de dó toda a Europa, e excessiva parcimónia para tudo quanto diz respeito à guerra e às artes. Não é ignorância, não é fraqueza; uma semelhante conduta, meus Senhores, é demência.

Seguiu-se um silêncio fúnebre às palavras do monteiro-mor. A impressão que elas haviam causado era tanto maior quanto cada um dos indivíduos presentes pensava no seu particular o mesmo que ele

acabava de dizer em voz alta, de forma que cada um deles estremeceu, como se estivesse ouvindo o eco das próprias palavras.

O Sr. de Monsoreau, que muito bem conheceu que aquele silêncio era motivado por um excesso de aprovação, prosseguiu:

— E devemos continuar a ser regidos por um rei louco, inerte e ocioso, no momento em que a Espanha vai acendendo as fogueiras, em que a Alemanha vai acordando os antigos heresiarcas que dormem à sombra dos claustros, e quando a Inglaterra, com a sua política inflexível, vai decepando as cabeças e as ideias? Todas as nações vão empreendendo algum trabalho glorioso. Nós, meus Senhores, estamos dormindo, perdoem-me se Lhes digo isto na presença dum grande príncipe, que há-de censurar talvez a minha temeridade, por isso que me refiro a uma pessoa da sua família; meus Senhores, há quatro anos a esta parte já não é um rei que nos governa, mas um frade.

A estas palavras, a explosão habilmente preparada e ainda mais habilmente reprimida havia uma hora pela circunspecção dos chefes, rebentou com tanta violência, que ninguém diria que aqueles energúmenos eram os mesmos calculadores prudentes e frios da cena precedente.

— Fora o Valois! — gritavam eles. — Fora Frei Henrique! Tomemos para chefe um príncipe cavaleiro um rei guerreiro, um tirano, se for preciso, mas nada de frades!

— Meus Senhores — disse o duque de Anju com hipocrisia — suplico-Lhes que perdoem a meu irmão, que está enganado, ou, para melhor dizer, que se deixa enganar.

Ainda espero meus Senhores, que as nossas prudentes admoestações, que a intervenção eficaz do poder da Liga, o farão voltar ao bom caminho.

Silva, serpente! disse Chicot, anda, silva! “

— Meu Senhor — disse o duque de Guisa — Vossa Alteza ouviu a expressão sincera do pensamento desta associação. Não se trata aqui de formar uma liga contra o Bearnês, espantinho dos tolos; não se trata duma liga para sustentar a Igreja, a qual muito bem se pode sustentar

sem que nós a ajudemos; trata-se, meu Senhor, de tirar a nobreza da França da posição abjecta em que se vê colocada. O respeito que por Vossa Alteza professamos deteve-nos até ao presente, e o amor que Lhe conhecemos pela sua família nos obrigou a dissimular. Porém já não era possível demorarmos por mais tempo a execução do nosso plano. Agora fica Vossa Alteza sabendo tudo, e em seguida vai assistir à verdadeira sessão da Liga, sendo isto que acaba de se passar apenas um preâmbulo.

— Que pretende dizer, Senhor Duque? — perguntou o príncipe, o coração ao mesmo tempo de receio e de ambição.

— Meu Senhor, nós estamos aqui reunidos — prosseguiu o duque de Guisa -, como muito judiciosamente observou o senhor monteiromor, não para discutir questões já safadas da teoria, mas para proceder com eficácia. Escolhemos hoje um chefe capaz de dar honra e proveito à nobreza de França; e como era uso entre os antigos Francos, quando escolhiam o chefe, dar-lhe um presente digno dele, vamos oferecer como presente ao chefe da nossa escolha...

Todos os corações palpitavam, mas não tanto como o do duque.

Entretanto conservou-se mudo e imóvel, e só na palidez do rosto dava mostras da comoção que sentira.

— Meus Senhores — continuou o duque de Guisa, tirando da cadeira que Lhe ficava atrás um objecto bastante pesado que levantou ao ar -, meus Senhores: eis aqui o presente que, em nome de todos, eu deposito aos pés do príncipe.

Uma coroa? — exclamou o duque, podendo apenas conservar o equilíbrio. — Uma coroa para mim, Senhores?

— Viva Francisco Iii! — bradou com um clamor que fez tremer as abóbadas o bando compacto dos cavaleiros arrancando das espadas.

— Eu? Eu? — balbuciava o duque, tremendo ao mesmo tempo de alegria e de terror.

— Eu? Isso é impossível! Meu irmão ainda está vivo, meu irmão é o ungido do Senhor.

— Depomo-lo — disse o duque de Guisa -, enquanto Deus não sanciona, tirando-lhe a vida, a eleição que acabámos de fazer; ou por outra: enquanto algum de seus súbditos cansado deste reinado sem glória, não antecipa pelo veneno ou pelo punhal a justiça de Deus!

— Meu Senhor — atalhou então o cardeal -, eis a nossa resposta ao nobre escrúpulo que Vossa Alteza acaba de exprimir; Henrique III era o ungido do Senhor, mas nós depusemo-lo; deixou de ser o eleito de Deus, e vai sê-lo Vossa Alteza.

Este templo onde estamos é tão venerável como o de Reims, porque jazeram aqui as relíquias de Santa Genoveva, padroeira de Paris; aqui foi enterrado o corpo de Clodoveu, nosso primeiro rei cristão; pois bem, meu senhor, neste templo santo, à face da estátua do verdadeiro fundador da monarquia francesa, eu, príncipe da Igreja, e que ainda um dia posso vir a ser seu chefe, digo-Lhe que está aqui, para substituir o santo crisma, um óleo bento que nos foi enviado pelo papa Gregório XIII.

Queira Vossa Alteza nomear o seu futuro arcebispo de Reims e o seu condestável, e dentro de um instante será Vossa Alteza sagrado como nosso rei; e seu irmão Henrique, se não Lhe entregar o trono, ficará considerado como um usurpador. Ó Menino, acenda as tochas do altar.

No mesmo instante, o menino do coro, que estava evidentemente à espera daquela ordem saiu da sacristia com uma luz na mão, e num momento cinquenta tochas brilhavam sobre o altar e no coro.

Viu-se então sobre o altar uma mitra em que resplandeciam pedras preciosas, e uma comprida espada adornada de flores-de-lis.

Era a mitra arquiépiscopal e a espada do condestável.

Ao mesmo tempo, do meio das trevas que a iluminação do coro não tinha podido desvanecer, ressoou o órgão e ouviu-se o Veni Creator.

Esta espécie de peripécia preparada pelos três príncipes lorenos, e que o próprio duque de Anju estava longe de esperar, causou profunda impressão em todos quantos estavam presentes.

Os valentes ficaram ainda mais exaltados, e os fracos mesmo sentiram-se fortes.

O duque de Anju ergueu a cabeça, e, com mais firmeza do que dele se poderia esperar, foi direito ao altar, pegou com a mão esquerda na mitra, e com a direita na espada, e voltando para onde estavam o duque e o cardeal, que já de antemão esperavam por aquela honra, pôs a mitra sobre a cabeça do cardeal e afivelou a espada à cinta do duque.

Foi logo unanimemente aplaudida aquela acção decisiva, tanto mais inesperada, quanto todos conheciam o carácter irresoluto do príncipe.

— Meus Senhores — disse o duque de Anju para os circunstantes -, dêem os vossos nomes ao Senhor Duque de Maiena, grão-mestre das Ordens militares de França; no dia em que eu for rei, fá-los-ei a todos cavaleiros.

Redobraram os aplausos, e os circunstantes vieram todos, uns após outros, dar os nomes ao Sr. de Maiena.

Cos demónios! disse Chicot, que bela ocasião para eu pedir uma comenda. Nunca mais se me torna a apresentar outra igual por certo; que pena não poder aproveitá-la!

— Agora, para o altar, meu Senhor — disse o cardeal de Guisa.

— Sr. de Monsoreau, coronel das minhas guardas; Srs. de Ribeirac e d'Entragues, capitães, Sr. de Livarot, tenente do mesmo corpo: venham ocupar no coro os lugares que Lha competem em virtude dos cargos para que os nomeio.

Cada um dos indivíduos que acabavam de ser designados foi tomar o lugar que segundo a etiqueta lhes teria pertencido numa verdadeira cerimónia de sagração.

— Meus Senhores — disse o duque de Anju virando-se para o resto da assembleia - cada um dos senhores me dirigirá um requerimento, e eu farei com que todos Fiquem contentes.



Durante este tempo, o cardeal tinha ido para trás do tabernáculo vestir os ornatos pontificais. Não tardou em tornar a aparecer com a santa âmbula, que depositou sobre o altar.

Fez então um sinal ao menino do coro, o qual trouxe o livro dos Evangelhos e a cruz. O cardeal pegou em ambas as coisas, pôs a cruz sobre o livro dos Evangelhos, e ofereceu-o ao duque de Anju, que Lhe pôs a mão em cima.

— Na presença de Deus — disse o príncipe -, prometo ao meu povo que hei-de manter e honrar a nossa santa religião, como cumpre ao Rei Cristianíssimo e filho mais velho da Igreja. E assim me ajude Deus e os seus Santos Evangelhos!

— Amén! — responderam à uma todos os circunstantes.

— Amén! — replicou uma espécie de eco que parecia sair das profundidades da igreja. O duque de Guisa, que desempenhava, como já dissemos, as funções de condestável, subiu os três degraus do altar, e depositou em frente do tabernáculo a espada, que o cardeal benzeu.

O cardeal então desembainhou-a, e, pegando-Lhe pela folha, apresentou-a ao rei, que Lhe pegou pelo punho.

— Senhor — disse ele -, tome esta espada que lhe entrego com a bênção de Deus, a fim de que por meio dela e pela força do Espírito Santo, possa resistir a todos os seus inimigos, proteger e defender a Santa Religião e o reino que lhe é confiado. Tome esta espada, e, auxiliado por ela, exercerá a justiça, protegerá as viúvas e os órfãos, e emendará os abusos; finalmente, praticando todas as virtudes que o hão-de cobrir de glória, procure tornar-se digno de reinar com aquele de quem é a verdadeira imagem sobre a Terra, e que reina com o Pai e com o Espírito Santo por todos os séculos dos séculos.

O príncipe abaixou a espada de maneira a tocar no chão com a ponta, e, depois de a ter oferecido a Deus, restituiu-a ao duque de Guisa.

O menino do coro trouxe uma almofada, que pôs no chão defronte do duque de Anju, e este ajoelhou.

O cardeal, em seguida, abriu a caixinha de prata dourada, e com a ponta duma agulha de ouro tirou uma parcela de óleo santo e estendeu-a sobre a patena.

Pegando depois na patena com a mão esquerda, disse duas orações.

Acabadas as rezas, pegou no santo crisma com o dedo polegar e traçou uma cruz no alto da cabeça do duque, dizendo:

— Ungo te in regem de oleo sanctificato, in nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti. O menino do coro limpou logo a unção com um lenço bordado de ouro.

O cardeal, então, pegou na coroa com ambas as mãos e levou-a à altura da cabeça do príncipe, mas sem lha pôr. O duque de Guisa e o duque de Maiena aproximaram-se imediatamente, e sustentaram a coroa, um de cada lado. E o cardeal, segurando-a com a mão esquerda, unicamente disse, deitando a bênção ao príncipe com a direita:

— Deus coroa-te com a coroa da glória e da justiça.

Logo, pondo-a sobre a cabeça do príncipe:

— Recebe esta coroa — disse ele — em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

O duque de Anju, enfiado e a tremer, assim que sentiu a coroa sobre a cabeça, agarrou-a instintivamente com a mão.

A campainha do menino do coro retiniu então, e obrigou todos os circunstantes a curvarem as cabeças. Porém não tardou que as tornassem a erguer, brandindo as espadas e gritando:

— Viva el-rei Francisco III!

— Senhor — disse o cardeal para o duque de Anju -, é desde hoje rei da França; porque foi sagrado pelo próprio papa Gregório XIII, de quem eu sou representante.

Com a breca! disse Chicot, sempre é forte desgraça não padecer eu de escrófulas!

— Meus Senhores — disse o duque de Anju erguendo-se com

altivez e majestade

— nunca olvidarei os nomes dos trinta cavaleiros que foram os primeiros que me julgaram digno

de ser seu rei; e agora adeus meus Senhores Deus os tenha em sua santa guarda!

O cardeal inclinou-se, bem como o duque de Guisa; porém Chicot, que os estava vendo de lado, percebeu que enquanto o duque de Maiena ia acompanhar o novo rei, os dois príncipes lorenos olhavam um para o outro sorrindo-se com ironia.

Ufa! disse o gascão, que quer isto dizer? e de que serve o jogo, se todos trapaceiam?...

O duque de Anju, entretanto, tinha chegado à escada da capela subterrânea, e em breve desapareceu, assim como todos os circunstantes, que tomaram o mesmo caminho uns depois dos outros; ficando na igreja unicamente os três irmãos, que voltaram para a sacristia, enquanto o irmão porteiro apagava as luzes do altar.

O menino do coro tornou a fechar a porta da capela subterrânea depois de todos saírem e a igreja ficou alumada por aquela lâmpada, única que se não apagava, e que parecia um símbolo desconhecido do vulgo, noticiando aos eleitos alguma iniciação misteriosa.

Uma antiga tradição popular atribuía aos reis de França o dom de curarem os escrofulosos, tocando-lhes com o dedo quando acabavam de ser sagrados.

## XX

### COMO SUCEDEU QUE CHICOT, JULGANDO OUVIR UM CURSO DE HISTÓRIA, OUVIU UM CURSO DE GENEALOGIA

Chicot pôs-se de pé dentro do confessionário para desentorpecer as pernas.

Estava persuadido de que aquela sessão era a última; e como já eram quase duas horas da madrugada, queria tratar de fazer as suas disposições para ali passar o resto da noite.

Viu, porém, com grande admiração, que os três príncipes lorenos, depois de terem ouvido ranger a chave da porta da ermida duas vezes na fechadura, saíam da sacristia; com a única diferença que dessa vez tinham largado os hábitos e vinham com os seus fatos usuais.

Ao mesmo tempo que eles apareciam, o menino do coro deu uma tão estrepitosa gargaLhada, que o contágio chegou a Chicot, o qual começou a rir também, sem saber de quê.

O duque de Maiena aproximou-se da escada com vivacidade.

— Tome sentido com o seu riso, mana! — disse ele. — Ainda não vão longe, e podem ouvi-la.

Mana? disse Chicot passando de surpresa para surpresa, então o menino do coro é uma mulher? “

E, com efeito, o noviço deitou o capuz para trás, e descobriu assim uma cabeça de mulher, mais espirituosa e mais encantadora do que nenhuma das que Leonardo da Vinci pintou nas suas telas.

Eram uns olhos pretos, brilhantes de malícia, e que quando

dilatavam as meninas, alargavam o seu disco de ébano e tomavam uma expressão quase terrível à força de séria.

Tinha uma boquinha vermelha e fina, um nariz rigorosamente correcto; e, finalmente, uma barbinha redonda, rematando o oval perfeito dum rosto algum tanto pálido, no qual sobressaíam, como dois arcos de azeviche, as bem traçadas sobranceiras.

Era a Sr. de Montpensier, irmã dos Srs. de Guisa, perigosa sereia, que disfarçava com habilidade, debaixo do hábito grosso de menino do coro, a imperfeição que tanto lhe notavam dum ombro mais elevado do que o outro, e a curva pouco elegante da perna direita, que a obrigava a coxear levemente.

Graças a estas imperfeições, a alma dum demónio tinha vindo habitar naquele corpo, a quem Deus havia dado uma cabeça de anjo.

Chicot conheceu-a por tê-la visto mais de vinte vezes por ocasião dela ir cumprimentar a rainha Luísa de Vaudemont, sua prima, e logo desconfiou que aquela reunião dos três irmãos com a irmã, depois de todos se terem retirado; encobria algum mistério.

— Ah, mano cardeal — disse a duquesa com um espasmo de hilaridade -, que santo homem que é, e que bem que fala em Deus! Digo-lhe, na verdade, que cheguei a assustar-me, pois julguei que tomava o caso a sério. E ele a deixar-se engodar e coroar!. Oh! como estava feio com aquela coroa na cabeça!

— Não importa — disse o duque -, conseguimos o que queríamos, e agora não poderá Francisco desdizer-se; o Monsoreau, provavelmente para algum fim oculto que Lhe diz respeito, levou as coisas tão longe, que podemos agora ter a certeza que não nos há-de abandonar a meio caminho do cadafalso, como fez com La Mole e Cocunás.

— Oh! oh! — disse Maiena — não é fácil empresa obrigar príncipes da nossa raça a tomarem esse caminho, e sempre a distância há-de ser menor do Louvre à Abadia de Santa Genoveva, do que dos Paços do Concelho à Praça das Execuções.

Chicot percebeu que tinham caçado com o duque de Anju, e como

detestava aquele príncipe, teve fortes tentações de ir agradecer aos Guisas a peça que lhe tinham pregado, abraçando-os a todos, à excepção de Maiena, ainda que fosse preciso duplicar a dose à Sr. a de Montpensier.

— Tratem os nossos negócios, meus Senhores — disse o cardeal. — Está tudo bem fechado, não está?

— Oh, posso afirmar-Lhe que sim — respondeu a duquesa -; mas se quer, tornarei a ir ver.

— Nada — disse o duque -, que o meu querido menino do coro deve estar por força cansado.

— Creia que não estou; diverti-me imenso.

— Maiena, não me disse há pouco que ele está aqui? — perguntou o duque.

— Disse.

— Mas eu não o vi...

— Creio bem; se ele está escondido!...

— Onde?

— Num confessionário.

Estas palavras soaram aos ouvidos de Chicot como as cem mil trombetas do Apocalipse:

Quem é que está num confessionário! perguntou ele a si mesmo, dando um pulo dentro do seu esconderijo; cos demónios! Não sei que esteja aqui ninguém senão eu!"

— Nesse caso então viu e ouviu tudo? — perguntou o duque.

— O que tem isso? Não é ele dos nossos?...

— Traga-o aqui, Maiena — disse o duque.

Maiena desceu uma das escadas do coro, parou para se orientar, e dirigiu-se em linha recta para o confessionário ocupado pelo gascão.

" Chicot era valente; mas, desta vez, tremeu-Lhe o queixo com

susto e sentiu a testa alagada de suor frio.

Ora esta! disse ele consigo, procurando ao mesmo tempo soltar a espada das dobras do hábito; não quero, contudo, morrer como um malvado aqui dentro desta caixa. Saíamos a arrostar a morte, coa breca! E já que se oferece tão boa ocasião, matemo-lo ao menos a ele antes de eu morrer.

E para poder executar o seu animoso projecto. Chicot, que tinha achado finalmente o punho da espada. já ia para levantar a tranqueta da porta, quando ouviu a voz da duquesa:

— Não é nesse, Maiena — disse ela, não é nesse; no outro, à esquerda... adiante, no fim da igreja.

— Ah! muito bem — disse o duque. que já se dispunha a ir abrir o confessionário onde estava Chicot; mas obedecendo à indicação da irmã, virou logo na direcção do outro confessionário.

Safa! disse o gascão, dando um suspiro capaz de causar inveja a Gorenflot; já era tempo!

Mas quem diabo está então no outro!

— Saia, mestre Nicolau David — disse Maiena -, estamos sós.

— Aqui estou, meu Senhor — disse um homem saindo do confessionário.

Bom! disse o gascão, Faltavas tu para a festa, mestre Nicolau; andava à tua procura por toda a parte, e achei-te finalmente quando já te não procurava!

— Viu e ouviu tudo, Nicolau, não é verdade? — perguntou o duque de Guisa.

— Não me escapou uma única palavra do que se passou, e pode ficar descansado, meu Senhor, que não me há-de esquecer nenhum dos pormenores.

— Ficou pois habilitado a contar tudo ao enviado de Sua Santidade Gregório XIII? perguntou o Acutilado.

— Tudo, sem omitir circunstância alguma.

— Há pouco disseme meu irmão de Maiena que o senhor fez prodígios em nosso favor.

Conte-nos pois o que fez.

O cardeal e a duquesa aproximaram-se com curiosidade. Os três príncipes e a irmã formavam então um único grupo.

Nicolau David, em quem dava em cheio a luz da lâmpada, estava à distância de três passos deles.

— Cumpri o que tinha prometido, meu Senhor — disse Nicolau David -, isto é, descobri um meio para sentar o Senhor Duque de Guisa sem contestação sobre o trono de França.

Eles também? exclamou Chicot. Então que é isto? toda a gente quer ser rei de França?

Os últimos são os melhores, não há dúvida.

Como se vê, a alegria tinha renascido no espírito do honrado Chicot. Esta alegria era proveniente de três circunstâncias.

Em primeiro lugar, acabava de escapar duma maneira inesperada a um perigo iminente; em segundo, tinha descoberto uma famosa conspiração; e finalmente, com a descoberta da conspiração, oferecia-se-lhe o meio de deitar a perder os seus dois maiores inimigos: o duque de Maiena e o advogado Nicolau David.

Querido Gorenflot! murmurou ele logo que acabou de coordenar estas ideias no cérebro — mal sabes tu a ceia que tenciono dar-te amanhã para te pagar o aluguer do hábito!

— Contudo se a usurpação for muito flagrante, é preciso abstermos desse meio disse Henrique de Guisa. — Não quero ter à perna todos os reis da cristandade procedentes do direito divino.

— Esse escrúpulo foi por mim previsto — disse o letrado, cortejando o duque e encarando o triunvirato com afoiteza. — A minha habilidade não se limita somente à arte da esgrima meu Senhor, como os meus inimigos têm espalhado, talvez para me roubarem a sua confiança.



Se bem que enfronhado em estudos teológicos e legais, consultei, como é dever de todo o bom casuísta e sábio jurista, os anais e os decretos que dão todo o peso à minha asserção, segundo os nossos costumes para a sucessão do trono. O caso todo estava em provar a legitimidade e eu descobri que os senhores são os legítimos herdeiros, e que a casa de Valois não é senão um ramo parasítico e usurpador.

A confiança com que Nicolau David proferiu este pequeno exórdio causou um vivo contentamento à Sr. a de Montpensier, uma grande curiosidade ao cardeal e ao duque de Maiena e quase que amenizou o austero semblante do duque de Guisa.

— Entretanto — disse ele -, parece-me que a casa de Lorena, apesar de muito ilustre dificilmente poderá disputar preferência com a de Valois.

— E contudo aqui estão as provas, meu Senhor — disse mestre Nicolau arregaçando o hábito para tirar um pergaminho da algibeira dos amplos calções, e descobrindo com aquele movimento os copos duma comprida espada.

O duque tomou o pergaminho das mãos de Nicolau David.

— Que é isto? — perguntou ele.

— A árvore genealógica da casa de Lorena.

— Cujo tronco é.

— Carlos Magno, meu Senhor.

— Carlos Magno? — exclamaram os três irmãos, com um ar de incredulidade que não era, contudo, isento duma certa satisfação; — é impossível! O primeiro duque de Lorena foi contemporâneo de Carlos Magno, porém chamava-se Ranier e não tinha parentesco algum com o grande imperador.

— Espere um pouco, meu Senhor — disse Nicolau. — Não julga decerto que eu vá levantar uma dessas questões a que se põe termo com uma simples negação, e que qualquer rei-de-armas destrói. O que é necessário é um bom processo, que dure muito tempo, que ocupe a atenção do parlamento e do povo, e durante o qual possa reduzir ao

seu partido, não direi o povo, porque esse já é seu, mas o parlamento. Veja, pois, meu Senhor, isto é assim mesmo: Ranier, primeiro duque de Lorena, contemporâneo de Carlos Magno. Gilberto, seu filho, contemporâneo de Luís, o Benigno.

Henrique, Filho de Guilberto, contemporâneo de Carlos, o Calvo. “

— Porém. — atalhou o duque de Guisa.

— Tenha um bocado de paciência, meu Senhor, já lá vamos; repare bem: Bona.

— Sim — disse o duque -, filha de Ricin, segundo filho de Ranier.

— Bem — replicou o letrado -; com quem foi ela casada?.

— Quem, Bona?

— Sim.

— Com Carlos de Lorena, filho de Luís IV rei de França.

— Com Carlos de Lorena, filho de Luís IV, rei de França — repetiu David. — Agora acrescente: irmão de Lotário, que foi esbulhado da coroa de França pelo usurpador Hugo Capeto, que a tirou a Luís V.

— Oh. oh! — disseram ao mesmo tempo o duque de Maiena e o cardeal.

— Continue — disse o Acutilado -, já vou percebendo o negócio.

— Ora bem: Carlos de Lorena devia herdar de seu irmão Lotário pela extinção da sua raça. E, achando-se extinta a raça de Lotário, os senhores são os únicos e verdadeiros herdeiros da coroa de França.

Por Deus! exclamou Chicot, o réptil é mais venenoso do que eu pensava!

— O que diz a isto, meu irmão? — perguntaram ao mesmo tempo o cardeal e o duque de Maiena.

— Digo — respondeu o Acutilado — que existe infelizmente em França uma lei, a que chamam a Lei Sálica, que destrói todas as nossas pretensões.

— Chegou onde o esperava, meu Senhor — exclamou David com

todo o orgulho do amor-próprio satisfeito -; qual é o primeiro exemplo da Lei Sálica?

— A elevação de Filipe de Valois ao trono, em prejuízo de Eduardo de Inglaterra.

— Em que data teve isso lugar? O Acutilado pensou um instante.

— Em 1328 — respondeu sem hesitar o cardeal de Guisa.

— Isto é, trezentos e quarenta e um anos depois da usurpação de Hugo Capeto, duzentos e quarenta anos depois da extinção da raça de Lotário. Em vista do que, havia já duzentos e quarenta anos que os seus maiores tinham direito à coroa, quando se inventou a Lei Sálica.

Ora é bem sabido por todos que nenhuma lei tem efeito retroactivo.

— É um homem muito hábil, mestre Nicolau David — disse o Acutilado, olhando para o advogado com uma admiração que não era isenta de algum desprezo.

— E muito destro — disse o cardeal.

— É belo! — disse Maiena.

— É admirável — disse a duquesa -; eis-me feita princesa real!... Já não quero para marido senão algum imperador da Alemanha.

Deus, Senhor meu! disse Chicot, lembra-te da única coisa que te tenho pedido nas minhas Orações: Ne nos inducas in tentationem et libera nos advocatis.

Só o duque de Guisa tinha ficado pensativo no meio do entusiasmo geral.

— E pensar eu que semelhantes subterfúgios são necessários a um homem da minha qualidade! — murmurou ele. — Lembrar-me que os povos, antes de obedecerem, olham para um pergaminho como este, em vez de lerem a nobreza do homem no relampejar dos olhos ou no fulgurar da espada!

— Tem razão, Henrique, tem razão. E se a escolha se fizesse pelos rostos — disse a duquesa — , o senhor seria rei entre os reis, visto que os demais príncipes, segundo todos dizem, parecem povo comparados

com o mano. Porém o essencial para subir ao trono é, como disse mestre Nicolau David, um bom processo; e quando lá tivermos chegado, ver-se-á, como O senhor disse, que o brasão da nossa casa não é menos ilustre do que os outros soberanos da Europa.

— Visto isso, esta genealogia está boa — prosseguiu Henrique de Guisa com um suspiro — , e aqui tem os duzentos escudos de ouro que meu irmão de Maiena me pediu para o senhor, mestre Nicolau David.

— E aqui estão outros duzentos que eu Lhe dou — disse o cardeal ao advogado, cujos olhos brilharam de satisfação ao encafuar o dinheiro nas imensas bragas -; estes são a paga da nova missão de que vamos encarregá-lo.

— Fale, meu Senhor, estou inteiramente às ordens de Vossa Eminência.

— Nós não podemos incumbi-lo de ir pessoalmente a Roma entregar ao nosso Santo Padre Gregório XIII esta genealogia, que precisa de ser por ele aprovada. Não é homem a quem se abram as portas do Vaticano.

— Infelizmente — disse Nicolau David -, assim é! Tenho o ânimo grande, mas a minha Origem é obscura. Ah! Se eu fosse um simples cavaleiro, bastava.

Cala-te aí, truão! disse Chicot.

— Mas não o é — prosseguiu o cardeal -, e é uma desgraça. É forçoso, por consequência, que encarreguemos Pedro de Gondy dessa missão.

— Dê-me licença que lhe observe, meu irmão — disse a duquesa -, que os Gondys são Gente de talento, mas sobre quem nós não temos poder algum. O único fiador que deles temos é a ambição, e eles tanto podem satisfazer a sua ambição com o rei Henrique como com a casa de Guisa.

— A mana tem razão, Luís — disse o duque de Maiena com a sua costumada brutalidade não podemos fiar-nos em Pedro de Gondy

como nos fiamos em Nicolau David, que nos pertence, e que podemos mandar enforcar dum instante para o outro.

Esta descaída do duque, lançada assim à queima-roupa na cara do letrado, produziu um efeito extraordinário no infeliz legista; soltou uma risada convulsa, que bem mostrava o enorme susto que dele se tinha apoderado.

— Meu irmão Carlos está a gracejar — disse Henrique de Guisa para o advogado, que ainda estava a tremer -; nós bem sabemos quanto nos é fiel; já o tem mostrado em bastantes ocasiões.

E especialmente no caso sucedido comigo, pensou Chicot, ameaçando ao mesmo tempo com o murro o seu inimigo, ou por outra, os seus dois inimigos.

— Fique descansado, Carlos: sossegue, Catarina; já tomei as minhas medidas com toda a segurança. Pedro de Gondy há-de levar esta genealogia a Roma, mas há-de ir confundida com outros papéis, e nem ele há-de saber o que leva. O papa há-de aprová-la ou desaprová-la sem que Gondy tenha conhecimento da aprovação ou desaprovação. Finalmente, sempre ignorando o que traz, voltará para França com a genealogia aprovada ou desaprovada. Nicolau David partirá quase ao mesmo tempo que ele, e esperá-lo-á em Chalon, em Lião ou em Avinhão, conforme os avisos que Lhe mandarmos para se demorar em alguma destas cidades. Desta forma, só o senhor saberá o segredo do negócio. Assim, bem vê que fica sendo o nosso único homem de confiança.

David inclinou-se.

E sabes com que condições, meu caro amigo? murmurou Chicot; é com a condição de seres enforcado se não andares muito direito; mas deixa estar: juro-te por Santa Genoveva, aqui presente em gesso, em mármore ou em madeira, e talvez mesmo em osso, que estás colocado neste momento entre duas Forcas, mas que a que está mais próxima de ti, meu bom amigo, é a que eu te hei-de arranjar.

Os três irmãos apertaram as mãos uns aos outros e abraçaram a duquesa, que acabava de Lhes trazer os três hábitos de frades que

tinham ficado na sacristia; a irmã ajudou-os a vestirem os trajes monásticos, depois deitou o capuz para a cara, e foi andando adiante deles até ao portão, onde os esperava o irmão porteiro, e por onde desapareceram, acompanhados por Nicolau David, a quem os escudos de ouro tinham a cada passo que dava.

Depois de eles saírem, o irmão porteiro correu os ferrolhos, e, voltando para a igreja, apagou a lâmpada do coro; uma escuridão compacta invadiu logo a capela e renovou aquele horror misterioso que já por mais duma vez tinha feito eriçar o cabelo de Chicot.

No meio daquela escuridão ressoava ainda a bulha das alparcas do frade sobre as lajes, mas este rumor mesmo foi diminuindo gradualmente, e muito em breve deixou de se ouvir. I Passaram-se cinco minutos, que a Chicot pareceram dum comprimento imenso, sem que ruído algum quebrasse aquele silêncio e aquela escuridão.

Bom, disse consigo o gascão, quer-me parecer que desta vez se acabou tudo realmente; estão representados os três actos, e foram-se embora os actores. Tratemos de sair também; basta de comédia para uma só noite.

E Chicot, que já tinha mudado de tenção a respeito de esperar pelo dia na igreja, desde que tinha visto que os túmulos se moviam e que os confessionários eram habitados, levantou a tranqueta devagarinho, empurrou a porta com cautela, e deitou o pé fora da caixa.

Durante os passeios do menino do coro, Chicot tinha reparado numa escada de mão que estava a um canto, e que era destinada a limpar os vidros coloridos das janelas. Não perdeu tempo.

Com as mãos estendidas e sem fazer bulha, foi andando até ao canto onde estava a escada pegou-lhe, e, orientando-se conforme pôde, foi arrumá-la a uma janela.

Chicot, à luz do luar, viu que não se enganara no seu cálculo: a janela dava para o cemitério do convento, e o cemitério era paralelo à Rua Bordelle.

Chicot abriu a janela, escarranchou-se no parapeito, e, puxando a escada a si, passou-a da interior para o exterior.

Depois de descer, escondeu a escada por detrás duma Fileira de ciprestes que havia ao pé da parede, foi caminhando encoberto com os túmulos até ao muro que ficava próximo à rua, e por ali saltou arrastando consigo algumas pedras.

Chicot, assim que se viu na rua, parou um instante para respirar com descanso.

Tinha conseguido safar-se, com algumas arranhaduras somente, duma ratoeira onde por mais duma vez tinha julgado que deixaria a vida.

Logo que sentiu que o ar já lhe circulava com mais liberdade nos pulmões, deitou a correr para a Rua de S. Tiago, e só parou à porta da hospedaria da Cornucópia, à qual imediatamente bateu sem hesitar.

Mestre Cláudio Bonhomet, que bem sabia que todo o incómodo tem o seu preço, e contava mais com os acontecimentos extraordinários para enriquecer do que com os ordinários, veio em pessoa abrir.

Conheceu logo Chicot à primeira vista, apesar de este ter saído vestido de secular e voltar feito frade.

— Ah! é o meu fidalgo — disse ele -; bem-vindo seja.

Chicot deu-Lhe um escudo.

— E Frei Gorenflot? — perguntou ele.

Um imenso sorriso assomou aos lábios do estalajadeiro; foi direito ao gabinete, e empurrando a porta:

— Veja — disse ele.

Frei Gorenflot estava ressonando no mesmo sítio onde Chicot o deixara. À fé de quem sou, meu respeitável amigo, disse o gascão, mal pensas tu no pesadelo que acabas de ter!”

## XXI

### COMO SUCEDEU QUE O SR. E A SRA. DE SAINT-LUC, VIAJANDO JUNTOS, FORAM ALCANÇADOS POR UM COMPANHEIRO DE JORNADA

No dia seguinte, à mesma hora, pouco mais ou menos, a que Frei Gorenflot acordava, já agasalhado no seu hábito, o nosso leitor, se por acaso viesse de jornada pela estrada de Paris para Angers, teria encontrado, entre Chartres e Nogent, dois cavaleiros — um fidalgo e o seu pajem -, montados em cavalos pacíficos, que mansamente caminhavam ao lado um do outro.

Aqueles dois cavaleiros tinham chegado a Chartres na véspera, à mesma hora pouco mais ou menos, em cavalos cobertos de espuma; um dos dois cavalos caíra mesmo morto de cansaço no largo da catedral, e como era a horas a que os fiéis iam para a missa, não dera pouco que cismar aos burgueses de Chartres verem expirar aquele magnífico corcel, do qual os donos fizeram tão pouco caso como se fosse um vil sendeiro.

Alguns até tinham notado, porque os burgueses de Chartres sempre foram muito dados a indagar as vidas alheias; alguns, dizíamos, até tinham notado que o mais alto dos dois cavaleiros havia dado um escudo a um rapaz que os fora conduzir, a ele e ao companheiro, a uma estalagem próxima, e que dali a meia hora os dois viajantes tinham saído por uma porta traseira da mesma estalagem que deitava para o campo, indo ambos montados em outros cavalos, e mostrando no avermelhado das faces que tinham provado o vinho da casa.

O mais alto dos dois cavaleiros, logo que se viu no campo, ainda deserto e frio naquela época do ano, mas já adornado de certo matiz esverdeado, precursor da Primavera, chegou-se ao mais baixinho e



disseLhe, abrindo os braços:

— Minha querida mulherzinha, abraça-me agora com sossego, porque presentemente já nada temos que recear.

Então, a Sr. de Saint-Luc, porque era ela efectivamente, inclinou-se graciosamente para o marido, abrindo o amplo capote em que vinha embuçada; e, deitando-Lhe os braços à roda do pescoço, deu-Lhe o beijo que ele Lhe pedira, sem despregar os olhos dele.

O resultado daquele dito de Saint-Luc à mulher, ou talvez mesmo do beijo por esta dado ao marido, foi pararem eles naquele dia numa estalagem da aldeia de Caurvilie, situada a quatro léguas apenas de Chartres, e a qual, pela sua posição isolada, portas bem vedadas, e a imensidade de quartos que tinha, oferecia aos dois esposos todas as garantias de segurança. i Ali se conservaram todo o dia e toda a noite, misteriosamente metidos num quarto, no qual, depois de terem almoçado, se fecharam por dentro, recomendando ao dono da casa que visto o muito caminho que tinham andado e o grande cansaço com que estavam, não os cha masse antes do romper do dia seguinte, recomendação que foi executada à risca.

Era, pois, na manhã desse dia que encontrámos o Sr. e a Sr. a de Saint-Luc na estrada de Chartres para Nogent.

Ora, naquele dia, como estavam ainda mais descansados do que na véspera, já não viajavam como fugitivos, nem mesmo como amantes, mas sim como rapazes de escola, desviando-se a cada instante da estrada para treparem a algum outeirinho, onde um deles se expunha à admiração do outro como uma estátua equestre sobre o seu pedestal, cortando os primeiros rebentões das árvores, procurando musgos, ou apanhando alguma flor, que, qual outra sentinela avançada da Primavera, tinha rompido por entre a neve já próxima a derreter-se, e admirando com infinita alegria o reflexo dum raio de Sol nas pernas de algum pato bravo, ou a corrida duma lebre por entre o mato.

— Por Deus! — exclamou de repente Saint-Luc. — A liberdade sempre é uma coisa muito boa! Gozaste alguma vez da tua liberdade, Joana?

— Eu — respondeu a noiva com voz alegre -, nunca; é esta a primeira vez que gozo do ar e do espaço à minha vontade. Meu pai era desconfiado. Minha mãe era muito caseira. Eu nunca saía à rua sem ir acompanhada por uma mestra, duas aias e um criado, de forma que não me lembra de ter corrido nem mesmo sequer sobre um tabuleiro de relva, desde o tempo da minha meninice, quando, na companhia da minha querida Diana, pulava pelos bosques de Méridor. Porém tu, meu muito amado Saint-Luc, tu sempre tiveste toda a liberdade.

— Liberdade, eu?

— Sem dúvida, como homem.

— Pois estás muito enganada. Fui criado na companhia do duque de Anju, que me levou consigo para a Polónia, e com quem voltei para Paris; as regras inflexíveis da etiqueta condenavam-me a não me tirar nunca de ao pé dele, e logo que me afastava via-me perseguido por uma voz de lamentação, que me gritava sem cessar: Saint-Luc, meu amigo, estou muito aborrecido; anda partilhar do meu aborrecimento. Liberdade!. pois sim! — E o cinto que me comprimia o estômago; e a imensa coleira engomada que me esfolava o pescoço; e o cabelo encaracolado artificialmente, que se desgrenhava com a humidade e se sujava com o pó; e o barretinho, finalmente, pregado à cabeça com alfinetes!. Oh, não, minha boa Joanhinha! parece-me que ainda tinha menos liberdade do que tu.

E por isso trato de aproveitar o tempo, como vês, agora que estou livre. Viva Deus! Sempre é muita boa coisa! E não sei como há quem queira privar-se de semelhante ventura.

— E se nos apanharem, Saint-Luc? — disse a noiva olhando para trás com alguma inquietação. — Se nos mandarem para a Bastilha?

— Se lá nos fecharem juntos, minha Joanhinha, nunca o mal há-de ser muito grande; parece-me que apesar de termos estado encerrados no mesmo quarto durante todo o dia de ontem, como se fôssemos presos de Estado, nem por isso nos enfastiou muito a reclusão...

— Não te Fies nisso, Saint-Luc — disse Joana com um sorriso repleto de alegria e de malícia -; se nos apanharem, duvido que nos

fechem no mesmo quarto.

E a encantadora rapariga corou, por ter querido dizer tanto dizendo tão pouco.

— Pois então escondamo-nos bem — disse Saint-Luc.

— Oh, Fica descansado — respondeu Joana -, a esse respeito nada temos que recear, e havemos de ficar bem escondidos; se tu soubesses o que é Méridor!.

com os seus carvalhos enormes, que parecem as colunas dum templo que tem o céu por abóbada, as suas matas sem-fim, os seus riachos preguiçosos, que no Verão correm por baixo de sombrias arcadas de verdura, e de Inverno sobre camadas de folhas secas; e depois, os imensos lagos, os campos de trigo, os canteiros de flores, as extensas relvas, e as torrinhas, donde saem a todo o instante milhares de pombos, esvoaçando e zumbindo como abelhas de roda duma colmeia; e depois, ainda não fica aqui, Saint-Luc; no meio de tudo isto, ainda há a rainha daquele reinozinho a feiticeira daqueles jardins de Armida, a linda, boa e incomparável Diana, um coração de diamante engastado em ouro. Hás-de ser amigo dela, Saint-Luc.

— Já gosto dela sem a conhecer só porque foi tua amiga.

— Oh, estou bem certa que ainda o é e que sempre o há-de ser, Diana é muito constante nas suas amizades. Não te parece que havemos de levar uma vida muito feliz naquele ninho de flores e de verdura, que tão lindo há-de ser na Primavera? Diana assumiu o governo da casa do pai, de sorte que este não nos há-de incomodar. O velho barão é um guerreiro do tempo de el-rei Francisco I, e actualmente está tão fraco e pacífico, quanto foi em outro tempo forte e valoroso, e só conserva uma lembrança do passado, que é o vencedor de Marignan e o vencido de Pavia, e um amor no presente e uma esperança para o futuro, que é a sua muito querida Diana. Podemos estar o tempo que quisermos em Méridor sem que ele o saiba, e até mesmo sem que ele dê pela nossa presença. E se o souber, tornar-se-á nosso amigo, logo que lhe dissermos que a sua Diana é a rapariga mais linda do mundo, e que o rei Francisco I foi o mais ilustre de todos os

cabos-de-guerra.

— Tudo isso há-de ser muito bonito — disse Saint-Luc -, mas já antevejo grandes alterações.

— Como assim?

— Do barão comigo.

— Por que motivo? Por causa do rei Francisco I?

— Não. Concedo-lhe que fosse o primeiro de todos os cabos-de-guerra; mas quanto a ser a filha a rapariga mais linda do mundo.

— Eu já não entro em linha de conta, visto ser tua mulher.

— é verdade! — disse Saint-Luc.

— Não se te Figura já na imaginação a existência que ali vamos ter, meu amiguinho: perguntou Joana. — Logo que amanhecer havemos de sair a passeio pela portinha do pavilhão, que ela nos há-de dar para morarmos. O pavilhão é meu conhecido: são duas torrinhãs unidas uma à outra pelo corpo principal do edifício, construído no tempo de Luís XII e duma arquitectura admirável, de que tu hás-de gostar, tu que morres por florões e rendados. E as janelas? Delas avistam-se as imensas matas com os seus arvoredos tapados, e lá muito longe, por entre as árvores, algum gamo ou cabrito-montês erguendo a cabeça à menor bulha; do lado oposto teremos por perspectiva planícies douradas aldeias matizadas de telhados vermelhos e paredes brancas, o Liger reflectindo os raios do Sol e todo ele povoado de barquinhos.

Teremos mais, dali a três léguas, um lago com um boce para nele navegarmos, cavalos e cães, que nos servirão para irmos montar nas matas, enquanto que o barão, não sabendo que tem hóspedes em casa, há-de dizer, quando ouvir os latidos longínquos:

— Olha, Diana, não ouves? dir-se-ia que Astreia e Flégeton andam à caça. — Pois se andam à caça, meu papazinho — há-de responder Diana -, deixá-los divertir.

— Anda depressa. Joana — dizia Saint-Luc -; tomara já ver-me em Méridor! E ambos chegavam as esporas aos cavalos os quais, assim

excitados, devoravam o espaço durante duas ou três léguas; depois paravam de repente, para darem ocasião a que os donos continuassem a conversa que tinham interrompido ou corrigissem algum beijo que tivesse sido mal dado.

Assim andaram o caminho que vai de Châtres até Mans, onde se demoraram um dia — no imediat, depois da outra estação, entranharam-se nos pinhais areentos que existiam naquela época desde Guécélard até Écommoy, com a Firme tenção de chegarem naquela mesma noite a Méridor.

Se ali conseguissem chegar sem transtorno, considerava-se Saint-Luc livre de todo o perigo, pois conhecia perfeitamente o génio arrebatado e ao mesmo tempo indolente do rei, o qual conforme a disposição de espírito em que se achasse na ocasião da partida de Saint-Luc, ou havia de ter expedido vinte correios e cem guardas em perseguição dele e da mulher, com ordem de lhos levarem mortos ou vivos, ou se tinha limitado a suspirar, estendendo os braços fora da roupa da cama mais uma polegada do que o costume, e murmurando:

— Ah, traidor Saint-Luc, porque não te conheci eu melhor?

Ora, como os dois fugitivos não tinham sido alcançados por correio algum, nem tinham avistado coisa que se parecesse com guardas, era muito provável que o rei, na ocasião de saber da partida deles, estivesse revestido do seu génio indolente.

Era isto o que dizia Saint-Luc, lançando de vez em quando a vista para a estrada solitária que acabavam de percorrer, e onde não via apontar o menor vestígio de perseguidores.

Bom, dizia ele consigo, a tempestade toda desabou provavelmente sobre a cabeça do pobre Chicot, o qual, apesar da sua loucura, ou talvez por isso mesmo, me deu um conselho tão prudente... Fico livre desta a troco de algum anagrama mais ou menos chistoso.

E Saint-Luc recordava-se então dum anagrama terrível que Chicot Lhe tinha feito no dia em que ele havia começado a ser valido da rei.

De repente sentiu Saint-Luc que a mão da esposa lhe agarrava no braço.

— Que é? — perguntou ele.

— Olha — respondeu Joana.

Saint-Luc voltou-se, e viu na linha do horizonte um cavaleiro que seguia a mesma direcção que eles, e que de longe parecia vir incitando quanto podia o cavalo.

O cavaleiro tinha chegado ao alto da estrada; o seu vulto destacava-se em escuro sobre a cor baça do céu, e, em virtude de certa ilusão da perspectiva que os nossos leitores terão decerto notado algumas vezes, parecia naquela posição muito maior do que o natural.

Esta coincidência pareceu a Saint-Luc de mau agouro, ou fosse por causa da disposição em que tinha o espírito, ou porque receasse realmente o resultado de alguma lembrança fantástica do rei Henrique III.

— É verdade — disse ele, enfiando sem querer -, vejo com efeito além um cavaleiro.

— Fugamos — disse Joana chegando esporas ao cavalo.

— Nada — respondeu Saint-Luc, que, apesar do receio que dele se havia apoderado, não tinha perdido a presença de espírito -, nada; aquele cavaleiro vem só, segundo me parece, e não devemos fugir dum homem só. Encostemos para o lado e deixemo-lo passar; depois de ele ter passado para diante de nós, continuaremos o nosso caminho.

— Porém se ele parar ao pé de nós?

— Pois se ele parar, então veremos o que nos quer, e procederemos como nos parecer acertado.

— Tens razão — disse Joana -, e nada devo recear, visto que o meu Saint-Luc está ao meu lado para me defender com energia.

— Não importa, fugamos sempre — disse Saint-Luc, olhando outra vez para o desconhecido, o qual, apenas os avistara, metera o cavalo a galope -; porque em cima daquele chapéu vejo uma pluma, e, por baixo do chapéu, um colar de folhos, o que me dá algum cuidado.

— Oh, meu Deus, como é que uma pluma e um colar podem

causar-te tamanho cuidado? — perguntou Joana, acompanhando o marido, que Lhe tinha pegado na rédea do cavalo e a encaminhava para dentro do pinhal.

— Porque a pluma é duma cor que está hoje muito em voga na corte, e o colar dum feitio muito moderno; ora, como os cavaleiros desta terra não usam por certo daquelas pedras, que a sua cor torna muito caras, nem daquelas coleiras, que dão muito trabalho a engomar, já se vê que o homem que vem em nosso alcance não é nenhum compatriota daquelas paragens de que Chicot é tão guloso; chega as esporas ao cavalo, anda, Joana; está-se-me figurando que aquele cavaleiro é algum emissário do rei, meu amo e senhor.

— Depressa! — disse a noiva a tremer só com a ideia de ser separada do marido.

A coisa, porém, era mais fácil de dizer do que de executar. Os pinheiros eram muito juntos e formavam uma verdadeira parede de ramada. Além disso os cavalos enterravam-se até aos peitos na areia.

Durante esse tempo o cavaleiro ia-se aproximando como um raio, e o som do galope do cavalo retumbava pelo declive da montanha.

— Jesus — gritou Joana -, é para nós que ele se dirige!

— Pois bem — disse Saint-Luc parando o cavalo -, se o caso é connosco, vejamos o que ele nos quer, porque ainda mesmo que se apeasse, sempre nos havia de alcançar.

— Lá parou — disse Joana.

— E está-se apeando — disse Saint-Luc -; lá entra no pinhal. Ora adeus! Ainda que seja o Diabo em pessoa, quero ir-Lhe ao encontro.

— Espera — atalhou Joana detendo o marido -, espera! Parece-me que está chamando. E com efeito, o desconhecido, depois de ter preso o cavalo a um dos primeiros pinheiros ia entrando pelo pinhal a gritar:

— Olá, meu cavaleiro! Meu cavaleiro, não Fuja de mim, com todos os diabos!

Trago-Lhe aqui um objecto que perdeu.

— O que está ele dizendo? — perguntou a condessa.

— Parece-me — respondeu Saint-Luc — que está dizendo que perdemos alguma coisa.

— Ó Senhor! — prosseguiu o desconhecido -, aquele senhor, o mais baixinho, deixou uma pulseira na estalagem de Courville. Com o demónio! É preciso mais cautela com retratos de mulheres! E demais a mais que este é o retrato da respeitável Sr. de Cossé. Peço-lhe, em nome da querida mamã, que não me obrigue a esfalfar-me para o alcançar! — Eu estou conhecendo aquela voz! — exclamou Saint-Luc.

— E falou no nome de minha mãe.

— Perdeste efectivamente a pulseira, querida amiga?

— Não há dúvida nenhuma, e só esta manhã dei pela falta dela. Não me podia lembrar onde a tinha deixado.

— É o Bussy! — exclamou Saint-Luc de repente.

— O conde de Bussy? — replicou Joana com alegria. — O nosso amigo?

— E decerto que é nosso amigo — disse Saint-Luc, correndo para ele com o mesmo ardor com que até ali tinha procurado fugir-lhe.

— Saint-Luc!. Então nunca eu me tinha enganado — disse a voz sonora e alegre de Bussy, galgando num pulo a distância que ainda o separava dos dois esposos.

— Muito bons — dias, minha Senhora — prosseguiu ele, dando uma gargalhada e oferecendo à condessa a pulseira que realmente ela esquecerá na estalagem de Courville, onde, como já dissemos, os dois noivos tinham passado a noite.

— Traz porventura ordem de él-rei para nos prender, Sr. de Bussy? — disse Joana sorrindo.

— Eu, não, minha Senhora; a amizade de Sua Majestade para comigo não chega a ponto de me incumbir das suas missões de conFiança. Não; achei a sua pulseira em Courville; por ela conheci que seguia este caminho. Apertei mais com o cavalo, até que avistei dois



vultos e logo desconfiei quem eram, e, sem querer, meti-lhes este grande susto. Desculpem-me. — Visto isso — disse Saint-Luc ainda com alguma desconfiança -, é por simples acaso que seguia a mesma estrada que nós?.

— Por acaso, unicamente; e agora, que os encontrei, direi que foi por uma mercê da Providência.

Um resto de dúvida que ainda existia no espírito de Saint-Luc desvaneceu-se à vista do olhar tão Franco e do sorriso tão sincero do galante cavaleiro.

— Pelo que vejo, anda viajando. — disse Joana.

— É verdade — disse Bussy montando novamente a cavalo.

— Mas não como nós?

— Infelizmente não.

— Quero dizer, não é por estar mal visto na corte?

— Eu sei. muito bem visto não estou eu.

— E para onde vai?

— Vou na direcção de Angers. E os senhores?

— Nós também.

— Sim, bem percebo. Brissac fica daqui a umas dez léguas, entre Angers e Saumur; vão procurar um asilo no solar paterno, como pombas perseguidas pelo abutre; parece-me isso muito bonito, e era capaz de invejar a vossa felicidade, se a inveja não fosse um pecado tão feio.

— Pois, Sr. de Bussy — disse Joana com um olhar repleto de gratidão -, case-se, e será tão feliz como nós somos; juro-Lhe que a Felicidade é coisa que muito facilmente se consegue quando duas pessoas se amam deveras.

E olhou para Saint-Luc com um sorriso, como para Lhe pedir que confirmasse o que acabava de dizer.

— Minha Senhora — disse Bussy -, eu não creio em felicidades

dessa natureza; nem a todos é dado casar como os senhores, com o privilégio de el-rei.

— Qual história! E então o senhor, de quem todas as mulheres gostam!.

— Quando todas gostam muito dum homem, minha Senhora — respondeu Bussy com um suspiro -, é como se nenhuma gostasse.

— Pois bem — disse Joana piscando o olho para o marido -, consinta que eu trate do seu casamento; em primeiro lugar, ficarão assim descansadas uma imensidade de maridos ciumentos que eu conheço, e em segundo, gozará então dessa felicidade em cuja existência não acredita.

— Eu não nego que a felicidade exista, minha Senhora — replicou Bussy suspirando outra vez -; nego unicamente que me seja possível encontrar ventura neste mundo.

— Quer que eu o case? — repetiu a Sr. de Saint-Luc.

— Se me casar segundo o seu gosto, não; se me casar à minha vontade, sim.

— Está-me dizendo isso como um homem resolvido a conservar-se solteiro!

— Talvez.

— Nesse caso está então namorado de alguma mulher com quem não pode casar?

— Conde, peço-lhe por favor — disse Bussy -, que diga a sua esposa que não me martirize, cravando mil punhais no coração.

— Cuidado, Bussy, por pouco não vou julgando que é por minha mulher que está apaixonado!

— Pois se assim fosse, havia de convir pelo menos que sou um amante muito delicado e que o marido que tivesse ciúmes de mim faria muito mal.

— Ah! é verdade — disse Saint-Luc, recordando-se que fora Bussy quem Lhe tinha levado a mulher ao Louvre. — Mas, não importa,

confesse que o seu coração ficou agarrado algures.

— Confesso, sim — disse Bussy.

— Por amor, ou por passatempo? — perguntou Joana.

— Por uma paixão, minha Senhora.

— Hei-de curá-lo.

— Não o creio.

— Hei-de casá-lo.

— Duvido.

— E hei-de fazer com que seja tão feliz quanto merece.

— Ah, minha Senhora, a minha única ventura na actualidade é ser infeliz!

— Desde já o previno que sou muito teimosa — disse Joana.

— E eu também — replicou Bussy.

— Conde, há-de consentir...

— Deixemo-nos disso, minha Senhora — respondeu o mancebo -, e viajemos como bons amigos. Tratemos primeiro de sair para fora deste areal, e depois, se lhe parecer, iremos ficar esta noite naquela aldeiazita tão linda em que além está dando o sol.

— Pois sim; naquela, ou em qualquer outra.

— Pouco me importa, eu não escolho.

— Então sempre vai na nossa companhia?

— Até ao sítio para onde eu vou, se não lhes causar transtorno.

— Nenhum, por certo. Porém, faça outra coisa: venha para onde nós vamos.

— E para onde vão?

— Para o Castelo de Méridor.

Bussy sentiu que lhe subia o sangue todo ao rosto e que logo lhe refluiu ao coração. Até se tornou tão pálido que teria dado por certo a

conhecer o seu segredo, se Joana naquele momento não estivesse distraída a olhar para o marido.

Bussy teve pois o tempo necessário para tornar a si, enquanto os dois esposos, ou, para melhor dizer, os dois amantes, iam entretidos a olhar um para o outro, e para excitar ainda mais a curiosidade da jovem condessa, teimou em lhe ocultar o fim da sua jornada.

— Para o Castelo de Méridor, minha Senhora — disse ele, logo que se sentiu com ânimo de proferir este nome. — Que sítio é esse, não me dirá?

É o nome da terra duma das minhas íntimas amigas — respondeu Joana.

— Duma íntima amiga sua?... e... — prosseguiu Bussy — ela está no tal castelo?

— Sim senhor — respondeu a Sr. a de Saint-Luc, que ignorava completamente os acontecimentos que tinham tido lugar em Méridor havia dois meses -; nunca ouviu falar do barão de Méridor, um dos mais ricos proprietários de Anju, e...

— E... — repetiu Bussy, vendo que Joana tinha estacado.

— E de sua filha, Diana de Méridor, a mais formosa de todas as baronesas?

— Não, minha Senhora — replicou Bussy, quase sufocado pela comoção que sentia.

E enquanto Joana olhava para o marido com uma expressão muito singular, perguntava Bussy a si próprio por que feliz acaso tinha ele vindo encontrar, sem mais nem menos, no meio duma estrada real, gente que se lembrava de lhe falar de Diana de Méridor, servindo assim de eco ao único pensamento do seu coração.

Seria alguma surpresa? Não era possível; seria algum laço? Era quase impossível. Saint-Luc já não estava em Paris quando ele tinha entrado em casa da Sr. de Monsoreau, e era ali que tinha sabido que ela se chamava Diana de Méridor.

— E esse castelo ainda fica muito distante daqui, minha Senhora?  
— perguntou Bussy.

— Parece-me que ainda dista daqui sete léguas, e não se me dava de apostar que é lá que vamos ficar esta noite, e não na tal aldeia para que há pouco apontou. Vem connosco, não é assim?

— Sim, minha Senhora.

— Muito bem — disse Joana -, assim dará o primeiro passo ao encontro da felicidade que eu há pouco lhe propunha.

Bussy inclinou-se, e continuou a caminhar ao lado dos dois noivos, os quais, lembrados das obrigações que lhe deviam, o tratavam com a maior consideração. Durante algum tempo conservaram-se todos calados. Finalmente, Bussy, que ainda precisava saber muita coisa, abalançou-se a fazer algumas perguntas. Era um dos privilégios da sua posição, parecia resolvido a usar dele.

— E esse tal barão de Méridor, que dizia ser o mais rico proprietário de Anju, que qualidade de homem é? — perguntou ele.

— Um perfeito cavaleiro; um guerreiro tão esforçado, que se tivesse vivido no tempo do rei Artur, teria alcançado por certo um lugar na Távola Redonda.

— E — perguntou Bussy, comprimindo os músculos do rosto e a comoção da voz — com quem é casada a filha?

— Casada, a filha?

— Sim.

— Diana, casada?

— Seria alguma coisa extraordinária?.

— Não; mas Diana não está casada; se o estivesse, teria eu sido decerto a primeira pessoa a quem ela desse parte do casamento.

O coração de Bussy entumeceu-se, e um sentido suspiro a muito custo lhe saiu do peito.

— Nesse caso, então, a Menina de Méridor está vivendo no castelo

com o pai? — perguntou ele.

— Está, e temos toda a esperança de lá a encontrarmos — respondeu Saint-Luc, carregando nestas últimas palavras para dar a entender à mulher que tinha percebido o seu plano e que estava pronto a coadjuvá-la.

Houve outro instante de silêncio, durante o qual cada um deles ficou entregue aos seus pensamentos.

— Ah! — exclamou de repente Joana, levantando-se sobre os estribos. — Acolá estão as torres do castelo. Olhe, Sr. de Bussy: não vê no centro daquele imenso bosque sem folhas, mas que tão verdejante há-de ser daqui a um mês. não vê lá uns telhados de lousa?

— Oh, sim, bem vejo — disse Bussy, com uma comoção tal que Lhe custava a reprimir o arfar do peito -; sim, bem vejo. Aquele é então o Castelo de Méridor?

E por uma reacção natural do pensamento, à vista daquele país tão fértil, mesmo no tempo da miséria da natureza; à vista daquele solar senhorial, lembrou-se da pobre prisioneira enterrada no nevoeiro de Paris e naquela casinha tão abafada da Rua de Santo António.

Desta vez ainda tornou a suspirar, mas não era inteiramente de aflicção. A Sr. de Saint-Luc tanto Lhe tinha prometido torná-lo feliz, que ele começava a nutrir alguma esperança.

## XXII

### O VELHO BUFÃO

A Sr. de Saint-Luc não se tinha enganado; dali a duas horas estavam em frente do Castelo de Méridor.

Depois das últimas palavras que tinham trocado os viajantes, e que já repetimos, Bussy perguntou a si próprio se não seria conveniente contar aos seus amigos a aventura que obrigava Diana a viver longe de Méridor. Mas lembrou-lhe que, uma vez encetado o capítulo das revelações, era preciso narrar-lhes não somente aquilo que eles em breve haviam de saber, mas também o que só ele, Bussy sabia, e não queria confiar em pessoa alguma. Hesitou, pois, em fazer uma confissão que havia de dar lugar naturalmente a muita interpretação e a muitas perguntas.

E demais, Bussy queria apresentar-se em Méridor como um homem completamente estranho. Queria ver o Sr. de Méridor sem que estivesse prevenido, e ouvi-lo falar acerca do Sr. de Monsoreau e do duque de Anju; queria convencer-se, finalmente, não da sinceridade da narração de Diana (nem pelo pensamento Lhe passava que aquele anjo de pureza fosse capaz de mentir), mas de que ela se não enganara em ponto algum, e de que aquela narração, que tanto o interessara, era a interpretação fiel dos acontecimentos.

Bussy conservava, como se vê, dois sentimentos que mantêm o homem superior na sua esfera dominadora, mesmo no meio dos desvarios do amor; os dois sentimentos a que nos referimos eram: circunspecção para com pessoas estranhas, e o mais profundo respeito pela pessoa a quem amava.

O resultado foi que a Sr. de Saint-Luc, iludida, apesar da sua perspicácia feminina, pelo poder que Bussy tinha sobre si mesmo, ficou persuadida de que o mancebo acabava de ouvir pela primeira vez o nome de Diana, e que, não tendo aquele nome despertado nele nem recordações nem esperança, ia convencido de que havia de encontrar em Méridor alguma provinciana muito lorpa e muito envergonhada quando visse os hóspedes que o acaso Lhe trazia, e Disponha-se por consequência a gozar da surpresa que lhe ia causar.

Havia contudo uma coisa que Lhe dava que entender, e era que, tendo o guarda dado sinal que chegavam visitas, tocando na trompa

conforme o costume, não via aparecer Diana sobre a ponte levadiça, como era seu hábito sempre que ouvia aquele sinal. Mas, em lugar de Diana, viram sair pelo portão principal do castelo um velho curvado pela idade, encostado a um pau.

Trazia vestido um sobretudo de veludo verde forrado de peles de raposa, e da cintura pendia-lhe um molho de chaves e um apito de prata.

O vento da tarde fazia-lhe ondear sobre a testa os compridos cabelos, que eram brancos de neve.

Atravessou a ponte levadiça, acompanhado de dois cães de raça alemã, que o seguiam devagar e a passos iguais, com as cabeças baixas e conservando-se ambos na mesma linha. Logo que o ancião chegou ao pé do parapeito:

— Quem está aí? — perguntou ele com voz sumida; — quem vem honrar a casa dum pobre velho?

— Sou eu, sou eu! Sr. Agostinho — exclamou a noiva com voz alegre. Joana de Cossé chamava assim ao velho barão para o diferenciar do irmão mais novo, que se chamava Guilherme, e tinha morrido havia apenas três anos.

Porém o barão, em vez de responder com alguma exclamação de alegria, como Joana esperava, ergueu vagarosamente a cabeça, e fitando nos viajantes os olhos amortecidos:

— Os senhores. — disse ele — daqui não posso ver. quem são?

— Oh, meu Deus — exclamou Joana -, já não me conhece? Ah, é verdade, estou disfarçada.

— Perdoe-me — disse o velho -, mas é porque estou quase cego. Os olhos dos velhos não são feitos para chorar, e por isso, quando choram muito, as lágrimas queimam-nos.

— Ah, meu caro barão — respondeu a noiva -, vejo com efeito que tem a vista perdida, porque se assim não fosse, ter-me-ia conhecido, apesar do meu traje de homem. Vejo que é indispensável que Lhe diga o meu nome.



— Não há dúvida — replicou o velho -, pois torno a dizer-Lhe que apenas lhe distingo daqui o vulto.

— Pois bem, vou dar-lhe que cismar, Sr. Agostinho: sou a Sr. a de Saint-Luc.

— Saint-Luc? — repetiu o ancião. — Não conheço.

— Porém o meu nome em solteira — disse a noiva rindo-se — era Joana de CossE-Brissac.

— Ah, meu Deus! — gritou o velho, procurando abrir a grade com as mãos trémulas — ah, meu Deus!

Joana não podia perceber qual seria o motivo duma recepção tão extraordinária e tão diferente da que ela esperava, e que só podia atribuir à decadência das faculdades intelectuais do barão, motivada pela sua proecta idade; como viu, porém, que ele tinha acabado por conhecê-la, apeou-se rapidamente e foi-se-lhe lançar nos braços, como era o seu costume; mas quando o abraçou percebeu que ele tinha as faces húmidas: estava a chorar.

É de contentamento, pensou ela. Está bom! O corpo está velho, mas o coração conserva-se moço.

— Venha — disse o velho, depois de ter abraçado Joana.

E como se não houvera reparado nos seus dois companheiros, começou a andar na direcção do castelo com passo igual e vagaroso, sempre acompanhado pelos dois cães, os quais somente se tinham tirado de ao pé dele o tempo preciso para cheirarem e examinarem os recém-chegados.

O castelo apresentava um aspecto de tristeza que dava na vista; as portas das janelas estavam todas fechadas, parecia um imenso túmulo.

Os criados que andavam dum lado para outro, estavam todos vestidos de preto.

Saint-Luc olhou para a mulher como para Lhe perguntar se era assim que ela esperava encontrar o castelo.

Joana entendeu-o, e como também estava desejosa de esclarecer as

dúvidas que Lhe tinham ocorrido, chegou-se ao barão, e pegando-lhe na mão:

— E Diana? — disse ela. — Acaso não está cá?

O velho parou como assombrado por um raio, e olhando para a noiva com expressão do maior terror:

— Diana! — exclamou ele.

E logo que proferiu este nome, os dois cães, erguendo os focinhos para o dono, soltaram um lúgubre gemido.

Bussy arrepiou-se involuntariamente. Joana olhou para Saint-Luc, e este parou, sem saber se havia de seguir para diante ou voltar para trás.

— Diana! — repetiu o velho, como se lhe houvesse sido preciso todo aquele tempo para entender a pergunta que lhe tinham feito. — Mas. então não sabem.

E a voz do barão, já de si fraca e trémula, morreu de todo, abafada por um suspiro que Lhe saiu do fundo da alma.

— Mas o que é! Que foi que sucedeu! — exclamou Joana em extremo comovida e juntando as mãos.

— Diana morreu! — gritou o velho, levantando as mãos ao Céu com um gesto de desesperação, e vertendo uma torrente de lágrimas.

E, dizendo isto, deixou-se cair sobre os primeiros degraus da porta de entrada, onde naquele momento tinham chegado. Escondeu a cabeça entre as mãos, balançando ao mesmo tempo o corpo como para repelir a fúnebre recordação que sem cessar o atormentava.

— Morreu? — exclamou Joana, tornando-se pálida como um espectro.

— Morreu? — disse Saint-Luc, ternamente compadecido do velho.

— Morreu. — balbuciou Bussy — Fez-lhe acreditar a ele também que ela tinha morrido! Ah, pobre velho, como tu hás-de ser um dia meu amigo!.

— Morreu! morreu! — repetiu o barão. — Mataram-na!

— Ah, meu caro Senhor — disse Joana, que, depois do golpe terrível que recebera, tinha achado nas lágrimas o único recurso que obsta a que o desgosto despedace o fraco coração das mulheres.

E desatou a chorar aos soluços, alagando o rosto do velho, a cujo pescoço acabava de deitar os braços.

O velho fidalgo levantou-se a tropeçar.

— Não importa — disse ele -; a casa, apesar de deserta e triste, não deixa de ser hospitaleira como dantes; entrem.

Joana enfiou o braço do ancião no seu e atravessou com ele o peristilo, a antiga sala dos guardas, transformada em casa de jantar, e entrou no salão.

Um criado, que bem mostrava no parecer transtornado e nos olhos avermelhados quanto era afeiçoado ao amo, ia adiante dele abrindo todas as portas; Saint-Luc e Bussy seguiram mais atrás. Chegados que foram ao salão, o velho, sempre amparado por Joana, sentou-se, ou para melhor dizer, deixou-se cair na sua enorme poltrona de madeira lavrada.

O criado abriu uma janela para ventilar a casa, e, sem sair do salão, retirou-se para um canto.

Joana não se atrevia a quebrar o silêncio. Receava agravar as feridas do velho fazendo-lhe perguntas; e, contudo, como jovem e feliz que era, não podia resolver-se a considerar como verdadeira a desgraça de que Lhe acabavam de dar conhecimento.

Há uma idade na vida em que se não pode medir o abismo da morte, porque não se crê nela.

. Foi o barão quem veio ao encontro do seu desejo, renovando a conversa.

— Disseme que estava casada, minha querida Joana; este senhor é pois seu marido?

E apontava para Bussy.

— Não, Sr. Agostinho — respondeu Joana -; meu marido é este — e apresentou o Sr. de Saint-Luc.

Saint-Luc cortejou com todo o respeito o infeliz pai. Este saudou-o paternalmente e até diligenciou sorrir-se; e depois, virando-se para Bussy:

— E este senhor — disse ele -, é seu irmão, seu cunhado, ou algum parente seu?

— Não, meu caro barão, este senhor não é nosso parente, é nosso amigo. o Sr.

Luís de Clermont, conde de Bussy d'Amboise, gentil-homem do Senhor Duque de Anju.

O velho, a estas palavras, ergueu-se como se fora movido por uma mola, e lançou a Bussy um olhar terrível; mas logo, como se aquela provocação muda lhe houvera exaurido as forças, deixou-se cair novamente na poltrona soltando um gemido.

— Que é isso? — perguntou Joana.

— O barão conhece-o, Sr. de Bussy? — perguntou Saint-Luc.

— É esta a primeira vez que tenho a honra de ver o Senhor Barão de Méridor — disse em toda a serenidade Bussy, único das pessoas presentes que sabia o motivo da impressão que o nome do duque de Anju tinha causado ao velho.

— Ah, é gentil-homem do Senhor Duque de Anju — disse o barão -, é gentil-homem daquele monstro, daquele demónio, e atreve-se a confessá-lo, e tem o descaramento de se apresentar em minha casa?

— Estará ele doido? — perguntou Saint-Luc baixinho à mulher, olhando ao mesmo tempo para o barão com olhos espantados.

— Pode ser que os desgostos Lhe transtornassem o juízo — respondeu Joana muito assustada.

O Sr. de Méridor tinha acompanhado as palavras que acabava de proferir, e que faziam com que Joana duvidasse que ele estivesse em seu juízo, dum olhar ainda mais ameaçador do que o primeiro; porém

Bussy, sempre impassível, conservou-se na atitude do mais profundo respeito e não respondeu coisa alguma.

— Sim, daquele monstro — prosseguiu o Sr. de Méridor, cuja cabeça parecia turbar cada vez mais -, daquele assassino que matou minha filha!

— Pobre homem! — murmurou Bussy.

— Mas. o que está ele dizendo? — perguntou Joana admirada.

— Então não sabe, o senhor, que está olhando para mim tão espantado? — exclamou o Sr. de Méridor agarrando nas mãos de Joana e nas de Saint-Luc e reunindo-as nas suas. Então não sabe — repetiu — que o duque de Anju matou a minha Diana?

Sim, a querida filha foi morta pelo duque de Anju!

E o ancião proferiu estas últimas palavras com uma expressão tão dolorosa, que os olhos do pobre Bussy se arrasaram de lágrimas.

— Sr. de Méridor — disse Joana -, ainda que assim fosse, e confesso-lhe que não concebo como é possível que o duque fosse a causa de semelhante desgraça, não devia criticar o Sr. de Bussy, o mais leal e generoso de todos os fidalgos.

Atenda-me, meu bom pai, o Sr. Bussy é alheio a tudo isso que diz; o Sr. de Bussy partilha do nosso pesar. Acaso teria ele vindo aqui, se lhe tivesse dado motivo para o tratar por essa forma? Ah, meu querido Sr. Agostinho, peço-Lhe, pelo nome da sua Diana muito amada, que nos conte como aconteceu essa desgraça.

— Então não sabe o que sucedeu? — disse o velho dirigindo-se a Bussy. Bussy inclinou-se sem responder.

— Como quer que lho diga — replicou Joana -, se nenhum de nós sabia de tal acontecimento?

— A minha Diana morreu, e a sua melhor amiga não sabia do seu falecimento?

não admira! Nem escrevi, nem dei parte a pessoa alguma; parecia-me que o mundo devia acabar no instante em que Diana tinha deixado

de existir; julgava que todo o Universo devia andar de luto por Diana.

— Conte, conte-nos tudo; assim aliviará a sua saudade — disse Joana.

— Pois bem! — disse o barão com um soluço — saibam que aquele príncipe infame, que nasceu para desonra da nobreza de França, viu a minha Diana, e como se agradou dela por ser tão formosa, mandou-a roubar e fê-la conduzir para o Castelo de Beaugé, para a desonrar como se fora a Filha de algum servo. Porém Diana, a minha Diana, tão nobre e santa, preferiu a morte. Atirou consigo ao lago, e o único vestígio que dela se encontrou foi o seu véu boiando ao de cima da água.

E o velho acompanhou esta última frase de lágrimas e soluços, mostrando uma tal aflição, que chegou a comover deveras Bussy, homem de guerra, acostumado a derramar e a ver derramar sangue.

Joana, quase desmaiada, olhava também para o conde com uma espécie de terror.

— Oh, conde — exclamou Saint-Luc -, é um caso horrível, não é verdade? Conde, é preciso que abandone esse príncipe infame, conde, um homem de brio como o senhor não pode continuar a ser amigo dum raptor e dum assassino.

O velho, a quem as palavras simpáticas de Saint-Luc tinham consolado até certo ponto, esperava a resposta de Bussy para formar o seu juízo acerca dele.

Porém Bussy, em vez de responder à interpelação de Saint-Luc, deu um passo para o conde de Méridor.

— Senhor Barão — disse ele -, quer conceder-me a honra duma conversa em particular?

— Ouça o Sr. de Bussy, meu caro Senhor — disse Joana -, verá que tem muito bom coração e que é muito capaz de o servir.

— Fale, Senhor — disse o barão a tremer, porque pelo olhar do mancebo já ele tinha percebido que ia ouvir alguma confidência muito extraordinária.

Bussy voltou-se para Saint-Luc e sua esposa, e olhando para eles com amizade:

— Dão licença? — disse ele.

Os dois noivos saíram pelo braço um do outro. À vista do imenso infortúnio do barão julgavam-se eles duplamente felizes.

Depois de eles saírem e de fechada a porta, Bussy aproximou-se do barão e cumprimentou-o respeitosamente.

— Senhor Barão — disse Bussy -, acaba de acusar na minha presença um príncipe, a quem eu sirvo, e acusou-o com uma veemência tal que me obriga a pedir-lhe uma explicação. O velho fez um movimento.

— Oh, peço-Lhe que não se engane relativamente ao sentido muito respeitoso das minhas palavras; é com a maior simpatia que Lhe estou falando, e com o mais ardente desejo de suavizar a sua mágoa que lhe digo: Senhor Barão, narre-me, com todos os pormenores, a triste catástrofe que há pouco contou ao Sr. de Saint-Luc e a sua esposa. Vejamos: ter-se-á tudo passado como julga, e parece-lhe realmente que se acabou toda a esperança?

— Senhor — disse o velho -, ainda cheguei a ter um vislumbre de esperança.

Um cavalheiro nobre e leal, o Sr. de Monsoreau, amava a minha pobre filha e interessou-se por ela.

— O Sr. de Monsoreau. pois bem! — replicou Bussy — Diga-me qual foi o seu comportamento em todo este negócio?

— Ah, ele portou-se em tudo como homem de bem, e, apesar de Diana ter recusado a sua mão, foi ele o primeiro que me avisou dos projectos infames do duque.

Foi ele quem me indicou o meio de os frustrar; só me pedia um favor para salvar a minha filha, e nisso mostrava a nobreza e rectidão da sua alma; pedia-me, no caso de conseguir arrancá-la do poder do duque, que lha desse em casamento, a fim de que ele, homem moço, activo e afoito, pudesse defendê-la dum príncipe poderoso, empresa

esta que seu pobre pai não podia tomar sobre si.

Anui gostosamente; mas por infelicidade minha já era tarde, e quando ele lá chegou, achou a minha pobre Diana livre de desonra pela morte!

— E desde esse momento fatal — perguntou Bussy -, o Sr. de Monsoreau nunca mais lhe deu novas suas?

— Há apenas um mês que estes acontecimentos tiveram lugar — disse o velho -, e o pobre cavaleiro não terá tido ânimo de me aparecer, depois do malogro da sua generosa tentativa.

Bussy baixou a cabeça; já compreendia tudo.

Só agora percebia como o Sr. de Monsoreau conseguira tirar do poder do príncipe a donzela que ele tanto amava, e como fizera acreditar ao pobre pai que ela tinha morrido, receoso que o príncipe descobrisse que ele se achava casado com ela.

— Então que me diz, Senhor? — perguntou o velho, vendo que o mancebo se conservava meditabundo e com os olhos fitos no chão.

— Digo-lhe, Senhor Barão — respondeu Bussy -, que fui encarregado por Sua Alteza o Senhor Duque de Anju de o conduzir a Paris, onde Sua Alteza deseja falar-lhe.

— Falar-me, a mim? — exclamou o barão. — Pois eu hei-de ver-me cara a cara com aquele homem depois da morte de minha filha? E que terá aquele assassino que me dizer?.

— Quem sabe. talvez queira justificar-se.

— E ainda que se justificasse — exclamou o velho -, nem por isso poderia dar vida a minha filha. Não, Sr. de Bussy, não irei a Paris; e além de tudo o mais, não tenho ânimo para me afastar para tão longe da fria sepultura onde jaz a minha filha querida.

— Senhor Barão — disse Bussy com voz firme -, dê-me licença que inste para que me acompanhe; estou incumbido de o conduzir a Paris; foi para isso unicamente que vim aqui.

— Pois sim, irei a Paris, se assim querem — gritou o velho, trémulo



de raiva

-; porém que se guardem de mim os que foram a causa da minha desgraça! El-rei há-de ouvir-me, e se não me atender, hei-de apelar dele para todos os fidalgos da França. A minha mágoa — murmurou em voz baixa — fez-me esquecer que tenho entre as mãos uma arma de que até agora ainda não soube servir-me. Sim, Sr. de Bussy estou pronto a acompanhá-lo.

— E eu, Senhor Barão — disse Bussy pegando-Lhe na mão -, recomendo-lhe que tenha a paciência, a serenidade de ânimo e a dignidade próprias dum fidalgo temente a Deus. A misericórdia de Deus é infinita, e não pode saber o que ela lhe destina em sua sabedoria. Peço-Lhe também que enquanto não chega o dia em que há-de aparecer o efeito da misericórdia divina, não me considere no número dos seus inimigos, porque não sabe o que eu tenciono fazer para o servir.

Até amanhã, pois, Senhor Barão, e logo que for dia, pôr-nos-emos a caminho.

— Consinto — respondeu o barão involuntariamente, e comovido pelo modo por que Bussy tinha proferido estas palavras -; mas entretanto, amigo ou inimigo, é meu hóspede e é preciso que eu vá conduzi-lo ao quarto onde há-de ficar.

O barão, dizendo isto, pegou num candelabro de prata com três velas que estava sobre a mesa, e, acompanhado de Bussy de Amboise, subiu pesadamente a escada principal do castelo.

Os cães quiseram segui-lo, mas ele deteve-os com um aceno: atrás de Bussy iam dois criados, também com luzes.

O conde, quando chegou ao limiar da porta do quarto que lhe era destinado, perguntou o que era feito do Sr. de Saint-Luc e de sua esposa.

— O meu velho Germano tomou provavelmente conta deles — respondeu o barão.

Adeus, Senhor Conde, muito boa noite.

## XXIII

### DE QUE MANEIRA RÉMY LE HAUDOUIN, NA AUSÊNCIA DE BUSSY, TINHA CONSEGUIDO RELACIONAR-SE COM A GENTE DA CASA DA RUA DE SAINT-ANTOINE

Bussy aos segredos com o Sr. de Méridor; Bussy dispondo-se a partir para Paris com o velho barão; Bussy, finalmente aparecendo de repente encarregado da direcção de negócios a que no princípio parecia alheio era para eles um fenómeno inexplicável.

Quanto ao barão, o mágico poder do título de Alteza Realtinha produzido nele o efeito que era de esperar; um fidalgo do tempo de Henrique III não tratava de bagatela como o nascimento rém e as qualificações heráldicas. E Alteza Real significava para o Sr. de Méridor, assim como para qualquer outro que não fosse o rei, um caso de força maior, isto é, raios e tempestades.

Logo pela manhã, o barão despediu-se dos seus hóspedes, que deixou de posse do castelo; porém Saint-Luc e sua mulher, avaliando as dificuldades da situação, resolveram sair de Méridor assim que pudessem, e passar para as terras de Brissac, que eram adjacentes, logo que tivessem obtido o consentimento do tímido marechal.

Bussy, em menos dum segundo, justificou o seu estranho procedimento, dizendo em voz baixa algumas palavras ao ouvido da encantadora esposa de Saint-Luc, que o escutava com avidez.

— Apenas ele acabou de falar, o rosto de Joana tornou-se risonho e corou-lhe as faces o mais lindo carmim. Os seus dentinhos brancos e

brilhantes como madreperola apareceram-lhe entre o coral dos lábios, e quando o marido, espantado, olhou para ela para a interrogar, fez-lhe sinal que se calasse, e fugiu a pular, enviando com a mão um beijo de agradecimento a Bussy.

O velho não tinha reparado nesta pantomina tão expressiva; estava com os olhos fitos no seu solar e acariciava maquinalmente com a mão os dois cães, que pareciam resolvidos a não se separarem dele. Deu algumas ordens, em voz chorosa, aos criados, que tinham vindo despedir-se; e depois, montando a muito custo, ajudado pelo escudeiro, num cavalo malhado que muito estimava e que tinha sido o seu cavalo de batalha durante as últimas guerras civis, despediu-se, com um aceno, do Castelo de Méridor, e pôs-se a caminho sem proferir uma única palavra.

— Bussy com os olhos radiantes de contentamento, correspondia aos sorrisos de Joana e voltava-se repetidas vezes para dizer adeus aos noivos. Joana, ao despedir-se dele, tinha-lhe dito ao ouvido:

— Sempre é um homem muito singular, Senhor Conde! Eu tinha-lhe prometido que acharia a felicidade no Castelo de Méridor. e Foi o senhor, pelo contrário, que restituiu a Méridor a felicidade que daqui tinha fugido.

Méridor fica longe de Paris; e muito longe especialmente para um velho barão, crivado de cutiladas e de balas nas guerras mortíferas daqueles tempos, em que as feridas eram na proporção da rudeza dos guerreiros.

E a distância também parecia maior, andada no respeitável cavalo malhado de que falámos, o qual se chamava Jarnac, e que quando ouvia este nome erguia a cabeça escondida pela espessa crina, deixando ver por baixo das cansadas pálpebras uns olhos ainda fogosos.

Bussy logo que se viu a caminho, começou a estudar o modo de captar, a poder de carinho filial, o coração do velho, que a princípio lhe tinha mostrado tanta aversão; e é de crer que conseguisse o seu fim, porque ao sexto dia, pela manhã, quando entravam em Paris, o Sr. de

Méridor dirigiu ao seu companheiro de jornada estas palavras que denotavam a mudança que durante a viagem se Lhe tinha operado no espírito:

— É coisa célebre, conde! Eis-me chegado ao sítio onde existe o causador da minha desgraça, e contudo estou menos triste hoje do que estava quando me pus a caminho.

— Daqui a duas horas, Sr. Agostinho — disse Bussy -, terá formado a meu respeito o juízo que desejo que forme.

Os dois viajantes entraram em Paris pelo arrabalde de S. Marçal, entrada usual naquela época, porque aquele bairro horrendo, que hoje é o mais feio de Paris, parecia elegante naquele cempo, pelas suas numerosas igrejas, milhares de casas pitorescas, e pontes lançadas sobre fétidas enxurradas.

— Onde vamos nós? — disse o barão. — Ao Louvre, provavelmente.

— Não senhor — disse Bussy -; quero primeiro levá-lo a minha casa, para que descanse durante alguns minutos e se prepare para visitar a pessoa a casa de quem tenciono conduzi-lo.

O barão anuiu a tudo; Bussy levou-o em direcção ao Palácio da Rua de Grenelle-Saint-Honoré.

Os fâmulos do conde não o esperavam, ou, para melhor dizer, já não o esperavam.

O conde, na noite da partida, entrara em casa por uma portinha de que só ele tinha a chave, e, depois de aparelhado o cavalo por suas próprias mãos, tornara a sair sem ser visto por pessoa alguma, à excepção de Rémy le Haudouin.

Já se vê, pois, que o seu desaparecimento instantâneo, os perigos a que escapara na semana anterior e de que Lhe resultara aquela ferida, como todos em casa sabiam, o seu génio aventureiro, de que nunca se emendava, levaram muita gente a pensar que teria caído em alguma cilada armada pelos seus inimigos; que a fortuna, que até ali tanto o havia favorecido, se tornara finalmente adversa, e que Bussy, de quem

já não havia notícia, morrera de alguma punhalada ou de algum tiro.

De forma que os mais íntimos amigos de Bussy e os seus mais fiéis criados já tinham começado novenas para que ele ressuscitasse, enquanto que outros, mais positivos e não esperando encontrar senão o seu cadáver, tratavam de proceder a minuciosas pesquisas nos canos, nas casas suspeitas, nas pedreiras dos arredores, na ribeira de Bièvre ou nos fossos da Bastilha.

Uma única pessoa respondia, quando lhe perguntavam notícias de Bussy:

— O senhor conde está bom.

Mas se alguém procurava levar mais adiante o interrogatório, nada mais respondia, porque também era isto unicamente o que sabia.

A pessoa que a todos dava esta resposta satisfatória, mas pouco explícita, era mestre Rémy le Haudouin, que levava todo o dia a entrar e a sair do palácio, parecendo entretido em executar missões misteriosas, e de cada vez que aparecia, que era sempre para comer e com insólito apetite, reanimava os ânimos abatidos da casa.

Laudouin entrava no palácio de volta de uma das suas misteriosas ausências, no momento em que no pátio principal ressoavam os gritos de alegria dos criados, que todos à porfia queriam agarrar nas rédeas do cavalo de Bussy e servir-lhe de escudeiros, porque o conde, em vez de se apear, tinha-se conservado a cavalo.

— Está bom! — dizia Bussy. — Vejo que estão satisfeitos de me verem vivo; obrigado. Querem contudo verificar se sou eu na realidade, ou se é a minha sombra, Sou eu, sim, olhem, apalpem, aviem-se! Muito bem; agora ajudem este respeitável fidalgo a apear-se, e tomem sen tido, que eu tenho por ele mais consideração e respeito do que se fosse um príncipe. A recomendação de Bussy não foi inútil. os criados até ali apenas tinham reparado no barão, julgando, pelo seu vestuário simples e fora de moda, e pelo cavalo malhado, a que eles, acostumados como estavam a lidar com os cavalos de Bussy, logo deram o devido valor, que era algum antigo escudeiro que vivia retirado na província, e que o aventureiro fidalgo trazia daquele

desterro como dum outro mundo.

Porém, apenas Bussy proferiu aquelas palavras, todos eles rodearam o barão.

Le Haudouin contemplava toda aquela cena com um risinho de escárnio, que logo desapareceu do rosto alegre do jovem doutor apenas Bussy o encarou com toda a seriedade. — Um quarto imediatamente para o Senhor Barão — bradou Bussy.

Qual há-de ser? — perguntaram logo cinco ou seis vozes.

— O melhor de todos, o meu.

E, dizendo isto, ofereceu o braço ao velho para subir a escada, procurando assim pagar-lhe com usura as atenções com que o barão o tinha recebido no castelo.

O Sr. de Méridor cedeu a tanta delicadeza e urbanidade sem oposição alguma, e quase maquinalmente, como nos entregamos às vezes ao domínio de certos sonhos que nos levam às regiões fantásticas de que se compõe o reino da imaginação e da noite.

Trouxeram ao barão a taça de ouro do conde, e Bussy quis encher-lhe por suas mãos o copo de vinho, símbolo da hospitalidade.

— Obrigado, obrigado, Senhor Conde — dizia o velho -; mas, quando vamos nós ao nosso destino?

— Não tarda nada, Senhor Barão, confie em mim; há-de ser um momento de muita felicidade, não só para o senhor, como para mim também.

— Que está dizendo? E por que motivo me fala continuamente num estilo que eu não entendo?

— Digo, Sr. Agostinho, que já Lhe falei na misericórdia da Providência, e que se vai aproximando o momento em que hei-de dirigir uma súplica à Providência em seu nome.

O barão olhou com espanto para Bussy; mas este, fazendo-lhe com a mão um respeitoso aceno, que queria dizer: Volto daqui a um instante, saiu do quarto com gesto risonho. Le Haudouin estava de

sentinela à porta, conforme ele esperava; pegou-lhe no braço e levou-o para um gabinete.

— Então, meu caro Hipócrates? — prosseguiu ele. — Que há de novo?

— Onde?

— Boa pergunta! Na Rua de Santo António.

— Meu Senhor, posso asseverar-lhe que chegámos a um ponto que segundo presumo muito, lhe há-de agradar. Não há porém novidade.

Bussy respirou.

— Visto isso, não voltou o marido?. — disse ele.

— Voltou, sim senhor; mas não conseguiu coisa alguma. O desfecho da peça está dependente, segundo me consta, dum pai por quem se espera, e que há-de ali cair das nuvens mais dia menos dia.

— Está bom! — disse Bussy; — mas como sabes tu isso?

— Eu Lhe conto, meu Senhor — disse Le Haudouin com a costumada jovialidade e franqueza -; como a sua ausência tornou momentaneamente o meu emprego em sua casa numa sinecura, quis utilizar em seu serviço a ordem que me deu.

— Vejamos, o que fizeste? Conta-me tudo, meu caro Rémy, todo eu sou ouvidos.

— O caso foi o seguinte: logo que o Senhor Conde daqui partiu, levei dinheiro, alguns livros e a minha espada para um quarto que tinha alugado na casa que faz esquina para a Rua de Santo António e para a de Santa Catarina.

— Bem.

— Dali via eu a casa que sabe, desde as frestas da adega até ao cume do telhado.

— Muito bem.

— Apenas tomei posse do meu quarto, fui logo pôr-me à janela.

— Excelente ideia.

— É verdade, mas havia contudo um inconveniente.

— Qual era?

— Era que, assim como eu via, também me viam a mim, e que afinal poderia causar alguma desconFiança um homem entretido sempre a olhar para a mesma perspectiva; o resultado de semelhante obstinação seria ficar eu em breve tido por um ladrão, por um amante, por um espião, ou um doido, ao cabo de dois ou três dias.

— Discorreste muito bem, meu caro Le Haudouin. Mas então que fizeste?

— Oh! então, Senhor Conde, capacitei-me que era preciso recorrer a meios decisivos, e confesso-lhe.

— O quê?

— Confesso-lhe que me apaixonei!

— Hem? — disse Bussy, que não podia perceber qual era a utilidade que Lhe poderia resultar da paixão de Rémy.

— tal qual como tenho a honra de Lhe dizer — respondeu o jovem doutor com toda a seriedade -; estou apaixonadíssimo, mesmo louco de amores.

— Por quem?

— Por Gertrudes.

— Por Gertrudes, a aia mais dedicada da Sr. de Monsoreau?

— Sim senhor! Isso mesmo, de Gertrudes, aia da Sr. de Monsoreau. Então que remédio tinha eu, meu Senhor?. Não sou fidalgo, não posso namorar as amas. Sou um pobre médico obscuro, e tenho por junto um único cliente, o qual espero em Deus que me há-de dar muito pouco que fazer; vejo-me portanto obrigado a fazer as minhas experiências in ani vili, como se diz na universidade.

— Pobre Rémy! — disse Bussy. — Acredita que dou o devido valor à tua dedicação.

— Sempre Lhe direi, meu Senhor — respondeu Le Haudouin —



que o caso também não é para ter tanto dó de mim. Gertrudes é uma mocetona que tem mais duas polegadas de altura que eu, e que sem custo me levantaria ao ar pegando-me pela gola do casaco. A extraordinária força muscular de que é possuidora faz com que eu tenha por ela uma veneração que muito lisonjeia o seu amor-próprio; e como estou sempre por tudo quanto ela quer, nunca temos desavenças; e demais, possui uma prenda muito preciosa.

— Qual é? — meu Rémy.

— Conta perfeitamente qualquer coisa que se quer saber.

— Ah, deveras?

— Sim senhor; de forma que sei por ela tudo quanto se passa em casa da ama.

Hem? que me diz a isto?. pensei que não deixaria de estimar que eu estivesse relacionado com alguém da casa.

— Le Haudouin, tu foste o génio bom que o acaso, ou, por outra, a Providência, colocou no meu caminho; pelo que vejo chegaste com Gertrudes a ponto.

— Puella me diligit — respondeu Le Haudouin, balanceando o corpo com fatuidade afectada.

— E tens entrado em casa?

— Entrei ontem pela primeira vez, à meia-noite, nos bicos dos pés, e por aquela célebre porta sua conhecida que tem um postigo no meio.

— E como conseguiste tamanha ventura?

— Confesso-Lhe que foi sem muito custo.

— Conta-me lá isso.

— Dois dias depois da sua partida, e no imediato àquele em que tomei posse do quarto, esperei à porta que a dama de meus futuros pensamentos saísse para ir às compras, passatempo este em que ela se entretém todos os dias, desde as oito até às nove horas da manhã. Às oito e dez minutos apareceu a bela; saí logo do meu observatório, e fui-me fazer encontrado com ela.

— E ela conheceu-te?

— Conheceu-me tão bem, que deu um grito e deitou a fugir.

— E então?

— Então corri atrás dela, e a muito custo a alcancei, porque corre muito bem; mas as saias como sabe, sempre tolhem os movimentos.

— Santo nome de Jesus! — exclamou ela.

— Santo nome de Maria! — disse eu.

Esta minha exclamação deu-Lhe de mim uma ideia favorável; qualquer outro homem, que não fosse tão religioso como eu sou, teria exclamado: cos demónios! ou cos diabos!

— É o médico! — disse ela.

— É a linda aia! — respondi eu”.

Ela sorriu-se, e tornou logo:

— O senhor está enganado, não o conheço.

— Pois eu conheço-a muito bem — retorqui eu -, porque há três dias que não vivo, que não existo, adoro-a! E tanto assim que já não moro na Rua Beautreillis, mas sim na Rua de Santa Catarina, e o fim para que mudei de casa foi para poder vê-la quando entra e sai; quando, pois, precisar de mim para curar as feridas de algum galante mancebo, fará favor de me procurar na minha nova morada e não na antiga.

— Cale-se! — disse ela.

— Ah! bem vê que não estava enganado! — repliquei eu.

E eis como travámos, ou, para melhor dizer, como renovámos conhecimento.

— De forma que és actualmente.

— Tão feliz quanto um amante o pode ser. Com Gertrudes, bem entendido, tudo é relativo; porém considero-me sobremaneira feliz por ter conseguido o fim que tinha em vista para utilidade sua. — se ela desconfiar?.

— Nada; nem sequer lhe falei no senhor. Como era possível que o pobre Rémy le Haudouin conhecesse um fidalgo como o Sr. de Bussy?. Apenas lhe perguntei com indiferença:

— E aquele rapaz, seu amo, já está melhor?

— Que amo?

— Aquele cavalheiro que eu curei em sua casa.

— Não era meu amo — respondeu ela.

— Ah! É porque como ele estava deitado no leito da sua ama, pensei — repliquei eu. — Oh, não, não — disse ela com um suspiro -; o pobre mancebo nenhum parentesco tinha com a senhora; nem o tornámos a ver senão uma única vez desde aquela saudosa noite.

— Visto isso, nem mesmo sabe como ele se chama? — perguntei eu. — Lá isso sei.

— É porque podia ter-Lhe ouvido o nome e esquecer-se.

— Não é nome que se esqueça.

— Como se chama então?

— Já ouviu falar alguma vez do Sr, de Bussy?

— Sem dúvida! — respondi eu. — Bussy, o valente Bussy.

— Pois bem! É esse mesmo.

— Então, a dama.

— Minha ama é casada, Senhor.

— É casada, é fiel ao marido, e aposto que pensa algumas vezes no galante mancebo que ela viu, ferido e desmaiado, deitado sobre a sua cama.

— Para Lhe falar com franqueza — respondeu Gertrudes -, não posso negar que minha ama pensa nele de vez em quando.

Um vivo rubor assomou às faces de Bussy.

— Dir-Lhe-ei mais — acrescentou Gertrudes -: sempre que estamos sós, conversamos a respeito dele.

— Excelente rapariga! — exclamou o conde.

— E que diz a respeito dele? — perguntei eu.

— Conto as suas proezas, e não tenho muito trabalho para as saber, porque não se fala em Paris senão das estocadas que ele dá e que leva. Até já ensinei à minha ama uma cantiga que por aí anda muito em voga.

— Ah, bem sei — respondi eu -, é uma moda que os rapazes cantam, narrando os feitos do Sr. de Bussy de Amboise.

— Exactamente! — exclamou Gertrudes. — De forma que a minha ama já não canta outra coisa. “

Bussy apertou a mão do médico; um indizível estremecimento de felicidade acabava de lhe correr pelas veias.

— Nada mais? — disse ele, tão insaciável é o homem em seus desejos.

— Só isto, meu Senhor. Oh, hei-de saber mais alguma coisa com o perpassar do tempo; é impossível saber tudo num dia, ou, para melhor dizer, numa noite.

## XXIV

### O PAI E A FILHA

A conversa de Rémy tinha tornado Bussy muito feliz, pois dera-lhe a saber duas coisas: a primeira, que o Sr. de Monsoreau ainda era pela mesma forma odiado; e a segunda, que ele, Bussy, já ia sendo mais estimado.

E demais, aquela amizade de que o mancebo Lhe dava provas, alegrava-lhe o coração e duplicava-Lhe o júbilo que sentia.

Bussy julgou pois que não havia tempo a perder, e cada arrepio da dor que fazia estremecer o coração do velho era quase um sacrilégio actualmente: um pai carpindo a perda duma filha, oferece um tal transtorno das leis da natureza, que todo aquele que o pode consolar dizendo uma única palavra, merece as maldições de todos os pais se o não fizer.

O Sr. de Méridor, quando chegou ao pátio, encontrou um dos cavalos de Bussy, que este tinha mandado aparelhar para o seu hóspede. Montaram ambos e saíram, acompanhados de Rémy.

Chegaram à Rua de Santo António, com grande admiração do Sr. de Méridor, que não vinha a Paris havia vinte anos, e atordoado pelo tropear dos cavalos, pelos gritos dos lacaios e pela concorrência muito maior de carruagens, achava a capital muito diferente do que era no reinado do rei Henrique II.

Apesar, porém, dessa admiração, que chegava quase a ser espanto, o barão nem por isso deixava de se conservar entregue a uma profunda tristeza, que ia aumentando à medida que se aproximava do termo ainda por ele ignorado da sua jornada.

Que recepção encontraria ele no duque? Quais seriam os novos pesares que de tal entrevista haviam de resultar?

E de vez em quando, olhando com pasmo para Bussy, a si próprio perguntava por que fatalidade tinha ele consentido acompanhar, quase cegamente, aquele gentil-homem dum príncipe que tinha sido a origem de todos os seus desgostos.

Se não teria sido mais conforme com a sua dignidade desobedecer ao convite do duque de Anju, e, em lugar de acompanhar assim Bussy onde este quisesse conduzi-lo, ir direito ao Louvre lançar-se aos pés do rei. Que poderia o príncipe dizer-lhe? Como poderia consolá-lo?

Chegaram por fim à Rua de S. Paulo.

Bussy como hábil general, tinha mandado na sua frente Rémy, com

ordem de explorar o caminho e preparar o meio de ele se introduzir na praça.

Este último foi ter com Gertrudes, e voltou a dizer ao conde que nem chapéu de homem, nem espada, obstruíam a porta, a escada e o corredor por onde se entrava para a casa da Sr. de Monsoreau.

Esta informação, como bem se pode julgar, era dada em voz baixa a Bussy por Le Haudouin.

O barão, entretanto, olhava muito admirado para todos os lados.

— Pois quê? — dizia ele. — Aqui é que mora o duque de Anju?

E a humilde aparência da casa começou a inspirar-Lhe certa desconfiança.

— Com efeito, não é esta a sua morada — respondeu Bussy sorrindo -; mas é a casa duma senhora de quem ele já gostou muito.

A frente do fidalgo turvou-se.

— Senhor — disse ele parando o cavalo -, nós os provincianos não estamos acostumados a tanta sem-cerimónia; estes usos de Paris confundem-nos por tal forma, que não sabemos viver no meio dos seus mistérios. Parece-me que se o duque de Anju tem empenho em falar com o barão de Méridor, deve ser no seu palácio, e não na casa duma das suas amantes. E demais — acrescentou o velho com um suspiro -, por que motivo quer o senhor, que me parece um homem honrado, pôr-me cara a cara com uma dessas mulheres? Será para me dar a entender que a minha pobre Diana ainda viveria, se, como a dona desta casa, tivesse preferido a desonra à morte?.

— Vamos, vamos, Senhor Barão — disse Bussy com aquele sorriso tão leal que tinha sido até ali o seu meio de convicção mais seguro para com o velho -, não forme falsas conjecturas. Pela minha fé de cavaleiro Lhe assevero que não se dá aqui o caso que supõe. A dama que vai ver é perfeitamente virtuosa e merecedora de todo o respeito.

— Mas quem é ela?

— É. é a esposa dum fidalgo muito seu conhecido.

— Deveras? Mas então, Senhor Conde, por que motivo diz que o príncipe já gostou dela?

— Porque eu não costumo faltar à verdade, Senhor Barão; entre, e convencer-se-á por seus próprios olhos, quando vir que eu cumpri a minha promessa.

— Veja bem, Senhor Conde; olhe que eu chorava a morte da minha filha muito querida, e o senhor disseme: Console-se, Senhor Barão, que a misericórdia de Deus é grande; essa consolação que prometeu à minha dor era quase como se promettesse um milagre.

— Entre, Senhor Barão — repetiu Bussy com o mesmo sorriso que sempre seduzia o velho. O barão apeou-se.

Gertrudes tinha vindo abaixo, e conservava-se pasmada no limiar da porta, olhando para Le Haudouin, para Bussy e para o velho, sem poder adivinhar por que combinação da Providência ali se achavam reunidos aqueles três homens.

— Vá avisar a Sr. de Monsoreau — disse o conde — que o Sr. de Bussy está de volta e precisa já falar-Lhe. Mas, pela sua vida! — prosseguiu ele falando-Lhe ao ouvido. — Não lhe diga uma única palavra a respeito da pessoa que vem comigo.

— A Sr. de Monsoreau? — disse o velho estupefacto. — A Sr. de Monsoreau?

— Vá adiante, Senhor Barão — disse Bussy empurrando o Sr. Agostinho para o corredor. Enquanto o velho ia subindo a escada com passos mal seguros, ouviu-se a voz de Diana, que respondia toda trémula:

— O Sr. de Bussy? Dizes, Gertrudes, o Sr. de Bussy? Que entre!

— Que voz é aquela?. Oh! meu Deus, meu Deus!

— Vamos, suba, Senhor Barão — disse Bussy.

No mesmo instante, e quando o barão, a tremer, procurava segurar-se ao corrimão, olhando em redor de si, apareceu de repente Diana no alto da escada, alumiada por um raio de Sol que Lhe dava de

chapa, radiante de formosura e com gesto risonho, se bem que não esperava ver o pai.

O velho, assim que a avistou, julgando que era alguma visão mágica, deu um grito horrível, e, com os braços estendidos e os olhos espantados, apresentava uma tão perfeita imagem do terror e do delírio, que Diana, pronta já a saltar-lhe ao pescoço, suspendeu esse movimento, espantada também e estupefacta.

O barão, quando estendeu os braços, encontrou o ombro de Bussy e a ele se encostou.

— Diana!. Ainda viva!. — murmurou o barão de Méridor; — Diana! A minha Diana que me disseram ter morrido!. Oh, meu Deus!

E o robusto guerreiro, esforçado actor das guerras estrangeiras e das guerras civis que sempre o tinham poupado; o carvalho idoso que o raio da morte de Diana não tinha podido derrubar; o atleta que tinha lutado com valentia contra a dor; esmagado, despedaçado e aniquilado agora pela alegria, recuou, faltando-lhe as pernas, e se não fora Bussy, teria caído redondamente pela escada abaixo à vista daquela imagem tão querida, que Lhe aparecia vagamente diante dos olhos turvos dividida em átomos confusos.

— Oh, meu Deus, Sr. de Bussy! — gritou Diana, descendo apressadamente os degraus da escada que ainda a separavam do velho. — Que tem meu pai!

E a dama, assustada por ver aquela repentina palidez e o singular efeito que produzia uma entrevista para a qual ela pensava que o pai vinha preparado, ainda interrogava mais com os olhos do que com a voz.

— O Senhor Barão de Méridor julgava que a senhora tinha morrido, e lamentava a sua perda, como cumpre a um pai tão terno como ele é, lamentar a falta duma filha como a senhora.

— Como assim? — exclamou Diana. — Pois ninguém o tinha desenganado?

— Ninguém.



— Oh, não, não, ninguém — exclamou o velho acordando do seu letargo momentâneo — , ninguém! Nem mesmo o Sr. de Bussy.

— Ingrato! — respondeu o conde em tom de terna repreensão.

— Oh! sim — respondeu o velho -, sim, tem razão, porque este momento compensa tudo quanto sofri. Oh, minha Diana, minha Diana muito querida! — prosseguiu ele, agarrando com uma das mãos na cabeça da filha de encontro à boca, e estendendo a outra a Bussy.

Porém, logo erguendo a cabeça como se uma lembrança dolorosa ou um novo receio lhe houvera penetrado no coração, apesar da armadura de alegria, seja-nos permitida a expressão, com a qual acabava de o resguardar:

— Mas não me disse, Sr. de Bussy, que eu ia ver a Sr. a de Monsoreau?. onde está ela?

— Ah, meu pai!. — murmurou Diana.

Bussy procurou revestir-se de todo o seu ânimo.

— Ei-la aqui presente — disse ele o conde de Monsoreau é seu genro.

— Como se entende isso? — balbuciou o velho — o Sr. de Monsoreau é meu genro, e toda a gente. tu, Diana, ele mesmo! Todos mo têm deixado ignorar?

— Receava escrever-lhe, meu pai, porque a carta podia ir parar às mãos do príncipe. E de mais, julgava que sabia tudo.

— Mas qual foi o fim de tudo isto — perguntou o velho -, para que servem tão extraordinários mistérios?

— Oh, sim, meu pai, pondere tudo isto — exclamou Diana -: por que motivo procurou o Sr. de Monsoreau fazer-lhe crer que eu tinha morrido? Qual foi a razão por que não lhe participou que estava casado comigo?

O barão, tremendo como se estivesse com receio de perscrutar aquelas trevas, interrogava a medo com a vista os olhos fogosos da querida filha e a inteligente melancolia de Bussy.

Durante este espaço de tempo tinham caminhado gradualmente até à sala.

— O Sr. de Monsoreau meu genro!. — balbuciava continuamente o barão de Méridor.

— Não sei porque se admira — respondeu Diana em tom de amigável exprobração -; não me ordenou que o recebesse por marido, meu pai?.

— Sim, se ele te salvasse.

— Pois bem, salvou-me — disse com voz surda Diana deixando-se cair sobre uma cadeira ao lado do seu genuflexório. — Livrou-me, não da desgraça, mas da desonra pelo menos.

— Então porque me deixou ele persuadir que tinhas morrido, vendo que eu chorava tão amargamente a tua perda? — repetiu o velho. — Porque me deixava ele morrer de desespero quando bastava uma única palavra para me tornar à vida?

— Oh, aqui anda alguma cilada encoberta — exclamou Diana. — Meu pai, nunca mais me deixará. Sr. de Bussy, há-de proteger-nos, não é assim?

— Infelizmente, minha Senhora — disse o mancebo inclinando-se — já não posso continuar a intrometer-me nos segredos da sua família. Quando soube do estranho procedimento de seu marido, quis procurar-lhe um defensor que pudesse legalmente protegê-la. Esse defensor de que necessitava, fui buscá-lo a Méridor. Está ao lado de seu pai, agora cumpre que eu me retire.

— Tem razão — disse o velho com tristeza -; o Sr. de Monsoreau teve medo do ressentimento do duque de Anju, e o Sr. de Bussy tem o mesmo receio...

Diana olhou para o mancebo com um modo que queria dizer:

— Será possível que tu, a quem chamam o valente Bussy, tenhas medo do Senhor Duque

de Anju, como pode ter o Sr. de Monsoreau?

Bussy entendeu o olhar de Diana, e sorriu-se.

— Senhor Barão — disse ele -, peço-lhe que desculpe a pergunta algum tanto extraordinária que vou fazer-lhe, e também, minha Senhora, digne-se desculpar-me, em atenção ao grande desejo que tenho de poder servi-la...

Ambos esperavam olhando um para o outro.

— Senhor Barão — prosseguiu Bussy -, peço-lhe que pergunte à Sr de Monsoreau...

E carregou nestas últimas palavras, que fizeram descorar a dama. Bussy conheceu a pena que estava causando a Diana, e continuou:

— Pergunte a sua filha se o casamento que lhe aconselhou, e no qual ela consentiu, a tornou ditosa.

Diana uniu as mãos, e suspirou. Foi a única resposta que pôde dar a Bussy.

Mas também nenhuma teria sido mais positiva e mais eloquente.

Os olhos do velho barão arrasaram-se de lágrimas, porque já ia começando a conhecer que a sua amizade, talvez demasiadamente inconsiderada, pelo Sr. de Monsoreau, havia contribuído muito para a desdita da filha.

— Agora diga-me — prosseguiu Bussy é bem verdade, Senhor, que por sua livre vontade concedeu a mão de sua Filha ao Sr. de Monsoreau, sem que a isso fosse obrigado por ardil ou por violência?

— Concedi, sim, no caso de ele a salvar.

E ele salvou-a, efectivamente. Visto isso, é escusado perguntar-lhe, Senhor, se tenciona cumprir a sua palavra...

O cumprimento duma promessa é um dever para todo o homem, especialmente se é cavaleiro, e o senhor melhor do que ninguém deve sabê-lo. O Sr. de Monsoreau salvou a vida a minha Filha, segundo ela mesma confessa, por consequência, minha filha pertence ao Sr. de Monsoreau.

— Ah — murmurou a dama -, porque não morri eu naquela noite!

— Minha Senhora — disse Bussy -, bem vê que me assistia razão quando lhe dizia ainda há pouco que nada mais tinha que fazer aqui. O Senhor Barão dá-a ao Sr. de Monsoreau e a senhora própria lhe prometeu que, no caso em que tornasse a ver seu pai são e salvo, se entregaria a ele.

— Ah! não me dilacere o coração, Sr. de Bussy! — exclamou a Sr. a de Monsoreau aproximando-se do mancebo; — meu pai não sabe quanto eu temo aquele homem; meu pai não sabe que o odeio; meu pai teima em o considerar como meu salvador, e eu, eu, que sou guiada pelo meu instinto, teimo em dizer que aquele homem é o meu verdugo!

— Diana, Diana. — exclamou o barão — foi ele quem te salvou!

— Sim — exclamou Bussy, saindo dos limites em que até ali se contivera por prudência e delicadeza -, sim; mas se o perigo não fosse tão iminente como pensava, se fosse fictício, se. que sei eu!. Ouça-me, barão, há em tudo isto um mistério que ainda está por descobrir, mas que eu hei-de descortinar.

Contudo, o que posso asseverar-lhe é que, se tivesse tido a felicidade de me achar no lugar do Sr. de Monsoreau, também teria livrado da desonra a sua formosa e inocente filha; mas, por Deus que me ouve, nunca teria exigido que ela me pagasse semelhante serviço!

— Ele amava-a — disse o Sr. de Méridor, o qual bem conhecia quanto era odioso o comportamento do Sr. de Monsoreau -, e é preciso desculpar um excesso de paixão.

— E eu! — exclamou Bussy. — Julga porventura.

Porém Bussy deteve-se, assustado por ver que tinha estado a ponto de confessar involuntariamente o segredo do seu coração, e foram seus olhos unicamente que concluíram a frase interrompida sobre os seus lábios.

Diana entendeu-a melhor talvez do que se ele a tivesse completado, e disse corando: — Pois bem, entendeu-me, não é verdade? Ora pois, meu amigo, meu irmão, reclamou estes dois títulos, e eu dou-lhos; mas então, meu amigo, meu irmão, se pode proteger-me, proteja-me.

— Mas o duque de Anju?. O duque de Anju?. — murmurou o velho, que sempre via à distância, como um raio ameaçador, o ressentimento da Alteza Real.

— Não sou desses que receiam o ressentimento dos príncipes, Sr. Agostinho — respondeu o mancebo -; e ou eu estou muito enganado, ou não devemos temer semelhante ressentimento. Se quiser, Sr. de Méridor, posso Fazer com que o príncipe se torne por tal forma seu amigo, que ele mesmo o há-de proteger contra o Sr. de Monsoreau, que é de quem Lhe provém o grande perigo, e tanto mais quanto é invisível.

— Porém, se o duque souber que Diana é viva, está tudo perdido! — disse o velho.

— Está bem — disse Bussy -; vejo que apesar de tudo quanto lhe tenho dito sempre dá mais crédito ao Sr. de Monsoreau que a mim. Não tratemos mais deste assunto; recuse o meu oferecimento, Senhor Barão, recuse o auxílio tão poderoso que eu desejava chamar em seu amparo. Lance-se nos braços do homem que se mostrou tão digno da sua confiança. Já disse: desempenhei a minha missão, nada mais tenho que fazer aqui. Adeus, Sr. Agostinho, adeus, minha Senhora! Nunca mais me verá, retiro-me, adeus!

— Oh! — exclamou Diana, agarrando na mão do mancebo — acaso me viu já hesitar um instante, ou julga que eu tenha mudado de parecer a respeito dele?. Não!

De joelhos lhe peço que não me abandone!

Bussy apertou as lindas mãos suplicantes de Diana, e todo o seu ressentimento se desvaneceu da mesma forma que a neve no cume das montanhas se derrete com o brando calor do Sol de Maio.

— Visto que assim o quer — disse Bussy -, assim seja, minha Senhora! Sim, aceito a missão sagrada que me confia, e por estes três dias — porque me é preciso o tempo necessário para ir ter com o príncipe, o qual, segundo dizem, foi numa romaria a Chartres, com el-rei, por estes três dias, digo, ou há-de ver grandes novidades, ou eu hei-de perder o meu nome de Bussy.

E Aproximando-se dela com ternura:

Concluimos uma aliança contra Monsoreau — disse ele ao ouvido de Diana -. lembre-se de que não foi ele quem lhe trouxe seu pai, e não me seja infiel.

E apertando uma última vez a mão do barão, saiu apressadamente da sala.

## XXV

### COMO ACORDOU FINALMENTE FREI GORENFLOT E QUAL FOI A RECEPÇÃO QUE LHE FIZERAM NO CONVENTO

Deixámos o nosso amigo Chicot extasiado à vista do não interrompido sono e do esplêndido ressonar de Frei Gorenflot; fez sinal ao estalajadeiro que se retirasse e que levasse consigo a luz, depois de lhe recomendar muito particularmente que não dissesse palavra ao estimável irmão com referência à sua ausência desde as dez horas da noite até às três horas da madrugada.

Como mestre Bonhomet tinha observado que nas relações existentes entre o bobo e o frade, era sempre o bobo quem pagava, dava por isso grande consideração a este último e fazia muito pouco caso do frade.

Prometeu por conseguinte a Chicot que por caso algum havia de abrir bico a respeito dos acontecimentos da noite, e retirou-se, deixando os dois amigos às escuras, conforme acabava de lhe ser recomendado.

Chicot não tardou em notar uma circunstância que Lhe excitou a admiração; era que Frei Gorenflot ressonava e falava ao mesmo tempo.

Este facto indicava, não, como alguém poderia julgar, uma consciência atormentada pelos remorsos, mas um estômago sobrecarregado de comida e de bebida.

Entretanto Chicot conheceu que, se se conservasse assim às escuras, havia de lhe ser muito custoso efectuar a restituição que ainda

tinha a fazer, para que Gorenflot, quando acordasse, não desconfiasse de coisa alguma; e, com efeito, podia pisar inadvertidamente alguma parte do corpo do frade e causar-lhe uma dor tal que o acordasse do seu letargo.

Chicot, portanto, pôs-se de joelhos e assoprou as brasas do fogão, para alumiar a cena. Gorenflot, quando ouviu o sopro, deixou de rressonar, e murmurou:

— Meus irmãos! Não sentem este vento tão impetuoso? É o sopro do Senhor, é o espírito que me inspira!

E continuou a rressonar.

Chicot esperou um instante para que o sono recobrasse toda a sua influência, e começou a desembrulhar o frade da toalha em que o tinha envolvido.

— Apre — resmungou Gorenflot -, sempre está muito Frio! Este ano não amadurece a uva!

Chicot parou no meio da operação, e continuou dali a um instante.

— Conhecem o meu zelo, meus irmãos — prosseguiu o munge -, não só por tudo quanto diz respeito à Igreja, como pelo Senhor Duque de Guisa.

— Forte canalha! — disse Chicot.

— Essa é a minha opinião — replicou Gorenflot contudo, é certo.

— É certo o quê? — perguntou Chicot, levantando o frade para lhe envergar o hábito.

— É certo que o homem tem mais força do que o vinho; Frei Gorenflot lutou contra o vinho, como Jacob contra o Anjo, e foi Frei Gorenflot quem venceu o vinho.

Chicot encolheu os ombros.

Este movimento intempestivo obrigou o frade a abrir um dos olhos, e viu, acima da sua cabeça, o sorriso de Chicot, que parecia lívido e sinistro à claridade duvidosa do fogão.



— Ah, nada de fantasmas, vamos, nada de duendes — disse o monge como quem se queixava a algum demónio familiar que esquecia o que tinham convencionado.

— Está perdido de bêbado — disse Chicot, acabando de enrolar Gorenflot e puxando-lhe o capuz para a cabeça.

— Ora ainda bem! — resmuneou o frade. — O sacristão já fechou a porta do coro, agora não se sente o vento.

— Acorda, se quiseres — disse Chicot -, que presentemente pouco me importa.

— O Senhor ouviu a minha súplica — murmurou o frade -, e aquilo que tinha mandado para gelar as vinhas transformou-se em brando sopro.

Amén! — disse Chicot.

E fazendo dos guardanapos travesseiro, e um lençol da toalha, depois de ter arrumado as garrafas vazias e os pratos sujos, adormeceu ao lado do companheiro.

A claridade do dia, que lhe dava na cara, e a voz desabrida do estalajadeiro ralhando com os bichos da cozinha, conseguiram finalmente dispersar o denso vapor que obstruía as ideias de Gorenflot.

Ergueu a cabeça, e com o auxílio das duas mãos pôde, depois de alguns esforços baldados estabelecer-se a prumo sobre a parte do corpo que a providente natureza destinou para o centro de gravidade do homem.

Depois de vencidas todas as dificuldades e de se achar assim colocado, começou Gorenflot a contemplar a confusão e desordem em que estava a louça, e depois lançou a vista para Chicot, o qual, deitado com um dos braços graciosamente curvado por cima da cabeça, via tudo não lhe escapando um único movimento do frade; Chicot fingia dormir, e ressonava com uma tal naturalidade, que muita honra fazia ao famoso talento de imitação de que já por vezes temos falado.

— Já é dia claro! — exclamou o monge; — com a breca! Dia claro!...

Penso que passei a noite aqui!. E depois, coordenando as ideias:

— E a abadia! — disse ele. — Oh, oh!

E começou a apertar o cordão do hábito, que Chicot havia deixado solto.

— Estimo bem ter acordado — disse ele -, porque tive um sonho muito singular: parecia-me que tinha morrido, e que estava embrulhado numa mortalha cheia de nódoas de sangue.

Gorenflot não se enganava de todo: de uma das vezes que tinha acordado durante a noite pareceu-lhe, tonto como estava pelo sono e pelo vinho, que a toalha em que se achava envolvido era uma mortalha, e as manchas de vinho nódoas de sangue.

— Ainda bem que foi sonho — disse Gorenflot, olhando novamente em redor de si.

Neste exame os olhos fitaram-se-lhe outra vez em Chicot, o qual percebendo que o frade o observava ressonou com mais força ainda.

— Que belo espectáculo nos oferece um bêbado! — disse Gorenflot contemplando Chicot com admiração. — Que homem tão feliz — acrescentou ele -, que assim pode dormir descansado! Ah, bem se vê que não está na minha posição...

E soltou um suspiro, que podia servir de acompanhamento ao rressonar de Chicot, e que decerto teria acordado o gascão, se este estivesse dormindo deveras.

— Estava capaz de o acordar para lhe pedir o seu parecer. — disse o monge — ele é homem de bom conselho.

Chicot triplicou a dose, e os rroncos, que já tinham chegado ao diapasão dum órgão, passaram a ser uma trovoadá.

— Não — prosseguiu Gorenflot seria dar-lhe demasiada confiança. Eu sempre hei-de inventar alguma mentira sem que ele me ajude. Porém, seja qual for a mentira — continuou o monge -, parece-me que não escaparei ao calabouço.

Contudo, não é o calabouço que me mete medo, mas o pão e água

com que lá me hão-de obsequiar. Se ao menos eu possuísse algum dinheiro para seduzir o irmão carcereiro!.

Chicot, ouvindo isto, tirou com toda a subtileza da algibeira uma bolsa sofrivelmente recheada, e escondeu-a debaixo da barriga.

Esta medida preventiva foi tomada muito a tempo, pois Gorenflot, com a maior contrição, chegou-se ao amigo e murmurou estas palavras:

— Se ele estivesse acordado, estou certo de que não me havia de negar um escudo; porém o seu sono é sagrado para mim. e por isso não tenho remédio senão tirar-lho.

Depois de proferir estas palavras, Frei Gorenflot, que, depois de ter estado um instante sentado, acabava de ajoelhar, debruçou-se por cima de Chicot e introduziu-lhe a mão na algibeira.

O gascão não julgou necessário, apesar do exemplo que Lhe havia dado o companheiro, fazer uma interpelação ao seu demónio familiar; deixou-o apalpar à vontade as duas algibeiras do gibão.

— É coisa célebre — disse o frade -, nada nas algibeiras!. Ah, no chapéu, talvez.

Enquanto o monge ia em busca do chapéu, Chicot despejou o conteúdo da bolsa na mão, e meteu-a, assim despejada e chata, na algibeira dos calções.

— Nada no chapéu também! — disse o frade. — Admira-me isto. O meu amigo Chicot, que é um doido de muito talento, não costuma sair de casa sem dinheiro! Ah, meu galo velho! — exclamou ele com um sorriso que Lhe dilatou a boca até às orelhas — lá me iam esquecendo os calções.

E, metendo a mão na algibeira dos calções de Chicot, tirou para fora a bolsa vazia.

— Santo nome de Jesus! — murmurou ele. — E quem há-de pagar a despesa?. Esta lembrança produziu no monge mui séria impressão, pois imediatamente se pôs de pé, e com passos ainda mal seguros, mas muito apressados, dirigiu-se para a porta, atravessou a cozinha sem

dar cavaco ao estalajadeiro, que procurava entrar em conversa com ele, e pôs-se logo a andar.

Chicot tornou então a meter o dinheiro na bolsa, e esta na algibeira; e encostando-se à janela, onde já ia dando o sol, esqueceu-se de Gorenflot e ficou entregue a profundo meditar.

Entretanto, o irmão do peditório, com a sacola às costas, prosseguia no seu caminho com o espírito fortemente preocupado, porque Gorenflot ia dando tratos à imaginação para fabricar uma daquelas mentiras magníficas, próprias dum frade que volta duma patuscada ou dum soldado que faltou à chamada, mentiras que têm sempre o mesmo fundo e que só, diversificam no bordado, que é trabalhado segundo a fantasia dos que se vêem precisados de recorrer a elas.

As portas do convento pareceram de longe a Gorenflot mais sombrias do que o costume, e pareceu-Lhe também de mau agoiro a presença de vários frades que estavam conversando no adro e olhando ansiosamente de vez em quando para os quatro pontos cardeais.

Apenas ele desembocou da Rua de S. Tiago, o movimento que fizeram os frades no mesmo instante em que o avistaram, causou-Lhe o maior susto que experimentara na sua vida.

É de mim que estão falando, disse lá consigo; apontam para mim, estão à minha espera! Fui procurado decerto esta noite; a minha ausência foi motivo de escândalo. Estou perdido!

Esta ideia transtornou-Lhe o juízo; lembrou-se de fugir; mas já vários religiosos vinham ao seu encontro, haviam de segui-lo provavelmente.

Frei Gorenflot não se iludia a seu próprio respeito; conhecia que não era apto para correr com velocidade; havia de ser agarrado, amarrado, e arrastado para o convento; preferiu resignar-se.

Adiantou-se, pois, cabisbaixo, para os seus companheiros, os quais pareciam hesitar em Lhe falar.

Ai de mim! disse Gorenflot, fingem que não me conhecem, está visto que estão receosos de se comprometerem. “

Finalmente um deles sempre se atreveu, e chegando-se a Gorenflot:

— Pobre irmão muito querido! — disse ele.

Gorenflot suspirou e levantou os olhos ao Céu.

— Já sabe que o prior está à sua espera? — disse outro.

Ah! Deus meu!

— É verdade — acrescentou um terceiro -; disse que o levassem à sua presença logo que voltasse ao convento.

Era isso mesmo que eu receava disse Gorenflot.

E mais morto do que vivo, entrou para dentro do convento, cuja porta logo se fechou.

— Ah! — exclamou o irmão porteiro — depressa! O Prior José Foulon está esperando pelo senhor.

E o irmão porteiro, agarrando na mão de Gorenflot, conduziu-o, ou, para melhor dizer, arrastou-o, até ao quarto do prior.

Ali também as portas se fecharam.

Gorenflot baixou os olhos, receando encontrar o olhar irado do abade; sentia-se só, abandonado por todos, e na presença dum superior que devia estar, com toda a razão, muito irritado contra ele.

— Ah, é o senhor, finalmente! — disse o abade.

— Meu Reverendo. — balbuciou o monge.

— Que desassossego em que temos estado por sua causa! — disse o prior.

— Como hei-de agradecer-lhe tanta bondade, meu padre? — replicou Gorenflot, pasmado de ver a indulgência com que o abade o tratava.

— Teve receio de voltar para o convento depois da cena desta noite, não é assim?

— Confesso que não me atrevi a voltar — disse o monge, cuja testa se ia humedecendo de suor frio.

— Ah, meu caro irmão, meu caro irmão! — disse o abade. — O passo que deu foi muito imprudente e irrefletido.

— Permita que eu Lhe explique, meu padre.

— Para que me servem as suas explicações? A sua saída.

— Não quer que eu Lhe dê explicações? — disse Gorenflot; — melhor, porque na realidade nem eu sei o que hei-de dizer.

— Eu avalio perfeitamente o motivo que o induziu a falar daquela maneira. Foi um momento de exaltação; arrastou-o o entusiasmo; a exaltação é uma virtude muito santa, e o entusiasmo um sentimento sagrado; mas as virtudes, quando são levadas ao excesso, degeneram quase em vícios; os sentimentos mais louváveis, sendo exagerados, tornam-se repreensíveis.

— Peço perdão, meu padre — disse Gorenflot -, ainda não percebo bem a que pretende aludir. Qual é a saída em que me fala?

— Da que fez a noite passada.

— Para fora do convento? — perguntou o frade com timidez.

— Não; aqui mesmo no convento.

Gorenflot coçou a ponta do nariz. Ia começando a desconfiar que estava jogando com o prior o jogo dos disparates.

— Eu prezo-me de ser tão bom católico como o senhor, e contudo a sua audácia assustou-me.

— A minha audácia? — disse Gorenflot. — Visto isso, mostrei-me muito audaz?.

— Foi mais do que audácia, meu filho, foi temeridade!

— Desculpe, meu padre, atendendo a que fui impelido por este meu génio fogoso, que ainda não consegui domar completamente; mas prometo que me hei-de emendar.

— Sim, mas entretanto não posso deixar de recear as consequências que de uma tal estralada venham a resultar para o senhor e para nós. Se o negócio tivesse sido só entre nós, pouco importava.

— Como? — disse Gorenflot. — Pois é coisa que se saiba no público?.

— Que dúvida! Bem sabia que estavam ali mais de cem seculares, a quem não escapou uma única palavra do seu discurso.

— Do meu discurso? — exclamou Gorenflot cada vez mais admirado.

— Confesso que o discurso era bom, conheço muito bem que os aplausos deviam necessariamente causar-Lhe certa embriaguez, e que a aprovação unânime da assembleia havia de exaltar-Lhe por força a imaginação; mas chegar ao ponto de propor uma procissão pelas ruas de Paris!. Ao ponto de se oferecer para vestir uma couraça e chamar às armas os bons católicos, apresentando-se com o capacete na cabeça e a partazana às costas, há-de convir comigo que foi excesso de zelo!

Gorenflot olhava para o prior abrindo muito os olhos, que Lhe iam passando por todas as gradações da admiração.

— Ora pois — prosseguiu o prior -, há um meio de conciliarmos tudo. Essa seiva religiosa que fermenta no seu coração generoso, ser-Lhe-á nociva em Paris, onde tanta gente mal-intencionada o espreita. Desejo que passe a ir gastá-la.

— Onde, meu padre? — perguntou Gorenflot, persuadido de que ia dar um passeio até ao calabouço.

— Na província.

— Um degredo! — exclamou Gorenflot.

— Se aqui ficar, poder-Lhe-á suceder muito pior, caríssimo irmão.

— E que julga pois que poderá suceder-me?

— Um processo-crime, do qual Lhe resultará, com toda a probabilidade, uma prisão eterna, se escapar à pena última.

Gorenflot enfiou por uma maneira espantosa; não podia compreender como era que se achava incurso nas penas de prisão perpétua ou de morte por se ter embriagado numa taberna e ter passado uma noite fora do convento.

— Caríssimo irmão, este degredo, ao qual lhe peço que se resigne, não somente o livrará do perigo iminente de que está ameaçado, mas também Lhe proporcionará uma ocasião de plantar o estandarte da Fé na província; o que Fez e disse a noite passada é muito perigoso, e mesmo impossível, aqui debaixo das vistas de el-rei e dos seus favoritos, mas na província é empresa de fácil execução.

Vá pois quanto antes, Frei Gorenflot; até receio que já seja tarde, e que os quadrilheiros tenham recebido ordem para o prender.

— Ora essa, meu Rev. o Padre, que está dizendo? — balbuciou o monge, esbugalhando muito os olhos, porque à medida que o prior, de quem ele a princípio tanto tinha admirado a placidez, ia falando, espantava-se das proporções gigantescas que havia tomado um pecado muito venial, afinal de contas. — Os quadrilheiros, disse o senhor; e que tenho eu com os quadrilheiros!

— O meu irmão não tem nada com eles; mas pode muito bem ser que eles tenham alguma coisa com o senhor.

— Então houve quem me denunciasse — disse Frei Gorenflot.

— Era capaz de apostar que assim foi; vá pois, vá...

— Quer que eu parta, meu Reverendo? — disse Gorenflot consternado. — Isso é muito fácil de dizer; mas como hei-de eu viver depois de sair daqui?

— Não há coisa mais fácil. É o irmão do peditório deste convento; eis aí os seus meios de existência. O seu peditório serviu até ao dia de hoje para sustentar os mais; servirá de ora em diante para o seu sustento. E demais, fique descansado a esse respeito, porque o sistema que nos apresentou há-de granjear-Lhe tantos partidários na província, que estou certo de que lhe não há-de Faltar coisa alguma. Mas vá, por Deus, vá, e sobretudo não volte sem ser avisado.

E o prior, depois de ter abraçado Frei Gorenflot com muita ternura, Foi-o levando brandamente, mas com uma persistência que Foi coroada do melhor êxito, até à porta da cela.

Ali estava reunida toda a comunidade, à espera de Gorenflot.



Apenas o avistaram, todos correram para ele, procurando cada um dos frades tocar-lhe nas mãos, no pescoço ou no fato. Alguns levavam a veneração a ponto de lhe beijarem a fímbria do hábito.

— Adeus — dizia um deles, apertando-o de encontro ao coração — adeus! É um santo homem, lembre-se de mim nas suas orações.

Era o que me faltava ouvir! dizia Gorenflot consigo, um santo homem, eu? ainda agora tal sei.

— Adeus — dizia outro, agarrando-lhe na mão -, valente campeão da Fé, adeus!

Godefroy de Bouillon foi um ente insignificante em comparação com o nosso irmão!

Adeus, pobre mártir! — dizia um terceiro, beijando-lhe a extremidade do cordão; ainda vivemos aqui nas trevas, mas um dia há-de vir em que a luz brilhará.

E Gorenflot, assim abraçado, beijado, e obsequiado com vários epítetos, foi chegando insensivelmente até à porta da rua, que se fechou apenas ele a transpôs.

Gorenflot olhou um instante para a porta com uma expressão indefinível, e acabou por sair de Paris recuando, como se o anjo exterminador o fosse repelindo com a ponta da espada chamejante.

As únicas palavras que lhe escaparam quando se afastou da porta, foram estas:

— Ou o diabo me leve, ou todos eles estão doidos E se o não estão, misericórdia, meu Deus porque então fui eu que endoideci!

## XXVI

## COMO FREI GORENFLOT SOUBE QUE ERA SONÂMBULO, E O DESGOSTO QUE LHE CAUSOU SEMELHANTE ENFERMIDADE

Até ao dia nefasto a que chegámos, dia que vira começar tão inesperada perseguição contra o pobre monge, Frei Gorenflot levava sempre uma vida contemplativa em toda a acepção da palavra; isto é, saía de manhã cedo quando queria andar pela fresca, mais tarde, quando desejava tomar o sol; e, confiando sempre em Deus e no cozinheiro da abadia, não tinha outras distrações a não ser as que ia procurar de vez em quando na estalagem da Cornucópia: essas mesmas distrações estavam sujeitas ao capricho dos fiéis, por isso que para elas corriam as esmolas de dinheiro dos que Frei Gorenflot obrigava a fazerem alto quando passavam pela Rua de S. Tiago; acabada a estação, prosseguiam as mesmas esmolas no seu caminho para o convento, mas sempre diminuídas da soma que Frei Gorenflot tinha extraviado. Também o desinquieta às vezes o seu amigo Chicot, o qual gostava de bons jantares e de convivas folgazões; mas Chicot era muito extravagante no seu modo de viver.

O frade encontrava-o às vezes três ou quatro dias a fio, e depois passavam-se quinze dias, um mês, ou seis semanas, sem que tornasse a aparecer, ou fosse por estar fazendo companhia ao rei, ou por ter ido com ele a alguma romaria, ou finalmente por ter empreendido alguma digressão por sua própria conta e risco.

Gorenflot era pois um daqueles frades para quem (à semelhança de certos soldados Filhos do regimento) o mundo começava no superior da casa, ou por outra, no coronel do convento, e acabava no caldeirão do rancho. E por isso, aquele soldado da Igreja, aquele filho do hábito, se nos é lícito aplicar-lhe a expressão pitoresca de que há pouco nos servimos falando dos defensores da pátria, nunca tinha imaginado que havia de chegar um dia em que Lhe seria preciso pôr-se a caminho

para encetar a árdua carreira das aventuras.

Ainda se tivesse algum dinheiro à sua disposição, vá; mas a resposta do prior ao seu pedido tinha sido muito simples e sem ornatos apostólicos, como um fragmento do Evangelho de S. Lucas:

— Procura e encontrarás.

Gorenflot, quando se lembrava que havia de ser obrigado a ir procurar o sustento muito longe, sentia-se cansado mesmo antes de começar.

Contudo, o essencial para ele era pôr-se quanto antes a salvo do perigo de que estava ameaçado, e que não deixava de ser muito sério, segundo tinha coligido das palavras do prior.

O pobre frade não era homem que pudesse disfarçar o seu físico e escapar às investigações a favor de alguma metamorfose engenhosa; resolveu pois retirar-se quanto antes, e, pondo logo em prática tão acertada resolução, saiu com passo apressado pela Porta Bordelle, passou com toda a cautela pela estação dos guardas nocturnos e pelo corpo de guarda dos suíços sempre receando que os quadrilheiros em que lhe tinha falado o abade de Santa Genoveva o prendessem.

Porém, apenas se viu ao ar livre e a quinhentos passos das portas da cidade, tendo dos lados da estrada, à maneira dum grande sofá, a primeira camada de erva da Primavera; quando viu o Sol radiante no horizonte e uma completa solidão à direita e à esquerda, só interrompida pelo longínquo murmúrio da cidade, sentou-se à borda da estrada, encaixou a dúplice barba na gorda e alentada mão, coçou com o dedo índice da outra mão a extremidade quadrada dum nariz de cão dogue, e entregou-se a uma profunda meditação acompanhada de gemidos.

À excepção da cítara, que não tinha, Frei Gorenflot fazia lembrar um daqueles hebreus que, suspendendo as harpas nos salgueiros, serviram de texto, no tempo da desolação de Jerusalém, ao famoso versículo Superflumina Babylonis, e de assunto a miríades de painéis melancólicos.

A aflição de Gorenflot subia de ponto ao ver que estavam quase

dando as nove da manhã, hora a que no convento costumava almoçar; porquanto os frades, sempre em atraso da civilização, como é próprio de gente que morreu para o mundo, observavam ainda, no ano do Senhor de 1378, os usos do bom rei Carlos V, o qual almoçava às oito horas da manhã, logo depois da missa.

Mais fácil tarefa seria contar os grãos de areia levantados pelo vento à borda do mar num dia de tempestade, do que enumerar as ideias contraditórias que vieram, em chusma, desabrochar no cérebro de Gorenflot assim em jejum.

A primeira de todas, e a que mais lhe custou a repelir para longe de si, foi a de voltar para Paris, ir direito ao convento, declarar ao abade que preferia o calabouço ao degredo, e que estava pronto a consentir, se preciso fosse, que lhe dilacerassem a pele com umas disciplinas, ou mesmo com um azorrague, e que o metessem até num in pace, contanto que lhe jurassem que lhe haviam de dar de comer, resignando-se ele, se assim o exigissem, a comer cinco vezes ao dia unicamente.

A esta ideia tão teimosa, que ocupou durante mais dum quarto de hora a imaginação do pobre frade, seguiu-se outra um pouco mais razoável; era ir à estalagem da Cornucópia mandar recado a Chicot, caso não o encontrasse ainda lá a dormir, e expor-lhe a deplorável situação a que o haviam reduzido as suas sugestões, a que ele, Gorenflot, tinha tido a fraqueza de anuir; e tratar de obter daquele generoso amigo uma pensão alimentícia.

Este plano ocupou Gorenflot durante outro quarto de hora, porque o frade tinha um espírito muito judicioso, e a ideia não era desprovida de mérito.

Ocorreu-lhe finalmente outra lembrança, que tinha o seu tanto de atrevida: era rodear os muros da capital, tornar a entrar em Paris pela Porta de S. Germano, ou pela Torre de Nesle e continuar clandestinamente o seu peditório.

Ele já conhecia os bons sítios, os cantos férteis, as travessas onde certas comadres criavam apetitosas galinhas e sempre tinham de parte

alguma que tinha morrido afogada pela gordura que reservavam para deitar na sacola do irmão do peditório; via também, no grato espelho das suas recordações, certa casa apalaçada onde costumavam fabricar, durante o Verão, doces de toda a qualidade, com o único fim (pelo menos, Frei Gorenflot assim imaginava) de atirar para dentro da sacola do peditório, em troca da bênção paternal do portador, uma porção de marmelada bem seca, uma dúzia de nozes cobertas, ou uma caixa de maçãs passadas, cujo cheiro só por si era capaz de fazer crescer água na boca a um moribundo.

Porque, é forçoso confessá-lo, todas as ideias de Frei Gorenflot eram principalmente tendentes aos prazeres da mesa e às doçuras do descanso, de forma que não podia deixar de pensar de vez em quando, com algum receio, nas armas que a sua conduta ministrava aos dois advogados do Diabo, chamados preguiça e gula, que no dia de juízo haviam de pleitear contra ele.

Entretanto, o estimável monge sempre ia seguindo, apesar dos seus remorsos, a florida vereda que termina no abismo sem fundo onde aqueles dois pecados mortais urram sem cessar, à semelhança de Caríbdis e Cila.

Este último plano era o que mais Lhe agradava, por ser o género de vida a que ele se julgava destinado pela natureza; mas para o pôr em execução e seguir este modo de vida, precisava conservar-se em Paris, expor-se a encontrar a cada passo os quadrilheiros, os beleguins e as autoridades eclesiásticas, sociedade muito perigosa para um frade vagabundo.

E, além destes, ainda se oferecia outro inconveniente: o tesoureiro do Convento de Santa Genoveva era um administrador tão providente, que não havia de deixar por certo de preencher o lugar de irmão do peditório; Gorenflot ia arriscar-se, por conseguinte, a encontrar cara a cara um colega que viria a ter sobre ele a incontestável superioridade de se achar no legítimo exercício das suas funções.

Esta lembrança fez estremecer Gorenflot, e não foi sem alguma razão.

O frade tinha chegado a este ponto dos seus monólogos e dos seus temores, quando viu apontar ao longe, por baixo da Porta Bordelle, um cavaleiro que em breve a transpôs a galope.

O homem em questão apeou-se ao pé duma casa situada a cem passos, pouco mais ou menos, do sítio onde Gorenflot estava sentado; bateu à porta; abriram-lha, e tanto o cavalo como o cavaleiro desapareceram para dentro da casa.

Gorenflot notou esta circunstância, porque tinha invejado a felicidade daquele cavaleiro, o qual possuía um cavalo, e por consequência podia vendê-lo.

Porém, passado um instante, o mesmo cavaleiro, que Gorenflot muito bem conheceu pelo capote, saiu da casa, e encaminhando-se para um grupo de árvores que ficava a alguma distância e diante das quais havia um monte de pedras, entrincheirou-se entre as árvores e aquele baluarte de nova espécie.

Aquilo é por certo alguma espera, murmurou Gorenflot. Se eu não me tivesse tornado tão suspeito aos oficiais de justiça, iria avisá-los; e se fosse mais valente, eu mesmo me havia de opor. “

Naquele momento, o homem emboscado, que só tirara os olhos das portas da cidade para examinar os arredores do sítio onde estava com certa inquietação avistou, num dos rápidos olhares que lançava para a direita e para a esquerda, Frei Gorenflot, sempre sentado e com a barba encostada à mão.

Aquela aparição pareceu causar-lhe algum constrangimento; e fingiu que andava passeando com indiferença por detrás das pedras.

Aquele modo de andar, disse consigo Gorenflot, aquela figura. está-me parecendo que já vi aquele homem. mas não, é impossível.

Naquele instante, o desconhecido, que estava de costas voltadas para Gorenflot, abaixou-se de repente como se Lhe tivessem faltado as pernas.

Acabava de ouvir o estrondo de ferraduras de cavalos que vinham saindo das portas da cidade.

E com efeito, três homens, dois dos quais pareciam lacaios, três alentadas mulas e três malas volumosas, vinham caminhando vagarosamente para fora de Paris pela Porta Bordelle.

O homem que estava por detrás das pedras, apenas os avistou, abaixou-se ainda mais, e andando quase de rastos, meteu-se por entre as árvores e escondeu-se atrás da maior, na posição dum caçador à espera.

A cavalgada passou sem o ver, ou pelo menos sem reparar nele, enquanto o homem emboscado, pelo contrário, pareceu querer devorá-la com os olhos.

Fui eu que obstei a que se perpetrasse um crime, pensou Gorenflot, e a minha presença aqui na estrada, precisamente nesta ocasião, foi uma manifestação da vontade divina; bem precisava eu de outra igual que me desse em resultado um almoço.

Logo que passou a cavalgada, o espreitador voltou para a casa de onde saíra.

Bom, disse Gorenflot, se não me engano, eis uma circunstância que me há-de dar em resultado os meios de satisfazer o meu apetite. O homem que espreita não deseja ser visto.

É um segredo de que Fico possuidor, e ainda que não me renda senão seis dinheiros, estou resolvido a fazê-lo pagar!

E Gorenflot, sem mais demora, dirigiu-se para a casa; mas à medida que se ia aproximando vinha-Lhe à lembrança o garbo militar do cavaleiro, a comprida durindana que Lhe batia nas barrigas das pernas, e o olhar terrível que ele lançara aos homens que acabavam de passar; e concluía dizendo consigo:

Parece-me afinal que me enganei, e que o homem não é têmpera tal que tenha medo de mim. “

Quando chegou à porta, já Gorenflot ia de todo convencido, e não era a ponta do nariz que coçava, mas sim a orelha.

De repente brilharam-Lhe os olhos.

Ocorre-me uma ideia” disse ele consigo.

A aparição duma ideia no cérebro obtuso do frade era um tal acontecimento, que ele mesmo se admirou que ela Lhe tivesse ocorrido; mas já naquele tempo se costumava dizer que a necessidade é mãe da indústria.

Ocorre-me uma ideia, repetiu ele, e é uma ideia que não deixa de ser engenhosa.

Hei-de dizer-lhe: Senhor, todo o homem tem os seus projectos, os seus desejos, as suas esperanças; dê-me alguma coisa, que eu prometo orar a Deus pelo bom êxito dos seus projectos. Se os seus projectos são maus, como eu estou convencido que são, há-de carecer necessariamente de

que peça a Deus por ele, e, para o conseguir, dar-me-á uma esmola. E eu hei-de submeter este caso à consideração do primeiro teólogo que encontrar. Porque não estou certo se é licito orar a Deus em favor do bom êxito de projectos que nos são desconhecidos, quando desconfiamos que não são louváveis. Farei depois o que me disser o teólogo; por conseguinte não ficarei sendo eu o responsável, mas sim ele; e se não encontrar nenhum teólogo, então, nesse caso, como fica subsistindo a minha dúvida, abster-me— ei. Entretanto, irei almoçar com a esmola do homem mal-intencionado.

Em consequência desta resolução, Gorenflot encostou-se à parede e esperou.

Dali a cinco minutos abriu-se outra vez a porta, e tornaram a aparecer o cavalo e o cavaleiro.

Gorenflot aproximou-se.

— Senhor — disse ele -, se julga que cinco pais-nossos e cinco ave-marias possam contribuir para o bom êxito dos seus projectos...

O homem voltou-se para Gorenflot.

— Gorenflot por aqui? — exclamou ele.

— O Sr. Chicot!... — disse o frade muito espantado.



— Onde diabo vais tu assim, compadre? — perguntou Chicot.

— Nem eu mesmo sei; e o senhor, onde vai?

— Eu sei muito bem para onde vou — respondeu Chicot -, vou caminhando sempre em frente.

Até muito longe?

— Até parar. Porém tu, compadre, visto não queres dizer-me para que fim estás neste lugar, dás-me motivo a desconfiar duma coisa.

— Que é?

— É que me estavas espreitando.

— Santo nome de Jesus! Eu, fazer de espião? Deus me livre de tal! É verdade que o vi, e mais nada.

— Viste-me, quando?

— Quando estava à espera de ver passar as mulas.

— Estás doido.

— Pois não estava por detrás daquelas pedras olhando atentamente para os homens que passavam?.

— Enganas-te, Gorenflot; eu te digo porque ali fui: tenho tenção de mandar construir uma casa fora de portas para minha habitação; aquela pedra de alvenaria pertence-me, e estava-me certificando se era de boa qualidade.

— Então já o caso muda de Figura — replicou o frade, o qual não engoliu contudo a peta que Lhe pregou Chicot -; foi engano meu.

— Mas tu, finalmente, que fazes por aqui, fora da cidade?

— Ah! Sr. Chicot, estou proscrito — respondeu Gorenflot com um enorme suspiro.

— Hem? — disse Chicot.

— Estou proscrito torno a dizer.

E Gorenflot, traçando o hábito, empertigou o curto e reforçado

busto e balanceou a cabeça de diante para trás com o olhar imperioso do homem a quem uma grande catástrofe autoriza a reclamar a compaixão dos seus semelhantes.

— Os meus irmãos rejeitaram-me do seu grémio — prosseguiu ele -; fui excomungado, anatematizado.

— Deveras? E por que motivo?

— Ouça-me, Sr. Chicot — disse o frade levando a mão ao coração -: ou me acredite, ou não, juro-Lhe, à fé de Gorenflot, que não sei por que foi.

— Quem sabe se foi por teres sido encontrado em alguma casa a maganear a noite passada, compadre.

— Isso é uma graça pesada — disse Gorenflot o senhor sabe tão bem como eu o que tenho feito desde ontem à noite.

— Sei muito bem — replicou Chicot — o que fizeste desde as oito horas até às dez; mas não desde as dez até às três.

— Como? Desde as dez horas até às três?

— Decerto, pois saíste às dez horas.

— Eu? — exclamou Gorenflot olhando muito admirado para o gascão.

— Tanto assim é que até te perguntei onde ias.

— Onde ia? Fez-me essa pergunta?.

— Fiz, sim!

— E eu respondi-lhe?

— Respondeste-me que ias proferir um discurso.

— Há seus vislumbres de verdade em tudo isso. — murmurou Gorenflot.

— Boa dúvida! É tão verdade, que me recitaste parte do teu discurso; era muito extenso.

— Era dividido em três partes, segundo as regras de Aristóteles.

— Havia mesmo no tal discurso algumas frases terríveis contra el-rei Henrique III.

— Qual história! — disse Gorenflot.

— Tão terríveis, que não me admiraria por certo se te mandassem prender como excitador de tumultos.

— Sr. Chicot, acabou agora de me abrir os olhos; pareceu-Lhe que eu estava acordado quando lhe falei?

— Devo confessar-te, compadre, que estavas com uma aparência muito singular... o teu olhar, especialmente, tinha uma fixidez que chegou a assustar-me; dir-se-ia que estavas acordado sem o estar, e que falavas a dormir...

— Contudo — disse Gorenflot -, estou muito bem certo de ter acordado esta manhã na estalagem da Cornucópia; não foi sonho meu.

— Então achas que isso seja alguma admiração?

— É, sim, motivo de admiração para mim, visto dizer que saí da estalagem às dez horas.

— É verdade, mas voltaste às três horas da madrugada; e para prova, dir-te-ei que deixaste a porta aberta, em virtude do que eu rapei um grande frio.

— E eu também — disse Gorenflot -; lembro-me dessa circunstância.

— Ora aí está! — replicou Chicot.

— Se isso que diz é verdade...

— Como? Se o que te digo é verídico, compadre? É a verdade pura! Vai perguntar a mestre Bonhomet.

— A mestre Bonhomet?

— Sem dúvida, pois foi ele quem te abriu a porta. Dir-te-ei mais, que vinhas inchado de orgulho quando voltaste, e que eu te gritei: A soberba, compadre, está mal a todo o homem e muito pior ainda a um frade. “

— E qual era o motivo da minha soberba?

— Era o acolhimento que tinha tido o teu discurso, e os parabéns que te tinha dado o duque de Guisa, o cardeal e o Sr. de Maiena, a quem Deus guarde! — acrescentou o gascão tirando o chapéu.

— Agora já fico percebendo tudo — disse Gorenflot.

— Ora ainda bem; confessas, pois, que foste à tal reunião... que diabo de nome Lhe davas tu?... Ah, agora me recordo, a assembleia da Santa União. Era isso mesmo.

Gorenflot deixou pender a cabeça sobre o peito e soltou um gemido.

— Sou sonâmbulo — disse ele -; há muito tempo que desconfiava disso.

— Sonâmbulo? — repetiu Chicot — que quer isso dizer?

— Quer dizer, Sr. Chicot — respondeu o monge -, que no meu indivíduo o espírito domina a matéria, a ponto tal que, enquanto a matéria dorme, o espírito vela; e que então o espírito impera na matéria, obrigando-a a obedecer-lhe apesar de estar adormecida.

— Pois, compadre — disse Chicot -, isso assemelha-se muito a magia; se acaso estás possesso, diz-mo com franqueza; um homem que anda a dormir, que gesticula a dormir, e que ainda a dormir recita discursos hostilizando o rei, não é coisa natural; fora daqui, Belzebu!

Vade retro, Satanás!

E Chicot, dizendo isto, obrigou o cavalo a pular para o lado oposto.

— Visto isso — disse Gorenflot -, também me abandona, Sr. Chicot...

Ah... ah, um tal procedimento não esperava eu encontrar no senhor!

E o monge, no auge da desesperação, procurou fingir um soluço.

— Chicot teve dó daquela imensa desesperação, que parecia mais terrível ainda por ser reprimida.

— Vamos lá — replicou ele -, que me disseste tu?

— Quando?

— Ainda agora.

— Confesso que já não me lembra; parece-me que endoideço, sinto a cabeça pesada e o estômago vazio; guie as minhas ideias, Sr. Chicot.

— Falaste-me em viajar.

— É verdade, disselhe que o Rev. Prior me tinha convidado a ir viajar.

— Para onde? — perguntou Chicot.

— Para onde eu quisesse — respondeu o frade — E para onde te diriges tu?

— Não sei.

Gorenflot levantou as mãos ao Céu.

— Entrego-me à mercê de Deus! — disse ele. — Sr. Chicot, empreste-me dois escudos para ajuda da minha jornada.

— Farei mais do que pedes — disse Chicot.

— Ah, diga-me, que pretende fazer?

— Eu também vou de jornada, como já te disse.

— Não há dúvida, assim mo disse.

— Queres ser meu companheiro de viagem?

Gorenflot encarou o gascão com desconfiança, como não se atrevendo a acreditar em semelhante felicidade.

— Mas há-de ser com a condição de teres mais juízo; e em troco dou-te licença para cometeres quantas impiedades te lembrarem. Aceitas a minha proposta?

— Se aceito — disse o monge -, se aceito!. Porém, julga que teremos dinheiro suficiente para a jornada?

— Olha — disse Chicot puxando por uma bolsa muito

sofrivelmente recheada.

Gorenflot deu um pulo de alegria.

— Quanto está aí dentro? — perguntou ele.

— Cento e cinquenta peças de ouro, de dez francos cada uma.

— E onde vamos nós?

— Tu verás, compadre.

— Quando almoçaremos?

— Imediatamente.

— Mas em que hei-de ir montado? — perguntou Gorenflot.

— Não há-de ser no meu cavalo, por certo, que eras capaz de o rebentar.

— Mas então — disse Gorenflot algum tanto perplexo -, como há-de ser?

— Deixa o caso por minha conta; tens uma barriga tamanha como a de Sileno, és bêbado como ele. Para te pareceres com ele, comprar-te-ei um burro.

— É o meu rei, Sr. Chicot; é o meu sol. Escolha um burro algum tanto reforçado.

É o meu deus! Agora diga-me, onde vamos nós almoçar?

— Aqui, com o demónio, aqui mesmo. Olha para o letreiro que está por cima daquela porta, e lê-o, se é que sabes ler.

E com efeito, estavam em frente duma espécie de estalagem. Gorenflot seguiu com a vista a direcção que Chicot Lhe indicava com o dedo, e leu: Aqui vendem-se presuntos, ovos, empadinhas de enguias, e vinho branco. Não é fácil descrever a transformação que se manifestou no parecer de Gorenflot quando acabou de ler; o rosto animou-se-Lhe, os olhos esbugalharam-se-lhe, a boca escancarou-se-lhe, deixando ver duas fileiras de dentes brancos e esfaimados.

Finalmente levantou ao ar os dois braços em sinal de agradecimento, e, balanceando o enorme corpo com cadênci

começou logo a entoar uma cantiga imprópria da boca dum religioso, e a que só poderia servir de desculpa o transporte de alegria a que estava entregue.

— Muito bem! — exclamou Chicot. — Mas para não perdermos tempo, senta-te já à mesa, meu caro irmão. Vou mandar que te tragam o almoço, e depois irei em procura dum burro para ti.

## XXVII

### COMO FREI GORENFLOT VIAJOU MONTADO NUM BURRO CHAMADO PANURGO, E VEIO A SABER DURANTE A JORNADA MUITA COISA QUE IGNORAVA

O motivo por que Chicot se mostrava indiferente para com o próprio estômago, que ele tratava sempre com a maior consideração, apesar da sua loucura, verdadeira ou fingida, era porque tinha almoçado copiosamente antes de sair da estalagem da Cornucópia.

E além disso, diz o ditado que as grandes paixões sustentam: e Chicot estava naquele momento devorado por uma grande paixão.

Mandou portanto sentar Frei Gorenflot a uma das mesas da estalagem, sobre a qual lhe apresentaram presunto, ovos e vinho, que o frade começou a aviar com a celeridade do costume.

Chicot tinha ido entretanto indagar pela vizinhança se haveria um burro que servisse para o seu companheiro; encontrou finalmente em casa duns camponeses de Sceaux, entalado entre um boi e um cavalo, o jumento pacífico, objecto dos desejos de Gorenflot; tinha quatro anos; era de cor pardacenta, e possuía um lombo bastante redondo, posto sobre quatro pernas delgadas como fusos. Naquele tempo, um

burro assim valia vinte libras.

Chicot deu por ele vinte e duas, e aquela pobre gente ficou pasmada de tanta generosidade. Quando Chicot voltou com a sua aquisição, que introduziu no mesmo quarto térreo onde estava almoçando Gorenflot, este, que então acabava de engolir a metade duma empada e de despejar a terceira garrafa, entusiasmado à vista da sua cavalgada, e, além disso, disposto à ternura pela quantidade de vinho generoso que tinha absorvido, saltou ao pescoço do burro; e depois de lhe ter beijado as duas queixadas, meteu entre elas uma comprida côdea de pão, que fez zurrar o animal de contente.

— Oh! oh! — disse Gorenflot — que linda voz que tem este jumento! Havemos de cantar alguns duetos de vez em quando. Obrigado, amigo Chicot, obrigado.

E passou logo a baptizar o burro com o nome de Panurgo.

Chicot correu os olhos pela mesa, e conheceu que, sem receio de ser tachado de tirano, podia exigir que o seu companheiro fizesse ponto a respeito do almoço.

DisseLhe, pois, com aquele tom de voz a que Gorenflot não sabia resistir:

— Vamos; a caminho, compadre, a caminho. Jantaremos em Melun. O tom de voz de Chicot era tão imperioso, e ele tinha misturado tão destramente uma promessa consoladora no meio daquela ordem tão terminante, que Gorenflot, em lugar de lhe fazer alguma reflexão, repetiu:

— Vamos até Melun! Vamos até Melun!

E sem mais demora, Gorenflot, com o auxílio duma cadeira, trepou para cima do burro cujos arreios consistiam numa simples almoFada de couro, da qual pendiam duas correias que serviam de estribos.

O frade introduziu as alparcas nas correias, pegou com a mão direita na arreata do jumento encostou o punho esquerdo à anca, e saiu da estalagem com um ar tão majestoso como o deus da fábula a quem Chicot com alguma razão o havia comparado.



Quanto a Chicot, esse cavalgou com o desembaraço próprio dum perfeito cavaleiro, e logo ambos tomaram a trote o caminho de Melun.

Andaram assim quatro léguas duma tirada, e depois pararam para descansar um instante.

O frade tratou imediatamente de se estender ao sol, sobre a relva, para dormir.

Chicot entreteve-se em fazer um cálculo de distâncias, o qual lhe deu em resultado que, para andar cento e vinte léguas na razão de dez léguas por dia, precisava gastar doze dias.

Panurgo pastou desdenhosamente uma moita de cardos.

Dez léguas era o mais que razoavelmente se podia exigir das forças combinadas dum jumento e dum Frade.

Chicot abanou a cabeça.

Não é possível, murmurou ele olhando para Gorenflot, que dormia sobre a beira do fosso com tanta placidez como se fora numa foFa cama de penas, não é possível; se o mono do frade quiser acompanhar-me é indispensável que ande pelo menos quinze léguas por dia.

Já se vê que os pesadelos estavam formando parte da sina de Frei Gorenflot.

Chicot empurrou-o com o cotovelo para o acordar, a fim de lhe comunicar a sua observação.

Gorenflot abriu os olhos.

— Já chegámos a Melun? — disse ele. — Estou com muita fome.

— Não, compadre — disse Chicot -, ainda não, e é esse exactamente o motivo por que

te acordei; é preciso que lá cheguemos quanto antes. Temos andado muito devagar, com a breca, muito devagar!

— E então, faz-Lhe pena que andemos devagar, meu caro Sr. Chicot? A estrada da vida é uma ladeira, visto que vai dar ao Céu, e as subidas sempre cansam. E demais, quem corre atrás de nós? Quanto

mais tempo gastarmos no caminho, mais tempo estaremos na companhia um do outro. Acaso não ando eu viajando para a propagação da Fé, e o senhor para se divertir? Pois bem, quanto menos nos apressarmos, melhor se propagará a Fé, e mais o senhor se divertirá. Por exemplo: sou de parecer que nos demoremos alguns dias em Melun; tenho ouvido dizer que se fazem lá excelentes pastéis, e não se me dava de comparar conscienciosamente os pastéis de Melun com os das outras terras. Que me diz a isto, Sr. Chicot?

— Digo — replicou o gascão — que o meu parecer é, pelo contrário, que tratemos de caminhar o mais depressa que pudermos, que nos deixemos de jantar em Melun, reservando-nos para cear em Montereau, a fim de recuperarmos o tempo perdido.

Gorenflot olhou para o seu companheiro de jornada como quem não percebia bem.

— Vamos, a caminho, a caminho! — disse Chicot.

O frade, que estava estirado ao comprido, com as mãos cruzadas por baixo da cabeça, limitou-se a sentar-se no mesmo lugar onde estava, e deu um gemido.

— E demais — prosseguiu Chicot -, se quer ficar para trás e viajar com todo o seu vagar compadre, não me oponho.

— Não senhor — disse Gorenflot, assustado com a ideia de se tornar a ver entregue ao mesmo abandono de que acabava de escapar milagrosamente -, não senhor! Quero acompanhá-lo, Sr. Chicot; sou demasiadamente seu amigo para o deixar.

— Pois então trate de montar, compadre, trate de montar.

Gorenflot puxou o burro para junto dum pedregulho, e conseguiu trepar para cima dele; desta vez, porém, não se escarranchou, mas sentou-se de lado à moda das senhoras; dizia ele que assim ficava mais comodamente para poder conversar.

Mas o facto era que o monge tinha previsto que a cavalgadura ia ser obrigada a andar com maior velocidade, e sentando-se da quela forma ficava com dois pontos de apoio: as orelhas e o rabo.

Chicot meteu o cavalo a trote largo; o burro seguiu-o a zurrar.

Os primeiros movimentos causaram um choque terrível a Gorenflot; mas, por felicidade sua, a parte sobre a qual ele descansava tinha uma tal superfície, que não Lhe custava tanto como a qualquer outra pessoa a conservar o seu centro de gravidade.

De vez em quando, Chicot levantava-se sobre os estribos, examinava a estrada, e, não vendo no horizonte o que procurava, apressava ainda mais o trote do cavalo.

Gorenflot ia tão preocupado com o cuidado de se conservar sobre o jumento, que deixou passar estes primeiros sinais de investigação e de impaciência sem indagar a causa deles.

Mas quando finalmente se foi acostumando àquela andadura para ele tão desusada, e que pôde tomar o fôlego, vendo que Chicot continuava com o mesmo manejo, disse:

— Então que é isso que procura, meu caro Sr. Chicot?

— Nada — replicou este. — Estou vendo para onde vamos.

— Parece-me que vamos para Melun; o senhor mesmo o disse, e até acrescentou.

— Isto não é andar, compadre, isto não é andar! — disse Chicot, chegando as esporas ao cavalo.

— Como, isto não é andar? — exclamou o frade; — ainda não deixamos de trotar!

— A galope! A galope! — disse o gascão, Fustigando as pernas ao cavalo. Panurgo, levado do exemplo, também meteu a galope, mas com uma raiva mal disfarçada e que não era de bom agoiro para o cavaleiro.

As sufocações de Gorenflot aumentaram.

— Ora diga-me, Sr. Chicot, diga-me — gritou ele assim que pôde falar -: o senhor chama a isto uma digressão muito divertida?. pois eu declaro-Lhe que a mim não me diverte nada.

— Vamos para a Frente! Vamos para a Frente! — respondia Chicot.

- Mas a subida é muito áspera!
- Os bons cavaleiros só galopam nas subidas.
- Sim, porém eu não tenho a pretensão de ser bom cavaleiro.
- Pois então fique para trás.
- Isso não faço eu — bradou Gorenflot -, por nada deste mundo!
- Muito bem, então, como Lhe ia dizendo, vamos para a frente!  
Para a frente!

E Chicot fustigou novamente as pernas ao cavalo.

— Olhe que Panurgo não pode já respirar! — gritou Gorenflot. —  
Olhe que fica parado!

— Nesse caso, adeus, compadre — disse Chicot.

Gorenflot teve vontade de lhe responder do mesmo modo; porém ocorreu-lhe logo que aquele cavalo que ele amaldiçoava de todo o coração, e que levava às costas um homem tão extravagante, levava também a bolsa na algibeira do homem.

Resignou-se e batendo com os calcanhares na barriga do enfurecido jumento, obrigou-o a galopar também.

— Hei-de acabar por matar o meu pobre Panurgo! — exclamou o monge com voz lastimosa, para ver se despertava a sensibilidade de Chicot com o receio da perda do burro. Morre rebentado decerto!

— Pois deixa-o rebentar — respondeu Chicot sem abrandar o galope, apesar desta observação que Gorenflot julgava tão importante -; se ele morrer, compraremos uma mula.

O burro, como se houvera entendido estas palavras tão ameaçadoras para ele, saiu do centro da estrada, e começou a correr à desfilada por uma vereda lateral muito enxuta, mas pela qual ninguém se atreveria a caminhar a pé.

— Acuda-me! — bradava o frade. — Acuda-me, que vou cair ao rio!

— Não há perigo — disse Chicot -; se cair ao rio, afianço-lhe que

há-de boiar sobre a água.

— Oh! — murmurou Gorenflot — desta feita morro por certo. E lembrar-me eu que isto me acontece por ser sonâmbulo!.

E o monge ergueu os olhos para o Céu com um modo que queria dizer: Senhor! Senhor, qual foi o crime que eu cometi, para ser castigado com esta enfermidade!

De repente, Chicot, que já tinha chegado ao Fim da subida, parou o cavalo com tamanha violência, que ele estacou imediatamente, curvando as pernas quase a ponto de tocar com o quarto traseiro no chão.

Gorenflot, que estava longe de ser tão bom cavaleiro como Chicot, e que, demais a mais, ia governando o jumento com uma arreata em lugar de rédea, prosseguiu no seu caminho.

— Pára, com todos os diabos, pára! — gritou Chicot.

Porém o burro tinha feito tenção de galopar, e é geralmente quando um burro é teimoso.

— Paras ou não! — bradou Chicot; — olha que se não paras, pela minha fé de cavaleiro, mando uma bala de pistola em tua procura!

Que diabo tem este homem? dizia consigo Gorenflot, e qual seria o cão que o mordeu? Mas como a voz de Chicot se tornava de momento para momento mais terrível, e ao monge já Lhe parecia ouvir sibilar a bala com que ele o ameaçara, tratou logo de executar uma manobra que Lhe era muito fácil do modo por que ia montado, que foi deixar-se escorregar do jumento para o chão.

— Ora aí está! — disse ele, deixando-se cair com toda a galhardia sobre o traseiro e agarrando-se com as mãos ambas à arreata do burro, que ainda o arrastou alguns passos assim, mas acabou por parar.

Gorenflot procurou com os olhos Chicot, para gozar dos sinais de satisfação que ele não podia deixar de mostrar no rosto, em vista duma manobra tão habilmente executada.

Chicot estava escondido por detrás dum rochedo, e dali continuava

a fazer-lhe sinais e ameaças.

Tanta cautela deu a entender ao frade que havia alguma novidade. Olhou para a sua frente, e viu, à distância duns quinhentos passos, três homens que iam caminhando muito sossegadamente montados em mulas.

Logo à primeira vista conheceu que eram os viajantes que tinham saído aquela manhã de Paris pela Porta Bordelle, e que Chicot tinha estado a espreitar escondido atrás duma árvore.

Chicot conservou-se na mesma posição até que desapareceram os três viajantes; e só então voltou para junto do companheiro, o qual se tinha conservado sentado no mesmo sítio onde caíra, e sempre com a arreata de Panurgo na mão.

— Ora pois — disse Gorenflot, que começava a perder a paciência —, não me explicará, meu caro Sr. Chicot, que modo é este de fazer jornada? Ainda há pouco queria que corrêsemos a toda a brida, e afinal paramos aqui!

— Meu querido amigo — respondeu Chicot —, eu queria certificar-me se o seu jumento era de boa raça e se não tinha sido um roubo levarem-me por ele vinte e duas libras; está concluída a experiência, e estou muitíssimo satisfeito.

O frade, como bem se pode imaginar, não engoliu esta pílula, e dispunha-se a declará-lo ao companheiro; porém a sua preguiça natural prevaleceu, aconselhando-Lhe ao ouvido que não entrasse em discussão alguma.

Limitou-se pois a responder, sem ocultar o mau humor:

— Não me importa; estou muito cansado e com muita fome.

— Pois bem, não seja essa a dúvida — replicou Chicot dando uma palmada no ombro do frade. — Eu também tenho vontade de comer, e na primeira estalagem que encontrarmos.

— Que diz? — perguntou Gorenflot, custando-Lhe a acreditar na felicidade de que eram precursoras as palavras do gascão.

— Que digo? — replicou este. — Havemos de mandar fazer umas costeletas de carne de porco, ou dois frangos de fricassé, e havemos de beber um pichel do melhor vinho que houver na adega.

— Deveras? — perguntou Gorenflot; — isso sempre será certo, desta vez?

— Já te disse que sim, compadre.

— Muito bem, então — disse o frade levantando-se do chão -, tratemos quanto antes de procurar a tão desejada estalagem. Anda cá, Panurgo, hei-de dar-te sêmeas.

O burro zurrou logo de contente.

Chicot tornou a montar a cavalo. Gorenflot foi levando o burro pela arreata.

A estalagem que procuravam em breve se ofereceu à vista dos dois viajantes; era situada entre Corbeil e Melun; mas, com grande surpresa de Gorenflot, que já de longe ia admirando o aspecto atraente da casa, Chicot determinou ao frade que tornasse a montar no burro, e começou a descrever um círculo sobre a esquerda para passar por trás da casa; Gorenflot, cuja compreensão ia fazendo rápidos progressos, logo percebeu num relance de olhos o motivo de semelhante extravagância; as mulas dos três viajantes, de quem Chicot parecia seguir o rasto, estavam paradas defronte da porta.

Visto isso, pensou Gorenflot, é a vontade daqueles amaldiçoados viajantes que dispõe os sucessos da nossa jornada e regula as horas da nossa comida. É triste coisa!

E suspirou profundamente.

Panurgo, porém, vendo que o afastavam da linha recta, que toda a gente, mesmo os burros, tem em conta de mais breve, estacou de todo, e firmou-se sobre as quatro patas, como se estivesse resolvido a não se mover do lugar onde se achava.

— Vê? — disse Gorenflot em tom de lamento. — Nem mesmo o burro já quer andar.

— Ah, não quer andar?. — disse Chicot. — Espera, espera!

E chegando-se a um zambujeiro, escolheu uma vara de cinco palmos de comprimento, da grossura duma polegada, rija e flexível ao mesmo tempo.

Panurgo não era daqueles quadrúpedes estúpidos que não prestam atenção ao que se passa em torno deles e que só dão fé dos acontecimentos quando os sentem de perto. Tinha seguido com a vista a acção de Chicot, por quem começava provavelmente a ter a consideração de que ele era merecedor, e logo que desconfiou das suas intenções, começou a mover as pernas e abalou a passo dobrado.

— Já anda, já anda! -, gritou o monge para Chicot.

— Não importa — respondeu este -, quem viaja em companhia dum frade e dum burro, sempre deve andar prevenido com um pau.

E o gascão acabou de cortar a vara.

## XXVIII

### COMO FREI GORENFLOT TROCOU O BURRO POR UMA MULA, E A MULA POR UM CAVALO

Entretanto, as tribulações de Gorenflot estavam quase a finalizar, por aquele dia pelo menos; acabado o rodeio que tinham ido procurar, tornaram para a estrada real, e foram apear-se a uma estalagem que



ficava distante da primeira três quartos de légua. Chicot pediu um quarto com janela para a estrada, e encomendou a ceia, que Lhe trouxeram ao quarto mas bem se conhecia que a nutrição era para Chicot uma preocupação muito secundária. Comia por de mais, e estava num contínuo desassossego, levantando-se ao menor rumor para ir espreitar à janela. Esta preocupação durou até às dez horas; porém como até então Chicot nada tivesse visto nem ouvido, deu-se por satisfeito, e determinou ao criado que deitasse dobrada ração de cevada ao seu cavalo e ao burro do frade, e que os tivesse aparelhados logo ao romper do dia.

Gorenflot, que parecia ter adormecido havia já uma hora, mas que estava apenas entregue à doce sonolência que resulta duma boa ceia acompanhada de razoável quantidade de vinho generoso, suspirou quando ouviu dar esta ordem tão decidida.

— Ao romper do dia? — perguntou ele.

— Então que admiração é essa? — replicou Chicot. — Deves estar acostumado a levantar-te antes do dia.

— Para quê? — perguntou Gorenflot.

— E as matinas?.

— Tinha uma dispensa do meu superior — respondeu o frade.

— Chicot encolheu os ombros, e a palavra mandriões veio expirar-lhe nos lábios.

— Seremos mandriões, muito embora — disse Gorenflot -, e por que não havemos de sê-lo?.

— O homem nasceu para os trabalhos — respondeu sentenciosamente o gascão.

— E o frade para o descanso — replicou o monge o frade é uma excepção do homem.

E, satisfeito deste argumento, que pareceu convencer o próprio Chicot, Gorenflot, saindo do quarto com dignidade, foi meter-se na cama que Lhe estava destinada, e que Chicot, provavelmente com

receio que o frade cometesse alguma imprudência, mandara fazer no mesmo quarto em que tinha a sua.

No dia seguinte, logo ao romper da alva, se Frei Gorenflot não estivesse dormindo a sono solto, teria visto Chicot levantar-se da cama, chegar à janela, e postar-se em observação por detrás da cortina.

De repente, Chicot, apesar de que ninguém lhe podia ver o rosto, recuou rapidamente; e se Gorenflot, em vez de continuar a dormir, estivesse acordado, teria ouvido retinir sobre a calçada as ferraduras das três mulas.

Chicot foi direito a Gorenflot, e tanto lhe sacudiu o braço que este abriu os olhos.

— Não será possível que eu goze na minha vida dum instante de sossego?. — balbuciou Gorenflot que acabava de dormir dez horas a fio.

— Alerta! Alerta! — disse Chicot. — Toca a vestir, e já a caminho!

— E o almoço? — perguntou o frade.

— Está esperando por nós na estrada de Montereau.

— Para que banda fica essa tal estrada de Montereau? — perguntou o frade, que era pouco forte em Geografia.

— Montereau — respondeu o gascão — é o lugar onde vamos almoçar; estás satisfeito com esta explicação?

— Estou — respondeu laconicamente Gorenflot.

— Pois então, compadre — tornou o gascão -, eu vou para baixo pagar a nossa despesa e a das cavalgadas; e daqui a cinco minutos, se não estiveres pronto, abalo sem ti.

Os atavios dum frade não levam muito tempo a compor; contudo Gorenflot gastou seis minutos para se vestir.

E por isso, quando chegou à porta, viu que Chicot tinha cumprido o que dissera com pontualidade militar, e que já ia caminhando pela estrada fora.

O monge escarranchou-se no Panurgo, e este, animado pela duplicada ração de feno e de cevada que Chicot acabava de lhe mandar administrar, meteu a galope de seu moto próprio, e em breve se perfilou com o cavalo do gascão.

O gascão ia levantado sobre os estribos e com o corpo direito como um espeque.

Gorenflot também se levantou, e viu no horizonte as três mulas e os três cavaleiros, que se iam sumindo por detrás dum outeiro.

O frade suspirou, por se lembrar quanto era triste que uma influência estranha tivesse tanto poder sobre o seu destino.

Chicot, desta vez, teve palavra e foram almoçar a Montereau.

O resto do dia assemelhou-se muito ao da véspera, e o imediato também apresentou, pouco mais ou menos, a mesma série de acontecimentos.

Pouparemos pois a descrição dos pormenores, e só diremos que Gorenflot se ia acostumando gradualmente aos inconvenientes da vida errante, tão nova para ele.

Quando chegou a tarde do terceiro dia, notou o frade que Chicot ia perdendo pouco a pouco toda a sua jovialidade; a causa desta mudança era que, desde o meio-dia, nunca mais tinha visto os três viajantes que seguia, nem sombra deles; e o resultado foi cear de mau humor e dormir pessimamente.

Gorenflot comeu e bebeu como dois, e entoou as suas mais lindas cantigas. Chicot conservou-se impassível.

Ainda bem não era dia, já ele estava a pé sacudindo o companheiro; o frade vestiu-se, e logo à saída da estalagem meteram a trote; mas este em breve se transformou num galope frenético.

Porém debalde correram: nada de mulas no horizonte.

Pela volta do meio-dia, nem cavalo nem burro já podiam dar um passo. Chicot foi directo a uma barraca onde se cobrava o direito de passagem do gado na Ponte de Villeneu-le-Roi.

— Viu acaso — perguntou ele ao recebedor — três viajantes montados em mulas, que devem ter passado por aqui esta manhã?

— Esta manhã, meu fidalgo, nada; — respondeu o recebedor — foi ontem que os vi.

— Ontem?

— Sim, ontem, pelas sete horas da noite.

— Reparou neles?

— Reparei que eram viajantes.

— Pergunto se está lembrado que qualidade de gente era.

— Parece-me que um deles era amo, e os outros dois criados.

— É isso mesmo — disse Chicot.

E deu um escudo ao recebedor.

Depois, falando consigo:

Ontem, às sete horas da noite, murmurou ele; com o demónio!  
Levam-me uma dianteira de doze horas. Ânimo, pois, vamos adiante!  
“

— Ouça-me, Senhor — disse o frade -, pela parte que me diz respeito, ainda tenho ânimo; mas pela que toca a Panurgo, acabou-se.

E com efeito, o pobre animal, estafado do muito que tinha andado os dois últimos dias, estava todo trémulo, e comunicava a Gorenflot a agitação em que tinha o corpo.

— E o seu cavalo também — prosseguiu Gorenflot -, veja o estado em que está.

E assim era; o cavalo de Chicot, apesar de todo o seu fogo, ou talvez por isso mesmo que era muito feroso, estava branco de espuma e deitava nuvens de fumo pelas ventas, ao passo que os olhos pareciam próximos a saltarem-lhe fora das órbitas.

Chicot examinou num relance os dois animais, e pareceu conformar-se com a opinião do companheiro.

Gorenflot já começava a respirar, mas de repente:

— Ora pois, irmão do peditório — disse Chicot -, Trata-se agora de adoptarmos uma grande resolução.

— Há já uns poucos de dias que não fazemos senão adoptar resoluções! — exclamou Gorenflot cujo parecer logo se transtornou, se bem que ainda não sabia o que Lhe iam propor.

— É preciso tratarmos de nos separar — replicou Chicot sem mais preâmbulo.

— Bom — disse Gorenflot -, aí vem outra vez a mesma brincadeira. Separarmo-nos porquê?

— Porque caminhas muito devagar. compadre.

— Essa só pelo Demónio!. — respondeu Gorenflot; — eu tenho andado com uma velocidade tal que nem o vento me excede! Ainda esta manhã galopámos cinco horas a fio!

— Mas isso não é ainda bastante.

— Pois então partamos já outra vez; quanto mais depressa andarmos, mais breve chegaremos ao nosso destino; porque, enfim, eu presumo que havemos de chegar um dia.

— O meu cavalo já não pode mais, e o teu burro nega-se a ir para diante — E nesse caso, que temos a fazer?

— Vamos deixá-los aqui, e levá-los-emos quando regressarmos.

— E nós? Tenciona por ventura continuar a jornada a pé?

— Montaremos em mulas.

— E onde estão elas?

— Comprá-las-emos.

— Vamos lá — disse Gorenflot com um suspiro — mais esse sacrifício.

— Visto isso.

— Visto isso, iremos em mulas.

— Bravo, compadre! Vejo que vai começando a aperfeiçoar-se; recomende pois Bayard e Panurgo ao cuidado do estalajadeiro. que eu vou tratar das nossas compras.

Gorenflot desempenhou conscienciosamente a missão de que havia sido incumbido: pelas relações que durante aqueles quatro dias tivera com Panurgo, o frade pudera avaliar, não diremos as suas qualidades, mas os seus defeitos, e observara que os três defeitos principais do jumento eram os mesmos a que ele próprio era inclinado, a saber: preguiça. luxúria, e gula.

Esta observação sensibilizava-o sobremaneira, e Gorenflot sentia saudades ao separar-se do burro; porém Gorenflot não era só preguiçoso, luxurioso e guloso, era também egoísta e antes queria separar-se de Panurgo do que apartar-se de Chicot, por isso que Chicot, como já dissemos, levava consigo a bolsa.

Chicot voltou trazendo duas mulas, com as quais andaram os dois amigos naquele dia vinte léguas; de modo que ao anoitecer teve Chicot a satisfação de avistar as outras três mulas à porta dum ferrador.

— Ah! — disse ele respirando pela primeira vez.

— Ah! — suspirou também o monge.

Mas a vista perspicaz do gascão não divisou nem os arreios das mulas, nem o dono delas, nem os criados; as mulas estavam simplesmente adornadas de seus trajes naturais, isto é, estavam perfeitamente em osso: o dono delas e os lacaios tinham desaparecido.

Ainda mais: de roda das três cavalgadas estavam homens que as examinavam e pareciam querê-las experimentar; era um alquilador em primeiro lugar, e depois o ferrador e dois franciscanos; faziam voltar as mulas em todos os sentidos, viam-Lhes os dentes, os cascos, as orelhas; punham enfim em prática todas as formalidades que precedem a compra de bestas.

Chicot sentiu um arrepio por todo o corpo.

— Vai andando adiante — disse ele para Gorenflot -, chega-te aos franciscanos; chama-os de parte, interroga-os; é de crer que não haja

segredos de frade para frade; indaga jeitosamente de quem eram as mulas, o preço que pedem por elas, e o que é feito dos donos; e depois volta a dar-me conta de tudo.

Frei Gorenflot, a quem estava dando muito cuidado o desassossego em que via o amigo partiu a todo o trote da mula, e voltou daí a um instante.

— Já sei a história toda — disse ele. — Em primeiro lugar, sabe onde estamos?

— Estamos na estrada de Lião — disse Chicot -, é a única coisa que me importa saber.

— Não é tal; também muito Lhe importa saber, segundo me disse, pelo menos o que é feito dos donos das mulas.

— Sim, é verdade. — que parece um cavaleiro...

— Bem.

O que parece um cavaleiro tomou aqui para a estrada de Avinhão, por um atalho que poupa muito caminho, e que passa por Château-Chinon e Privas.

— Foi só?

— Como só?...

— Pergunto se foi só ele que tomou por essa estrada...

— Ia com um criado.

— E o outro?

— O outro criado seguiu o seu caminho.

— Para Lião?

— Para Lião, sim senhor.

— Muitíssimo bem. Mas para que vai aquele cavaleiro para Avinhão? Eu julgava que ele ia a Roma. Porém — prosseguiu Chicot como falando a si próprio — estou-te perguntando coisas que tu não sabes.

— Sei... sim — respondeu Gorenflot. — Ah, está admirado?

— Diz lá, o que sabes tu?

— Sei que vai a Avinhão porque Sua Santidade o Papa Gregório XIII mandou a Avinhão um legado munido de seus plenos poderes.

— Bom — disse Chicot -, já entendo... E as mulas?

— As mulas estavam estafadas; venderam-nas a um alquilador, e este quer vendê-las agora aos franciscanos.

— Quanto quer por elas?

— Quinze peças de ouro de dez libras cada uma.

— E como continuaram eles a jornada?

— Em cavalos que compraram.

— A quem?

— A um capitão de cavalaria que está aqui tratando da remonta.

— Com a breca, compadre — exclamou Chicot -, sempre és um homem muito precioso!

Agora é que vou começando a conhecer o teu merecimento.

Gorenflot empavesou-se.

— Agora — prosseguiu Chicot — conclui a obra que tão bem encetaste.

— Que hei-de eu fazer?

Chicot apeou-se, e enfiando a rédea no braço do frade:

— Pega nas duas mulas e vai oferecê-las por vinte peças aos franciscanos; devem preferir-te a ti.

— E hão-de preferir — disse Gorenflot -, quando não, vou denunciá-los ao superior.

— Bravo, compadre, vais-te aperfeiçoando!

— Ah, é verdade — perguntou Gorenflot -: como havemos de continuar a nossa jornada?



— Iremos a cavalo.

— Essa só pelo diabo! — disse o frade coçando a orelha.

— Então o que tem isso? — replicou Chicot. — Um picador como tu pode lá ter medo!

— Está bom! — disse Gorenflot — será mais queda ou menos queda. Mas onde irei eu encontrá-lo?

— Na praça principal aqui do lugar.

— Vá para lá esperar por mim.

O frade encaminhou-se com gesto desembaraçado para onde estavam os franciscanos, enquanto que Chicot, metendo-se por uma travessa, se dirigia para a praça central da aldeia.

Ali encontrou Chicot, na estalagem do Galo, o capitão de cavalaria ocupado a despejar uma garrafa de vinho de Auxerre, que os bebedores de segunda ordem confundiam com o vinho de Borgonha; obteve dele novas informações que confirmaram o que Lhe tinha dito Gorenflot.

Chicot concluiu imediatamente a compra de dois cavalos, a que o oficial deu logo baixa na sua relação como tendo morrido no caminho, e, em consequência deste desastre, pôde vender os dois por trinta e cinco peças de ouro.

Só restava entrar em ajuste a respeito de selas, rédeas e demais aparelhos, quando Chicot viu desembocar o frade dum ruazinha lateral, trazendo as duas selas e as duas cabeçadas nas mãos.

— Oh, oh! — disse ele. — Que é isso, compadre?

— O que há-de ser! — respondeu Gorenflot. — São as selas e as rédeas das nossas mulas.

— Então não as entregaste aos compradores? — perguntou Chicot desatando a rir.

— Era o que faltava! — respondeu o frade.

— E por quanto vendeste as mulas?

— Por dez peças cada uma.

— Pagaram-te?

— Aqui está o dinheiro.

Gorenflot, dizendo isto, bateu no bolso, que vinha cheio de dinheiro de toda a espécie.

— Sabes que mais? — exclamou Chicot. — És um homem insigne, compadre.

— Assim é que eu desempenho as incumbências que me dão — disse Gorenflot com afectada modéstia.

— Vamos à nossa empresa — disse Chicot.

— Porém estou com muita sede — interrompeu o frade.

— Pois então bebe, enquanto eu vou aparelhar os nossos cavalos; mas não bebas muito.

— Pois seja uma garrafa.

Gorenflot despejou duas, e depois veio entregar o resto do dinheiro a Chicot.

Chicot lembrou-se de deixar na mão do frade as vinte peças, já diminuídas do preço do vinho que ele bebera, mas logo reflectiu que, no instante em que Gorenflot se visse possuidor de dois escudos, imediatamente cessaria o seu poder sobre ele.

Pegou portanto no dinheiro, sem que o monge chegasse mesmo a dar fé do instante de hesitação que ele tinha tido, e montou a cavalo.

Gorenflot montou também, ajudado pelo oficial de cavalaria, que era um homem temente a Deus, e por isso se prestou a segurar o estribo do monge; em paga deste serviço, Gorenflot deitou-lhe a bênção apenas se viu empoleirado no cavalo.

— Agora com a tua bênção é que aquele patusco fica mesmo um santinho — disse Chicot metendo o cavalo a galope.

Gorenflot, vendo correr a ceia na sua frente, largou o cavalo atrás de Chicot; o frade já ia estando mais adiantado na arte equestre; em

vez de agarrar a crina com uma das mãos e a cauda com a outra, como fazia ao princípio, segurou-se com ambas as mãos ao arção da sela, e com este único ponto de apoio, foi correndo enquanto Chicot quis.

Até que acabou por desenvolver ainda maior actividade do que o seu protector, porque todas as vezes que Chicot mudava de andadura ou sopeava o cavalo, o frade, que achava mais cómodo o galope do que o trote, seguia para a frente animando o cavalo com a voz.

A perseverança dos dois amigos merecia por certo uma recompensa; no dia seguinte, ao anoitecer, um pouco adiante de Chalon, Chicot tornou a avistar mestre Nicolau David, ainda disfarçado em trajes de lacaio, e não o perdeu mais de vista até Lião, onde entraram todos três à noitinha do oitavo dia depois de terem saído de Paris.

Era pouco mais ou menos ao mesmo tempo que, por uma estrada oposta, Bussy, Saint-Luc e a esposa deste, chegavam, como já dissemos, ao Castelo de Méridor.

## XXIX

### COMO CHICOT E SEU COMPANHEIRO FORAM HOSPEDAR-SE NA ESTALAGEM DA CRUZ E COMO OS RECEBEU O ESTALAJADEIRO

Mestre Nicolau David, conservando sempre o seu disfarce de lacaio, encaminhou-se para a Praça dos Terreaux, e escolheu a principal estalagem da mesma praça, que era a da Cruz.

Chicot viu-o entrar, e conservou-se um instante em observação, para se certificar se ele tinha achado quarto e se se estabeleceria ali.

— Tens alguma dúvida em Ficar na estalagem da Cruz? — disse o gascão para o seu companheiro de jornada.

— Nenhuma — respondeu este.

— Muito bem; então vai já para lá; ajusta um quarto em lugar retirado; hás-de dizer que estás à espera de teu irmão, e esperar-me-ás com efeito à entrada da porta; eu vou passear e voltarei logo que for noite fechada; quando regressar quero encontrar-te no teu posto; e como terás tido tempo para conhecer bem os cantos à casa, hás-de levar-me para o quarto sem que eu encontre pelo caminho certas pessoas que não quero que me vejam.

Percebes-me?

— Perfeitamente — respondeu Gorenflot.

— Escolhe um quarto grande, alegre, de fácil acesso, e contíguo, se for possível, ao daquele viajante que entrou agora para lá; será bom

que tenha janelas para a rua, para eu poder ver as pessoas que entrarem ou saírem; não fales no meu nome por caso nenhum, e promete rios de dinheiro à gente da cozinha.

— Tudo isso farei.

Gorenflot desempenhou efectivamente a sua incumbência às mil maravilhas.

Depois de escolher o quarto, foi para a porta da rua esperar que anoitcesse de todo, e, logo que Chicot chegou, pegou-Lhe pela mão e levou-o para o quarto.

O frade, manhoso como são todos os padres, por muito estúpidos que a natureza os tenha criado, fez notar a Chicot que o quarto que tinha tomado, apesar de dar para outro corredor que o de Nicolau David, ficava contudo contíguo ao aposento deles, do qual era apenas separado por um tabique em que facilmente se poderia fazer um buraco.

Chicot escutou o monge com a maior atenção, e qualquer pessoa que estivesse prestando atenção ao orador e vendo o auditor, teria podido conhecer a satisfação que a este causavam as palavras daquele.

E depois, quando o frade concluiu:

— Tudo isso que acabas de me dizer merece uma recompensa — respondeu Chicot prometo-te que hás-de ter esta noite vinho de Xerez para a ceia, Gorenflot; sim, hás-de tê-lo, com o demônio! Tão certo como ser eu teu compadre.

— Nunca me embebedei com esse vinho — disse Gorenflot -, mas penso que deve ser coisa agradável.

— Dou-te a minha palavra — replicou Chicot tomando posse do quarto — que o hás-de provar dentro de duas horas; sou eu que to afirmo.

Chicot mandou chamar o estalajadeiro.

Este, porém, mandou-Lhe dizer que tivesse paciência e esperasse um pouco, porque estava a Falar com um viajante que chegara

primeiro do que ele e, por isso, tinha direito a ser atendido também em primeiro lugar.

Chicot logo desconfiou que o tal viajante era o advogado.

— Em que estarão eles conversando? — perguntou Chicot.

— Desconfia porventura que o dono da casa e o seu homem estejam segredando?

— Certamente, visto que aquela cara insolente que encontrámos à entrada, e que, segundo penso, é a dele.

— Sem tirar nem pôr — disse o frade. Desce da sua dignidade para conversar com um homem vestido de laçao.

— Ah! — acudiu Gorenflot. — Já mudou de fato; vi-o há pouco; agora está todo vestido de preto.

— Mais uma razão — disse Chicot. — Parece que ele também entra na intriga.

— Quer que eu trate de Lhe confessar a mulher? — perguntou Gorenflot.

— Não — respondeu Chicot -; antes quero que vás dar um passeio pela cidade.

— Pois sim, e a ceia?. — replicou Gorenflot.

— Eu a mandarei preparar para estar pronta quando vieres; toma lá, aqui tens um escudo para te divertires.

Gorenflot aceitou o escudo com gratidão.

O frade tivera sempre sua propensão para excursões nocturnas, mas depois que saíra do convento ainda com mais furor se entregava a este passatempo, Gorenflot, depois que havia abandonado a clausura, respirava liberdade por todos os poros, e tinha chegado a ponto tal, que o convento somente se lhe apresentava à lembrança debaixo do aspecto duma prisão.

Saiu pois, com o hábito arregaçado para o lado e com o escudo na algibeira.

Apenas Gorenflot saiu do quarto, Chicot, sem perder um momento, procurou uma verruma, e fez um buraco no tabique à altura dos olhos. Não podia ver distintamente pelo furo as diversas partes do quarto, porém, aplicando o ouvido à abertura, ouvia distintamente as vozes.

Contudo, pela disposição dos indivíduos e pelo lugar que ocupavam no aposento, quis o acaso que Chicot pudesse ver o estalajadeiro, que estava conversando com Nicolau David.

Algumas palavras não chegavam ao ouvido de Chicot; mas o que ele apurou da conversa bastou para Lhe provar que David fazia grande alarde da sua fidelidade para com o rei, falando até duma missão de que tinha sido encarregado pelo Sr. de Morvilliers.

Enquanto assim falava, o estalajadeiro ouvia-o respeitosamente, mas com um sentimento que muito se assemelhava a indiferença, porque pouco lhe respondia.

Chicot julgou mesmo divisar, tanto no olhar como na intonação da voz do dono da casa, uma ironia bastante expressiva cada vez que o hóspede proferia o nome do rei.

ah, disse Chicot, dar-se-á o caso que o dono da casa seja membro da Liga? Veremos isso.

E como a conversação que tinha lugar no quarto de mestre Nicolau David já não lhe oferecia interesse algum, Chicot deixou de escutar e esperou que o estalajadeiro o viesse também visitar.

Finalmente abriu-se a porta.

O estalajadeiro trazia o barrete na mão e apresentava a mesma fisionomia chocarreira que havia dado na vista a Chicot quando espreitava a conversa dele com o letrado.

— Sente-se, meu caro Senhor — disse-Lhe Chicot -; e primeiro que concluamos defini tivamente o nosso ajuste, faça-me o favor de ouvir a minha história.

Este exórdio pareceu não agradar muito ao estalajadeiro, e com um aceno de cabeça deu a entender que desejava conservar-se de pé.

— Esteja à vontade, meu caro Senhor — replicou Chicot.

O estalajadeiro fez outro aceno, que queria dizer que para estar à sua vontade não carecia de licença de ninguém.

— Viu-me na companhia dum religioso. — prosseguiu Chicot.

— Sim senhor — respondeu o estalajadeiro.

— Caluda! Não diga a ninguém que ele está aqui. aquele religioso está proscrito.

— Deveras? — exclamou o estalajadeiro. — Será porventura algum huguenote disfarçado. Chicot tomou a atitude dum homem ofendido em sua dignidade.

— Huguenote? — disse ele com enfado. — Quem fala aqui em huguenotes? Saiba que aquele religioso é meu parente, e que eu não tenho parentes huguenotes.

Um homem honrado como o senhor deveria envergonhar-se de levantar semelhante aleive.

— Ah, meu caro Senhor — replicou o estalajadeiro -, são desgraças que às vezes sucedem.

— Nunca tal caso se deu na minha família! Aquele religioso, pelo contrário, é o inimigo mais encarniçado que até hoje tem aparecido em campo contra os huguenotes; de forma que incorreu no desagrado de Sua Majestade Henrique III, que os protege, como sabe.

O estalajadeiro ia começando a interessar-se pela perseguição que sofria Gorenflot.

— Caluda! — disse ele levando o dedo à boca.

— Caluda, porquê, — perguntou Chicot -, tem porventura na sua casa gente de el-rei.

— Desconfio que sim — respondeu o estalajadeiro -; há aqui ao lado um viajante...

— Pois nesse caso — replicou Chicot — vamo-nos já pôr ao fresco, o meu parente e eu, porque ele assim proscrito e ameaçado.



— E para onde quer ir?

— Um estalajadeiro nosso amigo, mestre La Hurière, fez favor de nos inculcar mais duas ou três estalagens desta cidade.

— La Hurière? É conhecido de La Hurière?

— Devagar! Não o diga a pessoa alguma; ficámos relacionados desde a noite de S. Bartolomeu.

— Está bem — disse o estalajadeiro -, já vejo que tanto o senhor como o seu parente são uns santos varões; eu também conheço La Hurière. Até me lembrei, quando comprei esta estalagem, de lhe pôr, como sinal de amizade, o mesmo nome que tem a dele: A Estrela Brilhante; mas a estalagem era conhecida pelo nome de estalagem da Cruz, e receei que me fizesse mal ao negócio a mudança da tabuleta. Ora pois, dizia, Senhor, que o seu parente.

— Cometeu a imprudência de pregar contra os huguenotes; foi muito aplaudido, e Sua Majestade Cristianíssima, exasperado por ver o bom acolhimento que ele tinha tido, e que lhe mostrava a tendência dos ânimos do povo, mandou-o procurar para o prender.

— E então? — perguntou o estalajadeiro com evidentes mostras de simpatia.

— Eu tirei-me de cuidados e arranquei-o de Paris — disse Chicot.

— E fez muito bem, pobre homem!

— Verdade seja que o Sr. de Guisa se me ofereceu para o proteger.

— Como? O grande Henrique de Guisa? Henrique o Acutilado.

— O santo Henrique.

— Sim, diz muito bem, o santo Henrique!

— Mas eu tive medo de acender uma guerra civil.

— Então — disse o estalajadeiro -, visto ser amigo do Sr. de Guisa, deve conhecer isto. E o estalajadeiro fez com a mão uma espécie de sinal maçónico que servia aos membros da Liga para se reconhecerem.

Chicot, naquela célebre noite que havia passado no Convento de

Santa Genoveva, tinha observado não somente o sinal que lhe fazia agora o estalajadeiro, como também o outro que lhe correspondia; e isto por tê-los visto repetir mais de vinte vezes pelos conjurados ali reunidos.

— Boa dúvida! — disse ele. — E o senhor, conhece isto?.

E Chicot fez logo o segundo sinal.

— Visto isso — disse o estalajadeiro com a maior franqueza -, esta casa é sua; considere-me como um amigo, um irmão; e se não traz dinheiro.

Chicot, como única resposta, sacou da algibeira uma bolsa que apesar de ter já sido encetada, ainda apresentava um bojo muito sofrível.

A vista duma bolsa bem recheadinha é sempre agradável, mesmo ao homem generoso que acaba de nos oferecer dinheiro, e que assim se capacita que não precisamos dele, porque desta forma fica com todo o merecimento da oferta sem ter tido o incómodo de a realizar. — muito bem — disse o estalajadeiro.

— Dir-Lhe-ei mais — acrescentou Chicot — que a nossa jornada, tem por fim a propagação da Fé, que para isso fomos pagos pelo tesoureiro da Santa União.

Indique-nos pois alguma estalagem onde nada tenhamos que recear.

— Por minha fé! — respondeu o estalajadeiro — que em parte alguma poderão estar com mais segurança do que aqui; sou eu que Lhe digo.

— Mas ainda há pouco me falou num homem que está instalado aqui ao lado.

— Sim; mas ele que se guarde de mim, porque se começar com espionagens. palavra de Bernouillet, ponho-o na rua!

— Chama-se Bernouillet? — perguntou Chicot.

— É o meu nome próprio, e muito conhecido dos fiéis; se o não é

na capital, é-o na província. Disso me posso gabar. E demais, basta que o senhor me diga meia palavra, e pô-lo-ei imediatamente fora de casa.

— Para quê?. — replicou Chicot. — É melhor ter a gente os inimigos ao pé de nós porque assim torna-se mais fácil vigiá-los.

— Tem razão — disse Bernouillet, muito admirado da esperteza do gascão.

— Porém, que razão tem para supor que aquele homem seja nosso inimigo? Digo nosso inimigo — prosseguiu Chicot com um terno sorriso — porque vejo que somos irmãos.

— Oh, sim, com toda a certeza — replicou o estalajadeiro -; o que me fez desconfiar.

— Sim, que motivo tem?

— É porque chegou aqui disfarçado em trajes de lacaio, e depois vestiu uma espécie de gibão de letrado; ora o homem é tanto letrado como lacaio, pois por baixo dum capote que atirou para cima duma cadeira, vi aparecer a ponta duma comprida durindana. Além disso, falou-me do rei com muito acatamento; e finalmente, confessou-me que estava encarregado duma missão pelo Sr. de Morvilliers, que é, como sabe, um dos ministros do Nabucodonosor.

— Do Herodes, como eu lhe chamo.

— Do Sardanapalo!

— Bravo!

— Ah, já vejo que nos entendemos perfeitamente! — disse o estalajadeiro.

— Não há dúvida — disse Chicot -; e portanto estou resolvido a ficar.

— Acho que faz muito bem.

— Nem palavra a respeito do meu parente!

— Fique descansado.

— Nem a meu respeito.

— Pode fiar-se em mim. Mas. silêncio, vem alguém!

Gorenflot apareceu à entrada da porta.

— Oh, é ele, é o respeitável homem! — exclamou o estalajadeiro.

E, dizendo isto, foi direito ao frade e fez-lhe o sinal dos membros da Liga.

Gorenflot ficou tomado de susto e de espanto.

— Corresponde-lhe, corresponde-lhe, meu irmão — disse Chicot.  
— Este senhor já sabe tudo, e também é dos nossos.

— É dos nossos?. — perguntou Gorenflot. — Dos nossos quê?

— Da Santa União — respondeu Bernouillet a meia voz.

— Já vêes que podes corresponder-Lhe; corresponde, pois.

Gorenflot correspondeu, e assim aumentou a satisfação do estalajadeiro.

— Porém — disse Gorenflot, que estava com pressa de mudar a conversação -, lembre-se que me prometeu um bom vinho de Xerez.

— Vinho de Xerez, vinho de Málaga, vinho de Alicante: todos os vinhos da minha adega estão às suas ordens, meu irmão.

Gorenflot olhou para o estalajadeiro e para Chicot, e depois levantou os olhos ao Céu. Estava admirado do que Lhe sucedia, e era evidente que em sua humildade monacal reconhecia que tamanha ventura era superior ao seu mérito.

Três dias consecutivos se embebedou Gorenflot; no primeiro dia Foi com Xerez, no segundo com Málaga, e no terceiro com Alicante; mas afinal acabou por confessar que a embriaguez mais agradável era a que produzia o vinho de Borgonha, e foi a este que dali por diante se dedicou.

Durante os quatro dias que Gorenflot empregou em fazer as suas experiências vinosas, Chicot não saía do quarto, espreitando desde manhã até à noite o advogado Nicolau David.

O estalajadeiro, atribuindo a reclusão de Chicot ao receio que tinha

do suposto realista, esmerava-se em tratar este mal.

Mas era sem resultado algum, pelo menos na aparência. Nicolau David tinha ajustado com Pedro de Gondy que o havia de encontrar na estalagem da Cruz, e não queria sair deste domicílio provisório, com receio de se desencontrar do emissário dos Srs. de Guisa, de forma que na presença do estalajadeiro parecia insensível aos acintes deste. Mas logo que mestre Bernouillet fechava a porta, Nicolau David dava a Chicot, que não se tirava do buraco que havia feito no tabique, o espectáculo bastante divertido dos seus furores solitários.

Logo no dia imediato à entrada na estalagem, tendo observado a má vontade do estalajadeiro, disse de punho cerrado para ele, ou antes, para a porta por onde o estalajadeiro tinha saído: — Anda, maroto, deixa passar mais cinco ou seis dias, e tu mo pagarás!. Era quanto Chicot queria saber; ficava tendo a certeza de que Nicolau David não sairia da estalagem enquanto não recebesse a resposta do legado.

Porém, quando chegou o sexto dia, que era o sétimo da sua entrada na estalagem, Nicolau David, a quem o estalajadeiro, apesar das instâncias de Chicot, tinha declarado que em breve se veria na necessidade de lhe pedir que despejasse o quarto. Nicolau David, dizíamos, adoeceu de repente.

O dono da casa insistiu com ele para que largasse o aposento enquanto se achava em estado de poder andar; o advogado pediu espera até ao dia seguinte, afirmando que decerto havia de melhorar, mas no dia seguinte encontrava-se pior.

Foi o estalajadeiro que veio dar esta notícia ao seu amigo da Liga.

— Então que me díz? — exclamou ele esfregando as mãos. — O nosso realista, o amigo do Herodes, está para ser inspeccionado pelo almirante! Rataplão cataplão!

Ser inspeccionado pelo almirante queria dizer, entre os membros da Liga, que o sujeito passava deste para o outro mundo.

— Qual! — disse Chicot. — Julga que ele está para morrer?

— Está com uma febre desabalada, meu caro irmão; é uma terça ou quarta, com acessos que o fazem estar aos pulos dentro da cama; os médicos não sabem que doença é; tem um apetite devorador; quis esganar-me e dar pancada nos criados; os médicos declararam que não entendiam a moléstia.

Chicot reflectiu um instante.

— Viu-o? — perguntou ele.

— Vi, sim, se Lhe estou dizendo que ele quis esganar-me.

— Que aspecto tinha ele?

— Estava pálido, agitado, desfigurado, e gritando como um possesso.

— E que dizia?

— Guarde el-rei! Querem fazer mal a el-rei!

— Que malvado!.

— Que maroto! E de vez em quando também diz que está à espera dum homem que há-de chegar de Avinhão, e que Lhe quer falar antes de morrer.

— Muito bem — disse Chicot -; com que então ele fala em Avinhão.

— A todo o instante.

— Com todos os diabos! — exclamou Chicot praguejando na forma do costume.

— Sabe que mais? — replicou o estalajadeiro. — Não se perdia nada se ele morresse.

— Lá isso é verdade — respondeu Chicot -; mas eu não desejava que ele morresse antes da chegada do homem que há-de vir de Avinhão.

— Porquê? Quanto mais depressa ele morrer, mais depressa nos veremos livres dele.

— É verdade; mas o ódio que lhe tenho não chega a ponto de Lhe desejar a perdição da alma e do corpo; e pode ser que o homem que

ele espera de Avinhão venha para o confessar.

— Duvido; aquilo há-de ser resultado do delírio e da perturbação que a doença lhe tem causado às ideias; eu estou persuadido que ele não espera pessoa alguma.

— Quem sabe. — disse Chicot.

— Ah, bem se vê que tem o ânimo dum bom cristão — replicou o estalajadeiro.

— Fazer o bem pelo mal, é um preceito da lei divina.

O estalajadeiro saiu completamente edificado.

Quanto a Gorenflot, esse, tendo ficado perfeitamente estranho a todas estas preocupações, ia engordando a olhos vistos; ao cabo de oito dias a escada que Lhe dava serventia para o quarto gemia quando ele trepava, e ia começando a apertá-lo por tal forma entre o corrimão e a parede, que Gorenflot, atemorizado, declarou uma noite a Chicot que lhe parecia que a escada tinha entisicado.

Demais, não se preocupava nem com David, nem com a Liga, nem com o estado deplorável a que tinha chegado a Religião: só tratava de variar a comida e de harmonizar as diferentes qualidades de vinhos de Borgonha com as diversas iguarias que Lhe apresentavam na mesa, enquanto o estalajadeiro, embasbacado, repetia cada vez que o via entrar ou sair:

— Quem há-de dizer que este padre tão rechonchudo é um poço de eloquência!

## XXX

### COMO SUCEDEU QUE, INDO O FRADE PARA CONFESSAR O LETRADO, FOI O LETRADO QUEM CONFESSOU O FRADE

Raiou finalmente o dia que parecia destinado a livrar a estalagem da presença do advogado. Mestre Bernouillet entrou arrebatadamente no quarto de Chicot dando tão estrepitosas gargalhadas, que este teve de esperar algum tempo primeiro que conseguisse saber a causa de tamanha hilaridade.

— Está a morrer! — gritava o caridoso estalajadeiro. — Está quase a expirar, rebenta, por fim!

— E é isso que Lhe causa tanta vontade de rir? — perguntou Chicot.

— É, sim senhor; porque a peça teve muita graça.

— Que peça?

— Pergunta-mo? Confesse que foi o senhor quem lha pregou, meu fidalgo.

— Eu? Preguei alguma peça ao doente?

— Sim senhor.

— Conte-me como isso foi; o que sucedeu ao seu hóspede?

— O que Lhe sucedeu? Não está lembrado que ele falava continuamente no homem que havia de vir de Avinhão?

— E depois? Chegou efectivamente o homem?

— Chegou.

— Viu-o?



— Decerto. Julga que entra alguém em minha casa sem que eu veja?

— Que figura tem o tal sujeito?

— O que veio de Avinhão? baixo, delgado, e de rosto rosado.

— ele mesmo! — exclamou Chicot involuntariamente.

— Oh, bem dizia eu que foi o senhor quem o mandou, visto que o conhece.

— Até que enfim chegou o emissário! — exclamou Chicot erguendo-se e retorcendo o bigode. — Cos demónios! Conte-me como isso foi, compadre Bernouillet.

— O caso é muito simples, e se não foi o senhor o autor da partida peço-Lhe que me diga quem seria. Haverá coisa de uma hora, estava eu esfolando um coelho, quando vi parar à porta um homem pequenino. montado num enorme cavalo.

— É aqui que está hospedado mestre Nicolau? — perguntou o homenzinho. É, este, como sabe, o nome que deu aquele infame realista.

— Sim senhor — respondi eu.

— Vá pois dizer-lhe que está aqui a pessoa que esperava de Avinhão. — Com todo o gosto, Senhor, mas devo preveni-lo duma coisa.

— De quê?

— Que mestre Nicolau, como lhe chama, está a expirar.

— Mais uma razão para que o meu recado lhe seja dado sem demora. — Porém talvez não saiba que ele está para morrer em consequência de uma febre magna. — Deveras? — exclamou o homem! — Então peço-Lhe que Lhe diga quanto antes que estou aqui.

— Pois quê, ainda insiste?

— Insisto, sim senhor. — Apesar do perigo?.

— Apesar de tudo; digo-lhe que é preciso que eu lhe fale.

— O homenzinho ia-se zangando e falava num tom imperioso que não admitia réplica; levei-o, pois, ao quarto do moribundo.

— De forma que está ali. — disse Chicot estendendo a mão na direcção do quarto do vizinho.

— Está, sim senhor; não olhe, parece coisa célebre?

— Muito célebre, por certo — disse Chicot.

— Que pena não podermos ouvir a conversa!

— E é realmente pena.

— A cena entre os dois deve ser divertida.

— Ao último ponto; mas, quem obsta a que lá entre?

— Já o tentei, mas ele despediu-me.

— Com que pretexto?

— Com o pretexto de que ia confessar-se.

— Que inconveniente acha em ir escutar à porta?

— É verdade! Tem razão — disse o estalajadeiro, saindo apressadamente do quarto.

Chicot correu também para o buraco do tabique.

Pedro de Gondy estava sentado à cabeceira do leito do doente; mas ambos falavam em voz tão baixa, que Chicot não pôde ouvir uma única palavra da conversa.

E demais, pouco teria adiantado, porque a conferência estava no fim, e daí a cinco minutos o Sr. de Gondy levantou-se, despediu-se do enfermo, e saiu.

Chicot correu à janela.

Um laçao, montado num rabão, segurava pela rédea o enorme cavalo de que tinha falado o estalajadeiro; ao cabo dum instante saiu o embaixador dos Srs. de Guisa, cavalgou, e virou à esquina da rua que ia dar à rua larga de Paris.

Queira Deus que ele não leve consigo a genealogia, disse Chicot;

em todo o caso, sempre o hei-de alcançar, ainda que para isso tenha de rebentar dez cavalos. Mas não; isto de letrados são umas raposas muito matreiras, e o meu especialmente; desconfio portanto. Porém não me dirão, prosseguiu Chicot, batendo o pé no chão com impaciência, e ligando provavelmente no espírito esta ideia a outra que Lhe ocorria, não me dirão onde está aquele maroto do Gorenflot?

Nesse mesmo instante voltava o estalajadeiro.

— Então? — perguntou Chicot.

— Foi-se embora! — disse o estalajadeiro.

— Quem, o confessor?

— Que é tanto confessor como eu.

— E o doente?

— Teve um desmaio depois da conferência.

— Está certo de que ele ainda se conserva no quarto?

— Que pergunta! Já não sai de lá senão para o cemitério.

— Muito bem; vá, e mande-me aqui meu irmão logo que chegue.

— Mesmo se vier embriagado?

— Seja qual for o estado em que vier.

— É negócio urgente?

— É para bem da causa.

Bernouillet saiu apressadamente; era um homem cheio de zelo.

Chegou a vez de Chicot também ter febre; estava sem saber se havia de perseguir Gondy ou penetrar no quarto de David; pois se o letrado se achava na realidade tão doente como afirmava o estalajadeiro, era provável que tivesse encarregado o Sr. de Gondy da condução dos despachos.

Chicot passeava pelo quarto como um doido, batendo na testa e procurando numa ideia entre os milhões de glóbulos que se lhe formavam no cérebro.

Já não se ouvia rumor algum no quarto; e Chicot, do seu observatório, apenas avistava um ângulo do leito coberto com as cortinas.

De repente ressoou uma voz pela escada. Chicot estremeceu; era a do frade.

Gorenflot, empurrado pelo estalajadeiro, que debalde procurava obrigá-lo a calar-se, vinha subindo um a um os degraus da escada e cantando com voz rouquenha uma cantiga báquica.

Chicot acudiu à porta.

— Cala-te já, bêbado! — gritou ele.

— Bêbado — disse Gorenflot -, porque bebi uma pinga de vinho?

— Vamos, vem aqui já! E o Sr. Bernouillet lembre-se do que já lhe disse.

— Fique descansado — respondeu o estalajadeiro, fazendo-lhe sinal de ter entendido e descendo os degraus da escada a quatro e quatro.

— Vem cá, já te disse! — prosseguiu Chicot, puxando o frade para dentro do quarto. E Falemos seriamente, se é possível.

— Ora essa! — exclamou Gorenflot — está caçoando comigo, compadre. Eu estou sério como um burro quando está a beber.

— Ou quando acabou de beber — disse Chicot encolhendo os ombros. E em seguida levou o frade para uma cadeira, na qual este se deixou cair soltando um ah! de satisfação.

Chicot Foi fechar a porta, e voltou para junto de Gorenflot com o semblante tão sério, que o frade logo entendeu que era preciso prestar-lhe toda a atenção.

— Ora pois, que mais temos? — disse o frade, como se a palavra mais resumisse em si todos os incómodos que Chicot Lhe fazia sofrer.

— Temos — respondeu Chicot com aspereza — que é uma vergonha não te lembrares dos deveres da tua profissão; entregas-te à devassidão, e estás sempre a cair de bêbado; e entretanto a Religião

abandonada!

Gorenflot olhou para o seu interlocutor abrindo muito os imensos olhos.

— Eu? — perguntou ele.

— Sim, tu, olha, vê o estado indecente em que estás. Trazes o hábito rasgado.

e brigaste pelo caminho, pois tens o olho esquerdo pisado.

— Eu? — replicou Gorenflot, cada vez mais admirado por ouvir Chicot dar-lhe estas repreensões, a que não estava acostumado.

— Sim, sim, tu, vens demais a mais cheio de lama até acima do joelho, e de que lama, de lama branca, prova evidente de que te foste embriagar para o arrabalde da cidade.

— E o caso é que disse a verdade — respondeu Gorenflot.

— Desgraçado, um monge de Santa Genoveva!. ainda se fosses franciscano!.

— Chicot, meu amigo: visto isso, sou muito criminoso? — disse Gorenflot enternecido.

— Tão criminoso que merecias que o fogo do Céu te consumisse até às alparcas; toma sentido! Olha que se assim continuas, abandono-te.

— Chicot, meu amigo, tu não hás-de fazer tal.

— Talvez não saibas que também em Lião há quadrilheiros.

— Oh, misericórdia, meu querido protector — balbuciou o frade, desatando, não a chorar, mas a berrar como um touro.

— Fora! Que bicho tão feio! — exclamou Chicot; — e que ocasião escolheste para proceder duma maneira tão irregular! Justamente quando temos aqui ao lado um vizinho que está a morrer.

— É verdade — disse Gorenflot com ar de profunda contrição.

— Diz-me, és ou não cristão?

— Se sou cristão? — bradou Gorenflot levantando-se — se sou cristão? Com a breca! Sou, sim! Sou capaz de o clamar até mesmo sobre as grelhas de S. Lourenço!

— Basta! — disse Chicot, tapando-lhe a boca com a mão para ele não gritar tanto;

— pois se te prezas de cristão, não deixes morrer sem confissão um irmão teu.

— Tem toda a razão; onde está esse moribundo, que quero ir confessá-lo — disse Gorenflot -; mas ainda assim hei-de beber alguma coisa primeiro, porque estou com sede.

Chicot entregou ao frade um jarro cheio de água, que este bebeu quase todo.

— Ah, meu filho — disse ele descansando o jarro sobre a mesa -, já se me vão esclarecendo as ideias.

— Ora ainda bem! — respondeu Chicot, resolvido a aproveitar aquele instante de lucidez.

— Agora, meu bom amigo — prosseguiu o monge -, diz-me: quem é que hei-de confessar?

— O nosso infeliz vizinho, que está para morrer.

— Dêem-Lhe meia canada de vinho fervido com mel — disse Gorenflot.

— Não me oponho a que se lhe dê esse remédio, ele porém precisa mais dos socorros espirituais que dos temporais. Tu vais ter com ele.

— Julga que eu já estou suficientemente preparado, Sr. Chicot? — perguntou o frade com timidez.

— Tu? Nunca te vi tão cheio de unção como neste momento! Ajudá-lo-às a bem morrer, se ele tiver pecado, e ensinar-lhe-ás o caminho mais breve para ir ter ao Paraíso.

Vou já a correr.

— Espera um instante; é preciso que eu te ensine o que tens a fazer.

— Quer ensinar o pai-nosso ao vigário? Parece-me que quem é frade há vinte anos deve saber do ofício.

— Sim, mas tu hoje não vais desempenhar somente os deveres da tua profissão, vais executar também as minhas ordens.

— As suas ordens?

— E se executares com pontualidade, percebes, hei-de entregar cem peças de ouro ao dono da casa de pasto da Cornucópia, as quais ficarão à tua disposição para comeres ou beberes, à tua escolha.

— Prefiro que seja para ambas as coisas.

— Pois bem, seja; cem peças, percebes? Se confessares o respeitável moribundo aqui ao lado.

— Hei-de confessá-lo, ou me há-de levar o diabo! Como quer que o confesse?

— Ouve: o teu hábito confere-te uma grande autoridade; falas em nome de Deus e em nome do céu; é preciso que pela tua eloquência obrigues o homem a entregar-te os papéis que acabam de lhe trazer de Avinhão.

— E por que motivo é preciso obrigá-lo a entregar-me os tais papéis? Chicot olhou para o frade com cara de dó.

— Porque assim ganharás mil escudos, grande bruto! — disse ele.

— É exacto — disse Gorenflot -; vou já.

— Espera lá; ele há-de dizer-te que acabou agora mesmo de se confessar.

— Então, se ele já se confessou.

— Hás-de responder-lhe que mente; que o indivíduo que há pouco saiu do seu quarto não é confessor, mas um intrigante como ele.

— Porém se ele se zangar?

— Que te importa a ti, uma vez que está para morrer?.

— Tem razão.

— Muito bem; já percebeste o que tens a fazer; fala-Lhe em Deus, Fala-Lhe no Diabo, Fala-Lhe no que tu quiseres; mas, seja como for, saca-lhe das mãos os papéis que vieram de Avinhão.

— E se ele não quiser entregá-los?

— Nega-lhe a absolvição; amaldiçoa-o, anatematiza-o.

— Ou tiro-lhos então por força?

— Pois sim, se puderes; mas vê lá! Já estás suficientemente em teu juízo para executares com pontualidade as minhas instruções?

— Com toda a pontualidade; o senhor verá.

E Gorenflot, correndo a mão pela imensa cara, pareceu ter apagado do semblante os vestígios superficiais da embriaguez; e depois de ter composto o olhar, a fala e os gestos, dirigiu-se com solenidade para a porta.

— Ouve mais — disse Chicot -: logo que ele te houver dado os papéis, agarra-os bem com uma das mãos e bate com a outra na parede.

— E se ele mos recusar?

— Bate também.

— Visto isso, sempre em qualquer dos casos hei-de bater na parede?.

— Sim.

— Muito bem.

E Gorenflot saiu do quarto, enquanto Chicot, no maior desassossego, ficou com o ouvido pregado à parede a fim de perceber a menor bulha.

Dali a dez minutos, o estalar do sobrado deu-Lhe a conhecer que Gorenflot entrava no aposento do vizinho, e em breve o viu aparecer dentro do círculo que o seu raio visual podia abranger.

O advogado sentou-se na cama, e pôs-se a olhar para aquela estranha aparição.



— Ora muito bons dias, meu irmão! — disse Gorenflot, parando no meio do quarto e equilibrando as alentadas espáduas.

— Que vem aqui fazer, meu padre? — murmurou o enfermo com voz enfraquecida.

— Meu filho, sou um religioso muito indigno; mas constou-me que está perigosamente doente, e por isso venho lembrar-lhe a salvação da sua alma.

— Muito obrigado — disse o moribundo -, mas é escusado incomodar-se. Sinto-me um pouco melhor.

Gorenflot abanou a cabeça.

— Isso é o que pensa — disse ele.

— Tenho a certeza de que assim é.

— É um ardil de Satanás. que deseja vê-lo morrer sem confissão.

— Pois Satanás ficará logrado — disse o doente -, porque acabei agora mesmo de me confessar.

— A quem?

— A um respeitável eclesiástico que veio de Avinhão.

Gorenflot tornou a abanar a cabeça.

— Aquele homem não é eclesiástico — disse ele.

— Como? Não é eclesiástico?

— Não senhor.

— Quem lhe disse isso?

— Conheço-o eu.

— Conhece o indivíduo que daqui saiu?

— Conheço — respondeu Gorenflot com um tal tom de convicção, que, se bem que não seja coisa fácil, em geral, atrapalhar um letrado, este perturbou-se. — e por consequência, como não está melhor — disse Gorenflot -, e visto que o tal homem não é padre, é preciso que eu o confesse.

— É esse o meu desejo — respondeu o advogado com voz mais forte -; porém hei-de confessar-me a quem eu quiser.

— Já não há tempo para mandar buscar outro confessor, meu filho, e visto estar eu aqui.

— Como, já não há tempo?. — gritou o doente com um metal de voz que de instante para instante se ia tornando mais forte; — se eu lhe estou dizendo que me sinto melhor!. Se lhe afirmo que tenho toda a certeza de que hei-de escapar!.

Gorenflot abanou a cabeça pela terceira vez.

— E eu — disse ele com a mesma fleuma — também lhe afirmo, meu Filho, que não conservo esperança alguma a seu respeito; está condenado pelos médicos e pela Divina Providência; sei que isto que Lhe estou dizendo é uma verdade bem cruel; mas enfim, todos nós por aí havemos de passar, mais cedo ou mais tarde; todos havemos de ser pesados numa balança, que é a balança da justiça; e demais, é uma consolação deixar esta vida para ressuscitar na outra. O próprio Pitágoras assim dizia, meu filho, apesar de ser um pagão. Vamos, confesse-se, meu querido filho.

— Porém assevero-Lhe, meu padre, que já me sinto mais forte, e é talvez com a vista da sua santa pessoa.

— Está iludido, meu filho, está iludido — insistiu Gorenflot -; há sempre na proximidade dos últimos momentos uma recrudescência vital: é o mesmo que uma lâmpada que se reanima para brilhar com o derradeiro clarão antes de se apagar.

Vamos, pois — prosseguiu o monge, sentando-se junto do leito conte-me as suas intrigas, as suas conspirações, as suas tramas.

— As minhas intrigas? As minhas conspirações? As minhas tramas? — repetiu Nicolau David, recuando ao ouvir as palavras tão extraordinárias que havia proferido aquele monge, que ele não conhecia, e que parecia conhecê-lo tão particularmente.

— Sim — replicou Gorenflot, dispondo com toda a placidez as imensas orelhas para ouvir, e unindo os dois dedos polegares por fora

das mãos entrelaçadas -; depois que me houver contado tudo isso, dar-me-á os papéis, e pode ser que Deus permita então que eu o absolva.

— Que papéis? — exclamou o doente, com voz tão rija e vigorosamente acentuada como se estivesse de perfeita saúde.

— Os papéis que o eclesiástico fingido Lhe trouxe há pouco de Avinhão.

— E quem lhe disse que o eclesiástico de que se trata me trouxe papéis? — perguntou o advogado, deitando uma perna fora da cama, e com um modo tão desabrido que despertou Gorenflot da sonolência a que já se ia entregando.

Gorenflot julgou que estava chegada a ocasião de mostrar alguma energia.

— Quem me disse sabe o que diz — replicou ele -; vamos, os papéis: os papéis já, ou nada de absolvição!

— Pensas que me importa para alguma coisa a tua absolvição, meu biltre? -

exclamou David saltando para fora da cama e agarrando Gorenflot pelas goelas.

— Então que é isso! — exclamou este — está tresvariado com a febre? Não quer confessar-se, afinal?

O dedo polegar do letrado, comprimindo com destreza e vigor as goelas do frade, interrompeu-Lhe a frase. que ele concluiu com uma espécie de estertor.

— Sou eu que te quero confessar, frade de Belzebu! — bradou o advogado David.

E quanto ao tresvario da febre, eu já te mostro se me tirou a força necessária para te esganar!.

Frei Gorenflot tinha uma organização robusta, mas estava chegado infelizmente ao momento da reacção em que a embriaguez actua sobre o sistema nervoso e o paralisa, e que ordinariamente sucede ao mesmo tempo que, por uma reacção oposta, as faculdades morais começam a

recobrar o perdido vigor.

Por isso, apenas pôde, reunindo toda a sua força, levantou-se da cadeira, agarrou a camisa do letrado com as mãos ambas, e repeliu-o com violência para longe de si.

Devemos porém confessar que, apesar de estar com as forças paralisadas, Frei Gorenflot repeliu Nicolau David tão violentamente, que este foi cair estirado no meio do quarto.

Mas logo se ergueu como um furioso, e lançando mão da comprida espada que havia dado na vista a mestre Bernouillet, e que estava pendurada na parede, por detrás do fato, tirou-a da bainha e apontou-a ao pescoço do frade, o qual, exausto por aquele supremo esforço, tinha tornado a cair sobre a cadeira.

— És tu agora quem te hás-de confessar — disse ele com voz surda -, quando não, mato-te!

Gorenflot, tornando de todo ao uso da razão pela impressão desagradável que Lhe estava causando a ponta fria do ferro, avaliou logo a gravidade da situação.

— Oh, — disse ele — pelo que vejo não estava doente! Aquela fingida agonia não passava duma comédia!

— Esqueces-te que não te cumpre interrogar — disse o letrado -, mas unicamente responder.

— Responder o quê?

— Ao que vou perguntar-te.

— Diga.

— Quem és tu?

— Bem o vê — disse o monge.

— Isso não é resposta! — tornou o advogado, carregando mais um quase nada na espada.

— Olá, com o demónio! Toma sentido! Se me matar antes que eu lhe responda, não ficará sabendo coisa alguma!

- Tens razão; o teu nome?
  - Frei Gorenflot.
  - És pois realmente frade?
  - Como? Se sou realmente frade?. Sou, sim.
  - Por que motivo estás em Lião?
  - Porque fui degredado.
  - Quem te trouxe a esta estalagem?
  - O acaso.
  - Há quantos dias estás aqui?
  - Há dezassete dias.
  - Para que me espreitavas tu?
  - Eu não o espreitava.
  - Como soubeste que eu tinha recebido papéis?
  - Porque me disseram.
  - Quem te disse?
  - A pessoa que me mandou aqui ter com o senhor. — Quem foi que te mandou ter comigo?
  - Eis aí o que não posso dizer-Lhe.
  - E hás-de dizer-mo, contudo!
  - Olá! — bradou o frade. — Olhe que eu grito para que me acudam!
  - E eu mato-te.
- O monge deu um grito; uma gota de sangue tingiu a ponta da espada do advogado.
- Como se chama ele? — repetiu este.
  - Ah, por vida minha que não tenho remédio senão dizê-lo! — replicou o monge.

Resisti enquanto pude.

— Sim, deixa estar, a tua honra fica salva. O indivíduo que te mandou ter comigo?.

— Foi...

Gorenflot ainda hesitou; estava-Lhe custando a traíçoar o amigo.

— Acabas ou não! — disse o letrado batendo com o pé.

— Ora adeus, suceda o que suceder. Foi Chicot.

— O bobo de el-rei?

— Ele mesmo.

— E onde está ele?

— Aqui estou! — respondeu uma voz.

E Chicot assomou à porta, pálido, sério, e com a espada desembainhada na mão.

## XXXI

### COMO CHICOT, DEPOIS DE TER FEITO UM FURO COM UMA VERRUMA, TAMBÉM FEZ OUTRO COM A ESPADA

Nicolau David, quando viu diante de si o homem que ele sabia ser seu inimigo mortal, não pôde reprimir um movimento de terror.

Gorenflot aproveitou-se do movimento que o advogado fez para romper a linha recta que a espada deste estava descrevendo na direcção da garganta.

— A mim, querido amigo! — bradou ele. — Acode-me! Socorre-me! Livra-me deste homem que me quer matar!

— Ah, ah, meu caro Sr. David — disse Chicot -, o senhor por aqui?

— É verdade — balbuciou David -, sou eu, não há dúvida alguma.

— Muito estimo torná-lo a encontrar! — replicou o gascão.

E logo, voltando-se para o frade:

— Meu bom amigo Gorenflot — disse ele -, a tua presença como religioso era muito necessária aqui ainda agora, quando supúnhamos que este senhor estava para morrer; mas actualmente, visto que ele está de perfeita saúde, já não carece de confessor; e por consequência é com um cavaleiro que vai conferenciar.

David deu uma risadinha de desprezo.

— Sim, com um cavaleiro — disse Chicot -, e que há-de mostrar-lhe que é de boa raça. Meu querido Gorenflot — prosseguiu ele, dirigindo-se para o monge -, faz favor de ir postar-te de sentinela no patamar da escada, e não consintas que pessoa alguma venha interromper a minha conversa com este senhor.

Gorenflot estava morrendo por se ver longe de Nicolau David; descreveu portanto com a maior presteza o círculo que para esse fim tinha de percorrer, encostando-se quanto pôde à parede, e, logo que chegou à porta, pulou para fora, pesando-lhe o corpo menos cem arráteis do que quando tinha entrado.

Chicot fechou a porta depois de ele sair, e sempre com a mesma placidez correu o ferrolho. David tinha considerado a princípio todo este preâmbulo com certo sobressalto que resultara do imprevisto da situação; mas logo tornou a si, fiado na sua conhecida destreza no manejo da espada, e lembrando-se de que, afinal de contas, estava a sós com Chicot, de sorte que o gascão, quando se virou depois de ter fechado a porta, deu com ele encostado aos pés da cama, com a espada na mão e o parecer risonho.

— Vista-se, Senhor — disse Chicot -; tome o tempo que quiser para se compor; não quero abusar da minha posição. Sei muito bem que é

um valente esgrimista e que maneja a espada como mestre; mas isso para mim é perfeitamente indiferente.

David deu uma gargalhada.

— Não está má caçada — disse ele.

— É verdade — respondeu Chicot -; assim me parece a mim, visto ser eu o autor dela; e como é homem de bom gosto, não tarda que Lhe ache ainda mais graça.

Quer saber o que venho buscar a este aposento, mestre Nicolau?

— O resto das chicotadas que lhe fiquei devendo em nome do duque de Maiena, naquele dia em que saltou com tanta ligeireza por uma janela?

— Não senhor; essa conta hei-de saldá-la com a pessoa que mas mandou dar. O

que aqui venho buscar é uma célebre genealogia que o Sr. de Gondy levou a Avinhão, sem saber o que levava, e Lhe trouxe ainda há pouco, sem saber o que trazia.

David descorou.

— Que genealogia? — perguntou ele.

— A dos Srs. de Guisa, que são descendentes de Carlos Magno em linha recta, como sabe.

— Ah. ah! — disse David. — Visto isso também é espião?. Pensava que só era bobo.

— Meu caro Sr. David, se me permitir, serei ambas as coisas nesta ocasião; espião para o fazer enforcar, e bobo para me rir do senhor depois de enforcado.

— Fazer-me enforcar?

— Sem tirar nem pôr, meu rico Senhor. Estou persuadido que não espera ser degolado. essa prerrogativa só à nobreza pertence.

— E por que forma tenciona conseguir o seu fim?

— Oh, é muito simples: basta que conte a verdade do que sei, e



mais nada. Devo dizer-lhe, meu rico Sr. David, que estive presente a certo conciliábulo que teve lugar o mês passado no Convento de Santa Genoveva, e a que assistiram os Srs. de Guisa, e a Sr. a de Montpensier.

— O senhor?

— Sim; eu estava metido no confessionário fronteiro ao seu; são muito incómodos, não é verdade? Para mim, pelo menos, ainda mais incómoda se tornou a reclusão, porque tive de esperar, para sair, que se concluísse tudo, e a Função levou muito tempo. Ouvi pois os discursos do Sr. de Monsoreau, de mestre La Hurière, e de um certo frade de quem me não lembra o nome, mas que me pareceu muito eloquente. Vi a cerimónia da coroação do duque de Anju, que não foi muito divertida; mas a farsa que se lhe seguiu teve muito chiste: Foi a representação da genealogia dos Srs. de Lorena, revista, aumentada e corrigida por mestre Nicolau David. Era uma obra muito engenhosa, e que só carecia da aprovação de Sua Santidade.

— Ah, já sabe da tal genealogia? — disse David, reprimindo-se a muito custo e mordendo os beiços de raiva.

— Sim — replicou Chicot -, e achei-a muito bem deduzida, especialmente na parte em que trata da lei Sálica. E preciso confessar, contudo, que é uma grande desgraça ter tanto talento, porque é para ir parar a uma forca; e foi por fazer essa reflexão que eu, interessando-me de todo o coração por um homem tão hábil, disse: Pois quê? Hei-de consentir porventura que enforcuem o honrado Sr. David, um tão distinto jogador de espada, um letrado de tanto talento, um dos meus melhores amigos, enfim, e isto podendo eu, pelo contrário, não somente livrar-lhe o pescoço da corda, mas ainda em cima torná-lo independente para toda a sua vida, como merece esse honrado letrado, esse perfeito mestre de esgrima, esse excelente amigo, que me deu a conhecer a medida da minha valentia, que me tomou a medida das costas? Não, tal não farei por certo. E então, como ouvi que tencionava fazer uma jornada, deliberei-me a viajar com o senhor, isto é, atrás do senhor. Saiu de Paris pela Porta Berdelte, não é verdade?

Estava à sua espreita; não me viu, mas isso não me admira, porque estava muito bem escondido; desde esse momento sempre o segui, ora

perdendo-o de vista ora tornando-o a alcançar, e não me poupando a incômodo algum; finalmente chegámos a Lião; digo chegámos porque uma hora depois de ter entrado nesta estalagem, também eu aqui me achava hospedado, e vivendo, por consequência, não somente debaixo do mesmo tecto, mas até no quarto contíguo ao seu; neste aqui ao lado, que apenas é separado do seu por um simples tabique. Como bem pode julgar, não vim de Paris a Lião sem tirar os olhos do senhor, para o perder de vista aqui; não senhor: fiz um furozinho na parede, pelo qual tenho tido a satisfação de o examinar muito à minha vontade, e confesso-Lhe que nisso me divertia muitas vezes ao dia. Até que por fim adoeceu; o estalajadeiro queria pô-lo fora; o senhor tinha ajustado encontrar-se com o Sr. de Gondy na estalagem da Cruz; receava que ele não desse com o senhor, se se mudasse, ou que perdesse muito tempo em indagações. Era um meio para aqui se conservar, mas que a mim não me enganou, inteiramente; entretanto, como podia muito bem suceder que estivesse doente na realidade, e como todos nós somos mortais, verdade esta de que logo procurei convencê-lo, enviei-lhe um respeitável religioso, meu amigo e companheiro, com ordem de o induzir a arrepender-se dos seus erros e a emendar a sua conduta; mas o senhor, como pecador endurecido que é, quis atravessar-lhe a garganta com a espada, esquecendo assim a máxima do Evangelho, que diz: Quem com ferro mata, com ferro morre. ” Foi então, meu rico Sr. David, que aqui vim para lhe dizer: Ora vamos! Conhecemo-nos há muito tempo, somos amigos velhos: arranjemos este negócio pacificamente. Diga-me agora, que já Lhe contei tudo: quer entrar numa combinação comigo?

— E por que forma?

— Pela mesma forma que o negócio se teria concluído se estivesse realmente doente, que o meu amigo Gorenflot o tivesse confessado, e lhe houvesse entregado os papéis que ele lhe pedia. Então ter-Lhe-ia eu perdoado, e até era capaz de rezar de muito boa vontade in manus por sua tenção. Pois bem, não serei mais exigente para com o vivo do que teria sido para com o defunto; e eis o que tenho a dizer-lhe: Sr. David, o senhor é um homem cheio de talento; a esgrima, a arte equestre, a chicana, a maneira de encaixar bolsas muito recheadas

dentro de algibeiras muito largas, todas estas habilidades possui em elevado grau. Seria pena que um homem como o senhor desaparecesse de repente do mundo, onde está destinado a ter uma tão brilhante carreira. Pois bem, meu caro Sr. David, deixe-se de conspirações. Fie-se em mim. Quebre as suas relações com os Guisas. Entregue-me os seus papéis, e, por minha fé de cavaleiro, prometo fazer com que el-rei Lhe perdoe.

— E se, pelo contrário, eu não lhos entregar?. — perguntou Nicolau David.

— Ah, se não mos entregar, então muda o caso de figura. Por minha fé de cavaleiro, nesse caso hei-de matá-lo. Ainda Lhe parece muito chistosa a brincadeira, meu caro Sr. David?

— Cada vez mais — respondeu o advogado meneando a cabeça.

— Porém, se consentir em mos entregar — prosseguiu Chicot -, ficará tudo no esquecimento; não me acreditará talvez, meu caro Sr. David, porque tem um carácter perverso e julga que o meu ressentimento adere ao meu coração como a ferrugem ao ferro. Pois não é assim; odeio-o, é verdade, mas ainda tenho mais ódio ao Sr. de Maiena; dê-me os meios de deitar a perder o Sr. de Maiena, e ficará salvo. E demais, permita que acrescente mais algumas palavras em que decerto não acredita, por isso que só tem amor à sua própria pessoa; mas quer que Lhe diga, sou amigo de el-rei; porque el-rei será estulto, devasso e depravado, mas acolheu-me e protegeu-me contra o seu sanguinário amigo Maiena, que se diverte em assassinar de noite, à frente de quinze malfeitores, um fidalgo desarmado e só, no meio da Praça do Louvre; sabe muito bem a quem aludo; é ao pobre Saint-Mégrin; não foi o senhor também dos que tomaram parte nesse assassinato?. Não? Melhor; pensava que sim ainda há pouco, e agora ainda mais capacitado fico de que também concorreu para essa morte. Em resumo: quero que o meu pobre rei Henrique reine sossegadamente, e isso é impossível enquanto houver Maienas e genealogias de Nicolau David. Portanto, entregue-me a genealogia, e à fé de cavaleiro, prometo ocultar o seu nome e torná-lo rico para toda a vida.

Durante esta exposição das suas ideias, que de propósito fizera tão demorada, tinha Chicot observado David com toda a atenção.

Enquanto durou o exame, não viu afrouxar uma única vez as fibras de aço que dilatavam o olhar sinistro do advogado; nem um único pensamento bom brilhou nas suas feições sombrias, e a mão que apertava o punho da espada não afrouxou um único instante.

— Ora pois — disse Chicot -, vejo que tudo quanto lhe estou dizendo é eloquência deitada ao vento, e que não me dá crédito algum; restame por conseguinte um único meio para me vingar do mal que me fez, livrando ao mesmo tempo o mundo dum homem que já não crê em honra nem probidade. Vou tratar de o fazer enforçar.

Adeus, Sr. David.

E Chicot deu um passo recuando para a porta, mas sem perder o letrado de vista.

Este deu um salto para a frente.

— E julga que o deixarei sair? — exclamou o advogado. — Nada, meu guapo espião; nada, meu amigo Chicot; quem sabe segredos como esse da genealogia, morre!

Quem ameaça Nicolau David, morre! Quem entra aqui como tu entraste, morre!

— As suas palavras põem-me perfeitamente à vontade — respondeu Chicot sempre com a mesma serenidade a minha hesitação só provinha da certeza que tenho de que o hei-de matar. Crillon, jogando a espada comigo, haverá coisa de dois meses, ensinou-me uma estocada particular, uma única; mas dou-lhe a minha palavra de honra que é quanto há-de bastar. Vamos pois, entregue-me os papéis — prosseguiu ele com voz terrível -, quando não, mato-o! E desde já lhe digo como hei-de traspassar-lhe a garganta com a espada; há-de ser no mesmo sítio em que queria sangrar o meu amigo Gorenflot.

Ainda bem Chicot não tinha acabado estas palavras, já David tinha corrido para ele dando uma risada de fera. Chicot esperou-o em posição de defesa.

Os dois adversários eram da mesma estatura pouco mais ou menos; porém o fato de Chicot encobria-lhe a magreza, enquanto que o letrado não tinha roupas que lhe disfarçassem o comprimento e flexibilidade do descarnado corpo. Parecia uma comprida serpente, e a espada, que agitava com incrível velocidade, figurava a língua do réptil; mas Chicot bem o tinha avisado que havia de encontrar nele um rijo adversário; Chicot, com a continuação de jogar a espada quase todos os dias com o rei, tinha-se tornado um dos mais hábeis esgrimidores do reino; e não tardou que Nicolau David se convencesse de que assim era, pois que, de qualquer forma que procurava atacá-lo, sempre encontrava o ferro do seu antagonista.

Deu um passo em retirada.

— Ah, ah! — declarou Chicot. — Já vai percebendo como a coisa regula, não é verdade? Pois bem! Ainda lhe torno a dizer: dê-me os papéis.

A única resposta de David foi atirar-se outra vez ao gascão, e assim travaram nova luta, mais demorada e mais encarniçada de que a primeira, se bem que Chicot apenas se concentrava com aparar os golpes, e ainda não tinha atacado.

O segundo ataque terminou como o primeiro, com um passo de retirada que deu o advogado.

— Ah, ah! — tornou a exclamar Chicot. — Agora eu!

E deu um passo para a frente.

Enquanto avançava, Nicolau David descarregou-lhe o ferro para o deter. Chicot aparou o bote e, enlaçando-lhe a espada, correu-lhe uma estocada ao sítio que de antemão havia indicado; e enterrou-lhe metade do ferro na goela. — esta a tal estocada — disse Chicot.

David não respondeu; caiu logo aos pés de Chicot, deitando uma golfada de sangue.

Chegou a vez de Chicot dar também um passo em retirada. A serpente, apesar de estar mortalmente ferida, ainda podia erguer-se e morder.

Porém David, por um movimento natural, procurou arrastar-se para junto da cama como para defender até à última o seu segredo.

— Ah — disse Chicot -, eu pensava que eras matreiro, e vejo que és estúpido.

Não sabia o sítio onde tinhas escondido os papéis, e acabas de me ensinar.

E enquanto David se torcia com as convulsões da morte, Chicot foi direito à cama, levantou o travesseiro, e achou debaixo da cabeceira um rolo pequeno de pergaminho, que David, ignorando a catástrofe de que estava ameaçado, não tinha procurado esconder melhor.

No momento em que ele o desenrolava para se certificar se era com efeito o papel que procurava, ergueu-se David com um gesto de raiva, e logo, tornando a cair, deu o último arranco.

Chicot, radiante de alegria e de orgulho, correu os olhos pelo pergaminho que Pedro de Gondy tinha trazido de Avinhão.

O legado do papa, fiel ao sistema de política adoptada pelo Sumo Pontífice desde a sua elevação ao trono, tinha escrito por baixo: *Fiat ut voluit Deus: Deusjura hománumfecit.*

Eis aqui um papa, disse Chicot, que não trata muito bem o Rei Cristianíssimo.

E dobrou com toda a cautela o pergaminho, introduzindo-o em seguida no bolso mais seguro do gibão, que era o que lhe ficava junto ao peito.

Feito isto, pegou no corpo do advogado, que tinha morrido quase sem derramar sangue, por isso que a natureza da ferida tinha concentrado a hemorragia no interior, colocou-o sobre a cama com o rosto voltado para a parede, e, abrindo a porta, chamou Gorenflot.

Gorenflot entrou.

— Como está enfiado! — disse o frade.

— É verdade — disse Chicot -, os últimos momentos deste pobre homem causaram-me alguma perturbação.

— Então sempre morreu? — perguntou Gorenflot.

— Penso que sim — replicou Chicot.

— Estava de tão boa saúde ainda há pouco!

— Estava, é verdade; muito bom. Mas teimou em comer coisas que custam muito a digerir, e morreu engasgado como Anacreonte.

— Oh, oh! — disse Gorenflot. — O malvado quis afogar-me; matar um eclesiástico!

Foi isso provavelmente que Lhe acarretou esta desgraça.

— Perdoa-lhe, compadre; lembra-te que és cristão.

— Perdoo, sim — respondeu Frei Gorenflot -, se bem que muito me assustou.

— E ainda é preciso que faças mais outra coisa — disse Chicot -; será bom que acendas as velas, e que fiques a rezar ao pé deste cadáver.

— Para quê?

Era este o estribilho de Gorenflot para tudo.

— Como? Ainda perguntas para quê? Para não seres preso e metido na cadeia da cidade como assassino.

— Eu? Por assassinar este homem? Essa não está má; foi ele quem quis afogar-me.

— Não há dúvida nenhuma. Mas como não pôde consegui-lo, a raiva reconcentrada apressou-Lhe a circulação do sangue; rebentou-lhe alguma veia no peito, e.

boas noites. Bem vêes que, afinal, és tu, Gorenflot, a única causa da morte do homem. És uma causa muito inocente, é verdade, mas não importa! Enquanto não conseguisses comprovar a tua inocência, havias de passár mal.

— Parece-me que tem razão, Sr. Chicot — replicou o monge.

— Tenho, sim; e sempre quero prevenir-te de que as autoridades eclesiásticas aqui de Lião não são para graças.

— Jesus me valha! — murmurou o frade.

— Faz pois o que te disse, compadre.

— Torne a dizer-me, o que hei-de fazer?

— Fica neste quarto, recita com a maior devoção quantas rezas sabes, e mesmo as que não sabes, e logo que anoitecer e que ninguém te veja, sai da estalagem, sem ires nem muito devagar nem a correr; estás lembrado onde fica o tronco do mestre ferrador que está à esquina da rua?

— Sei muito bem; foi de encontro a ele que dei esta pancada ontem à noite — disse Gorenflot mostrando o olho pisado.

— Que feliz memória! Pois bem: hei-de dar as providências para que lá encontres o teu cavalo, percebeste? Montarás a cavalo sem dar cavaco a pessoa alguma; e depois, se te parecer, tomas a estrada de Paris; quando chegares a Villeneuve-le-Roi vende o cavalo, e vai buscar o Panurgo à estalagem onde ficou.

— Ah, o pobre Panurgo, diz bem, muito hei-de estimar torná-lo a ver; sou amigo dele. Mas, daqui até lá — acrescentou o monge com cara de lástima -, como hei-de viver?

— Eu quando prometo a minha protecção a alguém, não costumo faltar — disse Chicot — , e não consinto que os meus amigos peçam esmola, como fazem os frades de Santa Genoveva; aqui tens.

E Chicot, dizendo isto, tirou da algibeira uma mão-cheia de escudos, que passaram para a enorme mão do frade.

— Homem generoso — exclamou Gorenflot chorando de ternura -, consinta que eu fique consigo em Lião. Gosto muito de Lião; é a segunda capital do reino e uma cidade muito hospitaleira.

— Mas sabe uma coisa, meu basbaque! É que eu não fico; vou partir já, e com tanta rapidez, que não te convido a acompanhar-me.

— Seja feita a sua vontade, Sr. Chicot! — disse Gorenflot com resignação.

— Ora ainda bem — disse Chicot -, assim é que eu gosto de te ver,



compadre.

Em seguida mandou ajoelhar o frade junto do leito; depois foi ter com o estalajadeiro, e puxando-o para um canto: — Mestre Bernouillet — disse ele -, acaba de ter lugar em sua casa um grande acontecimento, de que não deu fé.

— Deveras? — respondeu o estalajadeiro muito espantado. — Que foi?

— Aquele endiabrado realista, o desprezador da Religião, e abominável fazedor de huguenotes.

— E então?

— Foi visitado esta manhã por um emissário vindo de Roma.

— Forte novidade! Fui eu quem lho disse!.

— Pois bem! O Santo Padre, de quem dimana toda a justiça temporal neste mundo, assim como a justiça espiritual no outro, o Santo Padre, digo, foi quem enviou esse emissário directamente ao conspirador; porém, é muito de crer que este não sabia qual era o motivo por que o outro o procurava.

— E então, qual era o motivo?

— Suba ao quarto do seu hóspede, mestre Bernouillet, levante a roupa da cama, examine-lhe o pescoço, e então verá.

— Olá, assusta-me, na verdade!

— Não lhe digo mais nada. Foi uma honra muito grande que lhe fez o papa, mestre Bernouillet, escolhendo a sua casa para nela se executar um tal acto de justiça.

Ditas estas palavras, Chicot meteu dez escudos de ouro na mão do estalajadeiro, e foi à cavaliça, de onde tirou os dois cavalos.

O estalajadeiro, entretanto, tinha subido a escada com a ligeireza dum pássaro, e entrou no quarto de Nicolau David.

Deu com Gorenflot ajoelhado a rezar.

Aproximou-se então da cama, e, conforme as instruções que

Chicot lhe dera, ergueu a roupa.

Viu a ferida, ainda vermelha, no sítio indicado, mas o corpo já estava frio.

— Assim morram todos os inimigos da nossa santa religião! — exclamou ele, fazendo a Gorenflot um sinal de inteligência.

— Amén! — respondeu o frade.

Estes acontecimentos tinham lugar pouco mais ou menos na mesma ocasião em que Bussy entregava Diana de Méridor nos braços do velho barão, que a julgava falecida.

## XXXII

### COMO FOI QUE O DUQUE DE ANJOU VEIO A SABER QUE DIANA DE MÉRIDOR NÃO TINHA MORRIDO

Tinha-se aproximado, entretanto, o fim do mês de Abril.

A grande Cathedral de Chartres estava armada de branco, e, em volta dos pilares, numerosos Feixes de ramos verdes, coisa ainda rara naquela época do ano, supriam a falta das flores.

O rei, com os pés descalços, conforme viera desde as portas de Chartres, estava de pé no centro da nave, olhando de vez em quando de roda de si para se certificar se todos os seus amigos tinham concorrido pontualmente à reunião.

Porém muitos destes, com as solas dos pés esfoladas pelas pedras, haviam tornado a calçar os sapatos; outros, cansados e esfaimados, tinham ficado a descansar ou a comer nalguma estalagem contígua à estrada, para onde se haviam recolhido sorratamente, e apenas um pequeno número tivera coragem para acompanhar o rei até à igreja e

ajoelhar sobre as frias lajes, descalços como vinham de pé e perna, e simplesmente vestidos com compridos hábitos de penitentes.

Começou finalmente a cerimônia religiosa, que tinha por objecto conseguir um herdeiro à coroa de França; as duas camisas de Nossa Senhora, de cuja virtude prulíFra se não podia duvidar, atentos os muitos milagres que se Lhes atribuíam, foram tiradas dos seus relicários de ouro, e o povo, que em massa viera assistir àquela solenidade, inclinou-se deslumbrado pelo esplendor do tabernáculo, quando o abriram para dele tirar as duas túnicas.

Naquele momento e no meio do silêncio geral, ouviu Henrique III um rumor estranho, uma bulha que se assemelhava a uma gargalhada reprimida, e por costume procurou com os olhos a ver se Chicot ali estaria, pois se persuadia que Chicot era a única pessoa capaz de ter o atrevimento de se rir numa ocasião daquelas.

Contudo não era Chicot quem se tinha rido à vista das duas túnicas sagradas; porque Chicot achava-se ausente, o que muito pesar causava ao rei, o qual, como os nossos leitores estarão lembrados, o tinha perdido de vista subitamente na estrada de Fontainebleau, sem que dele tornasse a haver notícia.

Era um cavaleiro que à porta da igreja acabava de se apeiar dum cavalo escorrendo em suor, e que, apesar dos salpicos de lama de que trazia manchado o fato e as botas, tinha aberto caminho por entre os fidalgos embrulhados em trajes de penitentes, ou cobertos de sacos, e todos eles descalços.

O recém-chegado, vendo que o rei se voltava, conservou-se denodadamente de pé no coro, com aparência de respeito; porque era homem da corte, e bem o mostrava pela atitude ainda mais que pela elegância do seu vestuário.

Henrique, zangado por ver a bulha que fazia o cavaleiro que acabava de entrar e a insolência com que se apresentava sem os atavios munacais que naquele dia eram de etiqueta, olhou para ele com enfado e despeito.

O recém-chegado fingiu que não percebia, e atravessando umas

poucas de lájeas em que estavam esculpidas efígies de bispos, fazendo ranger as botas com o andar, foi ajoelhar junto da cadeira de veludo do Senhor Duque de Anju, o qual, absorto em seus pensamentos mais do que em suas orações, não dava atenção ao que se passava em redor de si.

Entretanto, quando sentiu o contacto desta nova personagem, voltou-se arrebatadamente, e exclamou a meia voz: — Bussy!

— Muito bons dias, meu Senhor — respondeu o Fidalgo como se se tivesse despedido do duque na véspera, e que desde então nenhum acontecimento notável tivesse ocorrido.

— Segundo penso — disse o príncipe -, estás doido varrido.

— Porque diz isso, meu Senhor?

— Porque saíste do esconderijo onde tens estado metido unicamente para vires a Chartres ver as camisas de Nossa Senhora.

— Vim aqui, meu Senhor — replicou Bussy -, porque preciso falar a Vossa Alteza sem demora.

— Porque não vieste há mais tempo?

— Provavelmente porque me foi impossível.

— Mas conta-me: o que tens feito durante estas três semanas em que desapareceste?

— É sobre isso mesmo que preciso falar imediatamente com vossa Alteza.

— Bem, espera que saíamos da igreja.

— Que remédio tenho senão esperar, e é o que mais me custa.

— Cala-te! Está a acabar a cerimónia; tem paciência, voltaremos juntos para os aposentos que me foram destinados.

— Essa tenção cenho eu, meu Senhor.

E com efeito, o rei acabava de vestir, por cima da camisa de linho Finíssimo, a camisa bastante grossa de Nossa Senhora, e a rainha, ajudada pelas suas damas, estava tratando de fazer o mesmo.

Em seguida o rei ajoelhou e a rainha imitou-o; cada um deles se conservou um instante debaixo dum grande pálio, orando com fervor, enquanto os circunstantes, para agradarem ao rei, batiam com as cabeças no chão.

Concluída que foi a cerimónia, o rei ergueu-se, despiu a túnica santa, cumprimentou o arcebispo e depois a rainha, e encaminhou-se para a porta da catedral.

Mas em meio do trânsito, parou: tinha avistado outra vez Bussy.

— Ah, Sr. de Bussy — disse ele -, pelo que vejo não lhe agradam as nossas devoções, porque não pode resolver-se a abandonar o ouro e a seda, quando o seu rei se veste de burel e estamenha.

— Senhor — respondeu Bussy com dignidade mas empalidecendo, de impaciência ao ouvir a repreensão do rei -, nenhum dos seus súbditos por muito grosseiro que seja o seu hábito, ou por muito feridos que tenha os pés, tem mais a peito do que eu o serviço de Vossa Majestade; porém, apenas esta manhã, quando chegava dum jornada muito trabalhosa, foi que soube da vinda de Vossa Majestade a Chartres. Andei, pois, vinte e duas léguas em cinco horas para vir ter com Vossa Majestade; eis o motivo por que não tive tempo para mudar de traje, e Vossa Majestade não notaria por certo esta minha falta, se eu tivesse ficado em Paris, em vez de vir aqui com toda a humildade juntar as minhas orações às suas.

O rei pareceu contentar-se com esta desculpa; mas como olhara para os seus amigos e alguns deles tinham encolhido os ombros ao ouvirem as palavras de Bussy, receou ofendê-los mostrando bom modo ao gentil-homem de seu irmão, e passou adiante.

Bussy deixou passar o rei sem pestanejar.

— Então que é isso? — perguntou o duque. — Estás cego?.

— Porquê?

— Não viste que Schomberg, Quélus e Maugiron encolheram os ombros quando deste a tua desculpa a el-rei?

— Não tem dúvida, meu Senhor: vi perfeitamente — respondeu

Bussy com a maior placidez.

— E então?

— Pois julga-me capaz de matar o meu próximo, ou coisa que o valha, dentro duma igreja?. Prezo-me de ser bom cristão.

— Ah, muito bem — disse o duque de Anju admirado -; pensava que não tinhas visto, ou que não tinhas querido ver.

Bussy também encolheu os ombros, e à saída da igreja, puxando o príncipe de parte:

— Em sua casa, não é verdade, meu Senhor? — disse ele.

— Quanto antes, porque deves ter muito que me dizer.

— Tenho, efectivamente, meu Senhor, e coisas que por certo não espera ouvir.

O duque olhou para Bussy com espanto.

— É isto que lhe digo — replicou Bussy.

— Pois bem! Deixa-me ir despedir de el-rei, e já venho ter contigo.

O duque foi despedir-se do irmão, o qual, achando-se provavelmente disposto a ser indulgente por graça especial de Nossa Senhora, autorizou o duque de Anju a regressar a Paris quando bem Lhe parecesse.

Depois, voltando apressadamente para junto de Bussy, conduziu-o aos seus aposentos. — Ora vamos, meu fiel companheiro — disse ele -, senta-te aí, e conta-me as tuas aventuras; sabes que julguei que tinhas morrido?

— Não duvido, meu Senhor.

— Sabes que toda a corte se vestiu de branco em sinal de regozijo por teres desaparecido, e que muitos peitos respiraram desafogadamente pela primeira vez desde que tu sabes manejar uma espada? Mas não é disso que se trata agora; vamos lá: deixaste-me para ires perseguir uma formosa incógnita. Quem era a mulher, e que devo eu esperar?

— Há-de recolher o que semeou, meu Senhor, isto é, muita vergonha!

— Que dizes tu! — disse o duque, mais admirado ainda por ouvir estas palavras tão extraordinárias, do que por ver o modo pouco respeitoso de Bussy.

— Vossa Alteza ouviu — respondeu Bussy friamente -, é escusado que eu repita o que disse.

— Explica-te, e deixa os enigmas e anagramas para Chicot.

— Oh, é coisa fácilima, meu Senhor, e limitar-me-ei a invocar as suas recordações.

— Mas quem é a tal mulher?

— Eu julgava que Vossa Alteza a tinha conhecido.

— Então sempre era ela? — exclamou o duque.

— Sim, meu Senhor.

— Viste-la?

— Vi.

— Falou-te?

— Falou, meu Senhor; só os espectros é que não falam. Mas Vossa Alteza estava talvez no seu direito julgando que ela tinha morrido, e na esperança de que assim fosse.

O duque descorou, e ficou como aterrado pelo desabrimento das palavras do seu gentil-homem. — Pois é verdade, meu Senhor — prosseguiu Bussy -; Vossa Alteza procurou martirizar uma donzela de raça ilustre, mas a vítima escapou ao martírio; contudo, não respira ainda, e não se julgue Vossa Alteza absolvido, porque, se ela conservou a vida, sucedeu-Lhe uma desgraça pior do que a morte.

— Que foi, pois, que lhe sucedeu? — perguntou o duque a tremer.

— Sucedeu, meu Senhor, que houve um homem que lhe salvou a honra e a vida, mas que exigiu tal preço pelo seu serviço, que melhor fora que não o houvesse prestado.

— Acaba, anda!

— Pois bem, meu Senhor: a Menina de Méridor, para fugir do poder do Senhor Duque de Anju, de quem não queria ser amásia, a Menina de Méridor, repito, lançou-se nos braços dum homem que abomina.

— Que me dizes?

— Digo-lhe que Diana de Méridor se chama actualmente a Senhora Condessa de Monsoreau.

A estas palavras, a palidez usual de Francisco desapareceu, e o sangue afluiu-lhe com tanta violência ao rosto, que parecia próximo a sair-Lhe pelos olhos.

— Pelo sangue de Cristo! — bradou o príncipe enfurecido; — isso será certo?.

— Que tal está. se sou eu quem lho digo!. — replicou Bussy com a costumada altivez.

— Não era isso que eu queria dizer — acudiu o príncipe -, não desconfio da tua lealdade, Bussy, admirava-me unicamente que um dos meus gentis-homens, um Monsoreau, tivesse a audácia de proteger contra o meu amor uma mulher a quem eu fazia a honra de requestar.

— E porque não? — disse Bussy.

— Visto isso, também tu terias feito o mesmo!...

— Teria feito melhor, meu Senhor: teria lembrado a Vossa Alteza que ia cometer uma

acção que Lhe estava muito mal.

— Espera, Bussy — disse o duque tornando a si -, faz favor de me ouvir: fica entendendo meu caro, que não estou procurando justificar-me...

— Pois faz mal, meu príncipe, porque Vossa Alteza não é mais do que um simples cavaleiro, sempre que se trate de pontos de honra.



— Muito bem! E é por isso mesmo que te peço que sejas juiz do que fez o Sr. de Monsoreau.

— Eu?

— Sim, tu; e que me digas se ele não se portou como um traidor para comigo.

— Para com Vossa Alteza?

— Sim, para comigo, de quem ele sabia todas as intenções.

— E as intenções de Vossa Alteza eram...

— Fazer com que Diana me tivesse amor, não há dúvida...

— Fazer com que ela lhe tivesse amor?

— Sim, mas nunca, em caso algum, usar de violência...

— Era o seu projecto, meu Senhor? — disse Bussy sorrindo-se ironicamente.

— Sem dúvida; e nesta ideia persisti até ao último instante, se bem que o Sr. de Monsoreau a combateu com toda a força da sua eloquente lógica.

— Meu Senhor! Meu Senhor! O que está Vossa Alteza dizendo? Pois esse homem induziu-o a desonrar por meio da violência Diana de Méridor? — verdade.

— Pelos seus conselhos?...

— Pelas suas cartas. Queres tu ver uma carta dele?

— Oh! — exclamou Bussy. — Se eu pudesse crer em semelhante coisa!

— Espera aí um segundo, e verás.

O duque correu a uma caixinha que sempre o acompanhava, entregue à guarda dum pajem, e tirou dela um bilhete, que entregou a Bussy.

— Lê — disse ele -, já que duvidas da palavra do teu príncipe. Bussy pegou no bilhete com a mão a tremer-lhe, e leu: Meu Senhor:

Fique Vossa Alteza descansado: a empresa há-de conseguir-se sem risco algum porque a menina parte esta noite para ir passar oito dias em casa duma amiga que habita no Castelo de Lude; tomo pois o negócio por minha conta, e escusado será incomodar-se. Quanto aos escrúpulos da donzela, acredite que se hão-de desvanecer logo que ela se veja na presena de Vossa Alteza; entretanto vou pôr o plano em execução. e, esta noite. há-de ela ficar no Castelo de Beaugé.

Sou de Vossa Alteza muito respeitoso servo Bryan de Monsoreau.

— Então?. Que me dizes a isso, Bussy? — perguntou o príncipe depois de o fidalgo ler a carta segunda vez.

— Digo que tem quem o sirva com muita fidelidade, meu Senhor.

— Deves dizer, pelo contrário, que tenho quem me atraíçoe.

— Ah, é verdade! Esquecia-me o desfecho.

— Zombou de mim, o miserável! Fez-me capacitar da morte duma mulher.

— Que ele mesmo lhe roubava; é na realidade uma acção muito feia. Porém — acrescentou Bussy com pungente ironia -, deve-se desculpar o Sr. de Monsoreau, atendendo ao amor que o dominava.

— Ah! parece-te isso?. — disse o duque com o seu pior sorriso.

— Eu sei lá. — replicou Bussy -, é coisa em que não quero emitir parecer; seguirei neste caso a opinião de Vossa Alteza.

— Que farias tu no meu lugar? Mas, primeiro. espera lá: que foi que ele fez?

— Fez persuadir o pai da donzela de que Vossa Alteza tinha sido o roubador.

Ofereceu-se para a proteger; apresentou-se no Castelo de Beaugé com uma carta do barão de Méridor; finalmente, aproximou-se num bote das janelas do castelo, e de lá tirou a cativa; e depois de a ter encerrado naquela casa que sabe, compeliu-a, a poder de repetidos sustos, a ser sua esposa.

— E não é semelhante proceder uma deslealdade infame? —

exclamou o duque.

— A que Vossa Alteza deu azo, meu Senhor — respondeu o Fidalgo com o usual atrevimento.

— Ah! Bussy. Tu verás se sei vingar-me!.

— Vingar-se? Deixe-se disso, meu Senhor, não há-de fazer tal!

— Como assim?

— Os príncipes não se vingam, meu Senhor, castigam. Lançará pois em rosto a esse Monsoreau a infâmia da sua conduta e castigá-lo-á.

— De que maneira?

— Restituindo a felicidade à Menina de Méridor.

— E posso eu fazê-lo?

— Pode, decerto.

— Como?

— Restituindo-Lhe a liberdade.

— Vamos, explica-te.

— É muito fácil; ela foi compelida a casar: está nulo, por consequência, o casamento.

— Tens razão.

— Faça pois com que seja anulado o casamento, meu Senhor, e assim procederá como cavaleiro honrado e grande príncipe.

— Ah. ah! — disse o príncipe sempre desconfiado. — Que calor que tu tomas pelo negócio!. interessas-te muito por essa menina, Bussy?

— Eu, não, por forma alguma! O único interesse que nisto tenho, meu Senhor, é que não se diga que Luís de Clermont, conde de Bussy, está ao serviço dum príncipe sem honra.

— Pois bem, tu verás. Mas, como se há-de desmanchar o casamento?

— Muito Facilmente: fazendo com que o pai requeira a anulação.

— O barão de Méridor?

— Sim, meu Senhor.

— Mas ele está lá para o fundo do Anju.

— Está aqui, meu Senhor; quero dizer, está em Paris.

— Em tua casa?

— Não, em casa da filha. Fale-Lhe, meu Senhor; diga-Lhe que pode contar com o seu apoio; faça que ele, em lugar de ver em Vossa Alteza, como até aqui, o inimigo, o fique considerando como seu protector, e que em vez de amaldiçoar o seu nome, passe a adorá-lo como o seu anjo bom.

— O barão é um fidalgo poderoso na sua terra — disse o duque -, e já me asseveraram que tem grande influência em toda a província.

— É verdade, meu Senhor; porém o que Vossa Alteza deve ter presente primeiro que tudo, é que ele é pai, que sua filha é infeliz, e que a infelicidade da filha o torna a ele desgraçado.

— E quando poderei eu vê-lo?

— Logo que regressar a Paris.

— Está bem.

— Visto isso, está tudo combinado, não é verdade, meu Senhor?

— Está.

— À fé de cavaleiro?

— À fé de príncipe.

— E quando parte Vossa Alteza?

— Esta tarde; e tu, vens comigo?

— Não, vou adiante.

— Pois vai, e espera lá por mim.

— Aos pés de Vossa Alteza. Onde encontrarei eu Vossa Alteza?

— Amanhã ao meio-dia na câmara de el-rei.

— Lá estarei, meu Senhor; muito bons dias.

Bussy não perdeu um instante, e aquela mesma distância que o duque percorreu a dormir na sua liteira e que lhe levou quinze horas a andar, dobrou-a o mancebo no espaço de cinco horas, a fim de poder quanto antes consolar o barão, a quem prometera o auxílio do príncipe, e sossegar Diana, a quem ia dar nova vida.

## XXXIII

### EM QUE SE NARRA O REGRESSO DE CHICOT AO LOUVRE E COMO FOI RECEBIDO PELO REI HENRI III

Estava tudo a dormir no Louvre, porque eram apenas onze horas da manhã; as sentinelas do pátio passeavam muito tranquilas, e os soldados de cavalaria, que saíam para renderem os que estavam de guarda, iam a passo.

El-rei estava descansando das fadigas da romaria.

Dois homens se apresentaram ao mesmo tempo à porta principal do Louvre: um deles vinha montado num lindo cavalo árabe; o outro num cavalo andaluz branco de espuma.

Pararam em frente da porta e olharam um para o outro; porque como tinham vindo por dois caminhos opostos, somente ali se encontraram.

— Sr. de Chicot — exclamou o mais moço dos dois cumprimentando o outro com urbanidade — como tem passado?

— Olé, o Sr. de Bussy! Vou passando sem novidade, muito obrigado — respondeu Chicot com igual polidez.

— Vem. para cumprimentar el-rei, Sr. de Chicot? — perguntou Bussy.

— E o senhor também, segundo presumo.

— Não. Eu venho aqui para cumprimentar o Senhor Duque de Anju. Sabe muito bem, Sr. de Chicot — prosseguiu Bussy -, que não tenho a honra de ser valido de Sua Majestade.

— Quem perde nisso é el-rei, e não por certo o senhor!

Bussy cumprimentou novamente.

— E vem de muito longe? — perguntou Bussy — Disseram-me que tinha ido viajar...

— Sim senhor, andei caçando — replicou Chicot. — Mas o senhor, segundo creio, também andou viajando.

— Com efeito, fiz uma jornada à província. Ora pois — continuou Bussy -, quer ter a bondade de me prestar um serviço?

— Com todo o gosto! Sempre que o Sr. de Bussy quiser dispor de mim, seja para o que for — disse Chicot -, dar-me-á muita honra.

— Eu lhe digo o que pretendo: o senhor, que tem privilégio, vai entrar nos quartos do Louvre, enquanto que eu, que o não tenho, hei-de ficar esperando na antecâmara; peço-lhe, pois, que mande dizer ao Senhor Duque de Anju que estou aqui para receber as suas ordens.

— O Senhor Duque de Anju, visto estar no Louvre — disse Chicot -, há-de provavelmente vir cumprimentar el-rei ao levantar da cama; porque não entra comigo para o aposento de Sua Majestade?

— Receio muito os maus modos de el-rei.

— Qual!.

— É que, até hoje, não me acostumou a vê-lo sorrir para mim.

— Fique descansado que não há-de tardar muito que tudo isso mude.

— Ah, ah, é pois nigromante, Sr. de Chicot?

— Às vezes, Mas vamos, tenha coragem; venha comigo, Sr. de

Bussy. Entraram aFinal, e dirigiram-se, Bussy para os aposentos do Senhor Duque de Anju, que habitava, como nos parece que já dissemos, nos quartos que outrora havia ocupado a rainha Margarida, e Chicot para a câmara do rei.

Henrique III havia acordado naquele instante, e apenas dera sinal tangendo uma grande chapa de bronze, logo um enxame de criados e amigos invadira o aposento real; já tinham apresentado ao rei o caldo de galinha, o vinho fervido com especiarias, e os pastelinhos de carne, quando Chicot entrou alegremente na câmara do seu augusto amo, e começou, antes de lhe dar os bons-dias, por comer no prato que ele tinha diante de si e beber na taça de ouro.

— Com os demónios! — exclamou o rei, contentíssimo, mas fingindo-se enfadado — é, se não me engano, o maroto do Chicot! Um desertor, um vagabundo, um patife!

— Então que é isso? Que tens tu, meu filho? — disse Chicot sentando-se sem cerimónia com as botas enlameadas na imensa poltrona bordada de flores-de-lis de ouro em que estava recostado o próprio rei; — já estamos esquecidos daquela retiradazinha da Polónia, em que desempenhámos o papel de veado, enquanto que os magnates faziam de cães?.

— Está bom, voltou o autor das minhas apoquentações — disse Henrique -; preciso ir-me preparando para ouvir continuamente coisas desagradáveis. Estava tão descansado havia já três semanas!.

— Ora adeus — replicou Chicot -, estás sempre a queixar-te; o diabo me leve se não pareces um dos teus próprios súbditos! Vejamos: o que fizeste tu durante a minha ausência meu Henriquinho? Desgovernou-se sofrivelmente este famoso reino de França?

— Sr. Chicot!.

— Os nossos povos já andam de língua de fora, bem?

— Maroto!

— Já foi enforcado algum dos meninos de cabelo encrespado? Ah!. perdão, Sr.

de Quélus, que o não tinha visto.

— Chicot, olha que fico de mal contigo!

— Finalmente, há ainda algum dinheiro nas nossas burras ou nas dos judeus?

Seria muito para desejar que o houvesse, porque precisamos de distrações; a vida sem divertimentos é coisa sobremaneira enfadonha!

E, dizendo isto, acabou de limpar o prato dourado, engolindo os últimos pastéis. O rei desatou a rir; era sempre o desfecho das suas questões com Chicot.

— Conta-me agora — disse ele — que fizeste tu durante tão longa ausência?

— Ocupei-me — respondeu Chicot — em traçar o plano duma procissão em três actos.

Primeiro acto. — Um grupo de penitentes, levando por único vestuário camisa e calções, sobe do Louvre a Montmartre, arrancando os cabelos e socando-se reciprocamente pelo caminho.

Segundo acto. — Os mesmos penitentes, despidos até à cintura e açoitando-se com rosários de espinhos, descem de Montmartre à Abadia de Santa Genoveva.

Terceiro acto. — Finalmente, os mesmos penitentes, nus em pêlo e rasgando-se mutuamente as carnes a poder de chicotadas sobre as omoplatas, voltam da Abadia de Santa Genoveva para o Louvre.

Confesso que também me lembrei de introduzir na minha composição uma peripécia inesperada, que era Fazê-los passar pela Praça de Grève, para que o carrasco os queimasse a todos desde o primeiro até ao último; mas ocorreu-me depois que é muito provável que Deus Nosso Senhor ainda tenha lá no Céu alguma porçãozita do enxofre de Sodoma e do betume de Gomorra, e não quero privá-Lo do gosto de os assar por Suas mãos. Ora pois, Senhores, enquanto não chega o grande dia, tratemos de nos divertir.

— Mas diz-me, primeiro que tudo, onde estiveste metido? —



perguntou o rei.

— Sabes que te mandei procurar por todos os alcouces de Paris?

— E também mandaste dar busca ao Louvre?

— Foi algum frascário teu amigo que te desinquietou.

— Já não há frascários disponíveis, Henrique: estão todos empregados no teu serviço.

— Visto isso, enganei-me?

— É verdade, enganaste-te completamente, como sempre.

— Querem ver que estiveste fazendo penitência.

— Exactamente. Fiz-me religioso para provar da vida que se leva nas clausuras, e, por minha fé, que me desgostei! Fiquei farto de frades. Fora com tão imundos animais!

Nesta ocasião entrou o Sr. de Monsoreau no quarto do rei, a quem cumprimentou com o maior respeito e atenção.

— Ah, é o Senhor Monteiro-Mor — disse Henrique. — Quando nos proporcionará ocasião de fazermos uma boa montaria, diga?

— Logo que aprover a Vossa Majestade. Recebi aviso de que apareceram muitos javalis nas matas de Saint-Germain-en-Laye.

— O javali é um animal muito perigoso — disse Chicot. — Sempre me há-de lembrar que el-rei Carlos IX escapou por pouco de ser morto numa montaria aos javalis; e demais, os contos das lanças são ásperos e podem fazer-nos empolas nas mãozinhas. Não é verdade, meu filho?

O Sr. de Monsoreau olhou de revés para Chicot.

— Olha — disse o gascão para Henrique -, ainda não há muito tempo que o teu monteiro-mor viu um lobo.

— Porque dizes isso?

— Porque, à semelhança das nuvens do poeta Aristófanes, conservou a impressão das feições, e sobretudo do olhar da fera; está muito parecido.

O Sr. de Monsoreau voltou-se, e disse muito enfiado para Chicot:

— Sr. Chicot, eu tenho vivido pouco na corte, por isso não estou acostumado às chocarrices dos bobos, e previno-o de que não gosto que me achincalhem diante do meu rei, e especialmente quando se trata do seu serviço.

— Pois, Senhor — replicou Chicot -, é inteiramente às avessas de nós, gente da corte; porque a última chocarrice que aqui houve deu-me muita vontade de rir.

— Qual foi? — perguntou Monsoreau.

— Foi a sua nomeação para monteiro-mor; bem vê que o meu querido Henriquinho, apesar de não ser bobo como eu, ainda é mais louco.

Monsoreau encarou o gascão com um olhar terrível e penetrante.

— Vamos, vamos — disse Henrique, receando alguma desavença -, mudemos de conversa, meus Senhores.

— Pois sim — disse Chicot -, falemos dos milagres de Nossa Senhora de Chartres.

— Chicot nada de impiedades! — disse o rei em tom severo.

— Impiedades, eu? — disse Chicot — era o que faltava! Pensas que sou algum eclesiástico?. Pois estás enganado, sou homem de guerra. Bem pelo contrário, sou eu que te quero prevenir duma coisa, meu filho.

— De quê?

— É que o teu procedimento para com Nossa Senhora de Chartres, Henrique, torna-se muito repreensível.

— Como assim?

— Decerto. Nossa Senhora tinha duas camisas acostumadas a estarem sempre juntas; e tu separaste-las. Eu, no teu lugar, tê-las-ia reunido, Henrique, e assim haveria alguma probabilidade de se conseguir o milagre.

Esta alusão algum tanto brutal à separação do rei e da rainha, fez rir os amigos do rei. Henrique espreguiçou-se, esfregou os olhos, e sorriu-se também.

— Desta vez — disse ele — não há dúvida que é o bobo quem tem razão. E passou a conversar noutro assunto.

— Senhor — disse Monsoreau em voz baixa a Chicot -, quer fazer-me o favor de ir disfarçadamente esperar por mim no vão daquela janela?

— Pois não, Senhor — respondeu Chicot -, vou já com todo o gosto.

— Muito bem, então afastemo-nos daqui!

— Estou pronto a segui-lo, até mesmo ao meio dum bosque, se quiser.

— Basta de gracejos, é tempo perdido, porque aqui não está ninguém que deles se ria — disse Monsoreau mecendo-se para o vão da janela, onde o bobo tinha chegado primeiro.

— Aqui estamos cara a cara, será bom que falemos sem reбуço, Sr. Chicot, senhor truão, senhor bobo; um cavaleiro proíbe-Lhe, percebeu bem esta palavra?

Proíbe-lhe que faça dele assunto das suas zombarias, e também o convida a reflectir para outra vez antes de aprazar alguém para se encontrar com o senhor num bosque, porque nos tais bosques para onde há pouco queria ir comigo, costuma haver uma colecção de paus, de cacetes e de varas, muito próprios para figurarem na companhia dos que tão perfeitamente Lhe sacudiram o pó de mandado do Sr. de Maiena.

— Ah! — exclamou Chicot sem se alterar aparentemente, se bem que os seus olhos pretos relampejaram. — Ah, Sr. de Monsoreau, recordou-me os favores que devo ao Sr. de Maiena; deseja pois que eu fique sendo seu devedor como sou dele, que lhe dê o mesmo lugar na minha lembrança, e que Lhe reserve uma parte igual na minha gratidão.

— Parece-me, Sr. Chicot, que na lista dos seus credores escapou-

Lhe aquele a quem mais devia.

— Pois admira-me isso, porque me posso gabar de ter excelente memória; mas diga-me: quem é esse tal credor?

— Mestre Nicolau David.

— Oh, se é esse, está enganado — disse Chicot com uma risada sinistra — já não Lhe devo coisa alguma; Está pago.

Neste momento veio tomar parte na conversação uma terceira personagem. Era Bussy.

— Ah, Sr. de Bussy — disse Chicot -, venha aqui em meu auxílio. O Sr. de Monsoreau desencovou-me, como vê, e quer montear-me sem mais nem menos, como se eu fora um veado ou um gamo; diga-lhe que está enganado, Sr. de Bussy, que está fazendo montaria a um javali, e que o javali costuma voltar-se para acometer o caçador.

— Sr. Chicot — respondeu Bussy -, parece-me que ajuíza mal do Senhor Monteiro-Mor, pensando que ele não o tem em conta daquilo que é, isto é, dum verdadeiro cavaleiro. Senhor — prosseguiu Bussy dirigindo-se para o conde -, tenho a honra de preveni-lo de que o Senhor Duque de Anju deseja falar-Lhe.

— A mim? — perguntou Monsoreau sobressaltado.

— Sim, ao senhor mesmo — replicou Bussy.

Monsoreau lançou ao seu interlocutor um olhar destinado a penetrar-Lhe até ao fundo da alma, mas que não passou da superfície, detido pela serenidade dos olhos e do sorriso de Bussy.

— Não me acompanha? — perguntou o monteiro-mor ao fidalgo.

— Não senhor, vou adiante, para dizer a Sua Alteza que o senhor não tardará em ir receber as suas ordens; entretanto, despedir-se-á de el-rei.

E Bussy voltou logo da mesma forma por que tinha vindo, encobrendo-se, com a costumada destreza, por detrás dos grupos de cortesãos, para não ser visto pelo rei.

O duque de Anju estava à espera com efeito no gabinete, e

entretinha-se a reler a carta de que já demos conhecimento ao leitor. Como ouvisse mexer por fora do reposteiro, pensou que era Monsoreau que vinha ao seu chamado, e escondeu a carta.

Apareceu Bussy.

— Então? — disse o duque.

— Então, meu senhor, ele aí vem.

— Não desconfia de coisa alguma?

— E, quando assim fosse, ainda que ele estivesse precavido?. disse Bussy -

Não é ele uma criatura sua? Não pode porventura torná-lo a reduzir ao nada de onde o tirou?.

— Não há dúvida — respondeu o duque com certo ar de preocupação que lhe dava sempre a proximidade de acontecimentos em que tinha que desenvolver alguma energia.

— Já Lhe parece hoje menos criminoso de que era ontem?

— Cem vezes mais! O crime que ele cometeu é de natureza tal, que quanto mais nele penso, mais feio me parece.

— E demais — disse Bussy -, o negócio resume-se todo num único ponto: ele roubou, à traição, uma donzela nobre; desposou-a fraudulentamente e por meios indignos dum cavalheiro; deve pedir ele mesmo a anulação do casamento, quando não, pedi-la-á Vossa Alteza em nome dele.

— Muito bem, está tratado.

— E agora, em nome do pai, em nome da donzela, em nome do Castelo de Méridor, em nome de Diana, finalmente, pergunto a Vossa Alteza se me dá a sua palavra de que assim há-de ser.

— Dou, sim.

— Lembre-se Vossa Alteza que eu já os avisei, e que ambos estão esperando ansiosamente o resultado da sua conferência com esse homem.

— A donzela há-de ficar livre dele, Bussy, comprometo a minha palavra.

— Ah, meu Senhor — disse Bussy -, será na realidade um grande príncipe! E pegando na mão do duque, naquela mão que tinha assinado tanta promessa a que havia faltado, que tinha prestado tanto juramento que não havia cumprido, beijou-a respeitosamente.

Naquele momento ouviram-se algumas passadas no vestibulo.

— Ele aí vem — disse Bussy.

— Mande entrar o Sr. de Monsoreau — exclamou Francisco com um tom de severidade que pareceu a Bussy de feliz agoiro.

O jovem fidalgo, então, julgando-se quase certo de alcançar o resultado que ambicionava, não pôde deixar de cortejar Monsoreau, à sua entrada, com alguma ironia; o monteiro-mor pela sua parte correspondeu à cortesia de Bussy com um olhar vidrento, que lhe servia para ocultar os verdadeiros sentimentos da sua alma, como se fora uma fortaleza inacessível.

Bussy foi esperar para o corredor, o qual estava naquela ocasião atulhado de fidalgos que vinham cumprimentar o duque.

Bussy encaminhou-se para eles, e todos trataram de lhe dar lugar, não só por causa da consideração em que o tinham, como pelo seu valimento para com o duque de Anju.

O mancebo concentrou em si todas as suas sensações, e sem deixar perceber a terrível angústia que Lhe agitava o coração, aguardou o êxito daquela conferência, de que dependia toda a felicidade da sua vida.

A conversação não podia deixar de ser animada. Bussy, pelo conhecimento que tinha do carácter do Sr. de Monsoreau, estava certo de que este não se entregaria sem lutar.

Mas, enfim, bastava que o duque de Anju carregasse nele com a mão, e então, se não quisesse torcer, não teria remédio senão quebrar.

De repente ouviu-se o som bem conhecido da voz do príncipe.

Falava em tom imperioso. Bussy estremeceu de alegria.

Ah! disse ele, o duque está cumprindo a palavra que me deu.

Porém mais nada se ouviu, e como todos se calaram, olhando com perturbação uns para os outros, em breve reinou profundo silêncio entre os cortesãos.

Bussy assim interrompido no meio do seu sonho, sentiu decorrer, minuto por minuto, quase um quarto de hora, entregue a todas as alternativas da esperança e do receio.

Neste comenos, abriu-se a porta do aposento do duque e ouviu-se através do reposteiro o som duma conversa muito jovial.

Bussy sabia que o duque estava só com o Monteiro-mor, e que, se a conversação tivesse seguido o seu curso ordinário, devia estar bem longe de ser jovial naquele momento.

Aquela demasiada amenidade causou-lhe um arrepio.

Em breve se aproximaram as vozes, e ergueu-se o reposteiro.

Monsoreau saiu de costas para fora e a cortejar. O duque veio acompanhá-lo até à porta, dizendo:

— Adeus, amigo. É negócio tratado.

Amigo? murmurou Bussy, por Deus! que quer isto dizer?

— Visto isso, meu Senhor -, disse Monsoreau sempre com o rosto voltado para o príncipe -, Vossa Alteza é de parecer que é melhor tornar o caso público agora?

— Sim, sim — respondeu o duque -; todos esses mistérios são bons para crianças.

— Muito bem — disse o Monteiro-mor -; apresentá-la-ei a el-rei esta noite mesmo.

— Venha sem receio, que eu preparei tudo.

O duque debruçou-se para o Monteiro-mor e disse-lhe algumas palavras ao ouvido.

— Isso já está feito, meu Senhor — respondeu este.

Monsoreau cortejou pela última vez o duque, o qual, sem ver Bussy, que estava encoberto pelas dobras dum reposteiro a que se tinha agarrado para não cair, examinava todos os circunstantes.

— Meus Senhores — disse Monsoreau voltando-se para os fidalgos que estavam à espera de audiência e que já se inclinavam na presença dum valido que parecia próximo a suplantar Bussy -, meus Senhores: dêem-me licença que lhes comunique uma notícia: Sua Alteza autoriza-me a tornar público o meu casamento com a Sr. a Diana de Méridor, que desposei há mais dum mês, e quer que debaixo dos seus auspícios eu a apresente esta noite na corte.

Bussy cambaleou; se bem que o golpe não foi inesperado, era contudo tão violento que por pouco não o aniquilou.

Foi então que deitou a cabeça para diante, e que o duque e ele, ambos enfiados, mas por motivos bem opostos, olharam um para o outro, Bussy com desprezo, e o duque de Anju com terror.

Monsoreau atravessou o grupo dos fidalgos recebendo os cumprimentos e parabéns de todos.

Quanto a Bussy, esse deu um passo como para se chegar ao duque; mas este viu o movimento, e preveniu-o deixando cair o reposteiro; em seguida ouviu-se fechar a porta e o ranger da chave na fechadura.

Bussy sentiu então que o sangue lhe afluía, a escaldar, às fontes e ao coração.

Encontrou com a mão a adaga que trazia pendente do cinturão, e desembainhou-a maquinalmente até metade, porque nele as paixões não resistiam ao primeiro impulso; porém o amor, que o havia induzido àquela violência, paralisou todo o seu ardor; uma dor amarga, profunda e lancinante, sufocou-lhe a cólera; e o coração, em vez de se entumecer, Ficou aniquilado.

Naquele paroxismo de duas paixões lutando uma com a outra, sucumbiu a energia do mancebo, assim como caem juntas, quando se chocam na sua elevação, duas ondas furiosas que parecem querer desafiar o céu.



Bussy conheceu que, se se conservasse naquele lugar, ia dar a todos o espectáculo da sua dor insensata; lançou-se pelo corredor, desceu pela escada particular, saiu por uma porta falsa para o pátio do Louvre, montou a cavalo, e tomou a todo o galope o caminho da Rua de Santo António.

O barão e Diana estavam à espera da resposta que Bussy Lhes prometera; viram aparecer o mancebo, pálido, com as feições transtornadas e os olhos vermelhos.

Diana logo entendeu quais eram as novas que ele trazia, e deu um grito.

— Minha Senhora — exclamou Bussy -, despreze-me, odeie-me! Eu pensava que era alguma coisa neste mundo, e conheço agora que não sou mais do que um átomo.

Pensava que tinha algum poder, e nem posso arrancar o meu coração do peito.

A senhora é inquestionavelmente a mulher do Sr. de Monsoreau; sua mulher legítima, como tal reconhecida por todos, e que esta noite há-de ser apresentada na corte. Eu sou um miserável insensato. ou antes. ou antes, sim!

Bem dizia o Senhor Barão: o Senhor Duque de Anju é um cobarde, é um infame!

E deixando o pai e a filha a olharem espavoridos um para o outro, Bussy, desvairado pela dor e pela raiva, desceu apressadamente a escada, montou a cavalo, e, cravando ambas as esporas nas ilhargas do animal e largando-lhe a rédea sem o governar, por isso que só tratava de reprimir com a mão as pulsações do coração, partiu, espalhando por toda a parte por onde foi passando o espanto e o terror.

## EM QUE SE VÊ QUAL FOI A CONVERSA DO DUQUE DE ANJU COM O MONTEIRO-MOR

Convém que expliquemos o motivo da mudança repentina que se operou no duque de Anju para com Bussy.

O duque, quando chamou à sua presença o Sr. de Monsoreau, depois das exortações de Bussy estava muito favoravelmente disposto a auxiliar os projectos deste último.

A sua bÍlis, que facilmente se irritava, trasbordava-lhe do coração ulcerado pelas suas duas paixões dominantes: o seu amor-próprio tinha sido ferido; e o receio da estralada com que o ameaçava Bussy em nome do Sr. de Méridor ainda o tinha encolerizado mais.

Dois sentimentos desta natureza produzem, combinados, explosões espantosas quando o coração que os encerra, à semelhança das bombas saturadas de pólvora, é tão solidamente construído e tão hermeticamente fechado que a compressão duplica a força do estouro.

O Sr. de Alençon recebeu pois o monteiro-mor com um semblante severo, que fazia tremer os indivíduos mais intrépidos da corte, por isso que todos conheciam os recursos de Francisco quando se tratava de vingança.

— Vossa Alteza mandou-me chamar? — disse Monsoreau com muita placidez e olhando ao mesmo tempo para as tapeçarias do quarto; porque aquele homem, acostumado a governar o espírito do príncipe, já tinha avaliado a intensidade do fogo que encobria aquela frieza aparente, e por isso, dirigindo-se aos objectos inanimados, parecia pedir às paredes que Lhe dessem conta dos projectos do seu amo.

— Não tenha receio algum, senhor — disse o duque, que logo o percebeu -; não está ninguém escondido por trás destas armações; podemos conversar com liberdade, e sobretudo com franqueza.

Monsoreau inclinou-se.

— É um criado muito fiel, não é, Senhor Monteiro-Mor de França? E tem muito apego à minha pessoa.

— Persuado-me que sim, meu Senhor.

— E eu estou certo de que assim é; é o senhor que por mais duma vez me tem dado conhecimento de conspirações tramadas contra mim e me tem ajudado nas minhas empresas, esquecendo muitas vezes o seu próprio interesse, e expondo até a vida.

— Senhor.

— Tudo isso eu sei. E ainda ultimamente, é preciso que eu Lho recorde, porque, na realidade, é tal a sua delicadeza, que nunca faz a menor alusão, mesmo indirectamente, aos serviços que me tem prestado; ainda ultimamente, por ocasião daquela desgraçada aventura.

— Que aventura, meu Senhor?

— O rapto da Menina de Méridor; pobre menina!

— Coitadinha! — murmurou Monsoreau de forma tal que a resposta não era seriamente aplicável ao sentido das palavras de Francisco.

— Também lamenta o que lhe sucedeu, não é verdade? — disse este último chamando-o assim a um terreno mais seguro.

— E Vossa Alteza não lamentaria também essa desgraça?

— Eu? Ah, sabe se tenho tido remorsos por haver cedido a tão funesto capricho!

E direi mais: só a muita amizade que lhe tenho, e a consideração que me merece o seu bom serviço, é que pôde fazer-me esquecer que se não fosse o senhor não teria eu roubado a donzela.

Monsoreau sentiu a estocada.

Vejamos, disse consigo, isto serão remorsos somente?

— Meu Senhor — replicou ele -, a sua natural bondade leva-o a

exagerar o caso: está tão inocente da morte daquela menina como eu.

— Como assim?

— Decerto, pois estou convencido que não tencionava levar a violência a ponto de causar a morte da Menina de Méridor.

— Oh, não!

— Nesse caso, absolvo-Lhe a intenção, meu Senhor; foi uma desgraça unicamente, destas que o acaso ocasiona todos os dias.

— E demais — acrescentou o duque olhando fixamente para Monsoreau -, a morte envolveu tudo isso em eterno esquecimento.

A voz do príncipe vibrou por tal maneira que Monsoreau ergueu logo os olhos e disse consigo: Nada, não são remorsos.

— Meu Senhor — disse ele -, Vossa Alteza quer que lhe fale com franqueza?

— Por que motivo hesita? — disse o príncipe com cecca admiração acompanhada de altivez.

— E com efeito — replicou Monsoreau -, não sei porque hei-de hesitar.

— Que pretende dizer?

— Oh, meu Senhor, quero dizer que na presença dum príncipe tão eminente pela inteligência como pela nobreza do coração, deve daqui por diante a franqueza formar a base principal deste colóquio.

— Daqui por diante? Que significa isso?

— É porque Vossa Alteza, logo no princípio da nossa conversa, não julgou dever usar de franqueza para comigo.

— Deveras? — exclamou o duque com uma gargalhada que bem mostrava quanto estava encolerizado.

— Atenda-me, meu Senhor — disse Monsoreau com toda a humildade. — Sei muito bem o que Vossa Alteza me queria dizer.

— Fale pois.

— Vossa Alteza queria dar-me a entender que a Menina de Méridor talvez não tivesse morrido, e que assim escusavam de ter remorsos os que se julgavam causadores da sua morte.

— E deixou passar tanto tempo, Senhor, sem me fazer essa reflexão tão consoladora! Realmente o senhor é um servidor muito fiel! Viu-me triste e aflito; ouviu-me falar dos sonhos fúnebres que desde a morte daquela mulher me perseguiram, a mim, que, graças a Deus, sou dotado de tamanha sensibilidade, e deixou que eu vivesse entregue a tão grande tormento, quando essa simples dúvida bastava para me poupar tanto sofrimento! Como poderei eu qualificar semelhante conduta, senhor?.

O duque proferiu estas palavras como não podendo já reprimir a ira.

— Meu Senhor — respondeu Monsoreau -, dir-se-ia que Vossa Alteza está formulando uma verdadeira acusação contra mim.

— Traidor! — exclamou subitamente o duque dando um passo para o monteiro-mor; sim! Formei-a e sustentei-a. Enganaste-me! Tiraste-me essa mulher que eu amava.

Monsoreau enfiou, mas não perdeu a sua atitude serena e quase soberba.

— É verdade — disse ele.

— Ah, é verdade! Atrevido! Velhaco!

— Digne-se falar com mais brandura, meu Senhor — disse Monsoreau sempre com a mesma placidez. — Vossa Alteza esquece-se que está falando com um fidalgo e com um leal servidor.

O duque deu uma risada convulsa.

— Com um leal servidor de el-rei! — prosseguiu Monsoreau conservando a sua impassibilidade.

O duque reparou nestas palavras.

— Que pretende dizer? — murmurou ele.

— Quero dizer — replicou Monsoreau com brandura e respeito —

que se Vossa Alteza se dignasse atender-me, não poderia criminalar-me por ter roubado aquela mulher, visto que era o mesmo que Vossa Alteza queria fazer.

O duque ficou pasmado, e não achou resposta a um tal atrevimento.

— A minha desculpa é esta — disse humildemente o monteiro-mor -: eu amava apaixonadamente a Menina de Méridor.

— E eu também! — respondeu Francisco com inexprimível dignidade.

— É certo, meu Senhor, que é meu amo, mas a Menina de Méridor não Lhe tinha amor algum.

— E tinha-o a ti?

— Pode ser que sim — murmurou Monsoreau.

— Mentas, mentas! Fizeste-Lhe a mesma violência que eu lhe queria fazer. A única diferença é que eu, teu amo, nada consegui, e que tu, meu criado, conseguiste tudo. E porque eu só tinha a meu favor o poder, enquanto tu tinhas a traição.

— Eu amava-a, meu Senhor.

— Que me importa a mim isso!

— Meu Senhor.

— Ameaças-me, serpente?

— Meu Senhor, tenha prudência! — disse Monsoreau abaixando a cabeça como o tigre quando está para acometer. — Já Lhe disse que a amava, e eu não sou um criado seu, como disse há pouco. A minha mulher pertence-me como me pertencem as minhas terras; ninguém ma pode tirar, nem mesmo o próprio rei. Desejei-a para minha esposa, e por isso Lha tirei. — Deveras?. — disse Francisco, encaminhando-se para tanger a chapa de prata colocada sobre a mesa. — Tiraste-ma? Pois bem, hás-de restituir-ma!

— Está enganado, meu Senhor — exclamou Monsoreau correndo para a mesa a fim de obstar a que o príncipe chamasse. — Afaste esse

pensamento que teve de me fazer porque se chegasse a chamar alguém, se me insultasse publicamente.

— Hás-de restituir-me aquela mulher, já te disse!

— Restituí-la?. como, se ela é minha mulher, se a desposei perante Deus! E

Monsoreau contava com o efeito que haviam de produzir estas últimas palavras no príncipe.

— Se ela é tua mulher perante Deus — disse ele -, não o é perante os homens!

— Que diz? Então já sabe tudo?. — disse Monsoreau.

— Sei, sei tudo. Hás-de desmanchar o teu casamento; quando não, desmanchá-lo-ei eu, ainda que tivesse tido lugar perante todos os deuses que têm reinado no Céu.

— Ah, meu Senhor, está blasfemando. — disse Monsoreau.

— A Menina de Méridor há-de ser restituída a seu pai amanhã; e amanhã mesmo hás-de partir para o degredo que eu te destinar. Quero mais: que daqui a uma hora tenhas vendido o teu ofício de monteiromor; são estas as minhas condições; quando não, toma sentido, vassalo, que te hei-de despedaçar como despedaço este copo.

E o príncipe, agarrando num copo de cristal esmaltado que lhe tinha sido dado de presente pelo arquiduque da Áustria, atirou-o com furor na direcção de Monsoreau, que ficou rodeado dos destroços do vidro.

— Não hei-de restituir a mulher, não hei-de desfazer-me do meu ofício, e hei-de conservar-me em França — replicou Monsoreau dirigindo-se para Francisco, que olhava para ele estupefacto.

— Porquê. maldito!

— Porque hei-de pedir perdão ao rei de França: ao rei que foi eleito na Abadia de Santa Genoveva, e estou certo que o novo soberano, que é tão afável, tão generoso e tão grato ao favor divino, de que teve recentes provas, não se há-de negar a atender o primeiro suplicante

que Lhe apresentar um requerimento.

Esta resposta terrível tinha sido acentuada progressivamente por Monsoreau; o fogo dos seus olhos ia passando pouco a pouco para as palavras que proferia levantando cada vez mais a voz.

Francisco enfiou também, deu um passo para trás, foi correr o pesado reposteiro da porta da entrada, e depois, agarrando na mão de Monsoreau, disse-Lhe, entrecortando as palavras como se Lhe faltassem as forças: — Muito bem. muito bem. conde! Esse requerimento que diz, faça-mo mais baixinho. que eu o escuto.

— Falarei pois humildemente — disse Monsoreau serenando de repente -, como deve falar um criado muito ínfimo de Vossa Alteza.

Francisco deu com todo o vagar volta ao quarto, e cada vez que passava pela frente de alguma cortina levantava-a para examinar se ocultava alguém. Parecia não poder capacitar-se de que as palavras de Monsoreau não tivessem sido ouvidas.

— Dizia então... — perguntou ele.

— Dizia eu, meu Senhor, que um amor fatal foi a causa de tudo o que sucedeu.

O amor, meu pobre senhor, é de todas as paixões a mais imperiosa. Para eu poder esquecer que Vossa Alteza tinha lançado as suas vistas sobre Diana, era preciso que eu já não fosse senhor de mim.

— Bem lhe dizia eu, conde: foi uma traição.

— Poupe-me, meu Senhor; eis aqui o pensamento que me ocorreu. Via-o rico, jovem e feliz; via que era o primeiro príncipe da cristandade.

O duque fez um movimento.

— Porque o é na realidade. — murmurou Monsoreau ao ouvido do duque; — entre o lugar supremo e Vossa Alteza existe apenas uma sombra que facilmente se desvanecerá. Via na minha imaginação todo o esplendor do porvir que o espera; e, comparando tão imensa fortuna com o pouco que eu ambicionava, deslumbrado pelo seu brilho futuro,



que mal me deixava divisar a pobre florinha que eu cobiçava, eu, ente mesquinho, à vista de Vossa Alteza, meu amo, disse comigo: Deixemos ao príncipe os seus sonhos brilhantes, os seus projectos esplêndidos; é esse o alvo a que ele se dirige; eu só desejo viver feliz a um canto. Ele nem dará pela minha falta, e apenas sentirá cair essa insignificante pérola que vou subtrair do seu diadema.

— Conde, conde!. — exclamou o duque, embriagado sem querer pela magia desta pintura.

— Perdoa-me, não é assim, meu Senhor?

O duque, naquele momento, levantou os olhos. Viu diante de si, pendurado na parede forrada de couro dourado, o retrato de Bussy que ele gostava de contemplar de vez em quando, como gostava noutro tempo de olhar para o retrato de La Mole. A pintura apresentava um olhar tão altivo, um modo tão arrogante, tinha a mão posta com tanta soberba na ilharga, que o duque julgou ver o próprio Bussy com o seu olhar de fogo saindo da parede para o excitar a ter ânimo.

— Não — disse ele -, não posso perdoar-lhe; Deus sabe que não é por minha causa que mostro tanto rigor; é porque um pai aflito, um pai indignamente iludido, reclama a sua filha; é porque uma mulher, que o senhor obrigou a desposá-lo, pede vingança; numa palavra: é porque o primeiro dever dum príncipe é fazer justiça.

— Meu Senhor.

— Digo-lhe que a justiça é o primeiro dever dum príncipe, e hei-de fazê-la.

— Se a justiça — replicou Monsoreau — é o primeiro dever dum príncipe, a gratidão é o primeiro dever dum rei.

— Que diz?

— Digo que um rei nunca deve duvidar-se daquele a quem deve a coroa. Ora pois, meu Senhor.

— E então?

— Deve-me a coroa, Senhor!

— Monsoreau! — exclamou o duque com um terror ainda maior do que o que Lhe haviam causado os primeiros ataques do monteiro-mor.

— Monsoreau! — prosseguiu ele com voz baixa e trémula. — Quer porventura atraiçoar o rei como atraiçoou o príncipe?

— Eu agarro-me a quem me sustenta, Senhor! — continuou Monsoreau levantando gradualmente mais a voz.

— Desgraçado!

E o duque tornou a olhar para o retrato de Bussy.

— Não posso!. — disse ele. — É um leal cavaleiro, Monsoreau, e como tal, bem vê que não posso aprovar o que fez.

— Porquê, meu Senhor?

— Porque foi uma acção indigna do senhor e de mim. Renuncie àquela mulher.

Meu querido conde. faça-me mais esse sacrifício; meu querido conde, compensá-lo-ei com tudo que me pedir.

— Visto isso, ainda dura a paixão de Vossa Alteza por Diana de Méridor?. -

perguntou Monsoreau pálido de ciúmes.

— Não, não! Juro que não!

— Pois se assim é, que escrúpulos pode Vossa Alteza ter? Ela é minha mulher; não serei eu bastante fidalgo?. Com que direito pretende alguém intrometer-se nos segredos da minha vida?

— Porém ela não o ama.

— Que importa isso?

— Faça-me esse favor, Monsoreau.

— Não posso.

— Então. — disse o duque entregue à mais horrível perplexidade — então.

— Reflecta, Real Senhor!

O duque limpou a testa, que se lhe humedecera de suor ao ouvir o tratamento que Lhe havia dado o conde.

— Seria capaz de me denunciar?.

— Ao rei que Vossa Alteza destronou, sim, meu Senhor; porque se o meu novo soberano quiser atacar a minha honra e a minha felicidade, volto para o antigo.

— Isso é uma infâmia!

— É verdade, Real Senhor — disse o monteiro-mor -; mas eu gosto tanto de Diana de Méridor, que por sua causa sou capaz de cometer uma infâmia.

— É uma cobardia!

— Sim, meu Senhor; mas eu amo-a tanto, que me resolvo a ser cobarde. O duque deu um passo para Monsoreau, porém este deteve-o com um simples olhar acompanhado dum sorriso.

— Nenhuma vantagem lhe resultaria da minha morte, meu Senhor — disse ele -; há segredos que sobrevivem aos cadáveres! Sejamos, pois, Vossa Majestade um rei muito clemente, e eu o seu mais humilde servo.

O duque revolveia as mãos, torcendo os dedos e agatanhando-os com as unhas.

— Vamos, vamos. meu bom Senhor: faça alguma coisa em favor do homem que tão fielmente o tem servido em tudo.

Francisco tornou a erguer-se.

— Que pretende de mim? — disse ele.

— Que Vossa Majestade.

— Desgraçado, desgraçado! Queres que eu te suplique que não me dê esse tratamento!

— Oh, meu Senhor!.

E Monsoreau curvou a cabeça.

— Diz! — murmurou Francisco.

— Meu Senhor, há-de perdoar-me, sim?

— Perdoarei.

— Há-de assinar o meu contrato de casamento com a Menina de Méridor?

— Assinarei — respondeu o duque com voz sumida.

— E fará bom acolhimento a minha mulher no dia em que ela for recebida oficialmente pela rainha, a quem tenciono ter a honra de a apresentar?

— Farei — disse Francisco -; que mais pretendes?

— Nada mais, meu senhor.

— Vai pois; tens a minha palavra.

— E o senhor — disse Monsoreau, aproximando-se, ao ouvido do duque — conservará o trono a que eu o elevei! Adeus, Real Senhor.

Desta vez falou tão baixo, que a harmonia da palavra agradou ao príncipe. Agora, pensou Monsoreau, só me resta saber quem foi que veio contar tudo ao duque.

## XXXV

### O SR. DE MORVILLIERS COMUNICA AO REI QUE HÁ UMA CONSPIRAÇÃO, CUJO CHEFE É O DUQUE DE GUISA

Naquele mesmo dia, o Sr. de Monsoreau, conforme o desejo que manifestara ao duque de Anju, apresentou a mulher à rainha-mãe e à rainha esposa de Henrique III.

Henrique, sempre pensativo como era o seu costume, fora deitar-se depois de ter sido avisado pelo Sr. de Morvilliers que era preciso reunir o conselho de Estado no dia seguinte.

Henrique não fez pergunta alguma ao chanceler: já era tarde, e Sua Majestade estava com vontade de dormir. Escolheu-se a hora que pareceu mais cómoda para não interromper o descanso nem o sono do rei.

O digno magistrado conhecia a fundo o génio do seu soberano, e sabia que o rei, ao contrário de Filípe de Macedónia, não ouvia com a necessária atenção as comunicações que ele tinha a fazer-lhe quando sucedia estar com sono ou com vontade de comer.

Sabia também que Henrique, em quem as insónias eram muito frequentes (porque o homem que tem de velar pelos mais não pode dormir), havia de lembrar-se pela noite adiante da audiência pedida, e concedê-la-ia logo, movido pela curiosidade de saber qual era a causa que a tornava necessária.

Aconteceu efectivamente o que o Sr. de Morvilliers tinha pensado.

Henrique, depois de ter dormido três ou quatro horas, acordou;

recordou-se então do pedido do chanceler; sentou-se na cama, começou a pensar, e afinal, já cansado de pensar sozinho, deixou-se escorregar pelo colchão abaixo, enfiou as ceroulas de seda, calçou as chinelas e sem despir o fato de dormir, que o tornava semelhante a um fantasma encaminhou-se à claridade da lâmpada, que já não se apagava desde que o sopro do Padre Eterno tinha ido para o Ar com Saint-Luc. encaminhou-se, dizíamos para o quarto de Chicot, que era o mesmo onde se consumara tão felizmente o casamento da Menina de Brissac.

O gascão dormia a sono solto, e ressonava como um fole de ferreiro.

Henrique puxou-Lhe pelo braço três vezes sem conseguir acordá-lo.

À terceira vez, porém, como o rei acompanhasse o gesto com a voz, berrando pelo nome de Chicot, o gascão abriu um olho.

— Chicot! — repetiu o rei.

— Que mais temos? — perguntou Chicot.

— Oh, meu amigo — disse Henrique -, como é possível que tu estejas a dormir assim

tão sossegado quando o teu rei está acordado?

— Ah, meu Deus! — exclamou Chicot fingindo não conhecer o rei.

— Dar-se-á o caso que

Sua Majestade tivesse alguma indigestão?

— Chicot, meu amigo — meu Henrique -, sou eu!

— Tu, quem?

— Eu, Henrique!

— Não há dúvida, meu filho, foram as narcejas que te fizeram azia. Eu bem te avisei; atiraste-te a elas com muita sofreguidão, assim como à sopa de caranguejos.

— Não — disse Henrique -, mal as provei.

— Pois então — replicou Chicot — envenenaram-te. Meu Deus, como estás pálido, Henrique!

— É a minha máscara de pano de linho, meu amigo — respondeu o rei.

— Visto isso, não estás doente?

— Não estou.

— Então para que vieste acordar-me?

— Porque me perseguem os desgostos.

— Estás desgostoso.

— Estou.

— Estimo muito.

— Estimas muito? Como assim?

— Sim, porque os desgostos obrigam o homem a reflectir, e tu hás-de necessariamente pensar que quando se acorda um homem de bem às duas horas da madrugada, é indispensável Fazer-Lhe um presente. Que me trazes tu, diz?

— Não te trago coisa alguma, Chicot; venho conversar contigo.

— Isso não é bastante.

— Chicot, o Sr. de Morvilliers veio ontem à noite ao paço.

— Sempre recebes péssimas visitas em tua casa, Henrique; e que veio ele cá fazer?

— Veio pedir-me uma audiência.

— Ah, aí tens tu um homem bem-criado; não é como tu, que entras pelo quarto da gente às duas horas da madrugada sem dizer água vai.

— Que pensas tu que ele queira dizer-me, Chicot?

— Ó desgraçado — exclamou o gascão -, pois foi para me Fazeres essa pergunta que vieste acordar-me?

— Chicot, meu amigo, bem sabes que o Sr. de Morvilliers está à

testa da minha polícia.

— Não sabia — respondeu Chicot -, acredita que não sabia.

— Chicot — prosseguiu o rei -, devo dizer-te que tenho sempre achado muito exactas as informações que me dá o Sr. de Morvilliers.

— E lembrar-me eu — disse o gascão -, que podia estar a dormir muito descansado em lugar de ouvir semelhantes baboseiras!

— Duvidas acaso da vigilância do chanceler? — perguntou Henrique.

— Duvido, sim — replicou Chicot -; e tenho razões para duvidar.

— Quais são elas?

— Se te disser uma só, ficas satisfeito?

— Fico, se ela for boa.

— E prometes deixar-me só, depois?

— Prometo.

— Pois bem: certo dia. não, certa noite.

— Isso nada faz ao caso.

— Pelo contrário, faz muito. Certa noite, pois, dei-te uma sova na Rua de Froidmantel; iam contigo Quélus e Schomberg.

— Deste-me uma sova?.

— Sim, dei uma roda de pau em todos três.

— Por que motivo?

— Porque insultaste o meu pajem. Levaste as pancadas, e o Sr. de Morvilliers nunca te disse coisa alguma.

— Pois quê? — exclamou Henrique. — Eras tu, malvado? Eras tu, sacrílego?

— Eu mesmo em pessoa — respondeu Chicot esfregando as mãos - ; diz-me, meu filho, não é verdade que dou com alma quando dou?

— Miserável!



- Confessas que é verdade?
- Hei-de mandar-te açoitar, Chicot.
- Não se trata agora disso: é ou não é verdade, responde à minha pergunta?
- Tu bem sabes que é verdade, desgraçado!
- Não mandaste chamar no dia seguinte o Sr. de Morvilliers?
- Bem sabes que mandei, pois estavas presente quando ele veio.
- Não Lhe contaste o desagradável acontecimento que tinha ocorrido na véspera com um fidalgo teu amigo?
- Conteí.
- Não lhe ordenaste que procurasse o criminoso?
- Ordenei.
- E ele achou-o?.
- Não.
- Então vai-te deitar, Henrique, bem vês que a tua polícia não presta. E virando o rosto para a parede, sem dar mais resposta, Chicot começou a risonar novamente com um tal estrondo, que o rei perdeu toda a esperança de o despertar daquele segundo sono.

Henrique voltou a suspirar para a sua câmara, e, à falta de interlocutor, entrou a lamentar com o seu criado Narciso a infelicidade dos reis que só conhecem a verdade à própria custa.

No dia seguinte reuniu-se o conselho. Os membros de que o conselho se compunha variavam conforme as inclinações volúveis do rei. Constava, daquela vez, de Quélus, de Maugiron, d'Épernon e de Schomberg, que eram os mais validos havia cerca de seis meses.

Chicot, sentado na cabeceira da mesa, fazia barquinhos de papel e alinhava-os metodicamente, para formar, dizia ele, a esquadra de Sua Majestade Cristianíssima, à imitação da esquadra de Sua Majestade Católica.

Apareceu o Sr. de Morvilliers.

O chanceler tinha escolhido o seu traje mais escuro, e vinha revestido dum ar muito lúgubre. Depois duma cortesia, que Chicot lhe retribuiu, aproximou-se do rei.

— Estou porventura — disse ele — na presença do conselho de Vossa Majestade?

— Está na presença dos seus melhores amigos. Fale.

— Pois bem, Real Senhor, essa certeza faz-me recobrar o ânimo de que muito careço. Venho denunciar a Vossa Majestade uma conspiração terrível.

— Uma conspiração? — exclamaram todos os circunstantes. Chicot levantou a cabeça e interrompeu a construção duma magnífica galeota com dois toldos, que destinava para nau-almirante da esquadra.

— Uma conspiração, sim, Real Senhor — prosseguiu o Sr. de Morvilliers baixando a voz com o misterioso presságio duma confidência terrível.

— Oh, oh! — disse o rei. — Vejamos: é alguma conspiração espanhola? Naquele momento, o Senhor Duque de Anju, que tinha sido chamado ao conselho, entrou na sala, cujas portas logo se tornaram a fechar.

— Ouviste, meu irmão? — disse Henrique depois de feitos os cumprimentos. — O Sr. de Morvilliers acaba de nos denunciar uma conspiração contra a segurança do Estado!

O duque correu pelos fidalgos que se achavam presentes aquele olhar claro e desconfiado de que já demos conhecimento aos leitores.

— Será possível? — murmurou ele.

— Infelizmente, assim é, meu Senhor — respondeu o Sr. de Morvilliers -; é uma conspiração muito séria.

— Conte-nos isso — acudiu Chicot, metendo a galeota dentro duma bacia de cristal que estava em cima da mesa.

— Sim — balbuciou o duque de Anju -, conte-nos isso, Senhor Chanceler.

— Estou pronto a ouvir — disse Henrique.

O chanceler assumiu a sua voz mais fúnebre, a atitude mais curvada e o olhar mais importante.

— Senhor — disse ele -, há muito tempo que não perdia de vista as intrigas de alguns descontentes.

— Oh — disse Chicot -, alguns? Só?. Tem na realidade muita modéstia, Sr. de Morvilliers!

— Eram, em geral — prosseguiu o chanceler -, indivíduos sem importância, lojistas, homens de ofício, caixeiros. Também havia entre eles alguns frades e estudantes.

— Não eram, segundo vejo, nenhuns príncipes — disse Chicot com a maior serenidade, e principiando ao mesmo tempo a construir outra nau de duas cobertas.

O duque de Anju deu um risinho forçado.

— Quer saber o que fiz, Senhor? — disse o chanceler; — eu sabia que os descontentes sempre lançam mão de duas circunstâncias, principalmente, que são a guerra e a religião.

— Acho esse modo de pensar muito acertado. E depois?

O chanceler, não cabendo em si de contente com este elogio, prosseguiu assim:

— No exército tinha eu oficiais afeiçoados a Vossa Majestade, que me informavam de tudo; mas já não me sucedia o mesmo nas ordens religiosas. Deliberei-me então a pôr em campo agentes meus.

— Fez muito bem — disse Chicot.

— Até que, por fim — continuou Morvilliers -, consegui que os meus agentes induzissem um empregado do preboste de Paris.

— A quê? — interrompeu o rei.

— A ser espião dos pregadores que andam excitando o povo contra Vossa Majestade.

— Oh, oh! — pensou Chicot. — Já descobririam que o meu amigo

também é dos tais?

— Toda aquela gente recebe inspirações, não de Deus, meu Senhor, mas dum partido inimigo da coroa. Sei todos os passos dos homens de que se compõe o partido a que aludo.

— Muito bem — disse o rei.

— Perfeitamente — disse Chicot.

— E sei também quais são as esperanças que eles nutrem — acrescentou Morvilliers com certo ar de triunfo.

— Isso é magnífico! — exclamou Chicot. O rei acenou ao gascão para que se calasse.

O duque de Anju não tirava os olhos de Morvilliers.

— Durante mais de dois meses — disse o chanceler — estive pagando por conta de Vossa Majestade a uns poucos de homens de muita habilidade, duma valentia a toda a prova, e de uma avidez na verdade insaciável mas que me era muito proveitosa para o bom serviço de el-rei, de forma que, mesmo pagando-lhes largamente, ainda era eu quem ganhava no negócio.

Soube por eles que, se eu quisesse sacrificar uma soma avultada de dinheiro, haviam de me dar notícia da primeira reunião dos conspiradores.

— Foi muito bem imaginado — disse Chicot -; paga, meu rei, paga.

— Não seja essa a dúvida! — exclamou Henrique; — vamos lá, chanceler. qual é o objecto da conspiração, e a esperança dos conspiradores?

— Trata-se de nada menos, Real Senhor, do que de uma repetição do dia de S. Bartolomeu.

— Contra quem?

— Contra os huguenotes.

Os circunstantes olharam espantados uns para os outros.

— Quanto gastou, pouco mais ou menos, para saber isso? —

perguntou Chicot.

— Setenta e cinco mil libras por um lado, e cem mil por outro.

Chicot voltou-se para o rei.

— Se tu quiseses, dir-te-ei, por mil escudos, o segredo do Sr. de Morvilliers

— exclamou o gascão.

Este fez um gesto de admiração; o duque de Anju não mostrou na fisionomia alteração alguma sensível.

— Diz lá — replicou o rei.

— É a Liga, pura e simplesmente — disse Chicot -; a liga instituída há dez anos. O Sr. de Morvilliers descobriu aquilo que todo o burguês de Paris sabe como o pai-nosso.

— Senhor!. — interrompeu o chanceler.

— Isto que digo é verdade. e hei-de prová-lo! — exclamou Chicot com os gestos dum letrado.

— Pois se assim é, diga-me qual é o local onde se reúnem os membros da Liga.

— Com todo o gosto: 1. a praça pública; 2. a praça pública; 3. as praças públicas.

— O Sr. Chicot está caçoando — disse o chanceler com um riso amarelo -; e qual é o sinal que serve para se conhecerem entre si?

— Andam vestidos como os Parisienses, e mexem com as pernas quando andam — respondeu Chicot muito sério.

Seguiu-se a esta explicação uma gargalhada geral. O Sr. de Morvilliers julgou conveniente seguir o exemplo dos mais, e riu-se também.

Mas tornando-se logo carrancudo:

— Finalmente — disse ele -, o meu espião esteve presente a uma das sessões, que teve lugar num sítio que por certo não é conhecido do Sr. Chicot.

O duque de Anju descorou.

— Onde foi? — disse o rei.

— Na Abadia de Santa Genoveva.

Chicot deixou cair uma galinha de papel que se dispunha a embarcar na nau-almirante.

— Na Abadia de Santa Genoveva? — exclamou o rei.

— É impossível! — balbuciou o duque.

— Pois foi lá mesmo — disse Morvilliers, gozando do efeito que as suas palavras produziam e olhando triunfante para toda a assembleia.

— E que fizeram eles, Senhor? Que resolveram? — perguntou o rei.

— Que os membros da Liga haviam de eleger os seus chefes; que todos os indivíduos alistados se armariam; que para cada uma das províncias seria mandado um delegado dos insurgentes da capital; e que todos os huguenotes, tão queridos de Sua Real Majestade (estas são as próprias palavras deles).

O rei sorriu. Haviam de ser assassinados no dia que se convencionasse.

— E mais nada? — perguntou Henrique.

— Irra — disse Chicot -, bem se vê que és bom católico!

— É tudo quanto sabe? — acudiu o duque.

— Não, meu Senhor.

— Essa não está má — disse Chicot -, pois não se havia de saber mais coisa alguma? Se não tivéssemos conseguido mais do que isso a troco de cento e setenta e cinco mil libras, era um grande roubo que se fazia a el-rei.

— Fale, chanceler — disse o rei.

— Já há chefes.

Chicot viu que o coração do duque batia por tal forma que se lhe conheciam as palpitações por fora do gibão.

— Ora, não há uma coisa assim! — disse Chicot — uma conspiração com chefes?

É assombroso! Contudo, ainda precisamos saber mais alguma novidade a troco das nossas cento e setenta e cinco mil libras.

— Os chefes. como se chamam os chefes? — perguntou o rei.

— Em primeiro lugar, um pregador, um fanático, um energúmeno, cujo nome comprei por dez mil libras.

— E fizeste bem!

— É um monge de Santa Genovéva, chamado Gorenflot.

— Pobre diabo! — disse Chicot com verdadeira mágoa. — Era sina dele, aquela aventura sempre lhe havia de ser fatal.

— Gorenflot — disse o rei escrevendo este nome -; muito bem. e depois?

— Depois. — disse o chanceler com alguma hesitação. — Isto é tudo o que sei, Real Senhor.

E Morvilliers tornou a correr pela reunião um olhar indagador e misterioso, parecendo querer dizer: Se Vossa Majestade estivesse só, contar-Lhe-ia muito mais.

— Diga, chanceler; todos quantos aqui me rodeiam são meus amigos. diga.

— Oh, meu Senhor, é que a pessoa cujo nome não me atrevo a proferir, também tem amigos muito poderosos.

— Ao meu lado?

— Por toda a parte.

— Serão acaso mais poderosos do que eu! — exclamou Henrique, pálido de cólera e de inquietação.

— Senhor, um segredo nunca se diz em altas vozes. Desculpe-me, eu sou homem de Estado.

— Tem razão.

— Disseste muito bem — exclamou Chicot -, mas todos nós aqui presentes somos homens de Estado.

— Senhor — disse o duque de Anju — vamos ter a honra de pedir vénia a el-rei para nos retirarmos, se a comunicação não pode ser feita na nossa presença.

O Sr. de Morvilliers ainda hesitava. Chicot espreitava-lhe os mais insignificantes gestos, com receio de que o chanceler, assim mesmo, simples como parecia ser, não tivesse conseguido descobrir alguma coisa mais importante do que as suas primeiras revelações.

O rei fez sinal ao chanceler que se aproximasse dele, ao duque de Anju que ficasse onde estava, a Chicot que estivesse calado, e aos três validos que olhassem para outra parte.

O Sr. de Morvilliers debruçou-se imediatamente ao ouvido de Sua Majestade; mas ainda não tinha feito metade do movimento, regulado segundo todas as leis da etiqueta, quando ouviu imenso alarido no pátio do Louvre. O rei endireitou-se logo na sua cadeira; os Srs. de 281

Quélus e d'Épernon correram à janela; e o Sr. de Anju levou a mão à espada, como se aquele motim tão ameaçador fosse dirigido contra ele.

Chicot, pondo-se nos bicos dos pés, via ao mesmo tempo o que se passava no pátio e na sala em que estava.

— Ora esta, é o Sr. de Guisa — exclamou ele -; o Sr. de Guisa que entra no Louvre. O rei fez um movimento.

— É verdade — disseram os fidalgos.

— O duque de Guisa? — balbuciou o Sr. de Anju.

— Parece-me uma ocorrência bem singular. não é verdade? Esta vinda do Sr. de Guisa a Paris — disse muito vagarosamente o rei, o qual acabava de ler no olhar espavorido do Sr. de Morvilliers o nome que este não tinha tido tempo de Lhe dizer ao ouvido.

— A comunicação que desejava fazer-me dizia respeito, porventura, a meu primo de Guisa? — perguntou ele em voz baixa ao



magistrado.

— Sim, Real Senhor; era ele quem presidia à sessão — respondeu o chanceler no mesmo metal de voz.

— E os outros?.

— Não sei que haja outros.

Henrique consultou Chicot com os olhos.

— Cos demónios — exclamou o gascão tomando uma atitude de rei -, mande entrar meu primo de Guisa!

E chegando-se ao ouvido de Henrique:

— Parece-me que deste já tu sabes o nome — disse ele -, e que não precisas escrevê-lo no teu livrinho de lembranças.

Os porteiros abriram a porta com estrépito.

— Meia porta, Senhores — disse Henrique — meia porta! A porta aberta de par em par é só para el-rei!

O duque de Guisa, que já vinha pela galeria adiante, ouviu forçosamente estas palavras; mas não mostrou alteração alguma no semblante risonho com que se dirigia a falar ao rei.

## XXXVI

### POR QUE O SR. DE GUISA IA AO LOUVRE

Atrás do Sr. de Guisa vinham em grande número oficiais, cortesãos e Fidalgos; e na retaguarda de tão brilhante escolta vinha o povo, que formava uma comitiva menos aparatosa por certo, porém mais segura, e sobretudo mais temível.

Entretanto os fidalgos tinham entrado no paço, enquanto o povo tinha ficado à porta. Era do meio daquele povo que partiam os gritos, ainda no momento em que o duque de Guisa, que ele havia perdido de vista, entrava na galeria.

A guarda real, à vista daquela espécie de exército que formava o cortejo do herói parisiense sempre que ele aparecia na rua, tinha corrido às armas, e os soldados, formados na retaguarda do seu valente coronel, dirigiam para o povo vistas ameaçadoras, e para o triunfador uma provocação muda.

O duque de Guisa tinha notado a atitude dos soldados do comando de Crillon; cortejou com afabilidade o coronel, que estava de espada desembainhada na frente do seu corpo, mas este conservou-se perfilado e impassível, encarando-o com desdenhosa imobilidade.

Aquela revolta dum homem e dum regimento todo contra o seu poder, tão geralmente reconhecido, deu que cismar ao duque. O seu semblante tornou-se por um instante pensativo; porém, à medida que se ia aproximando do rei, foi amenizando o parecer; de forma que, quando chegou à sala onde estava Henrique III, entrou sorrindo como já vimos.

— Ah, é o primo? — disse o rei; — que alarido causou a sua entrada! Não tocaram as trombetas também? Pareceu-me tê-las ouvido.

— Real Senhor — disse o duque -, as trombetas só tocam em Paris para el-rei, em campanha para o general; e a prática que tenho dos estilos da corte e das leis militares nunca me deixaria cometer semelhante erro. As trombetas aqui fariam demasiado ruído para um súbdito; no arraial, porém, não seriam suficientes para saudar um príncipe.

Henrique mordeu os beiços.

— Sim senhor! — disse ele, depois dum instante de silêncio que empregou em medir o príncipe dos pés à cabeça. — Vem muito guapo, primo! Foi hoje que chegou do cerco de La Charité?

— É verdade meu Senhor, só hoje cheguei — respondeu o duque

corando imperceptivelmente.

— Por minha fé, meu primo, que nos dá muita honra a sua visita. muita honra, muita honra.

Henrique III costumava repetir as palavras quando queria encobrir a afluência das ideias, da mesma forma que se condensam as fileiras de soldados na frente duma bateria, enquanto não chega a ocasião de a desmascarar.

— Muita honra — repetiu Chicot com uma intonação tão exacta, que parecia terem sido ainda aquelas duas palavras proferidas pelo rei.

— Real Senhor — disse o duque -, Vossa Majestade quer zombar por certo: como pode a minha visita honrar aquele de quem dimana toda a honra?

— Quero dizer, Sr. de Guisa — replicou Henrique -, que todo o bom católico tem por costume, ao regressar duma campanha, ir adorar a Deus, em primeiro lugar, a algum dos seus templos; o rei está abaixo de Deus. Glorifique a Deus e sirva a el-rei, é este, como sabe, meu primo, um axioma meio religioso, meio político.

Desta vez corou distintamente o duque de Guisa; o rei, que tinha encarado o duque enquanto lhe falava, reparou na vermelhidão que lhe assomou ao rosto, e o seu olhar guiado por um movimento de instinto, tendo passado do duque de Guisa para o duque de Anju, notou que o seu querido irmão estava tão desmaiado quanto o seu guapo primo estava vermelho.

Aquela comoção, que assim se traduzia por dois modos tão opostos, impressionou-o vivamente.

Desviou os olhos sem affectação, e assumiu uma aparência de afabilidade, pois ninguém melhor do que Henrique III sabia encobrir as garras reais.

— Em todo o caso, duque, muito folgo de que escapasse a todas as perigosas vicissitudes da guerra, onde, segundo me consta, procura sempre os perigos com temerário arrojo. Porém os perigos conhecem-

no, e fogem do primo.

O duque inclinou-se para agradecer este cumprimento.

— Dir-lhe-ei, contudo, primo, que não seja tão ambicioso de perigos mortais; pois a sua falta grande mágoa causaria a mandriões como nós; que somente servimos para dormir, comer, e andar à caça, e cujas únicas conquistas se cifram em inventar alguma moda, ou alguma oração nova.

— Sim, meu Senhor — respondeu o duque pegando nas últimas palavras -; todos nós sabemos que Vossa Majestade é um rei sábio e religioso, e que nunca, por caso algum, perde de vista a glória de Deus e os interesses da Igreja. E é esse o motivo por que viemos com tanta confiança à presença de Vossa Majestade.

— Olha para a confiança de teu primo, Henrique — disse Chicot mostrando ao rei os Fidalgos que se conservavam respeitosa da parte de fora do aposento -; deixou uma terça parte dela à porta do teu gabinete, e as outras duas terças partes à entrada do Louvre.

— Com confiança?. — repetiu Henrique — e acaso não vem sempre com confiança à minha presença, primo?.

— Eu me explico, Senhor: a confiança a que aludo é relativamente à proposta que tenciono fazer-Lhe.

— Ah. ah! Tem a propor-me alguma coisa, primo? Nesse caso, fale com confiança, como diz, com toda a confiança. Que tem, pois, a propor-me?

— A execução da ideia mais sublime que tem aparecido no mundo cristão, desde que as cruzadas se tornaram impossíveis.

— Fale, duque.

— Senhor — prosseguiu o duque levantando a voz de maneira a ser ouvida na antessala — : o título de Rei Cristianíssimo não é uma palavra vã; obriga a pessoa que dele usa a mostrar um zelo ardente pela defesa da Religião. O Filho mais velho da Igreja, e esse é o seu título, Real Senhor, deve mostrar-se sempre pronto a defender sua mãe.

— Ora esta! — disse Chicot. — O meu primo a pregar com uma imensa durindana ao lado e um capacete na cabeça! Que coisa tão célebre! Já não me admira que os frades queiram ser guerreiros. Henrique, desde já te peço um regimento para Gorenflot.

O duque fingiu não ter ouvido. Henrique cruzou as pernas uma sobre a outra, descansou o cotovelo nos joelhos, e encaixou a barba na mão.

— Estará porventura a Igreja ameaçada pelos Sarracenos, meu caro duque? — perguntou ele. — Ou dar-se-á o caso que o duque aspire ao título de rei. de Jerusalém?.

— Senhor — replicou o duque -, creia Vossa Majestade que o único motivo por que toda aquela afluência de povo me seguia vitoriando o meu nome, era para recompensar o muito ardor e zelo com que defendo a Fé. Já tive a honra de falar a Vossa Majestade, antes da sua elevação ao trono, num projecto de aliança entre todos os verdadeiros católicos.

— Sim, sim — disse Chicot -, sim bem me recordo; a Liga, Henrique; a Liga, por S. Bartolomeu, a Lia meu rei Por minha fé que tens uma memória muito infeliz se já não te lembras duma ideia tão luminosa.

O duque voltou-se ao ouvir estas palavras, e olhou com desprezo para o indivíduo que acabava de as proferir; mal sabia ele o peso que elas tinham no espírito do rei depois das recentes revelações do Sr. de Morvilliers.

O duque de Anju assustou-se, e levando um dedo à boca, fitou os olhos no duque de Guisa, conservando-se pálido e imóvel como a estátua da circunspecção.

O rei, desta vez, não dava fé do sinal de inteligência que ligava entre si os interesses dos dois príncipes; porém Chicot, fingindo que lhe queria espetar uma galinha de papel na cadeia de rubis que tinha no gorro, chegou-se-Lhe ao ouvido, e disselhe baixinho:

— Olha para teu irmão, Henrique.

Henrique levantou imediatamente os olhos; o dedo do duque abaixou-se quase no mesmo instante; mas já era tarde. Henrique tinha visto o movimento e adivinhado a recomendação.

— Senhor — prosseguiu o duque de Guisa, que tinha reparado na acção de Chicot mas não pudera ouvir as palavras que ele dissera -, os católicos puseram com efeito à associação de que se trata, o nome de Liga Santa, e o seu fim principal é proteger o trono contra os huguenotes, seus inimigos mortais.

— Disseste muito bem! — exclamou Chicot. — Aprovo pedibus et nutus.

— Porém — continuou o duque — não basta associar-nos, não basta formarmos uma massa, por muito compacta que seja; é necessário dar-lhe uma direcção. Ora pois, num reino como este de França, a reunião de muitos milhões de homens não pode efectuar-se sem o consentimento de el-rei.

— Muitos milhões de homens? — disse Henrique, sem procurar esconder uma admiração que muito se assemelhava a medo.

— Muitos milhões de homens. — repetiu Chicot. — Um insignificante núcleo de descontentes, que se for cultivado, como espero, por mãos de gente hábil, há-de produzir lindos frutos.

O duque, desta vez, pareceu perder a paciência; mordeu os beiços com gesto desdenhoso, e agitando o pé, como quem desejava mas não se atrevia a bater com ele no chão, disse para el-rei.

— Muito me admira, Senhor, que Vossa Majestade consinta que me interrompam tanto a miúdo, quando estou tendo a honra de Lhe falar em negócios tão sérios.

Chicot, ao ouvir esta demonstração, a que pareceu dar o devido peso, olhou enfurecido em volta de si, e, imitando a voz esganiçada do meirinho do Parlamento, exclamou:

— Silêncio, quando não, eu lhes mostrarei quem sou!

— Muitos milhões de homens!. — repetiu o rei, que não podia engolir tamanho algarismo; — isso é muito lisonjeiro para a religião

católica; mas, em presença desse muitos milhões de sócios, quantos são então os protestantes que há no meu reino?

O duque pareceu reflectir.

— Quatro — disse Chicot.

Esta nova pilhéria fez desatar numa gargalhada os amigos do rei, enquanto que o duque de Guisa encrespava as sobrancelhas, e os fidalgos que estavam na antessala iam começando a murmurar em altas vozes contra o atrevimento do gascão.

O rei voltou-se vagarosamente para a porta de onde provinham os murmúrios, e como Henrique, quando queria, tinha um olhar cheio de dignidade, cessou logo todo o rumor.

Depois, volvendo os olhos para o duque, e sempre com a mesma expressão, disse:

— Afinal, Senhor Duque, que pretende de mim?. Fale. fale.

— Pretendo, Real Senhor, porque tenho mais a peito a popularidade do meu rei do que a minha própria, pretendo que Vossa Majestade mostre claramente que nos é tão superior no seu zelo pela religião católica como em tudo o mais, e que prive assim os descontentes dum pretexto para tornarem a atear a guerra civil.

— Ah, se é de guerra que se trata, meu primo — disse Henrique -, tenho tropas, e, sem irmos mais longe, parece-me que o duque abandonou, para me dar tão excelentes conselhos, as que tem debaixo das suas ordens, e que são perto de vinte e cinco mil homens.

— Meu Senhor, falei em guerra, mas não expliquei previamente, como cumpria, o meu pensamento.

— Pois explique-se agora, primo; é um hábil general, e não poderá duvidar do gosto que hei-de ter em ouvir discorrer sobre esse assunto.

— Eu queria dizer, Real Senhor, que neste tempo em que vivemos, os reis vêm-se obrigados a sustentar duas guerras: a guerra moral, se me é lícito assim dizer, e a guerra política; a guerra contra as ideias, e a guerra contra os homens.

— Com todos os demónios! — disse Chicot. — Que exposição tão eloquente!

— Silêncio, bobo! — disse o rei.

— Os homens — prosseguiu o duque — são visíveis, palpáveis, mortais; podem ser alcançados, atacados e batidos; mandam-se processar e enforcam-se, ou faz-se-lhes melhor ainda.

— Sim — disse Chicot -, mandam-se enforcar sem os processar; é mais sumário e mais em harmonia com a dignidade da coroa.

— Porém as ideias — continuou o duque -, não é possível alcançá-las assim, meu Senhor; introduzem-se, conservando-se sempre invisíveis; ocultam-se especialmente aos olhos daqueles que pretendem aniquilá-las; abrigam-se no íntimo dos corações, e lá deixam profundas raízes; e quanto mais se decepam os ramos imprudentes que aparecem por fora, mais robustas e inextirpáveis se tornam as raízes internas. Uma ideia, meu Senhor, é um anão gigante, e é indispensável vigiá-la de noite e de dia; porque a ideia que ontem se arrastava aos seus pés, aparecerá amanhã sobranceira à sua cabeça. Uma ideia, Senhor, é o mesmo que a centelha que cai sobre o colmo; é preciso ter muito boa vista para poder conhecer de dia o princípio do incêndio, e eis aí, Senhor, o motivo por que são indispensáveis milhões de vigias.

— Estão bem arranjados os quatro huguenotes existentes em França — exclamou Chicot — , coitados, tenho dó deles!

— E era para dirigir esses vigias a que me refiro — prosseguiu o duque — que eu queria propor a Vossa Majestade que se servisse nomear um chefe para a Santa União.

— Concluiu primo? — perguntou Henrique ao duque.

— Sim, Real, Senhor, e falei sem rodeios, como Vossa Majestade viu.

Chicot soltou um enorme suspiro, enquanto que o duque de Anju, que já tinha esquecido o susto que tivera, se sorria para o príncipe lorenense.



— Então — disse o rei dirigindo-se às pessoas que o cercavam — qual é o vosso parecer, meus Senhores?

Chicot, sem responder coisa alguma, pegou no chapéu e nas luvas, e agarrando numa pele de leão que estava no meio do quarto, arrastou-a pela cauda para um canto, e deitou-se sobre ela.

— Que estás fazendo Chicot? — perguntou o rei.

— Senhor — respondeu Chicot -, sempre ouvi dizer que a noite dá bons conselhos.

E qual é o motivo por que isto se diz? É porque, de noite, dorme-se. Vou dormir, meu Senhor, e amanhã, depois de ter pensado no caso, responderei a meu primo de Guisa.

E, dizendo isto, estendeu-se até às garras da pele.

O duque dirigiu para o gascão um olhar furioso, ao qual este, abrindo um dos olhos, respondeu ressonando com uma bulha que parecia um trovão.

— Então, Real Senhor — perguntou o duque -, qual é o parecer de Vossa Majestade?

— Parece-me, como sempre, que tem razão, meu primo; convoque pois os principais membros da Liga, venha à testa deles, e então escolherei o homem que mais convier para bem da Religião.

— E quando há-de isso ser, meu Senhor? — perguntou o duque.

— Amanhã.

E ao proferir esta última palavra, dividiu habilmente o sorriso com que a acompanhou. A primeira parte foi para o duque de Guisa, e a segunda para o duque de Anju.

Este último ia para se retirar com a corte, mas ao primeiro passo que deu com essa intenção:

— Fique meu irmão — disse Henrique -, tenho que falar-Lhe.

O duque, de Guisa carregou um instante com a mão na testa como para comprimir os pensamentos que Lhe ferviam na cabeça, e logo

saiu com toda a sua comitiva, que desapareceu por baixo das abóbadas.

Dali a um instante ouviram-se os gritos da multidão, que o vitoriava à saída do Louvre, como o havia saudado à entrada.

Chicot continuava a ressonar, mas não nos atrevemos a afirmar que dormia de veras.

## XXXVII

### CASTOR

Tinha o rei despedido todos os validos, ao passo que dissera ao irmão que ficasse. O duque de Anju, que durante toda a cena precedente tinha conseguido conservar uma atitude de indiferença aos olhos de todos, menos aos de Chicot e do duque de Guisa, aceitou sem desconfiança o convite de Henrique. Ele não tinha reparado no olhar que lhe dirigira o rei em consequência da advertência de Chicot e na ocasião em que havia levado o dedo à boca.

— Meu irmão — disse Henrique, depois de se ter certificado que, à excepção de Chicot, ninguém tinha ficado no gabinete, e andando a passos largos da porta para a janela -, sempre lhe digo que sou um príncipe bem feliz!

— Senhor — retorqui o duque -, a felicidade de Vossa Majestade, se na realidade Vossa Majestade se considera feliz, não é senão a recompensa que o Céu deve aos seus merecimentos.

Henrique olhou para o irmão.

— Sim, muito feliz — replicou ele -, porque quando alguma ideia luminosa não me ocorre a mim, ocorre a alguma das pessoas que me

cercam. Ora esta ideia que acaba de ter meu primo de Guisa é muito luminosa.

O duque inclinou-se em sinal de adesão.

Chicot abriu um olho, como se não ouvisse tão bem com ambos os olhos fechados, e como se procurasse ver o rosto do rei para entender melhor o sentido das palavras que ele proferia.

— E com efeito — prosseguiu Henrique -, reunir em volta da mesma bandeira todos os católicos, transformar o reino todo em defensores da Igreja, armar assim toda a França, desde a Bretanha até à Borgonha, por forma tal que sempre hei-de ter um exército pronto a marchar contra os Ingleses, os Flamengos, ou os Espanhóis, sem que os Flamengos, os Espanhóis, ou os Ingleses possam nunca assustar-se com os meus preparativos, digo-Lhe, na verdade, Francisco, que é um pensamento magnífico!

— Mas não é assim, Senhor?. — disse o duque de Anju, contentíssimo por ver que seu irmão abundava nas ideias do duque de Guisa, seu aliado.

— É; e confesso-Lhe que me sinto disposto de todo o coração a remunerar com liberalidade o autor de tão excelente projecto.

Chicot abriu os dois olhos, mas logo os tornou a fechar; acabava de surpreender na fisionomia do rei um daqueles sorrisos imperceptíveis, que só eram visíveis para ele, que conhecia o seu Henrique melhor do que ninguém; aquele sorriso bastava-Lhe.

— Sim — continuou o rei -, ainda repito, esse projecto merece uma remuneração, e não há nada que eu não seja capaz de fazer a favor de quem o concebeu. Diga-me, Francisco, o duque de Guisa é realmente pai de tão sublime obra, porque a obra já está começada, não é assim, meu irmão?

O duque de Anju deu a entender, com um aceno, que efectivamente já o negócio tinha tido um princípio de execução.

— De melhor para melhor — replicou o rei. — Disse-Lhe há pouco que me considerava um príncipe feliz; deveria ter dito

demasiadamente feliz, Francisco, porque não somente ocorrem semelhantes ideias aos meus parentes, mas até chega a tal ponto o empenho que têm de serem úteis ao seu rei e parente, que as põem logo em execução; porém, perguntava-lhe eu, meu querido Francisco — disse Henrique pondo a mão no ombro do irmão -, se era realmente a meu primo de Guisa que eu devia agradecer aquele pensamento.

— Não, meu Senhor, o cardeal de Lorena já tinha tido a mesma lembrança há mais de vinte anos, e foi o dia de S. Bartolomeu unicamente que obstou à execução dela, ou pelo menos a tornou inútil momentaneamente.

Ah, que desgraça que é ter falecido o cardeal de Locena. — disse Henrique.

— Tê-lo-ia feito eleger Papa quando morresse Sua Santidade Gregório XIII; mas também é verdade — prosseguiu Henrique com aquela admirável candura que o tornava o primeiro cómico do seu reino — que o sobrinho herdou a ideia, e fê-la frutificar. Infelizmente não posso fazê-lo Papa; mas hei-de fazê-lo. o que poderei eu fazê-lo, que ele não seja já, Francisco?

— Senhor — replicou Francisco, perfeitamente iludido pelas palavras do irmão -, está exagerando os merecimentos do primo; a ideia que ele teve não é mais do que uma herança, como bem disse, e houve um homem que muito o ajudou a fazer valer a tal herança.

— Foi o irmão cardeal, não é verdade?

— Não há dúvida que também concorreu; mas não foi esse.

— Então foi o Maiena?

— Oh, Senhor — exclamou o duque -, faz-lhe demasiada honra!

— É verdade. Como é possível que semelhante carniceiro pudesse ter uma ideia política?. Mas a quem devo então agradecer esse auxílio prestado a meu primo de Guisa, Henrique?

— A mim, Senhor — respondeu o duque.

— Ao mano? — exclamou Henrique fingendo-se muito admirado.

Chicot tornou a abrir um olho.

O duque inclinou-se.

— Pois quê? — disse Henrique. — Quando todos estavam em guerra aberta contra mim: os pregadores contra os meus vícios, os doutores da política contra os meus erros; enquanto os meus amigos se riam da minha impotência; enquanto a situação se tinha tornado tão complicada, que eu ia emagrecendo a olhos vistos e criando cabelos brancos, ocorreu-Lhe uma tal ideia, Francisco? Ao mano, que — devo confessar a verdade, porque o homem é fraco e os reis são cegos — ao mano, que eu nem sempre considerava meu amigo? Ah! Francisco, quanto sou criminoso!

E Henrique, enternecido e com os olhos arrasados de lágrimas, estendeu a mão ao duque. Chicot abriu os dois olhos.

— Oh — prosseguiu Henrique -, é porque a ideia é triunfante. Eu não podia impor contribuições nem levantar tropas sem dar lugar a clamores; não podia passear, nem dormir, nem namorar, sem que se rissem de mim; eis senão quando, a ideia do Sr. de Guisa, ou, para melhor dizer, a sua ideia, meu irmão, dá-me a um tempo exército, dinheiro, amigos, e descanso! Agora, para que este descanso dure, Francisco, só é necessário uma coisa.

— Qual?

— Meu primo falou, ainda há pouco, em dar um chefe a todo esse movimento.

— Sim, não há dúvida.

— O chefe de que precisa, Francisco, não pode ser nenhum dos meus validos, como muito bem sabe; nenhum deles tem o talento e o ânimo indispensáveis para tamanha empresa. Quélus é valente, mas o desgraçado não cura senão de amores.

Maugiron é valente, mas é um presumido que só trata de se embonocar. Schomberg é valente, mas não fura paredes; os meus melhores amigos o confessam. D'Épernon é valente, mas é um hipócrita completo, em quem eu não me fiaria um único instante, se

bem que lhe mostro boa cara. Porém, como sabe, Francisco — disse Henrique tornando-se ainda mais afável -, um dos maiores dissabores dos reis é a necessidade constante em que estão de dissimularem. E por isso — acrescentou Henrique -, quando posso falar com o coração nas mãos, como neste momento, ah, então respiro!

Chicot tornou a fechar os olhos.

— Ora bem, dizia eu pois — prosseguiu Henrique -, que se meu primo de Guisa teve aquela ideia, em cujo desenvolvimento tamanha parte lhe coube, Francisco, é ele que deve ser incumbido de a pôr em execução.

— Que diz, Senhor? — exclamou Francisco arquejando de receio.

— Digo que, para dirigir um movimento de semelhante natureza, é preciso um grande príncipe.

— Senhor, tenha cautela.

— Um bom cabo-de-guerra, um hábil negociador.

Um hábil negociador, sobretudo — repetiu o duque.

— Pois então, Francisco, parece-Lhe que para tal cargo não convém por todos os motivos o Sr. de Guisa?.

— Meu irmão — respondeu Francisco -, o Sr. de Guisa já é muito poderoso.

— Sim, não há dúvida, mas o seu poder contribui para a minha força.

— O duque de Guisa influi no exército e nos burgueses; o cardeal de Lorena tem influência na Igreja; Maiena é um instrumento na mão dos dois irmãos; vai pois reunir-se muito poderio numa única casa.

— É verdade. — disse Henrique -, já me lembrou isso mesmo, Francisco.

— Se os Guisas fossem príncipes franceses, ainda esse passo seria desculpável, pois teriam interesse em engrandecer a casa real de França.

— É verdade; mas, pelo contrário, são príncipes lorenos.

— E numa casa que sempre foi rival da nossa.

— Olhe, Francisco, agora acertou. Juro-Lhe que não o tinha em conta de tão profundo político; pois é verdade, o que me faz emagrecer e criar cãs, é esta elevação da casa de Lorena a par da nossa; não se passa um único dia, Francisco, sem que algum destes três Guisas (porque, como bem disse, todos três podem muito), não se passa um único dia sem que um deles — ou o duque, ou o cardeal, ou o Maiena, — não me arranque algum fragmento do meu poder, algum retalho das minhas prerrogativas, seja por atrevimento, ou por astúcia, ou por força, ou por manha, sem que eu, pobre, fraco e abandonado como me encontro, possa reagir contra eles. Ah, Francisco, se tivéssemos tido esta explicação há mais tempo, se eu tivesse podido ler no seu coração como estou lendo neste momento, é fora de dúvida que, vendo eu que encontrava apoio no mano, teria resistido muito melhor; mas agora, como vê, já é tarde.

— Porquê?

— Porque seria necessário uma luta, e confesso-Lhe que me aborrece lutar; nomeá-lo-ei pois para chefe da Liga.

— Pois fará mal, meu irmão — disse Francisco.

— Mas quem quer que eu nomeie, Francisco? Quem aceitará um cargo tão perigoso?

E depois, viu qual era a ideia do duque? Era que eu o nomeasse para chefe da Liga.

— Mas que tem isso?

— É que ficará olhando como inimigo a todo e qualquer indivíduo que eu nomear em seu lugar.

— Nesse caso nomeie um homem bastante poderoso para que a sua força, apoiando-se na de Vossa Majestade, nada tenha que recear da força e do poder dos três lorenos reunidos.

— Ah, meu bom irmão — disse Henrique como quem desanima -,

não conheço pessoa alguma que esteja no caso que aponta.

— Procure em redor de si, Senhor.

— Em redor de mim? Não vejo senão meu irmão e Chicot, a quem eu possa considerar verdadeiramente como meus amigos.

Oh! oh! murmurou Chicot, também me quererá pregar alguma peça das suas, a mim?

E tornou a fechar os olhos.

— Então! — disse o duque. — Não percebeu ainda, meu irmão?.

Henrique encarou o duque de Anju, como se lhe tivesse caído uma venda dos olhos.

— Pois deveras? — exclamou ele.

Francisco fez um movimento afirmativo.

— Não é possível — disse Henrique -, nunca tal consentirei Francisco. É uma tarefa demasiadamente árdua; o mano nunca poderá acostumar-se a mandar fazer exercício militar aos burgueses; não quereria ter o incómodo de rever e corrigir os discursos dos pregadores, e, se fosse necessário brigar, não iria por certo fazer de carniceiro pelas ruas de Paris, transformadas em matadouro; é preciso para tudo isto um homem que tenha três corpos num só, como o Sr. de Guisa, com o braço direito que se chama Carlos, e com o esquerdo chamado Luís. Ora, não se pode negar que o duque desempenhou muito bem o ofício de matador no dia de S. Bartolomeu! Que Lhe parece, Francisco?

— Desempenhou-o bem de mais, Senhor.

— Sim, pode ser. Mas não respondeu à minha pergunta, Francisco. Pois quê, não se Lhe dava de levar a vida que acabei de descrever?. Quereria estar em contacto com as couraças amolgadas desses basbaques de Paris, e com as caçarolas que eles encaixam nos toutiços à laia de capacete? Pois quê? Havia de tornar-se popular o primeiro fidalgo da nossa corte! Por vida minha, meu irmão, sempre se muda muito com a idade!



— Nada disso eu seria talvez capaz de fazer por minha causa, Senhor; mas fá-lo-ei decerto para servir a Vossa Majestade.

— Meu bom irmão, meu excelente irmão! — disse Henrique enxugando com a ponta do dedo uma lágrima que nunca tinha existido.

— Visto isso — disse Francisco -, não Lhe desagradaria muito, Henrique, que eu tomasse à minha conta a tarefa de que tencionava incumbir o Sr. de Guisa?

— Desagradar-me a mim? — exclamou Henrique. — Cos demónios! Longe de me desagradar, dá-me pelo contrário muito gosto; de forma que o mano também tinha pensado na Liga. Tanto melhor, meu Deus! Com que então também Lhe cabe uma pequena parte na ideia? Que digo eu? Uma pequena parte. Não: a maior parte, segundo me disse. Coisa admirável! Estou na verdade cercado de gente de espírito superior, e reconheço que sou o maior asno do meu reino.

— Oh, Vossa Majestade está zombando!

— Eu? Deus me livre de tal! A situação é demasiadamente séria. Digo o que penso, Francisco; tirou-me dum grande embaraço, e tanto maior porque há algum tempo a esta parte, meu querido Francisco, sinto-me doente. As minhas faculdades vão perdendo o vigor; o meu médico Miron já por várias vezes me tem dado a entender. Mas, tornando ao negócio de que estávamos tratando: está definitivamente resolvido a aceitar a nomeação de chefe da Liga?

Francisco estremeceu de contentamento.

— Oh — disse ele -, se Vossa Majestade se dignasse depositar uma tal confiança em mim!...

— Confiança, disse o mano? Francisco, devo porventura ter algum receio da Liga por não ser o Sr. de Guisa o seu chefe? Julga que da Liga me poderá provir algum perigo?

Fale, meu caro Francisco, diga-me tudo.

— Oh, Real Senhor!... — exclamou o duque.

— Que loucura a minha! — replicou Henrique; — se assim fosse, meu irmão não se o fereceria para chefe dessa associação, ou, melhor ainda, logo que meu irmão estiver à testa dela cessa todo o perigo. Parece-me que isto que digo é lógico, e bem mostro que o mestre que me ensinou ganhou o seu dinheiro com consciência. Palavra de honra que não tenho receio algum. E demais, se um dia a Liga me incomodar e eu me resolver a desembainhar a espada contra ela, estou certo que há-de haver em França muito quem queira acompanhar-me.

— É verdade, meu Senhor — respondeu o duque com uma ingenuidade quase tão bem fingida como a do irmão -; o rei é sempre o rei.

Chicot tornou a abrir um olho.

— Não há dúvida! — replicou Henrique. — Mas, infelizmente, ocorre-me agora outra ideia... parece-me incrível como as ideias me fervem hoje na cabeça; há dias em que isto me sucede.

— Que ideia é essa, meu irmão? — perguntou o duque já inquieto, porque Lhe custava a crer que tão feliz acontecimento pudesse realizar-se sem algum estorvo.

— É que nosso primo Guisa, que se julga autor da invenção e que imaginou, naturalmente ser o chefe, há-de querer sem dúvida o comando...

— O comando, Senhor?

— Sem dúvida alguma; pois ele, se tanto trabalhou, foi provavelmente com a tenção de tirar algum proveito do incómodo que teve. Verdade seja, que, segundo o mano diz, também o coadjuvou. Olhe Francisco ele não é homem que consinta em ser vítima do sic vos non vobis... Sabe o que diz Virgílio: Nidificatis, aves.

— Oh, Senhor!...

— Francisco, ia apostar que é isto o que pensa. Ele bem sabe quanto eu sou descuidado.

— Sim. Mas logo que Vossa Majestade Lhe significar que é essa a sua vontade, há-de ceder.

— Ou fingirá que cede; e repito o que já lhe disse: tenha cautela, Francisco, que o nosso primo de Guisa tem os braços muito compridos, e não há outra pessoa em todo o reino, nem mesmo eu, que possa, como ele, tocar, quando estende os braços, com uma das mãos na Espanha e com a outra na Inglaterra, em D. João de Áustria e em Isabel.

Borbom não tinha a espada tão comprida como o braço do nosso primo de Guisa, e contudo bastante mal fez a Francisco I, nosso querido avô.

— Porém — respondeu Francisco -, se Vossa Majestade o julga tão perigoso, é mais uma razão para me dar o comando da Liga, a fim de o colocar entre o meu poder e o de Vossa Majestade, e, logo à primeira traição que ele quiser fazer, manda-se processar.

Chicot abriu o outro olho.

— Processá-lo? Francisco, processá-lo? Isso era bom para Luís XI, que era poderoso e rico. Luís XI podia mandar instaurar processos e levantar cadafalsos. Mas eu nem sequer tenho o dinheiro preciso para comprar a quantidade de veludo preto de que havia de carecer em tais circunstâncias.

E ao dizer estas palavras, Henrique, tendo-se animado gradualmente, apesar do império que tinha sobre si próprio, deixou escapar um olhar que o duque não pôde suportar.

Chicot tornou a fechar os olhos.

Houve um instante de silêncio entre os dois príncipes.

O rei foi o primeiro que o rompeu.

— É preciso, por consequência, evitar qualquer motivo de discórdia, meu querido Francisco — disse ele -; nada de guerras civis; nada de desavenças entre os meus súbditos. Eu sou filho de Henrique, o Batalhador e de Catarina, a Astuciosa; herdei parte da astúcia de minha boa mãe; vou mandar chamar o duque de Guisa, e hei-de fazer-lhe promessas tão lindas que o negócio há-de concluir-se amigavelmente.

— Senhor — exclamou o duque de Anju -, há-de conceder-me o

lugar de chefe, não é assim?

— Tenho essa tenção.

— Tem empenho em que eu o aceite?

— Muitíssimo.

— Assim o quer, finalmente?

— É o meu maior desejo; contudo não quero ferir a susceptibilidade do nosso primo de Guisa.

— Pois bem! Fique descansado — disse o duque de Anju -; se é esse o único obstáculo que reconhece à minha nomeação, encarrego-me de arranjar o negócio com o duque.

— E quando?

— Imediatamente.

— Vai pois ter com ele? Vai visitá-lo? Oh! meu irmão, atenda que é uma honra muito grande que lhe faz.

— Não, meu Senhor, não vou ter com ele.

— Como assim?

— É que ele está à minha espera.

— Onde?

— Nos meus aposentos.

— Nos seus aposentos? Mas eu ouvi os gritos do povo, vitoriando-o à saída do Louvre!...

— Sim, mas depois de ter saído pela porta principal, há-de ter tornado a entrar pela porta particular. El-rei tinha direito à primeira visita do duque de Guisa; mas eu tenho direito à segunda.

— Ah, meu irmão — disse Henrique -, quanto estimo que sustente assim as nossas prerrogativas, de que eu tenho às vezes a fraqueza de não fazer caso! Vá, pois, Francisco, e combine com ele.

O duque pegou na mão do irmão, e inclinou-se para a beijar.

— Que quer fazer, Francisco?. Nos meus braços, sobre o meu coração! — exclamou Henrique — é o lugar que Lhe compete.

E os dois irmãos abraçaram-se repetidas vezes; até que afinal, depois dum último abraço, o duque de Anju, restituído à liberdade, saiu do gabinete, atravessou rapidamente as galerias, e dirigiu-se apressadamente para os seus aposentos.

O rei, logo que o irmão saiu, deu um grito de cólera, e, encaminhando-se para o corredor particular que ia dar ao quarto de Margarida de Navarra, onde estava alojado o duque de Anju, foi colocar-se ao pé duma espécie de tímpano de onde podia ouvir a conversa que ia ter lugar entre os duques de Anju e de Guisa, com a mesma facilidade com que o tirano Dionísio ouvia do seu esconderijo as conversas dos seus prisioneiros.

— Cos diabos! — exclamou Chicot abrindo ambos os olhos ao mesmo tempo e sentando-se -, uma cena de família sempre é coisa muito terna! Cheguei a capacitar-me que estava no Olimpo, assistindo à reunião de Castor e Pólux, depois de terem estado separados durante seis meses.

## **XXXVIII**

### **ONDE SE DEMONSTRA QUE QUEM QUISER OUVIR DEVE ESCUTAR**

O duque de Anjou tinha vindo ter com o seu aliado o duque de Guisa, àquele mesmo quarto da rainha de Navarra onde outrora o Bearnês e de Mouy, falando ao ouvido um do outro, tinham combinado os seus planos de fuga; e falavam assim, porque o

prudente Henrique de Béarn bem sabia que no Louvre haviam poucos quartos que não fossem construídos de maneira tal que deixavam chegar as palavras, ainda mesmo proferidas a meia voz, ao ouvido do indivíduo que tinha empenho em as escutar.

O duque de Anju também não ignorava esta particularidade tão importante; mas completamente seduzido pela Lhaneza do irmão, nem tal Lhe lembrou, ou não Lhe deu importância.

Henrique III, como acabámos de dizer, entrou para o seu observatório no mesmo momento em que o irmão entrava no quarto; de forma que nenhuma das palavras dos dois interlocutores escapou ao rei.

— Então que há, meu Senhor — perguntou o duque de Guisa com vivacidade.

— Está fechada a sessão.

— Vossa Alteza estava muito pálido.

— Visivelmente? — perguntou o duque com algum sobressalto.

— Para mim, decerto que sim, meu Senhor.

— El-rei não repararia?

— Acho que não; mas Sua Majestade mandou ficar Vossa Alteza.

— Mandou, sim.

— Provavelmente para Lhe falar acerca da proposta que eu tinha ido fazer-Lhe?

— Foi isso mesmo.

Houve um instante de silêncio; e depois o duque de Guisa prosseguiu, dizendo:

— E qual é o parecer de Sua Majestade, meu Senhor?

— El-rei aprova a ideia; mas por isso mesmo que é um pensamento gigantesco, receia ver um homem como o senhor à testa de uma tal associação.

— Nesse caso já estamos encalhados?

— Parece-me que sim, meu querido duque, e desconfio que será suprimida a Liga.

— Cos demónios! — exclamou o duque; — isso seria morrer antes de ter nascido, acabar antes de ter começado.

— Tanto talento tem um como o outro — disse de manso uma voz estridente, que ressoou ao ouvido de Henrique trepado no seu observatório.

Henrique voltou-se, e viu estirado o corpo de Chicot, dobrado ao meio para escutar a outro buraco igual àquele onde estava o rei.

— Vieste atrás de mim, maroto! — exclamou o rei.

— Cala-te — disse Chicot acenando-lhe com a mão -; cala-te, meu filho, que não me deixas ouvir.

O rei encolheu os ombros; mas como Chicot, afinal de contas, era o único ente humano em quem ele depositava plena confiança, deixou-o ficar, e continuou a escutar.

O duque de Guisa tinha tornado a tomar a palavra.

— Meu Senhor — dizia ele -, parece-me que, dado esse caso, el-rei teria logo negado o seu consentimento; ele recebeu-me tão mal que não podia ter dúvida alguma em me dizer o que pensava. Acaso quererá afastar-me para longe dele?

— Penso que sim — respondeu o príncipe com alguma hesitação. — É capaz de dar cabo da nossa empresa, não é?

— Decerto — replicou o duque de Anju -, e como eu tinha começado o ataque, devia auxiliá-lo com todos os meus recursos, e assim fiz.

— Por que forma, meu Senhor?

— Consegui que el-rei deixasse, por assim dizer, a meu arbítrio reanimar ou matar para sempre a Liga.

— Como assim? — disse o duque lorenzo, cujo olhar fulgurou involuntariamente.

— Ouça-me; já se sabe que isto que vou dizer fica sujeito à aprovação dos membros influentes, percebe? Se em vez de nos expulsar, de dissolver a Liga, ele nomeasse um chefe favorável à empresa? Se em vez de elevar o duque de Guisa a esse cargo, ele o confiasse ao duque de Anju?

— Ah!... — disse o duque de Guisa, o qual não pôde reter a exclamação, nem comprimir o sangue que lhe subia ao rosto.

— Bom — disse Chicot -, os dois gozos vão brigar por causa do osso!

Porém, com grande admiração de Chicot, e sobretudo do rei, que sabia menos daquele assunto que Chicot, o duque de Guisa deixou de repente de se enfadar, e replicou com voz tranquila e quase alegre:

— É um hábil político, se acaso conseguiu isso — Consegui — respondeu o duque.

— Com muita rapidez...

— É verdade, mas devo dizer-Lhe que as circunstâncias me ajudavam, e que as aproveitei;

contudo, meu querido duque — acrescentou o príncipe -, o negócio não está tratado definitivamente, e eu não quis concluí-lo antes de falar com o duque.

— Por que razão, meu Senhor?

— Porque não sei ainda a que nos conduzirá tudo isto.

— Sei eu muito bem — disse Chicot.

— Parece-me que é uma conspiraçõzinha — disse Henrique, sorrindo-se.

— E da qual o Sr. de Morvilliers, que, segundo tu dizes, está sempre tão bem informado não te tinha falado. Mas deixa-me ouvir, que isto vai-se tornando interessante.

— Pois bem, eu lhe digo, meu Senhor, não a que nos conduzirá tudo isto, porque é segredo que só Deus sabe, mas sim para que nos poderá servir — replicou o duque de Guisa -; a Liga é um segundo



exército; ora, como eu governo o primeiro, e o meu irmão cardeal governa a Igreja, ninguém poderá resistir-nos enquanto nós nos conservarmos unidos.

— Sem contar — disse o duque de Anju — que eu sou o herdeiro presuntivo da coroa.

— Ah, ah! — disse Henrique.

— Ele tem razão — disse Chicot -; é por tua culpa, meu filho; tu teimas em conservar separadas as duas camisas de Nossa Senhora de Chartres.

— Pois meu Senhor, apesar de ser herdeiro presuntivo da coroa, calculo sempre o número das probabilidades contrárias.

— Duque, pensa acaso que não as pesei já mais de cem vezes?

— Há em primeiro lugar o rei de Navarra.

— Oh, esse não me mete medo; só cura dos seus amores com a Fosseuse.

— Está enganado, meu Senhor; é esse justamente quem há-de disputar-lhe a posse até dos próprios cordões da sua bolsa; está sem real, magro e esfomeado; parece-se com os gatos vagabundos que passam uma noite inteira sobre um telhado só porque sentiram o cheiro dum ratinho, enquanto que o gato que tem dono e anda gordo e bem tratado, nem se cansa a deitar as unhas fora do estojo do lustroso pêlo; o rei de Navarra está à espreita, e não perde de vista a Vossa Alteza nem a seu irmão; está com fome do seu trono. Deixe que suceda alguma desgraça à pessoa que nele se senta actualmente, e verá se são ou não elásticos os músculos do gato magro, e se é ou não capaz de armar um pulo de Pau a Paris para lhe fazer sentir as unhas; vê-lo-á, meu Senhor, vê-lo-á.

— Uma desgraça à pessoa que actualmente ocupa o trono?. — repetiu Francisco vagarosamente, e fitando ao mesmo tempo um olhar indagador no duque de Guisa.

— Ah, ah! — disse Chicot. — Ouve, Henrique: o Guisa está dizendo, ou por outra, vai dizer, coisas muito instrutivas, e de que te

aconselho que tomes nota.

— Sim, meu Senhor — repetiu o duque de Guisa -, uma desgraça. As desgraças não são pouco frequentes na sua família; o senhor sabe-o tão bem como eu, ou ainda melhor, talvez. Tem-se visto príncipes que estando de perfeita saúde, começam de repente a definhar; outros, persuadidos de que têm ainda muitos anos de vida, acham-se dum dia para o outro à beira da sepultura.

— Ouves, Henrique, ouves? — disse Chicot agarrando na mão do rei, que estava trémula e coberta de suor frio.

— Sim, é verdade — disse o duque de Anju com uma voz tão sumida, que o rei e Chicot tiveram de prestar a maior atenção para o poderem ouvir -, é verdade, os príncipes da minha família nascem debaixo de influências fatais; porém meu irmão Henrique III está, graças a Deus, robusto e são; já em outro tempo andou exposto às Fadigas da guerra, e resistiu a elas. Muito mais facilmente resistirá agora, que a sua vida consta apenas de uma não interrompida série de divertimentos, que lhe causam bem pouco abalo, comparado com o que lhe causava antigamente a guerra.

— Sim, mas lembre-se duma coisa, meu Senhor — replicou o duque -: é que os divertimentos que servem de distracção aos reis de França nem sempre são isentos de perigo, e tem um exemplo em seu pai, el-rei Henrique II, o qual, tendo escapado felizmente aos perigos da guerra, morreu numa das tais recreações de que fala. O Ferro da lança de Montgomery não tinha ponta, é verdade, e não podia fazer mossa numa couraça, mas pôde vazar um olho; o facto é que el-rei Henrique II morreu, e ninguém deixará de dizer, penso eu, que foi um acaso desgraçado. Dir-me-á que, passados quinze anos depois daquela desgraça, a rainha-mãe mandou prender o Sr. de Montgomery, que se julgava seguro por ter prescrito o tempo legal para se lhe instaurar processo, e Fê-lo degolar. É verdade, não há dúvida, mas o rei sempre morreu. Pelo que respeita a seu irmão, o defunto rei, Francisco — veja como a sua fraqueza de espírito, divorciando-o do povo, lhe foi nociva -, também morreu muito desgraçadamente esse pobre príncipe. Confesse, meu Senhor, que Foi uma doença muito célebre: uma dor de

ouvido!. Quem diabo julgaria que era um desastre?. Pois era, e muito sério. Direi mais: não falta quem assevere lá pelo meu acampamento, e aqui na cidade, e até na corte, que aquela doença mortal tinha sido deitada no ouvido de el-rei Francisco II por alguém a quem fizeram muito mal chamar acaso, porque tinha outro nome muito conhecido.

— Duque! — murmurou Francisco corando.

— Sim, meu Senhor, sim — prosseguiu o duque -; o título de rei tem provado mal há algum tempo a esta parte; a palavra rei é sinónimo de arriscado. Veja António de Borbom: não foi outra coisa senão o título de rei que Lhe acarretou aquele tiro de arcabuz no ombro, desgraça que para qualquer outro que não fosse rei, decerto não teria sido mortal, mas que a ele Lhe ocasionou a morte. O olho, o ouvido e o ombro já foram causa de muito luto em França, e isso me traz à memória que o seu Bussy fez uns versos lindos sobre este mesmo assunto.

— Que versos? — perguntou Henrique.

— Ora essa! — exclamou Chicot — pois não os sabes?

— Não.

— Visto isso, tu és um rei verdadeiro a quem encobrem essas coisas? Pois eu te digo: são uns versos em que se conta que a França perdeu três reis, pelo ouvido, pelo ombro, e pelo olho. Mas caluda! Tenho cá na minha ideia que teu irmão há-de dizer alguma coisa muito mais interessante.

— E a conclusão dos versos?

— Dir-ta-ei mais tarde, quando o Sr. de Bussy houver transformado a sua sextilha numa décima.

— Que queres dizer com isso?

— Quero dizer que ainda faltam duas personagens no quadro da família; mas ouve o Senhor Duque de Guisa vai falar, e ele não se há-de esquecer deles.

E com efeito o diálogo tornou a principiar no mesmo instante.

— Além de que, meu Senhor — replicou o duque de Guisa -, a história dos seus parentes e aliados não se encerra toda nos versos de Bussy.

— Então, que te dizia eu? — disse Chicot acotovelando Henrique.

— Esqueceu-lhe Joana d'Albret, mãe do Bearnês, que morreu pelo nariz por ter cheirado um par de luvas aromatizadas compradas na loja do florentino da Ponte de São Miguel; desgraça aquela que foi bem inesperada, e que causou tanta maior admiração a todos, por se saber quem eram as pessoas que naquele momento podiam tirar proveito daquela morte. Negará, porventura, duque, que a morte daquela senhora muito o surpreendeu?

A única resposta do duque foi um movimento de sobrancelhas, que lhe deu aos olhos encovados uma expressão ainda mais sombria.

— E a desgraça de el-rei Carlos IX, de que Vossa Alteza também se esqueceu?

— disse o duque de Guisa e contudo parece-me que também merece especial menção.

A este não lhe sobreveio o desastre nem pelos olhos, nem pelos ouvidos, nem pelo ombro, nem pelo nariz: foi pela boca.

— Que diz? — exclamou Francisco.

E Henrique III ouviu ressoar sobre o sobrado o passo que deu o irmão recuando espavorido.

— Sim, meu Senhor, pela boca — repetiu de Guisa -; são muito perigosos os livros que tratam de montaria e que têm as folhas pegadas umas às outras de tal modo, que para os folhear é preciso humedecer o dedo na boca a cada instante; as folhas dos livros velhos corrompem a saliva, e o homem que tem a saliva corrompida não vive muito tempo, ainda mesmo que seja rei.

— Duque, duque! — repetiu por duas vezes o príncipe. — Parece que faz gosto em estar a inventar crimes!

— Crimes? — repetiu de Guisa. — Quem lhe fala em crimes? Meu

Senhor, estou enumerando várias desgraças que têm sucedido, e mais nada; desgraças unicamente, percebeu?. Nem pretendo dar a entender que os desastres a que aludi deixem de ser obra do destino, Não Lhe parece que foi também um acaso bem desastrado o que aconteceu a el-rei Carlos IX andando à caça?

— Toma sentido — disse Chicot — tu, que és caçador, Henrique, há-de dar valor à história; ouve, ouve, deve ser coisa curiosa.

— Bem sei o que é — disse Henrique.

— Sabes? Mas não sei eu; porque ainda não tinha sido apresentado na corte quando o facto se deu; deixa-me ouvir, pois, meu filho.

— Sabe, meu Senhor, qual é a caçada a que me refiro? — prosseguiu o príncipe lorenorefiro-me àquela caçada na qual Vossa Alteza, com a louvável tenção de matar o javali que voltara atrás a acometer seu irmão, disparou com tamanha precipitação, que em vez de ferir o animal a que apontou, feriu o outro a que não havia apontado. Aquele tiro de arcabuz, meu Senhor, bem mostrou a todos quanto convém estar sempre em guarda contra os acasos na corte. Porque toda a gente sabe quanto é destro em atirar, meu Senhor. Vossa Alteza nunca erra a sua pontaria, e estou persuadido que muito admirado havia de ficar de ter errado naquela ocasião, e muito mais ainda porque deu azo a espalharem as más-línguas que aquela queda de el-rei, que ficou entalado debaixo do cavalo, poderia ter sido a causa da sua morte, se el-rei de Navarra não tivesse morto com tanta felicidade o javali que escapou do tiro de Vossa Alteza.

— E então? — disse o duque de Anju procurando recobrar a serenidade de ânimo que a ironia do duque de Guisa acabava de abalar tão cruelmente. — Que empenho podia eu ter em que morresse el-rei meu irmão, se o sucessor de Carlos IX tinha de ser Henrique III?

— Eu me explico, meu Senhor; já então havia um trono vago, que era o da Polónia.

Pela morte de el-rei Carlos IX ficava vago outro, que era o da França. Sei muito bem que seu irmão mais velho teria escolhido incontestavelmente o trono da França. Mas ainda assim, à falta de

coisa melhor, o trono da Polónia não era para desprezar; e muita gente há que, segundo me consta, tem cobiçado o pobre tronozito de el-rei de Navarra. E demais, sempre subia assim mais um degrau, sendo por consequência em proveito seu os desastres. El-rei Henrique III voltou de Varsóvia em dez dias; por que razão não teria Vossa Alteza feito, em caso de desastre, já se sabe, o mesmo que fez el-rei Henrique III?

Henrique III olhou para Chicot, que também o encarou com uma expressão de dó e afecto, inteiramente despida da malícia e do sarcasmo que geralmente se notava no olhar do bobo.

— Qual é a conclusão que tira de tudo isto, meu primo? — perguntou então o duque de Anju procurando pôr termo à conferência, na qual o duque de Guisa acabava de patentear dum modo claro e positivo o seu descontentamento.

— A minha conclusão, meu Senhor, é que todo o rei tem o seu desastre, conforme há pouco dissemos. Ora o senhor é o desastre inevitável de el-rei Henrique III, especialmente se for nomeado chefe da Liga, visto que ser chefe da Liga é quase o mesmo que ser rei do rei; e além de tudo isso, com essa sua nomeação para chefe da Liga, fica suprimido o desastre do próximo reinado de Vossa Alteza, isto é, o Bearnês.

— Próximo reinado!. ouves? — exclamou Henrique III.

— Boa dúvida, ouço, sim — replicou Chicot.

— De forma que. — disse o duque de Guisa.

— De forma que — repetiu o duque de Anju — devo aceitar, não é esse o seu parecer?

— Pois não — disse o príncipe lorenó -, suplico-lhe que aceite, meu Senhor.

— E o senhor, esta noite?

— Oh, fique descansado; os meus agentes estão em campo desde pela manhã, e Paris esta noite há-de oferecer um espectáculo bastante curioso.

— Que tencionarão fazer esta noite em Paris? — perguntou Henrique.

— Como, pois não adivinhas?.

— Não.

— Oh, sempre és muito pateta, meu filho!. Esta noite assina-se a Liga, publicamente, já se entende; porque há muito tempo que a assinam e tornam a assinar às escondidas; somente se esperava pelo teu consentimento; deste-lo esta manhã, e já esta noite passam a assinar; com o demónio, bem vês, Henrique, que os teus desastres, porque olha que são dois que tens. os teus desastres não esperdiçam o tempo.

— Muito bem — disse o duque de Anju -; até à noite, duque.

— Pois sim, até à noite — disse Henrique.

— Como? — replicou Chicot. — Queres aventurar-te a percorrer as ruas da tua capital esta noite, Henrique?

— Decerto.

— Fazes mal, Henrique.

— Porquê?

— Cuidado com os desastres!

— Hei-de ir acompanhado, deixa estar; e demais, vem comigo.

— Estás brincando! Pensas que sou algum huguenote, meu filho? Pois enganas-te.

Eu sou bom católico, e quero assinar a Liga, não só uma vez, mas dez, e cem, se for possível.

As vozes do duque de Anju e do duque de Guisa já se não ouviam.

— Ainda uma palavra — disse o rei detendo Chicot, que se dispunha a retirar-se -; que pensas tu de tudo isto?

— Penso que cada um dos reis teus predecessores ignorava o desastre de que Lhe havia de resultar a morte: Henrique II não tinha antevisto o caso do olho; nem Francisco II o do ouvido; nem António

de Borbom o do ombro; nem Joana d'Albret o do nariz; nem Carlos IX, finalmente, o da boca. Levas pois grande vantagem a eles todos, Henrique, porque conheces muito bem teu irmão, não é assim, Real Senhor?

— É, sim — respondeu Henrique e por Deus, não tardará muito tempo que vejam se o conheço.

## XXXIX

### A NOITE DA LIGA

Paris, como hoje o vemos, apenas apresenta em suas festas um ruído maior ou menor, uma multidão mais ou menos considerável; porém é sempre o mesmo ruído e sempre a mesma multidão; Paris de outrora tinha mais variedade.

Era uma linda perspectiva a que ofereciam, pelo meio das ruas estreitas, guarnecidas de casas com varandas salientes e telhados pontiagudos, e todas diferentes entre si, as miríades de indivíduos dirigindo-se todos para o mesmo ponto, e entretendo-se pelo caminho em olhar uns para os outros, para se admirarem, ou apuparem mutuamente por causa da singularidade deste ou daquele.

É porque, antigamente, os trajes, as armas, a linguagem, os gestos, a voz, o modo de andar, tudo diversificava, e todas essas mil diversidades juntas num só ponto formavam um todo curiosíssimo.

Era, pois, este o aspecto de Paris, às oito horas da noite, no dia em que o Sr. de Guisa, depois da sua visita ao rei e da conversação com o duque de Anju, se lembrou de fazer assinar a Liga pelos burgueses da capital do reino.

Grande número de burgueses, trajando os seus fatos mais ricos



como para uma função, ou cobertos das suas melhores armaduras como para uma revista ou combate, dirigia-se para as igrejas; o semblante de todos aqueles homens, movidos por igual sentimento e caminhando ao mesmo fim, era alegre e ameaçador ao mesmo tempo, especialmente quando passavam pela frente de algum corpo de guarda de suíços ou de cavalaria ligeira.

Aquela aparência aterradora, e mais que tudo os gritos, as apupadas e as bravatas que a acompanhavam, teriam incutido algum receio ao Sr. de Morvilliers, se este magistrado não conhecesse tão bem os bons dos Parisienses, gente escarniçadora e desinquieta, mas que nunca é a primeira em agredir, contanto que não sejam impelidos por algum amigo pérfido ou provocados por algum inimigo imprudente.

O que mais ainda aumentava o ruído que fazia toda aquela multidão e dava grande realce ao golpe de vista que apresentava, era que muitas mulheres, não tendo querido ficar em casa num dia tão solene, tinham acompanhado os maridos por força ou por vontade; algumas ainda tinham feito mais, tinham saído acompanhadas duma enfiada de filhos, e era divertido ver os fedelhos agarrados aos mosquetes monstruosos, às espadas gigantescas ou às terríveis alabardas dos pais. Sempre, em todos os tempos, em todas as épocas, em todos os séculos, o gaiato de Paris gostou de arrastar uma arma qualquer enquanto não a pode usar, ou de a admirar nas mãos dos mais quando ainda a não pode arrastar.

De espaço a espaço algum grupo, mais animado do que os outros, punha patentes à luz do dia as ferrugentas durindanas; era sobretudo quando passavam pela Frente de alguma casa que cheirava a huguenote que tinha lugar tão hostil demonstração.

Os rapazes então gritavam quanto podiam: Viva S. Bartolomeu!. meu. meu!. enquanto que os pais gritavam: Ao fogo os hereges! Ao fogo! Ao fogo! “

Estas vozearias atraíam logo às janelas o rosto desmaiado de alguma criada ou de algum padre vestido de preto, e davam lugar em seguida a sentirem-se correr os ferrolhos da porta da rua.

Então o burguês, sentindo-se feliz e orgulhoso como o coelho da Fábula, por ter metido medo a alguém mais pusilânime do que ele, prosseguia na sua carreira triunfante, e levava a outra parte a sua bulhenta e inofensiva ameaça.

Era na Rua da Árvore Seca especialmente que o ajuntamento era maior. A circulação da rua tinha sido literalmente interceptada, e a multidão apressada e tumultuosa dirigia-se para uma lanterna grande suspensa por baixo de um letreiro, que muitos dos nossos leitores hão-de reconhecer, quando Lhes dissermos que o letreiro de que se trata representava um frango ao natural sobre campo azul, com a legenda: A ESTRELA BRILHANTE.

À porta deste estabelecimento, um homem notável pelo seu barrete de algodão, de forma quadrada segundo a moda do tempo, e que encobria uma cabeça perfeitamente calva, perorava e argumentava.

Esta personagem brandia com uma das mãos uma espada desembainhada, e com a outra apontava para um registo que tinha quase todas as folhas já cheias de assinaturas, bradando ao mesmo tempo:

— Venham, venham, honrados católicos! Entrem na hospedaria da Estrela Brilhante onde encontram bom vinho e cara alegre; entrem, meus Senhores, que a ocasião é favorável; esta noite hão-de ser apartados os bons dos maus; amanhã pela manhã há-de estar o trigo limpo do joio; venham, meus senhores! Os que sabem escrever, entrem e escrevam; os que não sabem escrever, entrem também, e confiem os seus nomes e apelidos, ou a mim, mestre La Hurière, ou ao meu ajudante, mestre Croquentin.

Efectivamente, Croquentin, galucho da província do Périgord, vestido de branco como Eliacim, e com o corpo cingido por uma corda, na qual uma faca e um tinteiro ocupavam o espaço compreendido entre a última e a penúltima costela, Croquentin, dizíamos, ia escrevendo já de antemão os nomes dos seus vizinhos, e na cabeça do rol, o nome do seu respeitável patrão, La Hurière.

— Meus Senhores, é pela missa! — berrava o estalajadeiro da

Estrela Brilhante.

— Meus Senhores, é pela Santa Religião! Viva a Santa Religião! Viva a missa!

E parava, sufocado pela comoção e pelo cansaço, porque aquele entusiasmo durava desde as quatro horas da tarde.

O resultado era que muitos indivíduos, animados de igual zelo, assinavam os seus nomes no registo de mestre La Hurière, se sabiam escrever, ou davam os nomes a Croquentin se não sabiam.

O caso era tanto mais lisonjeiro para La Hurière, por isso que a vizinhança da Igreja de S. Germano L'Auxerrois fazia-Lhe uma concorrência terrível; mas felizmente o número dos Fiéis era grande naquela época, e os dois estabelecimentos, em vez de se prejudicarem um ao outro, eram pelo contrário auxiliares recíprocos; todos aqueles que não tinham conseguido entrar na igreja para irem assentar os nomes ao altar-mor, onde estavam os livros, procuravam chegar aos estrados em que estavam colocadas as duas secretárias de La Hurière, e os que não tinham podido assinar nas secretárias de La Hurière iam para S. Germano L'Auxerrois, na esperança de lá serem mais bem sucedidos.

O dono da Estrela Brilhante logo que viu o seu registo cheio, bem como o de Croquentin, mandou pedir imediatamente outros dois, para que não houvesse interrupção alguma nas assinaturas, e tanto o estalajadeiro como o seu ajudante, exultando com aquele primeiro resultado, que devia dar a mestre La Hurière, no espírito do Sr. de Guisa, a posição elevada a que ele aspirava havia tanto tempo, renovaram os seus convites com maior furor.

Enquanto os signatários dos novos registos entregavam-se aos impulsos dum zelo que ia em contínuo aumento, e refluíam, como já dissemos, duma rua e mesmo dum bairro para o outro, apareceu de repente, no meio da multidão, um homem de elevada estatura, o qual, abrindo caminho a poder de muito soco e pontapé, chegou ao pé do registo do Sr. Croquentin.

Chegado ali, recebeu a pena da mão dum honrado burguês que

acabava de escrever o seu nome enfeitado com uma seta tremida, assinou-se em letras de meia polegada sobre uma lauda ainda branca, que logo ficou preta de alto a baixo, e, delineando uma seta heróica ornada de salpicos e intrincada como o labirinto de Dédalo, passou a pena a um cidadão que estava atrás dele à espera de vez.

— Chicot — leu o futuro signatário -, safa! Que linda letra tem este senhor!

Era com efeito Chicot, o qual, não tendo querido, como já vimos, acompanhar Henrique, andava assinando a Liga por sua própria conta e risco. Chicot, depois de ter firmado o seu nome no registo do Sr. Croquentin, dirigiu-se ao de mestre La Hurière.

Este tinha reparado na vistosa assinatura do gascão, e invejara tão esplêndida firma para o seu livro.

Chicot foi pois recebido por ele, não diremos com os braços abertos mas com o registo aberto, e, tomando a pena da mão dum mercador de lãs da Rua de Béthisy; escreveu segunda vez o nome com uma seta cem vezes mais enfeitada do que a primeira; e logo que acabou de assinar, perguntou a La Hurière se acaso não tinha um terceiro registo.

La Hurière não era para graças, e fora da estalagem tinha muito mau modo. Olhou de revés para Chicot, que o encarou com ar de escárnio.

La Hurière murmurou o nome de herege, e Chicot resmungou o de taberneiro. La Hurière largou o registo para levar a mão à espada, e Chicot abandonou a pena para poder também desembainhar a sua; finalmente, a cena, segundo todas as probabilidades, ia terminar com algumas estocadas, em cujo jogo o dono da Estrela Brilhante teria de Ficar por certo de mau partido, quando Chicot sentiu que lhe tocavam no ombro, e voltou o rosto. O indivíduo que lhe havia tocado era o rei disfarçado em trajes de simples burguês, e acompanhado de Quélus e Maugiron, vestidos como ele, e trazendo cada um, além da espada, um arcabuz ao ombro.

— Então, então! — disse o rei. — Que é isto?. os bons católicos às brigas uns com os outros? Valha-nos Deus! que péssimo exemplo estão

dando!

— Cavaleiro — disse Chicot fingindo não conhecer Henrique -, não me deite as culpas a mim; é este maroto que está aqui a berrar para que a gente que passa lhe assine o nome no registo, e depois de apanhar as assinaturas agradece com uma descompostura.

Neste momento a atenção de La Hurière foi distraída pela chegada de mais curiosos, e um empurrão separou do estabelecimento do fanático estalajadeiro Chicot, o rei e os seus dois favoritos, Ficando todos quatro sobranceiros à reunião em consequência de terem trepado para o degrau duma porta.

— Que entusiasmo — disse Henrique de Valois -, e que disposições tão favoráveis para a Santa Religião que há hoje nas ruas da minha boa capital!

— Sim, meu Senhor, mas bem pouco favoráveis para os hereges, e Vossa Majestade bem sabe que o consideram como tal. Olhe para a esquerda. mais, mais ainda; ali; então? O que está vendo?

— Ah, ah! O imenso carão do Sr. de Maiena e o focinho agudo do cardeal.

— Cale-se, meu Senhor; o jogo por ora é seguro, porque nós sabemos onde estão os nossos inimigos, e eles não sabem onde nós estamos.

— Pensas que devo recear alguma coisa?

— Eu sei lá!. num apertão como este, ninguém sabe o que poderá suceder.

Encontra-se um homem que traz uma navalha aberta na algibeira, a navalha entra sem querer na barriga do que se aproximou dele; o sujeito solta uma praga e dá a alma ao Criador. Vamo-nos daqui, meu Senhor.

— Já me conheceram?

— Penso que não, mas não tardará que o conheçam, se nos demorarmos aqui mais tempo.

— Viva a missa! Viva a missa! — bradou uma onda de povo que vinha da Praça do Mercado, e entrava, como a maré na enchente, pela Rua da Árvore Seca.

— Viva o Sr. de Guisa! Viva o cardeal! Viva o Sr. de Maiena! — respondeu a multidão estacionada à porta de La Hurière, a qual acabava de conhecer os dois príncipes lorenos.

— Oh, oh! Que gritos são aqueles? — disse Henrique III carregando as sobrancelhas.

— São gritos que mostram que cada qual se deve conservar no lugar que Lhe compete: o Sr. de Guisa nas ruas, e Vossa Majestade no Louvre. Vá para o Louvre, meu Senhor, vá para o Louvre.

— E tu não vens connosco?

— Eu? Não, não vou por enquanto! Tu não precisas de mim, meu filho, tens os teus guardas. Anda, Quélus, anda, Maugiron! Eu por mim quero ver a função até ao fim. Acho-a, além de curiosa, muito divertida.

— Para onde vais então?

— Vou escrever o meu nome nos outros registos. Quero que haja amanhã mil autógrafos meus pelas ruas de Paris. — E estamos chegados ao cais; boa noite, meu Filho; volta para a direita, que eu volto para a esquerda; cada um de nós para o seu destino; desejo ir a Saint-Merry ouvir um pregador famoso.

— Oh, mas que novo alarido é aquele? — disse o rei subitamente. — E por que motivo correrão assim todos para a banda da Ponte Nova?

Chicot pôs-se nos bicos dos pés, mas não viu nada, a não ser um grupo de povo, aos gritos, aos berros, aos empurrões, parecendo trazer um objecto qualquer em triunfo.

De repente abriram-se as ondas dos populares no sítio onde o cais, alargando-se na frente da Rua das Lavadeiras, deu lugar a espalhar-se a multidão para a direita e para a esquerda, e um homem, que parecia ser a principal personagem de cena tão burlesca, foi impellido por

aquelas vagas humanas até aos pés do rei.

O homem em questão era um frade montado num burro; o frade falava e gesticulava.

O burro zurrava.

— Cos demónios! — disse Chicot logo que avistou o homem e o animal que acabava de entrar em cena. — Ainda há pouco te falei num pregador famoso que eu ia ouvir a Saint-Merry; já não é preciso ir tão longe, ouves este.

— Um pregador de burro? — disse Quélus.

— E porque não, meu filho?

— Parece-se com Sileno — disse Maugiron.

— Qual dos dois é o pregador? — disse Henrique. — Falam ambos ao mesmo tempo.

— O que está por baixo é o mais eloquente dos dois — respondeu Chicot -, mas o que está por cima é quem fala melhor francês; ouve, Henrique, ouve.

— Silêncio! — gritaram todos à uma. — Silêncio!

— Silêncio! — bradou Chicot com uma voz que se ouviu acima de todas.

Calaram-se todos. Formaram um círculo à roda do frade e do burro. O frade deu princípio ao exórdio.

— Meus irmãos — disse ele -, Paris é o orgulho do reino de França, e os Parisienses são gente muito espirituosa, nisso concordam todas as cantigas.

O burro, porém, fez um acompanhamento a estas palavras em tão altas vozes e com tanta perseverança, que cortou a palavra ao dono.

O povo desatou a rir.

— Cala-te, Panurgo, cala-te já — gritou o frade -; quando chegar a tua vez, então falarás. Mas deixa-me falar primeiro.

O burro calou-se.

— Meus irmãos — prosseguiu o pregador -, este mundo é um vale de lágrimas onde o homem, a maior parte do tempo, se vê obrigado a matar a sede com o próprio pranto.

— O homem está a cair de bêbado! — disse o rei.

— Está mesmo! — replicou Chicot.

— Eu, que estou aqui falando — continuou o monge — tal qual me vêm, voltei agora mesmo do desterro como os Hebreus, e há oito dias que estamos reduzidos a viver de esmolas e privações, Panurgo e eu.

— Quem é Panurgo? — perguntou o rei.

— É provavelmente o superior do convento — disse Chicot. — Mas deixa-me ouvir, estou com dó do pobre homem.

— E a quem devo eu a minha desgraça, meus amigos? A Herodes. Sabem muito bem quem é o Herodes a que me refiro.

— E tu também, meu filho — disse Chicot -, já te expliquei o anagrama.

— Brejeiro!

— Com quem falas tu? Comigo, com o frade ou com o burro?

— Com todos três.

— Meus irmãos — prosseguiu o frade -, aqui está o meu burro, por quem sinto a mais terna amizade; interroguem-no, e ele lhes dirá que viemos de Villeneuve-le-Roi aqui em três dias, para assistirmos à grande solenidade desta noite. E como viemos nós? Com a bolsa chata e as goelas secas. Porém, nem eu nem Panurgo, recuámos diante de sacrifício algum.

— Mas a quem demónio chama ele Panurgo? — perguntou Henrique, a quem dava que cismar aquele nome tão exótico.

— Viemos, pois — continuou o frade -, e chegámos para ver o que se passava; contudo vemos, mas não entendemos. Que há, pois, meus irmãos? É hoje que obrigam o Herodes a abdicar? É hoje que metem Frei Henrique num convento?



— Oh, oh! — disse Quélus. — Estou com minhas tentações de brocar aquele enorme tonel; que te parece, Maugiron?

— Deixa-te disso! — replicou Chicot. — Enfadas-te com tão pouca coisa, Quélus?

Porventura não anda el-rei todos os dias metido pelos conventos? Olha, meu Henrique, se se limitarem a mandar-te para uma clausura, não poderás escandalizar-te por certo; não é assim, Panurgo?

O burro, assim interpelado pelo nome, arrebitou as orelhas, e começou a zurrar duma maneira despropositada.

— Oh! Panurgo; oh! — disse o frade — sempre és muito malcriado! Senhores -

prosseguiu ele dirigindo-se aos circunstantes -, saí de Paris com dois companheiros de jornada: Panurgo, que é o meu burro, e o Sr. Chicot, que é bobo de Sua Majestade. Algum dos senhores saberá dizer-me o que é feito do meu amigo Chicot?

Chicot fez uma careta.

— Ah — disse o rei -, ele é teu amigo?

Quélus e Maugiron deram uma gargalhada.

— É lindo o tal teu amigo — prosseguiu o rei -, e parece-me um homem muito respeitável; como se chama ele?

— É Gorenflot, Henrique; aquele honrado Gorenflot de quem o Sr. de Morvilliers já te falou; lembras-te?

— O incendiário de Santa Genoveva?

— Ele mesmo.

— Se assim é, vou mandá-lo enforcar.

— É impossível!

— Porquê?

— Porque não tem pescoço.

— Meus irmãos — continuou Gorenflot -, meus irmãos: vêm em

mim um verdadeiro mártir. Meus irmãos, a causa que neste momento defendem é a minha, ou, para melhor dizer, é a de todos os bons católicos. Não sabem o que vai pelas províncias, e o que estão tramando os huguenotes. Vimo-nos obrigados a matar um em Lião, que andava pregando a revolta. Enquanto houver uma única ninhada deles em toda a França, não há-de a gente de bem ter um instante de sossego.

Exterminemos pois os huguenotes. Às armas, meus irmãos, às armas!

Umhas poucas de vozes repetiram:

— As armas!

— Por Deus! — exclamou o rei — vê se me mandas calar esse beberão, quando não, vai arranjar-nos um segundo S. Bartolomeu.

— Espera — disse Chicot.

E tirando uma sarabatana das mãos de Quélus, foi por detrás do frade e desandou-Lhe com toda a força uma pancada com o instrumento oco e sonoro sobre a omoplata.

— Ai, que me matam! — gritou o frade.

— Ora esta! Pois eras tu? — disse Chicot metendo a cabeça por baixo do braço do frade.

— Como tens passado, meu masmarro?

— Acuda-me! Sr. Chicot, acuda-me! — gritou Gorenflot. — Os inimigos da fé querem assassinar-me, mas não hei-de morrer sem que se ouçam os meus brados; ao fogo com os huguenotes! À fogueira com o Bearnês!

— Cala-te já, animal!

— Leve o diabo todos os gascões! — prosseguiu o frade furioso. Naquele mesmo instante uma segunda pancada, não de sarabatana, mas de pau, caiu sobre o outro ombro de Gorenflot, que soltou então deveras um grande grito de dor.

Chicot procurou admirado em redor de si; mas apenas viu o pau.

A pancada tinha sido dada por um homem que acabava de se confundir com a multidão, depois de ter obsequiado Frei Gorenflot com aquela correcção volante.

— Oh, oh! — disse Chicot. — Quem diabo se encarregou de nos vingar tão bem?

Será algum patrício? É preciso que me certifique se é.

E deitou a correr atrás do homem do pau, o qual se ia esgueirando pelo cais fora, acompanhado de outro indivíduo.

# XL

## A RUA DA FERRARIA

O nosso gascão tinha boas pernas, e ter-lhe— iam servido perfeitamente para alcançar o homem que acabava de espancar Frei Gorenflot de tal modo que este havia soltado um grito de dor, se uma certa singularidade que se notava no porte daquele homem, e especialmente no do seu companheiro, não lhe houvesse dado a entender que seria perigoso provocar tão precipitadamente um reconhecimento que ele parecia querer evitar a todo o transe.

E, com efeito, os dois fugitivos, caminhando com rapidez, procuravam visivelmente con fundir-se com a multidão, voltando-se unicamente às esquinas das ruas para verificarem se alguém os seguia ou não.

Chicot, cuja imaginação era bastante fértil, como já temos tido ocasião de ver, lembrou-se que o meio de não desconfiarem que ele os ia seguindo, era passar para diante. Caminhavam os dois na direcção da Rua de Santo Honorato pelas Ruas da Moeda e de Tirechape; ao virar desta última, Chicot passou para diante deles, e, correndo sempre, foi emboscar-se no fim da Rua Bourdonnais.

Os dois homens, sem pronunciarem palavra, iam subindo a Rua de Santo Honorato, encostados às casas do lado do terreiro do trigo, e, com os chapéus carregados para os olhos e os capotes de tal maneira puxados até às caras, que era inteiramente impossível distinguir-Lhes as feições, os dois homens, dizíamos, dirigiram-se com passo acelerado, e que tinha algum tanto de marcial, para a Rua da Ferraria. Chicot continuou a andar adiante deles.

À esquina da Rua da Ferraria, os dois homens tornaram a parar para olharem uma última vez para trás, a Fim de se certificarem

novamente de que ninguém os seguia.

Durante este tempo, Chicot tinha continuado a ganhar terreno, e achava-se a meio da rua, sem que os dois indivíduos que ele tinha interesse em saber quem eram, suspeitassem que estavam sendo espionados.

Naquela altura, e em frente duma casa velha e arruinada, estava parada uma carruagem puxada por dois alentados cavalos.

Chicot deitou os olhos para o trem, e viu que o cocheiro tinha adormecido sobre a almo fada, enquanto que uma mulher, que parecia assustada, espreitava pelas cortinas; ocorreu-Lhe logo que a carruagem estava provavelmente à espera dos dois homens; deu uma volta por detrás dela, e, protegido pela sombra que o carro projectava combinada com a da casa, escondeu-se por baixo dum grande banco de pedra, que servia duas vezes por semana para a exposição da hortaliça que naquela época se vendia no mercado da Rua da Ferraria.

Ainda bem ele não se tinha escondido, viu aparecer os dois homens ao pé dos cavalos, onde novamente pararam com alguma inquietação; um deles foi acordar o cocheiro; mas vendo-o muito ferrado no sono, deixou escapar um cap dé diou com o mais puro acento gascão, enquanto o outro, que não tinha tanta paciência, Lhe tocou nas costas com a ponta do punhal.

Oh, oh! disse Chicot, vejo que não me enganei, eram patrícios; já não me admiro que desancassem tão bem Gorenflot por estar falando mal dos gascões. “

A senhora, tendo conhecido que os dois homens eram os que ela esperava, debruçou-se rapidamente para fora da portinhola da pesada carruagem; Chicot pôde então vê-la mais dis tintamente; teria vinte a vinte e três anos; era muito formosa e bastante pálida, e se fosse dia claro, teria sido fácil conhecer pelo pisado dos olhos e pela atitude lânguida de todo o corpo, que estava acometida duma doença, da qual os seus frequentes desmaios e a rotundidade da cintura em breve teriam divulgado o segredo.

Porém Chicot só notou três coisas; e foram: ser ela jovem, pálida, e

loura.

Os dois homens chegaram-se à carruagem, e ficaram colocados entre ela e o banco debaixo do qual Chicot estava agachado.

O mais alto dos dois pegou com ambas as mãos na mão delicada e branquíssima que a dama Lhe estendia pelo postigo, e pondo o pé no estribo, ao mesmo tempo que descansava os dois braços sobre a borda da portinhola:

— Então, minha queridinha — perguntou ele à dama -, meu coraçãozinho, meu amor, como vai isso?

A dama respondeu abanando a cabeça com um triste sorriso, e mostrando-Lhe um frasco de cheiro.

— Ainda continuam os desmaios! Quanto me desesperaria de a ver assim doente, meu querido amor, se não fora eu a causa do seu para mim tão doce incómodo!

— E também para que diabo trouxe esta senhora a Paris? — disse o outro homem com bastante desabrimento; — realmente, parece uma praga, trazer sempre uma saia cosida ao gibão!

— Meu querido Agripa — disse o que tinha falado primeiro, e que parecia ser marido ou amante da dama -, se tu soubesses quanto custa separar-se a gente da pessoa que ama!.

E trocou com a senhora um olhar repleto de amorosa languidez.

— Por minha alma, que me faz danar quando o ouço falar assim — replicou o rabugento companheiro -; veio porventura a Paris para andar namorando, feito baboso?. Parece-me que o Béarn tem espaço suficiente para os seus passeios sentimentais, e que não era necessário vir galantear para esta Babilónia, onde escapou por mais de vinte vezes de ser desancado esta noite. Regresse para a sua terra, se quer andar dizendo finezas às portinholas das liteiras; mas enquanto aqui estiver, por Deus, não trate de outras intrigas, que não sejam intrigas políticas, meu amo.

Chicot, quando ouviu esta palavra amo teve grandes desejos de levantar a cabeça; mas não podia arriscar-se a fazer semelhante

movimento sem ser visto.

— Deixe-o falar, minha queridinha, e não faça caso do que ele diz. Parece-me que se Lhe proibissem de ralar era capaz de adoecer e ter também como a senhora náuseas e desmaios.

— Mas pelo menos — exclamou o resmungador — suba para a carruagem, se quer dizer ternuras à senhora, e não se exporá tanto a ser conhecido como conservando-se assim na rua.

— Tens razão, Agripa — disse o apaixonado gascão. — E como vê, minha queridinha, ele não é tão mau conselheiro como parece. Ora vamos lá, meu amor, dê-me lugar, se acaso me concede licença para me sentar ao seu lado já que não posso conservar-me aos seus pés.

— Não somente concedo a licença, Real Senhor — respondeu a jovem dama -, mas até desejo imenso vê-lo sentado ao meu lado.

Real Senhor. murmurou Chicot que cedendo a um movimento irreflectido quis levantar a cabeça e deu uma forte pancada no banco de pedra, Real Senhor!. que está ela dizendo?

Mas, durante este tempo, o amante favorecido tratava de aproveitar a licença que havia obtido, e as correias da carruagem rangeram com o aumento do peso.

E logo o som dum beijo muito terno e prolongado sucedeu ao ranger.

— Por Deus! — exclamou o companheiro que tinha ficado fora da liteira. — O homem sempre é um animal muito estúpido!.

Quero que me enforcem se percebo o que isto é — murmurou Chicot; mas esperemos: quem porFia mata caça.

— Oh, quanto sou feliz! — prosseguiu o indivíduo a quem a senhora chamava Real Senhor, sem fazer o menor caso das impaciências do amigo, às quais parecia estar muito acostumado; — hoje é para mim um dia feliz, os bons Parisienses, que me odeiam de todo o coração, e que seriam capazes de me matar desapiedadamente se soubessem onde me poderiam achar, estão trabalhando com todo o afinco para me aplanarem o caminho do trono; e tenho nos braços a

mulher que adoro! Onde estamos nós, d'Aubigné? Quero, quando for rei, mandar levantar, neste mesmo lugar, uma estátua ao génio do Bearnês.

Do Bearn...

Chicot deteve-se; acabava de fazer um segundo galo junto ao primeiro.

— Estamos na Rua da Ferraria, Real Senhor, e os ares por aqui não estão bons — disse d'Aubigné, o qual, sempre de mau humor, se voltava contra as coisas quando estava cansado de se voltar contra os homens.

— Parece-me neste momento — prosseguiu Henrique (porque os leitores já decerto reconheceram o rei de Navarra) — estar vendo claramente toda a minha existência; que sou rei que estou sobre o trono, forte e poderoso, mas talvez menos amado do que estou sendo neste instante, e que os meus olhos me descortinam o futuro até à hora da morte.

Oh, minha queridinha, repita-me que me consagra todo o seu amor, porque, ao ouvir a sua voz, o meu coração se enternece.

E o Bearnês, entregue a um sentimento de melancolia que por vezes se apoderava dele deixou cair a cabeça sobre o ombro da amante dando ao mesmo tempo um profundo suspiro.

— Oh, meu Deus! — disse a dama muito assustada. — Deu-lhe algum desmaio, Senhor?

— Bom, era o que faltava... — disse d'Aubigné; — bonito soldado, bonito general, bonito rei, que assim desmaia.

— Não, minha queridinha, tranquilize-se -, disse Henrique -, ao seu lado só desmaiaria de prazer.

— Na verdade, Senhor — disse d'Aubigné -, não sei como não vive em melhor harmonia com a Senhora Rainha Margarida, sendo ambos tão ternos e dados ao sentimentalismo.

— Ah, d'Aubigné, por favor! Não me fales na minha mulher. Bem



sabes já o ditado; se ela agora nos aparecesse?...

— Apesar de ter ficado em Navarra, não é assim? — disse d'Aubigné.

— E eu, não estou também em Navarra? Ou, pelo menos, não imaginam todos que lá estou? Olha, Agripa, as tuas palavras causaram-me um calafrio; sobe para a carruagem e vamo-nos embora.

— Não vou — respondeu d'Aubigné -; mande andar, que eu irei seguindo a pé; com a minha presença incomodaria a ambos; e, o que ainda é pior, a vossa companhia incomodar-me-ia a mim.

— Fecha pois a portinhola, urso do Béarn, e faz o que quiseres — disse Henrique.

E dirigindo-se ao cocheiro:

— Lavarenne — disse ele -, vamos para onde sabes.

A carruagem afastou-se vagarosamente, seguida por d'Aubigné, o qual, apesar de ter ralhado com o rei, tinha querido velar pela sua segurança.

Aquela partida livrou Chicot dum susto terrível, porque, depois duma tal conversação com Henrique, d'Aubigné não era homem que deixasse viver o imprudente que a tivesse ouvido.

Deliberemos, disse Chicot saindo de gatinhas debaixo do banco; será conveniente ir contar ao Valois o que acaba de se passar? E Chicot, dizendo isto, endireitou-se para restituir a elasticidade às adormecidas pernas. E para que serve ir-lho contar? prosseguiu o gascão falando consigo, são dois homens que se escondem, e uma mulher grávida. Será na verdade uma cobardia.

Não, não Lhe direi coisa alguma; e demais, não basta, porventura, que o saiba eu, visto que, afinal de contas, sou eu que governo?

E Chicot deu um salto de alegria.

— Como é bonito ver dois namorados! — continuou Chicot; — porém d'Aubigné tem razão; tanto amor junto não convém a um rei inpartibus, como Henrique de Navarra. Há um ano voltava ele a Paris

por causa da Sr. a de Sauve. Hoje vem acompanhado daquela encantadora criaturinha que tem desmaios. Quem demónio será ela? É a Fosseuse, provavelmente. E agora que me ocorre uma ideia: se Henrique de Navarra se lembrou seriamente de aspirar ao trono de França, é muito provável que o pobre rapaz procure dar cabo de qualquer modo dos seus três inimigos, o Acutilado, o cardeal, e o meu querido duque de Maiena. Quanto mais não fosse, bastava-me isso para ser amigo do Bearnês; e estou certo que mais dia menos dia prega ele alguma peça àquele horrível carniceiro loreno.

Decididamente, não digo palavra do que vi e ouvi.

Naquele momento passava um grupo de sócios da Liga, embriagados, a gritar: Viva a missa! morra o Bearnês! Ao fogo os huguenotes! À fogueira os hereges!

A liteira, entretanto, ia virando a esquina do muro do Cemitério dos Santos Inocentes, e sumia-se pela Rua de S. Dinis.

Vamos lá, disse Chicot, recapitulemos: já vi o cardeal de Guisa, o duque de Maiena, o rei Henrique de Valois, e o rei Henrique de Navarra; falta-me um único príncipe para a minha colecção: é o duque de Anju; procuremo-lo, pois, até dar com ele. Ora, onde estará o meu Francisco III? Com a breca! Estou ansioso por ver tão respeitável monarca.

E Chicot pôs-se a caminhar para a Igreja de S. Germano L'Auxerrois.

Não era Chicot o único que procurava o duque de Anju e que se admirava da sua ausência; os Guisas também andavam em busca dele por toda a parte, mas sem obterem melhor resultado do que Chicot. O Sr. de Anju não era homem que se arriscasse imprudentemente, e mais tarde veremos quais eram os motivos da cautela que ainda o conservava longe dos seus amigos.

Houve, contudo, um instante em que Chicot se persuadiu havê-lo descoberto, na Rua de Béthisy: tinha-se formado um ajuntamento numeroso à porta dum armazém de vinhos, e no centro do ajuntamento avistou Chicot o Sr. de Monsoreau e o Acutilado.

Bom, disse ele, aqui estão as rémoras: o tubarão não pode estar longe! Mas enganava-se. O Sr. de Monsoreau e o Acutilado estavam à porta da taberna, que se achava recheada de bêbados, ocupados em vazar copo sobre copo a um orador de quem assim excitavam a titubeante eloquência.

O orador era Gorenflot, que estava a cair de bêbado. Gorenflot contava aos circunstantes a sua jornada a Lião, e o seu duelo numa estalagem com um temível fautor de Calvino.

O Sr. de Guisa prestava a maior atenção à narrativa, na qual julgava ver certas coincidências com o silêncio já tão prolongado de Nicolau David.

A Rua de Béthisy estava repleta de gente; vários cavaleiros da Liga tinham ido prender os cavalos numa espécie de largo circular bastante usual nas ruas daquela época. Chicot parou na extremidade do grupo que vedava a entrada no largo, e aplicou o ouvido.

Gorenflot, gesticulando, vociferando, dando contínuas cambalhotas do seu púlpito vivo para o chão, e logo tornado a sentar sobre o Panurgo pelos espectadores.

Gorenflot, dizemos, já não falava senão aos soluços, mas infelizmente ainda falava, e estava sendo vítima de insistência do duque de Guisa e da destreza do Sr. de Monsoreau, que dele sacavam algumas palavras lúcidas e fragmentos de confissões.

Uma tal investigação assustou ainda mais o gascão do que a presença do rei de Navarra em Paris.

Já antevia o momento em que Gorenflot ia proferir o nome dele, Chicot, e era quanto bastava para dar uma luz funesta a todo aquele mistério.

Chicot não perdeu tempo; cortou ou desatou as rédeas dos cavalos que estavam presos às argolas das portas e às grades das janelas do largo, e atirando a dois ou três deles umas poucas de verdascadas, soltou-os para o meio da multidão, a qual, espantada pelo galope e rinchos, abriu para os lados e dispersou em todas as direcções.

Gorenflot assustou-se por causa de Panurgo, os cavaleiros assustaram-se com receio de ficarem sem os cavalos e sem os alforjes; muitos deles tiveram receio por si próprios; e o resultado foi debandar o ajuntamento.

O grito de fogo! ressoou ao mesmo tempo, repetido por uma dúzia de vozes. Chicot passou como uma seta pelo meio dos grupos, e chegando-se a Gorenflot com os olhos tão enfurecidos que a embriaguez logo Lhe começou a passar, agarrou na arreata de Panurgo, e, em vez de seguir a multidão, voltou-Lhe costas, de sorte que aqueles dois movimentos executados em sentido contrário, em breve deixaram um amplo espaço entre Gorenflot e o duque de Guisa; espaço que no mesmo instante se encheu com a chusma dos curiosos que acudiam a saber o que tinha sucedido, Chicot então foi levando o frade que ia a cambalear com o jumento, para o fundo dum beco que ficava junto à Igreja de S. Germano L'Auxerrois, e, encostando-os à parede, Gorenflot e Panurgo, como faria um estatuário para embutir um baixo-relevo na cantaria:

— Ah, bêbado! — disse. — Ah, pagão! Ah, traidor! Ah, renegado! Sempre há-de preferir um pichel de vinho ao teu amigo?

— Ah, Sr. Chicot! — balbuciou o frade.

— Pois eu dei-te de comer, infame! — prosseguiu Chicot. — Matei-te a sede, enchi-te as algibeiras e o estômago, e atraíças o teu senhor?

— Ah, Sr. Chicot! — disse o monge enternecido.

— Divulgas os meus segredos, miserável?

— Querido amigo!

— Cala-te! És um vil sicoanta, e mereces exemplar castigo!

O frade, refeito, vigoroso, enorme, forte como um touro mas completamente domado pelo arrependimento e ainda mais pelo vinho, oscilava, sem se defender, entre as mãos de Chicot, que então o sacudia como um balão cheio de ar.

Apenas Panurgo protestava contra a violência de que era vítima o seu amigo, com coices que não alcançavam pessoa alguma, e que

Chicot lhe retribuía com pauladas.

— Castigue-me também a mim — murmurou o monge -, castigue o seu amigo, querido Sr. Chicot!

— Sim, sim, queres que te castigue? — disse Chicot — pois vais apanhar. E o pau do gascão passou num instante da anca do burro para os ombros largos e carnudos do monge.

— Oh, se eu estivesse em jejum!. — exclamou Gorenflot com um movimento de cólera.

— Batias-me em mim, não é assim, ingrato? Em mim. teu amigo!

— Meu amigo, Sr. Chicot? E espanca-me deste modo?.

— Quem muito ama, muito castiga.

— Tire-me pois a vida duma vez! — exclamou Gorenflot.

— Era o que te devia fazer.

— Oh, se eu estivesse em jejum!... — repetiu o frade com um profundo gemido.

— Já disseste isso uma vez.

E Chicot continuou a dar provas de amizade ao pobre frade, o qual desatou a berrar com toda a força.

— Está bom; ainda há pouco davas urros como um touro, agora muges como um vitelo.

Ora bem: agarra-te ao Panurgo com unhas e dentes, e vai-te deitar, como um homem de bem, na estalagem da Cornucópia.

— Já não vejo o caminho — disse o frade correndo-lhe as lágrimas dos olhos.

— Ah — disse Chicot -, não era mau que, em lugar de lágrimas, deitasses pelos olhos o vinho que bebeste; talvez assim te passasse a bebedeira. Já vejo que não tenho remédio senão servir-te de guia, ainda por cima.

E Chicot foi puxando o burro pela arreata, ao passo que o frade, agarrando-se com ambas as mãos ao albardão, fazia toda a diligência

para conservar o seu centro de gravidade.

Atravessaram assim a Fonte dos Moleiros, a Rua de S. Bartolomeu, a Ponte Pequena, e subiram pela Rua de São Tiago; o frade sempre a chorar, e o gascão sempre a puxar pelo burro.

Dois moços, ajudantes de cozinha de mestre Bonhomet, obedecendo às ordens de Chicot, tiraram o frade de cima do burro e levaram-no para aquele gabinete que os nossos leitores já conhecem.

— Está pronto — disse mestre Bonhomet ao voltar para fora.

— Já está deitado? — perguntou Chicot.

— E já ressona.

— Muito bem! Mas como ele há-de acordar mais bocado menos bocado, lembre-se de que eu não quero que ele saiba como foi que veio aqui parar; não lhe dará explicação alguma; até não seria mau que ele se persuadisse de que não saiu desta casa desde aquela famosa noite em que foi fazer tamanha estralada no convento, e que tomou por um sonho tudo quanto Lhe sucedeu naquele intervalo.

— É quanto basta, Sr. Chicot — respondeu o estalajadeiro -, mas diga-me: que sucedeu ao pobre do frade?

— Uma grande desgraça; parece que teve uma desavença em Lião com um enviado do Sr. de Maiena, e que o matou.

— Oh, meu Deus. — exclamou o estalajadeiro -, de forma que.

— De forma que o Sr. de Maiena jurou, segundo dizem, que havia infalivelmente de o mandar queimar vivo — respondeu Chicot.

— Fique descansado — disse Bonhomet -, não o deixo sair daqui sob pretexto algum.

— Perfeitamente! E agora, prosseguiu o gascão, descansado a respeito de Gorenflot, é indispensável que eu descubra onde está o meu duque de Anju: procuremos. “

E tomou a direcção do palácio de Sua Majestade Francisco III.